Digitized by Google

24363 c. 55

Digitized by Google

Joaquim José de Azevedo Moreira.

MEMORIAS DA VIDA

DE

JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

24363

Digitized by Google

Digitized by Google

Joaquim José de Azevedo Moreira.

MEMORIAS DA VIDA

DE

JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

24363

Digitized by Google



Digitized by Google

MEMORIAS DA VIDA

DE

JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

ANNO 1854.

Relinquam aliquid quod me testetur vixisse.
PLINIO, Epist. II.

« Aqui de que vivi deixo a lembrança. »

Nos patriæ fines, et dultia linquimus arva. . .
Nos patriam fugimus. . .

« A vida foge-nos ! . . . á Patria damos
« Nosso ultimo adeos ! . . . »
PARODIA DE VIRGILIO.



LISBOA.
TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO,
RUA DO MOINHO DE VENTO N.° 59.

1855.

Digitized by Google



Digitized by Google

Joaquim J. A. Moreira

ESTAS MEMORIAS DA MINHA VIDA

OFFERECE E DEDICA

Á MEMORIA

DO SEU SEMPRE CONSTANTE E GENEROSO AMIGO

O Sr. CUSTODIO PEREIRA DE CARVALHO,

FALLECIDO EM 20 DE SETEMBRO DE 1854 EM LONDRES

PELO QUE LHE DEVEO NA VIDA, E NA MORTE

JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

Digitized by Google

Digitized by Google

UMA SATISFAÇÃO AO PUBLICO.

Hoje 22 de Junho de 1854, em que faço 80 annos, onze mezes, e dois dias, principio a escrever estas Memorias da minha vida; e não é por vaidade nem por dar celebridade ao meu nome: é, com especialidade para entreter os ultimos dias da minha existencia. Assim como o viajante, depois de muito viajar, folga, quando se acha em descanço, passar pela memoria os perigos que correo, a variedade de gentes que vio, e tratou, e entre ellas as boas ou más fortunas que teve, tambem eu, depois de mais de 80 annos de peregrinação na terra, acho uma certa consolação em me recordar do que passei, dos destinos que tive, e das transições que teve a minha vida, que, parecendo na sua primeira entrada circunscrever-se em um pequeno e bem limitado circulo, sahio delle, quando menos o esperava, e se espalhou pelo mundo... Caso tambem que estas Memorias se cheguem a imprimir, e dellas o publico faça estimação, como fez do auctor, muito desejo que o lucro que ellas produzam, sirva, como deixo recommendado, para dar tal ou qual gratificação á familia que me tratou com disvelo na minha velhice, já que não tive posses para lha dar na vida.

Não me envergonho de dizer que morro pobre, bem que honrado; com tudo, nem por isso me esqueço de que ninguem ha que mais grato deva ser para os que o trataram bem nos ultimos annos da vida, do que um velho; porque a velhice, esta doença incuravel da natureza, é sempre incommoda para quem a trata, assim como é espectaculo pouco agradavel, e de ordinario até perde as sympathias do mundo...

Ainda que a minha situação na vida não fosse elevada nem brilhante, não foi obscura: servi o meu paiz com

Digitized by Google

todo o cabedal da minha intelligencia; concorri muito para lhe dar a liberdade; padeci por ella desterros, prisões, emigrações, e trabalhos; e no meio delles conheci, e tratei muitos homens, tanto das mais elevadas classes, como da mais baixa condição.

De todos fallarei sem paixão, e direi o conceito que delles fiz, sem intentos de os exaltar ou abater; e isto no que diz respeito á sua vida publica, porque a particular será para mim sempre sagrada.

Ao anno 1800 do seculo passado é que verdadeiramente pertence o começo da minha vida publica; e como em toda ella tratasse com os homens que mais tem figurado no meu paiz, e até com alguns vivesse familiarmente, como poderei tambem deixar de dizer o que foram, ou pelo menos, o que me pareceram? Outros os terão julgado, ou ainda julgarão mais ou menos favoravelmente do que eu pertendo fazer; porém cada um tem a sua vista, a sua intelligencia; e por tanto a cada um deve ser permittido dizer o que pensa sobre os objectos que vio e examinou, sem que por isso se lhe leve a mal o seu juizo. É isto tambem o que eu desejo, e que espero dos que me sobreviverem, e lerem estas minhas Memorias; porque me lembra ter lido em alguma parte dos Ensaios de Montagne, que dois homens lêem o mesmo livro, e nenhum delles lê a mesma cousa: tal é a nossa natureza e como todos somos feitos! E declaro desde já, que não tive intenção de injuriar, ou offender pessoa alguma; contei os factos como existiram, e os vi...

Assim acabo esta minha pequena Introducção, desejando, que a geração futura nunca deixe perder a liberdade de que gosa, e liberdade, que tanto a *mim* como a outros muitos custou; e procure ter mais firmeza de caracter, mais independencia, e mais abundancia de razão e constancia do que, infelizmente presenciei em muitos dos que ainda vivem, ou já lá vão...

José Liberato Freire de Carvalho.

Digitized by Google

Joaquim J. A. Moreira

MEMORIAS DA MINHA VIDA.

A MINHA INFANCIA E JUVENTUDE: ANNOS 1772 ATÉ 1787.

CONTEMPORANEO de dois seculos, nasci em 20 de Julho do anno de 1772 na Quinta de Montesão, suburbios de Coimbra, * em casa de minha mãe, D. Maria Joaquina Sequeira de Carvalho. Alli, e na Quinta da Tapada, a uma legoa acima de Coimbra, casa dos antepassados de meu pae, o Doutor Ayres Antonio Antunes Freire, fui educado com meus irmãos nos primeiros rudimentos das lettras, e lingua latina por um mestre particular hespanhol, que se chamava Padre Sebastião Martial, e que se conservou em nossa casa por mais de 12 annos até depois da morte de meu pae, e ainda em vida de meu irmão mais velho Luiz, e que só della sahio, por sua propria vontade, para mestre de outras familias, porque entre nós já era tratado como pessoa da casa.

Aos 12 annos de idade já eu sabía todo o latim, que o Padre podia ensinar, e então houve um caso, que pareceo firmar os destinos da minha vida. Meu segundo irmão Antonio, mais velho do que eu tres annos, achando-se tambem já prompto no latim, e com principios de rhetorica, casualmente veio a ser conhecido de um Conego Regrante de Santo Agostinho, que se dava por nosso contra-parente, e por elle foi convidado, ou antes insinuado a entrar tambem na Ordem dos mesmos Conegos Regrantes. Tinha por casualidade vindo a Coimbra aquelle Padre, porque tinha a sua moradia no Convento de Mafra; e foi elle quem igualmente resolveo meu irmão a ir para lá, e alli tomar o habito.

* Freguezia de S. Martinho do Bispo.

Digitized by Google

Nesse tempo eramos nós já cinco irmãos, e duas irmans, Luiz, Antonio, José, Bento, e Francisco; e minhas irmans eram D. Catharina, e D. Maria, dos quaes todos fallarei no decurso destas Memorias.

Meu irmão cedeo ás insinuações que se lhe fizeram, e foi com effeito fazer-se Conego Regrante em Mafra. Alli professou, e teve os seus primeiros estudos de rhetorica e filosofia com grande aproveitamento, e boa opinião de seus mestres, que o eram tambem de um collegio de nobres, que El-Rei D. José, ou antes o primeiro Marquez de Pombal, alli havia estabelecido, quando de lá tinha removido os Frades Arrabidos, e os tinha substituido pelos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. Eu, mais moço do que elle tres annos, como já disse, influido pela resolução de meu irmão, que se mostrava mui contente com o seu estado, e como rapaz, que o que mais deseja é ver-se livre da sujeição paterna, especialmente quando vive em uma aldêa como nós viviamos na Quinta chamada da Tapada, perto de Coimbra, a verdadeira casa de meu pae, comecei tambem a ter logo desejos de lhe seguir o exemplo. Nem isto era para admirar, porque com um mestre sempre á vista, com bem poucas ou nenhumas communicações externas, e levado da magnifica pintura, que me fazia meu pae da fortuna e regalos que acharia no estado de Cruzio, na companhia de meu irmão Antonio, pois que aquella Congregação era a mais nobre e rica de Portugal, sem difficuldade abracei aquelle modo de vida. Devo porém declarar que nunca meu pae me fez violencia alguma para tomar este estado, bem que elle desejasse que seus filhos tomassem todos o estado ecclesiastico, quer fosse secular ou regular; fazia-nos, sim, pinturas muito lisongeiras da vida ecclesiastica, porém nunca nos constrangeo a toma-la; e é bem, que em honra da sua memoria aqui consigne esta verdade, bem que pelo tempo adiante achasse mui pesada, e quasi insuportavel a vida que tomára: foi isto uma consequencia do caracter com que nasci, e da minha intelligencia. A pro-

Digitized by Google

porção que se foi desenvolvendo com o estudo, e com a leitura, de que comecei a ser logo muito apaixonado, e della tenho feito o maior prazer da minha vida.

Tomei o habito de Cruzio em 1787: o que passei até ao anno de 1794.

Em 20 de Julho do anno de 1787 fui fazer o meu exame de latim ao Convento de Santa Cruz de Coimbra, o que era indispensavel para ser admittido na Congregação, e nelle fiquei approvado. Em consequencia disto alli tomei o habito em 12 de Outubro do mesmo anno. Não fui para Mafra para estar na companhia de meu irmão Antonio, o que muito queria, porque quiz ceder aos rogos e lagrimas de minha boa mãe, de quem fui sempre mui especialmente amado, a qual, já muito saudosa pela ausencia de seu filho Antonio, queria ao menos que eu ficasse mais perto della, e onde me podesse ver. Professei passado o anno de noviço, e o fiz com boa vontade, porque até alli o meu novo estado me pareceo bem. Mas logo no anno seguinte passei por um grande desgosto; morreo minha boa e excellente mãe. Para ter occasião de assistir á minha profissão, e poder ver-me por algum tempo, tinha vindo para Coimbra, e vivia em casa de uma minha tia, irmã de meu pae, tambem uma excellente Senhora, e que sempre tratou os sobrinhos, filhos de seu irmão, com todos os carinhos de mãe, e com especialidade meus irmãos, e irmans, depois que perderam seu pae e sua mãe, que ambos morreram cedo, e ambos, por assim dizer, ainda na flor da idade. Minha mãe foi uma verdadeira Senhora, dotada de todas as prendas e qualidades de uma mulher respeitavel, e digna de toda a estimação; e com a sua morte muito perderam meus irmãos, e irmans mais novas que ficaram em casa. Pouco

tempo depois morreo minha avó paterna na idade de 89 annos, e se chamava D. Catharina.

No anno que se seguio ao meu noviciado fizeram-me aprender rhetorica no mesmo Convento de Santa Cruz, e passei pelo melhor estudante dos meus companheiros. Acabava então um dos cursos de estudo no Collegio novo, chamado da Sapiencia, que os Padres tinham tambem em Coimbra; e ainda que separado do Convento, e com rendas particulares, se communicava internamente com elle. Fomos todos, os que no anno antecedente tinhamos estudado rhetorica, passados para elle para alli entrarmos nos estudos de filosofia e de theologia. E como para o dito Collegio vinham aprender filosofia ou theologia todos os Conegos moços da Ordem, vieram tambem para elle, e para aprenderem theologia, muitos do Convento de Mafra, onde já tinham completado o seu curso filosofico. Entre elles veio meu irmão Antonio.

Meu irmão, que fôra dotado de grandes talentos, e já vinha com luzes superiores ás que eu tinha, porque além dos estudos filosoficos, que se ensinavam em Mafra, e esses muito bons para aquelle tempo, tinha muito desejo de saber, e já tinha lido muitos livros, de que eu não tinha noticia, começou a ser o meu verdadeiro mestre, e a dar-me luzes que me abriram um novo caminho, para mim atê alli desconhecido.

Entrei nos meus estudos filosoficos do tempo, que consistiam em principios de logica, geometria, fisica geral e particular, e na ethica, ou o que se chamava moral. Ainda que o professor, particularmente de geometria e de fisica, não fosse muito apto para taes ensinos, e era um brasileiro de curta esfera, e sem os conhecimentos verdadeiros da sciencia, que o mandavam ensinar, as suas lições sempre produziram bom fructo em mim, porque tinha desejos de saber; meu irmão m'os auxiliava, e a minha intelligencia gradualmente se desenvolvia. Nestes estudos passei tres annos, estudos, que eram acompanhados de lições de grego, e estas dadas por um professor menos

Digitized by Google

máo. Em todos esses tres annos sempre fui approvado com louvor, e em um delles fui nomeado para defender theses publicas, o que naquelle tempo era de invariavel costume.

Foi nestes tres annos, em que a minha razão, e intelligencia se começaram verdadeiramente a desenvolver, e a dar-me conhecimento do que era, e do que melhor era que fosse. Em uma palavra, comecei a achar pesado o meu estado, e a ver que a natureza não me havia formado para elle. Não culpei a Deos, culpei os homens, por haverem creado instituições, e deixarem entrar nellas creanças, a quem o mesmo Deos só permittio, que sua intelligencia se desenvolvesse mais tarde. E tanto mais os culpei, por serem inconsequentes; porque por suas leis não permittiam que o homem podesse usar livremente de seus bens, senão em uma idade já bem crescida, quando permittiam, que, apenas aos 15 annos, podesse dispôr de sua liberdade. Apesar disto fui levando com constancia e paciencia o meu estado, porque felizmente a natureza me dotou de um caracter firme, soffredor, e muitas vezes quasi impassivel aos muitos revezes da fortuna, porque tenho passado.

Acabados que foram os meus tres annos dos estudos filosoficos, passei aos tres que me restavam dos estudos theologicos. Meu irmão Antonio tinha acabado estes ultimos com grande applauso de seus mestres, e em consequencia disto foi escolhido para ser um dos professores daquelle Collegio. Era costume de no fim dos cursos theologicos escolher sempre algum dos estudantes mais notaveis para serem depois mestres dos novos alumnos, e no emtanto servirem de substitutos das diversas cadeiras. A approvação final se fazia porém no anno seguinte, no qual o escolhido, que ficava por emtanto no Collegio, devia defender certas theses, tanto filosoficas como theologicas, que lhes serviam de uma ultima prova para confirmar a primeira nomeação que delle se fizera. No anno seguinte entrei nos meus estudos theologicos, que constavam de

Digitized by Google

quatro aulas, theologia dogmatica, moral, exegetica, ou interpretação das Escripturas Sagradas, e Historia ecclesiastica, com um supplemento, que era uma aula de hebraico. Os professores, todos moços, eram homens habeis, e imbuidos em boas doutrinas, menos um, o da profissão mais importante, a exegetica. Era com effeito a cabeça mais ôca, e de menos capacidade, que tenho conhecido; apesar disso, teve boa fortuna no mundo, porque conseguio ser nomeado Bispo, encetou esta carreira em Moçambique, e veio acabar em Prelado de Villa-Viçosa. Comtudo o seu fim não foi dos mais agradaveis, porque não me lembro bem, se morreo preso, porque a sua curta capacidade o levou a querer oppor-se á revolução do anno vinte. Isto não obstante, comecei logo a observar; e as observações, que tive por mais vezes de fazer na minha vida foram, que para ser alguma cousa importante no mundo, muito serve o ser ignorante e tolo, e especialmente adulador servil, e baixo, e sempre adorador do poder dominante, quer seja, como vulgarmente se diz, mouro ou christão.

Durante este anno em quanto me occupava nos meus novos estudos, meu irmão Antonio se occupava em organisar, e estudar as suas theses, que devia defender no fim desse anno lectivo, para se verificar a nomeação anterior, e elle ser declarado habil para ser um dos futuros professores do Collegio. Feito porém este acto de habilitação, foi *reprovado* por bem poucos votos; e não por insufficiencia de estudos, porém mais por *superabundancia de sciencia*. A escola velha do Collegio tinha-lhe descoberto idéas e estudos, que não convinham ao systema *de meia sciencia*, que se queria perpetuar na Collegio, porque não póde haver *obediencia passiva* sem ignorancia total, ou pelo menos sem esta *meia sciencia*, que é peior do que a ignorancia absoluta. Causou escandalo geral não só entre os que haviam sido seus mestres, mas entre todos os que haviam sido seus condiscipulos, esta escandalosa reprovação; e para ella se verificar, foi necessario

Digitized by Google

convidar para seus juizes todos os professores velhos, e aposentados, que se achavam não só no Collegio, mas no Convento de Santa Cruz, o que não era costume.

Depois desta injustiça, que elle soffreo com todo o bom juizo que tinha, era preciso dar-lhe um destino: deo-se-lhe moradia no Convento de Grijó, perto do Porto. Requereo então ao Reitor do Collegio, bom homem, e honrado, que antes de partir para o seu novo destino o deixasse ir despedir-se de seu pae. Concedeo-lhe este benemerito Reitor, que se chamava D. Agostinho, e era da familia dos Serafanas de Alpedrinha, o que lhe havia pedido; e eu e elle fomos passar um mez das ferias na casa paterna, chamada a Quinta da Tapada, distante a uma legoa de Coimbra, e situada entre o Mondego e o Ceira. Creio que, se bem me lembro, aconteceo isto em Agosto do anno de 1793.

Ainda não eram passados muitos dias de alli estarmos, tivemos que passar por um grande desgosto; morreo meu pae, e por assim dizer, quasi de repente, porque estando em boa saude, forte e robusto, e na idade pouco mais ou menos de 50 annos, morreo depois de uma operação que se lhe fez sobre um tumor, que havia muitos annos tinha nas costas, e se lhe havia ultimamente muito augmentado. Quem lhe fez esta operação foi o cirurgião Aguiar, que expressamente, para lha fazer, se lhe tinha mandado de Coimbra pelo primeiro cirurgião daquelle hospital. Este Aguiar foi o pae de outro Aguiar, que muito representou no seu paiz, e teve entre outras honras a de ser um dos Ministros e Secretarios d'Estado da Rainha D. Maria II.

Meu pae teve ao menos a consolação de ver á roda de seu leito de dor todos os seus filhos, menos um que foi meu irmão Bento, que se achava em Lisboa em casa do Patriarcha Mendonça, que o havia chamado para si para o educar, e preparar para ser, talvez, uma das dignidades do Clero Portuguez, o que senão verificou por ter mudado de carreira e destinos, o que mais adiante darei a saber.

Digitized by Google

Todos meus irmãos, menos o mais velho, Luiz, que já frequentava a Universidade na faculdade de Direito, se achavam em menoridade. Meu irmão Francisco, que tinha por padrinho o Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, foi por elle mandado ir para o Seminario de Coimbra, para alli começar a sua primeira educação, e as minhas duas irmans foram para casa de sua tia, irmã de meu pae, de quem já fallei, a mais nova das quaes, Maria, foi depois educar-se no Collegio das Urselinas de Pereira, e minha irmã mais velha, Catharina, ficou em casa de sua tia.

As relações, que meus paes tiveram com os dois insignes Prelados, dos quaes acabo de fallar, e o primeiro foi padrinho de minha irmã Maria, e o segundo de meu irmão Francisco, deveram-se ao acaso. Junto da casa de minha mãe, e que se chamava a Quinta de Montesão, situada na Freguezia de S. Martinho do Bispo, perto de Coimbra, tinham os Reitores da Universidade uma quinta em que no Verão vinham passar algum tempo; mas esta quinta não chegava ás margens do rio Mondego, como a nossa; e como desejassem nas tardes passear até lá, pediam licença para por ella irem até ao rio. D'aqui nasceo a amisade, e até familiaridade que houve com a minha familia. Além disto, ainda houve outra circumstancia para fazer conhecimento com o Patriarcha Mendonça, da casa de Val de Reis. Este, quando Reitor e reformador da Universidade, havia tomado por confessor um meu terceiro tio, Frade capucho de grande distincção na sua Ordem; e como este era irmão de minha avó materna, e estava quasi sempre em casa, indicou ao seu confessado, Reitor Mendonça, o bom passeio que podia sempre dar pela nossa quinta. Este muito folgou com isso, servia-se della quasi todos os dias, e familiarisou-se tanto comnosco, que não só foi padrinho de minha irmã Maria, como já disse, porém nomeou meu pae para um emprego, que então se considerava de grande distincção, que foi o de um dos quatro Mordomos da Universidade. Este em-

Digitized by Google

prego teve meu pae até á morte; e apenas elle morreo, foi logo tão apressadamente sollicitado, e conseguido por Sebastião de Brito, da Quinta da Portela, que não deo tempo a meu irmão mais velho para o requerer.

Passados poucos dias depois da morte de meu pae, nos recolhemos ao Collegio: meu irmão seguio o seu destino para o Convento de Grijó, e eu fiquei continuando nos meus estudos theologicos. Devo porém aqui declarar com verdade, que muito me enfastiavam, e que comecei a ter muitas duvidas sobre as doutrinas que me ensinavam. Entre os quatro mestres, de quem ouvia as lições, havia um que era homem de merecimento, e de bom juizo, e a este fazia eu, de vez em quando, certas perguntas, e lhe expunha algumas objecções, quando lhe ouvia as lições; mas este, como prudente, dizia-me em particular, *não me faça perguntas como costuma fazer-me na aula; nem alli me exponha ás suas objecções, porque vejo que entre os seus companheiros não ha cabeças nem para as ouvir, nem para comprehender, e menos avaliar, as minhas respostas.* Isto me fez mais discreto; guardava para commigo as duvidas, que tinha, e o resultado que tirei a final, foi que muito mal os theologos costumavam defender a sua causa, ou fosse por systema, ou porque a muitas das suas doutrinas não tivessem verdadeiras e concludentes respostas que dar, e por isso as davam ou obscuras, ou evasivas.

Meu irmão Antonio foi muito bem recebido em Grijó, porque a todos era conhecida a grave injustiça, que lhe haviam feito. Entre as pessoas estranhas que frequentavam o Convento, havia um homem notavel, que sem educação litteraria, e apenas sabendo a sua lingua, tinha summo desejo de se instruir, e de saber o que se passava pelo mundo. Como tivesse por amigos alguns homens intelligentes, a estes pedia que lhe indicassem livros de que podesse tirar instrucção, mandava-os comprar, e, se eram em lingua estrangeira, pedia, que lhos lessem. Tinha por tanto boa copia delles, e bons, e além disso era assignante de uma gazeta franceza, então muito lida em Portugal,

Digitized by Google

que era o *Correio da Europa*. Este homem, de quem fallo, era escrivão na Villa da Feira, e chamava-se Manoel Gomes; e como encontrasse em meu irmão pessoa da qualidade daquellas com quem folgava de tratar, estreitou com elle amisade, franqueo-lhe os livros que tinha, e dava-lhe a ler o Correio da Europa, do qual meu irmão lhe traduzia as noticias mais importantes da época. É de saber, que então era o tempo da maior effervescencia da revolução franceza, e que tudo o que alli se passava era do maior interesse para o mundo, particularmente daquella parte que se interessava pela liberdade, e pela emancipação futura do genero humano. Meu irmão achou alli, como vulgarmente se diz, uma mina riquissima de que podia tirar conhecimentos não só para si, mas para os outros. E assim não só communicava ao seu novo amigo as noticias mais importantes que lia, porém dellas fazia igualmente uma especie de boletim, que me mandava quasi todos os correios para Coimbra. Além deste boletim semanal, ou quasi semanal, me mandou tambem meu irmão alguns livros, então raros, de que eu não tinha noticia; e com ambas estas leituras, a minha intelligencia muito mais se começou a desenvolver, e a minha razão entrou a fortificar-me, cada vez mais, no amor da liberdade, e no horror que já tinha a tudo que era tyrannia e poder absoluto; idéas, que gradualmente profundaram raizes em meu coração, e sempre conservei, ainda conservo, e conservarei em quanto tiver vida. Com esta diversão de leituras o meu espirito se tranquillisava, tornava-se-me menos pesado o meu estado claustral, e se modificava o dissabor que sentia com os estudos obscuros, inintelligiveis, e enfadonhos da theologia.

Quasi porém no fim delles houve grandes, e sérios disturbios no Collegio, nos quaes figuraram alguns dos meus condiscipulos. Este acontecimento, junto com o descontentamento que a escola velha do Collegio começava a ter das novas doutrinas que os professores novos come-

Digitized by Google

çavam a ensinar a seus discipulos, e estes recebiam, com avidez, doutrinas, que particularmente eram avessas ao velho dogma da infallibilidade do Papa, e do poder deste sobre o governo temporal das nações, fizeram com que essa velha escola, que ainda se conservava com suas idéas puras, e incorregiveis, procurasse um meio que cortasse o mal pela raiz. O meio que mais efficaz lhe pareceo, para obstar aos males que suas imaginações decrepitas lhes suggeriam, foi o darem por findo mais cedo aquelle curso de estudos, e fazer sahir quanto antes os alumnos que alli estavam com os professores de quem não faziam bom conceito por suas opiniões, e em logar delles povoar o Collegio tanto de novos discipulos como de novos mestres, e taes, que podessem ensinar doutrinas, que só conviessem a essa educação mesquinha e servil, que pretendiam dar aos nossos educandos.

Executou-se este projecto, e como fosse costume distribuir pelos Conventos da Congregação os estudantes que acabavam os seus estudos, tocava-me tambem a mim escolher um, ou pedir que me nomeassem o que eu mais desejava. E como os meus desejos eram o occupar-me o menos que fosse possivel com a diaria, monótona, e fastidiosa tarefa das cantorias e rezas do Côro, para as quaes nunca tive geito, e que no tempo do collegio as ultimas eram insignificantes e toleraveis, fiz logo tenção de pedir moradia para o Convento onde ellas fossem menores e menos impertinentes. Entre os Conventos, que então havia, era o de Refoyos do Lima o mais distante, e que tinha menos gente, e por consequencia aquelle em que haveria menos festas, e portanto menos incommodos para mim. Revelando eu esta minha intenção a um dos meus companheiros de quem era amigo mais particular, achei que tinha os mesmos sentimentos, e que desejava ser meu companheiro. Este meu antigo collega era moço honrado e de juizo; pertencia a uma familia nobre de Canas de Senhorim, chamava-se D. João, e teve depois grande emprego na Congregação, e chegou a ser

Digitized by Google

meu Prior em S. Vicente, onde se mostrou meu verdadeiro amigo, prestando-me serviços dos quaes ainda fallarei.

Anno de 1794 até 1800.

Como fossemos despachados como desejavamos, preparamo-nos para a viagem, e só ambos nos pozemos a caminho para o Convento de Refoyos do Lima, porque para alli ninguem mais pedio. Fizemos uma viagem muito agradavel. Vimos terras que nunca tinhamos visto; estivemos no Porto e em Braga, e ao mesmo tempo fomos ver o grande Convento de Tibães, pertencente aos Frades Benedictinos, no qual conheci pela primeira vez Fr. Francisco de S. Luiz, que morreo Vice-Presidente da Academia Real das Sciencias, e Patriarcha de Lisboa, e de quem sempre fui amigo até á morte, sendo seu collega na Academia. De Braga passámos á Ponte do Lima, e d'alli finalmente ao nosso Convento de Refoyos, que distava uma pequena legua desta Villa.

Fomos alli muito bem recebidos, e logo vimos, que tinhamos acertado em nossa resolução, porque apenas constava d'uma duzia de moradores, e muitos delles velhos, circumstancia, que nos fez crer, que não teriamos alli grande trabalho, o que com effeito assim aconteceo.

Quando alli cheguei tinha 23 annos, e sómente tinha ordens menores; e bem cuidava eu que não passaria d'alli, e que me deixariam assim ficar, ao menos, por muito tempo; mas não o pude conseguir, e a fallar a verdade não era facil nem possivel, porque me tornava um membro absolutamente inutil para trabalhar, como se diz, na vinha do Senhor. Foi, portanto, necessario ordenar-me de missa, e passar por esse gráo ecclesiastico para o qual eu já via que não tinha vocação.

Para me ordenar, era preciso ir a Braga, onde então era Arcebispo o homem mais respeitavel que tenho co-

Digitized by Google

nhecido em toda a minha vida. Este homem extraordinario era D. Fr. Caetano Brandão, um verdadeiro Apostolo, e que de Bispo do Pará havia passado para Braga. Como fosse muito affeiçoado aos Padres de Refoyos, tratou-me ás mil maravilhas logo desde a primeira vez que me vio, e sem me examinar, segundo o costume, deo-me as primeiras ordens, denominadas *Sacras*, e ficou meu amigo.

Faltavam-me ainda as duas ordens de diacono, e de missa, e foi elle tambem quem mas conferio, tornando-se, pelas tres vezes que me ordenou, cada vez mais meu affeiçoado, e mostrando-se comigo não só amigo, mas tratando-me com a maior franqueza e familiaridade. E como sou pois obrigado a fallar nelle, porque não podia deixar de fazer menção desta circumstancia da minha vida, digo, que tendo este respeitavel Prelado succedido a um Principe, D. Gaspar, um dos filhos bastardos de El-Rei D. João V, e que tinha em Braga uma verdadeira Côrte com todos os atavios e momices da realeza, longe de lhe seguir exemplo, foi um extraordinario modelo de singeleza e até de pobreza voluntaria. Carruagem, e cavallos, mobilia rica de casa, como baixela de prata e ouro, tudo vendeo, e distribuio pelos pobres; despedio Camaristas, moços da Camara, e toda a mais criadagem, que seu antecessor sustentava na Côrte, que tinha, e ficou vivendo como um pobre ecclesiastico. O seu palacio, até alli centro da etiqueta e do luxo, converteo-se na residencia do mais parco e honesto abbade do seu arcebispado; em uma palavra tornou-se em um verdadeiro discipulo daquelle de quem fazia as vezes; era um Apostolo.

A pobreza de Braga, de que muito abundava a Cidade, e que até alli tinha vivido, e comido dos empregos e honras da Côrte do anterior Arcebispo, unida com muitos conegos da Sé, á frente dos quaes figurava o Deão, D. Luiz, bastardo da casa de Barbacena, e que creio morreo Prior-mór de Christo, altamente gritavam contra o respeitavel Arcebispo, e não houve injurias que não dis-

Digitized by Google

sessem contra elle e até espalhassem em um papel manuscripto, intitulado *Gazeta de Braga*; porém as bençãos do povo sempre soaram mais alto; e se muitas foram as maldições que teve no principio do seu ministerio, muito maiores foram depois as bençãos e lagrimas que se ouviram e correram, quando morreo. Seus mesmos inimigos, entre elles, como principal o Deão, foram os primeiros que fizeram justiça á santidade da sua vida. E com razão, porque fundou seminarios, hospicios de caridade, não só para pobres, porém para velhos, animou as sciencias naquella terra, estabelecendo escolas não só de lettras, mas de musica; e não sei se chegou a mandar, como premeditava, e á sua custa, alguns dos alumnos para a Universidade de Coimbra. E ainda fazia mais; animava a industria e a agricultura, dando, por exemplo, premios, a quem plantava oliveiras, porque eram arvores que muito faltavam na provincia do Minho.

Quando mais conheci o coração, intelligencia, e espirito deste raro Prelado, foi em uma das visitas do Arcebispado em que esteve, por alguns dias, hospede no Convento de Refoyos. Porque foi elle o primeiro, depois de Fr. Bartholomeo dos Martyres, de quem era a imagem e exemplo, que fez a visita do seu extenso Arcebispado. E como a fazia elle? A pé, vestido como um simples ecclesiastico, e como sempre andava em Braga, quando visitava os pobres, os doentes, e os seus estabelecimentos, porque só se distinguia d'um simples clerigo por sua magestosa e nobre figura, e pela Cruz que trazia ao peito.

Eu o vi entrar no Convento de Refoyos a pé, acompanhado de dois Padres que empregava em prégar quando se achava fatigado, d'um criado, que particularmente o servia, e d'um moço que lhe trazia á mão um cavallinho, que montava quando se sentia cançado. Foi recebido com todas as honras, e respeito devido á sua dignidade, e pessoa, o que elle muito agradeceo. Depois de estar no Convento pedio então que queria ser tratado como um Conego da casa, que queria ir ao refeitorio com

Digitized by Google

a communidade, e que não lhe fizessem distincção alguma especial, porque a não acceitaria: em summa disse, que em quanto alli estivesse não queria ser mais do que um simples morador daquella casa, que muito respeitava. E tanto respeito por ella mostrou, que pedio licença ao Prior para alli crismar, e elle e seus Padres poderem prégar. Teve esta attenção porque o Convento, e duas freguezias a elle annexas, eram o que se chamava *Isento*, ou districto fóra da jurisdicção ecclesiastica do Arcebispado de Braga, honra, de que gosavam muitos antigos Conventos das diversas ordens em Portugal.

Em todos os dias que alli esteve, crismou e prégou; e confesso que nunca ouvi homem no pulpito mais eloquente, e de mais nobre presença. Os seus sermões eram todos de improviso; porém que eloquencia, que força de raciocinio, que clareza, e que fogo não tinham as suas palavras! Eu que não quiz nunca prégar, e nunca gostei de sermões, sentia em mim alguma cousa que me arrebatava; e por muitas vezes figurava-se-me ouvir um Apostolo, prégando ás gentes! por exemplo, S. Paulo, prégando em Epheso ou Corintho!

Foi muito familiar com todos, mas particularmente comigo, que havia sido seu Ordinando; e conversando muitas vezes sobre as novidades do tempo, e as mais notaveis as da revolução franceza, de que conhecia toda a marcha, porque tinha o *Correio da Europa*, dizia-me com toda a franqueza: «Sabe que mais! Sinto um cer-«to prazer ao lembrar-me que os francezes entraram em «Roma. (Era isto quando o General Berthier, comman-«dante das tropas francezas alli entrava, e invocava a «sombra de Bruto, que bem depressa lhe esqueceo). Sim. «Roma precisava d'um grande castigo, por que della «tem sahido grandes escandalos para a Christandade. E «ainda, infelizmente elles duram, porque não cessa de «levar para lá os bens dos pobres das igrejas catholicas, «debaixo do nome de *Annatas*, e outros mais que não «digo; e tudo isso para alli se gastar, sabe Deos como!»

Digitized by Google

Este exemplar Prelado era homem de grandes e variados conhecimentos, e delle já se imprimiram, creio em um antigo jornal de Coimbra, algumas das viagens que fez no interior dos desertos do Pará em tempo que alli foi Bispo e os visitou; o que creio ninguem antes delle e depois tornou a fazer. Fallando-me destas viagens, disse-me uma vez: — Hade ter ouvido ou lido nos filosofos e theologos, que não ha ninguem no mundo civilisado ou selvagem, que não tenha idéa de Deos; mas eu digo, e assevero-lhe, que encontrei creaturas humanas, que nenhuma idéa tinham de Deos, nem sabiam o que isso fosse?...

Fallando-me a final dos Conegos da sua Sé, disse-me ainda: « bem poucos tenho que não comprassem as re« nuncias por grandes sommas de dinheiro; e esta escan« dalosa simonia não só é tolerada, se não approvada em « Roma! Conhece, por exemplo, o Conego Silvestre (pes« soa que eu muito bem conhecia) pois saiba que para al« cançar a renuncia d'um Canonicato que lhe fez um dos « Conegos da minha Sé, deo-lhe muitos mil cruzados! « Quanto a mim, sempre lamento a annata, ou renda « d'um anno, que me levou Roma, e eu podia ter dis« tribuido pelos pobresinhos do meu Arcebispado. » A tudo o que dizia a respeito de Roma sempre acrescentava: — *E será peccado o que penso, e o que digo?*... Eu respondia-lhe o que bem se póde imaginar.

Este Varão venerando demorou-se alguns dias no Convento, e indo-se embora deixou-nos a todos cheios de respeito e saudade. Eu nunca mais o tornei a ver. A minha vida, apesar de monótona, e quasi sem sabor, ia-se alli consumindo com bem poucas distracções, apesar de que tinhamos repetidas visitas dos Cavalheiros das visinhanças, e até algumas quotidiannas dos poucos, e insignificantes, que moravam na aldêa em que estava situado o Convento. Todavia alguma cousa sempre tinha em que me entretivesse, porque tendo de lá sahido para o Convento da Serra do Porto o meu antigo companheiro

Digitized by Google

de viagem, e achando-se já em Lisboa meu irmão Antonio, chamado para professor de Historia e Geographia nas escolas de S. Vicente de Fóra, tanto um como outro me mandavam alguns livros novos, e me davam as noticias mais importantes da época. Tambem em mim se começou a revelar o instincto de escriptor, e com elle, bem que não tivesse ainda assumptos em que o podesse empregar, lembrei-me de me recordar do que já tinha estudado e lido, e comecei a escrever não só as duvidas que me haviam causado as antigas leituras, se não ainda as minhas opiniões sobre ellas, que confesso já eram bem notaveis. Escrevi um grosso volume, que depois queimei como obra de rapaz, e por não me parecer digna de a conservar. A aurora deste instincto já me tinha apparecido no Collegio de Coimbra, ainda estando lá meu irmão, e alli traduzi a *Arte de pensar* de Condillac, que meu irmão me corrigio. Esta obra vendeo-se toda, e a edição consumio-se.

Nem sempre comtudo foram desagradaveis os dias, que passei naquella solidão; tive occasião de ver uma parte da Provincia do Minho, de que muito gostei. Subi o rio Lima até Ponte da Barca, e Arcos de Val de Vez, e depois desci por elle de Ponte do Lima até Vianna do Castello. Admirei a linda e deliciosa Veiga, que vai desde a primeira destas duas ultimas Villas até á foz ou quasi foz do rio em que a ultima está situada. Muito me agradou Vianna não só pela sua posição, mas pela polidez, e nobre trato das pessoas de distincção que nella viviam; mas disto ainda heide mais particularmente fallar. De Vianna, seguindo a ourela do mar, e era em uma bella manhã de Maio, manhã deliciosa, em que se via romper o sol com toda a sua magestade, e lançar seus raios sobre o mar sereno e limpido como um cristal, cheguei ao Forte da Insoa, e a Caminha, já na foz do rio Minho, e costeando este rio, limite dos dois reinos, atravessei Villa Nova da Cerveira, e entrei na Praça de Valença. Fica esta Praça em frente de Tui, ci-

Digitized by Google

dade da Galiza, entre as quaes só medeia o rio com bem pouca largura, e tambem lá passei, e a fui ver, não podendo então vir, se quer, ao meu pensamento, que alli ainda havia de voltar em outros habitos, e em bem notaveis circumstancias. Subindo ainda um pouco a Ganfei, aonde negocios da casa me levavam, desci por *Gouro*, rico Convento de Frades Bernardos e estive em Rendufe, Convento de Benedictinos, havendo sido hospedado e meu companheiro em ambos os Conventos com a maior distincção. Terminados os negocios a que iamos, passámos por Braga e por Prado, viemos á Ponte do Lima, e nos recolhemos a casa.

Apesar de que estas e outras mais pequenas distracções alliviavam a minha situação, e bem que meu irmão me começasse a dar esperanças de que tambem seria chamado para as escolas de S. Vicente, a minha demora naquella casa, onde não tinha livros, que me fartassem, porque a livraria do Convento era miseravel em numero, e qualidade de livros, começou a tornar-se-me insoportavel. Entrei a achar-me doente, atacado de muita frouxidão e languidez; e para isto me receitavam banhos frescos do Lima, que tomei com proveito, assim como os de mar, que por duas vezes fui tomar a Vianna do Castello.

Nesta linda Villa, que hoje é cidade, passei bellos dias nas duas vezes em que lá fui tomar banhos. Os Conegos de Refoyos do Lima, quando alli iam, eram sempre recebidos com a maior distincção e cortezia. Não sei se isto era devido ao *Dom*, que acompanhava nossos nomes, ou serem todos, em geral, pessoas bem educadas, e só levadas para esta Congregação de casas nobres de paes, e avós. Naquella agradavel terra por sua posição na foz de um rio delicioso, havia então muita nobreza, e toda ella nos mandava logo cumprimentar; e não só os donos de casa o faziam, mas as mesmas Senhoras, em particular, mandavam seus escudeiros fazer-nos iguaes cumprimentos. Havia alli muitas casas de companhia, e em todas ellas eramos recebidos com toda a affabilidade, e cor-

Digitized by Google

tezania. Alli foi que pela primeira vez conheci Luiz do Rego, que morreo Visconde, depois de muito se ter illustrado pelas armas. Conheci-o ainda simples Cadete, e depois já Alferes, posto a que subio depois da primeira vez casado como uma filha, creio que foi, do Major do Regimento que alli estava, Senhora de muito merecimento, e das mais bellas que tenho conhecido na minha vida, e a quem devi muitas attenções. Tambem frequentei muitas vezes a casa da Carreira, d'onde existe hoje o Visconde do mesmo nome, e lá fui sempre tratado com toda a affabilidade por duas lindas Senhoras, que julgo eram irmans do actual Visconde.

Farei ainda menção de outro individuo, que era um official velho, chamado *Miron*, natural da Suissa, e que me parece tinha vindo para Portugal com o Conde de Lippe. Era official de artilharia, e se bem me recordo, tendo formado uma escola desta sciencia na Praça de Valença, entre os discipulos della sahíra o nosso bem conhecido José Anastacio da Cunha, não só por seus talentos, senão ainda por lhe terem aberto as portas da Inquisição, que nos velhos tempos sempre estavam abertas para receber os que os tinham, e mostravam possuir luzes superiores ás do tempo, e manifestavam idéas liberaes. Em 11 de Outubro do anno 1778, sendo Inquisidor-mór o Cardeal da Cunha, figurou elle com dez companheiros em um *Auto da Fé* que se celebrou em Lisboa, e creio foi o ultimo. Foi preso na Praça de Valença do Minho com os seus socios, entre os quaes havia um allemão, e um francez, e portuguezes, além de José Anastacio, Manoel do Espirito Santo, e João Manoel de Abreu, os quaes me parece foram Lentes na Academia da Marinha.

Os Inquisidores, já mais mansos pelas pêas que lhes havia deitado o Marquez de Pombal, contentaram-se em os dar em espectaculo ao povo com todas as insignias competentes, e em lhes dar por castigo alguns desterros, como foram Lamego, Vizeu, Evora, e outras terras do Reino, prohibindo-os expressamente de voltarem a Valença.

Digitized by Google

ANNOS DE 1800 ATÉ 1805.

Verificou-se finalmente a minha ída para Lisboa, devida á protecção de meu irmão, em consequencia de ser nomeado substituto de Logica nas escolas de S. Vicente. Alli encontrei nos principios de 1800 meu irmão, estimado por todos, rodeado de bons amigos, que tambem logo foram os meus, e já Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Para entrar nesta sociedade concorreo a amisade que mereceo ao Presidente da Academia, o Duque de Lafões. Como esta amisade principiou e se firmou, vou dize-lo em poucas palavras. Entre os individuos, que visitavam meu irmão, havia o Desembargador *Batalha*, que tinha acompanhado o Duque na sua infeliz campanha do Alemtejo, como inspector de viveres ou transportes. Tratava-se nesse tempo no ministerio uma importante questão, qual era a alliança que mais convinha a Portugal nas disputas que havia entre a França republicana, e Inglaterra. O Duque inclinava-se pela da primeira, e desejava quem lhe escrevesse alguma cousa nesse sentido, e mostrasse o pouco que podiamos esperar de Inglaterra, que nunca nos tinha auxiliado, nem cumprido para comnosco os tratados, que havia entre ambas as nações. Ora o Desembargador Batalha era um homem, como se diz, folgasão e astucioso, mas tinha mais trêtas do que lettras, e como não podesse satisfazer os desejos do Duque, nem lhe quizesse mostrar a sua insufficiencia, recorreo a uma astucia, a uma mentira. Disse-lhe que tinha em S. Vicente um primo Conego, e professor nas escolas, que era homem de lettras, e de muito talento, o qual julgava mui capaz de lhe satisfazer os desejos, e muito a seu contento. O Duque muito estimou a noticia que lhe deo, quiz conhecer meu irmão, tratou-o, e o incumbio da obra, que desejava para com

Digitized by Google

ella fortificar a sua opinião para com o Principe Regente D. João, que depois foi Rei, e perante o ministerio de que fazia parte. Meu irmão o satisfez completamente, e escreveo uma pequena Memoria, em que mostrou a pouca fé e lealdade com que os inglezes se tinham havido sempre comnosco. Esta Memoria, que foi dada ao Duque, e da qual meu irmão não deixou copia, perdeo-se. Abrio-lhe porém a porta da Academia. Meu irmão deo-se logo a conhecer na Academia por uma interessante Memoria, *Sobre a divindade que os Lusitanos conheceram debaixo da denominação de Endovelico.* E depois della escreveo algumas mais, como a Vida de Fr. Bernardo de Brito, que anda impressa em a nova edição da Monarchia Portugueza, mandada imprimir pela Academia.

Tanto esta Vida de Fr. Bernardo de Brito, como as Memorias que depois escreveo, foram pela primeira vez impressas em Londres no *Investigador Portuguez* nos principios do anno de 1814, jornal, que eu principiei a dirigir como principal redactor, e assim continuei até 1819 em que aquelle jornal acabou. Quando voltei a Portugal, entreguei os autographos na Academia; e na sessão litteraria da mesma do dia 22 de Maio de 1849, presidida pelo primeiro Duque de Palmella, como seu Vice-Presidente, fiz menção dellas na Noticia biographica que li com o titulo — *De Breve Noticia biographica do antigo Socio correspondente da Academia, D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regular de Santo Agostinho.* Foi impressa esta Noticia na collecção das actas da Academia n.º 3.º no anno de 1849.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois primeiro Conde de Linhares, e era então Ministro da Marinha, como viesse tambem a conhecer o merecimento de meu irmão, o fez nomear Socio da Sociedade Real Maritima de Lisboa, na qual leo uma Memoria em que — *Se mostram as vantagens do estudo da geographia nautica nas Reaes Aulas da Marinha, e o plano do seu ensino.* Esta Memoria tambem está impressa no Investigador Portuguez, e igual-

Digitized by Google

mente a entreguei na Academia das Sciencias; porém de todos estes seus trabalhos litterarios, só a Academia até agora tem impresso a Vida de Fr. Bernardo de Brito, e a Memoria sobre o Deos Endovelico.

A esse tempo já meus irmãos Bento e Francisco tinham tomado destino; este ultimo, não sei porque insinuações, havia tomado o habito de Frade Graciano, e o primeiro, que não gostava do estado ecclesiastico, tinha sahido da casa do Patriarcha, e estava na Marinha. Meu irmão D. Antonio tinha-lhe inculcado este modo de vida honroso, e que então parecia mais vantajoso do que o de militar de terra, porque naquella época a Marinha estava mais prospera do que hoje está. Já elle tinha completado o seu primeiro anno de estudos como Aspirante, e tinha embarcado para o Pará a fim de com esta viagem se mostrar apto para ter o posto de Guarda-Marinha: o que com effeito alcançou na volta, vindo na nova fragata *Perola*, que no Pará se havia construido.

Além do Desembargador Batalha de quem já fallei, e nos fez a mercê de *primos*, muita gente nos visitava, e á noite davamos chá, uma semana no quarto de meu irmão, outra no meu. Entre os individuos, que mais constantemente vinham estar comnosco, nomearei alguns, entre os quaes, pelo tempo adiante, houve mais do que um, que chegou a ser homem notavel, e a ter grandes postos na nossa terra. Entre todos os que se mostravam nossos amigos, nomearei em primeiro logar José Aleixo Falcão Wanzeller, homem raro por sua probidade, singeleza, patriotismo, e generosidade, e de quem fui amigo constante até á sua morte, e depois della. Sendo um cavalheiro rico, e com filhos, netos, e mais parentes igualmente ricos, não houve um entre elles, que lhe mandasse levantar uma pedra sobre a sepultura em que jaz no cemiterio dos Prazeres. Foram os seus amigos que lhe fizeram esta honra por meio de uma subscripção; e entre elles figuraram em primeiro logar Filippe Ferreira de Araujo e Castro, Anselmo Braamcamp, filho do Barão

Digitized by Google

do mesmo nome, e eu, e meu irmão Francisco Freire de Carvalho com mais outras pessoas, das quaes agora me não recordo.

Nomearei mais dois respeitaveis Priores de Lisboa, o dos Anjos, Ferrão, e o de S. Jorge, Rodrigues; Filippe Ferreira, de quem acabo de fallar, e foi na revolução do anno de 1820 Secretario d'Estado; Bento Pereira do Carmo, que tambem foi Secretario de Estado no governo de D. Pedro; Hermano Braamcamp, que o foi igualmente na Regencia da Infanta D. Isabel, e que morreo Conde do Sobral; e em fim para não fazer uma lista de nomes que occuparia muitas paginas, o nosso visinho Cavalheiro Napeon, Inspector da Fundição, e a quem D. Rodrigo tinha convidado para vir a Portugal. Era Piemontez, tinha feito a guerra contra os francezes, havia entrado na batalha de Novi que os republicanos perderam; e era homem assás conhecido pelos seus conhecimentos sobre metalurgia, sciencia, de que fez um compendio muito estimado no seu paiz. Foi morrer ao Brazil para onde acompanhou D. João VI.

Não era só esta a qualidade de pessoas, que nos visitavam, havia outra de mais alta jerarquia, que então frequentava S. Vicente: era a de fidalgos titulares, que habitualmente se juntavam no quarto de outro morador da casa; e constava ella de ordinario dos velhos Conde de Lavradio, Marquez de Penalva, D. Lourenço de Lima, que foi Conde de Mafra, e de outros que taes. E para se fazer idéa da diversidade de gente, que alli ia quasi todos os dias, e lá passava parte da noite, referirei o dito de um dos habitantes da casa, e que era irmão daquelle que recebia os fidalgos. Este homem que na apparencia parecia ter um coração de pomba, mas que no interior occultava o veneno da serpente, costumando divertir a companhia com seus contos e ditos engraçados, costumava dizer com a maior singeleza —*Temos aqui tres sociedades bem celebres; a primeira, que se junta no quarto de meu irmão, é a dos fidalgos; a de D. Antonio Car-*

Digitized by Google

neiro é a dos brejeiros, porque alli é que se joga; e a dos *Freires é a dos filosofos!* Ora aqui debaixo de todo este gracejo ia a malicia de nos desacreditar; porque nesse tempo o nome de filosofo era um titulo de perseguição, que lentamente se nos ía preparando pelo ciume e inveja que causava a geral estimação, que mereciamos a muita gente de nome.

Vivendo, isto não obstante, muito bem com todos os companheiros, só com tres ou quatro é que tinhamos mais particulares communicações. A causa de sermos mais procurados, e de termos mais relações com gente de certa illustração, nascia tambem de ser meu irmão bibliothecario. A livraria de S. Vicente nessa época era uma das mais nomeadas em Lisboa, não só porque tinha um fundo de excellentes livros, mas que estes todos os dias se augmentavam com os que de novo se publicavam nos paizes estrangeiros, e que o livreiro Rey, do Chiado, tinha incumbencia de para lá mandar. A este respeito contarei agora uma anecdota então succedida. Creio que o primeiro exemplar das *Ruinas de Volney* appareceo em a nossa livraria; e como fosse para alli remettido, foi posto de manhã sobre uma das mezas antes que meu irmão lá apparecesse. Era então Prior da casa aquelle mesmo individuo de quem já fallei, e admittia a companhia dos fidalgos. Passando por lá por acaso vio aquelle livro novo, que o criado lhe disse acabava de ser remettido pelo livreiro, e tendo curiosidade de ver o que era, abrio-o, e leo algumas paginas. Parecendo-lhe então que era um livro perigosissimo, o expediente que tomou foi ir immediatamente denuncia-lo como tal, e accusar o livreiro que o tinha mandado para a livraria, como homem que recebia taes obras, e era possivel que tivesse muitas iguaes para distribuir. Custou muito ao innocente livreiro Rey a defender-se; e só provando que era o unico exemplar que havia recebido, e que mesmo sem o ler o tinha mandado para a livraria, foi que se livrou de graves incommodos. Tal era o homem que, como Prior da casa, en-

Digitized by Google

tão nos governava! Como já fallei no Desembargador Batalha, referirei outra anecdota curiosa acontecida nesta época. Batalha, como já disse, tinha toda a intimidade com o Duque de Lafões; e este, muito mal succedido com a sua guerra do Alemtejo, havia sido obrigado a retirar-se diante dos hespanhoes até ao Gavião, onde então se achava. Seus inimigos fortes com o desastre da campanha, e já antes seus inimigos, buscavam agora todos os meios de o perder, e arredar da côrte, na qual tinha grande influencia como *parente*, e homem, que nessa qualidade fallava francamente ao Regente D. João. O Batalha, que disto particularmente teve noticia, porque era admittido na casa de alguns do governo, e frequentava as mais altas sociedades, veio um dia ter comnosco, e disse-nos: « o bom velho está perdido: qualquer dia perde o commando do exercito; é chamado a Lisboa, e o mandam descançar para o Grillo. Como havemos dar-lhe parte do perigo que corre, e adverti-lo que procure quanto antes evita-lo? » Depois de algumas reflexões, disse meu irmão: vamos já escrever-lhe uma carta, e hade ser, José, pela tua lettra, porque é menos conhecida. A carta é a que eu agora imaginei, e seja a seguinte.

« Senhor, um general allemão, depois de perder uma « batalha, ao recolher-se ao seu quartel, achou pintado « na porta delle um *tambor* com esta inscripção: — *Bat-* « *tem-me por ambos os lados.* Assim agora acontece a « V. Ex.ª, que foi batido no campo, e é batido na côrte. « Senão volta quanto antes a Lisboa, está perdido; corra « depressa, não perca um momento. — Um verdadeiro « amigo de V. Ex.ª. »

O duque recebeo a carta, porque constou, que estando á meza dissera diante de todos: acabo de receber pelo correio uma carta bem curiosa, e é de certo do *Cathrinão* para me assustar; e nesta persuasão não fez caso della. Alludia á celebre D. Catharina Balsemão, mulher do Ministro, que não era amigo do Duque.

O caso foi que lhe succedeo o que se lhe havia pro-

Digitized by Google

nosticado; foi chamado a Lisboa, e o Regente com palavras mui doces, disse-lhe: — que estando o povo muito mal contente com a campanha, e podendo por alguma fórma desattende-lo, e faltar-lhe ao respeito, devido á sua pessoa, era prudente, que se recolhesse á sua casa do Grillo. O velho entendeo o cumprimento que se lhe fazia, retirou-se para casa, nunca mais foi á côrte, e não sahio do Grillo senão para a sepultura.

Estive em duvida se faria menção de um passo que dei na minha vida, relativo a um objecto do qual então se dizia muito mal e muito bem. Tratava-se nesse tempo de organisar em Lisboa a *maçonaria*, ou a Sociedade dos Pedreiros-livres. Para ella era eu convidado por pessoas mui respeitaveis, e de quem fazia o melhor conceito; todavia duvidava, e ao mesmo tempo tinha grande curiosidade de saber o que aquillo era. Procurei informar-me, e sube que na tropa franceza, composta de emigrados que os inglezes tinham a seu soldo, e estavam em Lisboa, e depois foram para o Egypto, havia muitos *maçons* não só entre os officiaes, ainda da maior graduação, mas entre os ecclesiasticos, que o acompanhavam. Ora estes emigrados fugiam de França, porque eram os defensores do *throno e do altar*, dos quaes se dizia que os pedreiros-livres eram inimigos declarados. Li tambem por esse tempo uma carta, ou o quer que fosse, do devoto Bernardin de St. Pierre, na qual contando como dois corsarios inimigos, depois de se haverem fortemente batido, se haviam tornado amigos, e o vencedor tinha entregado a presa ao vencido, exclamava: — Que religião santa é esta! ou que associação milagrosa é essa, que produz tão raras maravilhas! Confesso então, que todas as minhas duvidas cessaram, acceitei o convite que se me fazia, e entrei na Sociedade, e em uma Loja denominada a *Fortaleza*, com o nome symbolico *Spartacus*.

Devo por tanto declarar como homem franco, e que sempre desejei viver no mundo sem nota, que injuriasse o meu caracter, que encontrando alli não só homens ho-

Digitized by Google

nestos, mas até virtuosos, e de costumes os mais puros, profundamente me convenci da injustiça, que a hypocrisia, e as systematicas mentiras faziam a uma Sociedade, na minha opinião a mais justa, a mais bem imaginada, e a mais util para a humanidade de quantas se tem formado no mundo. Dizem que della tem sahido revolucionarios e conspiradores, e que por isso é má, deve ser aniquilada, e seus socios perseguidos. O argumento, sobre falso, é ridiculo; porque nesse caso tambem a religião christã e catholica devia ser destruida, porque dos membros della tem sahido os maiores conspiradores revolucionarios, e os maiores scelerados. Não é pelos crimes dos individuos, que se deve avaliar uma sociedade, é pelas leis, que a constituem, e formaram. As leis maçonicas são conhecidas, porque seus cathecismos, e constituições são publicas.

A *maçonaria* é toda humanitaria, e filantropica; é toda de caridade, e a sua caridade é universal, porque se estende a todas as crenças, e a todos os povos do mundo, e em todas as partes delle, ainda as mais remotas, póde um pedreiro-livre encontrar um amigo, que o soccorra, e que lhe dê a mão na desgraça, o que tem por obrigação e dever. Ninguem melhor que D. Pedro, em a nossa terra, pôde avaliar o que eram os pedreiros-livres; porque, sendo Imperador do Brazil e Rei de Portugal, os conheceo bem de perto, e quaes eram as suas leis, e as suas intenções. Foi recebido *Maçon* no Rio de Janeiro em 5 de Agosto do anno de 1822, e nomeado Grão-Mestre em 27 de Setembro do mesmo anno. É falso o que o impudente e preverso hypocrita Padre José Agostinho de Macedo escreveo quando disse: — *Que a loja mãe estava estabelecida no pedreiral mosteiro dos exemplares Conegos Regrantes.* Nunca alli esteve. Um caso semelhante, ou quasi semelhante ao referido por Bernardin de St. Pierre, aconteceo, segundo tenho lembrança, ao nosso distincto Official de Marinha Quintella. Ninguem nella abjura a sua religião, pelo contrario, a Sociedade

pergunta sempre ao iniciado qual é a religião que professa, e exige delle que a cumpra, e observe como homem de bem, e de caracter honrado. Em uma palavra, o pedreiro-livre é obrigado a cumprir exemplarmente tanto os seus deveres civis como religiosos. Se muitos, como homens, faltam a elles, não é disso culpa a Sociedade, que lho estranha, e muitas vezes os expulsa de si como indignos irmãos.

Eu e meu irmão continuámos a viver muito estimados dos nossos amigos, e eu comecei a ser igualmente tratado pelo Duque de Lafões com a maior affabilidade; porque disse a meu irmão, que me levasse comsigo ás sessões litterarias da Academia, em quanto eu nella não era admittido. A algumas dellas assisti e sempre ahi fui distinctamente tratado pelo Presidente, e mais Socios. Eu passei nesse tempo de substituto de Logica para professor proprietario da Cadeira de Rhetorica e de Eloquencia. Meu irmão Bento, já de volta da sua primeira viagem do Pará, e com a patente de Guarda-Marinha, continuava nos seus estudos, que completou; e vivia perto de nós no Campo de Santa Clara. Meu irmão Francisco tambem já tinha ído para o Collegio de Coimbra, e andava nos seus estudos. Entretanto, nas horas vagas das nossas obrigações ainda nos occupavamos em pequenos trabalhos litterarios. Escrevemos um pequeno jornal de recreio, intitulado as *Variedades*, que era muito bem recebido. Deste jornal não tenho exemplar algum, e talvez poucos ou nenhuns delle existam.

Entre os discipulos que tive, quando regi a nova Cadeira, tive dois que depois se distinguiram com altos empregos. O primeiro foi D. Manoel de Portugal, irmão do Marquez de Valença, * e o segundo Manoel Telles, filho do Marquez de Penalva, que chegou a ser Prior-mór de uma das Ordens Militares. Ambos frequentaram a Universidade de Coimbra com distincção. Por esse tempo

* Morreo quasi de repente no anno de 1854.

Digitized by Google

meu irmão mais velho, Luiz, depois de ter acabado os estudos da Universidade, e sendo Bacharel formado em Direito, foi viver para a casa de seu pae, intitulada a Quinta da Tapada a uma legoa distante de Coimbra, e situada entre o Mondego e o Ceira.

Meu irmão Antonio, que até alli havia sempre gosado boa saude, foi de repente atacado de uma fatal pneumonia, porque do setimo para o oitavo dia expirou, não tendo ainda completado 35 annos. Todos lamentaram a sua morte, á excepção de alguns invejosos entre os seus companheiros do Convento. O nosso grande poeta Bocage, que muitas vezes nos visitava, e a quem sempre ouvimos com a maior admiração os extraordinarios improvisos de seu estro sublime, chorou a sua morte em um dos sonetos que andam impressos nas suas obras; e deste soneto aqui copio o seguinte terceto:

« As artes, as sciencias enlutadas,
« As delicias de Ontanio, e seus amores,
« Depois que o viram mudo, estão caladas. *

Na manhã do dia em que morreo esteve largamente fallando comigo, porque esteve sempre em seu juizo perfeito até ao momento em que morreo. Estava ainda com tanto vigor, que se sentou na cama, e encostado ao

* De Ontanio choras, e de Ontanio cantas,
Teu doce e claro irmão, meu doce amigo,
Aquelle de quem pousam no jazigo
Tantos ais, tanta dor, saudades tantas.
Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda e vive n'alma o tempo antigo
Quando a Quintilio no calado abrigo
Carpia o Vate, cuja voz levantas.
As artes, as sciencias enlutadas,
As delicias de Ontanio, e seus amores
Depois que o viram mudo estão caladas.
Ah! com elle eternisem-se os cantores!
Altos genios vos dêem cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lagrimas, e flores.

Este soneto mandou Bocage a meu irmão Francisco, em resposta a outros versos que lhe enviou.

Digitized by Google

travesseiro, comeo algumas colhéres de geléa. Bem que eu já estivesse certo de que a sua morte estava proxima, porque na noite antecedente já tambem lhe tinha ouvido os soluços repetidos, indicio de gangrena formada; perguntei-lhe o que sentia, se tinha dores, e a pontada ainda o magoava; respondeo-me: « nada me dóe, nada sinto que me incommode, mas estou bem certo, que não chego á noite. » Isso é imaginação, lhe respondi eu; tem animo, a natureza póde ainda fazer milagres. « Não, não, continuou elle, vai examinar as minhas gavetas, tira dellas todas as cartas que lá estiverem, e rasga-as; quanto a papeis importantes, creio que nenhum alli ha, á excepção das Memorias que já li na Academia, e que tu lá entregarás. » Assim o fiz, e depois me fez algumas recommendações, que eu religiosamente cumpri. Pedio, e já no dia antecedente tinha tomado todos os Sacramentos da Igreja, e mostrava-se tão resignado, e resoluto a morrer, como o homem que se dispõe para uma viagem de prazer. Junto delle estava sempre um enfermeiro, que era o criado que servia na livraria, e nos era muito affeiçoado; e como as minhas obrigações me impediam de estar fazendo-lhe companhia, era elle que especialmente fazia as minhas vezes. Depois de jantar, e a horas em que eu estava ausente, dormio socegado um pequeno somno, e abrindo os olhos disse para o criado: — Onde está meu irmão? Ditas estas poucas palavras, expirou... * sem dar se quer um gemido, nem fazer o mais pequeno movimento que indicasse dor. Eu que sabía a gente com quem vivia, assim que o criado me veio dar a noticia, disse-lhe: feche immediatamente a porta do quarto, e leve a chave ao Prior, com a noticia de que tem menos um subdito. É bem de imaginar qual foi a minha afflicção, e a minha saudade; mas eu, que sempre tive um caracter firme e resoluto, tomei aquelle partido, porque sabía, que já se dizia que no quarto de meu irmão se haviam de

* Em 4 de Março de 1804.

encontrar papeis, ou correspondencias importantes. O Prior, que talvez vio por este meu procedimento, que não era provavel encontrar os thesouros, que imaginava, ou porque por este modo cortez quiz affectar certa contemplação para comigo, pois que pelas leis da Congregação todo o espolio do morto pertencia desde logo ao Convento, mandou ao criado que me entregasse a chave para que tomasse conta no que havia no quarto. Eu não a acceitei; tornei a mandar-lha, dizendo, que eu não tomava conta daquillo que me não pertencia; e só lhe rogava que me entregasse quaesquer papeis que pertencessem á Academia, da qual meu irmão fôra Socio. E fui prudente, porque se assim o não fizesse, estava certo de que haviam de dizer, que eu tinha occultado os grandes mysterios, que suppunham meu irmão guardava. Ao menos, roubei-lhes esse instrumento de calumnia.

A dor e saudade que me causou a morte de meu irmão, foram mui profundas. Estive gravemente doente, e tanto que já se dizia em meia voz, que eu não tardaria a seguir meu irmão. Ordenaram os medicos que sahisse do Convento, e fosse para alguma quinta; fui para a de Bemfica. Alli ainda estive por muito tempo doente, mas em fim fui melhorando, e os medicos me aconselharam os banhos do mar. O Prior, continuando com as suas attenções para comigo, deo-me licença para ir estar em Coimbra alguns mezes, e ir tomar os banhos á Figueira.

Assim o fiz, e achei minhas irmans em casa de sua e minha tia D. Thereza, que sempre nos tratou não como sobrinhos mas como filhos, e filhos muito queridos. Minha irmã mais nova, Maria, tinha acabado a sua educação no Collegio das Urselinas de Pereira, e minha irmã Catharina, sempre se tinha conservado em casa de sua tia desde a morte de meu pae. Fizeram-me muito bem os banhos do mar; e estando alli recebi a noticia de que se tinha organisado em Lisboa a Sociedade dos Maçons, e que nomeando-se a primeira grande Loja, que teve Portugal, eu fôra nomeado para um dos membros

Digitized by Google

della com o titulo de grande Orador. Foi isto no Verão de 1804.

Recolhi-me a S. Vicente nos principios de Outubro daquelle anno, e comecei os meus trabalhos de professor. Continuava a ser visitado por todas as pessoas que antes nos visitavam, e só conheci duas de mais, que foram — o infeliz e martyr Gomes Freire, e Rodrigo Pinto Guedes, que foi morrer no Brazil em Vice-Almirante, segundo me recordo.

Era quasi no fim do mez de Novembro deste anno, quando me vieram dizer, que alli estava uma pessoa que me procurava. Entrou, e achei-me, quando menos o pensava, com o Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias, Antonio Caetano d'Amaral, de quem ha excellentes Memorias na collecção d'Academia, o qual me disse: que da parte do Duque Presidente, e da Academia me vinha fazer os seus cumprimentos, e dar-me igualmente os pêsames pela morte de meu irmão. E tendo um papel na mão, accrescentou: — que tanto o Presidente como a Academia julgavam não se poderem consolar da perda de tão benemerito Socio, senão dando-me o logar que elle alli occupava. E dizendo isto me entregou a Carta de Socio, datada do dia 21 do mez de Novembro de 1804. É bem de ver, quanto fiquei penhorado deste acto, com o qual não só me honravam, mas me tratavam com tamanha delicadeza e cortezia. Com as melhores expressões que pude, agradeci a distincção com que era tratado, e prometti ir, quanto antes, agradecer a honra que me acabavam de fazer.

Os moradores da casa, que souberam quem era a pessoa que me tinha procurado, estavam na maior curiosidade de saber qual tinha sido o objecto da visita; porém por isso mesmo não o disse a ninguem, e os deixei conjecturar quanto quizessem. Chegada porém que foi a primeira quarta feira, cheguei-me ao Prior, e disse-lhe, que acabando de ser nomeado Socio da Academia queria ir naquelle dia apresentar-me alli, e agradecer a honra que

Digitized by Google

me havia feito. Elle olhou para mim com uns olhos que a penna não póde expressar, e balbuciando cumprimentos de etiqueta, respondeo-me, que podia ir quando quizesse, e as vezes que julgasse necessarias.

Fui logo nesse dia apresentar-me na Academia, onde me receberam com as maiores demonstrações de respeito. Logo depois deste meu primeiro acto de posse, não sei se ainda no fim desse anno, ou já no principio de 1805, houve uma Sessão publica em que assistio o Principe Regente com o seu ministerio, e grande parte da Côrte, e nella li um pequeno discurso como o de recepção, de que não deixei copia, por ser de méro apparato, e de nenhum interesse litterario. Nessa época a Academia começou a ter menor importancia, por que o Duque Presidente estava em meia desgraça, deixou de a frequentar regularmente como costumava, e ella ficou quasi reduzida ao Padre Foyos da Congregação do Oratorio, e mais alguns Padres da sua Ordem; e muitos Socios deixaram de a frequentar, porque principiou alli a apparecer certa intolerancia de principios, o que fez afugentar della as pessoas mais notaveis que lhe pertenciam. Eu não só por esta causa, mas porque não tardou muito a minha perseguição, e o exilio, que se lhe seguio, tambem fui daquelles que deixei de comparecer nas suas sessões.

Esquecia-me dizer que o Duque Presidente não só me distinguio com a nomeação de Socio, sem exigir de mim prova litteraria, como era costume, porém logo depois da morte de meu irmão se houve comigo com todas as mostras de amisade. Mandou-me cumprimentar e dar os pêsames pelo doutor Batalha; e sabendo que estava gravemente doente, mandou-me offerecer a sua quinta de Alpreato para ir alli tomar ares, e pôr-me fóra da cidade. E ao mesmo tempo me pedia que logo que podesse, fosse em algum domingo jantar com elle ao Grillo. Eu não acceitei a offerta da quinta, mas, estando já em Bemfica, fui algumas vezes jantar com elle, que sempre me tratou com a maior delicadeza, conversando sempre comigo com

Digitized by Google

a maior familiaridade. Fui sempre em companhia do Batalha que era um dos seus Commensaes ordinarios, e a quem o Duque sempre tratava com muita amisade.

Por este tempo aconteceo um caso notavel em Lisboa, e como em seus resultados eu fui parte, e não pequena, darei delle uma breve noticia. Por negocios seus estava a partir para Inglaterra *Hippolito*, que depois alli foi auctor do Correio Brazilense, periodico bem conhecido; e como disto soubesse D. Rodrigo, que foi 1.º Conde de Linhares, e que então era Ministro d'Estado, o incumbio de certas compras para o estabelecimento do Arco do Cégo, que alli havia formado, e para o qual tinha chamado de Italia o celebre gravador Bertolozzi. Hippolito partio para o seu destino, e indo para Londres, além dos negocios a que ia, entrou a ter relações mais publicas com as lojas maçonicas daquella capital. Gente, que lhe não era affeiçoada assim como ao Ministro, de quem se sabía levava commissões, mandou lá espreitar-lhe os passos. E como soubesse que parte de seus negocios era o tratar com os pedreiros-livres inglezes, entraram a espalhar os inimigos do Ministro, que este o havia para lá mandado só para este fim.

Nesse mesmo tempo o Prior dos Anjos, Ferrão, costumava fazer frequentes visitas a D. Rodrigo, e em uma dellas disse-lhe o Ministro : — estou muito mal com Hippolito, porque me tem compromettido com esta gente. Sei que o que mais tem feito em Londres é frequentar as lojas maçonicas; heide manda-lo prender assim que chegue a Lisboa. Ora isto dito a Ferrão, que era amigo de Hippolito, o que D. Rodrigo muito bem sabía, era o mesmo que dizer-lhe, que o avisasse das suas intenções.

Ferrão visitava-me todos os dias, e tomava á noite chá comigo ; e como tivesse ouvido o que acabo de referir, veio logo fallar-me, e disse-me : — Sabe o que se passa ? e contou-me tudo o que tinha passado com D. Rodrigo. Neste caso o que me parece se deve fazer, é escrevermos aqui já uma carta a Hippolito para Falmouth, onde sup-

Digitized by Google

ponho ainda estará, a fim de o avisarmos do que se passa, e para que se acautele, e não se compromettа a si nem a D. Rodrigo. Mas como a minha lettra é muito conhecida na Intendencia, irá a carta escripta pela sua lettra. Ferrão tinha estado muito tempo em casa de Manique, e havia sido o mestre ou pedagogo dos filhos.

Escrevemos-lhe com effeito a carta, porque o paquete estava a partir, e Hippolito a recebeo em Falmouth. Por uma leveza porém incomprehensivel, não fez caso do aviso, suppoz que era só para lhe metter medo, e com toda a papelada, que trazia ás claras, apresentou-se em Lisboa. D. Rodrigo cumprio o que tinha dito, porque antes que desembarcasse foi preso á bordo do paquete.

Foi conduzido ao Limoeiro com todo o corpo de delicto, e só passados alguns dias foi transferido para a Inquisição, como por favor, porque se esperava, que alli o processo fosse mais rapido, e a soltura mais facil. A Inquisição nessa época, se ainda tinha unhas para arranhar, já não tinha dentes para morder.

Depois deste caso, que se não pôde evitar, era preciso dar traça como se poderia abrir correspondencia com elle. Ferrão, sempre incansavel e activo, teve artes para descobrir um empregado subalterno da Inquisição, e de o comprar. A compra foi feliz, porque o homem foi sempre fiel, e cumprio á risca o seu mandado.

Entrou-se em uma correspondencia regular com o preso, e era eu quem a escrevia pela razão que já dei de ser mui conhecida a lettra de Ferrão. Nós o animavamos com as esperanças de não ser longa a sua prisão, e de que o seu castigo seria leve, porque os seus amigos senão esquecião delle. Entre os que forte e descobertamente advogavam a sua causa era o Duque de Sussex, que seu pae, George 3.º, tinha mandado para Portugal para o desviar de uma união muito abaixo da sua jerarchia. Devo tambem dizer, que o Principe Regente não era avesso a Hippolito, porque sempre o tinha protegido e ao irmão, e tinha concorrido para irem frequentar a Universidade

Digitized by Google

de Coimbra. Nem D. Rodrigo era tambem seu inimigo, ou lhe queria mal. Se foi causa de o prenderem, teve por motivo o arredar de si suspeitas de ser seu cumplice nas indiscrições que tinha commettido em Londres.

Depois das mil instancias que seus amigos tinham feito para que fosse salvo, e se lhe désse por acabado o castigo que já tinha soffrido, foram os seus amigos avisados de que em breve seria solto, e que apenas iria estar alguns dias em Rilhafoles, porque então este edificio não era casa de Orates como hoje, e servia de casa de correcção para aquelles que os Padres tristes, chamados inquisidores, para alli mandavam para aprenderem doutrina christã, quando eram forçados a trata-los *con amore*. A hypocrita, e estupida Inquisição sempre suppunha que os individuos, que prendia, não sabiam o cathecismo.

Todos estes planos ficaram frustrados por uma casualidade que nem o preso nem os seus amigos podiam prever. A Inquisição, que segundo a frase da Escriptura, bem se podia chamar o *Lago dos Leões*, estava nesta época quasi vasia, porque, segundo me lembra, só tinha então alli por inquilinos Hippolito, e um seu patricio brazileiro, cujo nome me não lembra. Esta circumstancia fazia com que os dois presos já alli não fossem tratados com rigor, ou com grandes cautelas; e já era tanta a liberdade que lá tinham, que Hippolito sabia todos os cantos á casa, e até havia tido a facilidade de tirar della dois exemplares dos dois Regimentos o velho e o novo, dado pelo Marquez de Pombal, pelo qual a moderna Inquisição se regia.

A casualidade de que acima fallei, foi a seguinte: — O principal guarda da casa, assustado, como depois constou, de ser preso por dividas, tinha desapparecido uma noite da casa, e nella só tinha ficado um guarda inferior para dar a cêa aos presos, e fechar as portas. Como viesse dar a cêa a Hippolito, e este soubesse delle que estava só, e que o guarda principal não tinha apparecido, concebeo logo a idéa da probabilidade de fugir naquella mesma noite. Fingio-se muito incommodado com uma forte

dor de barriga, e pedio ao guarda lhe fosse aquecer uma pouca de agoa, e lha trouxesse. Este não teve difficuldade em lhe fazer a vontade, e partio logo para lha ir buscar, deixando alli o molho de chaves com que fechava as portas. Tanto que o vio ausente por alguns momentos, Hippolito, descalçando as botas, e enfiando-as nos braços, pegou nas chaves, e com ellas foi abrindo as portas, que já bem conhecia, e chegou são e salvo até á da rua, porque a cosinha estava longe, e não podia ser percebido pelo guarda. Alli é que esteve por um momento arriscada a sua fuga, porque mettendo a chave na fechadura da porta da rua, e vendo que não dava volta, ficou na maior anciedade e susto. Succedeo porém, e sem saber como, que tocou no fecho da porta, e esta se abrio. Deu um salto de alegria no Rocio, e se achou respirando o ar livre; e calçando as botas, que levava enfiadas nos braços, se poz a andar.

Achou-se tambem logo em nova difficuldade. Os seus amigos ignoravam esta fuga não esperada, e era-lhe necessario recolher-se em casa de alguem que o não trahisse. A primeira pessoa que lhe lembrou foi Sebastião de S. Paio, neto do grande Marquez de Pombal, e nesta idéa se dirigio ás Janellas Verdes, mas não estava lá, achava-se em Oeiras. Lembrou-se de outros amigos, mas todos se tinham mudado, e já não viviam nas casas em que os tinha deixado. Na maior confusão de idéas, poz-se a andar ao acaso, sem felizmente ser encontrado pela policia; e já fatigado metteo-se, para descançar, em uma dessas barracas de vendedeiras, que antigamente estavam ao longo da Ribeira Velha.

Uma lembrança feliz então o salvou; lembrou-se da casa de um antigo amigo, o advogado *Barradas*, sobrinho do que foi depois Ministro d'Estado, e sendo já quasi manhã foi bater-lhe á porta. Por sua ventura não se tinha elle mudado; recebeo-o como era de esperar; e assim que foram horas, foi dar parte do que acontecia ás pessoas que convinha que o soubessem. O primeiro cui-

Digitized by Google

dado que houve foi em occultar o logar em que estava, porque espalhando-se a noticia entre os amigos de que elle havia fugido, todos o queriam ver, e abraçar o *martyr* que tinha escapado aos algozes. Essas visitas tornavam-se muito perigosas; porque uma indiscrição podia muito bem fazer perder o que o acaso tinha facilitado! Espalhou-se, portanto, entre todos os amigos, que não era possivel vê-lo, porque ia sahir nesse mesmo dia de Lisboa. Acreditou-se isto, e foi uma excellente resolução que se tomou, para evitar qualquer accidente funesto. Esteve por alguns dias em diversas partes, até dentro do Convento de S. Vicente de Fóra.

O que foi notavel é que nem os Inquisidores, nem o governo deram a conhecer por actos externos que a sua victima lhes havia escapado; porém soube-se logo que faziam todas as diligencias occultas para verem se davam com o rasto do fugitivo. Só passados alguns tempos se espalhou por entre os particulares, que tinha fugido um preso da Inquisição, comprando um guarda principal, que fugíra com elle. Este boato se acreditou, e deo muita reputação á *maçonaria*, porque se dizia ao mesmo tempo, que era ella quem tinha feito este milagre, que se suppunha ser obra de grande dinheiro, e de grande influencia. A verdade é, que não havia custado um real, e todo havia sido obra do acaso.

Para fazer geralmente acreditar, que o fugitivo já não estava em Lisboa, empregou-se um meio o mais verosimil, que se podia encontrar. Estava a partir para o Mediterraneo uma fragata commandada por um amigo, Rodrigo Lamar, e então pedio-se a Hippolito que escrevesse a seu irmão, que estava em Lisboa, uma carta com data de Gibraltar, na qual lhe dissesse que fosse com ella ao Principe Regente, e da sua parte lhe pedisse perdão de ter fugido, o que fizera por estar, já cançado de estar tantos mezes preso. Emfim que lhe désse todas as desculpas, e lhe pedisse mil perdões. Esta carta fez-se, foi lançada no correio de Gibraltar, e chegando aqui foi levada

Digitized by Google

ao Regente, que se não mostrou muito indisposto contra o fugitivo; e com esta boa lembrança todos ficaram persuadidos de que o nosso homem estava fóra do reino. Apesar disto pareceo conveniente, que se deixasse ainda estar em Lisboa por alguns mezes, até que de todo esquecesse aquelle caso que tanto havia dado em que fallar. Mas nem por isso se diminuiram as cautelas que a prudencia pedia que se tomassem. O cuidado do fugitivo incumbio-se só a duas pessoas, com recommendação de que a ninguem, fosse quem fosse, revelassem a sua permanencia em Lisboa; e foram ellas José Aleixo Falcão Wanzeller, e Rodrigo Pinto Guedes, que cumpriram á risca o que se lhes havia recommendado. Passados alguns mezes, tendo que ir em uma commissão ao Alemtejo Filippe Ferreira de Araujo e Castro, o levou comsigo a titulo de criado, e de lá passou a Hespanha, e depois a Gibraltar, d'onde partio para Londres, e ahi escreveo o bem conhecido *Correio Braziliense*. O modo porque se escapou da Inquisição é tal e qual, como m'o referio nos dias em que esteve escondido em S. Vicente. Na sua *Narrativa*, que escreveo em Inglaterra, e á qual ajuntou os dois Regimentos da Inquisição, não mencionou as particularidades que tenho referido: não quiz comprometter ninguem; e por isso foi mui parco no que escreveo.

Eu ia vivendo em S. Vicente menos mal, sempre estimado, e visitado pelos antigos amigos, sem comtudo nunca me poder esquecer da falta que me fazia meu irmão. Bem que este morresse tão cedo, talvez fosse uma fortuna para elle, porque eu fui o herdeiro das perseguições, que lhe estavam preparadas; e elle não tinha a força de caracter, nem a inabalavel constancia para soffrer as que depois me couberam em sorte, e que eu sempre soportei corajosamente sem desmaiar. Muito tambem me servio, para se me tornar toleravel a minha vida claustral naquella época, o ser então Prior da casa o meu antigo amigo, e collega D. João, com quem, ao sahir do Collegio de Coimbra, fui para Refoyos do Lima. Com elle vi-

Digitized by Google

via familiarmente, e com elle passava momentos menos tristes.

Estavamos já quasi no fim do anno de 1805, quando o meu bom amigo Prior, apenas eu tinha acabado de jantar, veio ter comigo, e abraçando-me com as lagrimas nos olhos, disse-me: — sabes, meu bom amigo, que já hoje não pódes dormir em Lisboa? Acabo de receber uma ordem da Intendencia, que me manda fazer-te sahir immediatamente d'aqui, dando-te a escolher o Convento da tua residencia, menos o de Coimbra, e da Serra do Porto. Eu, bem que um pouco sobresaltado, não pela ordem que recebia, porém pela pressa com que a mandavam executar, respondi-lhe, já completamente socegado: não te afflijas por isso, meu amigo; pódes já responder tambem, que estou prompto a cumprir o que se me ordena, e que escolho para minha habitação o Convento de Grijó. Bem podemos conjecturar d'onde vem este golpe, porém como não é mortal, o tempo o hade curar. Eu tenho valor bastante para soffrer esta perseguição, que estou bem certo de que não hade ser a ultima. Eu vou já preparar-me para partir. Esta noticia inesperada, e tão positiva, admirou a todos de casa, e consternou os que eram meus particulares amigos. Alguem se regosijou, porém foi pouco applaudido, e não muito tempo depois saboreou o mesmo manjar, que me tinha preparado. Quem com ferro mata com ferro morre; succedeo-lhe o mesmo; assim o diz um nosso velho ditado.

Annos de 1806 até ao fim de 1807.

Nessa mesma tarde sahi de Lisboa, e fui dormir á quinta do Tojal. D'alli segui viagem feliz sem quebrar perna nem braço, e cheguei a Grijó, meu destino. Fui alli recebido com a maior affabilidade e carinho, não só pelo Prior da casa, porém por todos os seus moradores

Digitized by Google

sem excepção. Eram então estes pela maior parte individuos muito mais moços do que eu, e que muito depois de mim tinham sahido do Collegio, e não obstante nunca terem tratado comigo, não havia obsequios que me não fizessem: parecia-me assistir a uma grande festa que me queriam dar. O mesmo Prior, com quem nunca tinha vivido e apenas conhecia de nome, tratava-me com a maior delicadeza, que eu podia imaginar. E tanto isto era mais para me admirar, porque logo sube que não vivia bem com os seus subditos; e mais tarde o vim a conhecer pelas desordens sérias que alli houve, e que o obrigaram a sahir do Convento como fugitivo, e a estar muitos mezes ausente delle. Eu estava felicissimo, porque não tendo obrigação alguma de Côro, pois me tinham conservado as honras, e privilegios de professor das escolas de S. Vicente, vivia alli como hospede, e hospede mui estimado por todos. Para mim o não ter que ser chamado pelo que se dizia, á corda do sino, era a maior das venturas de que podia gosar debaixo do tecto claustral; e dessas venturas gosava eu completamente no meu desterro.

Eu tinha alguns amigos no Porto, e estes, tanto que souberam que tinha chegado a Grijó, me vieram logo visitar. Entre elles adquiri um de novo, que não conhecia, nem delle tinha noticia; era amigo de meu irmão Luiz Antonio, e havia sido seu visinho, e da Quinta da Tapada, porque perto d'alli tinha estado desterrado por negocios de familia. Chamava-se Jeronymo José Rodrigues, era arcediago de Barroso, e irmão de José Maria Carneiro, que morreo Director da Alfandega de Lisboa. Achei neste novo conhecimento os extremos de amisade, porque com a sua franqueza ordinaria me disse, que a sua casa do Porto sempre estava aberta para mim, e esperava que nunca fosse áquella cidade, sem lhe bater á porta. Assim lho prometti, e cumpri, achando sempre nelle o mesmo carinho, e a mesma franca e amigavel hospitalidade. E em verdade esta era tão sincera, que o criado tinha ordem constante para me receber, quando elle es-

Digitized by Google

tivesse ausente, e tratar-me como dono da casa. Outro individuo com quem alli tomei conhecimento e amisade, foi outro amigo de meu irmão D. Antonio, e do qual já fallei, que foi Manoel Gomes, da Villa da Feira. Este tambem me franqueou a sua casa, da qual algumas vezes me aproveitei, assim como de todos os livros e gazetas que tinha, o que para mim foi um offerecimento de muito preço.

Ao mesmo tempo em que todos os meus novos companheiros me tratavam como bom amigo, o Prior da casa cada vez usava comigo das maiores attenções. É de saber que este Prior de Grijó ainda era uma imagem de um antigo senhor feudal; tinha uma jurisdicção ecclesiastica e civil separadas das do Porto; porque o Convento, sendo mui antigo, e anterior á monarchia, tinha muitos privilegios. Era como bispo de uma extensa diocese; tinha justiça, e cadêa como senhor; era commendatario; e até conservava ainda o titulo de Monteiro-mór: o seu territorio era um *Couto*. A sua jurisdicção, quasi episcopal, exercia-se sobre sete freguezias, cinco no bispado do Porto, e duas no de Aveiro, cujos Prelados reconheciam a jurisdicção que elle tinha nestas freguezias. Assim nesta posse antiga lembrou-se de as mandar visitar, e quiz absolutamente que eu fosse o visitador em seu nome. Para este fim nomeou-me seu Provisor e Vigario geral, e obrigou-me pelos seus bons modos a ir fazer a visita, como realmente fiz de todas as sete freguezias, sem comtudo molestar ninguem, porque sempre fui tolerante, e nunca perseguidor. Eu que nunca quiz, em quanto estive no claustro, ter emprego algum, além do litterario, e que para me livrar delles nunca me quiz habilitar para prégar e confessar, preliminares que eram necessarios, não tive remedio senão contrafazer a minha decidida vontade; porque, confesso que não tive força para resistir a tamanhas demonstrações de attenção e amisade: foi porém um dos grandes sacrificios, que fiz na minha vida.

Não contente com estas dignidades que me conferio,

Digitized by Google

quiz ainda dar-me outra prova da estimação que fazia de mim. Deo-me o emprego de *Carturario*, que foi mais do meu gosto, e que consistia em receber os foros da casa, que eram muitos, e quasi a renda principal; em renovar os prasos que andavam, havia muito tempo, como esquecidos, e em mãos alheias; e finalmente em cuidar nas demandas que por esses objectos não eram poucas. Ora esta occupação fazia-me andar quasi sempre pela porta fóra, e era o mesmo Prior quem mais queria que eu andasse sempre em viagem. Eu tinha ás minhas ordens duas bestas sempre promptas, e um criado para me acompanhar; muitas vezes sahia só, e quando era preciso levava comigo o escrivão da Camara ecclesiastica, que era ao mesmo tempo tabellião privativo da casa, e servia para lavrar as escripturas e autos dos prasos que se renovavam. Confesso, que nunca tive vida mais alegre, e folgada em todo o tempo em que estive debaixo das telhas do claustro.

Neste meio tempo o meu bom amigo Prior de S. Vicente não se esquecia de mim, e fazia todas as diligencias para abbreviar o meu desterro. Neste seu empenho tinha uma pessoa poderosa, que o auxiliava, minha affeiçoada, que era o Intendente da Policia Lucas de Seabra, irmão do ex-Ministro José de Seabra. Elle constantemente o animava, e lhe dizia que tambem me animasse, porque o meu negocio não era desesperado, nem havia de durar sempre. Repetia-lhe; o mal que soffre o seu amigo D. José, tem origem dentro dos mesmos muros de S. Vicente; a inveja e os ciumes não é a primeira vez que dão taes resultados. Quando fallar ao Principe Regente toque-lhe neste assumpto, se o achar de bom humor, do que elle nem sempre está.

Cheio destes conselhos indo uma vez o meu amigo a Mafra, onde estava o Regente, achando-o alegre, e querendo fallar com elle familiarmente, resolveo-se a tocar-lhe no meu nome: foi porém uma nuvem escura, que de repente fez mudar a fisionomia do Principe, que sem

Digitized by Google

lhe dizer uma palavra, lhe voltou as costas, e retirou-se. O meu bom Prior, bem que naturalmente corajoso, ficou como pasmado, e como é bem de crer, muito pouco contente, e até receioso do que poderia acontecer. Voltando a Lisboa, foi logo contar ao Seabra o que lhe havia acontecido. Elle disse-lhe: — que se não assustasse, porque o caso não havia ir mais adiante do que tinha sido. Que era provavel que o Principe estivesse então de máo humor, e agitado por idéas dolorosas, mas que toda aquella borrasca havia de passar. Com effeito o Principe Regente havia passado naquella época por grandes desgostos domesticos; andou por muito tempo melancolico, foi metter-se no Alfeite, e correram boatos de que tinha enlouquecido. Esteve quasi determinado a fazer publicos os seus desgostos, que em verdade eram graves; mas constou, que D. Rodrigo, então Ministro, o dissuadíra de dar a saber a Portugal e ao mundo os tristes mysterios do palacio. . .

O que tambem constou nesse tempo foi, que a Princeza Carlota pertendêra pela primeira vez desfazer-se politicamente do marido, e quizera assumir a Regencia, razão, porque se tinham espalhado sinistros boatos sobre o estado mental do Regente.

A verdade é, que sempre houve tentativa, tal ou qual, para aquella conspiração, porque alguns fidalgos foram desterrados; descobriram-se papeis importantes em uma casa que em Arroios pertencia á Condessa d'Alorna, que depois foi Marqueza do mesmo nome; a Condessa sahio de Lisboa para Inglaterra; e em Mafra morreo de repente, ou quasi de repente, José Anastacio, Ajudante do Intendente Geral da Policia, e segundo se disse, com *veneno*, por ser cumplice, ou ter descoberto o segredo.

Outra descoberta, não menos notavel, se fez na mesma época, que mostrava ter a Princeza Carlota amigos com quem contava, e estes eram da roda da alta fidalguia. Esta descoberta fez-se pela maneira seguinte. Estava em Lisboa um Padre Benedictino, chamado Fr.

Digitized by Google

Francisco do Rosario, parente dos Mellos Ficalhos, e que depois secularisado, morreo Deputado ás Côrtes constituintes do anno 20. Tinha elle um parente, ainda moço, de quem o nome me não lembra, e que o tratava com toda a franqueza. Este disse-lhe um dia, que havia sido convidado para uma sociedade de fidalgos, sociedade que já tinha estatutos, adeptos, e estava recrutando gente. Accrescentou que desejava saber a fundo o seu fim, e que por isso acceitava o convite; mas que já lhe parecia constar ella dos amigos da Princeza. O Rosario respondeo-lhe que fazia bem em querer indagar o negocio; e como tivesse por amigo fiel o Prior dos Anjos Ferrão, contou-lhe logo o que acabava de saber; e como tambem Ferrão tivesse muita entrada em casa de D. Rodrigo, que era seu freguez, e apesar de ser taxado de pedreiro-livre era mais amigo do throno e do altar do que aquelles que o julgavam injuriar com aquelle nome, contou a D. Rodrigo o que lhe tinham communicado. Esta revelação creio que foi uma das causas de se dar com um dos fios daquella conspiração, á qual se seguiram as prisões, e desterros de que já fallei.

Desta tentativa da Princeza Carlota para tirar a Regencia ao marido sempre eu me persuadi tinha nascido o meu desterro, não só pela má idéa que de mim tinha D. João, idéa, que depois mudou para bem; mas por outra circumstancia que vou mencionar. Já disse antes como entre os meus companheiros de S. Vicente havia um, que pertendia passar por engraçado, e dizia com todo o ar de innocencia, que alli havia tres sociedades muito notaveis, e as duas principaes eram a dos *fidalgos*, e a dos *filosofos*. Ora é de saber, que a dos fidalgos constava de individuos, que pertenciam á nova sociedade de que ha pouco fallei, e como é bem natural quizessem attribuir á dos filosofos, o que exclusivamente pertencia á delles; e como tambem fosse mui facil fazer a transição da palavra filosofos, (palavra extraordinaria da *época*) para a de *conspiradores*, attribuio-se-me, e ás pessoas que me

visitavam, as intenções dos verdadeiros conspiradores.

Entre os muitos espiões de policia, que havia neste tempo, um muito conspicuo era José Agostinho de Macedo; e desta sua prenda já eu estava avisado. Declarou-se elle meu inimigo, não só porque lhe pagavam para isso, porém porque não lhe quiz dar entrada comigo. Um dia me veio procurar; e tomando por pretexto o desejar frequentar a nossa livraria, pedio-me que o quizesse nella introduzir. Eu recebi-o com a mais escrupulosa e delicada cortezia, porém respondi-lhe: — que a livraria era como publica, e que todos alli eram admittidos, ou a podiam frequentar; que alli havia sempre um criado intelligente; e que este não só o havia de receber como convinha, mas lhe havia de ministrar todos os livros que quizesse ver. Por tanto rogava-lhe, que não tivesse o incommodo de me procurar por esse motivo. Elle que ouvio a minha resposta, e o ar serio, e cerimonioso com que o recebi, e lhe fallei, entendeo-me perfeitamente, e nunca mais me procurou. Despedio-se, e eu com todo o cerimonial da etiqueta o acompanhei até á porta. Vingou-se depois em desacreditar S. Vicente, e em nunca poupar o meu nome, quando lhe vinha a pello.

Em quanto tudo isto se passava em Lisboa, continuava eu a viver em Grijó na maior tranquillidade possivel, e no melhor commodo que me podia dar o meu estado. Porém o horisonte politico cada vez mais se ennevoava. O ministerio portuguez, e o Regente, collocados entre duas forças, igualmente oppressoras, que eram as de França e Inglaterra, não sabiam decidir-se, e pensavam que trapasseando, e ganhando tempo, impediam o golpe que se estava a descarregar sobre elles. Junot á frente do exercito francez entrava pelas nossas fronteiras, e já estava quasi ás portas de Lisboa, sem que os estupidos governantes déssem fé da sua marcha. D. João, Principe Regente, toda a sua Côrte, e muita mais gente, que quiz seguir-lhe a sorte, corriam espavoridos a metter-se nos navios como homens que, vendo a casa incendiada, saltam

Digitized by Google

pelas janellas. Um feliz golpe de vento salvou todo este rebanho desordenado e timido, e fez com que não cahisse no poder dos francezes. O Regente, fugindo, só teve boca para nomear uma Regencia, e pedir aos portuguezes, que cobardemente desamparava, recebessem *como amigos* os seus conquistadores; recommendação, que ao depois servio de titulo para perseguir os que a tinham cumprido! Meu irmão Bento, que por ser official de marinha, já estava embarcado em uma embarcação de guerra, não pôde seguir a procissão, porque o navio não estava ainda em estado de navegar. Tudo isto aconteceo nos fins do anno de 1807.

Anno de 1808 a 1810.

O meu poderoso protector, de quem já fallei, Lucas de Seabra, não se esqueceo de mim, e creio que a primeira ordem, que fez passar á Regencia, foi a da minha restituição. Esta me foi immediatamente communicada, e eu parti para Lisboa no principio de 1808, deixando com saudades os meus novos companheiros, que tão amigavelmente me haviam sempre tratado. Já não fiz a viagem a Lisboa como a tinha feito na primeira vez que para lá fui, isto é, na *diligencia*, que poucos annos durou; porque entre nós o que não ha, ou nunca houve é o que se chama *Providencia*, pois que ainda quando se faz uma cousa boa, não se sabe conservar. Fui recebido pelos meus velhos companheiros com as maiores demonstrações de amisade, e o abraço que recebi do meu amigo Prior, foi sincero. Todos, ainda os mesmos, que eu suspeitava haviam sido causadores do meu desterro, não faltaram a este sinal de etiqueta, que eu tomei mais por veracidade do seu crime do que pelo prazer de me verem restituido.

Achei a casa toda occupada por francezes, officiaes, e soldados de artilharia, vivendo todos na melhor harmo-

Digitized by Google

nia, e confessando os estrangeiros que nunca em parte alguma haviam sido tambem tratados. O Prior era homem mui polido, como cavalheiro que era, e fazia as honras da casa com toda a bizarria, de maneira, que toda a officialidade franceza, tanto a que tinhamos em casa, como a que estava alojada por outras partes, dizia abertamente, que era digno de ser *Bispo*, e que o havia de ser. Faltava-lhe porém um requisito, para poder ainda ser mais bem avaliado; não sabia fallar uma palavra franceza, e por consequencia, vendo-se com esta falta, ao passo que tinha negocios tão importantes que tratar com a nova gente, desde logo me disse, que eu havia de ser só o seu lingoa, e o unico que soubesse do que fosse preciso tratar. É bem de ver que eu nada lhe podia recusar, e me offereci para tudo o que fosse necessario. Eis-aqui collocado eu nas circumstancias de andar sempre com elle pela porta fóra.

O negocio mais grave que então tinhamos que tratar era o pagamento da quota que nos havia de caber para satisfação da estulta e impolitica contribuição de guerra, que nos havia imposto Napoleão em uma das suas horas de delirio, porque nem foi a ultima, nem a mais fatal e perigosa que teve. Bem que muitos dos officiaes mais influentes nos diziam, que haviamos de ser mui benignamente tratados em attenção aos bons serviços que prestavamos ao exercito francez, todas estas boas palavras não nos bastavam; era preciso entrar mais no fundo do negocio, e trata-lo com quem elle directamente devia ser decidido. Nestes termos procuravamos todas as altas estações onde podia ser melhor discutido, e achar-se quem o advogasse. Ora iamos a casa de um general ou outro, como Tiebau, Laborde, Loison, &c. ora ao thesouro, ás audiencias do ministro das finanças Herman.

Quando andavamos nestas continuas corridas sem ainda apparecer luz alguma, que nos guiasse ou désse esperanças, se nos abrio um caminho, que teve os melhores resultados. Havia um official que, sem estar alojado em S.

Digitized by Google

Vicente, ia comtudo lá frequentes vezes visitar os seus amigos. Este official, por nome Vidal, e que dizia ser parente de um nosso Desembargador do mesmo nome, era um dos Ajudantes do General Tiebau, Chefe do Estado-maior de Junot, e que passava por homem generoso, e de excellente caracter. Fiz as diligencias para ter mais intimidade com elle, e o consegui. Uma vez em conversação ácerca da contribuição que nos seria lançada, deo-me logo a entender que por meio do seu General poderiamos conseguir muito. Dei parte disto ao Prior, e este me incumbio, que entrasse com elle, se possivel fosse, em negociação, e que sendo necessario estipulasse, ou offerecesse premio até á quantia que alli logo calculámos que se podia dar. O negocio até alli tratado, por assim dizer, com todo o disfarce, chegou em fim ao ponto de me dizer o tal Vidal sem rebuço, que o seu General faria tudo, mas que era preciso dar-lhe um *presente.* Foi isto o que eu quiz ouvir. Em consequencia lhe fallei tambem com todo o desembaraço, e lhe disse: — Bem está; estamos de acordo; porém o presente hade ser na proporção da quantia de que formos alliviados. Concordou nisto o meu homem, porém já hoje me não lembra a quantia de que fomos alliviados; porque nunca esperei chegar a tempo de escrever as minhas Memorias, e mencionar o que me aconteceo na minha longa vida, que então parecia ser bem diversa do que tem sido. Lembra-me, porém, muito bem o que demos ao General Tiebau.

Fui eu quem lhe entregou o presente. Morava elle no palacio do Marquez de Pombal, na rua Formosa em frente do chafariz. Bem é que se saiba, que tanto eu como o Prior tinhamos sempre entrada franca em casa de todas as auctoridades francezas quer militares, quer civis. Fui um dia procurar o General, e apenas me annunciei, disseram-me que estava indisposto, e de cama, mas que naturalmente me desejaria fallar, e que lhe iam dar parte de que eu alli estava. Apenas se passaram alguns segundos, fui introduzido no quarto da cama do General, que

Digitized by Google

com effeito encontrei deitado. Depois dos cumprimentos do costume, elle me respondeo, que apenas tinha uma leve indisposição; desejei-lhe um breve restabelecimento; e sem mais cerimonia, disse-lhe; — que o meu Prior lhe mandava pedir licença para lhe dar um pequeno sinal de reconhecimento da sua gratidão; e ao mesmo tempo lhe puz sobre uma meza, que estava proxima, um *cartucho de cento e tantas peças!* Sem esperar mais resposta, levantei-me, apertei-lhe a mão, e despedi-me, desejando-lhe tudo o que se costuma dizer que se deseja em similhantes circumstancias. Confesso porém, que tive mais vergonha em lhe dar aquelle dinheiro do que elle em o acceitar. Mas era assim que os generaes francezes se enriqueciam, e juntavam milhões; Napoleão tinha-os ensinado a todos a *conjugar* o verbo *roubar*.

Não parou ainda aqui o fim desta negociação. Poucos dias depois me veio procurar o Ajudante Vidal, perguntei-lhe se o General ficára contente, e disse-me que sim, mas logo accrescentou, que tambem merecia alguma recompensa pela parte que havia tido em toda a negociação. Não havia que replicar. Recebeo tambem uma quantia, que hoje me não lembra, porém, já se entende, muito inferior á que recebêra o seu General.

Entre esta chusma de espoliadores vorazes, encontrei, comtudo, um homem honesto. Vou dizer como isto foi. Estando eu um dia só no meu quarto, o criado da livraria me veio dizer, que alli estava um francez, que desejava fallar ao bibliothecario; mas como este alli não estivesse, pedia-me que visse o que elle queria. Disse-lhe, que o mandasse entrar, e achei-me com um homem mui polido, que me deo mil desculpas de talvez me incommodar, e accrescentou, que tendo ouvido fallar em a nossa livraria, como homem curioso, e estrangeiro, a desejava ver. Respondi-lhe, que ella toda estava ás suas ordens, e bem que eu não fosse o bibliothecario, podia vê-la quando quizesse, porque havia de ser sempre bem recebido. Como já fosse perto da noite, disse-me, que isso ficaria para

Digitized by Google

outro dia. Fallámos em cousas indifferentes, e despedindo-se, disse-me, que um favor me queria pedir, e era que quando voltasse, permittisse que me procurasse, pois que já tinha feito conhecimento comigo. Com todo o bom modo lhe respondi que sim, e o acompanhei com toda a civilidade por algum tempo, até que elle não consentio que eu passasse mais adiante. Alguns dias depois veio procurar-me, e então me declarou francamente o motivo da sua visita. Disse-me, fórmaes palavras, que eu o tinha recebido tão bem na primeira vez, que senão atrevèra a declarar-me a sua missão, porém que não podia deixar agora de a declarar, e era ella: — Que a livraria do Convento de S. Vicente havia sido denunciada ao Imperador como uma das principaes de Lisboa, e que elle fòra encarregado pelo mesmo Imperador para vir examina-la, e levar della os livros que julgasse mais interessantes. Que a sua missão era bem desagradavel, mas que era preciso cumpri-la...

Eu immediatamente lhe respondi, que nenhuma difficuldade tinhamos em lha franquear; que desde já a poderia ir ver, e que eu lhe mostraria todos os livros mais raros, que tinhamos, e delles poderia escolher os que quizesse. O homem, que eu ainda não sabia quem fosse, olhou para mim, como admirado da minha franqueza, e respondeo-me: — pois vamos agora lá, já que vos mostraes tão liberal comigo. Entrámos na livraria, e depois de lhe fazer ver as casas principaes, levei-o a um gabinete reservado que nella havia, e comecei a mostrar-lhe e a indicar-lhe muitos manuscriptos, e livros mais raros que alli estavam tanto em portuguez como em lingoas estrangeiras. Elle mostrou-se mais interessado em ouvir ler os titulos dos livros portuguezes, e quando lhe nomeci um que tratava das nossas cousas do Brazil, e cujo titulo me não lembra, disse-me: ponde por ora esse de parte; e depois veremos se escolherei mais algum; basta por hoje a escolha que fiz; e já no ar de se despedir, ficando a obra escolhida sobre uma meza, disse-lhe: — se ten-

Digitized by Google

des a bondade de me indicar a vossa morada, eu ámanhã de manhã vo-la mandarei entregar. Não; não é preciso; conservai-a em vosso poder, até que eu me retire para París. Como é preciso, que eu leve alguma cousa da vossa livraria, não levarei mais; porque me basta ella, e o modo cortez e bizarro com que me tendes tratado. E nisto se retirou, acompanhando-o eu, como da primeira vez, até á porta da livraria, além da qual não permittio que eu désse um só passo. E quem seria este homem honesto, de quem tenho fallado? Era o bem conhecido sabio francez, *Geofroi de Saint-Hilaire.* Para não desmentir a veracidade do seu caracter, visitou-me algumas vezes, e na ultima da retirada, em consequencia da malograda expedição, disse-me: — mui contente vou por não ser obrigado a levar-vos essa vossa pequena propriedade; dai-me o vosso nome, nome, que nunca esquecerei, e que será sempre para mim respeitavel. Agora vejo que a vossa corporação está muito a cima das muitas que tenho conhecido. Sêde feliz, e muito desejo que não torneis a ter visitas como as nossas...

O horisonte se ia toldando cada vez mais para os francezes; a insurreição ia-se tornando geral, e os inglezes, que tinham desembarcado na Figueira, acabavam de lhe dar força. Em Agosto de 1808 tinha eu com alguns dos meus companheiros ido passar o primeiro mez de ferias na quinta dos Cadafães, perto de Alemquer, e como o dia 27 do mesmo mez fosse vespera do Patriarcha Santo Agostinho, a quem se fazia grande festa, e em que antigamente assistia a Familia Real com toda a Côrte, eram todos obrigados a assistir a ella. Nesta conformidade sahi eu com alguns companheiros da quinta com tenção de irmos jantar á quinta do Tojal, e á noite dormir a Lisboa. Passando pela Alhandra encontrei lá um dos meus collegas, D. José Palmeiro, o qual, vendo-nos, disse-nos: aonde vão? parece-me que já se não póde ir hoje a Lisboa. Não sabem o que se passa? Com effeito nada sabiamos, porque mettidos naquelle deserto ignoravamos tudo

Digitized by Google

o que havia acontecido. Os francezes, depois de um grande combate que tiveram na Roliça, perderam a batalha do Vimieiro, e tendo-se retirado occupam todas as alturas do Tojal, e creio que a ninguem deixam passar além da linha que tomaram de defeza. Com effeito ficámos pasmados de ouvir taes noticias, que não esperavamos, e ficámos por um pouco indecisos sobre o que fizessemos. Entre muitas cousas que nos disse o Palmeiro foi, que muita gente tinha morrido e ficado ferida na batalha, e que entre os mortos fôra o General *La Borde*, o segundo commandante, depois do Junot, o qual havia sido enterrado no Carmo.

Apesar destas noticias sempre quizemos tentar fortuna, e nos pozemos a caminho. Pela estrada não encontrámos senão alguns dragões que rondavam por ella, mas quando já estavamos á vista da quinta, vimos nas alturas muitos cavalleiros, e um, que se dirigia para nós: era um official francez. Perguntou-nos quem eramos, d'onde vinhamos, e que gente haviamos encontrado pelo caminho. Dissemos-lhe o que sabiamos, e em resposta nos disse: — está muito bem, mas é preciso que venhaes fallar ao General *La Borde*, que alli está em cima. Ficámos todos pasmados, porque acabavamos de ouvir que tinha morrido, e fôra enterrado no Carmo. Eis-aqui que vamos fallar a um defunto, disse eu comigo; seja esta a primeira apparição, que tenho de uma alma do outro mundo! Com effeito encontrámos o General em pessoa debaixo de umas oliveiras no meio do seu Estado-maior, e por sinal que era um dia de um calor excessivo. Elle tinha ficado ferido, mas levemente de uma bala, que lhe roçou pela parte detraz do pescoço.

Fez-nos as mesmas, e ainda mais miudas, perguntas, demos-lhe as mesmas respostas, e depois disse-nos: — Sinto muito dar-vos um pequeno incommodo, mas as leis da guerra assim o fazem preciso. Não podeis ficar na vossa casa, é necessario passar já para diante, porque mais tarde as minhas sentinellas não vos deixariam pas-

Digitized by Google

sar, e não ireis festejar o vosso Patriarcha: adeos! recommendações ao Prior! Eis-aqui como pela primeira vez me vi prisioneiro de guerra, porém, como dizem os italianos, suavemente, isto é, *con amore.*

Cumprimos com a ordem que acabavamos de receber, e chegando ao logar do Tojal, alli encontrámos muitos officiaes de artilharia dos que estavam aquartelados em S. Vicente, e delles soubemos as particularidades da batalha, e como nenhum dos nossos conhecidos tinha morrido, e só um ficára ferido, que já lá estava no Convento. Todos nos queriam levar para os seus quarteis, e repartir comnosco dos seus jantares, porém só lhe acceitámos alguns refrescos, e nos pozemos logo a caminho, porque quizemos evitar algum encontro, igual ao primeiro, que por acaso podesse acontecer.

Chegámos a S. Vicente, sim cançados, e cheios de calor, porém sem mais outro incommodo. No outro dia houve a festa do costume, esplendida e brilhante, porque o Prior, como homem bizarro, queria que os francezes ficassem fazendo bom conceito da casa. Seguio-se, como é sabido, a convenção de Cintra, e os vencidos sahiram, e embarcaram com todas as honras de guerra, e levando quanto quizeram, ou poderam, para França. Os inglezes pouco ou nenhum caso fizeram dos nossos interesses; o que queriam, era verem-se livres dos seus inimigos para ficarem senhores á sua vontade de Portugal, e o governarem como seu; o que á risca depois executaram, *levantando por algum tempo as suas bandeiras sobre as nossas fortalezas, apenas os francezes embarcaram*, para que não ficassemos em duvida de que elles eram os nossos verdadeiros conquistadores!

A artilharia ingleza veio tomar em S. Vicente os mesmos quarteis dos francezes, mas não encontrámos nos seus officiaes a mesma urbanidade de nossos antigos hospedes. Ácerca destes é preciso dizer com verdade, que nunca tivemos offensa; porque tanto officiaes como soldados nos trataram e respeitaram como se fossemos da sua mesma

nação. E tão polidos e agradecidos se mostraram os officiaes para comnosco, que não houve um só individuo dos donos da casa de quem pessoalmente senão fossem despedir. Entregaram fielmente os livros que tinham da livraria, e nos seus quartos não faltou o mais pequeno traste que tinham para seu uso.

Arvoraram-se logo as palavras exterminadoras — *amigos dos francezes!* termos significativos de vinganças e de perseguições, que ao principio surdamente se diziam ao ouvido, e depois se pronunciaram altamente nas praças! Os que mais os tinham servido, e haviam sido seus aduladores, tornaram-se nos mais acerbos e furiosos perseguidores; em uma palavra, a ordem expressa que tinha dado o Regente de bem os tratarem, foi interpretada como crime. Porém o que foi notavel é que em quanto o povo resistia ao poder inimigo, os fidalgos, e nobres pediam a Napoleão que lhes désse um Rei da sua familia, e iam em pessoa pedir-lho. Mudando porém de senhores, foi punido o povo, que resistio, e premiado quem adorou, e beijou a bandeira estrangeira. Quem mais se distinguio nestas infames baixezas foi o cruel perseguidor dos dois honrados patriotas *Mariz*, e *Luiz Candido*, os primeiros que levantaram no Porto o grito da liberdade; e este perseguidor, adulador vil, e hypocrita, era o que então occupava a cadeira de Bispo do Porto, e que se assignava — « Antonio, Bispo do Porto. » No folheto n.º 5, e volume 1.º do meu *Campeão* em Londres, achará o leitor curioso a pag. 175 a carta que elle escreveo a Napoleão, assim como achará na mesma obra tom. 2.º pag. 87, a correspondencia que o mesmo Bispo teve com o General francez *Quesnel.* E em quanto perseguia os chamados amigos dos francezes, e estes eram ora mettidos nos carceres da Inquisição, ora desterrados, era elle, vil hypocrita, nomeado Patriarcha de Lisboa, e um dos Regentes do Reino! Temos dado, com effeito, digo eu agora, como Tacito, uma grande prova de paciencia!

Para desaggravar uma sociedade, á qual muito me honro

Digitized by Google

de ter pertencido, a *Maçonaria*, direi com a verdade como a diria diante de Deos se m'a pedisse; que em quanto, um dos Regentes do Reino, o Patriarcha eleito, Bispo do Porto, de acordo com os seus collegas, mandava prender nos carceres da Inquisição, e depois *setembrisava* homens honestos, e honrados como *pedreiros-livres*, a auctoridade, que os representava em Portugal, chamada *Grande Loja*, negava briosamente ao General Junot a dignidade superior de *Grão-Mestre!* A esta sessão honrosa, e notavel assisti eu como um dos membros della; na qual depois de se deliberar que não era da honra e fidelidade portugueza conferir tão alta dignidade a um estrangeiro, e nosso conquistador, assentou-se, que com razões especiosas e decentes se lhe negasse este pedido, e que essas mesmas razões se escrevessem na acta da sessão, para que podesse apparecer no caso de se nos agarrarem os papeis. Determinou-se porém, que se fizesse outra acta particular, denominada *volante*, para que a todo o tempo constasse o que tinhamos decidido. Mais tarde sube o que foi feito desse papel importante, porque sendo obrigado a sahir de Lisboa, d'onde estive ausente muitos annos, muito tempo não tive noticia delle. O que sei, porque o assignei, é que em quanto os amigos do throno e do altar pediam um Rei a um conquistador estrangeiro, os que eram calumniados, como inimigos do mesmo throno e altar, negavam uma alta dignidade a um dos seus soldados, que em seu nome governava, e era o General de um grande exercito. Todos os papeis da Grande Loja foram agarrados a um dos presos de 1809, que em dia de quinta feira santa foram mettidos na Inquisição. Por elles soube o governo o que eram os Maçons portuguezes, que continuou a perseguir.

O Prior, e eu, como tenho dito, haviamos tido muitas e frequentes communicações com as auctoridades francezas, e em virtude dellas muito proveito tinha recebido a casa, porque não só havia sido sempre muito respeitada, mas fôra alliviada de uma grande parte da contribuição,

Digitized by Google

que se lhe havia lançado. Não obstante porém estes bons serviços, viemos a saber que pela bôca pequena começavamos a ser qualificados com a nota de *francezes*, epitheto preparatorio de alguma perseguição. Nestes termos, cuidámos logo em ver se podiamos evitar o perigo que nos ameaçava. O meu amigo Prior, como tivesse acabado o seu tempo de governo, e houvesse já outro nomeado, e com posse, cuidou logo em pedir mudança de domicilio, e o pedio para o Convento da Serra do Porto, o que sem difficuldade lhe foi concedido. Mas eu estava em peiores circumstancias, porque era professor publico, regía uma Cadeira, e precisava motivos, que justificassem a minha sahida da casa, que talvez em pouco tempo m'a ordenassem sem a querer, nem a pedir. Comecei a mostrar-me muito incommodado, e falto de saude; e como por um acaso feliz o novo Prior tinha sido meu companheiro de Collegio, e sempre tinha vivido com elle em boa harmonia, disse-lhe, que sentindo-me bastante doente, me deixasse ir passar algum tempo em Coimbra com a minha familia, para de lá ir tomar banhos do mar na Figueira, que esperava me fizessem muito bem, como já me tinham feito, quando alli os fui tomar depois da morte de meu irmão. Que para isso tinha agora boa occasião, porque iria com meu irmão Bento Freire, que casado de ha pouco estava a partir para Coimbra. Quanto a reger a minha Cadeira, o meu Substituto, que era meu amigo, de muito boa vontade se me offerecia para ficar no meu logar. E que por este favor pedia, que lhe désse o ordenado que me pertencia da Cadeira. Não teve difficuldade o novo Prior em me conceder o que lhe pedi; fiz a jornada com meu irmão sem pensar que nunca mais entraria em S. Vicente como Conego Regrante, e morador daquella casa.

Como fallei neste meu irmão, e que tinha casado, direi, que por uma das muitas singularidades da minha vida fui eu que lhe pedi a noiva para casar; porque tanto ella como elle exigiram de mim que lhes fizesse essa von-

Digitized by Google

tade. Tinha elle com effeito casado com uma virtuosa, e amavel menina D. Anna, filha do *doutor Caminha*, que morava na rua larga de S. Roque. E agora já que fallei neste meu irmão, direi como estavam os outros nessa época. Meu irmão mais velho Luiz conservava-se solteiro na sua casa da Tapada; meu irmão mais novo Francisco, tinha acabado os seus estudos no Collegio da Graça de Coimbra, havia sido nomeado para ser um dos mestres da Ordem, e depois tinha ido na qualidade de Prior para um seu Convento em Castello-branco, emprego, que foi forçado a largar antes de tempo pelos estragos que soffreo o Convento na entrada dos francezes, commandados por Junot. Notarei aqui de passagem qual era o caracter dos Frades a quem pertencia. Desejando frequentar na Universidade a faculdade filosofica, e tendo já dois annos de frequencia, foi impedido por elles de continuar... tal era o amor que tinham pelas sciencias! Minha irmã mais nova D. Maria Amalia, menina muito bem educada, formosa, e amavel, casou nesse tempo, e suppunha-se ter feito fortuna, porém infelizmente não a fez... foi mal afortunada... Minha irmã D. Catharina conservava-se em casa da nossa boa tia, irmã de meu pae, que sempre nos tratou mais como filhos do que sobrinhos.

Uma das causas que mais concorreo para que apressasse a minha sahida de Lisboa, foi, que apparecendo no alto Minho o Marechal Soult com um grande exercito nos principios de Fevereiro de 1809, e dirigindo-se logo ao Porto, onde entrou, os Governadores do Reino, como para conjurar aquella invasão, não acharam outro meio mais proprio do que mandar immediatamente prender um grande numero de pessoas, que fizeram encarcerar nas prisões, e segredos da Inquisição. Eram todas estas pessoas individuos de todas as jerarchias, porém ao mesmo tempo conhecidos por todo o mundo como homens pacificos, honrados, honestos, e até virtuosos, e taes como um José Aleixo Falcão, de uma virtude e honradez conhecidas. Accrescia mais o terem-se feito estas tão

extraordinarias prisões em um dia tão sagrado, como era o de *quinta feira santa!* 30 de Maio de 1809, e mandadas fazer por homens, entre os quaes entrava um alto ecclesiastico, como era o ex-Bispo do Porto, Patriarcha eleito, de quem já mencionei nestas Memorias a infame hypocrisia, e baixa e vil lisonja com que tinha servido os francezes. * Não me era, portanto, nem me podia ser indifferente tão inaudito procedimento. O que eu mais admirava era o ter escapado a este acto de tão audaz brutalidade. Assim cuidei logo em ver se sahia o mais promptamente de Lisboa, o que felizmente consegui como já disse.

Cheguei a Coimbra com meu irmão, e cunhada, e alli mais longe das garras dos tigres do Rocio, que se denominavam Governadores do Reino, fui passando os dias tranquillo até Outubro do mesmo anno 1809. Era esta a época de me recolher a Lisboa, porém não me atrevia a dar esse passo, que para mim podia ser perigoso. O horisonte politico continuava a estar muito nublado, e eu via bem, que Napoleão não era homem que, depois de duas expedições mallogradas, se deixasse ficar socegado. Pretextei, por tanto, novos motivos de doença, e felizmente o meu novo Prior estéve por elles, e não exigio a minha volta a Lisboa. É de presumir, que houvesse gente, que não folgasse de alli me ver.

* Quem influio muito para estas prisões, e até as fez sem ter ordem positiva para isso, foi Jeronymo Francisco Lobo, Ajudante da Intendencia, e que já tinha exercido o mesmo officio com o Intendente *La Garde*, que ao sahir de Portugal disse, formaes palavras, *que era o unico portuguez que ficava em todo o Portugal, digno de merecer as graças do Imperador!* Os presos estiveram nove mezes incommunicaveis nos segredos da Inquisição; e sendo depois soltos foram mandados para differentes desterros. Seus tyrannos queriam sempre te-los debaixo de mão para depois poderem *setembrisa-los*, como fizeram no memoravel dia 10 de Setembro do anno 1810, perseguição, de que ainda fallarei. Nas mãos de um dos presos encontrou Lobo todo o archivo da Grande Loja Maçonica, porém nenhum destes papeis se lhes apresentou como crime; prova sem réplica, que elles eram mais amigos do throno do que elle Lobo, traidor. —Veja-se o tom. 3.º do meu Campeão em Londres.

Digitized by Google

Passei socegado até ao fim do anno, assim como quasi todo o seguinte de **1810**; mas já para o fim deste se começava a fallar em uma nova expedição franceza, que vinha lavar a afronta das duas passadas. Estava eu então mui contente em casa de meu irmão Luiz Antonio em a nossa casa da Tapada, quando em um domingo de Setembro um dos amigos de Coimbra, que alli ia ver-nos muitas vezes, e jantar comnosco, nos deo a extraordinaria noticia das novas prisões do fatal dia **10** daquelle mez, e como todas essas victimas haviam sido levadas para as Ilhas na fragata *Amasona*, e esta escoltada por outro vaso de guerra inglez! É facil de conjecturar como fiquei, sabendo, além disso, que entre os deportados iam dois collegas meus, e esses os da minha particular amisade! Não foi só isto o que me fez bem pensar no caso, porém o saber pouco tempo depois que eu havia sido procurado, que se haviam arrombado as gavetas do meu quarto, e que dellas tinham levado os papeis que lá estavam. Esta ultima circumstancia não me assustou, porque eu não tinha alli deixado cousa de importancia, nem que me servisse de corpo de delicto. O que admirei foi, como a minha boa fortuna me tinha livrado de entrar naquella redada, não tinha sido mandado prender em Coimbra até áquelle dia, pois que entre os presos não só havia os que já tinham estado em carceres da Inquisição, mas ainda outros, como o Prior dos Anjos, Ferrão, que lá não estivera, mas que já, como eu, havia gosado das honras de um desterro. Foi, com effeito, maravilha o eu ter escapado! De certo a Providencia guardava-me para um dia expor ao publico esta, e outras monstruosidades de abuso de poder, como depois o fiz no meu *Campeão Portuguez em Londres!*

Mas não satisfeito por ter escapado até áquelle dia, não me deixei adormecer sobre o caso; cuidei logo em sahir de casa de meu irmão, e de me pôr em cautela. Os estultos e feroses esbirros do Rocio, chamados Governadores do Reino, e que em todo o seu infausto governo a

Digitized by Google

mais insigne figura, que representaram, foi a de *esbirros* e *algoses*, quizeram tambem desta vez conjurar com prisões a nova invasão, que já estava ás portas de Almeida, que em breve tomou.

Por estes mesmos dias passava por Coimbra na sua viagem para o Porto o meu bom, e incomparavel amigo José Ferreira Pinto Bastos, pae da honradissima familia que hoje existe, familia a mais decente, a mais briosa, a mais respeitavel, e a mais util das que tem Portugal, e fallando com elle, disse-me: — Porque se conserva ainda aqui? Não tem que esperar nesta terra senão perseguições e desgostos! venha comigo para o Porto, e de lá embarque para Inglaterra, onde está meu irmão João, e onde nada lhe hade faltar. Este generoso amigo era depois de muitos annos tambem um verdadeiro amigo da minha familia, e as suas razões, na presença da minha posição, não deixavam de me abalar; mas eu estava então em Coimbra em casa de minha tia D. Thereza, e esta junta com minhas irmans, e primas fizeram todas as diligencias para me desviarem desta idéa, dizendo-me que estando já entrados em Portugal os francezes, não tinha que receiar. Estas razões me fizeram algum peso, e de mais a lembrança de ser forçado a sahir da patria no meu estado, sem poder adevinhar o que seria o meu futuro, fez-me rejeitar a offerta daquelle excellente amigo. Os successos, que depois teve a minha vida, me fizeram ver que ainda não tinha chegado o tempo de se cumprir o meu destino! tinha ainda que passar por muitos e variados trabalhos antes que elle se cumprisse! *Massena*, o velho anjo da victoria, chegou emfim á Serra do Bussaco, e por uma vaidosa temeridade, quiz escalar aquella montanha, podendo-a ter torneado; e esta temeridade foi o primeiro annuncio dos seus revezes. Achando emfim o verdadeiro caminho, que primeiro devia ter procurado, aproximava-se de Coimbra, e cousa rara! toda esta cidade se vio sem um só dos seus habitantes dentro do curto espaço de 24 horas! Era preciso fugir, e a minha

Digitized by Google

familia se dividio em duas, por assim dizer, grandes divisões; porque era muito numerosa. Minha irmã casada seguindo seu marido, e a familia delle, foi para um lado; e minha tia com a sua foi para outro, querendo que a acompanhasse. Retiramo-nos para a casa de meu irmão na Tapada, e depois minha tia ainda foi mais para diante com suas filhas, e meu irmão Bento e sua mulher.

Pensei eu nessa occasião, que estariamos seguros naquelles logares, situados quasi em um deserto entre o Mondego e o Ceira, e a mais de uma legoa de Coimbra. Nunca me passou pela lembrança que *Massena* se deixasse ficar em Coimbra pelo espaço de tres dias, que não corresse sobre o exercito inglez e o nosso, sempre com a espada sobre os rins, como é expressão de guerra. Enganei-me tambem desta vez; o anjo da victoria perdeo-se pela sua louca vaidade, e pela demasiada confiança na sua fortuna. O caso foi, que quando menos o pensámos, os nossos dois acampamentos, o que estava na casa de meu irmão Luiz, e outro no sitio em que estava minha tia, foram ao mesmo tempo atacados, e por assim dizer, levados de assalto, por grande numero de soldados francezes, que andavam espalhados em busca de viveres. É escusado dizer, como fomos roubados, e tratados por esta tropa faminta, e sem officiaes que a podessem conter. Comigo, e meu irmão Luiz estava tambem um nosso antigo amigo, Manoel Antonio do Soveral, da Villa da Pesqueira, que estando como official de milicias em Almeida, depois que esta ficou em poder dos francezes, se havia de lá escapado, e vinha fugindo delles. Todos tres vimo-nos de repente cercados, roubaram-nos quanto sobre nós traziamos; e neste barulho meu irmão ficou nas mãos de um magote delles, e eu e o Soveral nas mãos de outro, sem comtudo termos recebido offensa alguma pessoal, mas sem sabermos o que tinha acontecido a meu irmão.

Aqui quero agora referir um dos casos notaveis, que me tem succedido na minha vida, e que mostram, que ella tinha ainda diante de si um grande espaço para de-

Digitized by Google

correr, tal, como o de chegar a 81 annos, e 10 dias, que hoje conto * ao escrever estas linhas. Do meu lado nunca se arredava um soldado, e constantemente me pedia, que despisse a minha camisa, e lha désse, porque a sua estava rôta, e muito suja. Ora elle, como soldado, e inimigo, para quem todo o mundo era seu, tinha razão; mas eu tambem a tinha para lha não dar; não estava aqui porém o caso. Tambem sempre junto de mim estava outro soldado, que m'o desviava, e lhe dizia, que me deixasse, pois que já tinha dado quanto tinha, e parecia homem de bem. Não contente com isto, quando eu estava de costas para elle dirigio-me um tiro, que o outro soldado, que me protegia, lhe desviou com a mão, que lhe ficou levemente ferida. Não parou ainda aqui o caso; como se fosse fazendo tarde, pozeram-se em retirada para Coimbra, levando-me, e ao Soveral entre elles. Era porém um dia de grande calor, e não tendo ainda andado muito, fizeram alto á sombra de umas oliveiras, e pozeram-se a comer e a beber. Então, o bom soldado que sempre me tinha protegido, chegou-se a mim, e disse-me ao ouvido: — *fugi, e depressa!* Fiquei pasmado, e respondi-lhe: — mas esse vosso camarada!... não póde atirar-me um tiro, vendo-me fugir!... Não tenhaes medo; ide-vos embora... Assim o fiz, escapei-me; ao passo que o meu amigo Soveral não tinha encontrado um anjo que o livrasse das unhas de Satanás, e foi indo com a chusma até ao Mondego, onde só á noite se pôde escapar.

Ao anoitecer desse dia fatal, ambas as familias se juntaram em casa de meu irmão, que emfim tambem appareceo com o Soveral, sem que ambos tivessem soffrido injuria, além do roubo. Houve um grande conselho, e o meu voto, que todos adoptaram, foi que na manhã seguinte partissemos immediatamente para Coimbra, e fossemos pedir protecção ás auctoridades francezas, porque para mim era evidente, que tornariamos a ter nova visita

* 30 de Julho de 1853.

Digitized by Google

não só dos que já nos-la tinham feito, porém dos amigos, a quem haviam de ter contado a boa fortuna que tiveram no dia antecedente. Além disso como se dizia que entre o exercito vinham portuguezes, tambem era provavel, que encontrassemos algum que nos désse protecção.

Chegou emfim a manhã, e meu irmão e o Soveral tomaram outro destino, não nos quizeram acompanhar, dizendo, que nem pintados queriam tornar a ver os francezes. Teriamos andado ainda menos do que um máo quarto de legoa, quando lá ao longe descobrimos um forte troço de francezes, á frente dos quaes vinha um official; parámos até que chegassem a nós. Fui a elle, e achei um homem mui polido e affavel, o qual, depois de lhe contar o que nos tinha acontecido nos dias antecedentes, segurou-nos que ficavamos debaixo da sua protecção, e que não tornariamos a ser incommodados. Pedio-nos, que se ainda não estavamos longe de nossa casa, voltassemos a ella, porque queria dar descanço a seus soldados, e trazia ordem para levar algum gado, que encontrasse.

Voltámos para traz, e o official cumprio com a sua palavra, porque sempre nos tratou bem, assim como aos moradores de um povo nosso visinho, para quem lhe pedimos igual protecção. Estivemos em casa até á tarde, os soldados comeram, e descançaram sempre na melhor disciplina, e preparamo-nos para partir para Coimbra. A' nossa familia se haviam juntado outras, que se tinham vindo refugiar naquelles sitios, e como alli os francezes tinham encontrado duas juntas de bois, e dois carros, consentiram, que nelles levassemos alguma roupa, e alguns colchões. Igualmente permittio o bom official, que minha tia, como senhora de idade, e mais algumas senhoras no mesmo estado, fossem nos carros para lhes poupar a fadiga do caminho. Eu que vi tudo isto, e tinha escondido algum dinheiro, tive a boa fortuna, que sempre me protegeo nos lances arriscados da minha vida, de o ir buscar; e como era em ouro, de o metter mui apertado no bolço do relogio. Lembrando-me que tinhamos

Digitized by Google

de passar o Mondego, e que era provavel o atravessassemos a váo, porque alli não estaria barco algum, e como elle nessa época fosse facilmente vadeavel, descalcei as botas, e calcei uns sapatos para estar mais prompto para o que podesse succeder. Ora neste tempo tinha eu uma pequena preciosidade, que, ao menos julgava como tal, e esta preciosidade (não se riam os meus leitores) era um pequeno livro latino do formato 24, que continha todas as obras de Tacito, e da edição de Amsterdam do anno 1734, livrinho, que ainda hoje conservo. Junto delle, que me era inseparavel, trazia eu já um pequeno manuscripto da traducção de todo ou a maior parte do primeiro capitulo dos *Annaes*, traducção feita, por assim dizer a esmo, sem a mais pequena lembrança de que um dia, mais castigada, appareceria no mundo. Assim mesmo eu já lhe tinha muito amor, e ainda direi como escapou deste naufragio, e passados muitos mezes me veio ter á mão, quando eu menos o imaginava. Metti esta minha preciosidade dentro de uma das botas, e pedi que m'as levassem em um dos carros.

Como veio a pello o fallar deste pequeno incidente, direi ainda como se originou em mim a idéa de traduzir os *Annaes* de Tacito. Estando eu em Coimbra, depois da minha sahida de Lisboa, como já disse, passou por alli José Ferreira de Moura, que tambem vinha fugindo de alguma perseguição que lhe estivesse preparada. Disseme: — meu amigo, não estamos em estado de tratar de politica; eu vou para a minha terra, mas seria bom que os amigos sempre se correspondessem por alguma maneira. Eu respondi-lhe, estou por isso; e lembra-me, que cada um de nós traduza um capitulo de Tacito, principiando pelo primeiro dos *Annaes*, e o remetta um ao outro, para que cada um o corrija, e sobre a traducção faça imparcialmente as suas observações. Concordámos nesta correspondencia, e d'aqui nasceo ter eu já o manuscripto de que ha pouco fallei. É preciso que diga, que eu tive sempre uma grande paixão pelas obras de Tacito, por-

Digitized by Google

que nellas achava estampados os meus proprios sentimentos. Fui sempre, como ainda sou, inimigo irreconciliavel de tudo o que é tyrannia, absolutismo, e abuso de poder; e com este caracter que recebi da natureza, e pelo muito que tenho soffrido pelos abusos desse mesmo poder, me abalancei a traduzir todos os *Annaes*, que senão é obra perfeita, ao menos, foi uma porta que abri para melhores traductores, e com este trabalho satisfiz o meu espirito, consolando-me de pôr em portuguez os crimes dos tyrannos, que do coração aborreço. Acabarei este incidente, dizendo, que José Ferreira de Moura, foi homem de muitos talentos, brilhou como orador, bem que um pouco tardo na falla, nas Côrtes constituintes e ordinarias do anno de 20, nas ultimas das quaes foi meu collega; e muito senti, que manchasse no fim de tão bella carreira o' caracter de homem energico, forte, e resoluto, e o deslustrasse com actos de summa baixeza; effeito de uma incomprehensivel timidez!

Vou porém já atar o fio da historia da nossa viagem para Coimbra no meio de uma escolta franceza. Chegámos ao Mondego, onde eu já esperava que não achassemos barco para o atravessar. Já eu me preparava para a passagem, descalçando-me, e aqui foi para ver o caracter dos francezes! Estes homens, que sem estarem á vista dos seus officiaes, nos roubariam, assassinariam, e nos fariam os maiores insultos, vendo que muitas meninas donzelas, que não cabiam nos carros para atravessar o rio, sé dispunham a passa-lo a pé, cheios de compaixão, e de generosidade, começaram a toma-las ao collo, e com toda a cortezia e decencia, sem a mais leve offensa do decoro, as passaram para o outro lado. Entre ellas foram minhas primas.

Ao chegarmos dentro de Coimbra estava ardendo uma casa em que tinha casualmente pegado fogo, e pela qual deviamos passar; e sendo por tanto necessario tomarmos outra rua para irmos para casa de minha tia, e nella ficarmos, se a achassemos desoccupada, o nosso máo fado

Digitized by Google

fez com que nos encontrassemos com um desses homens que, com cara de amigos, são os maiores traidores. Esse homem era o General Pamplona, que depois foi Conde de Subserra, e vinha no exercito francez. A nossa comitiva era uma verdadeira caravana, composta de muita gente, que se nos tinha aggregado, e na frente della, tambem por fatalidade, vinha meu irmão Bento Freire. Como o clarão do incendio allumiava toda a praça de S. Bartholomeo, por onde íamos passando, quiz a nossa má fortuna que meu irmão conhecesse Pamplona, ou que este o conhecesse. Mostrou muita alegria em o ver, disse-lhe o perfido, que muito sentia os nossos trabalhos e o não ter sabido onde estavamos, para nos dar a protecção que precisassemos; e depois lhe perguntou que gente era a que vinha com elle. Meu irmão, suppondo encontrava um amigo, disse-lhe quem eramos, e referio-lhe especialmente o meu nome. Era elle o Governador da Cidade, nomeado por Massena, e como tal, depois de muitas promessas, disse-nos, que fossemos para casa, e se a achassemos de tal modo occupada, que não podessemos ficar nella, o avisassemos logo, para a fazer despejar.

Annos de 1810 até ao fim de 1813.

Passava-se o que acabo de dizer pelo meado, pouco mais ou menos, do mez de Setembro de 1810. Dirigimo-nos para casa de minha tia no largo de Sansão, e ahi achámos algumas salas desoccupadas, onde nos podémos recolher. Depois de uma má cêa, deitaram-se na sala principal os colchões que havia, e toda a roupa que se pôde encontrar, e sobre este grande leito de campanha nos deitámos todos vestidos, e cada um por onde pôde. Acordámos bem cedo como era natural, porque a cama, apesar das fadigas antecedentes, não convidava a que nos

Digitized by Google

demorassemos nella. Todavia, estavamos um pouco contentes, porque nos parecia que os nossos maiores incommodos teriam fim; não foi porém assim. Ainda por bem pouco tempo gosavamos desta pequena consolação, quando veio ter comnosco um official portuguez, que era Candido José Xavier, o qual depois se fez notavel entre nós, e morreo um dos principaes Conselheiros do ex-Imperador, e Rei, Duque de Bragança, D. Pedro. Vinha da parte de Pamplona, de quem era Ajudante de Ordens, com a missão de dizer-nos, que sendo nós as primeiras pessoas notaveis, que tinham entrado na cidade, o Marechal Massena, desejava muito fallar-nos antes de partir, o que estava a ponto de fazer. Pedia pois a meu irmão Bento Freire, e a meu primo Joaquim Freire de Macedo fossem immediatamente ao quartel de Pamplona, não esquecendo levar comsigo o senhor *D. José*, que nem mais nem menos era eu! Ouvindo isto, quiz desculpar-me dizendo-lhe, que estava indecente para apparecer diante do Marechal, principe d'Esling, porque apenas tinha naquelle momento para me vestir uma má jaqueta, não melhores calças, e apenas uns sapatos para calçar. Respondeo-me, que isso não obstava, porque naquella occasião nada havia que ficasse mal; e que emfim a minha pessoa era tambem indispensavel. Não havia que replicar; e lembrando-me então das botas que tinha mandado pôr com a minha preciosidade em um dos carros, procurei por ellas para as calçar. Mas apesar de quantas diligencias se fizeram, as malditas botas não appareceram, e fiquei persuadido de que se tinham afogado no Mondego, e com ellas a minha preciosidade. Nesta triste e vergonhosa figura me foi por tanto forçoso acompanhar meu irmão, e meu primo, sempre ao lado do senhor Candido José Xavier de *boa memoria!*

Morava, ou antes tinha morado Pamplona em uma casa lá para o alto da Couraça de Lisboa; chegámos lá, mas já lá não estava o homem que nos tinha mandado chamar, nem Massena, porque ambos tinham partido. O

Digitized by Google

recado que o primeiro nos deixou foi que tivessemos paciencia, mas que passassemos ainda pelo incommodo de ir até Condeixa, onde fallariamos ao principe, e alli se acabariam os nossos trabalhos; e tudo isto sem mais recommendação alguma, nem nos deixar meios de transporte. O que logo vimos foram quatro *Gens d'armes*, que nos rodearam, e ordenaram, que promptamente partissemos. Esquecia-me dizer, que no quartel de Pamplona encontrámos outro companheiro, um cavalheiro de Coimbra, chamado *Saraiva*, que para alli fôra igualmente convidado com os mesmos pretextos, e foi obrigado a correr a nossa sorte. Os *Gens d'armes*, que viram o nosso desamparo, e a consternação em que estavamos, mais humanos que o perfido Pamplona, lançaram mão de quatro más cavalgaduras, que alli acharam perto, fizeram-nos montar a cavallo, e no meio delles, como quatro criminosos, nos pozemos a caminho.

Passada a ponte, e já ao subirmos para o alto de Santa Clara, por onde ía caminhando o resto da tropa franceza, que estava em Coimbra, comecei eu a ouvir a alguns soldados: — *Lá vão os refens da cidade!* Ouvindo isto, voltei-me para os meus companheiros, disse-lhes: — ouviram, ou entendem o que vão dizendo estes soldados? Somos levados como refens da cidade; o drama, que temos que representar, está sabido; o primeiro acto já se representou em Coimbra; o segundo vai ser em Condeixa; e os outros como, e onde se hão de representar, não sei eu ainda. Chegámos emfim a Condeixa, sempre, é verdade, mui attenciosamente tratados pelos nossos guardas, e ahi encontrámos a mesma têa de perfidia de Pamplona, que tinha recommendado nos levassem naquelle mesmo dia até á Redinha, onde o principe devia pernoitar. Eu cheguei alli um pouco fatigado, e com fome, porque sahimos de Coimbra sem poder comer nada, e isto depois de uma má cêa. Vendo que os *Gens d'armes* estavam comendo bacalháo, e de vez em quando o iam molhando com algumas gotas de agoa-ardente, cheguei-me a elles, e pedi-

Digitized by Google

lhes que repartissem alguma cousa comigo. De muita vontade o fizeram, e eu com outra vontade ainda maior me puz a comer com elles, e a beber meus gólos de agoa-ardente em sua companhia como bom camarada. Meu irmão Bento que isto vio, muito admirado, disse-me: — pois tu comes? E porque não! lhe respondi; quanto maiores são os trabalhos, maior constancia e firmeza hade haver em os arrostar e soffrer! Eu já sei, pouco mais ou menos, qual será a minha sorte; estou já preparado para ella, por mais dura que seja; no emtanto não perco o animo, nem esmoreço; faz o mesmo, e sê homem!...

Chegámos ao anoitecer á Redinha, e já não era tempo de fallarmos a Massena, como desejavamos. Perguntámos por Pamplona, e ninguem nos deo noticias delle, nem onde morava. Estavamos no meio da estrada real, e em um largo, onde creio ha um cruzeiro; e como não tivessemos casa para nos recolher, e as noites ainda não fossem frias, achando alli muita palha dispersa, fomo-la juntando para um canto, e nelle nos recostámos, principiando a fazer as nossas reflexões sobre o nosso estado, na vileza com que nos tinha enganado o infame Pamplona, e nas agonias e afflicções em que haviam de estar as nossas familias, vendo-nos desapparecer, sem tornarmos a casa, e talvez pensando que nos tivessem assassinado, ou nos houvesse acontecido algum grande perigo. Quando nisto estavamos, appareceo-nos um homem que não conheciamos, e que trazendo dois cobertores na mão, nos disse com toda a affabilidade: « Meus senhores! sei muito bem a figura que lhes fazem representar, e o abandono em que os deixam; offereço-lhes estes dois cobertores para se cobrirem como poderem esta noite, porque eu fico com outros dois para fazer o mesmo, visto que tambem não tenho casa para me recolher, e hei de dormir ao sereno, ou como dizem os francezes á *la belle etoile.* » E quem era este homem raro, a quem a nossa desgraça tinha tocado o coração? Era o portuguez Capitão *Cardozo,* um cavalheiro de Amarante, que eu muito tempo

Digitized by Google

depois encontrei em Londres em casa do Conde de Funchal, que então era alli nosso embaixador. Este honrado official, como outros muitos, havia sido conduzido para França por Junot, quando para lá obrigou a ir uma parte do nosso exercito, e incorporado nas tropas francezas tinha ido com ellas até Moscow. No meio dos desastres desta horrorosa campanha pôde escapar-se da morte, e foi ter a S. Petersburgo. O Imperador Alexandre o recebeo alli, e o tratou generosamente, e lhe deo carta para o seu embaixador em Inglaterra, para que em nome delle Alexandre o recommendasse ao governo portuguez, e este o alliviasse das penas, em que estava incurso, porque, assim como todos os mais officiaes, que tinham entrado com elle em Portugal, obrigados a acompanhar o exercito de Massena, estava condemnado á morte. Em virtude desta recommendação o Conde de Funchal o tratou sempre bem.

Vendo a bondade, e o interesse que tomára por nós, sem nos conhecer, pedimos-lhe, que nos dissesse se alli tambem ficava aquella noite o Marquez de Alorna, porque lhe desejavamos fallar, e ver se nelle encontravamos alguma protecção, visto que em Pamplona só tinhamos achado perfidias, e enganos. Respondeo-nos, que alli estava, e nos indicou o seu quartel.

Na manhã seguinte o procurámos, e nelle encontrámos o homem mais generoso e humano que podiamos desejar. Tratando-nos com a maior affabilidade, disse-nos, que nada valia para com Massena, que a nossa sorte era irrevogavel, mas que da sua parte tudo faria que podesse para alliviar o nosso estado. Que a sua meza estaria sempre prompta, para nós, e que no emtanto que não acabasse a nossa marcha, ía ver se nos podia arranjar modo de fazermos o caminho o menos penoso possivel. Com effeito fez com que tivessemos logar em um dos carros de transporte do exercito. De Pamplona não tivemos mais noticia, nem elle cuidou em a ter de nós; e quanto a mim, protestei nunca procurar esse homem, qualquer que fosse a má sorte, que me estava preparada.

Digitized by Google

Chegando no outro dia a Pombal, onde Massena se demorou algum tempo, meu irmão Bento Freire, a quem os bons modos do Marquez haviam dado mais animo, disse-me que ia fallar ao Principe, e se eu o queria acompanhar. Respondi-lhe que não, e que fosse só se assim o queria. Como eu estava persuadido que não nos deixaria voltar para traz, não estava determinado a representar a figura de cortezão. Foi sempre o meu caracter o mostrar-me mais altivo, quando me perseguiam; e em tempo nenhum pedi misericordia aos meus perseguidores. Meu irmão satisfez o seu desejo, fallou com Massena, e foi tratado por elle mui cortezmente. Sabendo que era official de marinha logo alli o nomeou Capitão de Fragata, ou quer que seja, porque nesse tempo apenas era segundo Tenente; e depois o começou a interrogar sobre as forças do exercito, que tinha para combater. Meu irmão fallou-lhe a verdade; disse-lhe, que havia uma força ingleza de trinta e tantos mil homens, e outra portugueza, unida com ella, talvez tão numerosa, e que se recrutava e augmentava todos os dias, porque o numero das nossas milicias era assás avultado. Massena, sem lhe levar a mal a exposição, que lhe acabava de fazer, deu-lhe uma risada, e respondeo-lhe, que não podia acreditar em tal; que quanto aos inglezes, podia ser que tivessem a força que lhe dizia, e que para ella tinha elle tambem outra mais que sufficiente, para os atacar; mas quanto aos portuguezes não podia acreditar em tal. Que os soldados que figuravam de portuguezes eram inglezes com fardas nossas para o illudirem, e que por isso nada receava. Meu irmão ainda o quiz convencer do que lhe tinha dito, mas ficou sempre na mesma, e sem mais cerimonia, porém sempre com bom modo, o despedio, dizendo-lhe adeos até Lisboa, onde o esperava tornar a ver, por que ia lançar ao mar com a ponta da sua espada todos os inglezes que estavam em Portugal.

O velho Massena, sempre vaidoso de ter salvado a França com a batalha de Zuvich, que havia ganhado contra

Digitized by Google

os russos, e com a sua memoravel defeza de Genova, com que tinha facilitado a passagem dos Alpes a Napoleão, tornando-a incrivel, ou quasi impercetivel, não podia acreditar que houvesse quem ousasse oppor-se á sua velha e constante fortuna; e esta vaidade, e crença fatal o perderam; porque se tivesse bem avaliado as forças que tinha para combater, e não perdesse alguns dias de marcha, talvez podesse ter entrado de mistura com os seus inimigos nas linhas de Lisboa. Assim como Massena abatia o numero das nossas forças, a nossa gente augmentava a dos inimigos; porque a retirada, como eu vi em Coimbra, fez-se não só com muita precipitação, porém ainda com muita falta de alento e de esperanças.

Entre Pombal e Leiria tivemos um encontro não esperado, e que, particularmente a mim me deo muita consolação e alento. Marchando vagarosamente a pé pela estrada vimos, que marchavam para nós alguns officiaes francezes a cavallo. Assim que estiveram proximos, immediatamente conheci entre elles um official de artilharia, que tinha estado aquartellado em S. Vicente. Saudei-o pelo seu nome; e elle olhando para mim, como pasmado, e tendo ficado por um momento como indeciso, exclamou — pois sois vós, e nesse estado? e sem mais demora saltou abaixo do cavallo, abraçou-me, e voltando-se para os seus camaradas, disse-lhes: — Não sabeis que homem é este!... pertencia a uma corporação de Conegos Regulares em cujo Convento esteve aquartellada a nossa artilharia em Lisboa! Nunca a tropa franceza teve melhores quarteis! nunca algum de nós achou gente tão polida, tão amavel, e tão hospitaleira!... E ao acabar de proferir estas palavras todos os mais officiaes saltaram abaixo de seus cavallos, rodearam-nos, e não houve expressões que deixassem de usar para nos saudarem, e lamentar a nossa sorte. E não ficou só em palavras o interesse que mostraram por nós; cada um puchou pela sua bolsa de dinheiro, sabendo já a figura que iamos representando, e nos disse que tirassemos dellas o que precisassemos. Nada

Digitized by Google

acceitámos, porque dinheiro levava eu, e era o que felizmente tinha occultado no bolço do relogio em a nossa ida para Coimbra, de que já fallei. Para não acceitar desculpamo-nos, que o dinheiro naquella occasião era inutil, porque nada havia que comprar com elle. E era verdade; todas as povoações pequenas e grandes estavam despovoadas, e não se encontrava pelo caminho senão solidão, ruinas, e miseria. Vendo que nada lhes acceitavamos, o meu antigo conhecido, e amigo disse-me: nós não nos podemos demorar, nem acompanhar-vos, porque vamos em serviço; porém peço-vos, que não vos desanimeis; confiai no que vos digo; haveis de encontrar protecção em toda a parte, ou entre qualquer porção de tropa, em que vos acheis, uma vez que sejaes conhecido!... Lembrai-vos sempre de mim, e se nos tornarmos a encontrar, seja aqui, ou em outra qualquer parte do mundo, ficai certo, que encontrareis sempre um verdadeiro amigo...

Ao terceiro dia de marcha começaram as chuvas, sempre fortes, e continuadas, e por entre ellas chegámos a Rio-maior onde estava parado Massena com o seu quartel general, e onde tambem encontrámos muitos portuguezes dos que acompanhavam os francezes, e outros prisioneiros por elles. A marcha do exercito começava a tornar-se difficil, particularmente para a artilharia, que alli tinha que atravessar as muitas arêas que ha entre Rio-maior e Alcoentre, e por esta causa alli houve uma demora de dois ou tres dias. Fizemos então conhecimento com muitos portuguezes, que se condoeram da nossa sorte, e repartiram comnosco a sua comida, e até outras cousas de que mais precisavamos. Eu era quem mais o necessitava, porque, como já disse, apenas tinha uns máos sapatos para resguardar os pés. O bom *Antonio Tancos*, que depois morreo na fatal retirada da Russia, deo-me umas botas, presente de grande valor no estado em que estava, e além disso um lenço preto para o pescoço, porque a minha camisa já estava porquissima. Como senão

Digitized by Google

podia marchar, passava-se o tempo em conversar; e a conversação de mais interesse era se Massena entraria em Lisboa. Foi então que alli vim a saber o que na realidade era o exercito francez, que tão numeroso parecia; porque com muita admiração minha ouvi asseverar a muitos, que desta vez não entraria em Lisboa. Não era elle só o que estava destinado para esta expedição, porque uma grande parte tinha ficado em Cidade Rodrigo e Salamanca, por não estar ainda completamente organisado. Os que asseveravam que não era possivel entrar em Lisboa, diziam, que o que tinha entrado em Portugal, seria quando muito de cincoenta e tantos a sessenta mil homens; que tres e tantos mil já tinham morrido, ou estavam feridos em Coimbra em consequencia do combate do Bussaco, e que o resto não podia competir com as forças inglezas e portuguezas que tinha para combater. E faziam o calculo da maneira seguinte: — O exercito que entrou compõem-se de tres divisões; a primeira, commandada por Ney, constará de 25 a 26.000 homens, e é a mais forte; a segunda, commandada por Junot, constará de 18.000 homens; e a mais pequena, commandada por Reignier, terá 15 ou 16.000 homens. O caso foi, que qualquer que fosse o numero verdadeiro, achou-se sempre inferior ao nosso exercito combinado, o que Massena chegou finalmente a comprehender.

Assim que a artilharia pôde passar as arêas, marchou tudo para diante, e fomos ter a Alemquer, sem que nada nos acontecesse na viagem digno de se mencionar. Alli tambem encontrámos o Marquez de Alorna, que nos recebeo com todo o carinho, e como se fossemos amigos velhos. Offereceo-nos a sua meza, o que acceitámos, e della sempre nos servimos. Quanto á casa, os *Gens d'armes* nos tinham arranjado uma, onde estavamos como soldados em campanha, e por aquelles eramos sempre vigiados, bem que não estivessem comnosco no mesmo quartel; e por este modo guardavam para comnosco um certo decoro, e nos davam uma apparente consideração.

Digitized by Google

Massena, chegando ás linhas, parou; e logo começou a conhecer, que o negocio de deitar ao mar os inglezes, não era tão facil como tinha imaginado. Era preciso reconhece-las, e esta operação da primeira necessidade em poucos dias se executou. O que alli logo constou ácerca do resultado deste reconhecimento foi que o voto de Ney, que commandava a divisão mais forte, tinha sido: — que elle não tinha duvida em as forçar pelo lado do mar, ou de Mafra, e que o exercito por lá entrasse até Lisboa, porém que na sua opinião era uma tentativa inutil, porque seria preciso talvez perder um terço ou mais do exercito, e que então não restavam forças bastantes para se manterem em Portugal. Que os inglezes embarcados, tornariam logo a desembarcar em outro ponto de Portugal, e em pouco tempo o exercito francez se acharia outra vez com elles pela rataguarda ou pela frente. Que a sua opinião era pois, passar quanto antes, sendo possivel, para o outro lado do Tejo, e ir juntar-se, ou pôr-se em contacto com o exercito de Soult, que vinha pôr cerco a Badajoz. Constou-me tambem nesse tempo que a opinião de Ney fôra não passar de Coimbra, vista a resistencia que tinham encontrado no Bussaco; e que o mais acertado seria conservar as linhas do Mondego e do Douro, ter aberta a communicação com Almeida, e dar parte a Napoleão do que acontecia. Massena, sempre teimoso, e não fallando senão na sua experiencia, não acceitou nenhum destes conselhos.

A resolução que tomou foi, mandar dar parte ao Imperador da resistencia que encontrava, e da impossibilidade de levar ávante a empresa. A pessoa nomeada para ser correio desta má nova foi o Coronel Foix, que depois morreo General, e foi um dos primeiros oradores da camara franceza dos deputados.

Em quanto isto se tratava, correo em Alemquer uma noticia que nos podia ser fatal, que foi o dizer-se, que os feridos, deixados em Coimbra, haviam sido assassinados pelo povo. Segundo o caracter irascivel de Massena,

Digitized by Google

e agora mais propenso á crueldade pelo máo resultado da sua expedição, diziam-nos, que não hesitaria em nos mandar fuzilar. Felizmente não se verificou esta terrivel noticia, e desta vez escapámos a um accidente que nos podia ser fatal. Assim socegados por esta parte os nossos sustos, resolvi-me a ir fallar com Massena, e pedir-lhe que nos désse a liberdade, visto que parecia já não ser necessaria a nossa conservação na qualidade de refens. Recebeo-me muito bem; disse-me, que por ora não podia satisfazer os nossos desejos, porém que estivessemos socegados que nenhum mal nos aconteceria, e que nada nos faltaria. Foram só boas palavras as que delle recebemos, porque nunca fez caso de nós; nada nos mandou dar; e morreriamos de miseria, senão tivessemos a generosa protecção do Marquez de Alorna, e não tivessemos achado em mais alguem sympathia e compaixão.

Tristes e amargurados dias íamos passando, especialmente com a idéa da afflicção em que haviam de estar as nossas familias, sem saberem de nós, e se eramos vivos ou mortos. Eu, mais do que os meus companheiros, era quem mais soffria, bem que fosse o que tinha mais constancia, porque estava mal vestido, e apesar de ter dinheiro, não havia que comprar com elle, porque a villa estava deserta, e apenas nella tinham ficado alguns individuos tão miseraveis como nós. Pela primeira e unica vez, na minha longa vida, andei um dia ou dois *sem camisa*, porque chegando alli com a que trazia em um estado deploravel, foi preciso que a despisse, e andasse um ou dois dias sem ella para que m'a lavassem. Mais tarde pude comprar uma, que era como o vestido de arlequim, porque a tinham feito de muitas qualidades de pano, um fino, e outro grosso; assim mesmo me custou muito dinheiro, que dei por muito bem empregado, porque ao menos já pude variar de camisa, e consolar o corpo.

Muitos e muitos dias se passaram sem que viesse resposta do Imperador, mas chegou emfim, e era ella, segundo se espalhou, que Massena seguisse o conselho de

Digitized by Google

Ney, passasse para o outro lado do Tejo, se aproximasse de Soult, que vinha sobre Badajoz, como realmente veio. Porém já era tarde para o seguir; o rio tinha crescido muito, do outro lado haviam forças consideraveis nossas, e era preciso tomar outra resolução. Entretanto que houve a demora da resposta de França, tambem nós tomámos a nossa resolução, arriscada sim, mas que cumpria executar, custasse o que custasse, fechando-se os olhos a todos os perigos que nella havia. Tratou-se de fugir; ou todos, ou alguns. Feitas todas as ponderações, resolvemos, que meu irmão e meu primo fossem só os fugitivos, porque a fugida de dois seria mais facil, por serem não só mais fortes, mas porque ambos eram casados, e faziam mais falta do que eu e o outro nosso companheiro *Saraiva*. Este, além de velho, não tinha saude para tentar tão laboriosa e arriscada empresa, e eu tambem bastante debilitado, e com um pé muito ferido pelas marchas que haviamos feito a pé, não me queria arriscar a ficar abandonado no meio do caminho. E outra razão mui poderosa me fazia receiar aquella tentativa. Supponhamos que me sahia bem della, não me expunha a cahir nas mãos dos algozes do Rocio, que me não tinham podido agarrar para me metter a bordo da fragata Amasona, e dar comigo nas Ilhas, ou onde quer que fosse? Resolvi, portanto não fugir; entreguei-me ao meu destino. Communicámos esta nossa resolução ao Marquez de Alorna que a approvou, e muito desejou que fosse feliz; porém ao mesmo tempo nos ponderou o risco que corriam os fugitivos, se fossem apanhados, pois que Massena não era homem que deixasse de os mandar fusilar. Offereceo-nos o dinheiro de que precisassemos; o que não acceitámos; e declarou-nos, que podiam continuar a contar com a sua protecção os que ficassem. Executou-se finalmente a fugida dos meus dois companheiros, que depois de muitos trabalhos e difficuldades conseguiram tornar a abraçar as nossas familias.

Massena, uma vez que já não podia executar as ordens

Digitized by Google

de Napoleão, cuidou em retirar-se das linhas, e tomar novas posições, para nellas esperar o resultado do tempo, que é o melhor conselheiro de todos os negocios. As posições que tomou, foram — Santarem, Pernes, e Thomar, com o seu quartel general em Torres-novas. Na primeira ficou a divisão Reignier, na segunda a de Junot, e na terceira a de Ney. Nós acompanhavamos sempre o quartel general; assim tanto eu como o meu companheiro *Saraiva* nos vimos rodeados de dois *Gens d'armes*, e nos disseram que nos apromptassemos para marchar. Até alli eram quatro os nossos guardas, porém como já faltavam dois refens, ficámos reduzidos a dois. O meu pobre companheiro achava-se a esse tempo em um deploravel estado de saude, e muito custou a conduzi-lo até Santarem, o nosso primeiro descanço de marcha, onde tambem já estava o grande quartel general. Alli chegámos com effeito sem que soffressemos mais do que o incommodo inseparavel do caminho. O velho, e cada vez mais doente, *Saraiva*, depois de poucos dias de lá estar, morreo; e para elle se acabaram os trabalhos, que para mim estavam destinados. Apesar de ser eu o unico refem, que restava, conservaram-me sempre as duas sentinellas, honra, que Massena sempre me conservou.

Em Santarem vi o que era a disciplina militar franceza. Na retirada de Alemquer houve uma familia das visinhanças, que por medo de ser maltratada, ou pelo quer que fosse, quiz acompanhar os francezes, e pedio que se lhe désse uma guarda. Deram-lhe dois dragões para a acompanhar; mas um delles violou violentamente uma Senhora daquella familia. Assim ultrajada, mal chegou a Santarem, queixou-se do insulto que tinha recebido de um dos homens destinados para a proteger, e Massena assim que soube deste acto brutal, mandou que immediatamente se fizesse o processo verbal ao criminoso; o qual, convencido do seu crime, foi tambem immediatamente mandado fusilar. Consta-me que havendo alguem que pedisse moderação de pena para o monstro, conven-

Digitized by Google

cido do crime, respondèra: — *Fusilem-no, e depois que requeira.* Com este rigor de disciplina podia Napoleão, se fosse mais prudente, levar seus soldados á conquista do mundo.

Tambem vi em Santarem um projectil, de que já tinha noticia, porém cuja fórma ignorava: foi um foguete de *congreve.* O exercito combinado quiz festejar a entrada de Massena em Santarem, e como assim amanheceo um dia com um diluvio de fogo que se lançava contra a villa. Eu, e os meus do's *Gens d'armes* tinhamos um quartel muito decente, isto é, uma Capella, não sei de que Santo; mas sempre era bom, porque diz o ditado — *chega-te aos bons, e serás um delles.* Estava situada esta Capella no alto de Santarem, onde creio chamavam o castello, e deitava ella para uma rua além da qual havia uma quinta, ou quintal murado. Estavamos nós á porta, olhando para o ar e ouvindo os assobios bem pouco agradaveis das bombas, e mais arteficios de fogo que cruzavam os ares. Então reparei eu que na quinta ou quintal fronteiro tinha cahido alguma cousa que não era bomba, porque se cravára na terra sem explosão. Disse a um dos *Gens d'armes* que fosse ver o que era, pois me parecia ser algum foguete. Elle assim o fez, e muito lhe custou a desenterra-lo. Era, com effeito, um foguete de *congreve* que tinha a mesma figura, e era construido como um dos nossos foguetes de festa de arraial. Tinha um comprido e largo canudo ou tubo de ferro, e junto delle um longo rabo de páo, que se via estar unido ao tubo, o qual longo rabo tinha na ponta, que se unia ao tubo, um forte e agudo espigão, para se cravar no objecto sobre que cahisse, e nelle ficar agarrado. Foi isto uma grande novidade para os meus guardas, que logo foram mostrar a Massena aquella maravilha, que nunca tinham visto; e constou-me andára em procissão por todos os quarteis dos soldados, para que tambem vissem o novo inimigo que os inglezes lhe apresentavam.

Em Santarem havia bastante gente, e até havia que

comprar. Eu que sempre conservava o meu dinheiro, e me via tão mal enroupado, quiz augmentar a minha mesquinha guarda-roupa, que tão necessaria me era na estação em que estavamos, por ser já fim de Dezembro, ou principios de Janeiro de **1811**. Comprei uma pouca de saragoça para mandar fazer um gabão, ou albernoz, á maneira do que trajam os nossos camponezes, e logo encontrei quem m'o fizesse. Dizia-se, que alli nos demorariamos alguns dias, porém não aconteceo assim. O que separava ambos os exercitos era a ponte da Asseca, cujas cabeças da mesma ponte estavam occupadas por elles cada um de seu lado. O exercito combinado, ou quizesse fazer um simples reconhecimento das forças inimigas, ou tentasse realisar um ataque serio, poz-se em movimento, e deo principio a um combate; e isto causou logo um grande alvoroço na villa. Todos os que não eram combatentes tiveram logo ordem para sahir de lá, e como eu era desse numero, e os meus guardas, deram-me esses logo parte de que era preciso immediatamente partir. Isto acontecia já tarde, e tendo felizmente encontrado o meu alfaiate pude sahir com a minha nova bagagem, ainda que não de todo acabada.

Fomos dormir, tomando o caminho de Pernes a pouca distancia; e achei um dos mais bellos e commodos quarteis que tinha até alli encontrado. Foi um casal de lavrador, que parecia abastado, e que tinha fugido á pressa, porque em uma boa adéga deixou ainda uma ou duas pipas cheias de vinho, o que foi um alegrão para os soldados que iam passando, assim como para nós que alli pernoitámos. Havia tambem um grande palheiro, cheio de palha de trigo, limpa e fresca, e nella tive uma cama regalada. O ataque dado a Santarem não teve resultado, e os dois exercitos permaneceram alli nas suas posições até a final retirada dos francezes. Eu e os meus guardas seguimos no outro dia o nosso caminho para Torres-novas, para onde tinha tambem marchado o grande quartel general de Massena. Este, não sei porque amores que ti-

Digitized by Google

nha comigo, sempre me queria ao pé de si. Fomos dormir não me lembra em que logar, porém muito bem me recordo de um caso que alli me aconteceo, e do qual nunca me esquecerei. Na manhã do dia seguinte os meus bons guardas, porque devo ingenuamente confessar, que sempre os encontrei beneficentes, mui civís e affaveis, tendo feito a sua sôpa de almoço, convidaram-me para della partecipar. Em quanto comiamos, um delles entrou particularmente comigo em conversação, perguntando-me diversas cousas ácerca de Portugal. Entre ellas, não sei á que proposito, me fallou em *maçonaria;* então por um pouco fiquei pensativo, e indeciso se me daria a conhecer como tal. Mas como em taes alturas a todos os recursos deitam mão os desgraçados, resolvi-me, e dei-me a conhecer!... Eis-que em um momento o meu bom *Gens d'armes* vem a mim, abraça-me, e voltando-se para o seu companheiro, diz-lhe: — *Este homem é meu amigo! não vos dê o mais pequeno cuidado!* eu respondo por elle!... A ouvir isto, estive para exclamar como o bom Bernardin de St. Pierre, — que religião santa é esta! que instituição milagrosa! que de dois inimigos os torna em um momento amigos!... Então tambem confesso, que muito mais persuadido fiquei da utilidade de tão prodigiosa sociedade; e quão mal avaliada era pelos hypocritas, que tanto a tem procurado desacreditar! Sim quando á ella pertence um homem de bem, este é um anjo, que Deos manda ao mundo para valer na desgraça! Este é o nosso verdadeiro proximo; é aquelle, de quem Christo citou o exemplo, o qual curou e levou para sua casa o desgraçado, que encontrou ferido na estrada publica, e a quem o sacerdote, e o doutor da lei deixavam deitado no meio do caminho, sem se quer olhar para elle!...

O meu novo amigo parecia nada ter com que me podesse moderar o desamparo em que me via; dalli até Torres-novas poz-se a pé, e fez-me ir sempre a cavallo; mas apesar disto, eu cheguei alli em um estado, verdadeiramente deploravel. A não ser a caridade deste ho-

Digitized by Google

mem eu teria ficado moribundo no caminho. Quando chegámos a Torres-novas era já noite fechada, e os meus guardas apenas poderam descobrir uma cavalhariça onde recolheram os seus cavallos, e nós, todos ficámos. Deitámo-nos sobre alguma palha limpa que se pôde arranjar, e eu embrulhado em a minha nova capa, ainda mal acabada, passei uma noite cruel com uma febre ardentissima. Na manhã seguinte apenas me podia pôr em pé, e então o meu novo amigo foi ver se na casa a que pertencia a cavalhariça em que estavamos, havia algum quarto em que podesse ficar. Estava ella cheia de soldados de todas as nações, franceza, italiana, e hespanhola, e apenas habitada por um pobre velho em companhia de uma rapariga, que cuidava delle. O meu protector fez despejar um quarto que lhe pareceu mais commodo para mim, e onde havia um máo enxergão com um máo cobertor, e depois levando-me pelo braço me foi nella deitar. Neste leito de dor, d'onde por muitas vezes me persuadi não me tornaria a levantar, estive mais de um mez, sem lençoes, e só com a cobertura que alli achei, reforçada pelo meu albernoz de saragoça. Sem medico, sem remedios, e apenas com algumas limonadas de laranja e limão, em quanto as pude obter, venci uma febre violentissima, um abatimento extremo, e o desamparo de todos os soccorros da medicina. A natureza venceo, porque tinha de vencer, ou porque a meus destinos, ou quer que seja, ainda faltava muito que cumprir.

Os *Gens d'armes*, que sempre me tinham acompanhado, mudavam-se todos os mezes, e em consequencia disto o meu novo amigo me deixou, não o tornei mais a ver, e achei-me guardado por outros. Eu começava já a fazer projectos de fugida, caso, que Massena não me permittisse ausentar-me; e por isso assentei comigo nunca mais me tornar a dar por conhecido a nenhum *Gens d'armes*, para não o atraiçoar, quando podesse realisar a minha fugida; e assim ó executei.

Na falta do protector, que tinha perdido, a minha boa

Digitized by Google

fortuna me deparou outro, um homem raro, que sem me conhecer, e só por sympathia, ou por espirito de humanidade me prestou os melhores serviços, nunca desamparou o meu leito de dor, e sempre me animou, e consolou. E este homem raro era o venerando velho Pedro Duprat, cujo filho Sebastião Duprat ainda hoje vive em Lisboa, e tem uma filha casada com o meu especial amigo, o honrado negociante Antonio Joaquim de Oliveira. Tinha-me eu já encontrado com elle em alguma parte, e logo que me vio, e soube a figura que representava no exercito francez, tomou grande interesse por mim, e me offereceo seus bons serviços. Perdi-o de vista por muito tempo, e a final estando já em Torres-novas quando eu alli cheguei, perguntou por mim, e como soubesse onde estava, foi immediatamente procurar-me. Era uma dessas affeições, que senão explicam, e que por falta de outro nome se chamam *sympathias*. Achando-me em um estado o mais deploravel, e desamparado, por assim dizer, de todo o mundo, disse-me, que queria ser o meu enfermeiro, e que ía já dar parte ao Marquez de Alorna da triste situação em que me via. Este generoso fidalgo, e tão mal avaliado por seus inimigos, tomou logo todo o interesse por mim, pedio a Duprat que me não desamparasse, o que não era já preciso, e deo ordem para que de sua casa se me ministrasse tudo o que alli houvesse, e me fosse necessario.

Na casa em que eu estava, occupada como já disse, por muitos soldados de diversas nações, e que faziam um barulho horrivel, vivia tambem um velho com uma creada, ainda muito moça, os quaes soffriam grandes incommodos com os seus hospedes; nunca podiam estar socegados nos estreitos aposentos que occupavam, e só por uma grande felicidade o meu era como sagrado, e nenhum soldado alli ousava entrar. Eram ordens terminantes, que tinham recebido dos meus guardas; e pelo menos gosava eu deste privilegio, que tão necessario me era no perigoso estado em que me achava. Só de vez em

Digitized by Google

quando me vinha ver o velho, não só porque tambem se compadecia de mim, mas para fugir muitas vezes dos disturbios dos soldados. Quem mais vezes vinha ter comigo para se livrar dos ataques da soldadesca, aos quaes não dava ouvidos, era a pobre e innocente rapariga, que sempre compadecida de mim, me pedia licença para sentarse sobre a minha cama para me aquecer, porque eu ora ardia em febre ora tiritava com frio. É bem de ver como eu lhe agradecia esta bondade de coração, e com que boa vontade lhe acceitava os bons desejos que tinha em dar algum allivio a meus males!

Entretanto o meu bom anjo da guarda, o meu incomparavel enfermeiro *Duprat*, não largava o meu travesseiro; e a quasi todas as horas do dia o via ao pé de mim, ora para me dar algumas gotas de caldo, que vinha da casa do Marquez, ora para me dar alguma limonada em quanto a pôde haver. Creio que tambem se chegou a obter uma pequena porção de quina, unico remedio, que eu tomei só por instincto, e sem conselho de medico. Eu era naquella occasião a imagem do naufragante, que se agarra a tudo para escapar.

Confesso que cheguei a ponto de pensar que a minha morte estava proxima, porque depois de uma grande febre vinha um suor frigidissimo, que me deixava em uma prostração completa, e quasi inanimado. Em um desses momentos em que me parecia ouvir soar a minha ultima hora, e que eu já esperava resignado, appareceo-me o meu bom anjo *Duprat*, que me disse: — aqui lhe trago um presente que lhe mandam os seus amigos... E quem são elles? lhe perguntei eu? Não sei... é um pouco de dinheiro para comprar o que se podér achar; acceite-o, e cale-se!... Eu que conservava ainda aquella porção de dinheiro de que já fallei, e a tinha debaixo da minha cabeceira respondi-lhe: — não tenho precisão desse presente; entregue-o a quem lho deo, com os meus agradecimentos, porque o estado em que estou, me faz ver que a minha vida está por um fio. E agora, meu bom

Digitized by Google

amigo, lhe vou revelar um segredo; e tirando debaixo da cabeceira o dinheiro, mostrei-lho, accrescentando: — Agora vê, que de nada preciso; e estimo ter esta occasião para lho entregar, e pedir-lhe, que se sirva delle depois da minha morte, que não póde estar longe. E que me responderia então este respeitavel ancião, o modelo das mais raras virtudes? — Que me diz! nem a mim me devia dizer, que tem dinheiro! não sabe o que todos por ahi andam famintos delle, pois que ha muitos mezes que não tem havido pagamento, porque a caixa militar, que ficou em Cidade Rodrigo, não tem podido passar para cá? Cale-se, cale-se; porque se suspeitarem que tem dinheiro, haverá quem seja capaz de o vir aqui assassinar. Guarde tanto um como outro, para o que lhe póde ainda acontecer; porque lhe affirmo, que ainda não ha de morrer desta. Eu fiquei pasmado de tal lhe ouvir, e desta vez ainda me consolei de ver, que nesta nossa desgraçada humanidade havia, ao menos, um ente verdadeiramente virtuoso...

O caso foi, que depois de mais de trinta dias de uma perigosissima doença, eu melhorei; a natureza, venceo, e puz-me em estado de sahir da cama. Eu estava falto de tudo no que toca a vestido, e então o meu incomparavel amigo Duprat disse-me: é preciso comprar algum fato, porque aqui ainda ha cousas que se possam comprar daquellas que mais precisa; porém advirto-lhe: — que diga a todo o mundo que sou eu quem lhe empresto o dinheiro para as comprar, e fiquemos nisto, se quer que seja sempre seu amigo... Eu estive por tudo o que elle quiz, porque não era possivel resistir a uma virtude tão rara.

O generoso Marquez de Alorna, igualmente meu verdadeiro amigo, tanto que soube das minhas melhoras, mandou-me dizer, que a primeira vez que sahisse do meu aposento, havia de ser em direitura para o seu quartel; e que queria que lhe partecipasse em que dia me acharia já com forças para o fazer. Destinado este dia, mandou-me uma sege para me conduzir, e chegando a sua

Digitized by Google

casa o achei rodeado de todo o seu Estado-maior, de outros muitos portuguezes, e alguns officiaes francezes. Não tenho palavras para explicar a festa que elle, e todos me fizeram; parecia que eu era o homem mais importante que conheciam, e era um velho amigo de muitos annos: na realidade tamanhas e tão sinceras demonstrações de amisade e interesse confundiram-me, e me deram uma consolação, que só na desgraça se póde bem avaliar. Passada esta primeira effusão de testemunhos de respeito e amisade com que fui recebido e tratado, voltando-se então o Marquez para toda a companhia, disse: — meus Senhores! todos hoje aqui jantam comigo, e todos aqui hão de passar tambem a noite comigo: quero que festejemos o restabelecimento do nosso compatriota, e meu amigo o Senhor D. José! tal era o nome com que por lá sempre fui conhecido; e espero que ninguem deixe de me fazer a vontade. Com effeito, ninguem faltou; houve um bello jantar; e á noite todos dançaram, cantaram, e cada um quiz com as prendas que tinha tornar verdadeiramente festiva aquella boa companhia. Foi um triunfo de amisade e sympathia, que mais me tem consolado na vida!

Depois do meu restabelecimento o meu verdadeiro quartel era o do Marquez, alli estava com elle quasi todo o dia, e me communicava todos os seus pensamentos e idéas, como se eu fosse um seu amigo da infancia. Muitas vezes me dizia: — não me querem em Portugal, por isso até chegaram á infâmia de prometter doze mil cruzados para quem me prendesse ou matasse; mas se algum dia voltar a Lisboa, póde dizer bem alto a toda a gente, que eu na invasão de Junot me fui offerecer aos homens, que hoje pedem a minha morte, para excitar, e commandar a revolta em Alémtejo, para a qual tinha grandes meios nesse tempo; e que resposta me deram? *Que estivesse quieto, e cumprisse as ordens que D. João VI tinha deixado.* Eis-aqui os homens, que hoje se declaram por meus assassinos!...

Mas na casa do Marquez, depois daquelle dia de gran-

Digitized by Google

de festa, entrou logo, por assim dizer, a fome e a miseria. Todos os generaes, e commandantes de corpos não só viviam em grande abundancia, mas até tinham luxo nas suas mezas, e quem lhas enchia eram os soldados que commandavam, e que, indo roubar quanto encontravam a muitas legoas de distancia, repartiam com elles o que melhor encontravam nas suas excursões. Pelo contrario, o Marquez havia declarado em uma ordem do dia que qualquer individuo dos seus subordinados, que roubasse, ou tirasse por força a mais pequena cousa, seria expulso do seu quartel como ladrão. Se houvesse dinheiro, comprassem o que fosse preciso, porém senão o houvesse se contentassem com que a Providencia lhes deparasse. O que valia era que todos os generaes, de quem era muito respeitado, lhe mandavam de vez em quando algumas rezes das que seus soldados agarravam; e com este soccorro acontecia não ser a fome completa. Para honra do Marquez ainda direi, que só nelle é que se via uma farda e um laço portuguez! Por mais diligencias que tinham feito nunca haviam conseguido que pozesse de parte as honrosas insignias de portuguez!

Alli em sua casa tomei conhecimento com alguns portuguezes da mais alta jerarchia, como foi o Marquez de Loulé, pae do honrado Marquez deste nome que hoje existe; e do celebre Conde de S. Miguel, a quem tornei a encontrar em Londres, e de quem ainda fallarei, porque naquella cidade commetteo um crime infame, que podia terrivelmente compromettêr um dos melhores amigos. Tambem no mesmo tempo lá encontrei, entre muitos portuguezes, dois que, apesar de estarem então condemnados á morte, figuraram depois em Portugal em postos de grande consideração; um delles foi o Coronel João Freire Salazar, que morreo Brigadeiro ou Marechal de Campo, e o outro foi o insigne Candido José Xavier, que ainda subio mais alto, e de quem já fallei.

Não posso deixar de mencionar outro homem notavel que alli encontrei, e que descendente da mais alta fidal-

Digitized by Google

guia da nossa terra, era um tristissimo exemplo da degradação a que póde chegar a especie humana, decahida do explendor da grandeza, e mergulhada no lodaçal da miseria e despreso. Foi D. Luiz de Ataide, filho e neto dessas familias desgraçadas, a quem o inexoravel grande Marquez de Pombal sacrificou sobre o horroroso altar do poder absoluto; e de quem até pertendeo riscar os nomes de sobre a superficie da terra! Era filho do Conde de Atouguia, e neto do Marquez de Tavora. Em verdade, era digno de ser observado por quem podesse bem avaliar o que são, e podem ser os destinos do animal chamado homem! Quem o via, e não sabia quem era, só o podia ter por um baixo e sordido moço de cavalhariça. Na sua figura e seu traje trazia todas as insignias das maldições humanas; e nas suas palavras não havia senão rancor e odio; e esse rancor e odio tão profundos e inveterados, quantos eram os annos desde que póde conhecer as suas miserias. A quem lhe fallasse na Casa de Bragança, respondia com rugidos de leão; parecia, que lhe saltavam os olhos pela cara fóra, estimulados pela raiva, e só socegava depois que desafogava o coração ulcerado com imprecações horriveis. Para elle só Napoleão era o rei legitimo de Portugal, e tal era a affeição que lhe tinha, que havendo, não sei porque artes, ganhado uma grande porção de dinheiro, a foi entregar a Massena, assim que entrou em Portugal. Este lha acceitou, e agradeceo, declarando-lhe ao mesmo tempo, que ella lhe seria restituida em Paris, se para lá fosse. Consta-me, que alli com effeito a recebêra, e depois tambem alli casára. Mas como casou! constou-me tambem que alli vascolejára as ultimas fezes da sociedade para encontrar uma mulher que fosse digna delle, e que a achára! Reduzido na sua terra á infima sorte de um *Pária da India*, quiz no seu mesmo aviltamento ver se podia tambem aviltar, como elle dizia, algumas gotas de sangue que lhe circulassem no corpo, e fossem dessas que animavam a Familia Real Portugueza!

Digitized by Google

Estavamos no fim de Fevereiro, e já se começava a fallar em retirada, porque estavam exhaustos todos os viveres, as doenças cresciam no exercito, e só se esperava que um novo reforço entrasse em Portugal, e limpasse a estrada para uma mais segura retirada. Já uma pequena divisão havia tentado penetrar no reino, mas fôra repellida, e voltára para traz: agora esperavam-se forças maiores. No emtanto eu ía passando menos mal, sempre protegido pelo meu amigo Duprat, que sempre repartia comigo qualquer cousa que tinha, porque bem sabía que da casa do Marquez sempre se sahia com fome. Aconteceo-me então neste intervallo um caso que é digno de ser aqui mencionado. Tinha eu já encontrado um Mr. *Saugé*, que tinha vindo com Junot a Portugal, e estava em Coimbra como commissario de viveres, e agora exercia o mesmo emprego na divisão do mesmo Junot, que occupava a posição de Pernes. Este bom francez, sempre agradecido aos bons serviços que naquella cidade lhe tinha feito meu primo Joaquim Freire de Macedo, livrando-o da morte na expulsão dos francezes, e fazendo com que sua mulher se retirasse para o Porto, e alli fosse recolhida pelo nosso honrado amigo José Ferreira Pinto Bastos, pae da actual benemerita familia tão honrada como elle; tanto que me tornou a encontrar em Torres-novas, disse-me: — até aqui não tenho podido pagar parte da grande divida em que estou com a vossa familia, mas já que tenho a fortuna de ainda aqui vos ver, sereis vós que a haveis de receber. Eu pertenço á divisão do General Junot, que está em Pernes, e tenho alli todas as commodidades da vida, que agora se podem ter; sei que tendes soffrido muito, e ainda soffreis; haveis de ir comigo para Pernes, onde terei comida em abundancia, e um bom cavallo para andar. Póde-se bem conjecturar a alegria que tive com este offerecimento, mas para que elle se podesse realisar, era necessario o consentimento de Massena, que me queria sempre ter, não sei porque, a seu lado, e me trazia guardado por dois *Gens d'armes*,

Digitized by Google

que se me revesavam todos os mezes. Expuz-lhe esta difficuldade, e no mesmo tempo me respondeo : — tudo isso não val nada ; porque já daqui vou fallar ao principe, que era por esse nome que Massena era geralmente tratado, e lhe digo, que fico por vosso fiador ! Se quizer que ainda alli sejaes guardado como até aqui, dir-lhe-hei, que tambem póde mandar os *Gens d'armes*, porque tambem nos servirão de companhia no que possa acontecer.

O meu bom Saugé foi immediatamente fallar com Massena, e a resposta que teve foi *um não!* Voltou magoado a dar-me esta resposta, e eu não o fiquei menos. Despedindo-se, ainda me quiz dar outras provas da sincera vontade que tinha de me valer, mas não acceitei os seus novos offerecimentos, porque os não necessitava. Não tornei a ver este novo e generoso amigo, e não sei qual fosse o seu destino. Estando mais tarde em París fiz todas as diligencias na Secretaria da Guerra para ver se lá havia noticia de um empregado daquelle nome ; nenhumas pude alcançar.

Os variados acontecimentos da minha vida tinham-me feito um pouco *fatalista*, e reflectindo sobre o que me acabava de acontecer, disse comigo : — Este *não* de Massena vai provavelmente decidir dos meus destinos futuros. Se eu acompanhasse o meu amigo, havia de ir com elle infallivelmente para Hespanha, porque nunca havia de faltar á minha palavra, succedesse o que succedesse ; e quem sabe se alli seria morto por uma guerrilha ? E se d'alli fosse depois para França, qual seria tambem a minha sorte ?.... Entreguei-me portanto ao que désse, e viesse, como vulgarmente se diz ; e o futuro me mostrou, que o *não* de Massena, apesar dos muitos incommodos, que ainda tinha que passar, fez a minha fortuna futura ; em vez do tecto de um claustro que eu não podia supportar, deo-me um mundo todo para viver ; e em uma palavra, me fez *homem !*...

A época da retirada do exercito invasor aproximava-se ; a todos os momentos se esperava uma força respei-

Digitized by Google

tavel, que a auxiliasse; e Massena, que já isto sabía, tinha mandado retirar a artilharia mais grossa, annunciando ao mesmo tempo, que para França ía partir um comboi, e que quem quizesse se podia delle aproveitar. E dava estas ordens quando sabía, que estava a entrar em Portugal essa força respeitavel, que o vinha reforçar. Ella, com effeito chegou, commandada pelo General *Drouet*, * que foi tomar posição em Leiria, e segundo se dizia, constava de dez a doze mil homens.

Um dia de madrugada, era isto pouco mais ou menos no meado de Março de 1811, annunciou-se emfim, que o exercito já estava em retirada, e que se dirigia todo a Thomar, para onde ía tambem partir o grande Estado-maior. Eu, em consequencia desta noticia, tive tambem ordem para partir com os meus dois guardas, e tomar a mesma direcção. Foi, em verdade, mui habilmente calculada e dirigida esta retirada, porque desta vez o velho Massena enganou, e illudio por muitos dias Lord Wellinghton. A divisão Reignier que occupava Santarem, poz-se em marcha muito de madrugada, sem que os nossos o presentissem; e para mais tempo a ignorarem, deixaram os francezes muitas barretinas postas em páos, de maneira que ao amanhecer parecessem que eram às cabeças das sentinellas dos postos avançados. Tanto que o dia aclarou, conheceo logo Lord Wellinghton, que os francezes se tinham retirado; mas não sabía que caminho haviam tomado. Pelas informações que lhe deram na villa, e que é provavel fossem as que os francezes tinham deixado, para melhor o enganar, soube que estes haviam recebido ordem de marchar para Thomar. Lord Wellinghton, disto persuadido, fez immediatamente marchar o seu exercito para lá. Qual foi porém a sua admiração, quan-

* Por algumas informações tenho para mim, que este General era o mesmo Drouet, que sendo Ajudante do General La Fayette, prendêra em Varennes Luiz XVI, alli reconhecido pelo adminstrador das postas daquella cidade. E foi elle com Billot, um dos heroes da tomada da Bastilha, que o conduzio, e escoltou para París.

Digitized by Google

do chegando alli, não encontrou um só francez, e lhe disseram que apenas alli chegavam tinham ordem de voltar para a esquerda, e que o mesmo já tinha praticado a divisão de Ney! Ficou como pasmado, e segundo então me disseram, esteve por algum tempo receioso de que Ney, fortificado com a divisão Drouet, o quizesse colher pela retaguarda, e tentasse ir metter-se nas linhas fazendo a vanguarda desta manobra. Parou alli por algumas horas, e logo soube que Massena, sem tomar uma marcha decisiva, andava manobrando de um lado para o outro entre a estrada velha e estrada nova. Massena parecia hesitar com estas marchas indecisas, porém o velho General não hesitava... continuava a enganar o credulo Wellinghton; porque executava uma grande operação. Como depois se vio, o seu plano era retirar-se pela ponte da Murcela, mas era-lhe necessario tomar esta posição importante sem que o General inglez o percebesse. Como já dissemos, a divisão Drouet estava postada em Leiria, e era preciso, que passasse imperceptivel por entre as outras divisões, e fosse tomar a ponte. Era isto o que queria Massena, e o conseguio; porque em quanto parecia andar brincando com marchas, e contra-marchas entre as duas estradas, a divisão Drouet atravessava, sem dar suspeita alguma, por entre toda a outra tropa, que parecia se andava só a divertir, e dar-se em espectaculo ao exercito inimigo.

Logo que Drouet esteve fóra da linha franceza, e estava já em marcha para a ponte da Murcela, o matreiro e velho *Massena* rasgou parte do veo com que encobria as suas manobras, e tomou uma decisão, que parecia positiva, e com a qual continuou a enganar completamente Lord Wellinghton. Lançou-se denodadamente sobre Pombal, como quem ía marchar sobre Coimbra, e lá foi que pela primeira vez os dois exercitos se tocaram depois de seis ou sete dias de marchas! onde tambem houve uma escaramuça um pouco quente. Tambem nessa occasião me disseram, que Massena ahi quizera dar uma batalha,

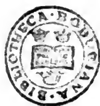
Digitized by Google

mas que o não fizera, porque os seus tres Generaes, e com especialidade Ney, não lho tinham approvado.

Em quanto tudo isto se passava, tinha eu sahido de Torres-novas com os meus dois *Gens d'armes* com direcção a Thomar, porém soubemos no caminho, que já não era preciso lá ir, porque Massena, de quem eu era satellite, que girava sempre em torno delle, tambem já tinha tomado outra direcção. Fomos ficar nesse dia a um sitio, entre a estrada nova e velha, chamado os *Brancos*, e alli me aconteceram dois casos, que quero contar, porque apesar de nenhum valor, foram significativos do que soffri naquelles tempos da minha alta dignidade de um dos refens da illustre cidade de Coimbra. Alli tambem pernoitava o Marquez de Alorna, que podéra ainda achar uma casa para se abrigar. Segundo o costume, fui para lá á noite, e nella encontrei os portuguezes que habitualmente a frequentavam. Chegou a hora da chamada cêa, e apenas sobre a meza se poz um grande prato de carne guisada, vi de repente todos os meus companheiros saltar a um tempo sobre elle, e cada um agarrar com a mão o que pôde alcançar! Eu como mais tímido e irresoluto, e sendo o ultimo dos que poderam assaltar o prato, apenas fiquei com um osso, que chupei, e me servio de cêa. Tal era o estado em que todos os commensaes da casa do Marquez constantemente andavamos! A cama não foi melhor, porque os meus guardas não tinham podido achar casa. Felizmente, a noite, bem que um pouco fria, porque era noite de Março, estava serena e limpa. Os meus *Gens d'armes*, sempre prudentes, e alguns outros francezes, que alli estavam, cortaram uma oliveira, fizeram uma magnifica fogueira, e cada um de nós, embrulhado na roupa que tinha, e com os pés voltados para o fogo passámos uma das mais bellas noites, que se podem passar ao sereno no mez de Março, e com a barriga vasia!...

A noite seguinte foi ainda peior, porque sem acharmos cama, e estando a chover muito, nem sequer podé-

Digitized by Google



mos ter uma oliveira para nos aquecer, e cozermos alguma cousa para comer. Apenas alli havia alguns pinheiros, cuja madeira verde e molhada não arde, e só faz fumo, os quaes de nada nos serviram, e nos fizeram passar uma noite bem cruel. Eu, embrulhado no meu albernoz de saragoça, que nunca largava, encostei-me sobre a rama de um pinheiro que se tinha cortado, e nesta postura passei a noite, e dormi, apesar de todo molhado, e sem nada ter comido. E nem sequer tive o que se chama uma constipação, ainda mui fraco depois de uma grande doença; e em mim se cumprio á risca o ditado, que Deos dá sempre o frio conforme a roupa.

Depois destas duas bem tristes noites, tive uma muito boa em Pombal, porque tive casa em que me abrigasse, e alguma comida menos má, que os meus guardas arranjaram, e sempre comigo generosamente repartiam. Era, em verdade, composta esta milicia de bem boa gente! assim o fosse a nossa guarda de policia, chamada municipal, que o mais que sabe é dar coronhadas, e baionetadas no pobre povo que lhe paga! Como são bons os portuguezes!...

Chegámos emfim á entrada de Condeixa, e fiquei admirado de ver a tropa franceza, que para alli tambem caminhava. Em todos os soldados se via bello garbo; pareciam todos nedios e gordos, e geralmente bem fardados, só com a differença, que no mesmo regimento se viam fardas de differentes côres, porque cada um a trazia do pano que havia achado ou roubado. Os soldados francezes sempre tiveram muito que comer, porque no circulo de oito ou dez legoas não ficou grão de trigo ou de milho, cabeça de gado grosso ou miudo, que não apanhassem. Se Massena tivesse sido mais prudente, e não tivesse confiado tanto na sua fortuna, mandando fazer armazens, porque entrou na época de uma abundantissima colheita, teria podido conservar-se ainda por muito tempo nas posições, que havia tomado. E talvez então que fosse outra a sorte de Portugal; porque, segundo o

Digitized by Google

que então ouvi dizer, Soult, que se aproximava de Badajoz, e a tomou, tinha ordem de entrar pelo Alémtejo, e vir postar-se nas margens esquerdas do Tejo.

Entrado em Condeixa, onde estivemos dois dias, como me visse perto de Coimbra, e o *não* de Massena me tinha resolvido a fugir na primeira occasião que tivesse, perguntei ao Marquez, se com effeito Massena pretendia por alli retirar-se. Deo-me elle em resposta, que era isso um segredo, que só estava na cabeça do velho, uma das grandes qualidades que tinha; e por isso, apesar de todas as demonstrações que dava de marchar sobre Coimbra, mandando avançar para lá grandes forças de infanteria e cavallaria, ainda era muito duvidoso o caminho que tomaria.

Nesta incerteza esperei que o problema se resolvesse, o que não podia tardar; e indo dar uma volta pela terra, quando menos o pensava, encontrei-me com o meu antigo amigo Manoel de Castro Pereira, que muito admirado ficou de alli me ver. Tinha vindo mais tarde na divisão Drouet, e depois que lhe contei a minha historia, disse-lhe a tenção em que estava de evadir-me, o que ainda não tinha executado, por não saber se iriamos a Coimbra onde era muito facil e menos perigoso executar a minha tentativa. Estava este meu amigo em um magnifico quartel, que era uma cavalhariça, onde tinha por camarada o seu cavallo. E tirava de um alforge algumas bolaxas de farinha de milho, das quaes repartio comigo duas ou tres, que muito bem me souberam, porque nada ainda tinha comido naquelle dia, e não tinha só appetite mas fome, o que muitas vezes já me tinha acontecido. E com effeito, bem posso dizer, que a fome é uma cousa bem desagradavel!... Mas tornando ao que principiava a dizer, revelou-me então o amigo Castro Pereira o segredo que até alli tinha sido ignorado por todos. Disse-me: — não vamos a Coimbra, porque já se sabe a marcha que vai ter o exercito; agora mesmo me chegou um expresso que informa, que a ponte da Murcela já está

occupada por Drouet. Creio que os corpos já estão em movimento, e que o primeiro pouso será Miranda do Corvo; mas não o aconselho que fuja d'alli; faça-o antes de Foz d'Arouce. Este logar fica na margem esquerda do Ceira, a sua casa fica quasi á margem direita deste rio, e então não tem occasião de se enganar na sua marcha. Acceitei-lhe o conselho; despedimo-nos, e nunca mais tornei a ver este meu bom amigo, senão muitos annos depois em Londres na sua volta da fatal campanha da Russia.

Voltei logo a dar parte aos meus guardas desta novidade, que já estava publica, e nos preparámos para partir. Assim o fizemos, e chegámos ainda muito cedo a Miranda do Corvo. Fui fallar ao Marquez com tenção de me despedir delle, e lhe agradecer tantos favores, e tantos sinaes de amisade como os que sempre me fizera. O bom e generoso Marquez respondeo-me que muito louvava a minha resolução, mas que muito temia que não fosse feliz na minha fugida, e que sendo agarrado não fosse mandado espingardear por Massena, porque não era homem de meias medidas. Pedia-me, portanto, que fosse immediatamente fallar com elle, e pedir-lhe licença para me retirar, pois que estando a sahir de Portugal, já eu lhe não era preciso, e provavelmente me concederia licença para me ir embora. Assim o fiz, mas não o encontrei no seu quartel general, onde um dos seus Ajudantes me disse que voltasse outra vez, porque não podia tardar muito. Mas ao retirar-me logo me encontrei com os meus inseparaveis companheiros, que me disseram me dispozesse a partir immediatamente, porque íamos ficar á Foz d'Arouce.

Frustrada assim esta minha ultima tentativa, e não sendo já possivel demorar mais a minha fugida, dei-me por despedido de Sua Alteza o Principe d'Eslingen, Marechal Massena, e resolvi-me firmemente a realisar o meu proposito na manhã seguinte, succedesse o que succedesse. Tambem não pude tornar a ver o meu benefico e hon-

Digitized by Google

radissimo protector Marquez de Alorna, que por complemento da sua má fortuna foi morrer de enfermidade, creio que em Konisberg, na retirada da Russia. Não posso deixar de consagrar aqui duas linhas á memoria deste illustre proscripto; e confesso que nunca, no íntimo trato que tive com elle, encontrei senão honra, generosidade, e bondade de coração: era um desses portuguezes, que honravam a velha fidalguia, de quem a nova nem sempre tem imitado as grandes virtudes. Nas íntimas conversações, que muitos dias tinhamos, porque ás vezes, passavamos dias inteiros conversando sentados ao lado de um máo fogão que havia na casa, me contou este a anecdota seguinte ácerca da sua vida, que não deixa de ter interesse. Era elle o commandante em chefe da nossa tropa que foi mandada ir para França. E achando-se em Hespanha começou a ver que alguns officiaes generaes francezes o não tratavam com a antiga familiaridade; e como disto désse conhecimento a alguns dos seus amigos, alguem lhe disse, que surdamente se começava a espalhar que não era affeiçoado aos francezes, e tinha particulares correspondencias com a Condessa sua irmãa, que então estava em Inglaterra. E accrescentou, que quem era o auctor destes boatos parecia ser o General Pamplona, que sempre baixamente ambicioso, procurava tirar-lhe o commando dos portuguezes, e ser elle quem fosse nomeado para o substituir. O Marquez não fez caso, e começou a viver sempre mui retirado, cuidando só dos negocios, que pertenciam ao seu emprego, e sendo o mais reservado em suas palavras e acções.

Chegado porém a París, vio que aquelles boatos não tinham sido indifferentes; e que contra elle havia não só suspeitas, mas que eram acreditadas; porque sendo todos os portuguezes de distincção convidados para irem comprimentar o Imperador, só elle não tivera esse convite. Não deixou esta circumstancia de lhe dar cuidado, e por isso se até alli tinha medido as suas acções e palavras, muito mais discreto começou a ser em todo o seu

comportamento. Assim se passou algum tempo, quando emfim teve um convite do ministro da policia *Fouché*, para lhe ir fallar. Foi muito bem recebido; e depois das palavras do costume perguntou-lhe o ministro, que qualidade de criados tendes em casa? O Marquez respondeo-lhe, que eram uns portuguezes, e outros francezes. Pois então, replicou-lhe Fouché, recommendo-vos, que vos não fieis muito nos ultimos, porque em geral são espiões de policia. E dizendo-lhe isto pegou em um papel, e mostrando-lho perguntou-lhe: — Conheceis esta lettra?... Era com effeito um caderno, ou uma especie de roteiro da sua viagem em que ía apontando o que achava curioso em Hespanha e na França, mas que não tinha nem a mais pequena allusão aos negocios politicos do tempo; e este papel ou caderno, tinha elle fechado á chave em uma carteira particular, d'onde o criado lho tinha roubado, já se sabe, por ordem da policia. O Marquez declarou, que o papel era com effeito seu, assim como era a sua propria lettra; e a resposta que teve de Fouché foi: — que lhe dava os parabens de estar justificado o seu bom comportamento não só perante elle, ministro da policia, mas perante o Imperador, que muito o respeitava, e estimava, e quanto antes o desejava ver. Por isso lhe pedia, que na primeira audiencia das que Napoleão costumava dar nos dias de manhã ás pessoas que mais familiarmente tratava, não faltasse em o ir cumprimentar. O Marquez assim o fez; foi muito bem recebido pelo Imperador, e d'alli em diante teve entrada franca nas suas audiencias particulares, e foi por elle sempre tratado com a maior distincção.

Chegámos á Foz d'Arouce, onde felizmente os meus guardas tinham ainda achado uma pequena casa para dormirmos. Nella encontrei alguns portuguezes, e entre elles um já conhecido, *Debonis*, natural de Lisboa, e que sendo official de milicias, havia sido prisioneiro em Almeida. Andava tambem guardado á vista, mas por um só *Gend'arme*, porque a honra de ter dois só a mim me

Digitized by Google

coube, talvez pela alta dignidade de refens da illustre cidade de Coimbra. Declarei-lhes a minha definitiva e irrevogavel determinação, e convidei-os a acompanharme. Nenhum delles me quiz seguir; e com esta certeza como já no outro dia começasse a romper a aurora, disse aos meus *Gens d'armes* que fossem promptamente apromptar os seus cavallos para sermos dos primeiros que nos pozessemos em marcha, afim de podermos ver se alcançavamos alguma casa na ponte da Murcela, onde se dizia que ficariamos aquella noite. E isto lhes disse para no emtanto me escapar delles sem que o desconfiassem. Preparei-me para partir; dobrei o meu albernoz á moda de mochila; deitei-o ás costas, e puz a tiracollo um frasquinho cheio de agoa, escondendo na algibeira um pedaço de pão já bem duro, e que depois de muitos dias guardava para me servir de farnel na minha viagem. Feito este preparo, disse a *Debonis:* quando vierem os *Gens d'armes*, diga-lhes, que fui para o quartel do Marquez de Alorna, e que vão lá ter comigo, porque alli os espero. Isto não lhes dava desconfiança, porque sabiam que quasi sempre alli estava quando o podia fazer. Sahi logo pela porta fóra, e mettendo-me por entre a multidão de soldados, que iam passando, comecei a andar para traz em quanto elles marchavam para diante.

Ora por fortuna minha acontecia, que nessa madrugada acabava de chegar Massena com todo o seu Estado-maior, e muitos outros officiaes generaes, o que fazia que naquella pequena terra a confusão fosse grande, e ninguem désse attenção para o que se passava; o que cada um queria era ir marchando, e desembaraçar-se da multidão que o rodeava. Assim não tive muita difficuldade em me ver fóra da tropa que marchava debaixo das armas, mas não era assim dos muitos soldados, que fóra das fileiras, íam carregados dos roubos que tinham feito, e os conduziam em burros, e em quantas cavalgaduras e carros tinham apanhado. Era o seu numero muito grande, e occupava uma larga extensão de terreno. Indo de-

Digitized by Google

pois a París no anno 1819 sube de alguns portuguezes, que foram nessa retirada, que o Marechal Ney destruíra alli toda essa inutil e embaraçosa bagagem, fazendo jarretar as pernas, ou matando todos os miseraveis animaes que a conduziam, até sem poupar o grosso trem que pertencia a Massena, e dizendo, que o que só lhe importava era salvar o exercito, e fossem de quem fossem as bagagens queria que não lhe embaraçassem a marcha. E o que foi mais notavel em toda essa destruição, ao atravessar o rio Ceira nesse sitio, é, que em quanto os que perdiam os seus haveres legitimos ou roubados, faziam grandes clamores e imprecações contra Ney, muitos outros francezes, que mesmo nas maiores calamidades gostam de rir, davam gargalhadas, e diziam: — paciencia! paciencia!... *é a morte dos innocentes!* alludindo aos burros, e cavallos, que ficavam jarretados, ou mortos para não poderem servir ao nosso exercito, que já muito de perto os ía perseguindo.

Restava-me ainda evitar um perigo em que estava, e era, que marchando eu para a retaguarda do exercito, que ía em marcha, podiam suspeitar que ía fugindo, e era desertor. Para o evitar ía sempre perguntando onde havia ficado o quartel general de Ney, dizendo, que eu pertencia ao corpo que elle commandava; e por este modo, depois de muitas horas de marcha, andando ora para a direita, ora para a esquerda, me achei emfim desembaraçado e livre da má companhia em que fôra obrigado a marchar.

Não ouvindo já rumor algum, nem tiros, que íam sempre dando os fugitivos, metti-me dentro de um pequeno pinhal, que não ficava longe de uma povoação muito minha conhecida, que era *Semide*. Peguei no meu bocado de pão duro, comi-o, e bebi o meu frasco d'agoa, o que tudo me soube como um dos manjares mais deliciosos. E depois de ter descançado um bom pedaço, e calculado, que os francezes já me não podiam fazer mal, levantei-me, e fui sahindo do pinhal. Apenas porém já fóra del-

Digitized by Google

le, dei com os olhos em alguns paisanos que mettidos entre umas oliveiras apontavam as suas espingardas para mim. Fallei-lhes, dizendo que era portuguez, vinha fugido dos francezes, e que estes já íam muito longe, e não os temessem por que íam em retirada forçada. Assim mesmo pareciam que ainda se temiam de alguma emboscada, e conservavam as armas sempre encaradas para mim. Como isto visse disse-lhes, se conheciam Luiz Antonio Freire de Carvalho, da Quinta da Tapada, e que eu era seu irmão que fôra levado prisioneiro dos francezes, como elles haviam de ter ouvido dizer. Disse-lhes isto, porque sabía que estando perto de Semíde, onde meu irmão tinha bens, os havia de desenganar, e ficarem certos que não corriam nenhum perigo. Felizmente um destes homens morava em um pequeno logar mui proximo á casa de meu irmão, o qual vendo que eu lhe fallava verdade, veio a mim com os seus companheiros, e todos me abraçaram com muitas demonstrações de respeito e alegria, e me disseram que me queriam acompanhar até casa.

Isto assim fizeram; chegámos ao Senhor da Serra; e d'alli fomos descendo até á margem esquerda do Ceira para passarmos á direita, onde estava a casa de meu irmão. Por todo o caminho me íam ajudando a andar, porque eu estava muito cançado, e repartiram comigo do que tinham para comer, que era broa e laranjas; o que com muito gosto lhes agradeci, e com maior gosto ainda comi. Pelos logares, que passámos todos me queriam ver, e me offereciam o melhor que tinham para comer, o que a muitos acceitei, porque o meu estomago naquella época tudo achava pouco para o satisfazer.

Entrei em casa de meu irmão, que estava occupada por diversas familias, que alli se tinham vindo refugiar, porque elle havia muitos mezes estava ausente, e a tinha deixado entregue a um antigo feitor, homem muito honrado. Este não estava alli naquelle momento, porém estava um antigo commensal da casa, que, vendo-me, me fez todos os carinhos, e me deo todas as demonstrações

Digitized by Google

de alegria por me tornar a ver são e salvo. Mandou immediatamente matar uma gallinha para me dar uma boa cêa, e preparou-me uma cama, a melhor que pôde arranjar, que para mim foi deliciosa, porque havia muitos mezes era cousa que não tinha conhecido.

Ceei, e dormi regaladamente; e alli esperava descançar por muito tempo em quanto meu irmão não voltava; mas não succedeo assim; o meu calice de amargura ainda tinha muito para beber. No dia seguinte em que me suppunha bem descançado, vi-me entre as mãos de dois officiaes de justiça que tinham sido mandados pela auctoridade que governava em Coimbra para me levarem para lá preso. Não havia que resistir, e sem murmurar me entreguei nas suas mãos. Alguem para dar novidades, ou por se dar por zeloso, tinha logo partecipado para Coimbra a minha vinda, e a prisão de um homem, que estivera com os francezes era sempre nessa época justa e patriotica. Quem então governava em Coimbra, ainda quasi deserta, era segundo me parece o General Trant, e levado para lá, nesse mesmo dia fui apresentado a um official inglez que não me lembra se era elle, o qual, ao principio tomou ares de me tratar rudamente. Mas eu, que nunca perdi a serenidade de espirito, e que sempre tive bastante resolução para me não deixar tratar incivilmente, retorqui-lhe, que era preciso, primeiro que tudo, saber quem eu era, e que motivo tivera para ter andado com os francezes dos quaes acabava de fugir. O meu inglez tomou outro ar, ouvio-me, e me fez um bom serviço, que foi, o de impedir, que dois officiaes portuguezes, não sei se de linha ou milicianos, apalpando-me as algibeiras, fossem mettendo nas suas o dinheiro que trazia, e não era bagatella. Elle com um ar severo, lhes ordenou, que m'o entregassem, e retirou-se. Este dinheiro, que tinha escapado aos francezes, e estivera a ponto de cahir nas mãos de alguns baixos officiaes portuguezes, e que ainda, como adiante direi, esteve a cahir em outras mãos por falta minha; pareceo-me sempre, que o destino

Digitized by Google

o trazia ligado á minha fortuna futura, porque me servio para a minha retirada para Inglaterra, e primeiros mezes que alli estive.

Ficando por um pouco só, não me lembra por quem, fui logo conduzido para a cadêa da Universidade. Chegando alli, era já quasi noite, recebeo-me o carcereiro, e me fez entrar em uma casa escura, da qual nunca pude saber a extensão e altura, e só sei que a fechou, e retirou-se. Como estivesse muito fatigado, o meu primeiro movimento foi deitar-me, e não sei se foi sobre ladrilho, ou terra; o que sei é que logo dormi, e bem socegado. Sem saber o tempo que tinha corrido, senti o tinir das chaves, e ouvi a voz do carcereiro, que me disse — venha fallar ao senhor Juiz. Este me tratou não só muito bem, mas desculpou-se de não ser o auctor da minha prisão, porque só obedecia a uma ordem superior; e accrescentou, que bem sabía quem eu era, e porque motivos tinha estado com os francezes. No emtanto podia estar descançado, porque da sua parte faria que fosse o melhor possivel tratado nas circumstancias em que me achava. O que mais sentia era não poder concorrer já para a minha immediata soltura, porque a auctoridade que governava na cidade, acabava de se ausentar, e para longe, e não sabía quando voltaria. Mas que já lhe ía officiar apenas soubesse para onde tinha ído, e mostrar-lhe, que longe de eu merecer uma prisão, era digno de premio, de estimação, e respeito por ter padecido pelo meu paiz, e me ter exposto na minha fugida a um grande perigo. Perguntou-me então onde tinha estado até alli; e respondendo-lhe, que não sabía, porque havia sido em uma casa muito escura, perguntou ao carcereiro, qual ella tinha sido. A resposta deste mui singela, e como de quem tinha bem cumprido o seu officio, foi: — *Esteve no segredo!* O bom magistrado o reprehendeo mui asperamente, e lhe disse, que esse não era o modo de tratar a quem para a cadêa era mandado, uma vez que não havia essa recommendação; e que tal não fizesse para o

Digitized by Google

futuro. O pobre carcereiro assustado, só teve para se desculpar, o dizer-lhe: — *que esse era o costume da casa!...*

Mas quem seria este bom e generoso homem, que então em Coimbra estava servindo de Juiz? Era o pae do puro e leal patriota Leonel Tavares, com quem depois fiz conhecimento, de quem fui sempre amigo, e de quem finalmente lamento a morte, acontecida no dia 2 deste mez de Agosto, em que estou escrevendo estas linhas! Depois de tudo isto recommendou ao carcereiro que destinasse a melhor casa que havia na cadêa para minha habitação, e que antes disso a limpasse, e varresse bem. Com esta recommendação e de que me tratasse sempre bem, e o melhor que podesse, se retirou, dizendo-me, que me viria ver, e que pedisse tudo o de que precisasse, porque me concederia quanto estivesse em seu poder.

Desde esse tempo o carcereiro não poupou modo algum de me agradar, e até me dava licença para ir passear á noite se eu quizesse, o que nunca lhe acceitei. Toda a minha familia, irmãos, e primos se tinham ausentado de Coimbra com receio de que os francezes voltassem alli na retirada, e só não os pôde já acompanhar minha boa tia D. Thereza, porque havia mezes tinha morrido, havendo apenas tido tempo para abraçar seu filho Joaquim Freire de Macedo, e seu sobrinho Bento Freire de Carvalho, que com boa fortuna haviam escapado aos francezes na sua fugida de Alemquer, como já referi. Em Coimbra porém ainda tinha ficado uma de minhas primas D. Joaquina, que havia pouco casára com um lente de medicina da Universidade, chamado Angelo Ferreira Diniz, brasileiro de origem. Estes, como soubessem logo da minha prisão, me mandaram uma cama, e me forneceram toda a comida diaria, em quanto estive preso. Além disto, o feitor da casa de meu irmão mais velho, me mandava todos os dias da quinta da Tapada excellente leite para o meu almoço, e muito boas laranjas. Por esta fórma eu fiquei vivendo o mais commodamente que era possivel, e de certo que nunca houve prisão que

Digitized by Google

agradasse tanto a um preso como a mim. O que eu desejava era descanço, e comida em abundancia, porque o meu appetite parecia insaciavel, e aquillo tinha eu; e por isso me julgava feliz, e não sentia estar preso, porque bem farto de andar já eu estava. Pude tambem obter alguns livros; e quando estava enfastiado de ler e dormir, pedia ao carcereiro, que mandasse vir para me fazerem companhia seus filhos pequenos, que muitas vezes vinham com sua mãe, e com esta boa e innocente sociedade passava alegremente o meu tempo. Os pequenos brincavam e saltavam pela sala, que era espaçosa, e eu me divertia em lhe atirar com laranjas para elles correrem atraz dellas, e cada um se esforçar em as apanhar. Assim passei meus quarenta ou cincoenta dias de reclusão, sem me lembrar o que era estar livre, até que no fim delles o bom magistrado, que tão bom havia sido para mim, me veio partecipar, que emfim acabava de receber resposta aos muitos officios que tinha feito a meu favor, e que eu estava livre, e podia sahir da prisão. Agradeci-lhe, como é bem de suppor, todo o interesse que havia tido para comigo, protestando-lhe, que se por qualquer modo tivesse algum dia a opportunidade de lhe recompensar tantos sinaes de amisade e generosa protecção, de certo com muito gosto o faria. Não a tive para com elle, porém tive-a para com seu filho Leonel, como adiante ainda espero relatar. *

Ao sahir da minha prisão já tinha chegado a Coimbra um dos meus primos Francisco Freire de Macedo, Juiz de Fóra de Castello de Vide, o qual veio longo tempo depois morrer a Lisboa Desembargador da Relação, isto é, nos principios do anno de 1828. Como estava na casa de seus paes, no largo de Sansão, fui viver com elle, á espera da minha e sua familia, e alli passei mui satisfeito alguns mezes, até chegar o tempo de regressar

* Durante a minha prisão me vieram visitar a ella meu irmão Francisco, e meu primo Joaquim chegados do Porto para onde regressaram, porque alli ainda estava a familia, que mais tarde voltou.

Digitized by Google

a' Lisboa, á minha verdadeira casa, e onde conservava sempre a minha Cadeira de professor nas escolas de S. Vicente. Estava porém escripto, e em que livro não sei eu, que nunca voltaria a Lisboa no mesmo estado em que estava, nem com o mesmo habito que vestia. Em uma bella tarde, quando eu menos o imaginava, tive uma visita de um homem de grande importancia, que nada menos era do que o Corregedor de Coimbra. Este depois de me comprimentar, segundo o estilo, disse-me laconicamente que sentia muito annunciar-me, que estava preso á ordem do governo de Lisboa, que nessa qualidade me mandava para o Convento de Santa Cruz, onde devia ficar recluso em carcere privado sem communicação alguma com pessoas externas. Ouvi sem me alterar a ordem que recebia, e respondi-lhe que estava prompto a acompanha-lo.

Despedi-me de meu primo, e em companhia do Corregedor e um Escrivão, que encontrei á porta da rua, nos dirigimos para o Convento, que não estava longe, porque era mesmo defronte da casa, e no outro lado da praça. O Convento estava quasi deserto, porque a maior parte dos seus moradores, e cada um para onde pôde, se havia retirado com medo dos francezes; mas felizmente para mim, quem alli interinamente governava era um bom padre, meu antigo conhecido. Recebeo-me, ouvindo a ordem que lhe communicou o Corregedor da parte do governo, e depois de lavrado o auto da minha entrega, se retirou o ministro com o seu Escrivão, e eu fiquei entregue á Auctoridade ecclesiastica.

O prelado interino, lamentando a minha sorte, prometteo-me logo torna-la o mais suave que fosse possivel sem faltar ás ordens, que acabava de receber; e por isso havendo em um dos dormitorios do Convento uma casa que tinha janella com grades de ferro, me levou para alli, depois de mui limpa, com muito boa cama, e uma meza e algumas cadeiras para me poder sentar. Recommendou-me a um bom leigo, já meu antigo conhecido,

Digitized by Google

e ordenou-lhe, que me servisse pontualmente em tudo o que eu precisasse, pedindo-me só, que conservasse sempre a porta fechada, não só para que os moradores da casa soubessem que cumpria as ordens que tinha recebido, mas para que mesmo lá fóra isso constasse, afim de nem elle nem eu darmos motivo para sermos accusados, e tornar-se talvez mais rigorosa a minha prisão. Tudo cumpri á risca, e fui sempre mui bem tratado, o que eu devo dizer com verdade por credito e honra daquelles meus antigos collegas. E a bondade do prelado, que então governava, era tal, que dizia ao leigo, que me servia de carcereiro, que quando á noite os padres estivessem no côro, e ninguem andasse nos corredores, me fizesse passear nelles por algum tempo para que não adoecesse. E estes passeios dava eu frequentemente.

Eram já passados muitos dias da minha prisão, a minha familia já toda se tinha recolhido a suas casas, e eu ía vivendo menos mal, esperando o resultado deste drama que estava representando, quando de casa de meus primos veio um criado com um bilhete aberto em que se me dizia, que alli em um canto tinham apparecido umas botas, que pareciam minhas, porém em muito máo estado, e quasi pôdres. Que dentro dellas se encontrára aquelle pequeno livro que me remettiam, e com elle alguns papeis que tambem mandavam. Tudo isto, com effeito, era meu; era, em uma palavra, o meu pequeno Tacito com o primeiro livro dos Annaes que já tinha traduzido, todo ou em parte, e cuja perda eu havia muito lamentado. Que alegria não foi a minha em recobrar esta preciosidade que julgava perdida, e que tanta pena me havia causado! Fiquei contentissimo, e muito mais por ter um meio de me entreter na minha solidão, e satisfazer o desejo de traduzir uma obra, de que sempre muito gostára, por ser o flagello da tyrannia, que do coração sempre aborrecêra, e contra ella tinha um odio invencivel. Depois deste grande prazer, achei-me em uma difficuldade que não esperava. Para emprehender uma tal

Digitized by Google

obra eram-me necessarios muitos livros, taes, como outras edições latinas de Tacito, com os seus commentarios, assim como algumas boas traducções, que me servissem de guia, e me resolvessem as duvidas que necessariamente havia de ter, traduzindo uma obra de tamanha difficuldade. E por desgraça a livraria de Santa Cruz, mui abundante em livros de theologia, Santos Padres, velhas historias, Biblias de todos os tamanhos, &c., estava completamente falta dos bons classicos latinos, e dos seus melhores commentadores. Nesta perplexidade lembrei-me de um antigo conhecido, o lente Antonio Pinheiro de Azevedo, que estava no Collegio dos Militares em Coimbra, e Collegio que eu sabía tinha uma excellente e escolhida livraria. Escrevi-lhe um bilhete, conteilhe a minha situação, e pedi-lhe, que para a tornar mais toleravel e menos fastidiosa tinha tomado por empresa a traducção dos Annaes de Tacito, mas vendo-me sem os livros indispensaveis para a pôr em execução, rogava-lhe, que me quizesse auxiliar, podendo, com alguns livros que para ella me eram absolutamente necessarios. Por boa fortuna me acudio elle com os livros que mais me eram precisos, porque me mandou logo uma bella edição de *Brottier* com muitos commentarios, notas, e os supplementos, que fez aos livros que se perderam de Tacito, e com elle outra muito illustrada edição allemã de 1801, feita por *Oberlina;* creio que conjunctamente me mandou tambem a traducção hespanhola do nosso portuguez *Soeiro*, da qual nada me aproveitei.

Com estes auxilios puz mãos á obra, que completei no espaço de dois annos até ao meado de 1813, que me conservei preso em Santa Cruz. Em quanto alli estive, tambem tive outras occupações domesticas. Como se me guardavam os meus privilegios de professor das escolas de S. Vicente, e não tinha as obrigações ordinarias do côro, me pedio o Geral, Prelado da casa, que quizesse fazer o officio de hospedeiro, porque como fallava francez era necessario que alguem, ao menos, soubesse esta lingoa

para receber os inglezes, e outros estrangeiros que todos os dias vinham ou íam para o exercito, e lá se vinham hospedar. Com effeito o Convento de Santa Cruz nunca estava sem ter hospedes naquella época; porque ou fossem estrangeiros ou portuguezes todos queriam aquelle quartel, onde sempre havia boas camas, e excellente e abundante comida. Acceitei o emprego para tambem obsequiar estes meus collegas, que sempre me tratavam com todo o respeito e carinho. Nelle fiz conhecimento com muitos inglezes e allemães, que pelo seu trato faziam com que a minha sorte me parecesse menos pesada. Tambem tive outra distracção com que variava os meus continuos trabalhos litterarios. Alguem me pedio que désse algumas lições, fosse do que fosse, a um rapazinho, que muito desejava instruir-se, e que se achava naquelle tempo muito falto de meios para ter quem o dirigisse nos seus estudos. Este bom rapazinho, era Leonel Estelita Fernandes, filho de um pae que fôra rico, mas perdêra toda a sua riqueza, ou pelos revezes do commercio, ou pela sua má cabeça. Sem lhe dar lições regulares, dei-lhas, á propoção que mas pedia, sobre os primeiros elementos de Geographia, e das lingoas franceza, italiana, e ingleza, a qual já eu soffrivelmente traduzia e conhecia. Este rapazinho, auxiliado pelos amigos de seu pae, formou-se depois em medicina, e sendo cruelmente perseguido pela tyrannia de D. Miguel, esteve preso, e apóz da prisão foi mandado em desterro para as Ilhas de Cabo-Verde, d'onde se pôde escapar, e me appareceo em Londres quando eu alli estava emigrado.

Chegando mui falto de tudo, fiz com que o meu incomparavel amigo, Custodio Pereira de Carvalho, o auxiliasse com dinheiro para se vestir e comer. Depois de estar algum tempo em Londres, começou a adoecer; e vendo-o em muito máo estado, para lhe acudir, e particularmente pelo bom agasalho e sincero interesse que por elle havia tomado Luiz de Vasconcellos, pae do actual Conde das Alcaçovas, conseguimos que fosse para a Ilha

Digitized by Google

Terceira, já em nosso poder. Chegou á Ilha, parecendo estar restabelecido, mas não tardou muito que não tornasse a adoecer, e pouco tempo depois alli morreo. Outro moço já de mais idade, que em Coimbra tratei, e pelo qual tambem me interessei, foi João Eloy Nunes Cardozo, a quem havia muito conhecia, porque tinha sido estudante nas escolas de S. Vicente, e passára depois para noviço em Santa Cruz de Coimbra, modo de vida, que felizmente largou para frequentar a Universidade. Formou-se em medicina, e acha-se hoje em Montemor-o-novo, ou nas suas visinhanças, reputado como excellente medico, e além disto, sendo um erudito, e muito sabedor das nossas cousas portuguezas. Delle já eu fiz menção na segunda edição do meu *Ensaio Historico-Politico* em uma nota da pag. 58. Tanto elle como o Leonel recommendei eu a meu irmão Francisco, quando me fizeram sahir de Coimbra. Meu irmão estava então já no seu collegio da Graça, e como um dos professores, ou mestres daquelle collegio.

Em todo o tempo que estive preso em prisão solitaria, * ou de menagem no Convento de Santa Cruz, procurei viver sempre sem dar motivo ao governo para me censurar com justiça. Nessa época em Coimbra havia pessoas do meu maior conhecimento, como eram Manoel Fernandes Thomás, Provedor da Comarca, Francisco Antonio de Rezende, Juiz de Fóra, Agostinho José Pinto, lente de mathematica, seu cunhado Hippolito, e outros

* Em prisão solitaria estive pouco mais de um mez ; porque começando a achar-me bastante doente e com febre continua, o prelado deo parte para o governo do estado em que estava, em consequencia dos trabalhos que tinha passado, e talvez da reclusão em que vivia ; e elle ordenou que tres lentes de medicina da Universidade me fossem ver, um dos quaes foi o Dr. Loureiro, que aqui veio morrer a Lisboa, como director da Academia das Bellas-Artes. A opinião delles foi, que o meu estado se podia tornar perigoso, e passar a uma tisica ; e que o primeiro remedio era deixar-me respirar o ar livre, e tirar-me da reclusão em que me achava. Em consequencia disto o governo ordenou que sahisse della, e deo-me por *menagem* todo o Convento e Quinta de Santa Cruz.

Digitized by Google

mais; e a nenhum destes permitti que me visitassem no meu quarto particular, para que se não podesse dizer com verdade que alli faziamos clubs. Sempre lhes fallei em publico, e de ordinario era no bello jardim do Convento, onde todas as tardes se juntavam muitas pessoas, particularmente lentes da Universidade, auctoridades da terra, e tudo gente mui conhecida, e da principal da cidade. Manoel Fernandes, como se sabe, foi o primeiro, e essencial instrumento da revolução do anno 20; e Rezende veio morrer a Lisboa deputado nas Côrtes constituintes daquella época.

Já estavamos depois do meado do anno de 1813, e eu com dois annos de prisão, sem nunca ser judicialmente perguntado, nem ter accusação ou sentença legal. Tinha concluido a minha grande obra da traducção dos Annaes de Tacito, começada no anno de 1811, e vivia, ou antes vegetava socegado, sempre á espera do final do drama que me faziam representar. Havia sido sempre mui bem tratado pelos meus collegas, e os prelados que governavam a casa; e não menos bom tratamento tinha sempre recebido dos prelados que governavam S. Vicente, porque era sempre considerado como morador desta ultima casa, sempre era reputado como professor, e sempre me mandavam pagar o ordenado que costumava receber: em Santa Cruz era eu um verdadeiro hospede; porque só alli recebia gratuitamente a comida, e quanto ás mais despezas, que fazia, eram estas pagas por S. Vicente.

Eram os ultimos dias de Agosto quando o Geral, Prior do Convento, em ar mui pesaroso, não sei se verdadeiro ou fingido, me veio partecipar ter uma ordem do governo para me fazer partir immediatamente para o Convento de Refoyos do Lima, com recommendação de alli não ter trato com pessoa alguma de fóra da casa. Não me admirou a ordem; o que porém mais me espantou, e internamente me encolerisou, foi a clausula, que se lhe accrescentava. E assim, bem que com um ar de perfeita tranquillidade, voltando-me para o Geral, disse-lhe: — que

Digitized by Google

crimes novos tenho eu aqui commettido? Pois eu, que tenho estado no centro de uma cidade, e até aqui não fui prohibido de fallar com pessoas estranhas, sou mandado ir para uma aldêa, e prohibisse-me de alli fallar com pessoa alguma fóra do Convento?... Isto indica, que eu aqui tenho commettido crimes novos de que me accusam!... Diga-me com franqueza, e lealmente, que cousa tenho eu aqui feito porque mereça ser assim tratado? O Geral desfez-se em satisfações; disse-me, que não era culpado desta nova perseguição, que se me fazia, e que estava prompto a attestar que o meu comportamento havia sido sempre o mais regular e exemplar. Se fallava ou não verdade, não sei, nem procurei examinar; e sem mais réplica alguma, e sem nunca me alterar, respondi-lhe: — Está bem; póde partecipar ao governo, que estou prompto a partir, e a obedecer-lhe. Não lhe disse mais palavras; mas quem chegar a ler estas linhas póde bem conjecturar com que odio estaria o meu coração, e o rancor e vingança que eu desde já votava á tyrannia, qualquer que ella fosse, logo que tivesse occasião para o fazer. Amaldiçoei no meu interior aquelle governo feroz; e jurei nunca na minha vida ter paz com qualquer governo absoluto, injusto, e brutalmente tyrannico.

Cuidei immediatamente em me apromptar; a minha bagagem não era grande, e o que nella havia de mais precioso era o meu manuscripto dos *Annaes*, que eu olhava como meu filho primogenito. Dei logo parte do que acontecia a meu irmão Francisco, e á minha familia que estava em Coimbra. Aos que estavam ausentes, não sei se escrevi, e com especialidade a meu irmão mais velho, Luiz Antonio, que havia pouco tinha casado, e estava na sua casa da Tapada.

Dentro de dois dias puz-me a caminho com um companheiro, amigo antigo, D. Faustino, tambem perseguido até alli como eu, e ao qual depois de muito tempo de prisão, mandavam tambem para Refoyos do Lima, a casa da sua antiga moradia. Esqueceo a esse governo insen-

Digitized by Google

sato, e pouco previdente nos seus actos de tyrannia, o não me mandar acompanhado por algum official de justiça; porque me deixaram ir livre; mas é porque estava escripto, não sei em que livro, que eu ía escapar-lhe das garras, e ser um dos mais firmes, e resolutos instrumentos da sua quéda...

Dentro de dois dias chegámos ao Convento de Grijó, onde fomos dormir, e alli fui recebido por todos os moradores da casa com as mais sinceras demonstrações do interesse que tomavam por mim á vista da aturada perseguição que me faziam os meus inimigos. E então alli sube por alguns dos meus particulares amigos, que no Convento de Refoyos se estava já preparando uma casa particular para a minha reclusão, prova de me ter fallado verdade em Coimbra o Geral, quando me communicou as ordens do governo. Todas estas circumstancias agitavam o meu pensamento, sem ainda poder tomar uma resolução definitiva. Succedeo-me porém aqui um desses casos, que senão explicam, porém que sempre abalam o homem que pensa.

Depois de alli ter dormido, quiz partir na manhã seguinte com o meu companheiro para o Convento da Serra do Pilar, onde tambem tinha amigos, e delles me despedir. Sabendo porém que nas visinhanças estava na sua quinta do Espirito Santo o meu amigo velho José Ferreira Pinto, quiz tambem ir de caminho despedir-me delle. Eu já referi que possuia uma certa porção de dinheiro todo em peças, que tinha levado por uma feliz inspiração comigo, quando fui prisioneiro de Massena, e dinheiro, que dois officiaes portuguezes tiveram tenção de roubar-me, e que não conseguiram, porque o official inglez, que me interrogou, os impedio de commetterem aquelle roubo, ultima baixeza em um homem que veste uma farda. Tinha eu tirado da algibeira aquelle dinheiro que levava em uma bolsa, e o tinha mettido debaixo do travesseiro. No dia de manhã vesti-me, e não me lembrou tal dinheiro; e estando já a montar a cavallo chegou-se

Digitized by Google

a mim um criado grave que me tinha servido, e disse-me: — *Olhe que lhe esqueceo esta bolsa!...* Eu olhei, fiquei realmente admirado, peguei em todo o dinheiro avulso que levava no bolso, dei-lho, e simplesmente lhe disse: — *Obrigado!* Mas depois de montar a cavallo, e já em caminho é que comecei a reflectir naquelle acontecimento, que me podia vir a pôr em grandes embaraços. Como é, disse eu comigo, que este dinheiro, que escapou á rapacidade dos francezes, á immoral cobiça dos dois officiaes portuguezes, e ultimamedte á natural avareza de um criado de servir, chega, depois de tantos perigos, salvo á minha mão? Este dinheiro deve ter certamente grandes destinos para cumprir. O vulgar chamar-lhe-ha *acaso;* o filosofo chamar-lhe-ha *fatalidade feliz;* e o homem religioso lhe dará o nome de *Providencia.* E que nome lhe darei eu?... Não sei... Tenho-o em meu poder; e o tempo mostrará se a sua posse me era util, e até necessaria. Aqui acabaram as minhas reflexões, dirigi-me para a quinta do meu amigo José Ferreira Pinto, e passei a meditar em outras cousas.

Chegado que fui á casa do meu amigo, ficou elle admirado de alli me ver. Contei-lhe o que me acontecia, e então, voltando-se para mim muito serio, disse-me; se tivesse seguido os meus conselhos, e reflectisse bem no que passámos em Coimbra em casa de sua tia no anno de 1810, não soffreria agora esta nova perseguição, ou para melhor dizer, este novo insulto. Que pretende fazer?... A minha resposta foi: vou hoje dormir ao Convento da Serra, e depois passarei ao Porto, e alli tomarei a minha ultima decisão. Muito bem, me replicou elle; o que lhe peço é que me vá lá fallar, mas seja á noite, e de sorte que ninguem o veja entrar em minha casa, que bem sabe onde é. Dito isto, pouco me demorei, e me dirigi logo para o Convento da Serra, onde fui muito bem recebido, e alli achei a confirmação das mesmas más noticias que me tinham dado em Grijó.

Passei alli a noite; e no outro dia de manhã em que

Digitized by Google

me preparava para passar ao Porto, veio ter comigo um criado de farda do Convento de Refoyos, que me disse: o Senhor D. Prior, sabendo que V. S.ª vai para alli, mandou-me com duas excellentes bestas para que se servisse dellas, pois que as de aluguer, lhe haviam de ser muito incommodas. Esta officiosidade do Prior, que eu já muito bem conhecia, fez-me uma impressão fóra do commum; e logo a minha reflexão, igualmente rapida, excitou em mim uma forte desconfiança. Como disse, eu já conhecia muito bem o homem, em cujas mãos me entregavam: era um completo fanatico, ou por convicção ou por systema, sempre com fisionomia austera, e modos de tratar severos, duros, asperos. E então porque me desejava elle lá tão depressa, e me queria fazer tão suave a viagem? Todas estas circumstancias eram mui proprias para me fazerem seriamente reflectir no passo que ía dar. Em consequencia de todas estas particularidades em que por um momento reflecti, dei ao criado a resposta seguinte: — dize a teu amo, que lhe agradeço muito o interesse que toma por mim; mas que me acho muito doente e abatido; que não estou em estado de ir a cavallo; e que pretendo ir em liteira, o que farei dentro de tres ou quatro dias. Agora, pódes ir-te embora; e sem mais réplica o despedi.

Quem tiver lido os notaveis acontecimentos da minha vida, e as circumstancias em que agora me via, deve bem conjecturar qual seria o estado do meu espirito nesta crise, verdadeiramente assustadora. Vacillava, duvidava... lembrava-me aquelle bello monologo que o poeta inglez Addison põe na boca de Catão no acto de morrer! — *to be, or not be, that is the question!* ... (ser ou não ser... é esta a questão! . . .) Ir, ou não ir! ... era o meu problema! ... e este fatal problema, de que pendia todo o futuro da minha vida, estava a decidir-se, ou já estava decidido! ...

Como tinha promettido ao meu bom amigo Ferreira Pinto, fui a sua casa, já noite escura, e alli logo o en-

Digitized by Google

contrei com o seu venerando pae Domingos Ferreira Pinto. Este, tanto que me vio, veio a mim, abraçou-me, e disse-me : — Ora seja bem vindo, senhor *Manoel Rodrigues!*... Este nome espantou-me; olhei para elle pasmado, e respondi-lhe : — Está brincando comigo?... que quer dizer esse nome que me acaba de dar? — Quer dizer, continuou elle, que o senhor é actualmente, e por alguns dias será o senhor *Manoel Rodrigues*, como aqui está escripto neste passaporte com que hade partir para Inglaterra, na qualidade de criado do negociante Mr. Smith. Este vai d'aqui sahir em direcção á Corunha para embarcar no paquete, que deve sahir de Lisboa, e alli sempre costuma tocar. Então o meu amigo, com quem fallo, hade ir com elle até á Corunha, e lá hade receber outro passaporte do senhor *Allen*, tio da senhora D. Barbara, mulher de meu filho, no qual porá o nome que quizer, e com elle entrará seguro em Inglaterra. Este governo não tem cessado de o perseguir, e o que mostra nesta ultima perseguição que lhe faz, é querer ir matando-o lentamente. Não hade ser assim! quero que lhe escape, e que frustre por este modo todos os mais trabalhos e tormentos, que é provavel ainda lhe queiram dar.

Eu então o abracei mui cordealmente e agradecido, e respondi-lhe; o senhor Domimgos Ferreira Pinto é um anjo, ou não sei que, que me vem collocar em uma nova estrada da vida; mas seja ella boa ou má no futuro, acceito-a... Acceite-a, que hade ser boa; porque o meu coração assim o diz; e não só o meu coração, porém o do meu filho, que o não seria, senão partecipasse das mesmas idéas que eu tenho! O meu espirito estava como já livre de uma pesada atmosphera que o opprimia, e só teve uma difficuldade para expor ao bom velho, que foi : — mas os meus parentes nada sabem desta minha inesperada resolução! e vou expor-me talvez a achar-me em grandes difficuldades em uma terra estranha!... Em nenhumas, me replicou elle! não sabe como somos amigos antigos da sua familia? nada lhe hade faltar; vai re-

Digitized by Google

commendado a meu filho João, que lá está, e ao nosso amigo Aillaud, que bem conhece, pelos quaes ambos ha-de ser bem recebido, e tratado em tudo o que lhe seja preciso. Eis-aqui como acabou a resolução do meu intrincado problema, e resolução, que fez a fortuna da minha vida futura. Esta boa fortuna devi eu pois ao avô, e pae da virtuosa e honrada familia, que hoje existe dos senhores Ferreiras Pintos, e familia, que sempre respeitei, e venerei; e de quem folgo deixar escriptos seus illustres nomes, como sinal de minha sincera gratidão, e do muito que sempre lhes fui agradecido, e o serei sempre até á morte, em memoria de seus respeitaveis ascendentes.

Despedi-me dos meus dois bons anjos da guarda, que me perguntaram que dinheiro queria para a viagem? Respondi-lhe, que de nenhum precisava; e então lhe contei, qual havia sido a sorte do dinheiro que possuia, e como tinha escapado aos diversos perigos em que tinha estado, e por certo, para me servir nesta tão importante occasião. Recolhendo-me á estalagem, onde tinha ficado o meu companheiro D. Faustino, achei-o alli com dois amigos fieis, a quem contei o que me acabava de acontecer, e a resolução em que estava de partir depois do dia seguinte para Inglaterra. Ao meu collega, e companheiro de viagem disse, que muito sentia deixa-lo, mas que as minhas circumstancias eram mui diversas das suas. Elle ia, alliviado da sua prisão, e para a casa da sua antiga residencia; e eu ia para um novo desterro, e segundo constava, para uma nova prisão. Como não esperasse este desfecho da minha situação, ficou por um pouco admirado, e depois de uma pequena pausa, exclamou resoluto: Pois eu tambem não vou para Refoyos, e metter-me nas mãos daquelle algoz! Aqui tratarei com estes dois amigos o que hade ser de mim. Sube mais tarde que fôra para as ilhas, que alli fôra trahido, e preso, e que depois de muitos e novos tormentos, morrêra cheio de enfermidades, causadas pelas diversas perseguições, que tinha soffrido. Nunca mais o tornei a ver; e meu irmão

Digitized by Google

Francisco, que estava em Coimbra foi quem me contou, como elle havia chegado preso ao Convento de Santa Cruz, e como alli lhe valêra em o novo processo que lhe fizeram.

Os dois amigos, que com elle estavam, logo se me offereceram para me arranjar tudo o que me fosse preciso para a minha viagem, o que eu acceitei, e elles executaram com toda a lealdade de verdadeiros amigos. No dia seguinte, e vespera da partida, dei eu um passo importante, que não só era proprio do meu caracter, e modo de pensar, porém que julguei necessario para que a malignidade dos meus inimigos não procurasse macular a minha reputação. Era de lei na Congregação dos Conegos Regrantes dar-se tudo aos membros della que lhes fosse preciso não só em casa porém nas viagens. Tinha eu recebido, em Coimbra para os meus gastos e os do meu companheiro cousa de dez ou doze moedas, segundo agora me lembra; e dellas só tinha despendido o pouco que tinhamos gasto até ao Porto. Peguei em todo este resto de dinheiro, e indo a casa d'um negociante que eu sabia que tinha correspondencias com o Convento de Santa Cruz, e era homem honesto, e de probidade conhecida, disse-lhe: — Eu estou a partir para Refoyos do Lima, e já não tenho tempo para escrever; peço-lhe pois, que em meu nome escreva ao D. Prior Geral de Santa Cruz, e lhe diga, que aqui lhe entreguei aquelle dinheiro, cujo destino elle bem sabe qual era; rogo-lhe que não se esqueça de lhe dar logo esta parte. O bom negociante assim o fez, como depois sube, e eu fiquei tranquillo nesta parte. Senão tivesse dado este passo prudente, talvez não faltasse quem maliciosamente espalhasse, que eu tinha levado comigo alguns *mil cruzados* do Convento, e que delles me havia aproveitado para a minha evasão. Ao menos não tiveram este pretexto para denegrirem o meu nome.

Passei todo esse dia em fazer os arranjos necessarios para a minha viagem, levando só comigo o que me era

Digitized by Google

absolutamente necessario até chegar ao meu destino, não esquecendo o meu querido manuscripto da traducção de Tacito, que eu olhava como a melhor preciosidade que possuia. Para melhor me disfarçar mandei buscar á noite um barbeiro, que me cortou mui rente o cabello para melhor lhe assentar uma cabelleira, que um dos dois amigos, que nunca me largaram, me arranjou. No outro dia de madrugada, depois de abraçar o meu companheiro de viagem D. Faustino, e os meus quatro amigos, os unicos que estavam no segredo, despedi-me de todos, e me entreguei nas mãos do que se chama *destino*. Puz-me a caminho com o meu inglez, e fomos nesse dia dormir a Vianna do Castello. Queria elle que eu fosse ficar em sua companhia em casa d'um amigo, que alli tinha; porém recusei, dizendo-lhe, que era preciso que representasse bem o meu logar de criado, em quanto estavamos em Portugal, e que por isso tinha por mais prudente ficar na estalagem. Assim concordámos, e na manhã seguinte depois de almoçar, e mandar preparar as cavalgaduras, fui á casa onde ficára o meu companheiro, e perguntando por elle, disse á pessoa que me recebeo o recado, que désse parte ao senhor Smith que alli estava o seu criado, e que as bestas já estavam promptas. O homem que me recebeo o recado, e que era o dono da casa voltando para dentro, disse ao seu hospede: alli está um homem que diz ser seu criado; mas elle não tem cara nem ares de criado: quem é elle! O meu companheiro então lhe disse quem eu era, porque se fiava nelle, e como soubesse o que eu representava, quiz que subisse. Porém recusei, e respondi, que não era bom dar motivos de desconfiança ao arrieiro que ía comnosco.

Montámos a cavallo e fomos seguindo o mesmo caminho, já meu antigo conhecido, isto é, aquella bella costa do mar, que se estende até á foz do rio Minho, á fortaleza da Insua, e á villa de Caminha. Ainda a muito boas horas chegámos á Insua, e então o meu inglez disse-me: — pois que o senhor não tem cara de criado, parece-me

Digitized by Google

mais prudente, que mandemos as cavalgaduras por terra até Valença, para alli passarem a outra banda, e que fretemos aqui um barco, e vamos nelle rio acima até Tuy. Pareceo-me mui discreta esta sua lembrança, adoptei-a, e assim continuámos a nossa viagem. No meio do rio afoguei a minha cabelleira, lançando-a ao rio, para que, descendo até ao mar fosse, se podesse, partecipar aos meus carcereiros de Lisboa, aos patetas Regentes do Rocio, que eu já estava livre das suas garras, e isso, quando elles, estupidos! me julgavam mais apertado nellas!

Era noite quando entrámos em Tuy; respirei; e então disse com toda a satisfação — *estou livre!* No outro dia de manhã partimos para a Corunha; e logo a pouca distancia de Tuy comecei a ver as bellas estradas de Hespanha. A terra principal que encontrei foi S. Thiago, onde tive pena de não podermos dormir, porque as pousadas já estavam marcadas pelo arrieiro. Apenas alli pude ver as ruinas do palacio da Inquisição, que um officioso gallego me quiz voluntariamente mostrar, e ir fazer uma pequena visita ao tumulo de S. Thiago, nosso antigo patrão, e de cuja protecção até os nossos bons amigos inglezes nos despojaram para lhe substituir a do seu S. Jorge, de quem o seu historiador Gibbon na sua historia da decadencia, e quéda do Imperio Romano, não reza muito bem. Fiz-lhe em vida esta visita, porque sendo crença entre os bons catholicos que cada um é obrigado a lha ir fazer ou em vida, ou depois de morto, fiquei eu já livre daquella longa peregrinação depois de morrer.

Chegámos finalmente á Corunha, ultimo termo da nossa viagem por terra. Como o paquete que sahia de Lisboa ainda alli não tinha chegado, esperámos por elle dois ou tres dias. Apresentei-me logo ao Consul senhor *Allen* com as cartas de recommendação que levava; tratou-me e recebeo-me muito bem, e me aprompton logo um novo passaporte, perguntando-me, que nome queria pozesse nelle. Eu então tomei o que hoje conservo, de José Liberato Freire de Carvalho; e adoptei o de *Liberato* em memo-

Digitized by Google

ria da minha *alforria.* Quiz por uma vez despir-me de todas as insignias *canonico-monacaes.* Larguei o titulo de *Dom*, que muito bem podia conservar, como alguns de meus antigos collegas ainda hoje conservam; e o larguei muito de proposito para de todo me esquecer d'uma vida para a qual nunca tivera geito, e sempre o meu caracter repugnára: considerei-me como recem-nascido para o mundo; quiz ser homem, e nada mais, e o comecei a ser. . .

Passei mui alegremente os poucos dias que alli me demorei. Havia na Corunha muitos liberaes hespanhoes, dos quaes todos recebi muitos testemunhos de verdadeira hospitalidade; mas entre elles havia um com quem mais tratei, e me deo largas noticias de Inglaterra, onde já tinha estado. Entre ellas disse-me uma cousa bem curiosa, e que eu vi ser muito verdadeira: Vai o senhor, foram as suas palavras, para Inglaterra, e alli hade achar duas nações mui distinctas; uma a dos homens sempre tristonhos, severos, silenciosos, e melancolicos, como constantemente atacados da sua doença endemica, que elles chamam *spleen*; e a das mulheres, as creaturas as mais amaveis, alegres, attenciosas, e bellas. Porém ao mesmo tempo alli aprenderá lições de uma verdadeira liberdade civil, da qual povo algum como elle a gosa no mundo, mas que todos devemos bem aprender para transplantarmos para as nossas patrias, porque bem certo estou, que ainda um dia a havemos de ter, bem que ainda estejamos expostos a soffrer muitos dias de amargura, de perseguições, e trabalhos. Tudo assim tem acontecido; e hoje tanto Portugal como a Hespanha, senão tem ganhado quanto desejam, ao menos tem consideravelmente melhorado em suas instituições civis e politicas. Chegou emfim o paquete, que tinha sahido de Lisboa já depois de eu não estar em Portugal, e com esta certeza fiquei de todo socegado. Era isto já depois do meado de Setembro do anno de 1813. Alli vi o modesto jazigo do infeliz general inglez, sir John Moore, que batido por Soult foi for-

Digitized by Google

çado a embarcar. Era uma sepultura raza, e só distincta pelo seu nome, e quatro obuses nos quatro angulos da pedra que o cobria.

VIAGEM PARA INGLATERRA.

Fim de 1813 até ao fim de 1821.

Embarquei; e ainda que a minha viagem não fosse feliz, não foi perigosa. Tivemos sempre ventos contrarios, e a nossa viagem até Falmouth durou dez ou doze dias. Nella soffri muito, porque era a primeira vez que embarcava. Estando no principio do jantar, e tendo apenas tomado duas ou tres colhéres de sôpa vieram-me vomitos tão fortes, e tamanho enjôo, que me fui immediatamente deitar no meu beliche, e delle me não ergui, senão quando entrámos no porto de Falmouth, e vimos terra. Em todos esses dias o meu sustento não passou de alguns bocados de queijo, ou carne salgada, com um calice de vinho da Madeira secca. Mas o que foi pasmoso é, que assim que vi terra e proximo a ella, foi-se-me todo o enjôo, cobrei o appetite de comer, vesti-me, saltei para a camara, e sentado a uma meza, fiz a minha barba de tantos dias tão vigoroso e forte como sé até alli não tivesse estado sempre de cama, e quasi sem tomar nutrição alguma.

Ao saltar em terra vi a meu lado um velho de figura respeitavel, que me fallou em portuguez, e logo em seguida me disse: — Eu sou francez; estive muitos annos em Portugal, e sahi de lá pela perseguição que se fez á gente do meu paiz depois da sahida de Junot. Devi tantos favores aos portuguezes, que não tenho hoje outros meios de lhos recompensar, senão vindo aqui quando chegam os paquetes, vindos de Lisboa, para offerecer os meus poucos serviços a todo o portuguez que desembarca, por-

Digitized by Google

que sendo natural que nem todos entendam o inglez, e achando-se em uma terra estranha, folguem de encontrar quem nella os dirija sem lhes pedir recompensa, além da licença de os servir no que precisarem.

Acceitei os offerecimentos deste homem generoso e agradecido; entreguei-lhe o meu passaporte, e elle se incumbio de desembaraçar da alfandega a minha pequena mobilia. Feito este primeiro acto de tão bom serviço, procurou-me uma casa decente, e particular para alli estar em quanto não fosse para Londres, livrando-me assim de ir para uma hospedaria, onde seria obrigado a pagar tudo muito caro. Como precisasse de fazer algum vestido para me poder apresentar em Londres, chamou-me tambem um alfaiate seu conhecido, e por elle mandei fazer o que me era necessario para aquelle momento.

Estavam concluidos estes preparos, e só me faltava tomar logar em alguma diligencia para continuar a minha viagem, quando o meu bom velho me veio dar uma noticia, que ao principio muito me assustou. Disse-me: — Sabeis, que não podeis ir para Londres? Agora me acabam de dizer, que ha aqui uma ordem do governo, para não deixar partir para Londres qualquer portuguez que tenha o sobrenome de *Carvalho*; porém ao mesmo tempo accrescentaram, que vos não assustasseis, porque a ordem é antiga, e não se póde entender comvosco, olhando para a terra d'onde vindes, e onde embarcastes. Agora pergunto-vos: conheceis alguem em Londres? Respondi-lhe, que além das duas pessoas, a quem ía recommendado, conhecia o doutor Abrantes, que me parecia estava addido á embaixada portugueza. Muito bem, muito bem, disse-me então o meu bom velho francez! ide escrever-lhe já uma carta, expondo-lhe todo o vosso caso, e em breve espero que tereis satisfatoria resposta: no emtanto estae socegado; estaes em uma boa casa onde fazeis poucas despezas, e não vos deve dar o mais pequeno cuidado este imprevisto contratempo.

Escrevi logo a carta que nesse mesmo dia partio para

Digitized by Google

Londres, e bem não eram ainda passados quatro dias tive resposta do doutor em que me dizia estar já de todo decidido o meu caso, e que podia partir quando quizesse. Accrescentava, que havia sido um equivoco, e que a tal ordem só por esquecimento é que não havia sido revogada; porque a pessoa, a quem dizia respeito, já era conhecida, e não dava cuidados. Que tinha fallado ao ministro Conde de Funchal, e que este sabendo quem eu era, e os motivos que me tinham obrigado a sahir de Portugal, desejava muito ver-me, e que nelle, ficasse certo, havia de encontrar sempre toda a protecção. E concluia o doutor, que sendo possivel que tivesse falta de dinheiro para pagar as despezas que já tinha feito, e ainda as que tinha que fazer na minha ída para Londres, ahi me mandava uma lettra de *cem libras esterlinas* para dellas gastar o que me fosse preciso!

Não me servi della, porque ainda conservava quantia bastante daquelle *milagroso* dinheiro, que tinha escapado aos diversos perigos que havia corrido. Parti sem demora para Londres, dando todos os bem merecidos agradecimentos ao meu bom protector e guia, e sem incommodo algum na viagem fui ter com o meu antigo conhecido Aillaud, que me recebeo ás mil maravilhas, e onde encontrei tambem um portuguez, que ainda vive em Lisboa, Antonio Ribeiro Neves, e que pela primeira vez conheci: morava elle em um andar da mesma casa. Quem logo desejei ver foi João Ferreira Pinto para lhe dar noticias de seu pae e irmão; e com toda a especialidade tambem o doutor Abrantes, de quem acabava de receber tão assignalados favores. Este ficou contentissimo em me ver, e logo me disse: — O senhor Liberato foi um anjo que aqui me apparece; eu desejo muito partir quanto antes para Lisboa, porque minha mulher está muito doente, e dá-se muito mal nesta terra; e não o podia fazer, porque sou o redactor principal do Investigador, na publicação do qual muito se interessa o Conde de Funchal; e não me quer deixar ir embora, sem que ache pessoa

Digitized by Google

capaz que me substitua, porque o meu collega doutor Vicente Nolasco é muito bom para tudo, menos para dirigir um jornal, e trabalhar nelle como é preciso. Por tanto, repito-lhe, e dê-me cá um abraço: o senhor Liberato é um bom anjo, que me appareceo. Não deve recusar este honroso e independente modo de vida que lhe offereço, porque lhe vai dar uma decente subsistencia, como mais tarde lhe explicarei, e a mim me faz um incomparavel favor. É bem de ver como eu ficaría com este primeiro annuncio da minha fortuna: agradeci-lhe tudo o que tinha feito, e ainda queria fazer para me pôr independente, e dentro em meu coração disse mui satisfeito: — agora vejo que entrei com o pé direito em Inglaterra, e que vou ser homem! Bem hajam as perseguições que me fizeram esses estultos, chamados Regentes de Portugal! Eu lhes darei, quando for tempo, noticias minhas.

Seguia-se o ir apresentar-me ao Conde de Funchal, o que logo fiz, acompanhado pelo doutor Abrantes. Elle recebeo-me com muita affabilidade, e com as maneiras mais cortezes, porque bem sabía quem eu era, e não entrava na classe dos simples aventureiros. Era aquelle nosso embaixador, bem que de figura externa pouco gentil, homem muito instruido, de maneiras agradaveis, e até engraçadas, e inimigo declarado de tres altas classes da sociedade, como eram — padres, inquisidores, e desembargadores, dos quaes dizia tinham vindo todos os males a Portugal; porque por elles todas as nossas leis tinham sido feitas, e por elles sempre tinhamos sido governados. Assim não levou a mal que eu me houvesse escapado das mãos dos meus perseguidores. Quanto á politica, era inglez nos ossos; inimigo figadal dos francezes, e monarchista exaltado; fóra destes pontos não havia quem fosse mais amavel, e tratavel do que elle era. Com o tempo ainda tenho que fallar muito da sua pessoa; no emtanto basta que se saiba o que acabo de dizer. Mostrou-se muito satisfeito de eu passar a substituir

Digitized by Google

o doutor Abrantes na redacção do Investigador, e sobre ella disse-me, que o doutor me instruiria, e me daria as noções convenientes. Despedi-me desta sua primeira audiencia, e elle me convidou logo para um jantar, costume verdadeiramente inglez, e que se pratíca com todas as pessoas que pela primeira vez são apresentadas a um dono de casa.

Passado este primeiro cerimonial indispensavel, o meu amigo Abrantes me começou a explicar o que era o Investigador, como havia sido estabelecido, e como delle eu havia de tirar muitas vantagens. Disse-me, que como o Conde folgava muito de fazer ás vezes seus artigos sobre cousas de Portugal, e sobre politica debaixo de nomes suppostos, e não se havia podido arranjar com o *Correio Brasiliense*, tinha conseguido que o irmão, Conde de Linhares, ministro do Brasil, auxiliasse o Investigador com algumas subscripções, porque nelle o governo, ainda que não tivesse um decidido apoio, ao menos não teria um inimigo declarado como era o *Correio Brasiliense.* O irmão concordou com esta idéa, e prometteo tomar cento e tantas subscripções; mas accrescentou, que tudo isto haviam sido promessas de palavras, e não havia contracto algum por escripto com os redactores. Que os *cento e tantos* numeros mensaes que o Brasil começou a pagar, lhe eram regularmente entregues, mas que vendo elle Abrantes, que este auxilio vinha a ser nullo, porque o governo do Brasil os distribuia de graça, e com isto se diminuiam as subscripções particulares, e que pouco importava receber por um lado, quando se perdia por outro, começára a fazer-se esquecido, e havia já muito tempo não tinha dado ao governo as subscripções estipuladas. Que esta falta havia sido notada ao principio pelo Conde de Funchal, porém com algumas razões que lhe tinha dado, com o tempo, e pelo pouco que se cuida em Portugal em ser *economico*, já isto estava como esquecido, e o dinheiro se ía sempre pagando. Nestes termos me fizesse sempre esquecido, e não mandasse exemplar

Digitized by Google

algum, menos os dois do costume, para a secretaria da embaixada. Com este auxilio, que mensalmente se recebe exactamente, e com as muitas subscripções, que tanto aqui como em Portugal e no Brasil já tem o Investigador, verá o meu amigo que a empreza é boa, e que se não hade arrepender de ter entrado nella.

Tratemos agora dos seus companheiros. O doutor Nolasco é, como já lhe disse, quasi nullo, mas é da creação do jornal, e é preciso dar-lhe alguma cousa para viver; e por isso faça-o trabalhar no que elle melhor possa fazer, porque não será muito; e vá tratando-o com prudencia, e do modo o mais suave que podér. Em attenção ao pouco que póde fazer o Nolasco, arranjei-lhe aqui um rapaz, que me parece muito bom moço, que é o *brasileiro doutor Castro*, que estudou medicina na Universidade de Edimbourg. É bastante instruido na sua faculdade, e nas sciencias naturaes; e com estes principios lhe póde muito bem servir para organisar o artigo scientifico que sempre mensalmente se publíca no Investigador. Elle não está bem corrente em escrever em portuguez, mas servirá sempre para algumas traducções menos importantes, e para o artigo — *Sciencias*. No emtanto eu começo já a ir cuidando nos meus arranjos de partida, que hade ser antes do fim do anno, porque quero que principie a sua tarefa em o N.º de Janeiro de 1814, e depois fallaremos ainda como hade ficar segura a sua subsistencia e de seus collegas, até que recebam o producto das subscripções que se estão vencendo.

Depois desta conferencia, eu continuei a estar em casa de Aillaud, que sempre me tratou com o maior carinho e amisade, e como ainda tivesse dinheiro, mandei fazer camisas proprias da nova figura que entrava a representar no mundo, e fato igualmente adequado á minha situação, e aos usos do paiz, em que começava a minha nova vida. Ia jantar algumas vezes com o Abrantes e sua mulher, que sempre me tratava com toda a bondade, e outras com o Conde de Funchal, que começou a mos-

Digitized by Google

trar-me muita affeição, e queria que frequentemente o fosse ver, e jantar com elle, offerecendo-me até a sua carruagem para me conduzir, porque eu vivia um pouco longe da casa da embaixada, que então era em South Andley Street, o bairro da alta nobreza ingleza, e vulgarmente denominado o *West End of the town*; isto é, a parte occidental da cidade.

Em sua casa, e particularmente aos domingos, dias, em que alli se juntavam quasi todos os portuguezes, que viviam em Londres para comprimentarem o embaixador, e ouvirem missa na Capella da embaixada, conheci eu muitos dos nossos compatriotas tanto da alta nobreza, como negociantes. A Capella portugueza nessa época era um brilhante logar de reunião, até de muitos inglezes distinctos, porque não sendo permittido então aos catholicos ter Capellas ou Igrejas, o que já hoje se permitte, só as havia nas casas dos embaixadores; e como a missa que nella se dizia, era sempre acompanhada de boa musica, a esta especie de representação theatral concorriam até muitos protestantes inglezes, e a Capella estava sempre cheia.

Alli pois nestas occasiões, e em outras em casa do Conde de Funchal que recebia muito bem a todos, entrei a conhecer o Duque de Palmella, então só Conde do mesmo nome; o morgado de Matheus, depois Conde de Villa-Real; o Conde de Linhares, filho do primeiro Conde deste nome; o Conde d'Alva, depois Marquez de Santa Iria; D. Lourenço de Lima; e outros muitos mais portuguezes de diversas classes, que nesse tempo viviam em Londres, e representavam boa figura quer por suas riquezas, quer pelos logares que occupavam. Tanto por uns como por outros comecei logo a ser bem tratado e respeitado; e assim sempre o continuei a ser em quanto por esta vez estive em Londres, porque sempre vivi com todos na maior harmonia, e de todos tambem recebi sempre os mais distinctos sinaes de consideração e benevolencia.

Em todo o tempo que mediou entre a minha chegada

Digitized by Google

e o fim de Dezembro do anno de 1813, empreguei-o em ver as cousas mais notaveis de Londres. Apenas tinha chegado a Inglaterra, o aspecto das casas inglezas, todas de tijolos vermelhos sem cobertura alguma exterior, causou-me uma desagradavel sensação; porém depois que comecei a ver o que dentro destas casas havia, as magnificas lojas de todos os generos e a sua elegancia, e aceio, os soberbos e magestosos theatros, como o de Covent-garden, Drury Lane, e o da grande opera italiana, e depois as suas longas e espaçosas ruas, os seus extensos parques, as suas ricas e elegantes equipagens, e o ar de aceio, e limpeza com que toda a povoação de Londres se apresentava, particularmente nos domingos, nas ruas, e nos passeios, com especialidade em Hyde Park; confesso que não pude deixar de dizer comigo — que Inglaterra era uma grande nação; e que Londres, tanto por sua extensão, commodidades, e riqueza, merecia muito bem ser, como é a principal capital das nações da Europa.

Preparava-se o doutor Abrantes para ir para Portugal, e antes disso tivemos a conferencia seguinte. Disse-me elle: — Eu vivo como vê nesta casa, que está mobilada de tudo o que é preciso para nella se viver com toda a commodidade; peço-lhe, que queira vir viver nella com o doutor Castro, que é muito boa pessoa, e que ambos me comprem os trastes, que nella deixo. Já os mandei avaliar em preço muito baixo, e m'os pagarão quando podérem. Para isso, já d'aqui me offereço para seu procurador em Lisboa, para lá fazer a distribuição do Investigador, e lhe promover subscripções; e á proporção do rendimento que alli forem tendo, me irei suavemente pagando. Mas para que no emtanto não sintam aqui faltas para irem vivendo, em quanto não recebem as subscripções do Rio de Janeiro, e as d'aqui, que são avultadas, lhes deixo um credito na casa do velho Carvalho, do Porto, homem honrado, para que elle não só mensalmente lhes dê o necessario, porém o que mais lhes for preciso em algum caso extraordinario; parece-me que este contra-

Digitized by Google

cto, que é bom para mim, o é tambem para os senhores. Não tive que replicar á vista dos muitos favores que delle tinha recebido, e do modo leal e franco que tinha comigo. O doutor Castro tambem concordou neste arranjo, e ambos fomos viver na mesma casa. A sua companhia e de sua mulher, ingleza, e respeitavel senhora, me era naquelle momento muito util, porque não podendo ainda fallar inglez, muito me servia para nos entendermos com o nosso impressor, Mr. Hansard, homem de bem, e das melhores imprensas de Londres, que vivia em Fleete Streete.

O doutor Abrantes partío com effeito para Lisboa, onde sempre nos servio de muito, conservando a sua palavra, como nós lhe conservámos a nossa; pagando-lhe a final quânto lhe deviamos; e no emtanto sem nos faltar cousa alguma para vivermos commodamente. Abrantes não foi bem succedido no principio da sua jornada para Falmouth, porque sendo o inverno do fim deste anno e principio do anno de 1814 rigorosissimo, e de immensa neve, vio-se obrigado a ficar demorado no caminho perto de quinze dias. Foi tão forte, abundante, e continuada a neve nesse tempo, que se impedio por muitos dias toda a communicação de umas terras com outras; pararam todas as diligencias, e transportes de todo o genero, e gelou o Tamisa tão fortemente, que sobre elle, segundo um velho costume, se fez uma grande feira, houve danças, banquetes, e mais divertimentos; e os inglezes folgaram a seu modo, sem lhes importar o intenso frio que fazia.

Chegou finalmente o primeiro de Janeiro de 1814, e appareceo o Investigador deste mez já debaixo, por assim dizer, da minha firma, como chefe daquella empresa. Ao principio me pareceo ella de summa difficuldade, porque cada numero era assaz volumoso, e como se estava ainda na guerra da França com a Europa era necessario publicar todos os officios das diversas batalhas, combates, e mais peças officiaes de todos os successos do tempo. E como tudo isto se escrevia em francez, e in-

Digitized by Google

glez era preciso fazer ás vezes longas traducções que davam muito trabalho, e levavam muito tempo a fazer. Os meus companheiros eram fracos e tardios traductores, e portanto sobre mim é que recahia todo o trabalho; mas o que me valia é que eu já correntemente traduzia o inglez, e tinha muita facilidade em escrever, assim como sempre tive, porque sempre escrevi com mais facilidade do que fallei. Deo-me a natureza summa claridade de idéas, muita percepção, e quando bem percebia um assumpto, com toda a facilidade o escrevia. Tinha tambem o Investigador uma grande vantagem, que era a de ter dois artigos, um de sciencias, e outro de litteratura, e para este, assim como para o de muitas correspondencias interessantes, tinhamos sempre abundancia de materia. Nos primeiros numeros, publicados debaixo da minha direcção, principiei logo a dar as Memorias que meu irmão D. Antonio da Visitação Freire tinha lido na Academia Real de Lisboa, porque não tendo podido entregar-lhas, não queria que ficassem esquecidas, e pelo menos alli ficassem depositadas.

Nesta época havia em Londres mais dois jornaes, um escripto por João Bernardo da Rocha, que depois o substituio pelo *Portuguez*, e outro pelo Hippolito, com o titulo bem conhecido de *Correio Brasiliense*. Hippolito, vaidoso e ingrato, foi o unico portuguez, que em Londres se declarou por meu inimigo, deslembrado, que por minha intervenção tinha achado refugio e segurança no Convento de S. Vicente de Fóra de Lisboa. Sabendo que tinha chegado a Londres, e persuadido de que me achava sem protecção alguma, esperava que eu o fosse procurar, e me lançasse em seus braços, fazendo-me instrumento da sua politica. Era ella naquelle tempo a de fazer a guerra, e desacreditar o Conde de Funchal, a quem se procuravam pretextos para lhe tirar a embaixada, e para isto estava vendido ao partido do Conde da Barca, Antonio de Araujo. Como visse pois que o não procurei, e que era protegido pelo Conde de Funchal, com quem já elle

Digitized by Google

havia estado ligado, e tinha acceitado ser o primeiro redactor do Investigador, declarou-me uma guerra torpe e baixa, á qual poucas vezes respondi, e sempre laconicamente, e em ar muito sizudo e nobre. A final, como ainda direi, fizemos as pazes; e eu fui o primeiro que para ella dei o passo: em todas as acções da minha vida sempre me quiz mostrar cavalheiro e bem educado.

Eu ia continuando nos meus trabalhos, e já mais senhor de mim, e vivia contente; quando um dia, o meu companheiro doutor Castro recebeo uma carta do Conde de Funchal, escripta um pouco sem cerimonia, como de fidalgo, que pensa que o genero humano sahio de fabrica diversa dos da sua jerarchia. Queixava-se não sei de que artigo, que tinhamos publicado, e as suas queixas eram em estilo pouco civil, as quaes logo me pareceo ser necessario rebater, para que de uma vez ficasse sabendo com quem tinha de tratar. Expuz ao meu collega, que se lhe devia responder immediatamente em termos cortezes, porém taes, que não o animassem a tornar a escrever do mesmo modo. O meu doutor, que era timorato e acanhado, sentia-se irresoluto, e sem energia bastante para seguir o meu conselho. Para o animar, e resolver disse-lhe: — meu amigo! o senhor não tem um axioma na sua medicina, que nas doenças perigosas é preciso obstar-lhe logo no principio? Pois estamos agora no mesmo caso: se consentirmos que o Conde tome uma vez ascendencia e dominio sobre nós, devemos estar certos que não hão-de parar aqui as suas exigencias e ousadias; é preciso por-lhes termo logo no principio. Se me tivesse escripto a mim, não hesitava um momento; porém como lhe escreveo, é preciso que a carta vá em seu nome, o que não impede que elle fique sabendo, quaes são tambem as minhas opiniões. Concertemos pois aqui o modo com que se hade responder. As minhas razões o animaram, e emfim lhe respondemos como convinha, porém de um modo muito grave, decidido, e cortez.

Qual foi o resultado desta nossa primeira resistencia?

Foi vir o proprio Conde á nossa casa; dar-nos mil satisfações; e dizer-nos, que em máo sentido tinhamos tomado as suas palavras, e que a sua intenção nunca fôra, nem era governar-nos na redacção do jornal. Assim terminou esta pequena questão. O Conde mostrou-se sempre muito meu amigo; e sempre me tratou com todo o respeito e affabilidade, e até com certa intimidade. Os negocios politicos íam chegando ao seu termo, a hora de Napoleão soou, seu throno cahio com grande estrondo, os alliados entraram em París, e a conquistadora do mundo tornou-se na grande, e vasta estalagem dos povos que tinha subjugado e opprimido. Tratava-se de lançar as primeiras linhas para a paz da Europa, e o Conde de Funchal partio para París, para alli assistir ao começo deste novo drama, em que fizemos tristissima figura.

Nestas primeiras bases de paz com que Inglaterra se congrassou com a França, soffremos nós, portuguezes, o primeiro insulto do governo inglez. Haviamos conquistado na America uma parte da Guiana Franceza, e os nossos alliados inglezes, sem o consentimento do governo do Brasil, e nem ao menos consultarem a Regencia de Lisboa, a entregaram á França para melhor paz fazerem com ella em seu proveito delles, já se sabe. Este, e outros insultos semelhantes só Portugal os podia tolerar, e sempre tem tolerado, porque depois do Marquez de Pombal nunca tem sabido tratar com Inglaterra, senão abaixando-se *servilmente* a todas as exigencias daquelle governo, sempre insolente para comnosco, e despresador da nossa independencia. Por honra da memoria do Conde de Funchal direi, que apesar de ser um adorador da politica ingleza, sentio, como verdadeiro portuguez, este insolito despreso da nossa dignidade, e *protestou* solemnemente contra elle. Não fizeram o mesmo os nossos negociadores no Congresso de Vienna, como ainda direi, porque não tiveram pejo de assignar outro escandaloso despreso, que alli se fez dos nossos serviços na guerra, e do nosso brio nacional.

Digitized by Google

De um grande, e maravilhoso espectaculo fui eu pouco depois testemunha em Londres, quando alli se fizeram as magnificas festas pela paz, e quéda de Napoleão, e se receberam os Reis alliados com todos os seus mais notaveis generaes, e que mais se tinham distinguido na guerra. Alli vi o Imperador Alexandre com todo o seu Estado-maior; vi o Rei da Prussia, e o seu afamado general Blucher, e outro não menos famoso general russiano, o commandante dos cossacos, Platoff. Vi tambem estes tão celebres cossacos, que tanto perseguiram o exercito francez na sua fatal retirada; e finalmente vi em Londres uma amostra de quasi todos os povos da Europa.

Era digno de ver-se como Alexandre, e o Rei da Prussia se apresentaram em Londres com toda a simplicidade e singeleza de dois distinctos cavalheiros. Nenhum delles quiz acceitar os palacios reaes para se alojarem. Cada um tomou para sua habitação um *hotel* dos mais magnificos da capital, que são verdadeiros palacios; e em volta delles, com especialidade daquelle em que estava o Imperador da Russia, havia sempre uma numerosa multidão de povo, que pedia vê-lo, e lhe dava vivas, aos quaes, elle, vindo á janella, lhes correspondia com as mãos, e repetidas cortezias. As festas, que então se fizeram, não se podem descrever; só vendo-as é que se podiam avaliar. Por oito dias se illuminou espontaneamente Londres, cousa nunca vista, e que não entra nos costumes britanicos; e entre esta riquissima illuminação viam-se emblemas de todas as qualidades, uns ricos e magestosos, outros ridiculos e grotescos. Entre estes ultimos, que convidavam a curiosidade geral, o mais notavel, e que attrahía as attenções do baixo povo, era um máo retrato, ou antes a caricatura do pequeno Rei de Roma, o filho de Napoleão, e que por baixo tinha este visivel distico: — *the King of Rome is not at house!* isto é, — o rei de Roma não está em casa!

Onde porém o luxo e a grandeza das festas mais se ostentaram, foi no extensissimo parque, denominado — *Hyde Park.* No meio deste grande passeio publico se armou

Digitized by Google

uma torre colossal, sobre a qual, toda esplendidamente illuminada, tremolavam as bandeiras de todas as nações que haviam combatido contra Napoleão, e entre ellas brilhava a nossa! Ao menos, o governo inglez não teve a audacia de nos privar desta honra, porque o nosso valor era tão conhecido na Europa, e brilhava tanto como o sol, cujas luzes só os cegos deixam de ver ao meio dia. O fogo de vistas ao mesmo tempo se espalhava por toda a vasta extenção do parque, mui variado, rico, e constante sem um momento cessar; e por entre elle subiam aos ares diversas maquinas aercostaticas, igualmente muito illuminadas. E tudo isto durava noites inteiras, que nesse tempo sempre estiveram boas e serenas; e era presenciado pelo menos, naquelle só local, por mais de cem mil pessoas de todas as classes!

Os inglezes ainda desta vez quizeram apresentar um espectaculo novo, que foi uma *naumachia*, isto é, a representação d'um combate naval, á maneira de Roma, a senhora do mundo! Naquelle mesmo extenso parque ha um grande lago, denominado — *Serpentine river*, e para elle fizeram conduzir um grande numero de pequenos navios, que representassem as esquadras de duas nações inimigas. Aquella com a qual então só Inglaterra estava em guerra, era a dos americanos, seus antigos compatriotas, a quem umas vezes chamam seu irmão *Jonathas*, ou por despreso — os *yankees*. Foi, portanto, o grande combate naval entre ambas; e é bem de presumir qual teve a victoria. Porém esta simulada victoria, era o simbolo de grandes perdas no alto mar; em consequencia das quaes Inglaterra foi forçada a fazer paz com o mano *Jonathas*, e este por uma vez se emancipou da tutela de seu irmão mais velho.

O governo britanico recorreo desta vez a toda a sua imaginação para contentar o povo, que parecia louco de alegria; tamanho tinha sido o medo que lhe causára Napoleão! e com effeito, elle não deixava de ter razão, porque só aquelle de seus inimigos, podia, se tivesse sido mais

Digitized by Google

prudente, ter-lhe abatido a sua altivez, e talvez arruina-lo. Passadas estas grandes festas, seguiram-se novos espectaculos, dos quaes o mais notavel foi o de Vienna. Nelle foram admittidos os nossos plenipotenciarios, o que por algum tempo esteve duvidoso, porque os nossos bons alliados inglezes só por um resto de vergonha é que consentiram que alli figurassemos. E talvez melhor fôra o não ter apparecido lá, porque não assignariamos a nossa deshonra, e o nosso pouco brio nacional. Como esse congresso decidisse, que a França pagasse uma forte indemnisação ás potencias, a quem fizera guerra, e em consequencia della roubára e devastára, não era possivel que ficasse excluido Portugal; entrou porém nesta partilha, na qual melhor fôra que não tivesse entrado, com uma quantia, que mais lhe servio de *insulto* do que de indemnisação! Teve em partilha *dois milhões de francos!* ao passo que se assignaram para a Dinamarca *dois milhões e meio da mesma moeda!*... Este escandaloso insulto foi assignado pelos nossos plenipotenciarios, entre os quaes figuravam o homem, que morreo com o distincto titulo de *Duque de Palmella!* Pela minha parte confesso, que antes deixaria cortar a minha mão direita, do que fazer uma tão desairosa e aviltadora assignatura! Porém o que mais é, nem os plenipotenciarios, nem o mesmo governo portuguez se envergonharam deste acto indigno; porque uns o sanccionaram com suas assignaturas, e o outro teve mão para acceitar esta ridicula e insultadora esmola!...

Em quanto durava o Congresso, e não vinha para a embaixada de Londres Palmella, que para ella estava destinado, procurava-se realisar a sahida do Conde de Funchal daquelle alto emprego. Este, antes da sua quéda politica, teve ainda tempo para participar á Côrte do Rio de Janeiro a grande noticia da quéda de Napoleão, e da paz geral. Aqui principiou a boa fortuna de José Balbino, que morreo Visconde de Tilheiras. O ser portador destes interessantes despachos para o Rio de Janeiro era nessa época uma grande ambição de muita gente, que conta-

va com as boas alviçaras, que havia de ter por tão boa nova. Não sei por intervenção de quem José Balbino teve esta preferencia; levou os despachos para o Brasil; foi alli nomeado Official de Secretaria; passado tempo veio para Londres como Secretario da Legação; teve muita parte nos negocios da emigração; chegou mesmo a servir alli de Encarregado dos nossos negocios perante o governo inglez; e afinal veio morrer a Lisboa Official Maior da Secretaria do Reino, e Visconde. Assim é que muitas vezes a fortuna se agarra ao braço d'um homem, e não lho larga até á morte!

O Investigador ía dando bons lucros, e eu já estava acostumado aos grandes trabalhos que dava. Como quizesse adiantar-me no inglez, e visse que estando de companhia com o meu collega doutor Castro, isso me era mais difficultoso por fallarmos sempre em portuguez, disse-lhe: — meu amigo eu vou tomar uma casa, toda ingleza, para viver, e onde não ouça fallar senão inglez, e por isso é bem que nos separemos, sempre como bons amigos, e collegas. Como sabe, metade dos trastes da casa são meus; eu lhos deixo, e quando podér, *e se podér*, mos pagará, e por um preço bem baixo, como este que lhe indico, e que me parece lhe hade agradar. Esteve elle pelo ajuste; tomei o que se chama em Inglaterra um *Lodgia*, ou um quarto de casa particular; e como na minha visinhança havia uma senhora decente que dava de jantar a algumas pessoas escolhidas, pude nella ser admittido, e comecei a ir lá sempre jantar. Tive alli occasião de me ir desembaraçando no inglez, porque as pessoas, que jantavam á meza redonda, eram todas bem creadas e polidas; e com muito prazer e boa vontade me serviam de mestres, e me íam corregindo nas faltas que commettia, ou me ensinavam frases que para mim eram novas. Emfim, o meu ouvido acostumava-se á musica da lingua ingleza, e comecei a entender o que se me dizia, e a responder de modo que já podia ser entendido.

Entre os individuos que alli costumavam jantar, fiz

Digitized by Google

conhecimento com o coronel *Fabvier*, que havia sido ajudante de Napoleão, e veio a ser no futuro general. Vinha a Londres, porque tinha tenções de ir d'alli para a companhia do Imperador, que já havia partido para Santa Helena. Tinha este coronel seguido sempre a sorte do seu antigo soberano, e como tivesse tambem assistido á infeliz batalha de Waterloo, teve a imprudencia de ferir o orgulho inglez, publicando a historia daquella fatal, e ultima lucta da fortuna de Napoleão. O resultado foi, que em um dia de madrugada, e ainda quando estava na cama, se vio rodeado de officiaes de policia, os quaes violentamente o agarraram, e sem lhe darem tempo de se despedir de seus amigos, o levaram para Hamburgo, onde o pozeram em terra, e o largaram. Nesse tempo estava em vigor o *Acto* ou *Bill*, chamado dos estrangeiros, os quaes podiam, em virtude delle, ser expulsos de Inglaterra; e forte com elle o ministerio inglez obrou esta baixa vingança, que a toda a gente sensata mostrou, que o francez tinha escripto a verdade.

Assim como acabo de referir este pouco airoso procedimento do governo inglez, e como por causa delle fallei em Napoleão, ligarei aqui outro facto notavel, que presenciei, e que mostra, entre os vicios que possam ter as leis inglezas, qual é a extensa e ampla liberdade civil de que gosa o povo inglez. É sabido como Napoleão, escapando-se de França, depois dos *cem dias*, fôra agarrado pelos inglezes. A náo, que o aprisionou, foi postar-se na costa de Inglaterra, defronte do porto de Portsmouth; e assim que alli chegou, foi tal a curiosidade dos inglezes para verem o grande colosso abatido, que era immenso o numero de pessoas de todas as classes, e de todos os sexos que povoavam a praia, e muitas das quaes se mettiam em botes para chegarem á náo, e o verem de perto. Ora é de saber, que o grande inimigo, que, em quanto poderoso, mettêra tanto medo aos inglezes, começou, depois de sua quéda, a achar sympathia entre elles; e houve mesmo muitos individuos, que muito se interessaram pela

sua sorte infeliz. Entre elles houve um que concebeo a atrevida idéa de o fazer desembarcar, e talvez impedir, que fosse para Santa Helena. Foi o seguinte o projecto, que imaginou para conseguir o seu fim. Em virtude do notavel acto denominado — *Habeas Corpus*, fez um requerimento ao magistrado competente, em que dizia precisava da presença de Napoleão Bonaparte para lhe servir de testemunha em um processo em que andava. O magistrado, que lhe não podia negar, segundo a lei, o que o homem lhe pedia, deferio-lhe como requeria. No mesmo instante porém deo aviso ao governo do que se passava. Este pelo telegrapho avisou logo o commandante da náo para se pôr ao largo, e em distancia do que se entendia ser dominio de Inglaterra. Assim se frustrou esta idéa a favor de Napoleão, que, senão podesse ser impedida, podia ter feito variar muito os destinos do illustre proscripto.

Para tambem mostrar quanto as idéas contra Napoleão tinham mudado, contarei outro facto, que presenciei, e em que tive parte. Entre as curiosidades que os conquistadores, que occuparam a França, escolheram para mostrar á Europa vencedora, foi a carruagem de viagem de Napoleão, em que fôra a Waterloo; e esta notavel carruagem com os cavallos, que a puxavam, veio ter a Londres, e alli della se fez exposição ao publico em uma grande casa da rua de Piccadily, pelo modico preço de um shiling por cabeça. Não tinha esta carruagem elegancia alguma externa, que a distinguisse; porém todo o seu interior era digno de ver-se. Podia armar-se nella uma cama para dormir, e para este fim continha todos os objectos necessarios. Nella havia igualmente todos os trastes, de que precisa um viajante que commodamente deseja viajar. Tinha bacia de prata e jarro para se lavar; ourinol do mesmo metal; tinteiro tambem de prata com todas as suas pertenças; tesouras, canivetes, e escovas, &c.; e o mais rico traste, que de certo o era para elle, e estava dentro desta notavel carruagem, era um peque-

Digitized by Google

no busto de alabastro do filho, o pequeno Rei de Roma. Todos os curiosos, tanto de um como de outro sexo, não se contentavam só de ver, queriam tocar aquellas venerandas reliquias; e por tanto sem excepção, entravam dentro da carruagem, sentavam-se nas suas fofas almofadas, abriam as diversas gavetas, que tinha, e satisfaziam amplamente todas as suas curiosidades, sem que alguem os impedisse. Da minha parte tambem não quiz ficar atraz; entrei dentro como os mais, e ao lado de algumas lindas inglezas, estive vendo, apalpando, e examinando todas aquellas commodidades; gloriando-me de estar sentado nos mesmos assentos em que já o estivera o maior homem do seu seculo.

Ao sahir da grande sala, onde se fazia a exposição, encontrei-me com um francez, ainda moço, alto, e esbelto, mas a quem faltava um braço. Esta circumstancia obrigou-me a entrar em conversação com elle. Perguntei-lhe quem era, e que figura alli fazia? Respondeo-me que era o cocheiro que guiava a carruagem do Imperador em Waterloo, e que para a defender, bem que inutilmente, de cahir nas mãos dos inimigos, tinha perdido aquelle braço. Contou-me muito pelo miudo toda esta historia, e eu depois de o ouvir, disse-lhe: — Pelo que me tendes contado parece-me, que muito vos hade custar o assistir a esta exposição em que se patenteam as desgraças do grande Imperador, vosso amo! — Bem pelo contrario, me replicou logo aquelle homem! Se estes estupidos mostram tamanha veneração e respeito por um tão ridiculo, e insignificante traste do Imperador, que faria se o vissem!... todos se poriam de joelhos, e o adorariam!... Quanto a mim, tomo estes momentos pelos mais gloriosos da minha vida, porque vejo esta gente, tão altiva, olhar, e tocar com tamanha veneração este mesquinho traste de meu amo, o grande Imperador! E concluio, dizendo: — quereis ver os dois bellos cavallos normandos, que puxavam esta carruagem, e escaparam da grande e infeliz batalha? Respondi-lhe que sim; e depois de

Digitized by Google

m'os mostrar, que estavam perto, despedi-me deste homem, admirando o nobre coração que elle tinha.

Passada a visita dos grandes hospedes que estiveram em Londres, vi ainda outro espectaculo, que sendo menos curioso, não foi comtudo menos importante; foi a entrada triunfal de Luiz XVIII, que vinha do seu desterro da Escocia, e do velho palacio de *Holy Rood* em Edimbourg, onde havia annos residia, depois de expulso da Russia por Alexandre, e nunca ter conseguido, assim como nenhum da sua familia, o ser admittido na Austria. Dirigia-se para França, e entrou em Londres, acompanhado por toda a canalha daquella immensa cidade, que lhe dava vivas estrondosos. Porém tudo ficou nesta vozaria, e nenhumas festas se lhe fizeram. Passou como passa por uma estrada real um homem, que só se admira pelas grandes equipagens que o cercam.

Aproximava-se o tempo de ser o Conde de Funchal expulso da embaixada, na qual parecia depois de tantos annos estar collado; mas tinha mudado a politica do governo do Rio de Janeiro, e tambem lhe devia chegar a sua vez, assim como a todas as cousas humanas, ainda as que parecem mais firmes. O Conde de Linhares, seu irmão, tinha perdido todo o prestigio depois dos infaustos tratados com Inglaterra, um de commercio, outro de alliança, ambos com a data de 1810. Seus inimigos politicos, á testa dos quaes estava o Conde da Barca, a quem até alli havia supplantado, serviram-se particularmente destes dois tratados para desacreditar a sua politica; e neste caso perdendo o Conde de Linhares toda a sua influencia no Rio de Janeiro, era consequente que seu irmão Conde de Funchal, tambem a perdesse em Londres, porque debaixo da influencia destes dois irmãos aquelles dois tratados se tinham feito e assignado. Antes porém da sahida da sua embaixada este ultimo deo uma grande festa, ou baile nos annos do Principe Regente de Portugal, festa que sempre costumava fazer aos annos de quem reinava. Esta ultima, á qual eu assisti

Digitized by Google

por convite particular, foi magnifica e brilhante, e uma das quaes se chamam em Inglaterra — *Routs*. Consistem ellas em ser tamanho o numero dos convidados, que alli concorrem, que estes não tenham cadeiras, nem assentos para se sentarem nas vastas salas de recepção. Cada um dança, passeia, ou attende aos divertimentos que ha; e quando póde, senta-se, se acha vago um logar em que o possa fazer. Neste grande baile, ou saráo, como lhe chamaria um dos velhos do tempo d'El-Rei D. Manoel, se então resuscitasse, fiz eu conhecimento mui de perto com parte da familia real ingleza, e com o chefe della, que então governava, e era aquelle que depois tomou o titulo de George IV: nessa época, era Principe Regente na doença de seu pae George III. O modo porque cada um, indistinctamente, se recebia na entrada, era dando o seu nome, que os criados logo annunciavam para cima, afim de que os mestres-salas os viessem receber no alto da escada. Quem tinha titulo, ajuntava ao seu nome, para melhor ser conhecido; mas não havia distincção alguma nos annuncios que se faziam; todos, fossem ou não titulares eram pelo mesmo modo annunciados. Estando eu ainda nas primeiras salas, ouvi uma voz forte que dizia — *o Principe Regente!* E este entrou acompanhado de tanta gente, que o não pude logo ver na entrada.

Depois de ter dado alguns passeios nas diversas salas, achei em uma dellas uma cadeira vaga, e immediatamente me fui sentar, antes que apparecesse outro curioso que a quizesse. Entre muitos individuos que estavam sentados junto de mim, havia uma figura, que pelo seu ar, regularidade de fórmas, e modo de se exprimir, começou a interessar-me, e a desejar saber quem seria, porque me parecia não ser homem vulgar. Como a meu lado estivesse outro individuo, com quem me pareceo poderia entrar em conversação, perguntei-lhe: — se sabía quem era o sujeito, que estava perto de nós, e que era tratado pelos seus visinhos com particulares attenções? — É o Duque de *Clarence*, irmão do Regente! e era, com

Digitized by Google

effeito, o mesmo, que depois foi Rei com o titulo de Guilherme IV. Passado algum tempo, e estando ainda sentado na mesma cadeira, vi defronte de mim um homem vestido de casaca azul com botões amarellos, e o resto de preto, sem condecoração alguma, e que, sempre de pé, era constantemente cortejado por muita gente. Tornei então a perguntar ao meu visinho: — quem é aquelle, a quem todos cumprimentam, e sempre fazem roda? — É o Principe Regente!... Pude então bem ver, e examinar a fisionomia, e ares deste homem, a quem os inglezes, quando elle era moço, chamavam o primeiro *gentleman* de Inglaterra pelas suas maneiras elegantes e polidas. Mudou porém com a idade; entregou-se a uma irregularidade de costumes tal, que até chegou, sendo Principe, a ser expulso do *Jockey Club*, sociedade estabelecida para manter e auxiliar as corridas dos cavallos, grande entretenimento inglez, e no qual se perde e ganha muito dinheiro com as apostas. Provou-se, que tinha corrompido, ou comprado um criado para que certo cavallo perdesse as avultadas apostas, que sobre a sua corrida já estavam feitas. Na occasião em que vi este Principe, mostrava que grandes desgostos lhe tinham alterado a delicadeza das feições, senão é que o tinham sido as vehementes paixões, que sempre deixam escriptos nas faces sinaes indeleveis de quão fortes foram, e até ás vezes quão desregradas e feias. Conservava porém todos os ares de um nobre cavalheiro, tratando a todos com aquella mesma affavel delicadeza e consumada cortezia, com que muitos annos depois, já sendo Rei, recebeo no seu palacio de Windsor a nossa joven Rainha. A quem elle mais familiarmente tratava, porém ao mesmo passo sem faltar a toda a etiqueta de uma rigorosa civilidade, era ao Conde de Funchal, a quem denominava o seu *Sousa*. E em verdade, era este digno de ver-se nesta noite festiva! De estatura mui pequena como era, mal feito do corpo, e ainda mais de figura, e agora vestido com a sua rica farda de embaixador sobre a qual cahiam uma gram-cruz,

Digitized by Google

e os crachás de muitas ordens, representava um papel tão fóra do commum, que parecia interessar muito o Principe, que delle muito gostava.

Pouco tempo se demorou em Londres depois desta festa, como embaixador, e agora delle posso dizer com verdade que sempre me tratou muito bem, e até por fim me fez um distincto favor, sem que lho pedisse, o qual foi de me conseguir *gratis* em Roma o meu *Breve* de secularisação, quando passado tempo para lá foi. Tinhamos pequenas questões ácerca da redacção do Investigador, nas quaes eu ficava de cima, ficando ao mesmo tempo ambos sempre bons amigos. Muito senti, como ao diante ainda direi, que se désse por offendido de mim; porque, segundo o meu caracter, e a imparcialidade que sempre conservei como escriptor publico, não podia condescender com as suas exigencias.

Quem se destinou para lhe ir notificar a sua sahida, e temporariamente o substituir, foi Cypriano Ribeiro Freire, homem honesto, e já velho na carreira diplomatica, o qual assignou em Madrid com Luciano Buonaparte a nossa illusoria paz com a França, depois da que ella celebrára em Amiens com Inglaterra; paz em que ou se mostrou pouco esperto, ou não foi devidamente auxiliado por quem lhe deo as instrucções. A nossa chamada paz assignou-se, como se ainda a França estivesse em guerra com Inglaterra, o que já não era assim; e o resultado foi pagarmos bem cara o nossa ignorancia, sendo só quem ganhou os dois negociadores, que por ella receberam ricos e valiosos presentes.

Chegado que foi Cypriano Ribeiro Freire, fui logo visita-lo, que me recebeo muito bem, assim como recebia a todos os portuguezes. Depois de mais algumas visitas, tive uma conferencia particular com elle, e lhe pedi, que me dissesse com toda a franqueza e verdade, se entre os meus antecessores, proprietarios do Investigador, e o governo do Brasil havia algum contracto ou compromisso, que os ligasse a mutuas obrigações. Contei-lhe então as

Digitized by Google

pequenas questões, sempre amigaveis, que a este respeito havia tido com o Conde de Funchal, e por uma vez queria saber, e ficar certo, se havia ou não obrigações, para assim regular o meu comportamento futuro. Elle respondeo-me, que tendo, havia pouco chegado, nada sabía desse objecto; porém prometteo-me, que o indagaria, e me daria uma resposta exacta do que encontrasse, sem nada me occultar. Fiquei-lhe muito agradecido, e me despedi, esperando pela decisão deste negocio, para tomar as minhas resoluções finaes, e ver se me convinha ou não continuar na redacção do jornal.

Não se passou muito tempo que me não désse a resposta, que lhe tinha pedido, e foi ella, que depois do mais miudo exame, e das perguntas que tinha feito aos mais velhos empregados na embaixada, nada constava áquelle respeito; e que por consequencia podia eu escrever o que quizesse, e como quizesse; porque disso nunca me tomaria conta, deixando-me livre, e a meus companheiros, como unicos responsaveis do que escrevessemos. Agradecilhe, como devia, o procedimento leal que tinha comigo, e fui immediatamente dar parte ao meu socio Dr. Castro, do que tinha passado com o novo ministro. Quanto ao Dr. Vicente, era escusado partecipar-lhe cousa alguma; porque essencialmente preguiçoso, e inhabil para trabalhar, o que queria, era que eu lhe désse sempre dinheiro para os seus appetites: tão pouco era o cuidado que lhe dava a fórma do jornal, bem como o trabalho, que era preciso fazer para o conservar com credito. A esse tempo estava elle em Vienna d'Austria, comendo jantares em casa de Palmella, para onde tinha ído, depois de *mil lamurias* que me havia contado das suas doenças. O seu maior talento era de representar a figura de parasito, ou de papa jantares, em casa dos grandes, onde nem sempre era tratado com muito melindre. Com o Conde de Funchal passava todo o tempo a disputar sobre os versos hexametros portuguezes, que pretendia introduzir em a nossa poesia; e o maior trabalho que fez no

Digitized by Google

Investigador foi uma má traducção do romance de Augusto La Fontaine, que muito me deo que fazer para a lavar, de modo que podesse apparecer tal e qual appareceo. Com o então Conde de Palmella não representava melhor papel; porque tinha com elle questões indiscretas, e por fim recebia taes repostadas, que só de ouvi-las me cahiam as faces de vergonha. Vivi com muitos grandes; mas de nenhum nunca recebi uma expressão de despreso nem de pouca consideração, porque sempre me sube haver com a decencia e dignidade de homem honrado, sem nunca me aviltar diante de quem quer que fosse. É este o meio de ser respeitado no mundo, quer seja por grandes ou pequenos.

Sabendo a final o terreno que pisava, e que este era seguro, determinei logo dar uma fisionomia mais decidida ao Investigador, plano ao qual o meu collega Castro não se oppoz. Pretendi sempre tratar o governo do Brasil com todo o respeito, e moderação que fossem compativeis com o que eu devia a Portugal, como o paiz em que tinha nascido, e para o qual começavam a dirigir-se todas as minhas vistas, olhando para o despreso, com que o tratava o governo do Rio de Janeiro, que não só o pretendia esbulhar da sua primogenitura, mas exhauri-lo de todo o seu sangue, antes de lhe dar de mão, como nesse tempo se affirmava. Estas desconfianças que até alli podiam passar por conjecturas, tornaram-se para mim realidades, quando ouvi o que me contou o meu amigo João Ferreira Pinto Bastos, tio do actual José Ferreira Pinto Bastos. Aquelle tinha estado em Paris, e contou-me, que, encontrando-se casualmente um dia com o hespanhol *Ribadávia*, que estivera no Rio de Janeiro como encarregado de negocios de Buenos-Ayres, este lhe dissera, fallando dos negocios de Portugal, que não esperassem que João VI tornasse a Lisboa, porque toda a idéa do governo do Brasil era desfazer-se da mãe patria, e arranjar-se na America, até trocando-a por Monte-Video. E que em uma palavra, o Brasil estava tratando ac-

Digitized by Google

tualmente Portugal, como o homem, que faz uma limonada, e que depois de espremer todo o succo que tem o limão, *lança-lhe a casca á rua*! Ora á vista disto, que podia eu esperar do Brasil, ou que conceito devia fazer do governo que alli dirigia os negocios?

Determinei-me logo a empregar todas as minhas forças, para ver se neutralisava tão impoliticas como ingratas idéas. Sem com tudo, caminhar de salto, porque sabía que assim como a natureza não dá saltos, tambem estes, para maior segurança não se devem dar em os negocios da vida, comecei a mostrar lentamente como Portugal não merecia ser tratado como colonia, e que para o conservar contente e feliz, era preciso dar-lhe leis compativeis com a sua situação, e até com as luzes do seculo. Para isto, emfim, era necessario, como preliminar, restituir-lhe a sua primittiva Constituição politica, para que, por meio della, podesse conservar a vida, que perdêra, mudando-se-lhe o assento do governo para o Brasil. Com esta idéa procurava igualmente ír excitando recordações de liberdade nos animos portuguezes, e fazendo que, pouco a pouco, fossem perdendo o medo de quebrar as cadêas, com que tão indignamente os tinham manietados.

Fui, portanto, o primeiro que em um jornal publico ousei expor aos olhos de todos o texto das nossas Côrtes, que até alli só alguns curiosos podiam ir ler entre a poeira dos archivos. Foi sim o Investigador Portuguez o primeiro jornal que, redigido por José Liberato Freire de Carvalho, deo a ler aos portuguezes as Côrtes de Lamego. Pouco me importava, que os criticos as dessem por verdadeiras ou falsas; o meu intento era mostrar que haviamos sido livres, tinhamos creado um reino, dado leis a um Rei, que as tinha acceitado; e que por ellas, ou verdadeiras ou falsas, haviamos sido governados até o reinado de D. Pedro II, que para segurar o reino a seu filho João V foi-lhe preciso recorrer a ellas. E para que não ficasse em dúvida o nosso direito, apresentei-lhe ain-

Digitized by Google

da o texto das Côrtes de Coimbra, onde os portuguezes deram leis, e um reinado a D. João I, de quem descendia a Casa de Bragança, a qual, tambem nós portuguezes, collocámos sobre um throno glorioso. E lhe accrescentei tambem um novo artigo, que foi o de *Reflexões* sobre as noticias do dia e os assumptos, que se publicavam no jornal.

Estava pois já o Investigador Portuguez neste progresso, como hoje se costuma dizer, quando das suas viagens chegou a Londres o meu titular collega Dr. Vicente Nolasco, que se tinha fartado de comer bons jantares em Vienna d'Austria em casa do Conde de Palmella. Tinha eu escripto um artigo importante sobre o Congresso de Vienna, no qual me queixava tanto das suas decisões a nosso respeito, como da má e inutil figura que nelle tinham representado os nossos plenipotenciarios. Contou-me então o doutor como Palmella estava muito indisposto contra mim por aquelle artigo, e tambem pelo que tinha dito ácerca do homem dos tres iii, que tinha figurado em a nossa terra, e que tivera este appellido porque constava era de opinião que não se podia governar bem Portugal sem *inquisição*, *inconfidencia*, *e ignorancia*. Verdade era, que eu tinha attribuido este *judicioso* dito a outro individuo, mas que elle pensava que só disfarçadamente lho havia attribuido, para collocar a carapuça na cabeça do pae, de quem o tal dito realmente era. Neste caso estivesse já de prevenção para me haver com elle, quando chegasse, e tomasse posse da embaixada.

É cousa digna de saber-se, como esta pequena circumstancia da minha vida, fez com que nella houvesse dois incidentes bem importantes. O primeiro, para mim muito feliz, foi o adquirir um amigo, cuja mão protectora até hoje 12 de Setembro do anno de 1853, ainda não deixou de estar levantada sobre mim! Em toda a parte em que tenho estado, ou fosse em Inglaterra, França, Hespanha, e Portugal, sempre a tenho visto a meu lado, e o que mais é sem lho pedir, e só por uma amisade, phi-

Digitized by Google

lantropia, ou como lhe queiram chamar, uma sympathia extraordinaria. Esta mão protectora é a do meu incomparavel amigo Custodio Pereira de Carvalho, negociante actualmente em Londres, e que provavelmente não voltará á patria, que muito ama e respeita, mas que não vê tão feliz como ella merecia, e elle sempre desejou. Como se teceo esta amisade ou esta sympathia, eu vou contar; o meu coração pede-me, que não occulte esta boa fortuna, que encontrei na minha longa vida; porque amigos, como este, raras vezes se encontram no mundo.

Depois de ter publicado no Investigador o artigo que em cima já nomeei, passeava eu um domingo nas ruas de Londres, quando encontrando este meu amigo, veio elle a mim, e me disse: — dê-me cá um abraço; ainda em portuguez senão escreveo um artigo como o seu. Em verdade, é preciso não ter sangue portuguez para não se indignar com o que se tem passado no Congresso de Vienna! Não bastava ficarmos sem Olivença, e sem a parte que conquistámos aos francezes na Guianna, o insultarnos ainda com a mesquinha indemnisação de dois milhões de francos, é intoleravel! E mais este insulto é flagrante, quando ao mesmo tempo se dão á Dinamarca dois milhões e meio da mesma moeda! E que bellos negociadores que lá temos, que tiveram mãos para assignar esta vergonha, e tiveram faces, e coração para a não sentirem!... Este foi, portanto, o grande laço, que prendeo a nossa amisade, que tem durado até hoje! Desde aquelle dia o meu amigo foi tudo para mim; nas suas mãos depositava todo o meu dinheiro; elle era quem pagava todas as minhas despezas, e era o meu verdadeiro caixa, e banqueiro. O Investigador, pois, nessa época tomou todo o ascendente sobre os dois outros jornaes que se publicavam em Londres, que eram o Correio Brasiliense escripto por Hippolito, e o Portuguez por João Bernardo da Rocha, que aqui ha pouco morreo. Nenhum delles advogava os interesses de Portugal; porque o primeiro só tinha por missão o servir o Brasil á custa da mãe patria;

Digitized by Google

e o segundo, bem que dissesse, e escrevesse cousas a bem do seu paiz, não tinha plano nem systema naquillo que escrevia; tudo se reduzia a idéas geraes, e não descia aos verdadeiros pontos em que estava a questão, nem a encarava como ella o devia ser, para que os seus discursos podessem dar fruto.

Estavam as cousas neste estado, quando o então Conde de Palmella chegou de Vienna, e tomou posse da embaixada de Londres. Fui immediatamente visita-lo, porque já eramos muito conhecidos, e nesta primeira visita de nada mais se tratou do que das conversações do costume, e do que em geral se tinha decidido no Congresso. Seguio-se a segunda visita, e então o Conde, com muita reserva, e apparente affabilidade, disse-me: — Desejava fallar-lhe em um ponto importante, e que julgo deve merecer a sua attenção; o Investigador, como sabe, recebe um grande auxilio do governo, e sendo isto assim, parece-me justo, que elle tenha tambem alguma parte na sua redacção. Alguns dos seus artigos de politica são, a meu ver, um pouco improprios do caracter, que elle deve ter no publico, e por isso julgo que é necessario que esses *futuros artigos sejam aqui combinados na minha secretaria*... Podem os leitores destas Memorias imaginar a impressão que me faria esta proposta; porém uma rapida reflexão me fez cahir em mim; e lembrando-me, que uma discussão de palavras podia, sem querer, levar-nos a scenas desagradaveis, porque uma expressão indiscreta produz muitas vezes outras que ainda o são mais; por isso com o mesmo tom de serenidade respondi-lhe: — O que V. Ex.ª me propõe é, com effeito de grande importancia, e merece ser pausadamente ponderado; e por isso lhe peço, que me dê algum tempo para reflectir, e para que lhe possa dar uma resposta conveniente, e tal como o pede o assumpto melindroso em que estamos fallando.

Dito isto, despedi-me, sem levemente lhe dar a entender a impressão de despreso que me havia causado a sua arrogante e temeraria proposta; e vindo para casa,

Digitized by Google

sem nada dizer aos meus collegas, escrevi-lhe a carta seguinte, cujo borrão não sei como ainda conservo, e fui achar entre os meus papeis velhos, que pretendia queimar.

« Illmo e Exmo Sr. Conde de Palmella — Os poucos « momentos de conversação, que tive com V. Ex.ª ácerca « do Investigador, e tudo o mais que a este mesmo res- « peito se tem passado depois, me deram suficientemente « a conhecer as intenções de V. Ex.ª; e por conseguinte « me pozeram tambem na obrigação de eu lhe dizer fran- « camente o que sinto sobre este mesmo assumpto, pois « que nelle sou uma das partes mais interessadas. V. Ex.ª « me desculpará pois toda a franqueza com que pretendo « fallar-lhe por meio desta carta: occultar-lhe os meus « sentimentos seria não só contradizer o meu caracter, « porém faltar aos meus deveres para com V. Ex.ª. V. « Ex.ª toma por principio e base de todos os seus racio- « cinios que, sendo o Investigador auxiliado pela Côrte, « deve elle conseguintemente ser de todo *ministerial*; e « para ter esse caracter, deve ficar sujeito a uma *censura* « *prévia*, particularmente na parte mais importante, que « é a das Reflexões politicas. Se V. Ex.ª me dá porém « licença, responderei, que o seu principio não é rigoro- « samente exacto; porque a Côrte não paga absolutamente « o jornal, e apenas se póde considerar como um dos seus « primeiros subscriptores. Para mais aclarar esta idéa, e « mostrar que as despezas do governo não são taes como « V. Ex.ª imagina, farei aqui o resumo da sua importancia.

« O Investigador recebe por cada quartel de tres me- « zes a quantia de £ 229,4,0; e por consequencia vem « a receber por anno — £ 916,16,0. Se a isto accres- « centar as despezas que se fazem com o transporte dos « jornaes para Lisboa e Rio de Janeiro, que se poderão « calcular em £ 12,0,0 por mez, o que eu não sei exa- « ctamente, mas que V. Ex.ª póde examinar em um mo- « mento, importaram ellas em £ 144, as quaes juntas « £ 916,16,0, fazem a somma total de £ 1060,16,0.

Digitized by Google

« Eis-aqui todas as despezas do governo, que eu já ouvi
« calcular a alguem em £ 3,0,0,0.

« Ávista deste resultado, tire agora V. Ex.ª as £ 144
« de transportes, e deduza ainda das £ 916,16,0, as des-
« pezas de impressão e outras miudas que correm por
« conta dos redactores, as quaes despezas não se podem
« calcular em menos de £ 40 em cada mez, suppondo
« que o jornal continue, como agora, a não exceder, pouco
« mais ou menos, a 8 folhas de impressão, verá então,
« que o que resta liquido é, quando muito, £ 436,16,0.

« E suppõe neste caso V. Ex.ª que tres redactores, em-
« pregados no jornal, podem viver com estas £ 456,16,0 ?
« Isto pelo menos se deveria dar a um só.

« Se esta quantia, que fica liquida, e que o governo
« dá, apenas chega para sustentar um só redactor, é logo
« evidente, que, para todos tres existirem, é preciso que
« dependam dos subscriptores ; e se estes sustentam agora
« na realidade dois delles, e o governo só um, porque se
« hade dizer, que o jornal pertence exclusivamente ao
« ultimo, e de nenhuma sorte aos primeiros, sem o au-
« xilio dos quaes nem o jornal póde existir, nem dois dos
« redactores podem sustentar-se ?

« A idéa de V. Ex.ª seria muito bôa, se o governo
« désse uma somma sufficiente para tornar os redactores
« independentes do publico ; mas querer que elles depen-
« dam, como até agora, dos subscriptores, e entrem ape-
« sar disso a escrever em um sentido em tudo opposto
« ás opiniões delles, e só conforme com as do governo,
« é exigir, certamente, impossiveis. Não se póde ao mes-
« mo tempo servir a dois senhores, e com especialidade
« quando elles tem opiniões tão diversas. Em prova do
« que tenho exposto direi a V. Ex.ª, que o Investigador
« estava já em tal descredito, e que o numero dos seus
« subscriptores tinha tão consideravelmente diminuido,
« que se eu lhe não tivesse dado uma nova fórma no prin-
« cipio deste anno de 1816, e não o houvesse, por as-
« sim dizer, resuscitado, e levantado da insignificancia e

Digitized by Google

« despreso em que estava, apenas hoje contaria com um « cento de subscriptores. No decurso deste anno é emfim, « que os subscriptores tornaram a apparecer; e quando « a sua influencia se tem tornado mais sensivel, é exa- « ctamente no corrente semestre, segundo as informações « que me tem dado os meus correspondentes. Sendo isto « uma verdade innegavel de facto, reduza-o agora V. Ex.ª « a uma condição ainda mais restricta do que aquella em « que estava antes do anno de **1816**, e verá qual é o « resultado. Cahirá na mesma antiga insignificancia e des- « preso, que serão tão communs para o jornal, como para « os seus redactores; e a final com toda essa tão assoa- « lhada e exaggerada despeza da Côrte, elles se verão co- « bertos de despreso publico e de miseria,

« Tem, conseguintemente V. Ex.ª visto, que o auxi- « lio da Côrte não é sufficiente para se exigir que o jor- « nal seja absolutamente *ministerial*, e passe pela mortal « operação da censura, porque não póde existir sem o « auxilio dos subscriptores. Nem V. Ex.ª imagina, que « elles sejam tão estupidos que não percebam esta mu- « dança; e uma vez que seja percebida, que será do jor- « nal, e dos seus redactores? O publico já senão póde « enganar; e será por consequencia um erro indesculpa- « vel pretender que elle, uma vez que dê por esta tão « notavel e extraordinaria mudança, continue a auxiliar « com as suas subscripções como principia a fazer. Creio « que V. Ex.ª não se persuadirá de que tal aconteça, par- « ticularmente, quando ha mais dois jornaes que fallam « ao paladar dos leitores, e quando já temos exemplos « passados.

« Eis-aqui as primeiras razões que julguei dever expor « a V. Ex.ª; e ávista dellas, tendo por impossivel a exe- « cução do seu plano, eu tambem me não considero ca- « paz de o executar. Agora peço licença para passar a « novas considerações.

« A condição essencial de uma *censura prévia* não é « já compativel nem com as minhas opiniões nem com a

« minha pequena reputação. Sem querer arrogar-me a « menor superioridade de talentos, ao menos, posso sen- « tir, sem vaidade, que posso fazer mais alguma cousa « do que condemnar-me a escrever insignificancias, que as- « sim mesmo estarão mensalmente sujeitas a serem ou « mutiladas, ou absolutamente riscadas. Quanto mais, até « me seria impossivel escrever uma só linha, que tivesse « senso commum, tendo sempre presente a lembrança de « que essa linha tinha tóda a probabilidade de morrer na « proxima censura. E até que trabalho perdido não seria « o meu com todo esse arranjo? Supponhamos que tinha « escripto algumas paginas, e que ellas todas desagrada- « vam a V. Ex.ª? Era preciso riscar tudo; e como isto « havia de acontecer no fim dos mezes, então ou seria « preciso escrever novos artigos de improviso, o que é « impraticavel, ou se faria presente ao publico de um nu- « mero sem nenhumas Reflexões, hoje já um artigo es- « sencial do Investigador. Para fazer, portanto do Inves- « tigador Portuguez uma *Gazeta de Lisboa* um pouco mais « volumosa, eu não me julgo nem proprio, nem neces- « sario: para isto nem se precisam empregar tantos ho- « mens, nem pessoas nas circumstancias em que eu es- « tou. Eu já disse a V. Ex.ª que tinha uma pequena re- « putação, e esta, de certo, perderia totalmente se me « pozesse agora a formar artigos não só contrarios ás opi- « niões que já manifestei, porém já muitas outras que a « opinião publica rejeita, e que seria forçado a escrever. « Eu respeito muito um dito antigo, que se póde e deve « applicar a grandes e pequenos — *Perca-se tudo, menos* « *a honra*. Julgo, portanto, que perderia a minha honra, « se me sujeitasse á condição que V. Ex.ª me quer impor.

« O mundo sempre avalia com despreso os homens, « que vendem as suas opiniões, e quando muito esses po- « dem achar uma desculpa nos lucros que tiram da sua « venda. Mas eu, até neste caso, seria ainda muito mais « despresivel aos olhos dos individuos que conhecessem « bem a fundo toda esta transacção, porque vendendo as

Digitized by Google

« minhas opiniões, e meus pensamentos, nem ao menos « tratei de cobrir a minha vergonha com os lucros que « sempre acompanham taes vendas. Para nem sequer ga- « nhar sufficientemente para viver, é bem desnecessario « sujeitar a taes condições.

« Mas deixando cousas que me são particulares, que « proveito póde dar ao governo e á nação um jornal es- « cripto debaixo dessas restricções? Elle não terá poder « algum sobre o espirito publico, uma vez que se suspeite « o modo porque é formado e dirigido, e até os mes- « mos que mais folgarem de o verem manifestar certas « opiniões, hão-de ser os primeiros que nem sequer o leiam. « É verdade que um jornal sem essas restricções póde « uma vez ou outra não concordar com os sentimentos « do governo, e manifestar opiniões que lhe desagradem, « mas isto mesmo é o que lhe dará o verdadeiro caracter « de liberdade, e o porá em circumstancias de poder por « outras vezes fazer-lhe serviços importantes, porque o pu- « blico não poderá então desconfiar de que nelle entre « influencia alheia. Na minha opinião, para que um jor- « nal possa ser de proveito a um governo, deve de vez em « quando, por systema, oppor-se moderadamente ás suas « operações, para depois ficar com direito, perante o pu- « blico, de apoiar com fructo outras medidas mais impor- « tantes. Assim é só que póde mostrar um caracter de « imparcialidade e independencia, e com esse caracter « adquirido influir com proveito na opinião publica, na « qual nunca hade influir, uma vez que se saiba que é « creatura humilissima do governo. Contra o despreso pu- « blico não tem poder grandes nem Reis; e uma vez que « o Investigador partecipe delle, e do qual já começava a « partecipar, é escusado pretender que sirva de alguma « utilidade. Ora pois nesse despreso vai elle infallivelmente « cahir, se V. Ex.ª achar quem tenha coragem para exe- « cutar as novas leis que lhe quer impor,

« V. Ex.ª não ignora, que infelizmente o nosso governo « não marcha a par da opinião publica nacional; e en-

« tão como quer que esta opinião se volte a favor do go-
« verno por meio de um instrumento, que de necessidade
« hade ser visto com desconfiança ou com despreso? O
« Investigador, como V. Ex.ª o quer organisar, não póde
« ser util nem para o governo nem para mim; e depois
« de todas estas combinações será exactamente, e em ul-
« timo resultado uma copia fiel desta composição interes-
« sante que Figaró pretendia fazer com o titulo de — *Inu-*
« *tilissimo jornal!* Tenho-me demorado, talvez mais do
« que devia, em expor as minhas razões a V. Ex.ª, porém
« indo eu tomar uma resolução definitiva, devia motiva-
« la; e esta circumstancia me servirá de desculpa. Jul-
« guei tambem que o modo de expor mais claramente as
« minhas idéas a V. Ex.ª era por meio de uma carta;
« porque as communicações verbaes quasi sempre se des-
« viam do ponto principal, e perdem a sua maior impor-
« tancia. O meu ultimo resultado é pois, que me não posso
« conformar com o plano e intenções de V. Ex.ª; porque
« sendo ellas talvez de nenhuma consequencia nos domi-
« nios portuguezes, tomam bem diverso caracter no paiz
« em que não ha *inquisidores*, nem *censores* dos pensa-
« mentos humanos. Assim, porque neste arranjo não posso
« aspirar a honra nem proveito, e só delle posso tirar
« deshonra, vergonha e despreso, a minha ultima resolu-
« ção é declarar francamente a V. Ex.ª, que o proximo
« numero de Dezembro será o ultimo, em que terei parte
« como um dos seus redactores. V. Ex.ª dará, por con-
« sequencia, as providencias que julgar necessarias para
« a continuação do jornal aos outros dois socios, porque
« *decididamente* deixo uma empresa, que só me tem dado
« trabalhos e desgostos. Esta mesma minha decidida re-
« solução parteciparei aos meus dois socios, para que á
« vista della tomem o partido que melhor lhes convier.

« Creio não ter offendido a V. Ex.ª; pelo menos a mi-
« nha intenção não era essa, porque sempre foi, e ainda
« é de mostrar-lhe que sou — Exmo Sr. — De V. Ex.ª
« — Servo muito attento venerador — José Liberato Freire

11

« de Carvalho. — 9 de Novembro de 1816. — 20, Kenton « Street Brunswick Square. »

Copiei aqui esta carta bem longa, para mostrar aos bons amigos que sempre me honraram com a sua amisade, que não fui indigno della; e que na idade das paixões, e dos interesses a que de ordinario aspira a ambição humana, sempre sube conservar o que no mundo se chama *honra*, e nunca vendi a minha intelligencia, nem o caracter de homem de bem ás muitas occasiões que tive na vida para brilhar e ser rico. A minha carta, tal qual a deixo escripta, fez impressão, e não pequena no Conde; porque apenas a recebeo no dia 10, mandou a minha casa o Secretario da Legação, Rafael da Cruz Guerreiro, dar-me mil satisfações, e para protestar-me que nunca fôra sua intenção o offender-me. Que desejava ser sempre meu amigo; e que, se fosse necessario, isso mesmo me viria protestar a minha casa. Eu respondi-lhe, que muito agradecia a S. Ex.ª a delicadeza que tinha comigo; que da minha parte não havia tambem senão desejos de continuar em a nossa antiga amisade, e que em prova disso iria quanto antes ter a honra de o cumprimentar em sua casa. Assim o fiz logo, e apenas ía a entrar na sala em que estava, veio a mim, apertou-me a mão, e disse-me: — Então? ficâmos amigos como d'antes? Certamente, e sem reserva da minha parte, lhe respondi eu. Nesse caso *queimemos* a sua carta, para que não restem vestigios das nossas pequenas dissensões; e no mesmo instante pegou nella, e a lançou no fogão que havia aceso na sala. Assim terminou esta minha questão com o Conde de Palmella, e finda que foi, começámos a fallar nos negocios de Portugal, e outras cousas indifferentes como se nada desagradavel tivesse havido entre nós.

Livre emfim, o mais favoravelmente que podia esperar, dos embaraços que se me procuravam pôr para a defeza de Portugal, que eu tinha determinado proseguir, dediquei-me a ella, empregando todos os meios que po-

Digitized by Google

desse obter para executar esta patriotica empresa. Ao que eu já sabía dos intentos do Brasil, que tinha asseverado ao Agente de Buenos-Aires, *Ribadávia*, estar o governo do Rio de Janeiro na firme resolução de fazer da sua nova capital a séde perpetua da Monarchia Portugueza, ajuntou-se no anno de 1817 a horrorosa carniçaria do Campo de Santa Anna, e da Torre! Na maldição que deitei nesse atroz e nefando acto d'uma tyrannia brutal, fui ajudado pelos dois jornaes que se publicavam em Londres — o Correio Brasiliense, e o Portuguez, porque ambos elles mostraram uma indignação de horror igual á minha. Todos os tres jornaes portuguezes, muita honra lhes seja! foram unanimes em marcar com o ferrete do odio publico aquelle acto d'uma barbaridade insólita, e tal, que não havia memoria de haver sido tão selvagemente praticada nos tempos modernos. E o que mais é, para que nada de horroroso deixasse de caracterisar este acto sanguinario, entraram nelle dois padres: um como agente poderoso, que foi o Principal *Souza*, diacono da Santa Igreja Patriarchal, e então um dos Governadores do Reino; e o outro um tal frade, Dr. Fr. Matheus da Assumpção Brandão, que defendeo a iniqua e barbara sentença dos juizes. A este panegyrista do sangue dei eu nessa época o titulo do *Anacreonte* da carniçaria do Campo de Santa Anna, em commemoração do mesmo titulo, que se dava ao revolucionario *Barrere*, denominando-o — *o Anacreonte da guilhotina!* *

Como á miseria a que se ía reduzindo Portugal accresciam os despotismos, e actos atrozes do governo local, os habitantes de Lisboa começavam a cobrar animo para fallar, e queixar-se. D'um delles recebi eu uma Memoria, em que se mostrava, quaes eram os verdadeiros sentimentos em que estavam os portuguezes da Europa, e se analysava a conveniencia tanto politica como com-

* No volume 4.º do Campeão, n.º 33, pag. 27, estão os nomes de todos os actores desta tragedia.

Digitized by Google

mercial de Lisboa ser sempre a cabeça e metropoli da nação portugueza dos dois mundos. A esta Memoria fiz eu largas reflexões, as quaes publiquei no Investigador do mez de Junho do anno de **1818**, n.° **81**, pag. **510**; e Reflexões, que pouco depois vim a saber que altamente tinham desagradado ao governo do Brasil.

Por honra da memoria do Duque de Palmella devo aqui declarar francamente, que sempre me continuou a tratar com a antiga familiaridade e distincção, assim como a Duqueza, a quem devi em todo o tempo mui singulares testemunhos de consideração. Da minha parte tambem sempre lhe correspondi da mesma sorte, e frequentei a sua casa como se entre nós nada tivesse havido do que por um momento pareceo indispor-nos. Eu sabía por um amigo que estava a seu lado, e que eu lhe tinha recommendado para o empregar na sua Secretaria, Nunes de Carvalho, irmão de outro Nunes de Carvalho, hoje Lente da Universidade em Coimbra, que Palmella muitas vezes ao ler alguns dos meus artigos sobre Portugal e Brasil se confrangia, e não se mostrava contente; porém apesar disso nunca m'o deo a entender, e sempre teve a mesma cara para comigo; e creio, que sempre assim o fez, porque via bem que eu tinha razão no que escrevia. Como ministro e cortezão desapprovava a minha franqueza e liberdade de escrever; como homem de juizo, não podia deixar de respeitar os meus verdadeiros sentimentos de portuguez. E que os respeitava, assim como a independencia do meu caracter, que elle ainda melhor conheceo pelo tempo adiante, como tenho de referir, sube eu d'alguem, que me contou, que, depois de tudo o que tinha passado comigo, dissera diante de algumas pessoas em París, — *que eu tinha um caracter de ferro, porém que era homem de bem*. Basta isto, para eu respeitar a sua memoria.

Como fallei em Nunes de Carvalho, que veio morrer em Lisboa, ainda muito moço, official d'uma Secretaria, direi, que, sendo dotado de muita habilidade, tinha elle

um talento mui particular para a pintura de retratos. Foi quem me tirou, para me obsequiar, o meu retrato a oleo, bem que nunca o completasse; o qual um amigo meu, Antonio Machado Braga, negociante em Londres, e que tambem veio morrer a Lisboa ainda em muito boa idade, mandou gravar em uma chapa de cobre, que ainda conservo, e da qual se tem extrahido os retratos que por ahi correm meus. Deste amigo, e homem honrado, mencionei eu já o nome em algũma parte dos meus Annaes sobre a usurpação de D. Miguel.

Infatigavel, firme, e sempre constante na empresa que havia tomado, e resolvido a leva-la ao fim, ia correndo já o mez de Junho de **1818**, quando publiquei em o n.º **81**, pag. **510** a Memoria que havia recebido de Lisboa ácerca dos negocios de Portugal, e lhe fiz ás Reflexões que já mencionei, sem me importar que o que tinha publicado e escripto agradasse ou não agradasse ao ministerio do Rio de Janeiro. Estavamos porém já em Outubro do mesmo anno, quando em **19** deste mez chegou a Inglaterra o paquete do Brasil, que tinha por nome *Lord Hobart.* Nesses mesmos dias indo á casa da Embaixada Portugueza em South Audley Srreet, alli sube, que tinha chegado um officio do ministro Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, no qual, como se costuma dizer, vinham raios e coriscos contra o Investigador e seus redactores, pela Memoria, e Reflexões que nelle se tinham publicado em o n.º **81** de Junho passado. Confesso, que interiormente senti uma indignação, até horror inexplicavel pelas expressões que um homem, que se dava por portuguez, e até tinha por sobrenome *Portugal*, ousava escrever contra quem advogava a causa da sua patria, tão vilmente enxovalhada por ingratos. Por um impulso espontaneo voltei-me para o Secretario da Legação, e o meu collega Dr. Castro, que alli estava com outros mais empregados, e disse-lhe: Está bem! conheço quaes são as intenções dos assassinos da minha patria! não heide ser eu que me ponha do seu lado, ou

Digitized by Google

lhes approve seus infernaes projectos! Já d'aqui declaro, que me despeço de ser redactor do Investigador, e o vou fazer publico em o n.° 90 do proximo Dezembro! Assim o fiz, porque nesse n.°, em pag. 248, fiz a minha formal despedida. Bem vi logo que as vinganças do máo ministro não haviam de ficar alli; e para não se gloriar de se ter vingado de mim, quiz que a bofetada, que eu julgava eminente, não me tocasse as faces; despresei com nobre altivez a baixa vingança que logo tomou contra o Investigador, mandando-lhe suspender a mezada, ou auxilio que tinha. Respondi-lhe, como dizem as nossas historias, respondêra o célebre Cardeal de Alpedrinha ao ver a pedrada que o Principe D. João, na chegada de seu pae Affonso V, lançára ao mar; — *Ao menos esta não me hade dar na cabeça!* E se retirou logo para Roma. A suspensão da mezada chegou, como eu o advinhava, no seguinte paquete.

Não tardei em rectificar a minha resolução diante dos meus dois collegas, que ficaram não pouco desgostosos com ella. Disse-lhes, que lhes concedia sem reserva toda a parte da propriedade que tinha no jornal; e que se o quizessem continuar, eu, em quanto não se acostumavam a dirigi-lo, os ajudaria em particular com tudo o que podesse, em quanto não tomasse novo modo de vida. Ainda publicaram um ou dois numeros, em que debaixo de capa os ajudei; porém como lhes faltasse logo o subsidio, com que contavam, largaram tambem a empresa, e o Investigador morreo, quasi de morte repentina no principio do anno da graça 1819! E morreo porque defendia a causa da patria contra seus oppressores; e porque houve um homem desalmado, que se não envergonhava de usar do appellido de *Portugal*, que cobardemente o assassinou!... Constou-me, já depois de estar em Lisboa, que nos papeis vindos do Rio de Janeiro na volta d'El-Rei apparecêra um officio do Conde de Palmella, em que pedia se désse aos dois redactores alguma cousa para viverem, porque eram *innocentes* em tudo o

que no Investigador se escrevia; e o só culpado era José Liberato Freire de Carvalho! Deo o governo do Brasil a cada um 400$000 réis, mas creio, que depois pouco tempo lhes foram pagas estas pensões annuaes.

Desembaraçado da lida que me dava a redacção do Investigador, cuidei em apurar o que se lhe estava devendo em Portugal e Inglaterra, e esperei que do Brasil viessem as ultimas remessas, para ajustar as contas finaes com os meus collegas. Eu, como já disse, era tudo nessa empresa: quasi tudo o que nelle se escrevia em nome dos redactores, era meu; revia as provas; emendava ou corregia o que me parecia necessario nos escriptos alheios; tinha a correspondencia com o meu impressor, e com todos os correspondentes tanto da Europa, como do Brasil; e emfim era eu tambem que fazia as remessas mensaes para lá, assim como para Lisboa: os meus collegas representavam dois guapos conegos de uma rica cathedral.

Andava já com o plano na cabeça do meu futuro jornal, quando um dia recebi uma carta do Secretario da Legação, que em nome do Conde de Palmella me convidava para um jantar que dava ao Corpo Diplomatico. E como P. S. do mesmo convite dizia-me, que o Conde me pedia fosse um pouco antes das horas do jantar, e o procurasse na Secretaria, onde estaria á minha espera. Não me admirou o convite, porque não era a primeira vez que me fazia um semelhante obsequio, porém o que me fez scismar, como vulgarmente se diz, foi, que me quereria o Conde nesse dia solemne?

Não faltei á hora indicada, e encontrei o Conde em companhia do Conde de Funchal, e do Secretario da Legação, Rafael da Cruz Guerreiro, que tomando muito tempo depois o partido de D. Miguel, foi morrer seu ministro na Côrte de S. Petersburgo. Passados os primeiros cumprimentos foi o Funchal que deo principio á conversação. Disse, que era uma pena que o Investigador tivesse acabado, e que neste caso o ministerio do Rio de

Digitized by Google

Janeiro não tinha mostrado nem juizo, nem prudencia. Verdade era, que o jornal não andava como elle sempre desejava, porém que ao menos não era um inimigo declarado como o Correio Brasiliense e o Portuguez. E que a sua opinião era ou que se resuscitasse o defunto jornal, ou se creasse outro, que sem ser escravo do governo, o podesse auxiliar nas medidas uteis, que tomasse, medidas, que se lhe haviam indicar para prevenir acontecimentos que talvez lhe viessem a dar muito que fazer. O Conde de Palmella rompeo então o silencio, e disse tambem, que essa era a sua opinião; e que para realisar este plano, que julgava não só util mas necessario, ninguem achava mais capaz do que eu... Para isso me offerecia desde já a somma *por inteiro*, que recebia o Investigador com todos os mais accessorios para as suas remessas. Que esta somma era *exclusivamente* só para mim, e que para me ajudar podia chamar quem quizesse, sem que fosse obrigado a convidar algum dos antigos redactores, quando isso me não conviesse. Ouvi mui socegadamente esta proposta, e depois com o mesmo socego lhe respondi: — Que agradecia muito a S. Ex.ª o obsequio que me queria fazer; porém que eu não o podia acceitar. S. Ex.ª sabia muito bem quaes eram as intenções e planos do ministerio do Rio de Janeiro; que todos elles se dirigiam a desfazer-se de Portugal, depois de o haverem completamente exhaurido de todos os seus recursos; e que nesta persuasão em que eu estava, nem *directa* nem *indirectamente* apoiaria um governo, tão louco, ou tão mal intencionado como estava vendo que era o do Brasil, que estava enganando El-Rei, e o ia levando a um precipicio inevitavel. E que emfim, eu era portuguez, havia de defender sempre corajosamente a minha patria, e *lavava as mãos* em todos esses tenebrosos planos de iniquidade que se estavam tramando contra Portugal...

Todos olharam para mim como pasmados... e o Conde de Funchal, como mais resoluto, e amigo de rir, res-

Digitized by Google

pondeo-me: — Vejo que ainda não jantámos; que os nossos estomagos estão vasios; e que depois do bello jantar, que nos hade dar o Conde, havemos de tomar melhor resolução... Talvez que assim seja, repliquei-lhe eu a rir; no emtanto, podemos dar a conferencia por acabada. E assim aconteceo; porque nos levantámos todos, sahimos da Secretaria; e fomos para a sala onde já estavam muitos convidados; e nunca mais se tornou a fallar neste negocio, como se nunca delle se tivesse tratado. O Conde de Funchal, com quem, passado este dia, fallei algumas vezes, foi quem sempre me dizia, que entrasse em negociação com Palmella, porque no estado em que o via, podia tratar com elle como de *potencia* a *potencia*. Sempre lhe respondi no mesmo tom; e por fim, convencido de que eu estava firme no meu dito, nunca me tornou a tocar em semelhante materia.

Estavamos no mez de Abril de 1819; eu já havia recebido do Brasil como de Portugal tudo o que se estava devendo ao Investigador pelo ultimo semestre de 1818, e fazendo as contas com os meus antigos collegas, entreguei-lhes o que lhes pertencia, com o que ficaram contentes. Da minha parte, indo dar balanço ao que tinha nas mãos do meu amigo Custodio Pereira de Carvalho, achei-me com *mil e tantas libras de meu!* Tinha vivido até alli muito bem; e como na minha vida nunca fui esperdiçado, bem que nunca fôra mesquinho, assentei comigo, que me devia aproveitar daquella somma para gosar alguma cousa do mundo depois de perto de seis annos de um rude e bem enfadonho trabalho. Tantas maravilhas tinha ouvido aos portuguezes que depois da paz tinham ído a França, e estado em París, que me determinei a ir passar lá, ao menos um mez, antes de tornar a entrar na mesma tarefa de escriptor publico, como tencionava fazer.

Dei parte desta minha resolução ao meu amigo Carvalho, que m'a approvou, e disse-me: — pois que quer fazer essa viagem, de que hade muito gostar, proponho-

Digitized by Google

lhe um modo de a fazer mais suave, bem que lhe venha a custar mais alguns francos. Tenho em Calais uma bonita carruagem de viagem, e muito ligeira, a qual comprei em París, e nella viagei em França, nos Paizes-Baixos, e algumas partes d'Allemanha; não a quiz trazer para Inglaterra, porque me fariam aqui pagar pelos direitos de entrada tanto ou mais do que ella me custou. Assim peço-lhe, que se sirva della, a leve para París, e m'a venda lá pelo preço que podér. Dar-lhe-hei uma carta para o meu correspondente de Calais, a fim que depois de a mandar examinar, e a pôr prompta para fazer nella viagem com segurança, lha entregue.

Acceitei a offerta que me fez, porque o gastar então mais ou menos francos era para mim cousa indifferente: o que eu queria era viajar o mais commodamente possivel, porque nunca receei gastar o que me era preciso para gosar moderadamente das minhas commodidades. Escrevi logo para París ao meu antigo amigo Aillaud para me ter prompto um quarto decente e commodo para quando lá chegasse, porque este amigo, logo depois da paz, tinha sahido de Londres, e se achava estabelecido no caes de Voltaire em París.

Sahi emfim de Londres já nos principios de Maio, e com um tempo excellente, tomei a diligencia para Dover, cheguei sem perigo ao porto do embarque, e com a mesma boa fortuna atravessei o canal, e me achei em Calais, a primeira cidade de França. Fui pousar, por acaso a um dos melhores hoteis da eidade, denominado *Hotel Meurice*, do qual fiquei muito contente, porque nelle achei todo o aceio, e mais commodidades, que sempre se encontram em todos os de Inglaterra. Passei logo a ir procurar o correspondente do meu amigo que assim que vio a sua carta, se prestou para me servir em tudo o que me fosse preciso, e mandou examinar a carruagem que se achou prompta para fazer viagem. Offereceo-me dinheiro, se delle precisasse, porque esta ordem tinha do meu amigo, que me tinha dado outra igual para um seu

correspondente em París, porque como já disse, a mão desse meu incomparavel amigo sempre a tenho encontrado em todas as partes em que me tenho achado. O correspondente de Calais deo-me o roteiro das postas de França, para saber o quanto a lei mandava pagar por cada uma dellas aos bolieiros ou postilhões, como se chamam em França; e accrescentou: « além desta quantia, que a lei lhes concede, é uso dar-lhes, como gorjeta, a pequena quantia, que me indicou, porém não lhes dê mais; porque tão bem o hão-de servir dando-lha, como se lhes der mais; com ella ficam sempre contentissimos. O que emfim lhe recommendo é, que nunca entre de manhã na carruagem, sem á sua vista lhe mandar ensebar bem os eixos, para que com o muito andar não se incendeiem, operação, a que muitas vezes faltam, senão ha cuidado da parte do viajante em a ver fazer. » Com estas instrucções puz-me em estado de começar a minha viagem, porque estava certo, que pagando bem aos postilhões nunca me faltariam bons cavallos nas postas.

Fui pagar o que devia no hotel, mandei buscar dois cavallos para a carruagem, que logo vieram, e o dono do hotel me deo um bilhete, recommendando-me que fosse pousar em París em outro do mesmo nome na rua de Santo Honorato. Sahi de Calais na quinta feira santa desse anno, fiz uma jornada feliz nesse primeiro dia, e tive sempre bons cavallos, e bons postilhões, porque assim que se mudava em certas postas, o que finalisava a sua corrida dizia para aquelle que o ia substituir — *paga bem!* Não me recordo da terra em que fui dormir a primeira noite, o que me lembra é que no seguinte dia, sexta feira santa, fui almoçar a Amiens, cidade notavel pela paz infructuosa que alli fizera Napoleão em 1802 com Inglaterra, e pela sua antiga cathedral, muito nomeada. Eu nunca almoçava de manhã quando sahia do hotel, onde havia dormido; apenas tomava uma chicara de café com uma torrada, e ia almoçar pelas dez ou onze horas da manhã em alguma terra que me parecia boa, e digna de ver-se.

Digitized by Google

Nesse dia, como disse, fui almoçar a Amiens, porque só jantava á noite na terra em que ficava para dormir. Pelo que alli me aconteceo farei menção deste almoço; e do mais que alli presenciei. Na casa de pasto ou hotel em que parei para almoçar e mudar de cavallos, estava uma velha franceza, que parecia ser a dona da casa, mulher gorda, rosada, e de aspecto um pouco desagradavel. O que mais a distinguia era um grande rosario que tinha ao pescoço, e na casa onde tinha o seu mostrador, junto do qual estava soberanamente sentada, havia dois quadros bem significativos, pintados a fumo, um dos quaes representava Luiz XVIII, e outro, creio, era Santo Ignacio de Loyola, que então brilhava em França, como patriarcha dos jesuitas, havia pouco entrados, e bem recebidos pelo Rei hypocrita. Saudei a dona da casa, que apenas deo um ar á cabeça, coberta com uma enorme touca, á maneira do seu paiz, da Picardia, e lhe disse, que desejava ter alguma cousa para almoçar, porque queria continuar logo a minha viagem. A devota mulher impertigou-se, e olhando para mim com olhos severos disse-me em ar aspero: — Pois em um dia destes quer almoçar? todo o bom christão deve hoje jejuar! — Eu quasi a rir, respondi-lhe; isso é muito bom para a senhora, que está aqui mui descançada na sua casa, mas não é para mim que sou viajante, que ainda nada comi, e necessito continuar na minha viagem. Para mim bastam-me alguns ovos, e café ou chá com algumas torradas, e leite. Deos me perdoe! eu não lhe posso dar nada disto neste santo dia, replicou a devota: seria um grande peccado!... Isso assim será, disse-lhe eu emfim, muito socegado, mas então irei procurar outra casa onde ache alguma cousa para comer, porque necessito disso: demais eu sou inglez, e a minha religião não me manda ter fome, quando ando em viagem. Esta palavra de inglez, porque então viajavam muitos em França, amaciou os escrupulos da minha devota, e a final me disse, que ía aprompter alguns ovos, e o mais que desejava.

Digitized by Google

Eu que sabía os elogios, que se davam á velha cathedral de Amiens, e que julguei que nesse dia alli haveria uma grande festividade religiosa, pedi-lhe que me indicasse a rua onde estava situada a cathedral, porque queria lá ir em quanto me preparava o almoço. Ella que me vio desejoso de ir á igreja, mostrou-se mais risonha para mim, e mandou um criado comigo para me ensinar a rua. Ao chegar perto da cathedral infundio-me ella um sentimento de respeito pelo seu magestoso exterior, e as suas janellas agudas com vidros pintados. Mas qual foi o meu espanto quando, entrando nella, não vi padres, nem luzes, e apenas a um canto meia duzia de mulheres, se tantas eram, conversando provavelmente no que se passava na casa das visinhas! Ao ver aquelle vasto recinto com a sua nave grandiosa, da qual dizem os entendedores que é uma das obras mais perfeitas da architectura gothica, lembrei-me logo de uma passagem das Historias de Tacito, nas quaes fallando do grande Pompeo, quando entrou no templo de Jerusalem, e quiz ver o mysterioso sanctuario, denominado o *Sancta Sanctorum*, onde ninguem entrava senão o grande sacerdote, diz: que nelle não víra senão — *Vacum sedem, et innania arcana!* isto é, *só quatro paredes, sem vestigio de religião ou de culto!* Assim estava aquella cathedral de uma grande cidade em dia tão solemne, ao mesmo tempo que pelas estradas publicas não encontrava senão cruzes e nichos, enramados com flores! E era então o novo reinado dos jesuitas, esses famosos hypocritas, que por tanto tempo enganaram o mundo!

Nesse dia de sexta feira santa fui dormir a Chantilly, já não mui distante de París. Para se ver o contraste do que alli me aconteceo, comparado com o que me acontecêra nessa mesma manhã em Amiens, direi, que sendo o meu costume jantar á noite nas casas em que dormia, perguntei o que havia para comer? E logo uma moça esbelta, franceza em todo o rigor da palavra, respondeo-me: — Temos perdizes, gallinhas, coelhos, e tudo o mais

que quizer! Eu fundado no Evangelho, onde Christo diz aos discipulos, que comam sem escrupulo tudo o que lhes apresentarem, segui o seu exemplo, e comi um excellente jantar de carne, porque tinha fome, e não havia mais nada na casa.

Tive tambem uma excellente cama, e dormi regaladamente. No sabbado de manhã levantando-me para mandar dar a untura nos eixos da carruagem, disseram-me que tinha uma mola quebrada, e não o duvidei, porque na vespera todos os postilhões tinham corrido tão desesperadamente, que até me foi preciso pedir-lhes, quasi por favor, que andassem mais de vagar. Pedi que me chamassem um ferreiro ou serralheiro para concertar a mola quebrada, e no emtanto, que isto se fazia e se me preparava o almoço, porque nesse dia esperava chegar cedo a París, fui ver o grande parque de Chantilly, que pertencia á familia do Principe de Condé e onde em outro tempo tinha um magnifico palacio, que o *camartello da revolução* derribára. Apenas alli existiam as cavalhariças, que só ellas tinham um ar de grande palacio. Dei alguns passeios pelo parque, porque a manhã estava linda, e voltando á estalagem achei a carruagem concertada, e prompta, e preparado um bello almoço.

Depois de ter bem almoçado, e já com vivos desejos de ver a grande Babylonia, de que tanto se me havia fallado, appareceram logo bons cavallos de posta que se pozeram á carruagem, e então a jovial franceza, que tão bem me tinha recebido e tratado, dando-me o ultimo adeos, disse-me quasi a chorar: — meu senhor! quanto vos invejo o irdes ver París! Todos me contam que é o paraiso do mundo! E eu ainda lá não fui!... A pobre rapariga, apesar de estar a bem poucas legoas do paraiso, que tanto invejava, ainda não tinha achado até alli uma alma caridosa que a levasse lá!...

A viagem foi rapida, bem que um pouco incommoda para mim, porque havendo grandes lanços de calçada até á capital, o balanço da carruagem muito me incommo-

Digitized by Google

dou, por ser muito leve, e por levar tão pouco pezo como o meu. Dava saltos que muito me morteficavam; e apesar de estar sempre a pedir aos postilhões que não corressem tanto, elles não me davam ouvidos, e tinham para si, que era vergonha o irem de vagar com um tão bom amo como eu era. Cheguei emfim a París pelo meio da tarde de sabbado de alleluia do anno de 1819, e em um dos mais bellos dias de Maio.

Fui pousar como já o sabía o ultimo postilhão, ao hotel Meurice, na rua de Santo Honorato, e ao entrar no grande pateo daquella bella casa, achei-me logo rodeado de muitos criados, que vieram deitar a cabeça á portinhola da carruagem, porque pensando, e com razão, que ella era minha, não duvidaram, que pelo menos fosse algum lord inglez que viajava, e vinha gastar os seus guinéos naquelle seu hotel. Apeei-me, levaram-me a uma rica sala, e depois me mostraram um excellente quarto para descançar, e mudar de roupa se quizesse. Era isso o que eu queria, porque vinha cheio de poeira, e fatigado; e logo procurei lavar-me, e mudar de roupa para ir immediatamente procurar o meu amigo Aillaud. Pedi depois destes preparos essenciaes, que me dessem alguns refrescos, que tomei, e já me não lembra quaes fossem; e feito isto, requeri mais que me dessem um criado, que me fosse ensinar onde era o caes de Voltaire, no qual morava um amigo meu, que desejava immediatamente ver. No emtanto recommendei, que me cuidassem na carruagem, a mandassem bem lavar, e a pozessem em bom recado, porque havia de voltar á noite; alli pretendia dormir, e comeria alguma cousa se tivesse vontade.

Posto na rua com o criado ao lado, este me levou pelas ruas de Rivoli e Castiglione, duas bellas ruas, obra de Napoleão, que as condecorou com os nomes de duas grandes victorias, e nomes, com que igualmente condecorou dois dos seus primeiros generaes, e me fez entrar no jardim das Tuilleries pela porta da direita do Sena. Tanto que puz o pé dentro do jardim, e á minha esquer-

Digitized by Google

da vi a fachada do palacio, e á direita de um golpe lancei os olhos para o jardim, então em toda a sua grande gala de flores, e rico arvoredo, ornado com as mais bellas estatuas de marmore; e alongando a vista além do jardim, distingui a historica praça da *Concordia*, outr'ora a praça da *Revolução*, onde cahio a cabeça de Luiz XVI, mesmo em frente do seu palacio; e por fim, além della, na mesma linha, espraiei a vista pelos extensos Campos Elysios, que vão subindo em um plano suavemente inclinado até o topo, onde já se via parte do grande arco de triunfo da Estrella, começado por Napoleão; confesso, que fiquei por alguns momentos extasiado! Nunca até alli se tinha apresentado a meus olhos um quadro tão completo, tão grandioso, magnifico, e tal, que até hoje ainda não vi outro igual. Estive um pouco parado; quasi que d'alli me não podia mover, quando o criado, que me acompanhava, me tocou no braço, e me lembrou, que ainda não tinhamos chegado ao lugar aonde me destinava ir. Atravessei o jardim, sahi pela porta opposta do mesmo lado do rio, entrei na ponte que fica defronte das Tuilleries, e me achei finalmente no caes de Voltaire.

Tomou elle este appellido, depois da revolução, porque alli viveo e morreo Voltaire. O dono desta casa que habitou, em honra do seu nome e fama, nunca a alugou a mais ninguem, e sempre lhe conservou as janellas fechadas, ao menos até áquella época, as quaes só uma vez se tinham aberto, quando por defronte passou a estatua de bronze de Henrique IV, que Luiz XVIII mandou collocar mais acima á entrada de outra ponte, que communica o Faubourg St. Germain, ou como lhe chamam os francezes, o *paiz latino*, com a cidade do lado direito do rio.

Apenas tinha dado alguns passos no caes, encontrei-me com um portuguez meu antigo conhecido, que ficando admirado de alli me ver, perguntou-me aonde ía? — A casa do meu amigo Aillaud, lhe respondi eu. — Pois esse já partio, ou está a partir para Londres, onde pretendia procurar o senhor Liberato para vir com elle para

Digitized by Google

París. Talvez que a diligencia ainda não tenha partido: vamos ver se ainda o encontramos na estação d'onde deve partir. Corremos lá a toda a pressa, porém já não o encontrámos. Então me disse o mesmo sujeito, não se afflija por isso; aqui está tambem um seu conhecido, o Coronel João Freire Salazar, que recebe em sua casa alguns portuguezes, e outras pessoas conhecidas, que hade ter muito gosto em o receber, e em casa delle hade ficar muito bem alojado. Ainda que não esteja actualmente em París, brevemente se espera, e cá deixou pessoa muito capaz que faz as suas vezes, e a quem vou já d'aqui apresenta-lo.

Fomos com effeito logo d'ahi a casa do Coronel, onde uma senhora me recebeo muito bem tanto que soube quem eu era, e me disse, que ía já preparar-me um bom quarto, onde ficaria muito bem accommodado. Agradeci-lhe o bom modo com que me tratou, e disse-lhe, que tendo ído pousar no hotel Meurice, onde tinha uma carruagem e uma malla, pretendia ainda lá ir dormir aquella noite, e que no outro dia viria para sua casa. Logo alli me disseram, que sahisse quanto antes, porque se lá me demorasse muitos dias, gastaria em um só delles o que em outra parte me bastaria para viver em oito. Neste magnifico hotel esteve annos depois alojado o nosso *rei chegou*, D. Miguel de funesta memoria!

Fui lá cear, dormir aquella noite, e almoçar no outro dia, e por todo esse pequeno espaço de tempo que lá me demorei, e por me lavarem a carruagem, e a conservarem lá dois ou tres dias, creio que paguei mais de dois luizes. Como nesse mesmo tempo estivesse em París D. Maria Amalia Campos, casada com um inglez, e era ella conhecida da minha familia, pedi-lhe, que me quizesse recolher em sua casa, que era grande, e tinha uma boa cocheira, a minha carruagem em quanto não a vendia. Fez-me esse favor, dizendo a seu marido, quem eu era, e passados alguns dias por bom preço a vendi a Simão Loureiro, que pretendia ir viajar na Allemanha; e

Digitized by Google

por esse modo fiquei socegado, e fiz a vontade ao meu bom amigo de Londres.

No dia seguinte á minha chegada a Paris, fui para casa de meu amigo Coronel Freire, onde fiquei ás mil maravilhas, e por preço muito commodo na rua *Colombier*, faubourg, ou bairro de St. Germain. O Coronel chegou dentro de poucos dias, ficou muito contente de alli me ver, e tambem não tardou muito a voltar de Londres o meu amigo Aillaud. A casa deste ía muitas vezes jantar, porque assim m'o pedia, quando não ía a alguns dos *restauradores*, ou casas de pasto, porque desejava ver, e experimentar o bom e o máo destas grandes e pequenas casas, afim de bem entrar nos costumes e modos de vida dos francezes, para os comparar com os inglezes com quem havia perto de seis annos vivia.

Comecei então a querer ver o que havia de grande, e até o que havia de mais baixo naquella populosa cidade. Para me mostrarem o que nella havia digno de se examinar, tambem alli encontrei dois individuos proprios para me indicarem, o que era a alta sociedade de Paris, assim como a média, e até a ralé, ou as fezes della. Um foi o sobrinho do livreiro Pedro Rey, irmão de Jorge Rey, aqui muito conhecido, e cujo sobrinho era tambem irmão de Theodoro Rey que nasceo em Lisboa, e aqui morou por muitos annos até depois da morte de seu pae. O outro era um celebre padre Joaquim Ferreira, que depois de muitas aventuras, que não são para aqui, foi escrever em Londres, protegido por mim, o muito conhecido jornal, intitulado — o *Padre Amaro*, ou *Sovéla politica*.

A primeira cousa que fui ver, objecto de curiosidade de todos os estrangeiros, foi o *Palais Royal*, ou palacio real, propriedade do Duque de Orleans. É um vasto, e muito comprido parallelogramo, cujos dois lados parallelos tem em frente grandes casas com ar de palacios, e encerram em si nos baixos riquissimas lojas, que tem tudo o que ha no resto da cidade, e fazem particularmente de noite, quando estão illuminadas, uma vista encantadora.

Digitized by Google

Ao longo destas casas ou palacios corre uma arcada ou peristilo de arcos e columnas, por baixo das quaes se passeia, e são de grande commodidade, especialmente quando chove. Alli passeiam individuos de todas as nações, de todos os trajos, e mulheres de todas as classes, e de todas as reputações. Fecham-se estes dois lados parallelos nas suas extremidades por duas mais curtas galerias, uma que vem dar á rua *Vivienne*, rua da moda, bem que mesquinha naquelle tempo. Alli havia grandes e magnificos *restauradores*, ou casas de pasto; como por exemplo, a de *Very*, onde uma vez fui jantar, e me levaram bom dinheiro. A seu lado estavam tambem os brilhantes *cafés*, ou botequins, e o mais nomeado era o da *Rotunda*. Na outra, que é uma das entradas, está o palacio do Duque de Orleans, em frente do qual, para o lado do jardim, havia então uma má galeria, denominada a galeria de *madeira*, que muito desfigurava aquelle maravilhoso recinto. Esta informe galeria foi depois substituida por Luiz Filippe por outra magnifica, toda envidraçada, e de um gosto perfeito. No centro deste local ha um grande lago, e ruas de arvoredo, em que se passeia, e é um delicioso passeio no bom tempo, como o de Maio, em que pela primeira vez estive em París.

É dentro deste mesmo local, que vivem individuos de todas as classes, de todas as profissões, emfim de todas as artes, officios, e occupações, de sorte que vulgarmente se chama o *pequeno París;* porque nelle se acha, se vende, e se compra quanto os appetites mais variados podem desejar, quer seja para o prazer como para as commodidades da vida. É para nada faltar até ha theatros. Ouvi dizer, que pessoas havia, que alli tinham nascido, e nunca de lá tinham sahido. As tão famigeradas casas de jogo, onde todos os dias se perdem ou ganham grandes fortunas, tambem alli tinham o seu assento principal, e dellas tirava o governo grandes lucros, porque prosperavam pretegidas pela policia; o que não sei se ainda hoje dura,

Digitized by Google

porque Luiz Filippe, depois de Rei, fez grandes reformas naquella pequena Babylonia.

Eis-aqui o que á primeira vista se apresentava aos olhos: por baixo deste extenso plano, por onde o mundo visivel passeava, havia porém outro mundo invisivel, e creio que ainda haverá, no qual habita, e ainda habitará: são antros asquerosos, que os francezes chamam *Caveaux*; e nós podemos chamar *Subterraneos*. Estão elles collocados no lado opposto ao palacio do Duque, e naquella extremidade em que vem desembocar á rua Vivienne, e onde estão as grandes casas de pasto, e os brilhantes botequins. Por aberturas, ou especies de alçapões se desce da rua, ou do passeio de pedra para esses immundos covis, onde se escondem as mais vis e estragadas fezes da Sociedade Parisiense. Alli se come, e se bebe; alli se dança e se canta; alli se praticam todos os horrores, que as imaginações mais depravadas tem inventado; e alli emfim triunfa todo o vicio; e se dão em espectaculo os objectos mais torpes e obscenos. Um desses subterraneos, mais celebrados ao tempo em que pela primeira vez estive em París, era o denominado dos *Cegos*; porque todos os musicos, que alegravam aquella asquerosa companhia, o eram. Eu quiz ver tudo o visivel e invisivel desse recinto famoso, e talvez unico dentro de uma cidade civilisada, porque sempre tive appetite de ver, e examinar o animal homem tanto no seu explendor, como na sua hedionda nudez; consegui-o; e o resultado que tirei do que vi, é que o homem, se visto por um lado apresenta um bello modelo da creação, por outro é o typo da mais estupida, miseravel, e ridicula de todas as classes de animaes! Em uma palavra, o animal mais ridiculo da creação!...

Depois de ver este espectaculo tão curioso e variado, passei a outros que mais me satisfizeram, e me deram idéas das grandezas de París; fui ver o jardim das plantas, a fabrica de tecidos dos ricos panos de *Goblini*, a

bibliotheca real; o palacio e jardins do Luxembourg; invalidos; e por fim a riquissima galeria de pinturas do Louvre. Está ella collocada em um dos lados de outro muito mais longo parallelogramo, que prende no magnifico palacio do *Louvre*, e vem ao longo da margem direita do Sena ligar-se ao palacio das Tuilleries. Apenas estava principiado nessa época o outro lado deste extenso parallelogramo, que deve ligar os dois palacios, e que hão-de formar uma extensissima praça. Junto ás Tuilleries está o chamado *Carrousel*, no centro do qual Napoleão fazia manobrar muitos mil homens; e onde, em frente das costas do palacio, mandou levantar um arco de triunfo, riquissimo pelos marmores e bronzes de que é formado, e sobre o qual estiveram por algum tempo collocados os dois celebres cavallos de bronze, que a conquista havia trazido de Veneza, e que a conquista tornou a levar para lá.

Vi tambem o philantropico estabelecimento dos surdos e mudos, dirigido pelo Abbade Sicard; e assisti por convite a uma das suas sessões publicas, que fazia para mostrar o adiantamento de seus discipulos, aos quaes vi resolver por escripto os mais complicados problemas de metaphisica e moral. E emfim, encontrando-me com o bem conhecido velho Verdier, este me apresentou um dia no instituto, no qual assisti a uma das suas sessões publicas tambem por convite. Alli me apresentou igualmente a um homem celebre, Mr. *Charles*, companheiro de Mr. Robert, os quaes ambos fizeram a primeira ascensão aereostatica que se vio em París, e á qual o nosso poeta Francisco Manoel celebrou na bella ode que principia:

« Assim deixou de Creta as cem cidades,
« O fabuloso mestre!...

O mesmo bom Verdier me déo conhecimento com outro homem celebre, o Abbade Gregoire, depois nomeado Bispo de Blois, o qual tomou muita amisade comigo, e quiz que uma noite fosse a sua casa. Assim o fiz; e nella

Digitized by Google

encontrei entre muitos, e notaveis individuos o girondino *La Jeunais*, que pôde escapar ao assassinato de todos os seus amigos, denominados Girondinos, que Robespierre levou á guilhotina. Foi este Abbade Gregoire um homem raro, porque sendo muito religioso, era um republicano exaltado. Nunca abjurou a religião catholica, nem a qualidade de padre, como Talleirand, e outros mais; e apesar disso, Robespierre, e toda a revolução sempre o respeitaram. Emfim foi elle quem propoz no meio da assembléa a republica, que alli mesmo foi por uma geral acclamação decretada. Propoz ainda que se abolisse a pena de morte, e que o primeiro que gosasse do beneficio da lei fosse Luiz XVI. Apesar de tão generosos e christãos sentimentos encontrou em Luiz XVIII um inimigo implacavel, e tal que ao passo que chamava para seu ministro Fouchet, que votára de morte contra seu irmão! perseguia o virtuoso Abbade, e Bispo; e entre outras perseguições fez que fosse excluido de deputado depois de já eleito pelo povo!

Em quanto ía vendo todas estas maravilhas, assim como outras menos importantes, as bellas pontes de Jena, e de Austerlitz, convidava o já nomeado padre Joaquim para outras especies de digressões. Este homem estava então em muito má fortuna; e como visse que alguns jantares lhe agradariam, pedi-lhe que me indicasse tanto as casas mais celebres como as medianas, e até as de mais baixo preço, que geralmente se frequentavam em París, para lá irmos comer; porque queria ver, e experimentar o bom e o máo, que havia neste genero. Assim frequentei com elle muitas destas casas, e fiquei sabendo o que era París neste genero; e como em toda a parte póde o homem economico viver com a renda que tem, quando saiba usar bem della. Fui tambem ver com elle as partes menos frequentadas da cidade, como a do norte, a antiga París, que me pareceo o nosso bairro d'Alfama pela tortuosidade, e pouco aceio das ruas; e depois mais particularmente a do sul, ou da margem esquerda

Digitized by Google

do Sena, o bairro em que eu vivia; bairro da antiga nobreza, e ainda com todos os ares da sua velha origem. *

Tinha visto o mais essencial dentro de París, e quiz tambem ver o que nos seus arrabaldes havia mais digno de se visitar. Para esta digressão tive um novo *Cicerone*, ou guia, que foi Candido José Xavier, que aqui no fim da vida veio fazer elevada figura, e morreo um dos valídos do Duque de Bragança D. Pedro. Estava elle em París, havia já muito tempo, e escrevia alli com Mousinho de Albuquerque, e o Desembargador José Diogo Mascarenhas Neto o jornal com o titulo de *Annaes das sciencias e das artes.* Na sua companhia fui então ver S. Cloud, isto é o parque e palacio que alli ha, e onde Napoleão folgava de ir frequentemente respirar o ar do campo, e descançar das grandes fadigas do Imperio. D'alli passámos a Versailles, antigo monumento das extravagantes sumptuosidades de Luiz XIV, e então despresado por Luiz XVIII, como o havia sido por Napoleão; que quasi o deixou cahir em ruinas. Nelle porém ainda se podiam ver os seus magnificos jardins, tanques, e cascatas soberbas, das quaes não tive occasião de ver lançar suas abundantes agoas; e emfim estive dentro do grande, e pequeno *Trianon*, onde Maria Antonieta gosou grandes prazeres, e grandes alegrias, das quaes por fim lhe tomou contas a *guilhotina*, que lhe decepou a cabeça! De Versailles fomos a *Sevres*, sitio da maravilhosa fabrica de porcelana, na qual nunca os olhos se podem fartar de ver as maravilhas da arte que alli se mostram e se vêem. Ha alli pêças, como vasos, e outras de diversas qualidades, que não tem preço por tãò ricas que são; servem unicamente para mostrar aos curiosos até que ponto se póde

* A rua Colombier, onde eu morava, está no bairro de S. Germain, que muitos dos nossos *eruditos* traductores chamam *arrabalde*, apesar de estar a um tiro de espingarda distante das Túilleries, e só separado pelo rio. Chamam-lhe os francezes tambem o paiz *Latino*, porque nelle está a Universidade, o Instituto, as Escolas de Medicina e de Direito, &c., todos os grandes livreiros, grandes imprensas, e emfim, se póde dizer, que está toda a litteratura franceza.

Digitized by Google

levar aquelle genero de manufactura, ou para fazer dellas algum presente a um ou outro monarcha, amigo da França.

Foi para mim mui agradavel aquella digressão, porque nesse tempo Candido José Xavier, que ainda não tinha cheirado os fumos da grandeza, e se achava então como banido de Portugal e condemnado á morte por ter entrado com o exercito de Massena, era mui jovial, divertido, e prasenteiro; de sorte que muito me fez rir nesse dia, que passei o mais agradavelmente possivel.

Ia-se aproximando o tempo da minha volta para Londres; e como já tinha visto bastante para julgar o que era París, não esperava demorar-me alli muitos dias. Tem-me esquecido porém dizer, que se achavam então lá tres personagens, meus conhecidos, de quem até agora não fiz menção, por não ter vindo a proposito fallar delles, o que agora vou fazer.

Estavam nesse tempo em París os Condes de Palmella, e de Funchal a quem eu já tinha visitado algumas vezes, e por este ultimo já tinha sido apresentado ao morgado de Matheus, o editor da rica edição de Camões. O Funchal perseguia-me alli para que lhe dissesse qual era o nome que queria dar ao novo jornal, que pretendia escrever, mas eu que já bem o sabía, nunca lho disse; e sempre lhe respondia que uma das difficuldades que tinham os paes, era o saber os nomes que dariam a seus filhos: queria deixa-lo em suspenso até que elle apparecesse. Delle recebi as *Quatro coincidencias de datas* que alli acabava de publicar anonymas; escripto importante para a historia do tempo. Tambem delle recebi outra obra anonyma que dirigio a um abbade italiano, mostrando-lhe o que havia sido a guerra da Peninsula contra Napoleão, e na qual haviamos tido uma parte tão brilhante. Nesta obra em que falla dos inglezes, foi elle mais justo, e imparcial, porque como não declarasse nella o seu nome, disse a verdade, o que não ousaria se lho tivesse posto, porque fôra sempre um humilde servo dos inglezes. É tambem um escripto importante para a historia da épo-

Digitized by Google

ca, e acabava de ser traduzido por Pamplona, que morreo Conde de Subserra. Como fallo nesse homem, de quem tão grave offensa tinha recebido, como já mencionei, accrescentarei agora, que não houve zumbaia e baixa lisonja que me não fizesse para se desculpar do mal que perfidamente e por um vil engano me tinha feito; mas até teve a impudencia de me convidar a ir jantar com elle a uma casinha de campo em que vivia perto de París em um sitio chamado *Pantin.* Não quiz nunca dar ouvidos a tão impertinente pedido; mas a final servio-se de um estratagema, ao qual me pareceo seria grande grossaria, ou má creação o resistir. Fez com que sua mulher, Condessa de Subserra, e creio que ainda hoje vive, me viesse pedir o mesmo obsequio; e eu então, vendo isto, assentei comigo, que aquillo que se podia negar a um homem que nos tem offendido, não era brioso negar-se a uma senhora. Assim condescendi com o seu pedido, e fui jantar um dia com ella a Pantin. Ainda me hei de encontrar com ella uma vez, o que a seu tempo direi, havendo-me com a mesma cortesia e generosidade, sem olhar para o que seu marido havia sido comigo.

Dei a minha ultima despedida a Paris, depois de ter visto alli o que no curto espaço em que lá me podia demorar, me era facil dever. E' entre as muitas cousas, que mais me admiraram, e me esqueceo de dizer, foram a grande opera franceza, cujo apparato em decorações, machinismo, e numero de pessoas, que occupa tanto na orchestra como nas suas representações, talvez nenhuma nação iguale; porque em verdade é magestoso, rico, e de uma pompa que enleva os sentidos, arrebata... O outro objecto, que infunde magestade e respeito é a famosa columna de bronze na praça Vendome, fabricada e levantada pela artilharia tomada na celebre batalha de Austerlitz, denominada a batalha dos tres Imperadores; e na qual figuraram o Imperador da Russia, e o de Austria como vencidos no quartel do grande vencedor Napoleão. É obra verdadeiramente romana, não só pela sua altura,

corpulencia, e elegancia, mas pelos seus riquissimos relevos, onde estão esculpidos todos os corpos do exercito que entraram naquella famosa batalha, com as fisionomias de todos os generaes, que os commandavam, e segundo diziam, como pintadas ao natural. E por fim direi, que uma das cousas que mais embellesa París, são os seus *Boulevards*, que nossos ignorantes traductores tem traduzido por *baluartes*, como se dentro de uma cidade, e tal como París, podessem haver baluartes como dentro de uma praça de guerra. Estes grandes passeios tanto no interior como no exterior da cidade, bordados de arvores, fronteiras ás casas, são bellissimos, com especialidade no verão, não só para nelles se passear, mas para gosar da vista da gente que passa, que entra ou sahe dos cafés, ou que se senta em cadeiras junto delles, como era o afamado *Tortoni*, no boulevard dos italianos, onde sempre havia musica, e se via a mais brilhante sociedade de París.

Estava já proximo o meado de Junho, e como quizesse dar principio ao meu Campeão no principio de Julho, puz-me em caminho para Londres. Tomei logar em uma das diligencias, e cheguei a Calais sem perigo, porém com uma viagem menos commoda do que a primeira, porque foi preciso passar as noites na carruagem, e que era, como todas a desse tempo, bem pouco agradavel não só no interior como no exterior. Em vez de tirantes de couro puchadas por cordas, e por tres ou quatro cavallos, uns a par, outros como guias a diante; e tinham estas carroças mais a apparencia de carros para transportar fazendas, do que boas carruagens de viagem. O interior não era melhor, porque tinham mais o ar de um armazem, onde se accommodam fardos de fazenda, do que de logares commodos para um viajante. Achei-me finalmente em Inglaterra depois de ter passado o estreito sem perigo. Confesso, que senti muito prazer em me lá ver de volta: parecia-me estar na minha terra d'onde por muito tempo estivera ausente. E muito mais prazer ainda tive,

quando me vi sentado dentro de uma bella carruagem, que me levava para Londres, puxada por quatro bellos cavallos, e por dentro tão acciada, e tão commoda como se fosse particular. Então é que comigo só comecei a comparar Inglaterra com a França, e Londres com París, donde acabava de sahir. Esta se me figurou na minha imaginação, como um grande palacio collocado dentro de uma aldêa, composta de casas mesquinhas, tortuosas, e estreitas, * e tão incommodas para quem anda a pé, apenas ha uma chuva, que os que nella são obrigados a andar, precisam, quasi a todo o momento, mandar limpar as botas ou sapatos nas pequenas e immundas lojas ou logares onde estão limpadores e engraxadores de officio, que por grande felicidade se acham em todas as ruas. Ora comparando todos os antigos bairros, que de taes ruas se compõem, com o centro de París, tomando-o desde o jardim das plantas por ambas as margens do rio até á pequena altura dos campos Elysios, onde se avista o arco de triunfo, chamado da Estrella, bem se póde dizer, que esta grande cidade é uma especie de magnifico palacio, mettido entre miseraveis cabanas. Os sumptuosos palacios, como o do Louvre, e Tuilleries, unidos pelo lado direito do rio com a extensa, e nobre galeria das pinturas; os grandes caes, bordados com outros muitos palacios de ordem inferior; e os bellissimos jardins, que occupam este *centro* realmente digno de se admirar, fazem com effeito, um tristissimo contraste com os velhos caixilhos, para assim dizer, da velha cidade, que o cercam. O espirito do observador, em verdade, se contrista reparando nesta desigualdade, e vendo tamanha grandeza ao lado de tamanha mesquinhez, e mesmo de tamanha immundicia.

* As velhas e antigas ruas eram em geral tão estreitas, que de um lado ao outro das casas corria uma corda, da qual estavam suspensos os candieiros da illuminação da cidade. E para que os passeantes não fossem esmagados a todo o momento pelos cabriolés; eram os cavallos, que os puxavam, obrigados a trazer um grande cascavel, ou guiso ao pescoço.

Digitized by Google

Olhando porém para Inglaterra, onde já caminhava, e trazendo á minha imaginação Londres, que grande e geral *todo* de magnificencia, aceio, e riqueza me não apresentava esta grande cidade? Que largura e extensão de ruas; que commodos e largos passeios de pedra para quem anda a pé; que extensas praças com os seus lindos jardins no centro; que immensos parques para passear; que grandes lagos e reservatorios d'agoa para alimentar todas as casas daquella populosa e extensa cidade? É verdade, que toda esta magnifica grandeza, que surprehende, e admira, era em outro tempo bastantemente monotona, e nenhuma ou bem pouca variedade se achava nos antigos edificios particulares ou publicos; mas este defeito se tem começado a emendar depois da paz de 1815. Que bella rua a nova chamada do *Regente!* que bello parque o que tomou o mesmo nome! que magestosa praça a de *Belgrave Square!* e que riquissimas casas, todas com apparencia de palacios, as que ornam e formam estas novas construcções! A quem pela primeira vez se apresenta este novo quadro, todo elle com o ar de sumptuosidade, grandeza, e até commodidades para pobres e ricos, não póde deixar de confessar que a civilisação tem chegado ao mais elevado gráo em Inglaterra. O que acabo de dizer é porém apenas a *casca* que cobre a riqueza, o luxo, e a elegancia que se acham dentro das casas dos inglezes ricos, qualidades juntas ao aceio de que todas as classes do povo partecipam cada uma conforme as suas posses e haveres.

O resultado que emfim tirei da comparação de ambas as capitaes, tanto no bem como no mal, foi que para aquelles que pouco apreço fazem das melhores commodidades da vida, e que se contentam com ver dançar, e ouvir cantar todo o dia, apesar de serem obrigados a calcar lama, * e a se exporem a ser esmagados pelos mui-

* A lama de París, por ser muito trilhada, é de uma qualidade tal, que se bem me lembro, já deo aqui em Lisboa nome a uma côr mui especial.

Digitized by Google

tos *cabriolés* e carruagens, que correm ou andam pelas ruas tortuosas e estreitas, podem ou devem preferir París para viver; porém o homem, que deseja viver commodamente, e gosar de todos os commodos tanto na rua como dentro de casa, hade necessariamente preferir Londres, senão tem casa sua, nem meios para ter uma carruagem. Em Londres ha milhares de quartos guarnecidos, que se alugam para viver, e todos sómente por oito dias para que se experimente se agradam, e convém continuar a viver nelles; porém em todos os que ha, e de todos os preços, * sempre se encontram as mesmas commodidades, o mesmo aceio, e o mesmo ornato de casa. São os trastes que os ornam, taes como alcatifas, cortinas, fogões &c., menos ricos em uns do que em outros, mas, em todas as casas são limpos, aceados, e proprios para as estações do anno, e conforto das pessoas que nelles vão viver. Isto é o que senão acha em París, porque, á excepção das casas opulentas, eram quasi desconhecidas as alcatifas, ao menos era isto no tempo em que lá estive; e muito mais estranha esta falta quem esteve em Inglaterra quando nas casas que lhe dão para viver, acha pela maior parte pavimentos de tijolo.

Como disse que o que se via no exterior de Londres era só a *casca*, que encobria o grande luxo, e riqueza dos inglezes, concluirei aqui o assumpto já longo de que tenho tratado com o que me referio o Duque de Palmella, então Conde do mesmo nome. Tinha elle vindo a Lisboa antes de ir tomar posse da embaixada de Londres, e acompanhou a rica baixella de prata que se deo de presente a Lord Wellinghton. Assim que tomou posse foi convidado a jantar por George IV, que ainda então

* Estes quartos, quando são só para dormir, chegam ao infimo preço de um shilling por dia, porém assim mesmo mui limpos e aceiados com muito boas roupas de cama, e toalhas para limpar as mãos e cara. Deste baixo preço chegam tambem por semana a doze ou quinze libras. Em um destes esteve alojado Cypriano Ribeiro Freire antes de tomar posse da embaixada portugueza, segundo elle m'o disse, indo-o visitar na sua chegada a Londres.

Digitized by Google

era Principe Regente, e vivia em um palacete, chamado *Carleton house*, que depois foi deitado abaixo para no logar delle se fazerem magnificos edificios no principio da grande nova rua do *Regente* em face de S. James Park, para onde se abrio uma bella entrada por meio de uma sumptuosa escadaria. Eis-aqui o que o Conde me disse: — «Eu tenho visto o que ha de mais rico, de mais delicado, de maior luxo, e maior sumptuosidade tanto em Vienna d'Austria, na Italia, e em França; porém confesso-lhe, que fiquei abysmado do que vi na pequena habitação do Regente! Vi uma riqueza, um luxo, um gosto, verdadeiramente orientaes! A nossa baixella de prata de que fizemos presente a Lord Wellinghton, é uma mesquinhez, é uma bagatella, é uma informe, e não sei se lhe diga, uma ridicula composição ávista das maravilhas que meus olhos alli viram!... Ninguem póde imaginar o que dentro daquellas paredes alli ha!... Foi um espectaculo, que nunca á minha imaginação esquecerá!...

Eis-aqui o que não pude deixar de dizer das duas grandes capitaes, que devem hoje haver tido, no dia em que isto escrevo, 29 de Setembro de 1853, grandes mudanças para melhor, e com especialidade París, que muito começou logo a aprender depois que os francezes viram de perto Londres, e toda a Inglaterra. Agora passo a entrar no meu caminho, pois que já me considero em casa, e prompto para dar principio á minha empresa.

JULHO DE 1819.

Começo a escrever o meu Campeão Portuguez em Londres.

ACONTECIMENTOS ATÉ AO MEZ DE JUNHO DE 1823.

Assim que cheguei a Londres, da minha volta de França, cuidei logo em mandar imprimir, para ser distribuido pelos meus amigos, o Prospecto do meu Jornal, que bap-

Digitized by Google

tisei com o nome de *Campeão Portuguez, o Amigo do Rei, e do Povo;* porque segundo o plano que tinha traçado não pertendia escrever ao acaso; queria ter por mim dois grandes poderes — *o Povo, e o Rei,* afim de que a minha marcha tivesse os menos embaraços possiveis. Neste meu Prospecto, que indicava a grande e nova bandeira, que ía arvorar, quiz mostrar o que era, e o que de mim se podia esperar, porque disse: ==

« O povo portuguez da Europa tem dado um grande exemplo de patriotismo e virtudes militares nos sete annos desde 1808 até o fim de 1814... mas que ganhou Portugal com tamanhas batalhas que pelejou, e tamanhos e tão heroicos sacrificios que fez? Louros, e louros mui verdes, porém plantados no meio de ruinas e cadaveres á maneira dessas magestosas e verdes palmeiras, que o olho do viajante apenas descobre na immensidade do deserto!... Hoje, sem governo proprio da sua cathegoria, e ainda sem a posse exclusiva de suas proprias riquezas, que o Brasil *inhumanamente* lhe devora em homens e dinheiro, Portugal é, de certo, um tristissimo exemplo das mais fataes vicissitudes humanas!...

« E será possivel que não haja um portuguez, amigo do Rei, e do Povo, que ouse levantar a voz a favor de tão nobre e illustre patria na hora da infelicidade? E morrerá ella como um desses infelizes, mencionados pelo historiador Tacito, *inauditi atque indefensi,* sem defeza e processo? Não! ao menos a historia dirá, que ainda houve um portuguez, refugiado em terras estranhas, que se lembrou da patria, e por ella alçou uma voz livre, independente, e energica sem curar de quantas perseguições lhe póde attrahir esta nobre defesa! Sua devisa será sempre a seguinte: *Fais ce que dois, advienne qui pourra... Faze o teu dever, succeda o que succeder!...* É evidente que muitos, que governam Portugal, em nóme d'El-Rei, pertendem suffocar, se é possivel, todo o desêjo nacional de instrucção; e que se deve fazer neste caso? Calar?... Por nenhuma fórma. Quando o inimi-

13

go apparecė em maior força, convém dobrar immediatamente as guardas; e para esse fim é que vai ser publicado este jornal...

No fim de Junho tinha já impresso, e distribuido pelos portuguezes de Londres o Prospecto do meu jornal, e imprimi, e distribui o meu 1.º n.º no 1.º de Julho do anno de 1819. Tinha eu, como já tenho indicado, traçado o plano da minha empresa, e não era meu intento tratar de questões abstractas de politica e liberdade; eu queria firmemente concorrer para libertar o meu paiz da dura escravidão em que estava, e da vil sujeição em que o tinha o Brasil. Era pois necessario descer ás questões especiaes, que para isto podiam concorrer; e para este fim, queria que o meu jornal fosse uma especie de *Compendio*, ou para melhor dizer, de *Cathecismo* que ensinasse aos portuguezes o que tinham sido, e era preciso que tornassem a ser. É verdade que nessa luta me achava só, porque os dois collegas jornalistas, que estavam em Londres, não me ajudavam; um, como João Bernardo da Rocha, editor do Portuguez, nem tinha a intelligencia sufficiente para conhecer a situação actual, bem que homem *politicamente* honesto, nem era efficaz em seus trabalhos, por muito descuidado e preguiçoso; e o outro, Hippolito, editor do Correio Brasiliense, não tinha *probidade alguma politica*, e indifferentemente vendia a sua penna a quem melhor lha pagava. Apesar disto não desanimei; porque tinha a meu favor os desacertos, e até as injustiças dos dois governos portuguezes; as verdadeiras queixas, e intoleraveis soffrimentos dos dois povos, que eu sabía iam em augmento; e além destes poderosos auxiliares, o espirito de liberdade que tambem se ía manifestando na Hespanha da Europa e da America. Portanto, a occasião era opportuna, e não a devia perder, como felizmente não perdi.

Era-me ainda preciso não assustar logo no principio o nosso governo, e com especialidade El-Rei D. João VI., para que o meu pobre *Campeão* não morresse á nascen-

ça, antes dos leitores lhe tomarem o gosto; e em razão disto quiz-me pôr bem com El-Rei. O primeiro artigo que appareceo no jornal, foi uma Carta que lhe escrevi com a data do 1.º do mez. Procurei trata-lo com todo o respeito e cortezia, porém ao mesmo passo, em lingoagem clara e verdadeira, lhe expuz como elle e seus antecessores tinham andado sempre enganados por seus ministros e valídos, e que o andariam sempre, senão tivessem uma lingoa independente, que lhes dissesse a verdade, e lhe mostrasse as necessidades dos povos. Esta lingoa era a da imprensa livre, e corajosa, assim como era a que ía ter para com elle o *Campeão*. Depois das muitas verdades que lhe disse nesta primeira carta, conclui da maneira seguinte: —

« Senhor, — O Campeão Portuguez só deseja ser impar-
« cialmente julgado por V. M. Espera que o hade ser, e
« que antes de dar sobre elle a sua sentença V. M. con-
« frontará as paginas do *amigo do Rei, e do povo* com as
« alegações que houverem contra elle. Nesta esperança
« terá o Campeão Portuguez ainda muitas vezes a honra
« de se dirigir a V. M., e em todas ellas nunca se es-
« quecerá de que é um leal e verdadeiro amigo do seu
« Rei, e do povo. Deos guarde e proteja a V. M. annos
« dilatados, e abençoe seu augusto reinado, como sincera-
« mente lhe deseja o *Campeão Portuguez*. — Londres 1.º
« de Julho de 1819. »

Em seguida, para que se não assustassem, escrevi em o n.º 2.º uma carta aos Governadores de Portugal com a data de 16 do mesmo mez; e no n.º 3.º escrevi aos habitantes de Portugal e Algarves com data do 1.º d'Agosto. Bem se vê como o Campeão foi cortez para todos, não só porque lhes escreveo a dar parte de que estava no princípio da sua marcha, mas para lhes manifestar as suas intenções, e certifica-los de que sería justo para todos, e não faltaria com o respeito a ninguem. Feitos os primeiros cumprimentos, entrei logo no meu assumpto; porque, como bom prégador, não queria entrar nelle sem

Digitized by Google

um exordio conciliador. Mostrei em toda a serie do meu primeiro volume o que haviam de mister os portuguezes para recobrar a liberdade que lhes tinham usurpado; e por isso lhes expliquei quaes eram as suas verdadeiras garantias, indicando-lhes praticamente como ellas até alli se lhes tinham roubado. E para lhes tornar mais palpaveis estas garantias, fui misturando-as com muitos factos da nossa historia, e com muitos exemplos praticos do que tinhamos sido, e como a nossa monarchia não era a de um governo absoluto, mas de um verdadeiro governo constitucional. E por uma exacta conclusão mostrei-lhes, assim como aos homens que nos governavam, que não era eu que devia ser considerado como revolucionario por lhes expor estas verdades de factos, porém que os verdadeiros revolucionarios eram o nosso governo actual, e os antecedentes, com especialidade desde o reinado de D. João V., porque tinham completamente destruido a nossa antiga Constituição com que se organisou a monarchia, e por muitos annos foi regida. Assim, era preciso que o governo revolucionario em que estavamos acabasse, e se nos restituisse um governo legal, e só isto era o que eu pedia, porque, como portuguez, tinha direito para o pedir.

Não fiquei porém aqui; sem medo, sem contemplações, nem receios de desagradar, disse isto mesmo a El-Rei D. João VI. na carta que ao mesmo tempo lhe escrevi com data de 16 d'Agosto deste mesmo anno, e que se acha impressa no volume primeiro do meu Campeão em pag. 111. Sem frazes, nem disfarces, e como homem livre, e forte com o seu direito, fallei-lhe da maneira seguinte:

« Senhor, — Muitas vezes terão dito a V. M. seus con-
« selheiros, e ministros que *os direitos da Sua Real Co-
« róa não prescrevem;* e com effeito lhe tem dito uma
« verdade inegavel. É porém natural que esses mesmos
« conselheiros e ministros nunca dissessem a V. M. outra
« verdade, essencialmente ligada com a primeira, isto é,

« que *os direitos do seu povo tambem não prescrevem.*
« Pois esta assás importante verdade ousa hoje revelar a
« V. M. o Campeão Portuguez, que por muito mais hon-
« rado se terá se, por acaso, for na realidade o primeiro
« que a tenha tão franca e lealmente annunciado; por-
« que ella tanto interessa ao throno, pessoa, e familia de
« V. M., como a todo o povo portuguez.

« Senhor, — As palavras *direitos da Corôa* involvem
« em si outra idéa associada, que se ennuncia por outras
« palavras, que são: — *os direitos do povo.* E a razão é
« bem clara, porque *sem povo* não ha Throno nem Co-
« rôa, quando póde haver, e tem havido, povo sem ha-
« ver Throno ou Corôa. Logo para haver essa Corôa é
« preciso que haja alguem que a tenha dado, e esse al-
« guem é o povo, pois que este na ordem da natureza, e
« das idéas, é primeiro do que ella.

« Se a Corôa e o Throno não podem existir *sem ha-*
« *ver povo*, mui evidente ainda é, que as Corôas e os
« Thronos são effeitos de *pactos* entre os povos e os Reis;
« e que estes *pactos* não podem ter existido, sem haverem
« creado direitos e deveres, communs tanto para os Reis
« como para os povos. Logo temos ainda outra verdade
« innegavel, que os Reis assim como os povos tem direi-
« tos, e que os de uns e de outros nunca *prescrevem*, por-
« que dimanam da mesma origem... »

Depois deste exordio expliquei-lhe o que era a nossa Monarchia; sobre que bases fôra fundada; e como a sua dynastia nos tinha privado dos nossos melhores direitos, que elle como Rei justo, e homem de boa consciencia nos devia restituir, pouco importava que não fosse quem primeiro tivesse feito esta usurpação; porque todo o roubo, qualquer que seja a mão em que está, clama sempre por seu dono. Com muitas mais razões lhe fiz ver os nossos direitos, e a obrigação em que estava de no-los restituir; e por fim conclui a minha carta como Massillon tinha concluido um dos seus sermões, que prégou diante de Luiz XV, e no qual lhe disse: — « Senhor! V. M.

Digitized by Google

« é Monarcha de uma nação livre, e bellicosa, e tão ciosa « de suas liberdades como de sua lealdade ; e pois que sua « auctoridade *vem toda della*, não deve V. M. emprega-la « senão em beneficio da mesma nação. »

Agóra d'aqui podem concluir qual foi sempre o meu caracter, como amei sempre a liberdade, e como em sua defeza fallei a El-Rei, como, de certo, ninguem em meu tempo lhe fallou. E como a natureza, e a reflexão me dessem esta ousadia politica, longe de afroxar no meu caminho, fui antes nelle adiantando o passo.

Para melhor esclarecer os portuguezes, e para que todos soubessem o que tinhamos sido e o que eramos, tive para mim que nenhum melhor serviço lhes podia fazer do que apresentar-lhes o *Indice Chronologico* das nossas principaes Côrtes, documento interessante, procurado, e achado pelo erudito e trabalhador João Pedro Ribeiro, que o offereceo á nossa Academia das Sciencias, da qual era membro. Alli teria elle ficado por muito tempo ainda escondido, como uma dessas medalhas antigas, que a curiosidade guarda mui recatadamente, e que só a mesma curiosidade examina, se eu não tivesse a coragem de o ir arrancar d'alli, e expo-lo aos olhos de todos, porque naquelles tempos o fallar em Côrtes, e exigi-las, *era um crime de lesa-magestade.* E tanto era assim, que o *Correio Brasiliense*, que se vendia a todos que lhe pagavam, e então era o governo do Rio de Janeiro que o tinha a soldo, disse em o n.º do mez de Setembro do anno de 1820, para atacar, malquistar, e matar se podesse o Campeão Portuguez, — Que diremos dos *empregados, que fomentaram a publicação da Chronologia das Côrtes?* E até, para fazer esta accusação, mentio ; e bem o creio que de proposito ; porque a quem elle, além do Campeão, pretendia ferir, eram os Condes de Funchal, e Palmella, accusando-os indirectamente da publicação das Côrtes de Lamego, e Coimbra, que eu publiquei no Investigador Portuguez, fazendo crer, que por insinuações delles era que eu as tinha publicado. A esta maliciosa

mentira lhe respondi eu no n.º 34 do Campeão Portuguez em Londres, volume 4.º pag. 127 em um artigo, que tem por titulo — *Insinceridades do Correio Brasiliense*, artigo, que quem for curioso, e o podér ler, não perderá o seu tempo, porque verá quem foi José Liberato Freire de Carvalho, e Hippolito José da Costa, auctor do Correio Brasiliense.

Ao passo que ía adiantando os meus trabalhos, e fallando cada vez com mais clareza e energia, recebia noticias de Lisboa, que me annunciavam que a semente, que ía lançando á terra, começava a germinar, e que o dia da resurreição politica não estava longe. E mais eu acreditava nestas noticias pelas que tinha de um jornalista hespanhol, meu amigo, que escrevia em Londres o *Hespanhol Constitucional.* Este já tinha escripto em o n.º 17, pag. 60 a seguinte prophecia:

« En el tiempo preciso, y perentorio
« Del anno veinte, en que Saturno rije,
« La *libertad* saldrá del purgatorio.

Sendo, portanto a situação de Hespanha mui analoga á nossa, e estando a opinião publica alli já tão desenvolvida, e prompta a manifestar-se, que duvida podia haver de que Portugal deixasse de lhe seguir o exemplo? A Hespanha deo emfim esse exemplo no 1.º de Janeiro de 1820 pela insurreição do exercito de Cadiz, insurreição que se communicou logo a toda a Hespanha. E nós portuguezes pouco tempo tardámos em os imitarmos, porque o brado de liberdade, que ouvio o Guadalquibir, ouvio-o o Douro poucos mezes depois, em 24 de Agosto do mesmo anno.

Cabe-me aqui agora referir uma anecdota curiosa do que passei com o Conde de Palmella não muitos dias antes do historico 24 de Agosto. Eu já disse que continuára a viver com elle, depois da questão que haviamos tido, na maior intelligencia, e que sempre o continuei a visitar e á Condessa com a mesma familiaridade antiga. Estava elle

Digitized by Google

nomeado ministro do gabinete do Rio de Janeiro, e estava a partir para lá nos principios de Agosto. Sube eu então ter elle dito, que senão queria ausentar de Londres, sem se despedir de mim, e que se eu não apparecesse na embaixada, iria á minha casa dar-me o ultimo abraço. Não quiz saber mais, e fui eu quem o preveni. Assim que estivemos ambos, a nossa conversação versou toda sobre os negocios de Portugal, e a este respeito me disse elle, pouco mais ou menos, as seguintes palavras. « Eu vou « para o Rio de Janeiro, e na qualidade de um dos Con-« selheiros d'El-Rei faço tenção de o aconselhar a que « de prompto promolgue algumas providencias uteis e ne-« cessarias a respeito de Portugal, porque a minha sin-« cera opinião é que elle não se póde continuar a gover-« nar como até aqui; e estou bem certo que El-Rei ha-« de acceder ao que eu lhe propozer. » Que lhe parece? não faço bem? — Muito bem! lhe respondi eu; mas o que eu tambem realmente penso, é que V. Ex.ª não hade ter tempo para executar essas suas boas intenções. E aquillo em que me fundo é, que vai partir para Lisboa onde se hade demorar alguns dias; de lá hade partir para o Rio, e hade gastar na viagem talvez dois mezes, pouco mais ou menos; alli hade consultar El-Rei, e os seus collegas; e esta consulta não hade levar menos de um mez; e por fim o que se resolver, hade vir para Portugal; e tudo isto não póde durar menos de seis mezes. E pensa V. Ex.ª, que os negocios de Portugal se hão-de conservar, como estão, por todo este longo intervallo de tempo? O Conde olhou para mim muito admirado, e replicou-me: — « Pois está persuadido que tão proxima es-« teja uma revolução em Portugal? . . . » — Estou, certamente! Não recebe V. Ex.ª cartas de Lisboa todos os paquetes, e não lhe dizem ellas o que alli se diz, e se passa? Ao menos as minhas annunciam-me uma mudança proxima; qual ella será, é que eu não lhe posso dizer.

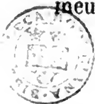
O Conde, sempre admirado do que eu lhe dizia, contentou-se em dizer-me por ultimo: — Melhor o fará Deos!

Digitized by Google

eu ainda espero que as suas profecias senão hão-de realisar, e que havemos de ter tempo para se executarem os meus planos. Os portuguezes não são tão resolutos, nem tão atrevidos para se arriscarem a uma revolução, mormente quando ha uma força, commandada por inglezes, muito sufficiente para os conter, ainda quando fossem temerarios... A nossa conversação não foi mais adiante, porque eu não quiz replicar, vendo bem, que era inutil, e que elle era como todos os *absolutistas*, os quaes nunca vêem o precipicio em que tem os pés, senão depois de nelle cahirem.

O caso foi, que ao chegar o Conde a Lisboa, se a revolução ainda não estava na rua, não tardou muito que o não estivesse. Sempre teimoso nas suas idéas, ainda teve a indiscrição de se unir aos Governadores do Reino para ter mão nella, mas nesta tentativa se enganou, como se tinha enganado nos seus primeiros calculos; teve a felicidade de o deixarem partir são e salvo para o Rio de Janeiro, e de ser o portador desta boa nova para El-Rei. Alli, como se vê dos seus despachos que já correm impressos, ainda pretendia com os seus *elixires* diplomaticos, ora brandos, ora causticos, impedir ou serenar a impetuosidade da corrente, e só tirou por ultimo resultado ir desterrado para Villa-Viçosa! Se a revolução a final cahio, não foi elle quem com os seus *elixires* a frustrou, foram mãos mais poderosas, que fizeram o milagre, ajudadas pela inepcia, fraqueza, e não sei se diga, pelas baixas condescendencias do mesmo governo da revolução, que não soube ser revolucionario... É este sempre o vicio dos revolucionarios de *agoa doce*: querem-no ser, mas não o parecer... depois de abaterem o idolo, são elles os primeiros, que se põem de joelhos diante delle, e o adoram!

Realisada que foi a revolução, e logo que entrou triunfante em Lisboa, vi eu bem que a minha *missão* estava acabada, e que já bem pouco tinha que fazer. Como o meu Campeão estava no seu segundo anno, quiz que o



Digitized by Google

acabasse, e que ao menos fosse ainda ajudando a mesma revolução na sua infancia, porque sabía que lhe haviam de apparecer novos inimigos, senão já capazes de a impedir, ao menos de a afroxar, e tornar-lhe os passos duvidosos e incertos. Os inimigos que a não tinham podido impedir, nem tinham boas razões para a accusarem de desnecessaria e injusta, procuraram desacredita-la pela fórma. Gritaram altamente contra as *novas* Côrtes, e já queriam as *velhas*; de sorte que de revolucionarias que até alli eram, passaram a ser as unicas legitimas, santas, e justas. Eu tomei o partido das novas, e nem por isso julguei ter cahido em contradicção. Como creio já notei, eu não tinha escripto ao acaso, havia feito um plano, e sobre elle é que dirigi sempre a minha penna. Pedi sempre a restituição das nossas antigas Côrtes, porque via, que era o que eu só podia pedir sem passar pelo labeo de revolucionario, e porque não queria assustar o governo que me podia logo desde o principio impedir a minha marcha; e porque emfim sabía muito bem, que as Côrtes velhas traziam no ventre as Côrtes novas. Apparecendo as primeiras, não havia de tardar muito que não apparecessem as segundas, porque esta era a marcha do espirito humano, e a opinião do seculo. Assim mesmo com toda a minha prudencia não pôde escapar o meu Campeão ao cutello assassino de Thomaz Antonio Villa-Nova Portugal, * que sendo ministro no Rio de Janeiro o prohibio, pensando que não seria mais lido, e que o ía fechar em uma das gavetas da sua secretaria. Foi porém já tarde, porque as sementes que tinha deitado á terra, já começavam a romper, e a se deixarem ver na superficie. E como esta medida foi impotente, e inefficaz bem como são todas as desta especie, direi o que nesse tempo me escreveo o meu correspondente de Lisboa. Disse-me, formaes palavras: « Aqui chegou do Rio de Janeiro a

* No volume 2.º do Campeão, pag. 29, está a carta notavel que lhe escrevi a este respeito.

Digitized by Google

ordem para prohibir o seu Campeão. Este governo, já mais prudente, não quiz tomar sobre seus hombros este peccado do estulto e velho Portugal; contentou-se em mandar pregar pelas esquinas de Lisboa a prohibição, assim como apparecêra em corpo e alma nas esquinas do Rio de Janeiro; e aconteceo exactamente, que nesse dia desembarcasse são e salvo esse mesmo seu Campeão. Assim, ao passo que se estava executando este moderado *auto da fé*, atravessava elle triunfante as ruas de Lisboa, ás costas de um galego, que eu ía acompanhando em distancia. Não tenha por isso susto, e fique certo, que se até agora o liam cem, de hoje em diante hade ser lido por duzentos, ou mil. »

Os meus ultimos trabalhos reduziram-se a acompanhar a revolução, auxiliando-a com todas as reflexões, ou documentos que pude haver para a forteficar, e fazer com que fosse geralmente bem acceita em todas as partes da monarchia, e dei fim á minha empresa no ultimo dia de Junho de 1821, depois de dois annos completos de não cessar de preparar o caminho da liberdade aos meus compatriotas. No meu ultimo n.º me despedi dos portuguezes, e depois de lhes agradecer o muito que me tinham ajudado na minha obra, dei-lhes o motivo porque parava nella, dizendo-lhes, entre outras cousas:

« Concluida que fosse a nossa regeneração politica, « para a qual trabalhava o Campeão Portuguez, já nada « mais lhe ficava para fazer do que justificar com todas « as suas forças esta mesma regeneração. Porém isto mes- « mo fez elle em o n.º 28 do mez de Outubro do anno « passado, escrevendo um artigo que intitulou — *Santos « e justos motivos, que tiveram os auctores da gloriosa « contra-revolução do Porto em 24 de Agosto de* 1820. « E não ficou ainda aqui; vendo que havia apparecido « uma nova *seita* politica, que apesar de ter pejo para « negar a justiça e necessidade da nossa regeneração, to- « davia, pretendia desacredita-la por não resuscitar as fór- « mas inefficazes das nossas Côrtes antigas, o Campeão

« tomou ainda a empresa de mostrar que as Côrtes ve-
« lhas eram incompativeis com as luzes do seculo, e com
« as actuaes necessidades da nação; o que com effeito
« mostrou em o n.° 32 do mez de Fevereiro do presente
« anno. Sendo pois o objecto do Campeão Portuguez pre-
« parar a regeneração politica da nossa patria, e justifi-
« ca-la; já este seu grande objecto está preenchido, e se
« deve dar por acabada a sua *extraordinaria missão.* Foi,
« em verdade, o Campeão Portuguez o afortunado *Pre-*
« *cursor* da nossa regeneração, porque á maneira do *Ba-*
« *ptista*, não vio só em espirito, como os outros prophetas,
« a redempção de Portugal, *mas apontou-a com o dedo.*
« Quando o Campeão nascia no 1.° de Julho de 1819,
« já a regeneração portugueza andava no ventre desde
« 22 de Janeiro de 1818. * Agora, exultando de jubi-
« lo e prazer, á maneira do velho Simeão, por ter visto
« com seus olhos a por tantos annos suspirada redempção
« da patria, vai concluir seus felizes trabalhos com agra-
« decer aos nobres portuguezes todos esses generosos au-
« xilios com que animaram a sua empresa, e com dizer-
« lhes por *despedida*... &c. &c. »

Havia então muitos portuguezes em Londres, e com poucas excepções todos haviam applaudido a nova ordem politica que tinha regenerado a patria; e dos seus leaes sentimentos propozeram-se a dar um testemunho publico á maneira dos inglezes. Para esse fim se nomeou uma commissão, que me designou a mim para redigir um Memorial congratulatorio ao Congresso das Côrtes Constituintes; e a João Bernardo da Rocha, redactor do Portuguez, para formar outro para El-Rei, em agradecimento de ter adherido á revolução. Escolheo-se o local mais distincto, que ha em Londres para taes ajuntamentos, que foi em *City of London Tavern*, com a clausula porém que só nelle seriam admittidos portuguezes. O numero

* No vol. 4.°, pag. 66 do Campeão Portuguez em Londres se diz, quando se organisou a Sociedade dos Regeneradores do Porto, e quaes foram os primeiros associados.

Digitized by Google

dos convidados foi de setenta e tantos, e no dia segunda feira 4 de Junho de 1821 se reuniram naquelle local para celebrar este acto solemnemente patriotico.

Leram-se naquelle ajuntamento os dois Memoriaes, que ficaram approvados, e aos seus dois redactores se lhes deram os agradecimentos do costume. Succedeo então neste acto um caso notavel, que foi a reconciliação dos tres principaes jornalistas portuguezes que escreviam em Londres, que eram — eu José Liberato, Hippolito, e João Bernardo, e que ultimamente andavamos em guerra politica. Quem propoz esta reconciliação foi o portuguez A. J. Freire Marreco, que depois aqui veio morrer em Lisboa, dizendo, que tendo todos concorrido de um modo ou de outro para a liberdade da patria, conseguida esta, não deviam ficar inimigos; assim propunha que alli mesmo se abraçassem. A assembléa apoiou a proposta, e eu tanto que isto vi e ouvi, immediatamente fui abraçar o Hippolito, o que este me correspondeo, e depois fiz o mesmo a João Bernardo, que igualmente acceitou, e correspondeo ao meu abraço. Por esta fórma os tres redactores alli demos, abraçando-nos, um testemunho publico de termos esquecido todas as nossas desavenças passadas. Restava saber quem havia de ser o portador dos dois Memoriaes; mas como já se sabia que eu tencionava partir para Lisboa, a mim se me incumbio ser delles portador. Ainda direi como foram entregues.

A minha vida particular, especialmente nos ultimos dois annos desta minha primeira estada em Londres, teve ainda incidentes que pareciam nunca fariam parte della, por ter sido no seu principio destinada para a passar debaixo das abobadas de um claustro. Tive um *desafio*, e fui eu quem o exigio: porque a honra foi sempre para mim objecto sagrado. Vivia havia muitos annos em boa harmonia com João Bernardo da Rocha, redactor do Portuguez, mas este que, apesar de ter bom coração, tinha uma má cabeça, e a este defeito juntava uma ridicula vaidade, começou a indispor-se comigo, porque eu não

Digitized by Google

seguia nem apoiava a sua politica, e talvez porque via que o meu *Campeão* ía tomando a dianteira ao seu *Portuguez*, tanto em razão da sua preguiça em o não escrever a tempo, como porque as suas idéas no que escrevia não íam tão directamente ao ponto que se desejava, como as minhas. Resultou d'aqui que um dia teve a imprudencia, e até a má creação de escrever em um dos numeros do seu jornal — que se dissesse o que eu, *em confidencia*, lhe tinha communicado, me havia de fazer a *cara vermelha!* Ora bem se vê, que este dito, além de estulto, grosseiro, e de homem mal creado, era tal que um homem de honra não podia deixar passar. No mesmo momento em que isto li, escrevi-lhe uma carta em que lhe exprobava a sua má creação, e desaforo, e lhe dizia positivamente, que me havia de dar uma satisfação ou desdizendo-se, e publicando quaes eram essas confidencias, que me podiam fazer a cara vermelha, ou não o fazendo assim, escolhesse as armas com que nos haviamos de bater; porque em toda a parte, e particularmente em Inglaterra, taes insultos não podiam passar impunes.

Eu tinha alli um amigo, Antonio Machado Braga, e que o era tambem delle, e a esse amigo pedi que lha entregasse para ser testemunha da entrega, e para que depois fosse um dos meus padrinhos no caso que elle tivesse a estulticia de me não dar uma satisfação, porque irrevogavelmente a queria ter, e elle ma havia de dar por uma maneira ou por outra. O meu amigo incumbio-se da remessa, e depois de lhe fazer ver não só a tolice do seu dito, porém ainda mais a pessima idéa que dava do seu caracter, resolveo-o emfim a dar-me uma satisfação por escripto no seu jornal, com a qual me satisfiz, e o caso aqui parou. Eu esqueci tudo, bem que a nossa amisade antiga ficou quebrada; porém algum tempo depois mostrei-lhe não só esquecimento de tudo que se havia passado, mas até gratidão por um acto que fez em honra minha. — Estando pobrissimo, e sabendo que os

Digitized by Google

meus amigos de Londres me queriam dar de presente uma *caixa de oiro*, como realmente me deram, e para isso fizeram uma subscripção, quiz elle ter tambem parte nella com uma pequena quantia, e assim o fez; porque o seu nome está gravado na mesma caixa a par dos outros meus amigos. Nunca pude esquecer este obsequio que me fez; e sempre depois disto o tratei muito bem até á sua morte, que aqui em Lisboa veio ter neste mesmo anno em que escrevo, 1853.

Fui tambem ameaçado com dois libellos, que não tiveram effeito, porque os quizeram loucamente intentar. Nessa época tratava-se em Lisboa uma grande demanda entre inglezes, e portuguezes negociantes que exigiam as fazendas que haviam sido remettidas a um certo *Moreira* que depois de muitas traficancias fugíra de Lisboa para a America Ingleza, onde morreo. Nesta demanda era muito interessado o meu amigo, de quem já fallei, Antonio Machado Braga, e o seu socio Vieira que em Lisboa tratava da demanda por conta dos negociantes inglezes, que lhes haviam dado credito ás fazendas que haviam mandado ao tal Moreira. Eu era muito obrigado a estes dois honrados portuguezes, e publicava no meu Campeão algumas correspondencias, que me vinham de Lisboa sobre este assumpto. Em uma dellas vinha a biographia dos que particularmente se queriam apossar das fazendas dos negociantes inglezes, e um delles era notado pelas iniciaes — B. G. K. Um homem, que dizia ser filho do individuo a cujo nome pertenciam estas tres lettras, pretendeo levar-me ao *jury*, porque dizia que ellas correspondiam ao nome de seu pae, e eu o havia injuriado, publicando a sua biographia. A minha reposta foi que eu não injuriava seu pae, porque não lhe nomeava seu nome, nem mesmo podia adevinhar se estas lettras o designavam; o que lhe podia affirmar era, que não era eu quem desacreditava seu pae, porém era elle que o desacreditava indo declarar em juizo, ao mundo todo que taes lettras designavam seu nome, o que ninguem sabia;

Digitized by Google

porque podiam muito bem designar outros nomes. O caso foi, que consultando os advogados, estes lhe disseram, que o libello não podia ter bom resultado, porque alli não havia nome algum particular designado, e quando mesmo podésse provar que aquellas lettras designavam só o nome de seu pae, eu não poderia ser condemnado em mais do que um *shilling*, que correspondia a uma absolvição. O homem teve a prudencia de desistir da accusação, e eu fiquei sem ter este incommodo.

O outro libello foi intentado pelos tres denunciantes da conspiração intitulada de Gomes Freire, e que por nome não percam, foram — José de Andrade Corvo de Camões; Pedro Pinto de Moraes Sarmento; e João de Sá Pereira Ferreira Soares. Tinham elles mandado para o Rio de Janeiro uma conta dirigida a El-Rei, mui circumstanciada dos seus bons serviços, pelos quaes lhe pediam recompensa. Esta conta, de que fôra portador o Visconde de Juremanha pôde ser vista por alguem que a copiou exactissimamente, e a mandou para Lisboa ao meu virtuoso amigo José Aleixo Falcão Wanzeller, que m'a remetteo para Londres, e eu publiquei no 1.° vol. do meu Campeão a pag. 290. Estes tres denunciantes achavam-se em Londres, e para alli tinham sido mandados pelos Governadores do Reino logo que appareceo a revolução do Porto, para os livrar das íras do povo que talvez os fizessem em pedaços. E não só para alli os tinham mandado, porém ordenando que fossem considerados addidos á embaixada. Por honra desta, os seus empregados não os quizeram lá receber debaixo daquelle titulo, e elles se viram despresados, assim como por todos os portuguezes que então viviam em Londres. Eu tive noticia de que se procurava com toda a ancia o n.° em que vinha publicada a tal noticia, e que alguem tinha ído a minha casa pedindo querer compra-lo, porque não os havia á venda em Londres. Eu dei ordem que se alguem lá tornasse a fazer aquelle pedido, lho dessem, mas lhe não acceitassem dinheiro por elle. Com effeito, lá volta-

Digitized by Google

ram, e eu mandei dar gratuitamente o numero que tanto se desejava obter. Então sube com toda a certeza que o queriam para o mostrar a alguns advogados, e para ver se á vista delle podiam saber se estava no caso de ser accusado, e eu ser por tal publicação condemnado. Passou-se muito tempo sem que tivesse noticia do negocio, e por fim me disseram que não houve advogado que os animasse a intentar-me o libello, porque o documento, que para elle tinham, em logar de ser contra mim, deviam elles antes olhar como motivo para me darem agradecimentos, pois que tinha publicado uma acção porque pediam recompensa.

O resultado de tudo isto foi que um dia appareceo em minha casa um dos tres denunciantes, — Pedro Pinto de Moraes Sarmento, o qual depois de mil satisfações de me ir procurar, pedio-me, que não quizesse ser inimigo seu nem dos seus companheiros, e antes me rogava se eu lhes faria o favor de admittir no meu jornal algumas linhas que os desculpassem. Fez-me uma larga exposição como tinham sido induzidos a praticar aquelle acto, concluindo por fim: — Como queria o Sr. Liberato, que particularmente ainda rapaz, o official debaixo das ordens militares, tivesse força bastante para resistir ás ordens do meu general, e o commandante do exercito, Lord Beresford? Disse-me ainda muitas mais cousas, e confesso que cheguei a condoer-me da sua desgraça; e assim commovido respondi-lhe, — que eu não tinha indisposição alguma pessoal contra elle nem contra os seus socios, e que só tinha publicado aquelle papel, como um documento historico de um acontecimento na realidade fatal, tanto para elles como para as victimas que tinham feito. E que para lhes mostrar que nenhuma inimisade tinha contra as suas pessoas, não teria mesmo difficuldade em publicar algumas desculpas, que quizessem dar daquelle acto, com tanto que isso fosse escripto com decencia, e em uma breve correspondencia, porque o meu jornal não as podia admittir longas. Que eu desejava fazer

Digitized by Google

justiça a todo o mundo, e ser imparcial para todos, com tanto que no que se escrevesse nem se atacassem os meus principios, nem a causa que eu defendia. Recommendava-lhe porém, que a ninguem partecipasse ter estado comigo, nem revelasse o que entre nós se havia passado, porque nem a elle nem a mim convinha que a nossa conferencia transpirasse no publico. Assim m'o prometteo, e retirou-se. Passados porém poucos dias, chegou-me aos ouvidos que estando na praça de Londres me fizera muitos elogios, e accrescentára que eu estava prompto para o defender assim como aos seus companheiros. Esta noticia irritou-me fortemente; e no mesmo momento peguei na penna e lhe escrevi uma carta, em que lhe dizia que elle era um homem sem brio e sem honra, porque tinha ído publicar o que havia ajustado ficasse em segredo; e em consequencia disso não contasse mais comigo, e não tornasse a subir a escada de minha casa. Elle assim o fez, e eu não tornei a ter mais noticias delle.

Depois destes dois ataques, de que esteve ameaçado o meu Campeão, não teve mais quem lhe quizesse fazer guerra por este modo, e eu tive um encontro de novo genero, que mostrava se fazia bom conceito de mim. Tive uma visita de um ajudante do Marechal Beresford, que fazendo-me mil cumprimentos da parte do Marechal me disse, que elle, sabendo qual era a minha imparcialidade, me pedia lhe declarasse, se admittiria no meu jornal algumas linhas em sua justificação, porque havia de saber como acabava de ser como expulso de Portugal pelo novo governo que alli se havia installado. Eu respondi-lhe que agradecia muito o bom conceito que o Marechal fazia de mim, que ninguem mais do que eu avaliava os serviços que havia feito ao meu paiz, organisando nelle um exercito que rivalisava com os melhores da Europa, e que portanto não tinha duvida em publicar qualquer communicação que me fizesse, com tanto que não fosse longa, fosse por elle assinada, fosse puramente pessoal, e não entrasse na politica, nem atacasse a nova ordem de cousas

que havia em Portugal, e eu defendia. Entretanto, ousava fazer-lhe uma reflexão, e era, que me parecia não escolher elle o tempo proprio para fallar em sua defeza, porque quanto então dissesse, e escrevesse, nem havia de diminuir a desaffeição em que alli estava, mas antes talvez a augmentasse. Que as paixões estavam actualmente muito excitadas, e que na occasião em que as paixões dominam, não é facil fazer ouvir qualquer cousa que as contrarie. Que me parecia melhor guardar para mais tarde o seu projecto, a fim de se poderem melhor ouvir as suas palavras, e se avaliarem seus serviços, como era de justiça que o fossem. O ajudante retirou-se, e passados dias voltou, dando-me mil agradecimentos da parte do Marechal, e dizendo-me, que tomava o meu conselho, e que guardava para mais tarde dizer o que lhe conviesse. Assim o fez, porque passado tempo entregou a sua defeza e a dos seus tres cumplices ao redactor do jornal, intitulado — o *Padre Amaro*, que então se escrevia tambem em Londres, e a quem deo muito bom dinheiro para que lhe fizesse aquelle serviço. Este redactor do *Padre Amaro* era aquelle mesmo *padre Joaquim*, de quem já fallei, quando estivera em Paris, e delle me servíra para ser o meu guia nas diversas digressões que fiz naquella capital. Tinha-o conhecido como addido ao quartel general de Massena, quando estive como prisioneiro, e refens da cidade de Coimbra em Torres-novas; e apparecendo-me depois em Londres em um estado miseravel fiz, que os portuguezes lhe fizessem uma subscripção para a qual muito concorri com o meu dinheiro. Com este auxilio se pôz elle tambem a escrever, e no principio a contento de todos os que o tinham favorecido; mas depois mudou de tom, foi ingrato para os seus bemfeitores, assim como para mim, que além de o soccorrer, como os outros quando chegou a Londres, ainda lhe emprestei dinheiro que me nunca pagou. Tinha habilidade, escrevia com graça, porém não tinha probidade alguma politica, e vendia-se a quem o comprava. A uma dessas compras, que lhe fez o Conde

Digitized by Google

de Palmella por meio de Nunes de Carvalho, de quem tambem já fallei, assisti eu como testimunha, porque elle não era sempre mui firme no que promettia. Na emigração o fui encontrar ainda em Londres, onde começava a cahir em decadencia depois de haver desperdiçado as muitas libras que lhe dera o Marechal Beresford pelo livro que escrevêra em seu abono; livro importante pelas pessoas de quem falla, e figuraram naquella horrivel tragedia, e que passaram sempre por lhe serem estranhas. Este livro, que eu tive, e elle me mandou a Lisboa foi objecto de muita curiosidade; porque estando eu na sala das Necessidades, como Deputado, quando recebi o primeiro exemplar, todos o quizeram ver, notando alguem que alli mesmo existia um individuo de certa representação a quem eram applicaveis muitas frases que nelle se continham. Tive outro exemplar, que não sei como me levou caminho, o que hoje muito sinto; porque ainda alguem vive a quem o livro alludia. Este padre Amaro, quando o encontrei pela ultima vez em Londres, estava a soldo da embaixada, e logo depois tambem o ficou em parte ao dos dois valídos de D. Pedro, Francisco Gomes da Silva, por alcunha o *Chalaça*, e Rocha Pinto, os quaes haviam sido obrigados a sahir do Rio de Janeiro antes da abdicação de seu amo o Imperador. Por insinuação delles o padre escreveo muitos artigos contra os brasileiros, que de certo muito concorreram para o desagrado em que cahio D. Pedro, a ponto de ser obrigado a abdicar.

Morreo pouco tempo depois em Londres, ainda em muito boa idade, e para se saber a originalidade de seu caracter, referirei a anecdota seguinte. Estava elle pobre, e só vivendo das migalhas que lhe davam pela venda da sua penna; e como fosse amigo do padre Marcos, que tambem vivia pela generosidade dos dois valídos de D. Pedro, disse-lhe quasi nas vesperas de morrer: meu bom amigo quero fazer testamento! O padre que muito bem sabia que elle nada tinha, respondeo-lhe: — estás doudo? De que queres tu fazer testamento, se nada tens? Ao que

Digitized by Google

lhe replicou o moribundo: — O' Marcos! quem é que morre? és tu, ou sou eu? deixa-me pois fazer testamento, e morrer á minha vontade! O padre Marcos deo-lhe uma gargalhada, e não sei se lhe fez ou não a vontade. Tal era o caracter do *Padre Amaro*, que andou toda a sua vida ora pobre ora rico, sempre folgasão, vendendo-se a todos, e por fim com a mania de querer fazer testamento, quando não tinha um real de seu. Ouvi dizer que D. Pedro lhe pagára a mortalha e os torrões que lhe cobriram o cadaver em um dos cemiterios de Londres.

Como quero dar noticia das pessoas com quem vivi, e de quem recebi bom ou máo tratamento, e só quero fazer menção dos que já morreram, direi ainda que conheci em Londres dois fidalgos portuguezes, que nem honraram a sua patria, nem me foram gratos como deviam; porque os soccorri quando valiam menos do que eu, e não recusei servi-los. Um foi D. Lourenço de Lima, que morreo Conde de Mafra; o outro o celebre Conde de S. Miguel, que para o servir, e mostrar-me grato para elle, em recompensa esteve a ponto de causar um grande embaraço e desgosto ao meu especialissimo e honrado amigo Custodio Pereira de Carvalho. Ao Conde tinha eu conhecido em Torres-novas em casa do Marquez de Alorna; e apesar do que alli tinha sabido ácerca da immoralidade do seu caracter, tinha-lhe ficado agradecido pelo bem que alli me fizera. Tive dias, em que posso dizer sem vergonha que senti fome, e não pequena; e muitas vezes o Conde, que era tão amigo do alheio como liberal para quem via em precisão, me convidou a tomar parte na sua comida, quando tambem felizmente a tinha. E isto era mais para agradecer porque havia alli individuos, que, quando tinham alguma cousa para comer se escondiam, para não a repartirem com os que mais precisavam della. O Conde condemnado á morte por ter entrado com Massena em Portugal, achava-se em Londres, e logo me foi visitar. Não tardou muito que me não pedisse dinheiro, e creio que foram 16 libras ester-

Digitized by Google

linas, o que eu logo, sem hesitar lhe dei. Ia a passar-me um recibo, e eu respondi-lhe : « não quero o seu recibo, porque se a sua palavra não é bastante, o seu recibo para mim não val nada. Mas é que eu não lhe empresto este dinheiro, peço-lhe licença para m'o acceitar como um signal do meu reconhecimento. Quando V. Ex.ª era mais rico do que eu, repartio comigo o que tinha, e agora que eu o sou mais que V. Ex.ª, rogo-lhe queira acceitar-me esta pequena quantia, como uma demonstração de quanto lhe estou agradecido pelo bem que já me fez. »

Este Conde continuou a visitar-me muitas vezes, e a pedir-me que lhe fizesse algumas minutas de requerimentos que pretendia enviar para o Rio de Janeiro, e serem entregues a El-Rei por via de sua tia que estava no paço como dama, ou camareira-mór. Estando eu uma manhã com o meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho, que de ordinario quando ía para a praça me ía ver por me passar pela porta, entrou o Conde, e eu lho apresentei. Elle começou logo a dizer, que acabava de receber uma lettra de sua tia, e que desejando desconta-la, não conhecia ninguem a quem pedisse para lhe fazer esse favor. O meu amigo que vio ser elle um portuguez e um Conde, sem hesitação disse-lhe : — eu vou d'aqui para a praça, e se V. Ex.ª m'a quer confiar, com muito gosto cuidarei em a descontar. E pegando-lhe na lettra, disse-lhe : — a firma é boa, e não haverá duvida em se fazer o negocio. Eu fiquei logo a tremer, quando o meu amigo tão promptamente se quiz incumbir daquella diligencia, porque conhecia já muito bem o caracter do Conde. Não sabía como avisasse o meu amigo, e estava desejando que este fosse o ultimo que se retirasse, mas não succedeo assim, porque foi o primeiro que se despedio. Na maior agitação, felizmente, ainda tive um recurso para o avisar, porque indo a descer a escada, levantei-me de repente, e disse para o Conde : — esqueceo-me uma cousa importante que tinha para dizer ao meu ami-

Digitized by Google

go. E chegando ao alto da escada chamei por elle e disse-lhe em voz muito baixa — tenha cuidado com esse papel!.... Com effeito a lettra era *falsa*, e se o meu amigo a apresentasse, havia de passar por um grande incommodo para provar de quem a tinha recebido, e não era sua; porque qualquer firma falsa tem *pena de morte* sem remedio, e á qual nem o Rei póde perdoar! O Conde, conhecida a falsidade, e sendo agarrado, era irremediavelmente enforcado. Eu, assim que isto sube, fiquei aterrado; e nunca mais admitti o Conde em minha casa, e morreo sem que lhe tornasse a dar uma palavra.

D. Lourenço de Lima houve-se tambem comigo não como fidalgo, mas como homem sem brio. Visitava-me algumas vezes, e me fazia mil cumprimentos como quem já se preparava para me enganar. Um dia me procurou, e depois de me contar o máo estado em que se achava, acabou por me pedir doze ou quinze libras esterlinas, dizendo-me que estava á espera de receber algum dinheiro de Lisboa, e que apenas o recebesse me dava a sua palavra de honra que m'as pagaria. Foram tantas, e tão baixas as lamurias que me fez, e as miserias que me contou, que eu enojado de o ouvir, dei-lhe o dinheiro que me pedio para mais depressa me ver livre delle. Tanto que teve as libras na algibeira nunca mais me tornou a conhecer, apesar que se demorou ainda em Londres todo o tempo que lá estive, e nem mesmo quiz saber de mim quando eu e elle estavamos em Lisboa. É provavel que tão illustre fidalgo *só por esquecimento* levasse na algibeira para a sepultura a divida que debaixo da sua palavra de honra me prometteo pagar! Da minha parte nunca me cancei em lhe pedir ou mandar pedir o meu dinheiro; só fiz o que se costuma fazer á gente desta laya, despresei-o, como um baixo caloteiro...

Agora que fallei em *esquecimento*, vem a pello o que, ha bons trinta annos, me contou Mr. Guillot, negociante francez, então residente em Lisboa, andando nós passeando nos arcos das *agoas-livres*. Não me lembra a que pro-

Digitized by Google

posito se fallou em Alcobaça, e então me disse elle — Vou contar-lhe uma anecdota galante. Um estrangeiro meu amigo indo ver o Convento de Alcobaça, quiz examinar a livraria, mas chegando-se á porta estava ella fechada. Então o frade, que o acompanhava, disse-lhe: — tenha paciencia por um instante, em quanto vou buscar a chave. Demorou-se o frade por algum tempo, e voltando deo por desculpa por a não trazer. « Não apparece, meu senhor, a chave, e agora consta que o ultimo bibliothecario, o mestre *Figueiredo*, a levára por *esquecimento* na algibeira para a sepultura!... Conto esta anecdota, porque o mestre *Figueiredo* era ainda um meu parente remoto; e como tivesse sido um daquelles que, como litterato, não mereceo o labéo de muitos dos seus collegas, não quiz deixar de lançar sobre a sua sepultura esta pequena *perpetua* em honra do seu nome.

O destino final que tiveram em Londres estes illustres fidalgos foi, que para livrar D. Lourenço de Lima de ir apodrecer em uma prisão em consequencia de seus calotes, o Conde de Palmella, então ministro diplomatico alli, creou um logar novo na embaixada, nomeando-o bibliothecario della. Esta nomeação fez rir a muita gente, porém não foi assim o Portuguez, ou o Correio Brasiliense, que amargamente o censurou. Fallando elle uma vez comigo a este respeito, disse-me: « que queria que eu fizesse? Não havia de prevenir, que um homem, como D. Lourenço, que já tinha sido embaixador em França, e era aqui muito conhecido, fosse parar a uma prisão? Para o livrar deste insulto, e de não enxovalhar o nome portuguez, pedi licença ao governo inglez para lhe dar este titulo, afim de estar a coberto dos muitos credores, que a toda a hora o podiam prender. O governo inglez, ouvindo as minhas razões, foi bastante generoso para consentir na creação deste novo emprego, e em fechar os olhos sobre elle. » D. Lourenço de Lima, voltando a Lisboa quando El-Rei veio do Brasil, foi condecorado com o titulo de *Conde de Mafra*, provavelmente pelos servi-

Digitized by Google

ços que fez na bibliotheca da embaixada de Londres!

O Conde de S. Miguel, como não podesse ter passaporte portuguez, por estar condemnado á morte, póde escapar-se de Londres com um passaporte *austriaco*, que Palmella lhe pôde obter do embaixador d'Austria, cuja Côrte estava então em boa harmonia comnosco, em consequencia do recente casamento da primeira Imperatriz do Brasil. Este Conde de S. Miguel tinha ultimamente apparecido em uma gazeta com o vergonhoso nome de *swindler*, isto é, de baixo *gatuno*, por uma famosa gatunice que havia praticado.

Nos meus ultimos dias de Londres fui expectador de um grande, e bem notavel acontecimento, — a accusação e julgamento da Rainha Carolina, mulher de George IV, por *adultera*. Desde os primeiros dias do casamento mostrou o Rei uma aversão invencivel para sua esposa, sem comtudo, que isso obstasse para uma pequena tregoa, em que ainda teve tempo para lhe fazer uma filha, a Princeza Carlota, que casou com Leopoldo, hoje Rei da Belgica, e morreo de parto. Como a Rainha se visse sempre despresada pelo marido, tomou a resolução de ir viajar. Andou correndo a Italia, a Allemanha, a Grecia, e creio que até esteve em Constantinopla; mas assim que soube da morte de George III, e que seu marido ía ser coroado Rei, poz-se de volta para Inglaterra para mostrar que não prescindia da honra de tambem ser coroada Rainha. O marido, tanto que soube que ella já estava em França, e a ponto de passar a Inglaterra, mandou-lhe fazer grandes propostas para que não viesse, e offerecer-lhe grandes quantias de dinheiro para que se conservasse no Continente. Ella porém, que era de um caracter elevado e forte, recusou todas as propostas, e declarou positivamente que vinha para Inglaterra, porque de nenhum modo desistia da honra de ser coroada Rainha. Assim o executou; e então o marido para lhe negar esta distincção, que por caso algum lhe queria conceder, recorreo ao expediente vergonhoso e ridiculo de

Digitized by Google

a accusar de adulterio com um dos seus creados. Para este insolito processo foram mandadas buscar testemunhas, e estas as mais vis, dos paizes em que viajára, ou residíra. O processo instaurou-se na Camara dos Pares, e a Rainha de um caracter summamente energico tomou a vigorosa resolução de ir assistir todos os dias ás sessões deste infame processo, para lá ouvir todas as accusações as mais torpes, que alli se lhe fizeram. Ora é de saber, que o publico tinha levado muito a mal este procedimento d'El-Rei, e como elle já não era bem visto pelas suas muitas irregularidades, ou antes devassidões, muito mais o ficou com este tão pouco decente, e até escandaloso acto de vingança contra sua mulher. Começou portanto a ser injuriado por todos os modos, e especialmente com pasquins, e caricaturas debaixo de todas as fórmas; e a Rainha a ser festejada com as maiores demonstrações de sympathia.

Como nem um só dia deixasse de se apresentar na casa dos Lords, para assistir ao andamento do seu processo, apenas sahia de casa, era logo acompanhada por uma numerosa quantidade de individuos de todas as classes, e tão numerosa que pelas ruas por onde ia não se podia transitar. Eram constantes os vivas, que na frase ingleza se exprimiam pelas affectuosas palavras — *the Queen Caroline for ever!* e ainda mais extremosa era a affeição que as senhoras inglezas lhe mostravam, que não sendo uso apparecerem ás janellas, todas estas estavam povoadas de um grande numero, que, ao passar, lhe lançavam flores, e acenavam com os lenços. Eu fui testemunha deste tão novo, como raro espectaculo, talvez nunca visto em Inglaterra.

O processo começou a enfastiar cada vez mais o publico pelas cousas que alli se referiam, e já os mesmos Pares podiam com difficuldade entrar na casa do parlamento sem serem insultados; mas a indignação publica chegou ao ultimo auge, quando se viram desmentidas, e jurando falso a maior parte das testemunhas, que eram

Digitized by Google

todas gente baixa, e pela maior parte criados, e criadas de servir dos hoteis onde a Raînha tinha estado ou pernoitado. Assim estando as cousas neste ponto, que podia gerar um movimento serio, julgou prudente a Camara dos Pares, quando chegou a occasião de votar, fazer o que sempre costuma praticar, quando rejeita qualquer proposta: decidio, que o negocio ficasse adiado para d'alli a seis mezes, que equivaleo a ser rejeitado. George IV, que não pôde conseguir que a mulher fosse condemnada, tomou a vingança, que podia tomar, porque era das suas prerogativas, e não consentio em que fosse coroada Rainha. Assim acabou esta vergonhosa scena, e mais vergonhosa para o marido do que para a mulher...

Ia-se aproximando o fim de Julho do anno de 1821, já estavam promptas as duas felicitações, que os portuguezes dirigiam ao Congresso Nacional e a El-Rei, copiadas em duas bellas folhas de pergaminho, e eu tinha quasi acabado os meus preparativos para a minha viagem para Lisboa. Depois dos felizes acontecimentos do anno de 20, eu começava a ter saudades da patria que deixára escrava, governada por imbecis e barbaros tyrannos, e a ía achar regenerada e livre. Para quem tão lealmente tinha trabalhado para lhe dar a liberdade, já não podia ser indifferente a patria, e por isso as minhas saudades por ella eram sinceras. Nesses ultimos dias o meu amigo, de quem já tenho fallado, Machado Braga, tinha-me dito, que os portuguezes, meus amigos, me queriam dar um jantar publico em algum dos primeiros hoteis de Londres, como testemunho do muito em que presavam os serviços que tinha feito para a regeneração da nossa patria; eu porém, agradecendo-lhes muito este distincto e publico sinal da estimação em que me tinham, pedi-lhes, que não quizessem gastar o seu dinheiro nesse apparato; porque me bastavam os bons desejos que mostravam em me querer tão solemnemente honrar. Não levaram a mal o meu pedido; estiveram por elle, e não houve o jantar... Em poucos dias me puz a caminho.

Digitized by Google

Estavamos chegados ao fim de Julho do anno de 1821; eu já tinha feito todas as minhas despedidas, e ajustado contas com o meu especialissimo amigo Custodio Pereira de Carvalho, que me deo ordens para receber o dinheiro que me fosse preciso tanto em França como em Hespanha, por onde fazia tenção de ir para Portugal, e no primeiro de Agosto deste anno sahi de Londres acompanhado por outro bom amigo Antonio Machado Braga, em direcção a Brighton, porque desta vez queria tomar outra estrada em França para París, e por isso deixei o caminho de Dover e Calais. Chegámos a Brighton onde perto desta linda cidade ha um pequeno porto chamado Newhaven, do qual partiam os paquetes para Diepe, primeiro porto de França, e logo alli fui pagar a passagem para embarcar sem demora para o outro lado. Na despedida o meu bom amigo Machado, que só por amisade é que me tinha até alli acompanhado, disse-me: — pois que não quiz acceitar o jantar que os seus amigos lhe queriam dar, elles sempre querem dar-lhe uma publica demonstração do muito que o estimam, e respeitam, e por isso lá em Lisboa lhe será entregue um presente que lhe querem fazer. — E que presente é esse que me tencionam dar? lhe perguntei eu? — Lá o saberá! foi a resposta que me deo. E depois de um apertado abraço, retirou-se, e eu entrei no paquete.

Embarquei á noite, e no outro dia de manhã estava em Diepe. Tomei logo alli logar em um coche que ía para Rouen, e cheguei ainda lá com sol. Dormi alli aquella noite, e no outro dia de manhã já, sol nado, parti na diligencia para París, onde tambem cheguei sem incommodo, e ainda com sol. Quiz desta vez atravessar a Normandia para ao menos pisar o paiz d'onde sahiram os ultimos conquistadores de Inglaterra commandados por Guilherme, denominado o *Bastardo*, que desembarcou com a sua gente em Hastings, onde eu estive um verão, e encostado a uma grande pedra, sobre a qual diz a tradição popular, que elle almoçára logo que desembarcou.

Digitized by Google

Chegado que fui a Paris, como eu já sabía parte daquella grande cidade, e me lembrava da rua onde já estivera, dirigi-me á rua Colombier no bairro de St. Germain em que morava o meu antigo amigo João Freire Salazar, a quem encontrei em casa, me abraçou muito, e me deo um excellente quarto para viver em quanto me demorasse em París. Fui logo no outro dia procurar tambem o meu amigo Aillaud no caes de Voltaire, que quiz ficasse em sua casa, o que não acceitei por já estar bem accommodado, e mais á minha vontade, e sem cerimonia. Os poucos dias que me demorei em Paris foi para refrescar memorias antigas, e para ver se cumpria uma mensagem de que estava incumbido. Era ella para o velho Verdier, afim de ver se conseguia leva-lo comigo para Lisboa, d'onde havia muito estava ausente com desgosto da sua familia, que muito desejava tornar lá a vê-lo. Foram porém baldadas todas as minhas diligencias. Entre as muitas razões que me deo, disse-me a final com uma das suas graças costumadas: — Como quer que vá para Lisboa, onde serei obrigado a dar *excellencia* a um homem, a quem eu dava a minha de *doze* quando me ía á noite allumiar e ao Abbade Correia com um lampião, quando sahiamos da casa de João Antonio Pinto?... Não vou, não vou! está dito. Não tendo emfim nada que fazer em París, e depois de ver alguns dos meus antigos conhecimentos, e mais algumas curiosidades, tomei logar em uma das diligencias para Bordeaux. Como alli o meu amigo Lecussan Verdier tinha uma filha casada, deo-me para ella uma carta, e muito me pedio que a fosse ver, e lha entregasse em mão propria.

Na diligencia em que entrei, e que era para seis pessoas, fomos largando umas no caminho, e tomando outras para diversos sitios, o que não deixava de ser agradavel pelas diversas caras que ía vendo tanto de homens como de mulheres. O que muito me custou foi a primeira noite que passei na carruagem, que andava de noite e de dia, parando só o tempo necessario para comer, e para as

Digitized by Google

mudas de cavallos. Succedeo porém que passei outra noite, que naquellas alturas me pareceo deliciosa, porque achando-nos só dois viajantes na carruagem, deitámo-nos atravessados sobre os dois assentos, e alli dormimos regaladamente toda a noite apesar de irmos sempre correndo, segundo o costume. Cheguei finalmente a Bordeaux sem incommodo de maior, e só com aquelles que são indispensaveis a quem viaja de noite e de dia sem parar. Ainda nesse tempo não pude atravessar a bella ponte que Napoleão mandou formar sobre o Garonne, e passámos o rio em uma barca.

Bordeaux é uma linda cidade, bem que antiga, e com ruas mui estreitas, e mal alinhadas, porém tem bellas praças, e bellos caes, mui compridos e largos. Era igualmente mui agradavel o passeio publico, e não menos os que vão até o porto, á praça real, e ao chamado dos *amores*. Nella havia tambem bons hoteis; e em um dos principaes estive eu alojado, e por sinal que ahi me vi atormentado com perguntas pelo dono delle ácerca do nosso Conde de S. Miguel, que ahi tinha estado, e de lá tinha sahido sem pagar um real. Fui entregar a carta á *filha* do amigo Verdier, que me fez mil obsequios, parte dos quaes não acceitei, porque queria viver á minha vontade no hotel em que estava pelo pouco tempo que alli fui forçado a demorar-me. Fui tambem ao Collegio, onde então estavam os filhos de um novo amigo, que por este motivo adquiri, que foi o bom e honrado *Garrido*, que ainda hoje em dia, em que isto escrevo, 17 de Outubro de 1853, vive, e está proximo a fazer *oitenta e sete annos*, creio que no proximo Novembro. Havia tido recommendação de Lisboa, para os ir ver, e offerecer-me para lhes levar noticias para seu pae; o que elles fizeram dando-me cartas para elle. D'aqui é que nasceo a nossa amisade, que até hoje dura. Tambem lá havia mais alguns filhos de portuguezes, dos quaes truxe cartas para seus parentes.

Fui obrigado a demorar-me em Bordeaux mais de um

Digitized by Google

dia porque não havia diligencias regulares para Bayonna, que era o meu caminho. Chegada que foi a occasião de partir para lá, assim o fiz; mas foi mui trabalhosa a viagem, porque o caminho era então mui difficil pelas muitas areias, que ha entre Bordeaux e Bayonna, e é uma especie de terreno como nós temos entre Alçoentre e Riomaior, todo coberto de areaes e muito profundos. Napoleão tinha mandado construir alli uma estrada de grandes troncos de madeira, porém já estava em tão máo estado, que a diligencia foi forçada a retardar a sua marcha por algumas horas, de sorte que quando cheguei a Bayonna já tinha partido a de Hespanha, e fui obrigado a demorar-me alli dois dias. Bayonna tem pouco que ver; é unicamente uma praça forte da fronteira, e está situada na confluencia de dois rios, o Nive e o Adour, com um máo porto, pelas muitas areias que o fazem perigoso.

Chegou o dia de sahir de França, e entrar em Hespanha; e então passei o Bidassoa pequeno rio, que divide as duas grandes nações, mas não tão pequeno como o Caia, que no verão se passava quasi a pé sêco. Entrei em Irun, primeira cidade de Hespanha, triste, e sem cousa digna de se notar, e só por ser a grande entrada de uma das principaes nações da Europa. Chegámos ainda cêdo, occupei o tempo em ir á alfandega mostrar a minha bagagem, e apresentar o meu passaporte, dois incommodos terriveis porque passam os viajantes. E eu ainda o tive maior, porque sendo a primeira vez que fazia uma tão longa viagem, tive a imprudencia de trazer comigo dois pequenos bahús de roupa, e um criado, dois trastes, quasi inuteis nas viagens, porque além de muito dispendiosos, dão um trabalho incalculavel. Assim recommendo ás pessoas que me lerem, que se algum dia viajarem em paizes estranhos, nunca levem comsigo criado, ou grande quantidade de roupa, porque acham em toda a parte, onde param, criados de sobejo; e quanto á roupa é melhor manda-la fazer no caminho do que leva-la comsigo. Como tinhamos que subir aquella parte dos Pyrineos,

Digitized by Google

mudou-se de carruagem para uma mais pequena, e que só levava quatro pessoas, e pesou-se a bagagem de cada uma, para que não levasse mais do que estava determinado por lei. Nesta operação, como eu já disse que levava dois bahús, foi-me preciso deixar um em Irun, que felizmente depois me chegou são e salvo, e intacto a Madrid.

Era já quasi no fim do dia, quando entrámos na carruagem para Victoria onde era a primeira paragem. Andámos toda a noite, subindo aquella maravilhosa estrada; e muito senti não poder gosar do magestoso espectaculo daquella parte dos Pyrineos. Descançámos um pouco em Tolosa, já alta noite, para comer, e na madrugada nos achámos em uma tal asperesa de caminho, que foi preciso que nos apeassemos, e deitar-se uma junta de bois á carruagem para a ajudarem a subir. É alli tão ingreme a montanha, que não foi possivel dar mais suave direcção á estrada; e então ainda vi as alturas gigantescas daquelles grandes colossos de penedia; e fiquei admirado como a mão do homem tinha podido fazer por alli uma estrada por onde eu tinha corrido toda a noite sem dar um tombo. Quando chegámos a Victoria, famosa por alli ter ficado para sempre quebrado o sceptro do Rei José, era já a manhã muito avançada. Parámos em uma boa hospedaria, onde soubemos que descançariamos até quasi á noite. Eu que ía um pouco fatigado, fui mudar de roupa, fiz a barba, e fui deitar-me na cama para descançar e dormir, recommendando ao meu criado que me fosse chamar, quando o jantar estivesse prompto. Dormi, e descancei, e comi com muito bom appetite. Acabando o jantar cuidou-se logo nos preparos para a continuação da jornada. Mudou-se de carruagem para uma maior, e nella então fomos seis passageiros de quatro que eramos desde Irun. Victoria pareceo-me bem situada, porque está em uma extensa planicie, e tem um ar alegre. Estava-se-lhe arranjando um passeio publico, que me pareceo havia de ser lindo pelo muito arvoredo que já tinha plantado; e

Digitized by Google

nada mais vi, porque passei todo o tempo que alli estive, a mudar de roupa, vestir-me, dormir, e comer.

Já bem tarde entrámos na diligencia para Madrid, andámos, segundo o costume, toda a noite, passámos o Ebro ás escuras, e costeámos o grande e notavel castello de Pancorvo sem nada podermos ver do caminho por onde íamos correndo. Haviamos sahido da Byscaia, e atravessavamos a Castella-velha. Ao romper do dia estavamos em Burgos, mas apenas a pude ver, porque depois de tomarmos o nosso chocolate, disse-nos o conductor da diligencia, se queriamos ver a cathedral, fossemos lá de pressa em quanto se mudavam os cavallos, o que fizemos, mas com tanta pressa, que apenas pude lançar os olhos para aquelle magnifico edificio, que passa pelos mais bellos da architectura gothica. Tambem apenas tive tempo para olhar para a estatua de bronze de Carlos III, porque já nos estavam a chamar, e foi preciso ir a correr metter-nos na carruagem. D'alli até Madrid nada pude ver que podesse notar, porque se viajava com muita rapidez, e uma parte do caminho era de noite. Sei que em uma madrugada chegámos ás visinhanças de Madrid na Castella-nova, situada em uma longa planicie, rodeada de montanhas, e que quasi senão vê senão quando se entra nella. Fomos emfim mui felizes nesta ultima jornada, porque era tal nesse tempo o perigo de ser assaltado pelos ladrões, que infestavam as visinhanças da capital, que as diligencias vinham já por alli escoltadas por cavallaria. Nós escapámos a este insulto, mas não succedeo assim aos passageiros que logo chegaram depois de nós, porque foram atacados e roubados, apesar da escolta de cavallaria que os acompanhava.

O dia em que cheguei a Madrid era um dia de Agosto e muito quente, e apenas me apeei, perguntei logo onde morava o nosso ministro, que era o meu antigo amigo, Manoel de Castro Pereira, que me recebeo, como se costuma dizer, com os braços abertos, e se me prestou para tudo o que eu alli precisasse. Não fiquei em casa delle

que não tinha commodos sufficientes, mas por- desejo foi sempre estar independente, e á mi- de sem o mais pequeno constrangimento. Já em casa alheia, mais por obsequio a quem m'a offereceo, do que por precisar della; e a experiencia depois me mostrou o mal de ter acceitado, porque aquelles que fazem taes offerecimentos, ou é por simples cumprimento, ou porque nisso levam seu interesse, como comigo aconteceo; mas o contar como isto foi, fica para mais tarde, se chegarem até esse tempo as Memorias que estou escrevendo. Pedi ao meu amigo que me mandasse alugar uma casa, proxima á sua, onde podesse estar a meu commodo, e que fosse decente, o que elle logo fez; e ao mesmo tempo lhe perguntei, se em Madrid havia casa de banhos publicos, que me queria ir lavar, e refrescar por vir muito fatigado, especialmente por ter sido obrigado a passar algumas noites na carruagem.

Disse-me, que as havia excellentes, e me mandou logo mostrar uma dellas. Confesso, que a achei tão boa, tão commoda, e aceiada como as melhores de Londres ou París. Passei um tempo muito agradavel em Madrid, que apesar de ser quentissima no verão, tem excellentes fructas, e principalmente melões deliciosos que se criam nas margens do Tejo, e vem vender-se á capital. Sim, gostei muito desta bella capital, porque tem ruas excellentes, muito boas praças, bellas fontes e bellos passeios publicos, como o do Prado e o do Bom Retiro. Os jardins desta casa real estavam um pouco damnificados desde o anno de 1808, em que Napoleão bombardeou Madrid para lá collocar seu irmão José; e muito mais o estava o palacio, porque nelle se fortificaram os francezes, e em consequencia disto soffreo muito da artilharia hespanhola. Neste jardim do Bom Retiro ha uma cousa singular, que é uma estatua equestre, que hoje me não lembra de quem seja, e por tal arte feita que o cavallo, com as mãos levantadas, se sustenta só nos dois pés. Outra cousa singular que tem Madrid é uma soberba ponte sem rio, por-

Digitized by Google

que lançada sobre o Mançanarez, este é antes um pequeno regato do que um rio. Não é meu proposito fazer a descripção de Madrid, mas sómente dizer que lá estive, que muito gostei desta villa ou cidade, e que della sahi com saudades, porque lá passei bellos e mui agradaveis dias. Sempre direi comtudo, que é digna de se ver, porque tem grandes edificios, e o palacio real é um delles, pois talvez seja um dos mais magnificos da Europa.

No anno de 1821 que lá estive, se conservava em Hespanha como se sabe, o systema Constitucional; não estavam porém as Côrtes abertas, mas em vez dellas havia as sociedades patrioticas, onde eu ía muitas vezes para ouvir aquelles discursos de fogo dos hespanhoes, que então estavam no maior enthusiasmo da sua liberdade. A respeito destas sociedades havia um fidalgo titular hespanhol, muito amigo do nosso ministro Castro Pereira, e com quem fiz conhecimento, o qual as detestava, e não as podia tolerar. Um dia que estavamos conversando lhe disse eu, que muito gostava de ir alli assistir aos debates das importantes questões politicas que lá se tratavam. Ao que elle logo me respondeo: — Pois na minha opinião taes sociedades e taes debates não se deviam consentir; são perigosissimos... Assim parecerá a V. Ex.ª, repliquei-lhe eu com toda a moderação, mas se eu aqui governasse, fazia com que se estabelecessem ainda muitas mais! — Muitas mais? é possivel?... Eu lhe dou a razão do meu dito, continuei eu a dizer-lhe: — Estas sociedades duram de ordinario toda a noite, e acabam muitas vezes depois das dez e onze horas, e a gente que de lá sahe, gente de toda a qualidade, e até senhoras, vão mui contentes para suas casas, rindo ou cantando o — *traga-la perro!* Desafogaram e expressaram as suas idéas, e com isto vão contentes e satisfeitos. Que seria porém se os prohibissem de fallar? Grande parte havia de conspirar, e se esconderia para isso nos logares mais occultos. Então não é melhor que exponham em publico as suas idéas, e com isso se contentem, do que vão ás escon-

Digitized by Google

didas communica-las a cabeças loucas, e as façam conspiradoras? A quem se nega o poder de expressar livremente as suas idéas, dá-se-lhe carta de conspirador, e revolucionario; e por isso melhor é que desafogue seus pensamentos, e que os governos saibam o que geralmente se pensa, do que andem ás escuras, e muitas vezes com os pés sobre um volcão, que os vai engolir. O meu fidalgo ficou calado, e só se contentou com dizer-me, que o negocio era muito delicado, e não era para se resolver de repente...

Eu desejava muito ver alguns sitios reaes nas visinhanças de Madrid, porém o receio de cahir na mão dos ladrões não me animava a tentar taes viagens. Appareceo porém uma circumstancia favoravel para satisfazer parte dos meus desejos. Fernando VII foi com a Côrte para a Granja, ou Santo Ildefonso, e em consequencia disto se pozeram guardas por toda a estrada que ía para lá. O meu amigo Castro Pereira teve tambem necessidade de ir nesta occasião fallar com os ministros, que estavam com El-Rei, e assim me aproveitei da sua companhia para fazer esta digressão que muito desejava.

Ainda estavamos no mez de Agosto, e sahindo uma manhã mui cedo de Madrid disse-me o meu amigo, leve o seu capote, porque ainda hoje hade sentir frio. Pareceo-me isto cousa bem extraordinaria, mas tomei o seu conselho. Em o nosso caminho para Santo Ildefonso era preciso passar a grande cordilheira, que separa as duas Castellas, e que desde Burgos se chama *Somo-Sierra*, e depois toma o nome de *Guadarrama*, e a final no ponto mais elevado, pelo qual passa a estrada, se chama o desfiladeiro de *Navacerrada*. Quando pois chegámos a este ponto, e onde descançámos um pouco antes de principiar a descer a montanha, declaro, que não só tive frio para me embrulhar no capote, mas não contente com isto, me fui sentar a uma pequena fogueira que alli tinha um homem em uma miseravel baiuca ou taberna. Tomado um pouco de descanço, começámos a descer o grande desfila-

Digitized by Google

deiro que, apesar de tão elevado e ingreme, tem uma tão bella estrada em zig-zag, que sem difficuldade fomos correndo por ella em a nova carruagem. Ao descer se estendem os olhos por uma longa e vasta planicie entre dois profundos valles da Castella-velha, no meio da qual, como sobre um elevado pedestal, se vê Segovia, collocada sobre um immenso rochedo.

Aos pés da montanha do Guadarrama está a bella e deliciosa habitação real, denominada Santo Ildefonso, ou a Granja, a qual se compõe do palacio, que nada tem de maravilhoso, e dos ricos jardins que o rodeiam. Ha nelles lindas cascatas e fontes, tudo á imitação de Versailles, que Filippe V quando veio para Rei de Hespanha, quiz imitar, bem que em miniatura. E tambem alli quiz ser enterrado, porque lá tem o seu tumulo que é digno de ver-se. Passeando nos jardins, tive occasião de ver Fernando VII, esse homem historico, tão ingrato, tão vil, e tão covarde como tyranno. Andava tambem não digo passeando, mas antes correndo nos mesmos jardins com um grande cão ao lado, e com tamanha semcerimonia o fazia, como era aquella com que o tratavam as muitas pessoas que lá estavam sentadas ou passeavam, entre as quaes tambem eu estava. Concluidos os negocios que o nosso ministro alli tinha a tratar, fomos na volta para Madrid ao Escurial, situado na mesma Castella-velha. É um sitio tristissimo, porém ao menos pensei eu que me pareceria melhor ávista do palacio e convento, maravilha, da qual tamanho alarde fazem os hespanhoes. Enganei-me, porque ainda, por assim dizer, costumado a ver as magnificas perspectivas dos palacios do Louvre, das Tuilleries, Luxemburgo, e ultimamente do de Madrid, pensava que neste edificio acharia alguma cousa, que se lhes assemelhasse. Não foi assim, porque só vi um grande edificio, sem bellesa alguma externa, que mais me pareceo um grande quartel de soldados do que um palacio real, monumento da vaidade de um grande soberano. Até essa época não tinha eu bastante idéa da

Digitized by Google

nossa Mafra, que só a tinha visto muito criança, quando lá fui assistir á profissão de meu irmão D. Antonio, mas quando voltei a Portugal neste anno de 1821, e a vi de perto, então fiquei certo de que o Escurial nem de longe, como edificio, se póde comparar em bellesa de architectura com o nosso.

Este grande edificio do convento e palacio do Escurial, edificado em um paiz sêco, esteril, e rodeado de montanhas, é monumento menos de religião do que de vaidade do fanatico hypocrita Filippe II, denominado por alguns o *Demonio do meio-dia*, e por outros o *Tiberio hespanhol*. Foi dedicado a S. Lourenço em memoria da grande batalha de S. Quintino, que os hespanhoes ganharam aos francezes no decimo sexto seculo, no dia deste Santo. Por este motivo, ou fosse idéa do monarcha, ou do architecto, se lhe deo a fórma externa de umas *grélhas*, nas quaes diz a sua lenda fôra o Santo martyrisado. Toda a sua maior bellesa, segundo os entendedores, está em que sendo de uma figura tão irregular exteriormente, é regularissimo no interior, como se fosse um perfeito quadrado. Disseram-me lá, que constava de muitas mil janellas, e ainda de maior numero de portas, numero de que me não lembro. O certo é que o seu exterior não é agradavel, e não inculca o que é dentro. Consta de convento, e de palacio como a nossa Mafra, e toda essa massa junta é que fórma esse grande edificio, que na frase hoje vulgar, podemos chamar monstro. A porta por onde ordinariamente se entra, não tem especialidade alguma; dentro do edificio é que ha uma magnifica escada com uma rica e formosa pintura a fresco, que representa a batalha de S. Quintino. A Igreja, que mais se póde chamar uma Capella, do que uma Igreja em proporção do colosso a que pertence, é rica em marmores, mas que não podem causar admiração a quem tiver visto a nossa Mafra, onde os olhos não vêem senão marmores, e os pés não calcam senão marmores. Nella ha preciosas pinturas, e entre ellas as de um nosso pintor portuguez,

Digitized by Google

talvez bem pouco conhecido em Portugal, Affonso Sanchez Coelho, que viveo no reinado de Filippe II, e a quem este Monarcha chamava sempre o *Ticiano* portuguez. De outro nosso grande pintor portuguez do mesmo appellido, e chamado Claudio Coelho, vi eu tambem o primor das suas pinturas — *a adoração da hostia* na sacristia da Igreja do Convento do Escurial. Acabava de ser restituida pelo governo francez aos hespanhoes, porque entre outras muitas mais preciosidades, que os francezes levaram da Hespanha para França, tinha ído esta preciosa pintura. Viveo este nosso grande pintor nos reinados de Filippe IV, e de Carlos II; e esta sua celebre pintura representa Carlos II, com muitos senhores da sua comitiva, ajoelhado diante da hostia consagrada, que o prior do convento tem nas mãos em acção do desaggravo da profanação de um impio. Antonio de Araujo, Conde da Barca, sendo Secretario d'Estado, pedio ao bem conhecido Bartolozzi, que então estava em Lisboa, que gravasse este quadro, o que elle executou. Quando eu era administrador da Imprensa Nacional fui lá encontrar uma grande quantidade de estampas desta gravura, e dellas mandei pôr muitas á venda, para fazer conhecidas entre nós não só a pintura original, porém a copia. A chapa de cobre deve estar hoje na Academia das Bellas-Artes, á qual a dei com permissão do governo. Uma das singularidades desta pintura è, que todos os senhores da Côrte que assistiram a esta cerimonia, estão alli retratados, bem como El-Rei, os frades, e os mais concorrentes.

Uma das peças daquelle vasto edificio, que merece verse, é a Capella onde se enterram os Reis de Hespanha. É toda construida de marmore preto com um grande e rico candelabro suspenso no centro; e tem em roda das paredes de ambos os lados aberturas, nichos, ou camarotes para nelles se depositarem os caixões: muitos delles já os tinham. Depois de examinarmos as principaes curiosidades, e darmos uma vista de olhos ao palacio, e

Digitized by Google

jardins, pozemo-nos em caminho para Madrid sem termos nenhum máo encontro.

Isto já era em Setembro, e me dispunha para partir para Lisboa, e passando o tempo em ver mais algumas curiosidades de Madrid, tive grande satisfação em notar em toda a classe de individuos, a saudade que ainda conservavam da nossa Princeza, uma das mulheres de Fernando VII. Não se podiam esquecer da sua piedade, e de ser a mãe dos pobres, e das crianças desvalidas, as quaes ía muitas vezes, disfarçada, lavar, e vestir ás casas de asylo onde habitavam. Tambem á custa das suas rendas particulares tinha mandado continuar nas obras de um grande edificio, para servir de Museo de pinturas, e outras ricas curiosidades. Fernando VII tinha abandonado aquellas obras, e vendo um dia que ellas continuavam, perguntou quem havia dado ordem para isso. Respondendo-lhe que fôra a Rainha, então, como envergonhado, mandou que se continuassem, e se fizessem á custa do Estado. Ácerca dessa nossa Rainha direi o que presenciei em Londres, quando alli chegou a noticia da sua morte. Estava eu uma noite em casa do Conde de Palmella, e na mesma sala estavam outros individuos, e entre elles um medico. Chegaram as cartas do correio, o Conde começou a abri-las, e de repente disse : — Uma triste noticia ! morreo a nossa Rainha de Hespanha ! Teve um daquelles ataques de perder os sentidos, e ficar como morta, e como este se prolongasse por muito tempo julgaram os medicos que na realidade tinha morrido. Estava ella pejada, e já muito adiantada, e os mesmos medicos para verem se salvavam a criança, fizeram-lhe a operação denominada *Cesárea*, ou *Cesariana!* No mesmo momento o medico que estava presente, exclamou — *mataram-na!* Se estivesse realmente morta, accrescentou elle, o parto fazia-se naturalmente ; porque a criança pelo seu proprio peso cahia do ventre, já sem vigor para a suster ! . . . Não sei que gráo de probabilidade, ou de cer-

teza possa ter esta opinião; o que sei é, que eu presenciei este facto.

Para sahir de Madrid achava duas difficuldades; uma era o receio dos ladrões, e ainda não ter podido encontrar um bom companheiro de viagem, não só para me tornar menos pesadas as despezas, porém para me servir de guia e companhia em tão longa viagem, porque naquella época não havia diligencias para Badajoz. Aconselhou-me o meu amigo Castro Pereira, que para diminuir o primeiro inconveniente fosse fallar com o general Murillo, governador militar de Madrid, e pedir-lhe que me désse uma escolta de cavallaria para me proteger, dizendo-me, que o general era muito cortez e cavalheiro, e que se podesse me não negaria este favor. Fui com effeito fallar-lhe, e declaro, que me tratou não só com todas as attenções, mas com a maior benevolencia, e polidez. Disse-me comtudo, que lhe não era possivel dispensar um unico cavallo, porque eram mui poucos os que havia em Madrid, e mesmo apenas bastavam para guarnecer a estrada da Granja, onde estava El-Rei, e era preciso te-la bem guardada, pela correspondencia diaria que havia, e era necessario haver entre aquelle sitio e Madrid. Que me poderia porém dar uma escolta de infanteria de 6 ou 8 homens, que sempre era um meio para conter os salteadores. Acceitei a offerta, e com os meus agradecimentos me despedi do general, que se houve comigo na retirada com a mesma cortezia e affabilidade, com que me tinha tratado na entrada. Faltava-me agora um companheiro de viagem que não só podesse tomar quinhão nas despezas, mas fosse homem capaz. Este tambem appareceo, e foi um juiz que ía nomeado para a Audiencia de Caceres.

Feitas as minhas despedidas, e tomando conhecimento com o meu companheiro de viagem, que era um excellente homem, determinámos o nosso dia de partida, alugando um desses coches hespanhoes, puchados por cinco mulas, e que não obstante todo este apparato são tão va-

Digitized by Google

garosos, como se fossem arrastados por duas. A nossa caravana constava pois de 6 soldados de infanteria, e um cabo; o conductor do coche, e um criado; eu, e o meu companheiro; e dois criados, um meu, e outro delle: e ao todo 13 pessoas, e todos armados a seu modo. Eu, e o meu companheiro com pistolas assim como os nossos criados; os homens do coche com as suas carabinas; e os soldados com as suas espingardas. Sahimos uma tarde de Madrid, porque aquelles conductores de coches já tem as suas marchas marcadas, e não ha nenhum que as altere, porque só em certas pousadas é que se póde achar alguma cousa para comer, e casa melhor ou peior para passar as noites. Naquelle tempo, não sei se ainda hoje se pratíca o mesmo, nas pousadas ou estalagens não se dava senão pão e vinho; a comida mandavam comprar fóra os viajantes para lá se fazer; e por isso durante o dia, para maior cautela, se ía comprando pelo caminho o que apparecia para se mandar fazer nas pousadas; e de ordinario eram diversas qualidades de caça, que vinham offerecer á venda nas estradas.

Como sahissemos de tarde de Madrid, fomos dormir a poucas legoas distante da capital; e logo alli nos succedeo não termos nada para comer á noite. Era uma pequena povoação onde naquelle dia se tinham corrido touros, e por mais que os nossos criados, e caleceiros procurassem por toda a terra alguma cousa que comprassem para se comer, nada encontraram, dizendo-lhes, que tudo se havia consumido pelos curiosos que tinham vindo ver os touros. Appareceo não sei porque artes, um ovo que o meu bom companheiro me cedeo, e me servio de cêa com algum pão. Elle mandou fazer um guisado de pimentões vermelhos como açafrão, guisado, que só a boca e estomago de um hespanhol podem tragar, e ficou mui satisfeito. Os conductores, os soldados, e os nossos criados accommodaram-se como poderam com pão e vinho.

Eu já fallei nas bellas frutas que havia em Madrid, porém o que mais me admirou foram as melancias que

Digitized by Google

encontrámos junto ao Tejo em Almaraz. Ao descer para o rio ha uma descida chamada a calçada de Oropeza, onde se estavam vendendo melancias, e alli nos demorámos um pouco para descançar, e nos refrescarmos com ellas. Confesso porém que nunca as vi de um igual tamanho. Comprámos uma para levarmos, que era tão grande que foi preciso corta-la ao meio para a metter no sacco do coche. Descemos para o rio, que alli corre muito estreito entre penedos, e não passámos na ponte, porque ainda se conservava cortada desde a guerra peninsular. Fizemos a passagem em uma grande barca, apesar de que o rio levava alli bem pouca agoa, e tão pouco profunda, que a esse mesmo tempo a estava atravessando uma grande manada de porcos que ía para algum montado.

Não tinhamos até alli tido nenhum máo encontro, mas quando nos fomos entranhando na Estremadura, não nos faltaram sustos. Passava-se ás vezes um dia sem se encontrar uma só povoação, e não se viam senão extensissimas campinas, proprias para trigo, e onde, apenas ao longe, se ouvia o som dos chocalhos dos grandes rebanhos de ovelhas que por ellas pastavam. No meio desta solidão appareciam então algumas especies de *Oasis*, como estas ilhas de verdura no deserto, que eram extensos, e mui copados montados, ou bosques de azinheiros, e sobreiros, onde de ordinario, tambem apparecem os salteadores para atacar os viajantes. Então quando nelles entravamos diziam os conductores: — agora todos a pé!... O que logo faziamos, indo os soldados na frente com as suas armas engatilhadas; os conductores nos flancos com as suas carabinas promptas, e nós, com a bagagem mais importante, no centro, e atraz do coche. Felizmente, comtudo fomos bem succedidos, porque nunca fomos atacados. Ao chegar á borda do rio tive uma alegria inexplicavel; lavei-me nas suas agoas, e disse comigo; ellas vão chegar ao meu paiz; e dar noticia de que volto a elle depois de quasi oito annos de ausencia.

Digitized by Google

Tal era nesta época o receio de cahir nas mãos de alguns dos salteadores que infestavam a Hespanha, que o conductor não se atreveo a seguir a estrada principal por *Merida*; tomou a de Truxillo. Em Merida havia um sitio mui notavel pelos roubos que alli se faziam, e tinha o nome fatal de *El confessionario*, porque alli, junto a uma grande pedra, os ladrões faziam sentar os passageiros, e os obrigavam a confessar o dinheiro que levavam, e conforme a confissão, ou lhes roubavam só o dinheiro, ou os matavam. Seguimos pois a estrada de Truxillo, por onde passámos e fomos direitos a Caceres, que era o termo da viagem do meu companheiro. Alli chegados em uma tarde quiz elle que ficasse aquella noite em sua casa, mas eu não lhe acceitei a offerta, e só os bons refrescos que me deo, que ao uso hespanhol consistiram em bom chocolate, e excellentes doces. Como Badajoz já não estava muito distante, e parecia não haver perigo algum até lá, assentámos em despedir a nossa guarda militar, pagando-a ambos de ída e volta. Ajustei tambem com elle todas as nossas despezas que tinhamos feito em commum, e com toda a igualdade, e em tudo com bizarria e bom acordo, e despedi-me delle ficando muito bons amigos, porque na realidade era homem honrado, e um verdadeiro cavalheiro. Na manhã seguinte parti só com o meu criado para Badajoz, onde cheguei ainda muito cedo.

Nas horas de dia que me restavam, vi o pouco que Badajoz tinha que ver; e o que alli de mais notável encontrei, foi ver que na parte da muralha onde se abríra a brecha, quando ultimamente fôra tomada pelo exercito combinado, estava a data do mez e anno deste successo, e isto com ballas de artilharia formando lettras. Alli tambem me disseram, que as primeiras tropas, que haviam entrado na praça, haviam sido os portuguezes, que ao passo que ainda se combatia na brecha, tinham podido galgar a muralha por outro lado, e assim posto a guarnição entre dois fogos, obrigando-a logo a se render. Um

Digitized by Google

igual cumprimento tambem já me tinham feito os francezes quando, passando por Bayona, me disse um official, que me andava mostrando a praça, terem sido os caçadores portuguezes os primeiros que nella entraram. E accrescentou: E soubemos logo isso, porque o fogo dos vossos caçadores distinguia-se sempre do fogo dos caçadores inglezes pela vivacidade e vigor com que o faziam.

Depois de passar uma noite em Badajoz, dirigi-me para Elvas. Uma obra, que muito ennobrece esta cidade é a sua grande ponte sobre o Guadianna na sahida para Portugal, e que consta de 28 arcos. Passada ella descobre-se uma extensa campina, por meio da qual passa o Caia, que divide os dois reinos, e que merece tão pouco o nome de rio, que em Setembro, quando o passei, levava tão pouca agoa, que o passavam a pé sobre umas pedras, que nas provincias chamam pôldras ou alpondras. Quando cheguei a Elvas já era no fim da tarde, porém ainda muito a tempo para ir á alfandega, e mandar pôr o visto no meu passaporte pela auctoridade competente. Perguntando quem era disseram-me ser o Governador General Stubbs. Eu não o conhecia, nem elle a mim a não ser pelos meus escriptos; assim mesmo mandou saber de mim, e convidar-me para sua casa. Fui immediatamente procura-lo, e recebeo-me, como se fossemos antigos amigos: passei com elle parte da noite, e não lhe quiz acceitar mais nada do que chá, dizendo-lhe que desejava partir quanto antes para despedir o coche hespanhol em que vinha, pois se me tornava agora mui dispendioso, sendo pago só por mim. O obsequio que lhe pedi foi, que sabendo que no Alemtejo tambem então appareciam salteadores, e por elles não havia muito tempo tinha sido atacado o General Pepe, desejava que me désse dois soldados de cavallo para me acompanharem até Aldêa-gallega. Como por toda a estrada rondavam então patrulhas de cavallaria, deo-me uma ordem para os requerer, quando o julgasse preciso, aos commandantes das patrulhas, e para estes me acompanharem de um posto a outro. Mui

Digitized by Google

agradecido a todos os obsequios deste honrado general, a quem pelo tempo adiante tive occasião de melhor o conhecer, e de estreitar com elle amisade, parti no dia seguinte d'Elvas, que apenas atravessei sem poder ver cousa alguma do que nella ha de notavel.

Ainda pouco tinhamos andado depois de termos sahido da praça, quando reparei que quasi ao lado do coche marchava um official a cavallo. Como eu ía só mais o meu criado disse-lhe, que se apeasse, e fosse dizer áquelle senhor, que se queria fazer com mais commodidade a sua jornada, eu lhe offerecia um logar comigo, e elle criado lhe levaria o cavallo. Era um official ainda de pequena patente, e acceitou o meu convite. Ambos já juntos um do outro, natural era que entrassemos logo a conversar. Disse-me o meu hospede, que estava de guarnição na praça, onde havia pouco tinha casado, e que agora o mandavam para longe, e ía a Lisboa requerer que o deixassem ficar onde estava, porque o sahir d'Elvas lhe causava grande tortura. Eu disse-lhe tambem quem era, que ía para Lisboa, e que talvez lá lhe podesse ser de algum proveito para conseguir o que desejava. Neste caso se lhe agradasse fazer toda a jornada na minha companhia, me daria com isso muito gosto, e até me fazia um favor especial, porque tambem assim iria mais seguro de não ser atacado, visto dizer-se que a estrada andava bem suja de ladrões.

Mostrou-se o meu novo companheiro muito agradecido, acceitou as minhas offertas; e foi para mim, assim como para elle uma grande fortuna o nosso inesperado encontro, porque eu ía mais socegado, e elle, por minha intervenção, como direi, conseguio o que desejava. Fizemos uma excellente camaradagem, e por fim uma jornada feliz. Eu convidei-o sempre a comer comigo, não consenti, que fizesse despeza alguma nas estalagens onde dormiamos, ou jantavamos, e elle da sua parte fazia tambem quanto lhe era possivel para se tornar agradavel, dando-me idéas das terras por onde passavamos, e mos-

Digitized by Google

trando-se moço valente e resoluto, quando lhe parecia que podia haver perigo. Nestes casos saltava fóra do coche, montava a cavallo, preparava as suas pistolas, e se punha prompto para arrostar a qualquer perigo que podesse haver. Devo agora dizer, que até áquelle tempo eu fazia uma triste idéa do nosso Alemtejo, e suppunha-o um deserto de Africa em miniatura; mas depois que fui vendo as terras por onde passava, as casas das aldêas mui caiadas, e que em todas as partes achavamos sempre muito que comer, então vi, que o verdadeiro retrato de Africa era a Estremadura hespanhola, muito mais deserta, sem nella haver muitas vezes cousa que se podesse comer, e em geral com casas, ao menos as das pousadas ou estalagens, de um exterior feio, e sem nenhuma das commodidades que deseja ter qualquer viajante.

Sem nenhum perigo, e sem nos ser preciso pedirmos soldados para nos acompanharem, chegámos uma tarde a Aldêa-gallega, onde pernoitei, e no dia seguinte embarquei para Lisboa. Devo tambem agora aqui declarar, que estando em Madrid tinha recebido uma carta do meu mui antigo e especial amigo José Aleixo Falcão Wanzeller, em que me dizia: — que assim que eu chegasse a Lisboa, não me devia ir apear senão a sua casa; e isto exigia elle da nossa antiga e velha amisade. Em consequencia deste offerecimento, logo que desembarquei em Lisboa, procurei outro antigo amigo, Lourenço Vieira, antigo socio de outro amigo de quem já fallei, Machado Braga, para pedir-lhe que me indicasse bem a rua onde morava o meu bom José Aleixo Falcão, e ao mesmo tempo me ajustasse as ultimas contas com o meu cocheiro ou conductor hespanhol, a quem eu ainda estava devendo parte das despezas da jornada. Por causa do receio dos ladrões eu havia mettido pouco dinheiro na algibeira, e tinha ajustado com o meu conductor, que viesse fazendo as despezas, no que elle tinha concordado.

Havia exactamente dois mezes que eu tinha gasto na minha jornada, porque sahi de Londres no primeiro de

Digitized by Google

Agosto, e desembarquei no Caes das Columnas no ultimo de Setembro. Tive uma viagem muito agradavel e feliz, e só me foi mui dispendiosa, porque eu naquelle tempo, não costumado a fazer longas viagens por terra, não sabía o que ellas custavam, e o modo de as tornar mais economicas. Em primeiro logar trazia comigo uma bagagem desnecessaria, e em segundo logar um criado, que tambem não precisa um viajante, quando viaja; só, porque os acha em toda a parte, e muito mais baratos. O caso é que mettendo em Londres na algibeira *cem soberanos* com alguns mais trocos, quando cheguei a Lisboa já não foram bastantes para as despezas que tinha feito.

Fui portanto, para cumprir com os desejos do meu amigo Falcão, dormir a sua casa na rua do Telhal. É bem de conjecturar com que alegria nos abraçámos, depois de doze annos que não nos tinhamos visto, e durante os quaes tinhamos ambos passado, e soffrido grandes trabalhos. Eu havia sido levado refens, e preso pelo exercito de Massena; havia d'alli fugido, e em paga havia estado preso por ordem dos algoses do Rocio, tanto em prisão fechada como de menagem, por espaço de perto de tres annos; e por fim tinha sido forçado, para livrar-me desta perseguição estulta e tyrannica a retirar-me para Inglaterra; e o meu virtuoso amigo havia sido tambem mandado prender pelos mesmos algoses, estivera como preso politico, nos carceres da Inquisição; e depois *setembrisado*, e mandado em desterro com outros muitos martyres do despotismo para as ilhas, onde permanecêra por alguns annos.

Nunca tive satisfação mais completa, nem senti tamanho prazer, como o que experimentei, quando cheguei a Lisboa; porque me vi cumprimentado por todas as classes de pessoas, que eu não conhecia, e que até nas ruas me abraçavam, e me davam as boas vindas. Então conheci, sem o duvidar, que bem, e a proposito tinha escolhido a epigraphe do meu Campeão, copiada do nosso Camões nos Lus. c. V. est. 100:

« . . . Não deixe emfim de ter disposto
« Ninguem a grandes obras sempre o peito;
« Que por esta ou por outra qualquer via
« Não perderá seu preço e sua valia.

Creio que foi logo no dia seguinte, em que havia theatro em S. Carlos, que o meu amigo Falcão me convidou a lá ir porque tinha tomado um camarote. Assim o fiz, e então tambem alli me vi cumprimentado por grande numero de pessoas, tanto conhecidas como desconhecidas, entre os quaes recebi cumprimentos de alguns Secretarios d'Estado, e de alguns Deputados. Entre os Secretarios d'Estado da época havia um meu antigo amigo, Filippe Ferreira, e outro apenas conhecido, que era Silvestre Pinheiro, que tomou por mim muita affeição, e um interesse particular. É preciso que declare aqui que, segundo o meu caracter, apesar destes meus conhecimentos, e de um mui particular do homem o mais respeitado e influente, Manoel Fernandes Thomaz, nada pedi quando cheguei a Lisboa. Muito satisfeito com o acolhimento publico, e com a consideração e respeito que todos mostravam por mim, com isso me contentava; e tambem bom é que o diga, nem o governo nem os homens influentes do Congresso jámais me tinham offerecido cousa alguma, ou dito se a desejava, ou pretendia. Assim se passaram alguns mezes, e eu vivia contente, porque nesse tempo eu tinha com que viver independente, e ainda não havia lançado os olhos para o futuro. Um dia porém estando com Silvestre Pinheiro disse-me elle: — Os seus amigos incumbiram-me de lhe fazer uma proposta, e vem a ser; — se o senhor Liberato quereria auxiliar a nossa situação actual, escrevendo a favor della, e *das pessoas que a dirigem?* Então teria a recompensa que desejasse, e que fosse propria para o modo de vida que queria tomar. Nesta proposta vi eu logo uma cousa que muito me enfastiou, mas como me era feita por um homem, que mostrava ter por mim muita consideração, respondi-lhe:

Digitized by Google

— Se fosse outra pessoa, que não é a de V. Ex.ª, eu responderia talvez com algumas frases um pouco severas; mas não o farei agora. Pelo que vejo, esses meus chamados amigos ainda suppõem que os meus serviços, até aqui feitos á causa da liberdade, não são sufficientes para eu ter por elles alguma recompensa, e por isso querem que faça outros de novo para a poder merecer! Ora isto com effeito, não sei que me parece! Ou é insulto ou despreso! ao menos não sei que nome lhe haja de dar... E o que ainda vejo nesta proposta é, que na realidade não querem que eu faça novos serviços á liberdade, querem que defenda as medidas boas ou más, que possam tomar os homens que actualmente dirigem os nossos negocios... Para isso não sou capaz, nem o fui quando me era preciso ganhar o meu pão para viver. Nunca me sujeitei a escrever a contento de pessoa alguma, sempre quiz ser independente, e só escrever o que entendesse; e isso espero farei em quanto viver. Por consequencia, esses chamados meus amigos, podem guardar as suas recompensas para quem por esse preço as queira merecer; a mim não me servem; nunca lhas pedi, nem pedirei; porque já posso bem avaliar qual seja a sua amisade... Silvestre Pinheiro ficou muito serio, e como de certo visse que eu tinha razão, como depois m'o mostrou, contentou-se com simplesmente dizer-me: — pois eu darei essa reposta como a acabo de ouvir. Não me demorei mais tempo com elle, apertei-lhe a mão, e retirei-me.

Eu já disse que vinha incumbido de Londres de entregar a El-Rei, assim como ao Congresso, as duas Congratulações, que os portuguezes d'alli lhe enviavam. Como Filippe Ferreira era o Ministro do Reino, pedi-lhe que quizesse saber d'El-Rei, como queria receber a que lhe era destinada, e em que dia, e a que hora. Respondeo-me, que a receberia da minha mão no primeiro dia de audiencia na Bemposta, que de ordinario as fazia nas quintas feiras. Assim no primeiro dia que a houve, e disso me avisou Filippe Ferreira, lá me dirigi com o meu gran-

Digitized by Google

de pergaminho congratulatorio para o apresentar a El-Rei. Era a audiencia mui numerosa, e chegado que foi a minha vez beijei a mão real, e sem discurso algum preparado, disse-lhe pouco mais ou menos: — Que tal era o respeito, amor, e gratidão que todos os portuguezes lhe mostravam, que até os que estavam em paizes estrangeiros não se esqueciam de lhe dedicar as suas mais respeitosas homenagens. Que eu acabava de chegar de Inglaterra, e vinha encarregado de lhe entregar pessoalmente aquelle documento de lealdade e amor dos portuguezes alli residentes. Mas em quanto isto lhe dizia, reparei que fechava os olhos, e parecia insensivel. Immediatamente parei, e esperei que acordasse; porém foi quasi por um instante que parou esta scena muda. El-Rei abrio os olhos, e com rosto alegre olhou para mim; e então tornei a repetir-lhe; que eram os seus subditos de Londres que lhe offereciam aquelle testemunho do seu respeito, e affeição, e pedi-lhe que me dissesse a quem o devia entregar. Já muito alegre, disse-me que o entregasse ao Camarista, que se bem me lembra era o Marquez de Loulé. Tornei a beijar-lhe a mão, e despedi-me. Vindo já alguns passos para traz, chamou-me o mesmo Camarista, dizendo-me que El-Rei me queria ainda fallar. Perguntou-me então quando tinha chegado, e se era eu quem tinha escripto o *Campeão* em Londres? Respondi-lhe que sim, e muito risonho deo-me a mão a beijar, e despedio-me. Sube depois, que elle já estava meu amigo, e que tinha perdido as prevenções que lhe haviam inspirado contra mim, não tendo levado a mal as duas cartas que lhe escrevi de Londres, e publiquei no *Campeão*. Não querendo passar por novo cerimonial, entreguei o outro pergaminho, dirigido ao Congresso, ao Ministro Filippe Ferreira para o dar da minha parte ao Presidente, o que elle se incumbio de fazer, e assim acabou esta minha commissão.

Esquecia-me dizer, que tambem tive a fortuna de alcançar, que o meu official, companheiro de viagem con-

Digitized by Google

seguisse o que pretendia por minha intercessão. Candido José Xavier, que eu conhecia desde a época que pela primeira vez estive em París, achava-se já em Portugal com a pena de morte perdoada, graças á revolução, e ainda em cima estava premiado, porque era director da Secretaria da Guerra, da qual era Ministro Pamplona, tambem perdoado, e bem recompensado. Eu nada queria pedir a este homem, mas lembrando-me do antigo conhecimento com Candido José Xavier, recommendei-lhe com muito empenho o meu bom camarada de viagem. O Sr. Candido, que ainda até alli não tinha tomado os ares de fidalgo, e de grande senhor, o que depois tomou quando o Duque de Bragança tambem o tomou por seu íntimo conselheiro, despachou-o como desejava; e mui contente e agradecido se despedio de mim, e voltou para o Alemtejo, e para os braços de sua mulher.

Estavamos já em 11 de Dezembro deste anno de 1821, quando veio a minha casa o amigo de quem já fallei ao chegar a Lisboa, A. Lourenço Vieira, e me disse: — acabo de receber de Londres este presente que lhe mandam os seus amigos com esta carta: veja o que é, e leia a carta. Era uma caixa de marroquim, e dentro della *uma caixa de ouro, com um bello diamante no meio da tampa*. A carta era a que se segue:

« Illmo Sr. José Liberato Freire de Carvalho. — Londres, 1.° de Outubro de 1821. — Sahio V. S.ª de Inglaterra para a patria gosar do espectaculo lisongeiro de um paiz regenerado. Sahio, mas cá deixou memorias, e saudades que nunca se apagarão entre os portuguezes que o trataram e conheceram, deleitados com a honradez e amenidade do caracter de V. S.ª, ou instruidos por as doutrinas do que escreveo em grande proveito da liberdade publica. Longo tempo viverão essas lembranças, que só com a vida delles acabarão; mas como esta seja cousa tão fragil, e perecedora, determinaram alguns portuguezes dar a V. S.ª de seus sentimentos uma memoria de mais longa duração, por a

« qual, ainda que insignificante, seja aos vindouros trans-
« mittido o testemunho, (como nacional) das virtudes, e
« merecimentos de V. S.ª. Por isso lhe rogamos queira
« acceitar nessa caixa de ouro (menos puro do que as vir-
« tudes de que é reconhecimento) uma prova e documento
« d'amisade, estima, e gratidão, com que temos a honra
« de ser — De V. S.ª — Compatriotas, amigos e admi-
« radores agradecidos — Antonio Joaquim Freire Marreco
« — João d'Oliveira — Antonio Machado — José Maria
« da Silva — Joaquim José Bandeira — Joaquim José da
« Silva Lima — João Ferreira Pinto Bastos — Manoel
« Joaquim Soares — Henrique José da Silva — Daniel
« Nunes Ribeiro — João Teixeira de Carvalho — Manoel
« Antonio de Freitas, por si, e por D. R. de Faria —
« Custodio Pereira de Carvalho — João Bernardo da Ro-
« cha — A. M. Pedra. »

Estes nomes estão igualmente gravados em uma folha de ouro no reverso ou interior da tampa; depois ainda outros se lhes accrescentaram em Lisboa, e nella estão gravados em torno do rebaixo por onde a caixa fecha. São elles os de — José A. Falcão, de A. L. Vieira, e do Marechal Filisberto Caldeira Brant, que morreo Marquez de Barbacena. Este deo o diamante que a caixa tinha no meio da tampa; mas que, descravando-se, sem o perceber, eu perdi no vapor em que vim para Lisboa do Porto no anno de 1833. Em um dos lados está tambem gravada a época em que a recebi.

Esta tão publica e nobre demonstração de amisade e consideração para comigo mostrou-me, que com effeito eu valia alguma cousa; e tambem alguma cousa tinha feito a bem da liberdade da minha patria. E este testemunho, junto aos muitos, que eu já tinha recebido depois que chegára a Lisboa, tem sido um dos mais gloriosos para a minha vida, particularmente reflectindo quão pouco tem sido apreciados pelos governos de todas as côres em que tenho vivido, só porque em mim não tem

Digitized by Google

encontrado um panygerista, ou um instrumento docil, e maneavel para os servir a seu geito.

Passado algum tempo, achando-me com o Ministro dos Negocios Estrangeiros Silvestre Pinheiro, disse-me elle: « Persuadido de que o senhor Liberato quererá ajudar o governo a levar ávante a nossa regeneração, para a qual tão efficazmente tem concorrido, desejava que quizesse algum dos logares que lhe vou propôr, cuja proposta estou certo de que hade ser approvada pelos meus collegas. Nós precisamos muito de quem nos represente nas côrtes estrangeiras com lealdade e efficacia, e nesta persuasão lembrava-me que fosse para Madrid com o caracter de ministro diplomatico. » Eu depois de o ouvir, e lhe agradecer a sua lembrança, respondi-lhe: — por duas razões não posso acceitar; a primeira é, que em Hespanha está hoje um amigo meu, Manoel de Castro Pereira, com quem ha pouco estive, e alli me tratou com toda a amisade e distincção. Além disto vi, que lá era tratado com todo o respeito não só pelos seus collegas, a quem me apresentou, mas ainda pelo ministerio, por quem era olhado com toda a consideração, o que particularmente verifiquei quando fui com elle á Granja, onde estava El-Rei Fernando VII, com parte de seus ministros. Então neste estado em que estou com Manoel de Castro parece bem a V. Ex.ª que vá tomar-lhe o logar? isso é cousa que eu nunca faria, porque é contra o meu caracter e principios. E ainda tenho outra razão para não acceitar, a qual é a repugnancia invencivel pela vida diplomatica. Posso aqui asseverar-lhe com toda a verdade, que sempre fui e sou pouco ambicioso; que os meus desejos são ter uma vida independente, e nunca me ligar a empregos, que me tirem a liberdade das minhas acções, e com especialidade a empregos dados pelo governo, do qual então me faria de facto dependente, quando não fosse escravo; o que tambem repugna ao meu caracter. Com este caracter e sentimentos nenhum emprego me seria

Digitized by Google

mais insoportavel, porque não sendo ambicioso, e desejando viver sempre independente, tomaria uma vida a mais desgostosa que podia ter, e até impossivel que a podesse por muito tempo tolerar. Seria obrigado a andar todos os dias a fazer cortezias ou na côrte ou na casa dos ministros; a fazer visitas aos meus collegas, e a recebe-las delles; a dar-lhes jantares, e a recebe-los delles; e a soffrer outras mais impertinencias, que não se dão com o meu genio, e que devéras me repugnam, e por tal modo, que me não posso contrafazer.

O Ministro calou-se, e só me disse: pois bem, não decidamos hoje nada, medite bem no que lhe acabo de propôr, e para a outra vez que fallarmos, decidiremos o negocio. Assim me despedi delle, e quando tornámos a conversar, perguntou-me: então em que resolução está? Na mesma, lhe respondi. A isso replicou elle: vejo que uma das difficuldades que tem para não acceitar o que lhe propuz, é não querer ir occupar o logar do seu amigo Manoel de Castro, e por isso ainda lhe faço outra proposta: — vá para Roma, onde precisamos ter pessoa dos seus principios, e da nossa confiança. A isso lhe repliquei de repente: — isso ainda é peior, e tem para mim maiores difficuldades. Não sabe V. Ex.ª os embaraços que ahi tem tido e ainda tem a confirmação da nomeação de S. Luiz para Bispo de Coimbra? Que cousas se mandariam dizer para Roma a meu respeito? De certo o governo não podia escolher peior negociador do que eu em taes tempos, e quando ahi se trata um negocio tão importante e tão serio. O Ministro pensou um pouco no que eu lhe acabava de dizer, e respondeo-me, parece-me que tem razão; julgo comtudo, que ainda podemos fazer outro arranjo; vá para França, onde não póde ter as mesmas difficuldades. Não vou, não, meu amigo, porque assim lho posso chamar ávista das propostas que me tem feito; não vou para parte nenhuma, e particularmente nesse caracter, porque o meu genio, e o meu modo de pensar não são proprios para esse modo de vida. E ac-

Digitized by Google

crescentei: para lhe mostrar quanto desejo servi-lo, e ser-lhe agradecido, vou propôr-lhe uma cousa, que talvez ninguem fosse capaz de lhe propôr. Pois que pensa que eu lhe posso ser util nesta occupação, digo-lhe que quando julgue de grande importancia o meu serviço neste emprego, antes acceitarei ser nomeado Secretario de Legação do que Ministro, comtanto, bem entendido, que vá com um homem *decente*, de capacidade, e que não seja capaz de nos envergonhar lá fóra, como conheço alguns que alli tem feito bem triste figura; e em uma palavra, que seja homem dos meus principios, e com quem me possa dar em boa harmonia. E para concluir tudo de uma vez, digo-lhe ainda, que acceitarei este para mim repugnante emprego só quando não achar outro que nomeie em meu logar, e que nelle tenha confiança, porque neste caso peço-lhe, como amigo, me dispense deste para mim grande sacrificio, que só a V. Ex.ª faço, pelo modo com que sempre me tem tratado e distinguido; o que ainda não encontrei em todos estes senhores, que hoje aqui tem influencia, e que muito bem me conhecem.

Silvestre Pinheiro olhou para mim como admirado, e disse-me, ora agora vejo que o senhor Liberato é um homem unico, e que não será possivel encontrar outro do seu caracter! Pois rejeita ser ministro, e resolve-se a ser secretario? Isso nunca me hade esquecer! Sempre o respeitei, e de hoje em diante mais o heide respeitar! O resultado de tudo isto foi que d'ahi a pouco foi nomeado para ministro em França Sebastião Botelho, e Silvestre Pinheiro me deo parte que iria com elle na qualidade de Secretario da Legação. Eu respondi-lhe, que uma vez ter dado a minha palavra, a queria cumprir, e só uma cousa queria ainda pedir-lhe, e era, que se alguem lhe pedisse este logar, e visse que era capaz, e com as qualidades proprias de o bem desempenhar nas circumstancias actuaes, lho désse, porque nisso me fazia um grande obsequio, e até um especialissimo favor.

Eu dei com effeito o meu sim, bem que com bastante

Digitized by Google

repugnancia, porque bem conhecia Sebastião Botelho de quem era amigo, e homem de bons principios; mas não tinha um caracter como eu desejava, e talvez, como homem fizesse acções que me desagradassem, e não fossem proprias do logar que ía representar. Foram comtudo tamanhas as instancias de alguns amigos, e com especialidade as de um presadissimo, José Aleixo Falcão, que não pude resistir.

Felizmente não se realisou a nomeação de Sebastião Botelho, e pedio o logar de Secretario da Legação de París, o Desembargador José Diogo Mascarenhas Neto, que era homem muito digno, e me foi substituir; o que eu muito estimei, e agradeci ao Ministro. Por este modo me vi livre de um embaraço que muito me atormentava, e no qual só por condescendencia me tinha mettido, e para não mostrar que me queria esquivar de servir uma causa, pela qual tanto tinha trabalhado, e muito desejava que fosse levada ao fim.

Passados alguns dias me disse então Silvestre Pinheiro: e porque motivo não se hade empregar em alguma cousa que seja util, e auxilie o governo na difficil situação em que se acha? Bem vê, que tendo nós tantos inimigos, que conspiram contra o nosso actual systema politico, senão tivermos pessoas de confiança, e que o sirvam do coração, não é possivel sahirmos bem dos muitos embaraços em que nos vemos, e das tramas que todos os dias se estão traçando para desacreditar, e deitar abaixo o edificio politico, que tão felizmente se pôde começar a construir. Veja, se acha alguma situação em que se possa empregar, e que sirva para manter esta nova ordem de cousas. A isto respondi-lhe: o que já me lembra, e que de boa vontade acceitaria, seria o ter um logar na sua Secretaria; porque com V. Ex.ª muito folgaria de servir; o que com outro Ministro talvez não quizesse. E então quer isso? e faz-lhe conta um tal emprego? Se tão pouco deseja, e com tão pouco se contenta, nenhuma duvida ha em que se cumpram seus desejos, e

Digitized by Google

já d'aqui lhe agradeço a sua lembrança, cousa, que nunca ousaria propôr-lhe, porque não a julgava digna nem do seu merecimento, nem dos seus serviços.

Entrei pois para a Secretaria dos Negocios Estrangeiros por um decreto d'El-Rei, e conforme um novo regulamento, que com a Sancção Real se acabava de dar a esta repartição publica. Fiquei addido ao gabinete do Ministro, e de acordo com elle comecei os meus trabalhos.

Entre elles houve dois de grande importancia, e pelos quaes mostrou o Ministro que andava muito de boa fé em os negocios de que estava encarregado. O primeiro foi a *Circular*, que se remetteo a todos os agentes diplomaticos, residentes nos paizes estrangeiros, para que fizessem vêr ás côrtes onde residiam, qual era o espirito da nossa regeneração politica; e o systema, e marcha actual de governo, que pretendia seguir, e que já tinha adoptado como base inalteravel da sua marcha futura.

O segundo não foi menos importante. Tratava-se então de uma questão melindrosa com Roma; que era a confirmação da nomeação de S. Luiz para Bispo de Coimbra. É sabido como elle havia feito parte do governo do Porto na revolução do anno de 20, e o Papa não era a favor della como o não eram as potencias do continente. Era preciso, portanto, tomar uma resolução prompta e decisiva; e esta se tomou, digna de uma potencia independente, e que sabía manter os seus direitos. Quem nessa época estava em Roma, como agente diplomatico dos nossos negocios era Pedro de Mello Breyner, homem muito honrado e liberal, mas tímido e irresoluto, e sem a energia sufficiente para resistir ás pretenções do Papa. Os seus ultimos officios tinham confirmado que esse era o seu caracter, e era preciso responder-lhe. A resposta que eu escrevi, foi a seguinte: « que partecipasse, como *ultimatum*, ao governo papal, que Sua Magestade, quando nomeava os seus Bispos, sabia muito bem que eram capazes da dignidade para a qual os nomeava, e por conseguinte exigia, que sem réplica alguma se confirmasse

Digitized by Google

a que havia feito na pessoa de Fr. Francisco de S. Luiz para Bispo de Coimbra. E que no caso de se querer ainda por meio de novas duvidas retardar esta confirmação, *pedisse immediatamente* o seu passaporte, e sahisse de Roma. Esta resolução energica produzio logo effeito, porque acabaram por uma vez todas as duvidas e chicanas, e expedio-se a confirmação.

Por estes dois factos se vê que Silvestre Pinheiro desempenhava bem o seu officio de Secretario dos Negocios Estrangeiros; mas apesar disso havia indisposições contra elle a outros respeitos, e não era bem quisto pela gente que influia nos negocios politicos, tanto dentro como fóra do Congresso, ou Camara dos Deputados. O facto que vou narrar o deo a mostrar.

O Ministro, com a approvação d'El-Rei, havia organisado a sua Secretaria, e nas novas nomeações que para ella tinha feito, entrava eu. O Congresso tomou d'aqui pretexto para guerrear Silvestre Pinheiro; desapprovou a nomeação que elle tinha feito em nome d'El-Rei, com frivolas razões, e entre ellas que se estava para fazer uma lei, que regulasse todas as Secretarias d'Estado, e por isso não tivesse effeito algum a que se havia promulgado para a dos Negocios Estrangeiros.

Deste acto do Congresso se vê que eu tambem, como de *trambolhão* fui lançado, *sem cerimonia*, fóra daquella Secretaria. E como visse que no governo actual, eu, que tanto havia trabalhado para o collocar onde estava, nem sequer me tinha podido manter em um logar de Official de Secretaria, assentei logo comigo de não querer nada da actual governança. Disse immediatamente ao Ministro, que me dava por despedido, e nunca mais entrava na sua Secretaria na qualidade de empregado nella. Elle fez todas as diligencias para que eu ainda me não désse por despedido, dizendo-me, que o negocio havia de ter alteração, e que a sua nomeação havia de ser confirmada, ou elle se havia de *demittir* de Ministro. Eu assim mesmo não quiz conformar-me com o seu pedido, a nomea-

Digitized by Google

ção não foi adiante, e o Ministro não *se demittio!* . . . . .

Eu comecei a tratar comigo mesmo o que faria, e que modo de vida tomaria; e o que me pareceo mais conforme ao meu caracter, e que até alli me tinha dado muita honra, foi voltar ao de *jornalista*, que naquelle tempo podia ainda ser mui proveitoso; porque, segundo o que eu ía vendo, os homens, que haviam subido mui alto para conquistar o logar que occupavam, principiavam, ao menos, no meu conceito, ***sensivelmente*** a descer do brilhante pedestal, em que a fortuna os tinha posto.

Em quanto eu meditava no meu novo plano de vida, Filippe Ferreira, que eu depois de muitos annos conhecia, e agora era Ministro do Reino, propôz-me o logar de administrador da Imprensa Regia, logar de que havia sido demittido quem o servia por desaffecto ao actual governo. Eu não acceitei, não só porque não queria occupar emprego algum no actual governo, mas porque os meus principios foram sempre, como vulgarmente se diz, não ser herdeiro dos bens do enforcado, como em nossa terra já alguem o tinha sido. . .

Entrei pois na larga estrada, e para mim sempre honrada, de jornalista. E entrei nella em sabbado, 6 de Abril do anno de 1822. No meu prospecto disse: — « O meu novo jornal terá o titulo do *Campeão Portuguez em Lisboa*. . . e como estou persuadido que a subsistencia a mais honrada e honesta é aquella que se adquire por meio da industria e trabalhos pessoaes, e que nenhuns trabalhos são mais ***honrados e honestos*** do que aquelles, que se dirigem a promover o bem geral da terra em que nascemos; tomei a resolução, e esta *firme*, de me lançar nos braços do publico, de promover lealmente a sua causa; e *só do publico* receber desde hoje em diante o pão que me deve alimentar. »

A minha appellação ao publico teve os melhores resultados, porque as subscripções foram numerosas, e a venda avulsa foi excessiva; houve dias, que ao meio dia tinha vendido ou distribuido ***mil exemplares***; de sorte que me

Digitized by Google

foi preciso reimprimir muitos numeros. O objecto que primeiramente tive em vista foi fazer ver *os males que a nossa politica regeneração tinha destruido, e os bens que ía produzindo*; e de caminho não cessava de recommendar que não confundissem nunca a causa com os homens, que a dirigiam, pois que ella era santa e justa, e elles podiam errar, ou ser-lhe infieis, havendo sempre meios legaes para os punir ou para fazer passar para outras mãos a direcção dos negocios publicos.

Como começassem a apparecer os symptomas da separação do Brasil, não só lá, mas aqui mesmo entre os deputados que de lá tinham vindo, e tinham assento no Congresso Nacional, comecei a fazer todas as diligencias para persuadir ambos os povos do interesse que tinham de se conservarem unidos, e não cessei de os chamar á paz e á concordia. Vendo porém que eram inuteis as minhas vozes, e que aquelle que mais devia trabalhar pela união era o Principe Real, que pela maior das estulticias, e por uma politica absurda, e verdadeiramente *hybrida* ou *anti natural*, procurava alienar a mais rica parte da sua herança, só para satisfazer uma vaidade pueril, e as ambições dos seus maiores inimigos os brasileiros, escrevi em o n.º 8.º do 1.º volume as seguintes notaveis palavras: — « Conservemos o Brasil, se este de *boamente* deseja conservar-se unido comnosco; porém não gastemos do nosso dinheiro um só real para forçar esta união: tudo o que com elle gastarmos, feitos todos os calculos, será dinheiro lançado á rua. O que seguramente nos convém é fallar francamente ao Brasil, e se elle teimar em querer separar-se de nós, fazermos a nossa separação como bons amigos, ou como dois irmãos, que em boa paz se separam da casa paterna, e amigavelmente dividem a herança de seus paes, com reciprocas vantagens. Mas de nada valeram as minhas palavras; quizeram máos conselhos e ainda peior politica, que se conservasse o Brasil á força de armas; e para isso se preparou uma divisão, que, como todos sabem, lá emfim desembarcou, e teve

Digitized by Google

um vergonhosissimo resultado. Ao menos, eu pela boca do Campeão, mostrei, que via mais longe do que os nossos pigmeos politicos, que até me disputaram um logar de Official de Secretaria!

Em todo este miseravel negocio, que nem o povo nem o Congresso bem comprehenderam, o mais que me ferio o coração, como portuguez, foi ver o agente principal que os brasileiros empregavam, e que nem mais nem menos era o Principe Real, que como louco, corria a *desherdar-se...*

Além do que eu, e todos sabiam pelas noticias do Rio de Janeiro, tinha lido em uma gazeta ingleza as palavras seguintes: « *que o Principe Real declarara, queria ser o primeiro em dar fogo ás peças, apontadas contra a divisão portugueza!...* Confesso, que esta ousadia, que esta enormidade, me fizeram, em verdade, ferver o sangue! não me pude conter; escrevi-lhe duas cartas, que se acham no mesmo volume 1.° do meu Campeão; a primeira com a data do 1.° de Junho de 1822, e a segunda com a de 3 de Agosto do mesmo anno. Em ambas lhe levei muito a mal, ainda que em lingoagem mui cortez e decente, o seu procedimento. Em ambas francamente lhe disse, que os brasileiros só o acatavam naquella occasião, porque lhes servia de *instrumento*, e na primeira com toda a independencia, accrescentei, formães palavras: *O melhor tratamento que delles póde esperar é ser enviado para a Europa são e salvo; mas já depois de não poder apparecer com honra diante de seu Augusto Pae, e da nobre nação portugueza!* Na segunda ainda com mais clareza lhe fallei, e lhe fiz a fatal profecia, que a final se realisou; porque com todo o valor de honrado portuguez e de homem livre, assim lhe fallei: — « Uma verdade direi eu pois agora a V. A. R., e attenda bem para ella: — *Os instrumentos só prestam para concluir qualquer obra; depois della acabada, ou se põem para o lado, ou se quebram.* » Pelo tempo adiante, quando ambas as minhas profecias se cumpriram, vi bem, que o Duque de

Digitized by Google

Bragança não me olhava com bons olhos; mas eu tinha feito o meu dever, e elle não fez o seu...

Continuaram por todo o anno de 1822 os meus trabalhos de jornalista; e em um dos assumptos em que sempre me empenhei, foi em teimar em que se olhasse para as finanças; e por muitas vezes repeti: — que *a deficiencia do thesouro publico era o mais rico erario com que sempre contam os descontentes;* que se pagasse pontualmente, e que senão confundissem dividas velhas com dividas novas, e que emfim era necessario sabermos por uma vez o que tinhamos, e o que deviamos.

Ia-se aproximando o termo em que deviam acabar as Côrtes constituintes, que já iam parecendo longas de mais, e estavam chegadas as novas eleições; eu escrevi duas cartas aos eleitores, recommendando-lhes a boa escolha de deputados, e que se acautelassem das intrigas, que já começavam a ferver, e da influencia que o governo parecia querer ter nellas. Eu da minha parte nunca me inculquei, nem dei a entender que desejava ser eleito; apesar disso a governança tanto legislativa, como executiva, como eu lhe não agradava, e via a boa opinião que tinha ganhado pelos meus escriptos, tanto fóra como dentro do reino, começaram a manobrar logo para que eu não fosse nomeado.

Constando-me pois que em uma ou mais freguezias de Lisboa, e ao mesmo tempo em muitos dos circulos de Coimbra e Viseu havia quem espalhasse que eu era inelegivel, 1.º porque me tinha naturalisado em Inglaterra, 2.º porque não estava secularisado; julguei responder a estas mentiras, dizendo no meu Campeão: — « Declaro, que não estou naturalisado em Inglaterra; e declaro mais, que a minha secularisação legal se concluio em 1818; o que se póde ir verificar á Camara Ecclesiastica de Coimbra. Eu não ambiciono a honra do deputado, mas nunca quererei ser della excluido por intrigas, e malicia de alguns homens. »

Em quanto eu aqui assim respondia em Lisboa a essa

Digitized by Google

gente, que por baixo ciume me queria roubar uma cadeira de deputado, que a nação me queria dar, recebia uma carta de Viseu, escripta por um Padre, de quem me não lembra o nome, em que me pedia lhe dissesse francamente se estava ou não secularisado, porque todos naquelle circulo eleitoral me queriam eleger seu representante. Felizmente eu conservava uma certidão autentica do processo da minha secularisação, feito perante a Camara Ecclesiastica de Coimbra, e certidão que meu irmão mais velho Luiz Antonio me tinha mandado a Londres. Remetti-lha, e com ella se desvaneceram todas as duvidas, e eu fui nomeado deputado pelo circulo de Viseu. Por quasi todos ou todos os das provincias do norte fui eu quem teve mais votos para primeiro Supplente, de sorte que ainda que não entrasse na Camara por Viseu, havia de lá entrar por outra parte, porque houve muitas vacaturas. Assim por este modo triunfei de todos esses mesquinhos embaraços, que me quizeram oppor os meus adversarios politicos.

Por esse tempo me aconteceo tambem um caso que para mim foi extraordinario. Recebi pelo correio uma carta anonyma de uma senhora das provincias do norte, em que me pedia a esclarecesse sobre um ponto que tinha relação com a minha ída para Inglaterra. E respondi-lhe no meu Campeão, referindo-lhe com toda a verdade o facto de que me pedia explicação. E por occasião deste incidente tivemos uma mui longa e assás interessante correspondencia por alguns annos, sem nunca nos vermos. Devo porém declarar, que toda esta correspondencia foi litteraria ou politica, e que para mim, que então estava desterrado em Coimbra, foi muito gostosa, e de summo entretenimento, porque a dita senhora mostrava ter muito talento, tinha lido muito, e bem mostrava ter educação superior ás pessoas do seu sexo, particularmente as que recebem uma educação puramente portugueza. A final nos fomos encontrar na emigração, e pessoalmente nos conhecemos; mas a este tempo já ella

Digitized by Google

tinha outros cuidados; era mãe de familia, e a nossa correspondencia epistolar já havia tempo que tinha acabado. Succedeo depois disto, que achando-nos nós caminhando até alli na mesma estrada politica, mas que tinha dois caminhos, ella um dia tomou para o da direita, e eu para o da esquerda, e nunca mais nos tornámos a encontrar...

A Constituição estava feita, e as Côrtes constituintes se fecharam em Novembro de 1822. A idéa que fiz dos trabalhos deste nosso novo congresso politico está bem explicita em um dos artigos do meu Campeão n.º 32 do mez de Novembro, e é a seguinte:

« Em resumo concluo, que grandes bens deve toda a nação ás nossas Côrtes extraordinarias e constituintes, e que por ellas a mesma nação lhe deve estar em grandes obrigações. E digo ainda mais: que em duas épocas mui distinctas e notaveis se devem as mesmas Côrtes politica e historicamente dividir, das quaes a primeira é desde a sua installação em 26 de Janeiro de 1821 até á chegada d'El-Rei a Lisboa, e seu desembarque no dia 4 de Julho do mesmo anno 21; a segunda, desde este memoravel dia 4 de Julho do mesmo anno até ao dia 4 de Novembro de 1822 em que ellas fecharam seus trabalhos. Na primeira época mostraram e desenvolveram as nossas Côrtes geraes extraordinarias e constituintes tudo quanto se póde conceber de grande e magnifico em seus debates, em suas decisões; e como assim se pozeram a par das mais augustas e mais respeitaveis assembléas do mundo; na segunda época, com verdade se póde affirmar, que não só não poderam manter-se no elevado posto que tiveram na primeira, mas até delle mui consideravelmente desceram. Dar as causas ou razões desta notavel differença não pertence ao Campeão Portuguez: é isto um patrimonio da historia... »

Na minha opinião um erro capital que commetteram as Côrtes constituintes foi o não terem creado uma guarda nacional. Digam o que quizerem; mas sem esta instituição, e bem organisada não póde haver segurança

Digitized by Google

para a liberdade: é a sua unica garantia. Se quizerdes saber, sem vos enganardes, qual é o governo que quer ser absoluto, bem que o disfarce com algumas formulas externas de liberdade, é aquelle que não quer a guarda nacional, e que, debaixo de mil pretextos, a não organisa, ou a supprime quando existe. Taes governos tudo confiam da tropa de linha, e só julgam esta capaz de o sustentarem. Estultos, não tem visto por experiencia em todos os paizes, e desgraçadamente em Portugal, que a tropa mercenaria, *sem consciencia*, e egoista, tanto apoia a liberdade como o despotismo, ou o poder absoluto, comtanto que lhe paguem? Hoje é liberal, porque lhe pagaram para o ser, ámanhã é despotica, fautora do poder absoluto, porque este tambem lhe paga, e ella já comeo o que ganhou, gritando *viva a liberdade!* O sargento, que na ultima revolução passou de soldado a este posto, quer em outra, sem lhe importar em que sentido ella se faz, passar a alferes; este a tenente, e assim em proporção, de escala em escala, todos querem subir até generaes, porque esse é o meio de se ganharem rapidamente as patentes. Nós hoje temos em Portugal um pequeno exercito com uma *officialidade monstro*; e porque? Pela louca moeda com que temos pago as revoluções...

Aproximava-se a época da installação das Côrtes ordinarias, e bem proximo a esta época, morreo o principal executor da grande obra da nossa regeneração politica do memoravel anno de 1820. Foi Manoel Fernandes Thomaz, que deixou de viver em 19 de Novembro do anno de 1822 ás 10 horas e meia da noite. Eu já dei a entender como elle havia sido injusto e pouco grato para comigo, mas apesar disso, nunca deixei de reconhecer as suas raras virtudes civicas, e o seu alto merecimento, o que lhe mostrei no fim da vida, e ao que a seu respeito escrevi no meu *Campeão* deste mesmo mez. Eis-aqui o que escrevi ácerca da sua pessoa, e alli se acha escripto entre outras muitas cousas que delle disse:

«Ninguem, em verdade, era mais proprio do que o

Digitized by Google

Sr. Manoel Fernandes Thomaz para intentar e acabar tão arriscada e difficil empresa; porque a natureza o dotára de muita ousadia e resolução em conceber, e de muita tenacidade e vigor de caracter em executar o que havia concebido. E se a isto accrescentarmos, que enlaçava todas estas superiores virtudes com a mais sublime de todas ellas, — um ardente amor pela fama, e pela gloria, acharemos, que para ser um dos primeiros regeneradores da nossa patria ninguem pareceo mais proprio do que elle. Portugal com toda a razão lamenta a perda de tão distincto cidadão: porém morreria elle mais cedo do que a sua gloria? Talvez que não; porque quando se toca o maximo das perfeições humanas, como senão possa passar mais adiante, ha sempre grande perigo em toda a paragem que se faz.

« Se me é licito comparar o Sr. Manoel Fernandes Thomaz com alguns dos grandes homens da antiguidade, digo: que muita semelhança encontro entre elle e *Valerio Publicola*. Foi aquelle cidadão romano um dos primeiros fundadores da liberdade; e depois de haver sido quatro vezes consul, morreo tão pobre que a Republica lhe mandou fazer o funeral. As damas romanas lhe tributaram ainda uma honra extraordinaria, porque por elle andaram de luto um anno inteiro. Como aquelle illustre romano, exerceo tambem o Sr. Manoel Fernandes Thomaz importantes empregos, e apesar disso morreo pobre! Não é preciso que as damas portuguezas tomem luto um anno inteiro por elle, é porém do nosso dever que tão benemerito cidadão seja sepultado á custa da nação; e que por conta da patria corra a sustentação de sua viuva, bem como a educação de seus filhos, até que elles, mostrando-se herdeiros das virtudes de seu pae, possam, como filhos da patria, ser competentemente empregados no publico serviço. »

A par disto que escrevi, fiz ainda o que passo a relatar fielmente. Eu morava então no fim da rua do Ouro, perto do Terreiro do Paço em uma casa que tinha en-

Digitized by Google

trada pela rua dos Retrozeiros n.º 120. Um dia appareceo-me em casa José Pereira Pessoa, que eu conhecia havia muitos annos, e disse-me: Sabe o que se passa? Está gravemente doente Manoel Fernandes Thomaz, e em sua casa não ha com que se lhe compre uma gallinha para lhe fazer um caldo. Quem o está soccorrendo, e faz todas as despezas é Roque Ribeiro de Midões (que depois morreo Visconde). Eu immediatamente lhe respondi: E porque se lhe não hade fazer uma subscripção? Esta hade ser mui popular, e hade produzir bom resultado. Vamos tenta-la, e já; mas hade ser uma subscripção franca, geral, e que não tenha ar algum de um subterfugio para alguem comer á sombra della. Vá immediatamente fallar com José da Silva Carvalho, que é ministro, com os contractadores do tabaco, que então eram o que hoje é Barão de Foscôa, e José Antonio da Fonseca, e com mais algumas pessoas notaveis, e influentes, diga-lhes a idéa que temos, e convide-os para uma reunião em sua casa, que naquella época era no palacio chamado do *Frederico* junto a S. Pedro de Alcantara. No emtanto eu vou já aqui escrever uma especie de prospecto, mostre-lho, e depois veremos na reunião se o adoptam, ou querem outro. O prospecto, que eu tambem publiquei no meu *Campeão* de Novembro, foi o seguinte:

« Entre os nossos primeiros compatriotas, que muito tem honrado a patria com suas virtudes civicas, ou entre os primeiros motores da nossa actual, gloriosa, e sagrada regeneração politica, ha, com effeito, um, entre todos, que por circumstancias mui particulares deve merecer á nação um publico e geral agradecimento; e é elle o illustre cidadão Manoel Fernandes Thomaz. Nesta nobre persuasão muitos cidadãos se congregaram no dia 12 do corrente para deliberar sobre este importante assumpto. E como vissem que nenhum testemunho de agradecimento podia ser tão nacional, como aquelle que lhe fosse tributado indistincta e geralmente por todas as classes de cidadãos, por isso resolveram abrir em beneficio delle, e

de sua mulher e seus filhos uma publica subscripção, para a qual são universalmente convidados todos os cidadãos. Acceitam-se para ella todas e quaesquer quantias; porque é justo que a ninguem seja vedada a satisfação de poder cumprir com seus bons desejos, segundo as suas possibilidades. Eia pois, portuguezes, pagai esta divida sagrada ao nobre regenerador, que, para vos dar a liberdade, não só exhaurio seus bens e fortuna, mas até suas proprias forças e vida, que está a ponto de perder, e que nada tem, e está *pobre!* Tem este illustre cidadão mulher e filhos: quem se recusará pois, em tal caso, a considera-los como filhos da patria?»

Houve com effeito a reunião em casa de José Pessoa, assistiram não só os Ministros d'Estado, mas os contractadores do tabaco, e um grande numero de individuos distinctos por sua riqueza e posição social; e todos concordaram em que se fizesse a subscripção, e nos termos do prospecto. Logo alli se nomeou um thesoureiro geral, que foi José Antonio da Fonseca, e se lhe ordenou que elle nomeasse os recebedores nos differentes bairros da capital. Eu que nunca conservei rancor pessoal contra Manoel Fernandes, e que sempre avaliei com justiça o seu grande merecimento, e o grande, e perigoso serviço que tinha feito ao seu paiz, achando-me então com fortuna bastante, e até de sobejo para lhe mostrar quanto sempre o tinha estimado, apesar de nem sempre seguir a sua politica, sobscrevi logo com uma quantia, que julguei proporcionada aos rendimentos, que então tinha, e que podia muito bem dar sem querer passar por *vaidoso*. Os meus lucros do Campeão, e o ordenado de deputado, que então era excessivo, deviam desviar de mim toda a idéa de uma ridicula vaidade. Sobscrevi pois com *cem mil réis* na fórma, quantia que entreguei, e da qual ainda conservo o recibo. Está elle concebido nos termos que vou transcrever:

«Contribuio o Illmo Sr. José Liberato Freire de Car-
«valho com a quantia de cem mil réis na lei, para a

« subscripção nacional, que se abrio a favor do regenera-
« dor o Sr. Manoel Fernandes Thomaz, sua mulher e fi-
« lhos. — Lisboa 23 de Novembro de 1822. — José An-
« tonio da Fonseca. — Réis 100$000. »

Nas costas do recibo está o nome do recebedor, que é : « N.º 2. — Nascimento. »

NB. É um ourives da rua do Ouro, que ainda hoje vive.

No primeiro de Dezembro de 1822 se abriram as Côrtes ordinarias, e eu, como deputado por Viseu, fui tomar assento nellas. A maioria era excellente, e bem o mostrou ella pelo protesto que assinou, quando prudentemente vio que era preciso separar-se. Nelle ha os nomes de setenta e tantos deputados, entre os quaes está *o meu.* O que faltou a estas Côrtes foi um governo intelligente, energico, altamente possuido do amor da liberdade, e resoluto a resistir a todas as seducções e ameaças das nações estrangeiras, que se preparavam para suffocar o systema constitucional tanto em Hespanha como em Portugal. As nações principaes, que conspiravam contra nós eram a Hespanha e a França, e isto faziam á cara descoberta ; e quem as auxiliava até um certo ponto era Inglaterra, porém sempre coberta, *como é seu costume*, com a mascara da hypocrisia, fingindo que nos defendia.

Eu não quero dizer que os ministros fossem traidores, porém eram tímidos, assustaram-se com as ameaças estrangeiras, ou cederam a ellas por falsas promessas, e não desenvolveram a energia que deviam ter para neutralisar, ou suffocar a conspiração interna, que nasceo, se criou, e tornou forte, sem elles darem por isso, ao menos ao que pareceo, até o momento em que ella se desmascarou, e os deitou por terra, assim como a nossa Constituição. A razão, que eu tenho para suppor que ameaça ou promessas estrangeiras os desviaram do seu dever, é um facto, que eu presenciei, e de que vi os resultados. Para melhor se entender o que elle foi, serei um pouco mais explicito.

Digitized by Google

Na mesma época em que o governo francez se dispunha a ir derribar a constituição hespanhola, que na sua quéda tambem havia de levar comsigo a nossa, formava-se em França uma grande conspiração contra o governo, e esta conspiração devia ser auxiliada pelo exercito francez, que ía entrar em Hespanha, fazendo com que alli se revoltasse contra o governo que para lá o mandava. Para isto precisava-se de dinheiro, como sempre é preciso para levar ao fim todas as conspirações. Os conspiradores francezes, lembrando-se que tanto Hespanha como Portugal eram interessados no bom exito desta revolta, mandaram emissarios aos dois governos da peninsula para tratarem com elles sobre este objecto, e verem se podiam tambem obter algum soccorro pecuniario, para com elle poderem trazer ao seu partido a tropa que entrasse em Hespanha, e sustenta-la por algum tempo.

A Lisboa o emissario, que chegou, foi Mr. de Souligné, homem mui conhecido e abonado pelo nosso ministro que então estava em París, João Francisco d'Oliveira, pae do Conde do Tojal que aqui foi Ministro d'Estado. Foi Mr. de Souligné magnificamente recebido pelos nossos ministros, que lhe deram explendidos jantares, e o trataram com tamanha familiaridade politica, que até elle mesmo se admirou, segundo o que a mim me contou, porque eu tive estreitas relações com esse individuo. Que aconteceo porém passado pouco tempo? foi, que o homem que ao principio tinha sido tão distinctamente recebido, passou a ser pessimamente tratado pelos mesmos ministros, que até o alcunharam de espião, e o Ministro da Justiça chegou a dar ordem ao Intendente da Policia, que o prendesse, e fizesse sahir do reino. Esta tão repentina mudança bem mostra que mão occulta agarrou os nossos ministros, os fez tomar nova vereda politica, quer fosse por medo ou por agrados!... Para livrar Mr. de Souligné de algum insulto, foi necessario procurar-lhe um asylo onde se occultasse, e depois tomar-lhe um logar no paquete de Inglaterra, onde eu o fui acom-

Digitized by Google

panhar mais um bom amigo, já hoje fallecido, negociante desta praça com a firma de *Duarte Irmãos.* O que um pouco mais tarde me convenceo de que o ministerio era neste facto instrumento da politica estrangeira, foi o que me disse outro amigo depois da catastrofe, que nos aconteceo, amigo, que entrava em alguns segredos da politica do tempo, porque já tinha estado empregado em uma das nossas legações estrangeiras. As suas palavras, foram, taes e quaes, as seguintes: — E quem nos havia de dizer, que o nosso *Silvestre* tambem andava mettido nisto?... Silvestre Pinheiro era ainda nesta época um dos Secretarios d'Estado.

O facto é que logo em Traz-os-Montes se deram sinaes de contra-revolução, e o governo pedio poderes extraordinarios, dos quaes não soube ou não quiz aproveitar-se, porque as Côrtes liberalmente lhos deram. E succedeo então um caso bem digno de notar-se, e que mostra a nenhuma confiança que se póde ter na lealdade da tropa paga. Como o que se começava a passar em Traz-os-Montes tambem começava a dar cuidado, toda a officialidade dos regimentos, que havia em Lisboa, e eram muitos, quiz mostrar a sua fidelidade, e quiz tambem declara-la altamente perante os deputados. Uns apóz outros, isto é, a officialidade de cada um se apresentou na Camara, a qual lhes deo as honras da sessão, dando-lhes entrada na sala. Todos pela mesma boca alli juraram sobre suas espadas, que dariam alma e vida pela Constituição e liberdade, e foram tratados pela assembléa com toda a sorte de distincção; e que succedeo depois? que nenhum desses officiaes deixou de ser traidor á causa que tinha jurado defender; e todos foram proclamar o poder absoluto em Villa-Franca, atraz do Infante, e fugindo torpemente de Lisboa! Eis-aqui pois o que é a tropa, o que então foi, e o que tem continuado a ser até á época em que isto estou a escrever, quero dizer em 13 de Fevereiro de 1854.

O grande erro das Côrtes constituintes havia sido o

Digitized by Google

não ter creado uma *guarda nacional*, e ter entregue á tropa a defeza da Constituição, sem se lembrar do exemplo, que já lhe tinha ella dado, ou parte da sua officialidade, quando esteve a ponto de no mesmo anno de 1820 destruir tudo o que se tinha tão gloriosamente feito no Porto. As Côrtes ordinarias com um tempo tão limitado para trabalhar, apenas poderam lembrar-se disto, no que realmente já se pensava; e por isso a Constituição, e a liberdade entregues a mãos mercenarias, apenas acharam bons desejos nos cidadãos, particularmente nos de Lisboa, de a defender, e morrer por ellas, porque todos no mesmo momento se armaram, e se não poderam sustenta-las, o que então não era possivel, ao menos fizeram um grande serviço, mantendo o socego na capital na ausencia e fugida da tropa; socego, que prevenio grandes desgraças, que sem elle era muito de temer que acontecessem. Eu antecipei este successo, que é já do tempo da sessão extraordinaria, e que pouco tempo mediou entre a ordinaria que tinha findado no ultimo de Março do anno de 1823; e o antecipei, porque tinha alguma relação com o que já se ía passando em Traz-os-Montes.

Agora volto ainda á sessão ordinaria, porque no ultimo dia das suas funcções houve um caso, que me diz respeito, e que desejo manifestar, porque mostra qual foi sempre o meu caracter, a minha independencia, e a franqueza com que sempre mostrei as minhas opiniões.

Na sessão do dia 13 de Fevereiro entrou em discussão a verba do orçamento, relativa a um contracto que o governo tinha feito para a compra de vinte mil armas. Eu combati logo esta verba por excessiva, e o resultado da minha opposição foi que ficasse adiada, e que sobre ella se pedissem esclarecimentos ao governo. Passou-se um mez inteiro sem que o governo respondesse e désse esclarecimentos alguns sobre o tal contracto das armas. No emtanto publicavam-se no Diario do Governo artigos não só em abono do contracto, e vantagens delle, mas tambem em desabono do deputado, ou deputados que tinham

Digitized by Google

a audacia de se oppor a elle, uma vez que o governo o approvava. Emfim como era preciso dar uma resposta á camara, chegou ella passado um mez, e segundo o costume foi logo remettida á commissão de fazenda, da qual eu era um dos membros.

Nella dei o meu voto em separado, declarando, que convencido cada vez mais da illegalidade do contracto, daria na discussão daquella verba do orçamento as razões da minha opposição. Ia-se aproximando o fim do mez de Fevereiro em que se devia encerrar a sessão parlamentar, e aquella verba do orçamento não vinha ao Congresso; tão persuadido estava o Ministro da Fazenda de que ella era lesiva, e claramente prejudicial á fazenda publica que estava com grande receio de a trazer á discussão, sabendo que me oppunha a ella. Não podia eu adevinhar esta demora, e não a attribuia senão a verem se algum dia faltava á camara, e neste intervallo a podessem approvar sem haver quem se lhe oppozesse, porque os votos já de antemão estavam arranjados.

Da minha parte decidi-me logo a não me ausentar um só instante da camara, e esperar que nella apparecesse o objecto de tamanho empenho; e como estivesse certo que havia de apparecer antes do encerramento, fiquei socegado e bem disposto para o combate. Emfim chegou o dia 29 de Fevereiro, o ultimo da existencia da sessão ordinaria; houve a sessão de manhã, e a verba não se apresentou; recorreo-se então á ultima extremidade que foi uma sessão nocturna, porque nesse intervallo podia eu ter uma dôr de barriga, ou outro qualquer incommodo, e assim passar livremente o *mimoso* contracto do ministro, porque, segundo se dizia, o contractador preferido era um dos seus parentes...

Como os dias de inverno naquelle mez ainda eram muito curtos, e por que tambem eu, como bom e leal campeão, não me quizesse ausentar da camara, não quiz ir jantar a casa, e mandei vir o meu jantar para a sala da commissão, onde jantei. Mas ainda bem eu não tinha

Digitized by Google

engolido o meu ultimo bocado, quando me vieram chamar á pressa, e dizer-me, que já se tinha aberto a sessão, e que lá se estava propondo a grande questão. Não fiz mais que dar um pulo da cadeira em que estava sentado, e correr á sala, mastigando o meu ultimo bocado. Era a sombra de Nino que ía perturbar tão commoda, e serviçal assembléa! Eu estava tão senhor do meu assumpto, e estava tão penetrado da justiça da minha causa, que sendo por caracter pouco fallador; e tendo sempre aversão a grandes discursos, naquella noite me excedi, e fui extenso como nunca tinha sido. Não quero copiar o que lá disse, porque este meu discurso está na totalidade impresso no Diario da sessão ordinaria do anno de 1822, e no terceiro volume do meu Campeão em Lisboa, onde occupa dez paginas; e alli tambem o imprimi, não por vaidade, mas pelo motivo que logo direi. Referirei comtudo algumas frases, e com especialidade as ultimas que foram bem notaveis.

No principio disse, dirigindo-me ao Presidente: « Já na sessão de 13 deste mez eu me oppuz a esta verba do orçamento, que é relativa ao contracto das armas, cuja approvação agora aqui se pede, mas declaro, que as informações do ministro me tem convencido cada vez mais da justiça da minha opinião; porque não encontro nellas senão maiores e mais fortes motivos para ter como monstruoso, e lesivo semelhante contracto... »

E conclui com as provas, e calculos os mais claros e evidentes, dizendo — « Em verdade, Senhor Presidente, quando considero ou attentamente medito em tudo isso que se ousou escrever em uma folha do *Diario do Governo*, e quando alli vejo os insultos, e ataques directos feitos aos deputados que dentro desta casa tiveram bastante energia para dizerem o que entendiam sobre este importante assumpto; tenho toda a razão para suppor, que ha quem pretenda suffocar as vozes dos representantes do povo dentro deste augusto congresso! Sim, Senhor Presidente! nenhuma duvida tenho em dizer, que o auctor ou aucto-

Digitized by Google

res do ataque, assim como escreveram aquelle escandaloso artigo, tambem *se podessem* mandariam arrancar desta sala por esbirros a alguns deputados, que aqui se atrevem a fallar livremente, bem como na camara dos deputados de França ainda ha pouco aconteceo com o representante *Manuel!* Mas eu já sou assás velho para ter medo! Direi, portanto, sem contemplações nem receios, livremente a minha opinião; e como assim, voto contra o parecer da commissão; e reprovo o contracto como illegal, lesivo para a fazenda publica, e a todos os respeitos monstruoso.

O Congresso ouvio-me no maior silencio; e as minhas ultimas palavras causaram assombro a muitos que me não tinham por tão ousado: deram-me os parabens; mas chegada a votação foi o contracto approvado! Ninguem teve coragem para apoiar abertamente o meu voto; todas as consciencias estavam já dadas ao ministro, e pela entrega dellas, e por algumas frases do constante *cantor* das virtudes do ministerio, Xavier Monteiro, passou livremente a *Stigie* o filho querido do ministro, o contracto das armas!

Eu esperava que o *Diario do Governo* do dia seguinte, dando conta da sessão da noite antecedente, ao menos diria, que o contracto se approvára, e que ninguem a elle se havia opposto senão o deputado José Liberato; mas nem sequer pronunciou o meu nome: tal era o espirito da governança do dia! O Diario obedecia a seus amos! mas que amos! bem pequenos! bem insignificantes! bem miseraveis! E que maravilha que D. Miguel, quasi desapercebido por elles, fugisse para Villa-Franca! Neste caso me resolvi a publicar no meu Campeão aquelle verdadeiro improviso, porque senão foi pelas mesmas palavras, é de certo exacto nas razões e nas provas.

Em o n.º 60 do meu Campeão com data de 24 de Maio de 1823, e o penultimo da sua publicação, para que o publico nem por um momento duvidasse da razão que tivera para tão tenazmente me oppor áquelle contracto, publiquei eu na ultima pagina o seguinte annuncio:

Digitized by Google

« Para que o publico cabalmente conheça a grande utilidade que tirou a fazenda nacional do contracto das 20:000 armas feito com Gonçalo José de Sousa Lobo, recommenda-se, que se leiam com attenção as duas Portarias com datas de 9 e 10 de Maio, as quaes para o mesmo conhecimento do publico se acham transcriptas no Diario do Governo dos dias 13, e 15 do corrente. » Isto queria dizer, que o contractador não cumprira com o contracto!...

Entretanto a conspiração ía-se formando, os bandos fóra da capital organisavam-se, e dentro della a corrupção ía ganhando a tropa, ou para melhor dizer, a sua officialidade, porque esta é o verdadeiro instrumento que põe em acção os soldados. Tinha-se convocado uma sessão extraordinaria, e ao governo haviam-se-lhe dado todos os poderes extraordinarios que havia pedido, para com elles impedir que os contra-revolucionarios executassem seus intentos. Foi nesta sessão extraordinaria, que se vio toda essa hypocrita demonstração de lealdade, que no seio da representação nacional foi ostentar a pouco briosa officialidade, que nessa época commandava as tropas que guarneciam a capital. A contra-revolução tambem ahi se deo bem a conhecer, quando El-Rei lhe mandou partecipar que a Rainha não queria jurar a Constituição. Este facto tambem logo deo a conhecer os transfugas do partido liberal para o campo da Rainha, e um delles, mui notavel por suas exageradas demonstrações liberaes, foi o celebre deputado *Bastos*, que ainda depois se fez famoso, no tempo da carta, por sua dobrez, perfidia, e ambição torpe.

O Congresso em que a Rainha já teve defensores, foi leal, e constante na sua maioria: recommendou a El-Rei, que fizesse executar a lei... mas o Monarcha era fraco, e quem sabe se dentro em seu coração estava desejando uma mudança de cousas?... Quem se persuade que um Rei, e mormente já neto, e filho de Rei, folga com o systema constitucional, ou é demente ou não é sincero. Um Rei só por força, e por necessidade finge que está

Digitized by Google

contente com semelhante systema; chegada a occasião, lança-se a elle como animal raivoso, e com toda essa *innata* fome do poder que herdou; e se póde, não se dá por satisfeito, sem ver correr rios de sangue...

No meio de todos estes symptomas de máo agouro, tudo parecia estar no maior socego, sem medo nem receio do futuro, e o mesmo ministerio não dava sinal algum de susto. A final deo sinal de si, e veio pedir ao Congresso nova auctorisação para conservar os poderes extraordinarios, porque acabava o termo que se lhe tinha dado para exercer os primeiros. Esta proposta foi remettida a uma commissão, da qual por fatalidade eu já era membro, ou então fui nomeado. A minha opinião foi logo que se lhe concedessem, mas só depois de, em conformidade da lei, ter apresentado o relatorio do modo porque tinha exercido os primeiros, e de dizer francamente o estado do paiz. Neste voto fui apoiado por um collega, mas o resto queria que se lhe dessem sem se cumprir previamente o que a lei exigia. O governo tambem assim o pedia, e teimava neste pedido, e eu e o meu collega tambem teimavamos em a nossa opinião. Depois de uma luta de alguns dias, como fosse necessario que a commissão désse o seu parecer, se estava elle a lavrar com os dois votos contra, quando nos vieram dizer, — *já não é preciso; tudo está perdido; fugio o Infante com parte da tropa!* ... Com effeito, El-Rei acabava de mandar ao Congresso uma carta do filho em que este lhe dava parte da sua aventura, que toda ella era para lhe restituir seus *inauferiveis* direitos, como então enfaticamente se chamavam. Devo agora aqui declarar como então se pozeram a descoberto os insignes talentos do heroe! porque a carta andou correndo todas as mãos dos deputados. E na verdade, nem uma creança com oito dias de escola escrevia uma carta tão miseravel! Era uma vergonha não para elle, mas para nós portuguezes, sermos ludibriados por um individuo, que mostrava tamanha ignorancia, e que tinha passado a tal ousadia no meio de um governo, que

Digitized by Google

tinha todos os poderes para o prevenir, e até esmagar, se fosse necessario!

Eu não digo, nem jámais me persuadi, que os ministros fossem, no rigor do termo, *traidores*, mas eram fracos inertes, infatuados com as pastas, e sem força nem talentos para desempenharem o cargo que serviam. Tambem não duvido, e tive alguma razão para assim o pensar, que a influencia estrangeira entrou profundamente no seu modo de proceder: promessas, ou ameaças paralisaram a sua acção, porque não é de presumir que a tanto chegasse a sua ignorancia! Fugir toda a tropa da capital quasi a um tempo, era negocio premeditado antes; e como se podia fazer uma conspiração desta sem que désse sinal a um governo esperto e vigilante! Foi este um acontecimento dos meus dias que lhe não posso dar favoravel solução!... E muito mais se augmenta a minha perplexidade, quando me lembra o que já ha pouco escrevi ácerca do que me disseram de um dos ministros...

Um só regimento ficou com El-Rei, que se foi metter na Bemposta. Estou certo que só por timidez não seguio o filho; o coração de certo o levava para Villa-Franca, mas o medo o retinha na Bemposta. Se elle, como era Rei fosse homem, e podesse ser um verdadeiro Rei Constitucional, ou se pelo menos tivesse a seu lado alguem a quem a liberdade pulasse no peito, ainda tinha um meio infallivel de suffocar a conspiração; era correr rapidamente para Coimbra ou para o Porto, proclamar alli o filho e a mulher rebeldes, e chamar á roda de si as tropas das provincias que ainda não estavam seduzidas; e com este meio estou seguro que havia de triunfar. Mas nem elle era homem para um feito desta natureza, nem tinha quem o podesse resolver a tomar este expediente energico. Houve alguem a quem elle lembrasse, mas não se encontrou braço, nem coração para o executar!... D. João VI, atemorisado de que ía a ser deposto pela mulher, e pelo filho, seguio os impulsos do medo, e do coração, e tomou o caminho do filho, que alli se vio desamparado por

Digitized by Google

aquelles mesmos que o tinham talvez aconselhado, e que viram que no caminho do poder absoluto era mais seguro acompanhar o pae do que o filho.

Assim que o Rei fugio, o Congresso teve por prudencia separar-se, e alli se vio que ainda havia homens de caracter e energia, porque protestaram contra a violencia, e firmaram o seu protesto com setenta e tantas assinaturas, entre as quaes está *a minha*.

Neste desamparo absoluto da tropa e do Rei, a capital se conservou no maior socego, porque o povo em geral mostrou um bom senso extraordinario, e cada cidadão quiz ser o defensor da ordem publica. Quem tambem muito concorreo para que ella se não alterasse foi um brioso militar de grande patente, e creio que o unico da sua classe que não desertou das bandeiras da liberdade: foi, porque é preciso honrar seu nome, o *General Avilez*, que ultimamente morreo Conde do mesmo nome, e bem o mereceo, porque foi homem e cidadão honrado, e militar brioso.

Então tambèm presenciei um espectaculo curioso: os valentões politicos da época ou se esconderam ou fugiram para fóra do reino; e alguns houve que fugiram da sala no ultimo dia em que voluntariamente se adiou, e assinou o seu protesto, só para não o assinarem. E ainda tão feios actos de covardia aqui não ficaram; houve tambem quem se fosse offerecer ao governo absoluto para o servir, e quem o *ficou servindo!* Eu nem fugi, nem por aquelles primeiros dias me escondi; andei de dia e de noite por toda a parte, ninguem me maltratou, antes encontrei em todos muita estimação e respeito. E essa, e esse experimentei eu com muita especialidade, porque no dia em que demos fim á nossa tarefa politica não tinha ido de sege para as Necessidades, para comprazer com um amigo, que eu não queria que lá faltasse até á ultima hora. Era elle um pouco medroso, e receava algum insulto do povo, o que eu nunca receei; e por isso para o levar lá comigo propuz-lhe um expediente que foi, de irmos embarcados até Alcantara.

Digitized by Google

Assim o fizemos. Quando entrei na sala poucos indivíduos ainda lá estavam, mas entre esses poucos estava Borges Carneiro. Eu expuz-lhe que era de absoluta necessidade acabarmos naquelle dia com honra os nossos trabalhos, porque não era prudente esperarmos pela gente de Villa-Franca que sabe Deos como nos trataria, e não convinha que fossemos alli deshonrados, e comnosco a representação nacional. Convenceo-se, assim como os mais que lá estavam, das minhas razões, e foi elle quem propoz o adiamento das sessões, que eu apoiei, Moura, e mais alguem. Todos foram da mesma opinião, menos dois ou tres, que gritaram que nos deviamos ir metter em Elvas! isto é na gaiola, para que nos podessem depennar á sua vontade! O caso é que foi approvada a proposta, e se cuidou logo em ir redigir o protesto, em que tambem se tinha concordado.

Foi elle incumbido a uma commissão; e em quanto esta trabalhava, a sala encheo-se de povo, que por toda a parte nos cercava, e não havia um canto onde não estivesse um grupo fallando com a maior animação. Emfim tribunas, sala, cadeiras de deputados estavam completamente occupadas, e cada um tomava o logar que achava vago.

Não deixou isto de me dar algum cuidado, porque nesse dia tinha faltado a guarda por muitas horas, e eu não sabía, se entre tanta gente haveria quem nos pretendesse insultar, ou fazer ainda cousas peiores. Em consequencia deste meu receio fui dar um passeio por dentro e fóra da sala, para ver se podia colher quaes eram as intenções da maioria daquelle povo, tão extraordinariamente numeroso. Encontrando então alguem conhecido, perguntei-lhe: Que quer esta gente? podemos julgar-nos seguros, e sem perigo? A resposta foi logo: podem! podem! Sr. Liberato! toda esta gente está aqui para os defender! não tenham susto!... Honra pois seja feita ao leal povo de Lisboa, a quem aqui quero dar este sinal de agradecimento! O meu conhecido tinha razão; este povo brioso

Digitized by Google

estava alli para nos proteger, e defender se fôsse preciso.

Assim que a commissão concluio o seu trabalho, voltou á sala, e no mesmo momento o povo largou as cadeiras, em que alli tinha estado, e com o maior socego se retirou para onde podesse ouvir o que se ía ler. Foi quasi unanime a approvação, assinou-se, formou-se a acta da sessão, e do *adiamento*, e tudo se concluio na maior paz, socego e respeito á representação nacional.

Sacudimos o pó dos nossos sapatos, como recommenda o Evangelho em casos taes como aquelles em que nos achavamos, e fomos sahindo da sala. Então é que se passou uma nova scena no pateo á medida que íamos sahindo. Foram numerosos, repetidos, e estrondosos os applausos que tivemos, e os nomes de muitos deputados, entre elles *o meu*, foram por muitas vezes repetidos! honra, de que em toda a minha vida nunca me esqueci, sempre agradecido ao bom conceito, que tenho merecido á honrada povoação de Lisboa.

Como eu, como já disse, não tivesse ído de sege para a Camara, achava-me alli um pouco indeciso sobre o que devia fazer para me transportar para Lisboa. Era ainda alli tanta a gente, que eu estava esperando que se fosse ella embora para tomar uma deliberação, quando um desconhecido veio ter comigo, e comprimentando-me, disse-me: — pelo que vejo, não apparece a sua sege? — É que eu não vim de sege, respondi-lhe; vim embarcado: estou esperando que se vá diminuindo esta multidão de gente, para ao depois me retirar, e embarcar-me, como o fiz de manhã. Então, neste caso, replicou o desconhecido, quero que vá na minha companhia, porque tenciono ir tambem embarcado. Eu acceitei agradecido a sua obsequiosa offerta, e indo com elle, a poucos passos nos encontrámos com muitos seus conhecidos, que todos me fizeram muitas festas, e com elles fui até á praia onde tomaram um bote, e com elles deste modo cheguei a salvo a Lisboa. É preciso advertir que eu não conhecia pessoalmente nenhum destes individuos que tão bem me tra-

Digitized by Google

taram. Na despedida todos se me offereceram para o que podesse precisar em época tão arriscada, e muitos me deram as suas moradas para que os podesse procurar, quando assim me fosse necessario. Despedi-me de todos, dando-lhes mil agradecimentos, e realmente bem penhorado do bom conceito que lhes merecia. Assim se acabou a retirada que fizemos em boa ordem das Necessidades naquelle dia fatal para a liberdade portugueza.

Recolhi-me a casa á espera da nova scena que se devia representar na volta d'El-Rei de Villa-Franca, que tinha muito maior perigo do que aquella que se acabava de representar. Como a cidade estivesse no maior soccego, andei de noite e de dia por ella sem o menor incommodo, porque com effeito, nem um só disturbio houve que podesse causar susto: era tal a disposição em que estavam todos os habitantes, sem haver um unico soldado, que influisse respeito aos mal intencionados, que estes se conservaram tranquillos! tanto é que conheciam o espirito da maioria dos honrados habitantes!

Mas a procissão de Villa-Franca devia chegar; e então era preciso muita prudencia, e cautela para me não expôr temerariamente a algum insulto, ou cousa ainda peior. Eu vivia nesse tempo em uma casa no fundo da rua do Ouro, junto ao Terreiro do Paço, e do lado direito que fazia esquina para a rua dos Retrozeiros, por onde tinha a porta de entrada com o n.º 120 primeiro andar. Assim pela frente via toda a extensão da rua dos Retrozeiros até á Magdalena, e ninguem podia por ella descer sem que eu não podesse examina-lo, se quizesse. Annunciou-se portanto, que El-Rei devia chegar, e que indo á Sé, de lá havia de descer exactamente pela rua que eu tinha em frente. Então fechei-me em casa, e puzme á espera por entre as vidraças para ver entrar o cirio contra-revolucionario. Chegou emfim esse dia, que era um dos primeiros do mez de Junho, e por sinal de um calor excessivo. Então por entre as vidraças de uma das minhas janellas comecei a ver descer da Magdalena

Digitized by Google

para a rua do Ouro aquella *saturnal* politica, entre a qual descia D. João VI em um carro descoberto entre alaridos, vozerias, e exclamações horriveis de uma multidão frenetica, que dava *vivas ao poder* absoluto! e *morras* á Constituição, aos deputados, e á liberdade! Esta multidão frenetica vinha, como commandada, pelo Infante D. Miguel, que vestido *como campino*, representava nessa orgia torpe, feia e hedionda, o heroe da peça. Confesso que tive vergonha de ser homem, já não digo, portuguez, quando vi esse Rei, como um Rei de barbaros, que entrasse em uma cidade, tomada de assalto, puxado por homens e portuguezes, entre os quaes figuravam altas jerarchias, e até algum titular! Ao nivel de bestas de trem, haviam invejado a sorte das *mulas* da raça de *Alter!* tinham-nas substituido; e se davam assim, prostituindo a dignidade de homens, por honrados! Então me acabei de confirmar no conceito, que já tinha feito da condição e instinctos da especie humana; que esta era a *mais ridicula* de toda a creação!

Não se podem descrever os acontecimentos dos dias que se seguiram a esta saturnal hedionda. Por mais de oito noites foi a cidade obrigada a illuminar-se, e em todas ellas, assim como nos dias que as precederam, as gritarias e blasfemias foram taes e quaes como as que já annunciei: isto é, *morras* á liberdade! e *vivas* ao poder absoluto! Esquecia-me dizer o caso risivel que aconteceo na manhã seguinte á desta horrorosa entrada. Na gazeta do governo appareceo um annuncio que dizia: — *que se íam vender as parelhas que haviam puxado pela carruagem d'El-Rei na sua vinda de Villa-Franca; e que quem as quizesse comprar, as acharia á venda não sei se em Belem, ou no Campo de Santa Anna.* Nunca se soube quem foi o desta feliz lembrança: depois de todas as averiguações apenas se soube que alta noite se tinha mandado aquelle annuncio para a imprensa, e que alli, sem nelle se advertir, se tinha impresso e publicado na gazeta como um annuncio ordinario. Quando se deo por elle, já

Digitized by Google

depois de estarem muitas folhas distribuidas, foi que houve o barulho, e por uma parte a zanga, e por outra as risadas. Mandaram-se recolher as que já estavam distribuidas, e que uns entregaram, e outros não; e fez-se uma nova edição da folha da gazeta, que se mandou distribuir aos assinantes.

Entre esta algazarra de vivas e morras houve ainda um episodio que quero noticiar, porque elle indica o que é o animal homem bem analysado, e bem considerado em todas as suas feições moraes. Um individuo da alta jerarchia, e que até hoje tem representado eminentemente em todas as nossas scenas politicas, dominado então por todas as furias do absolutismo, foi, e é provavel com mais companheiros do seu zelo pelos *inauferiveis*, ao Paço das Necessidades, e entrando com a espada na mão pela sala onde fôra o Congresso Nacional, como alli já não encontrasse os deputados, voltou-se contra as cadeiras, e cutilada aqui, e cutilada acolá, deixou muitos braços e pernas quebradas. Foi uma grande batalha que deo, e de que ficou vencedor; e portanto merece que seja recordada. Não menciono o seu nome, porque em outros actos da vida politica se tem mostrado, senão arrependido, ao menos moderado e pacifico. São alienações mentaes, ou vertigens, a que certas cabeças estão sujeitas, e isto comprova o que já disse ácerca do animal homem.

Ouvindo contar este facto, então vi a prudencia que haviamos tido em nos separarmos antes da vinda d'El-Rei com os seus *inauferiveis*, porque aquelle acto de demencia absolutista, indica que aquillo que se fazia ás cadeiras, estava guardado para nós, se houvessemos alli estado á espera dos nossos conquistadores. É verdade que esse foi o heroismo que dizem tiveram os Senadores Romanos na primeira invasão Gauleza; mas os Gaulezes desse tempo eram mais humanos do que os nossos absolutistas do anno de 1823; porque aquelles se contentaram, segundo dizem, em puxar pelas barbas a alguns dos velhos senadores; e como nós as não tivessemos, é prova-

Digitized by Google

vel que os nossos heroes do seculo XIX nos deixasssem sem algum braço ou perna, como deixaram a muitas cadeiras em que estivemos sentados.

Outro episodio da mesma época, que mostra o que são as paixões politicas, e que valor tem as cabeças desse animal, chamado homem, praticado por outro homem da alta jerarchia, foi o seguinte, conforme me contou pessoa de grande respeito. Um dos nossos bons cidadãos, que tinha formado uma especie de guarda civica nos poucos dias em que estivemos sem tropa, e guarnição alguma na cidade, achando-se em uma especie de revista que lhe fazia um dos heroes de Villa-Franca, quer fosse por esquecimento, ou por amor que conservava o laço nacional das duas côres azul e branco, tinha-o ainda no chapéo. Eis que de repente o nosso heroe com toda a cortezia de um valente realista, e animado pelo santo furor da seita, se chegou a elle, lho arrancou do chapéo, e em signal de triunfo o calcou aos pés!... Este heroe, tão despresador do novo laço nacional, passados alguns annos, deo-se por muito honrado, e até feliz de o poder pôr no seu chapéo de plumas!... Tambem não menciono o seu nome, porque na sua vida futura praticou actos tão heroicos, e entre elles alguns tão burlescos, que não quero que as sombras destes escureçam a muita luz dos outros que ornam o seu retrato. Quanto mais, nos revezes da vida fomos depois algumas vezes camaradas; e só hoje me quero lembrar dessa boa camaradagem, e não dos tristes successos que a romperam...

El-Rei tinha nomeado o seu novo ministerio, entre o qual havia dois homens muito meus conhecidos, Pamplona, depois Conde de Subserra, e Conde de Palmella, que morreo Duque. A nenhum delles procurei nem pedi favor; puz-me, como se diz, á capa, á espera do futuro. Sempre acautelado, metti-me em casa, e deixei ir correndo a tempestade sem a provocar, nem fugir della como criança que tem medo. Ora D. João VI, que na minha opinião tinha mais medo do filho, como instrumento

Digitized by Google

da mulher, do que dos constitucionaes, que sempre o haviam tratado com respeito, para ter sempre nelles algum apoio, prometteo-lhes em Villa-Franca uma Carta Constitucional, e chegando a Lisboa confirmou a sua promessa nomeando uma commissão para a redigir. Esta, com effeito, foi nomeada, e o Conde de Palmella a annunciou aos portuguezes e á Europa com todo o luxo de frases diplomaticas de que se costumava servir.

Esta circumstancia fez com que eu me resolvesse a conservar-me incognito, sempre mettido em casa, e espreitando a marcha dos acontecimentos. Como não entendessem comigo, eu tolerava a minha sorte, e o que só desejava era, que o meu nome esquecesse aos que então nos dominavam. Em consequencia disto não via quasi ninguem; e apenas, entre tres ou quatro pessoas que em todo esse tempo admitti em minha casa, só duas eram da minha particular amisade, e com quem francamente fallava sobre os negocios do tempo. Estas duas pessoas eram dois velhos amigos, — José Aleixo Falcão, e o então Coronel João Freire Salazar, que a final morreo Brigadeiro aqui mesmo em Lisboa. Ambos elles tinham particular relação com Pamplona, e como soubesse que lhe frequentavam a casa, procurei indagar delles, se lá haviam ouvido fallar no meu nome. Ambos me disseram, que sim o tinham ouvido, e sempre em bem; e que contra mim não havia indisposição; e por consequencia nenhuma medida hostil tinha que recear, porque já se começavam a annunciar desterros de alguns meus collegas deputados.

Assim se passaram dois ou tres dias, quando não sei se foi José Aleixo ou Freire que me veio dizer, que Pamplona se lembrava do meu nome para que fizesse parte dos redactores da nova Constituição, e que muito desejava saber se acceitaria. Creio que foi João Freire, que me fez a pergunta, ao qual promptamente respondi: — que da minha parte lhe podia claramente dizer: « que eu não tinha ainda perdida a vergonha a ponto de me es-

Digitized by Google

quecer de que havia, bem poucos dias antes, como deputado, jurado defender a Constituição que elle tanto concorrêra para que fosse violentamente derribada, para agora acceitar a commissão de ir ajudar a fazer outra, que a annullasse e prescrevesse; e que, portanto, não só não acceitava, mas rejeitava com indignação tão vil e despresivel emprego.» Não sei se lhe deo ou não a minha resposta, tal e qual lha dei; o que sei é, que passados poucos dias tive ordem para me ir apresentar á nova Intendencia de Policia.

Esta, de novo creada pelo ministerio dos *inauferiveis*, fazia as suas sessões no antigo palacio do Rocio, e para lá me dirigi logo, sem hesitar. Era um sabbado de tarde. Achei-me na presença de Simão Ferraz que, sendo um dos juizes dos bairros de Lisboa, havia fugido para Villa-Franca com o Infante, e alli se havia associado a Pamplona, ambos auxiliadores do mesmo Infante, de quem se haviam servido como *instrumento* para a contra-revolução. Tanto um como outro, como tivessem desertado da bandeira do seu *instrumento* para a do pae, isto é para a de El-Rei, pagaram depois a deserção que fizeram, quando D. Miguel lhes pôde pôr a mão por cima. O novo Intendente teve por premio da sua deserção ser nomeado chefe da policia com o titulo de *Barão de Rendufe*, e Pamplona o ser nomeado primeiro ministro com o titulo de *Conde de Subserra.* Mas vamos ao que se passou então comigo perante esta nova auctoridade.

Assim que alli cheguei disse-me o Ferraz: — tenho ordem para lhe communicar da parte de Sua Magestade, que hoje mesmo deve sahir de Lisboa com o destino para Coimbra, onde se apresentará ao Corregedor da comarca, e delle receberá as ordens que lhe vão ser transmittidas. Aqui já está prompto o seu passaporte. Eu ouvi-o com toda a tranquillidade, e respondi-lhe: — Obedeço ás ordens de Sua Magestade, porém não as cumpro, nem posso cumprir hoje. El-Rei é mui benigno; sabe muito bem que tenho até agora aqui exercido o emprego de depu-

tado, e que devo ter uma casa, e pelo menos meia duzia de camisas para arranjar, e que nesse caso seria uma violencia inaudita fazer-me sahir hoje, e a esta hora de Lisboa. Não; El-Rei não é capaz de querer que em seu nome se pratique uma tal violencia. Portanto, declaro que estou prompto a obedecer, porém não hoje; porque não posso: apenas peço uma pequena demora... E qual é ella me replicou o Intendente? a de ámanhã, que é domingo; foi a minha resposta; e dou a minha palavra, que na segunda feira de madrugada sahirei de Lisboa, e irei para o meu destino. O meu homem olhou para mim mui sisudo, e disse-me: pois bem seja assim; como o promette, fico certo que hade cumprir com a sua palavra. E póde disso ficar certo, lhe respondi; nunca faltei a ella... Assim entregou-me o passaporte, fallando-me com muita cortezia, e dizendo-me, que a minha residencia não havia de ser na cidade, mas na sua visinhança, a meio quarto de legoa na freguezia de S. Martinho do Bispo, e na quinta e casa de Montesão, que pertencia a uma minha irmã. Despedimo-nos portanto, na paz do Senhor; e d'alli fui direito a casa do meu amigo Ricardo José Duarte, contei-lhe o que acabava de passar, e com elle fiz os arranjos, que me pareceram necessarios, pedindo-lhe, que tomasse conta da minha casa, que no emtanto, eu deixava tal e qual, e com os criados que tinha, até que ávista do que fosse acontecendo eu tomasse novas providencias a este respeito.

Segundo o que me tinha dito o Intendente ácerca da minha residencia em Coimbra, vi logo que todo aquelle itinerario não podia ser obra senão de Pamplona, porque no ministerio só elle é que conhecia a minha familia, e podia saber que minha irmã tinha uma casa, e vivia em Montesão, e freguezia de S. Martinho do Bispo. Que não era por odio que me dava aquelle desterro, porque ávista de outros que se tinham dado a alguns dos meus collegas, o meu era muito moderado, e o mais humano possivel. Então me convenci por cousas que já tinha ouvi-

Digitized by Google

do, que contra mim havia reclamações por parte do ministro francez ácerca do que eu tinha escripto no meu *Campeão*, sobre Luiz XVIII, que então governava a França. E como não quizesse tomar parte em a nova ordem de cousas, nem acceitar o que se me propunha, natural era que alguma satisfação se quizesse dar ás reclamações do governo francez. E ainda outra prova tive de que o meu desterro tambem era satisfação á politica franceza o ser dos poucos que se conservaram por mais tempo no desterro, que além de mim só me constou fossem dois; um, Manoel de Macedo, que esteve na sua casa de Verride, e que tinha o crime de conduzir o Patriarcha até ás fronteiras do reino; e o outro o General Pêgo, desterrado na Figueira, porque se tinha recusado a reconhecer logo a farça politica de Villa-Franca. Nós fomos os tres ultimos, a quem se quebraram os desterros, passados mais de dois annos.

Agora necessario é que conte como tinha cahido nas íras do governo de Luiz XVIII. Estando ainda da primeira vez em Londres, fui de lá no anno de 1819 a París. E como lá me constasse que no governo dos *cem dias* se tinha impresso um livro muito notavel contra a familia dos Bourbons pela parte mui positiva que haviam tido no processo e morte de Luiz XVI, procurei obte-lo, porque na volta de Luiz XVIII tinha sido muito procurado, prohibido e proscripto, e só com grande difficuldade se podia achar um exemplar. Pude, com effeito obter este livro, que não sei hoje como se me desencaminhou, e o tinha comigo em Lisboa nessa época. Como esta fosse a época em que Luiz XVIII fazia marchar contra a Hespanha um exercito para acabar com a Constituição hespanhola, e de caminho com a nossa, que já começava a ser ameaçada pelas revoltas interiores que se íam manifestando em Traz-os-Montes, eu, que nesse tempo escrevia o *Campeão de Lisboa*, e que todo o meu intento era defender a revolução do anno de 20 com todas as suas consequencias, assentei, que nada melhor podia fazer do

que desacreditar Luiz XVIII, tornando-o odioso aos portuguezes, e dizendo-lhes quem era o homem que estava empregando forças para destruir a liberdade hespanhola, e de caminho a nossa. Assim desde o n.º 48 por diante comecei a publicar peças importantissimas para desmascarar o caracter hypocrita do actual governo francez, presidido por um Rei, que tanto tinha concorrido para levar seu irmão, e Rei ao cadafalso! Hoje tudo isso se ignora, e o mesmo creio que bem poucos portuguezes tivessem noticia de taes factos, a não ser pelo meu Campeão. E como deste talvez bem poucos exemplares restem, ou nenhum para que se saiba a ousadia que eu tive em escrever o que escrevi contra aquelle potentado, o assassino da nossa liberdade e da hespanhola, assim como o havia sido de seu irmão, vou aqui sómente transcrever um documento que se acha no 2.º vol. do meu Campeão a pag. 377.

Luiz XVIII, antes de ser Rei tinha o titulo de *Conde de Provence*, e sempre ambicioso procurou tirar a corôa a seu irmão. A revolução abrio-lhe o caminho para esta tentativa, e antes della ter começado, dirigio os primeiros ataques contra o irmão perante a assembléa, intitulada dos *Notaveis* que precedeo á dos Estados Geraes, que se constituiram em Assembléa nacional. Eis-aqui uma carta que elle escreveo em 13 de Maio de 1787 ao Duque de Fitz James, e por ella se vê como desde logo pretendeo desacreditar o irmão, e dar por illegitimos seus filhos, para assim já ter uma porta aberta para lhe succeder, quando não fosse logo como Rei, ao menos como Regente. A carta é litteralmente a seguinte:

« Como é que succede, meu querido Duque, que já esteja quasi no fim a Assembléa dos Notaveis, e que não tenhais ainda se quer tocado uma só palavra na grande questão? Creio, que não podeis duvidar que os Notaveis nem um só momento hão-de hesitar sobre a veracidade dos documentos, que ha mais de seis semanas já lhes apresentastes; isto é, que os *filhos do Rei não são seus!* Estes

documentos provam evidentemente o criminoso comportamento da Rainha. Sendo vós um vassallo tão cordialmente affeiçoado ao sangue de vossos Reis, por certo haveis de ter grande pejo de dobrar os joelhos diante destes fructos adulterinos. Ámanhã, infalivelmente ámanhã, ide propôr um relatorio na minha commissão a este respeito, porque eu estarei ausente, e meu irmão *Artois*, que não tem commissão ámanhã, irá então presidir á minha. Uma vez que bem se examine o facto de que se trata, as consequencias são mui faceis de tirar. No parlamento, que não ama a Rainha, não acharemos grandes difficuldades; mas quando as houvesse ou elle as quizesse suscitar, em nossa mão temos meios para que elle seja prudente. No que toca aos *Estados Geraes*, primeiro se hade fallar muito nelles antes que seriamente se cuide em os convocar. Em uma palavra, é preciso tentar a obra, assim como é necessario sahirmos bem della; pois que as nossas pretenções estão fundadas em verdade. Só assim me poderei esquecer dos sacrificios enormes que tenho sido obrigado a fazer para adquirir estas provas. Sei muito bem que ellas não hão-de ser do agrado d'El-Rei; mas aqui para nós, sendo elle, como é, um mero instrumento nas mãos de sua mulher, *merecerá, por ventura, reinar?* Sim, meu caro Fitz James, elle é *um pobre Rei*, e a França é digna de ter um verdadeiro monarcha. — Assignado, Luiz Estanisláo Xavier. » *

Este documento foi copiado de uma obra intitulada os *Prisioneiros do Templo* por Mr. Regnaut Varrin, em que andam transcriptas duas cartas famosas de Luiz XVIII, da authenticidade das quaes nunca ninguem duvidou depois de serem por mais de uma vez impressas, pois que é um facto notorio e sabido que Regnaut Varrin as teve do *Governo do Directorio* que houve em França. Esta como já disse é datada de Versailles em 13 de Maio de 1787, e dirigida ao Duque de Fitz James.

* O Imperador d'Austria nunca a quiz receber em seus Estados.

Digitized by Google

Agora digam os que me lerem, se um homem do meu caracter e principios politicos, e em tal época, podia poupar um individuo tão despresivel como este, e que estava com mão armada a descarregar um golpe de morte sobre a liberdade Peninsular! Como homem livre servi-me tambem das minhas armas, para ver se desarmava o braço do déspota, tornando-o odioso ao mundo; não o consegui, mas honro-me muito deste meu acto de coragem, e até do desterro que tive, se para elle, como supponho, este acto concorreo.

Antes de escrever a minha sahida de Lisboa, quero aqui mencionar dois nomes honrados, de quem recebi um particular favor, assim como comigo o receberam todos os meus collegas deputados. Estes nomes são o do actual Barão de Foscôa, que hoje ainda vive, e o de José Antonio da Fonseca, que já morreo. Ambos elles eram os caixas do contracto do tabaco naquella época, e pelo contracto é que os deputados recebiam o seu subsidio mensal. As Côrtes separaram-se, e deram fim aos seus trabalhos, como já mencionei, e ainda nos principios da sessão extraordinaria. Não me lembra hoje quantos dias tinham durado, e por conseguinte que quantia de subsidios se nos deviam. O certo é que nem nós estavamos em estado de a requerer, e segundo me constou, tambem o novo governo não estava disposto a dar-nos cousa alguma. O caso porém foi, que a final recebemos o subsidio, e eu recebi o meu no largo do Conde Barão, e na mesma casa onde ainda hoje mora o Barão de Foscôa. Disseram-me que tanto este como o seu companheiro *Fonseca* haviam declarado ao governo que nada lhe pagariam, em quanto não satisfizessem o que se devia aos deputados. O certo é que recebemos essa divida, e se nos affirmou, que o have-la recebido era devido ás instancias, e declarações dos dois honrados caixas. Assim não quiz omittir aqui os seus nomes, porque actos de generosidade, e de honra, e com especialidade em taes épocas, a favor dos vencidos são mui raros, e bem poucas vezes se

Digitized by Google

encontram na vida, quando sobre esta carrega o peso da desgraça.

Meado de junho do anno de 1823 até ao fim de dezembro do anno de 1826.

Assim como o tinha promettido ao Intendente da Policia, assim o cumpri. Não me lembra em que dia deste mez; mas sei muito bem que foi na segunda feira, em que, passado o domingo, estivera na Intendencia, sahi de Lisboa ao amanhecer naquelle dia, a cavallo, e com um arrieiro tambem a cavallo, que me levava uma mala em que tinha mettido a roupa mais precisa para os primeiros dias. Fiz uma jornada a mais rapida que podia fazer; porque não me queria encontrar com o grosso do cirio que vinha chegando de Traz-os-Montes, commandado pelos Silveiras, e que vinha buscar a Lisboa não só as honras do triunfo, porém os interesses materiaes, como hoje se chamam na lingoagem moderna. No primeiro dia fui dormir adiante de Rio-maior no logar que se chama *alto da Serra*; no segundo adiante de Pombal, cousa de uma legoa; e na manhã do terceiro me achei em Coimbra, tendo felizmente escapado aos incommodos que receava, apesar de já ser obrigado a passar por entre a vanguarda dos vencedores, que já encontrei em grande força em Condeixa, onde eram recebidos entre arcos de flores, e no meio dos maiôres applausos e vivas!

Fui apear-me na praça á casa de meu cunhado, a quem pedi fosse immediatamente dar parte da minha chegada ao Corregedor, que era natural das visinhanças de Coimbra, e se bem me lembro de Cantanhede, e se chamava Pedro Henriques. Apresentei-me a elle quasi á noite; e delle recebi toda a cortezia, que nem sempre se encontra em os nossos chefes de justiça, quando se lhes apresenta um homem, como eu, na desgraça do governo.

Digitized by Google

Elle já sabía o que se exigia de mim por communicações recebidas de Lisboa, e por isso foi escusado dizer-lhe a razão porque alli me achava, e vinha residir em Montesão. O que simplesmente lhe disse foi: — que esperava me fizesse o favor, quando houvesse alguem que me quizesse culpar de transgredir as ordens do governo, de não proceder contra mim sem me ouvir; porque eu já d'alli lhe dava a minha palavra de honra, que viviria o mais socegado possivel, e que nem por palavra nem por obra faria cousa que podesse offender o governo: em uma palavra, que havia de cumprir á risca o que convinha á minha situação, na conformidade do que de mim se exigia.

Cumpri á risca a minha palavra, e o Corregedor tambem se houve sempre mui leal e cavalheiramente comigo, porque apesar de ter havido alguem que me quizesse malquistar, imputando-me actos que nunca fiz, tambem elle nunca fez caso dessas miseraveis denuncias, e me deixou não só viver tranquillo e socegado, mas até consentio, que se ampliasse um pouco mais o sitio do meu desterro como ainda direi.

No mesmo dia em que cheguei a Coimbra, fui dormir a Montesão em casa de minha irmã. É bem de imaginar com que alegria abracei as minhas duas irmans D. Maria e D. Catharina, que havia perto de dez annos não tinha visto, porque na minha volta de Inglaterra tinha sempre permanecido em Lisboa. Meus irmãos Francisco e Luiz me vieram tambem logo ver, e me considerei mui contente de me ver no meio da minha familia, e de ter por meu desterro uma boa situação que era a casa e quinta de Montesão, que collocada á borda da estrada que vai para a Figueira, e a meio quarto de legoa distante de Coimbra, se estendia até ás margens do Mondego. Meu irmão Luiz queria que eu fosse passar com elle alguns dias na sua casa da Tapada, a uma legoa distante de Coimbra, e situada entre os rios Ceira e Mondego; mas como o local do meu desterro era positivamente Montesão, não me resolvi a satisfazer-lhe a vontade sem con-

sultar o Corregedor. A este foi fallar logo meu irmão, e elle com toda a bondade consentio no seu pedido, com tanto que todas as vezes que me ausentasse de Montesão o partecipasse ao Escrivão da correição, para que sempre alli se soubesse o logar em que estava no caso que de Lisboa viesse alguma ordem a meu respeito. Assim tive mais esta prova da bondade do Corregedor, e se alongou mais o terreno do meu desterro; com esta faculdade ora estava em Montesão, ora na Tapada, e tanto em um como em outro sitio a minha principal occupação era passear a cavallo, na Tapada por montes e valles, e em Montesão pelos deliciosos campos do Mondego, que no verão são encantadores.

Em todo este tempo não visitei, nem recebi visitas de ninguem, nem puz os pés em Coimbra, e o mais que fazia era quando estava em Montesão ír pela estrada até ao Rocio de Santa Clara, dar alli duas voltas e tornar para casa. Em um destes meus passeios encontrei casualmente Manoel de Serpa, que nunca mais tornei a ver; e nos passeios que fazia pelas margens do Mondego encontrei algumas vezes Thomaz de Aquino que por alli andava caçando; e foram estes os unicos dois meus antigos collegas com quem fallei por momentos, apesar de haver quem fosse dizer ao Corregedor que eu tinha communicações e fazia clubs com pessoas suspeitas; o que felizmente nunca acreditou, e veio a saber ser uma calumnia.

Além dos parentes e visinhos que me vinham visitar e a minha familia, creio que nunca recebi visita de pessoa alguma estranha além de duas, o actual Secretario da Universidade, o Conselheiro Vicente José de Vasconcellos, antigo conhecimento da minha familia, e de um inglez, casado em Coimbra com uma senhora *Campos*, que vinha muitas vezes passear pelas visinhanças da casa em que estava, e me dizia que aquella habitação e quinta muito lhe agradavam, porque se pareciam um pouco com as casas de campo inglezas. A visita deste inglez era-me sempre muito agradavel, porque me dava noticias do mundo

Digitized by Google

politico de que eu estava completamente fóra, e me dava para ler as gazetas inglezas.

Nos tempos em que ía estar na Tapada em casa de meu irmão Luiz, só vi uma vez um meu antigo conhecido, João Freire Salazar, que indo para a sua casa perto da Louzã, ficou uma noite comnosco. Tambem em quanto alli estive nunca sahi fóra da freguezia, e só por duas vezes, e por poucos dias, fui estar com meu irmão, e cunhada no Fiscal onde era a casa della. Assim ninguem teve uma vida mais regular do que eu tive durante o meu desterro.

Communicações por escripto só as tive constantes e regulares com aquella senhora da Beira, de quem já fallei, e que procurou a minha correspondencia. Por ella é que ía sabendo o que se ía passando entre nós; e como a politica ainda dos mais exaltados da farça de Villa-Franca ía tomando nova direcção, e se começava a fallar em uma nova ordem de cousas. El-Rei, como tambem já disse, tinha promettido, ainda estando em Villa-Franca, uma *Carta* apropriada ás luzes do seculo, e esta Carta havia sido annunciada pelo então Conde de Palmella com toda a pompa de expressões que ordinariamente emprega quem não tem tenção de cumprir o que promette. E isto é o que succedeo, porque passado pouco tempo o mesmo Ministro Palmella annunciou ao publico com igual luxo de lingoagem, que a tal Carta já não convinha, e que em vez della se convocariam os Tres Estados do Reino, que eram e só podiam ser os garantes, e mantenedores da nossa liberdade, e com os quaes se tinha creado a monarchia, e com elles se havia augmentado, e representado uma brilhante figura no mundo. Tudo isto, e que nunca se verificou, annunciou o Ministro Palmella sem escrupulo algum de consciencia, conservando-se Ministro, e como disposto a annunciar tudo o que se lhe mandasse, com tanto que continuasse a ser Ministro. Esta versatilidade politica, e esta indifferença pelo que o mundo diria ácerca do seu caracter co-

Digitized by Google

mo homem de Estado, só se poderia encontrar em um ministro portuguez!... Um ministro inglez, deixava logo o seu logar, pedia a demissão, e não tinha coragem para assim abater o seu caracter politico á face da Europa! Assim o fez Pitt, quando vio a necessidade da curta paz de Amiens.

Mas não só por este modo se fez que El-Rei faltasse á sua palavra, no que elle indifferentemente consentio, mas esse mesmo ministerio, que tanto abusava da paciencia dos portuguezes, começou a dar largas a uma perseguição não só estupida, mas brutal, creando *devassas*, ou consentindo que se creassem, para perseguir os que, *como elles*, tinham jurado a Constituição, a tinham servido, e enchido as barrigas á sombra della!

Entre todas as perseguições dessa época a mais memoravel pela sua immoralidade e bruteza foi a que se fez em Coimbra, e de que eu fui espectador no tempo do meu desterro. Armaram-se em *denunciantes* os discipulos contra seus mestres por terem nas suas lições inculcado o governo constitucional, e a obediencia á Constituição; e uma das victimas que mais soffreo foi meu irmão Francisco Freire de Carvalho, hoje Conego da Sé Patriarchal de Lisboa, com carta de Conselho. Era elle nesse tempo professor de Historia e Geographia na Universidade de Coimbra, e por tal modo o perseguiram, com testemunhas assalariadas dos seus *proprios discipulos*, que foi preso, perdeo a Cadeira, e por fim de alguns mezes de prisão, desterrado para um pequeno Convento na costa do mar, não longe da Ericeira, chamado Penna firme. Eu, escrevendo, entre outros successos, o que se passou nessa época em Coimbra, disse no meu *Ensaio Politico sobre as causas que prepararam a usurpação do Infante D. Miguel*, o seguinte em pag. 29, 2.ª edição: — « Tão monstruosos pareceram este e outros processos, que formavam o corpo daquella horrorosa *devassa*, que se mandou ella depois recolher, e trancar! O ultimo acto do poder absoluto e despotico! quando para salvar a re-

Digitized by Google

putação de seus esbirros e algozes, até priva as victimas do direito natural de se poderem queixar contra seus proprios assassinos, roubando-lhes o corpo de seus publicos delictos! »

Em todo este anno de 23 vivi mui socegado e tranquillo, até 30 de Abril do anno seguinte de 1824, em que o Infante teve o arrojo de conspirar contra seu pae, e o pretendeo desthronar. Tanto que tive noticia deste acontecimento puz-me logo em cautela, porque não duvidei de que me podesse tambem chegar a mim alguma porção das medidas tyrannicas, que já se haviam tomado contra varias pessoas. Eu nas Côrtes ordinarias tinha votado contra a mãe, e o meu voto foi que se lhe impozesse a lei que já se tinha imposto ao Patriarcha, que não tinha querido jurar a Constituição. Mas felizmente aquelle attentado se mallogrou, e eu tornei a ficar no meu antigo socego. Passei o resto deste anno sem nenhum incommodo, conservando sempre o meu modo de vida ordinario, e o mesmo me aconteceo no anno de 1825, até que no fim delle tive uma partecipação do Corregedor em que me dizia estava findo o meu desterro, e podia pedir passaporte para ir para onde quizesse. Estava a esse tempo minha cunhada D. Roza a banhos em Buarcos, e meu irmão Luiz tinha vindo a casa por negocios domesticos; pedio-me, que em logar delle fosse á Figueira para conduzir sua mulher, accrescentando, que até esta viagem me faria bem, porque daria mais exercicio ás pernas que até alli havia tido meio-agrilhoadas. Acceitei a commissão que me dava, parti para a Figueira e Buarcos, e acompanhei minha cunhada para casa, com uma circumstancia que nos tinha podido ser fatal; porque vindo embarcados pelo rio Mondego acima, no meio delle houve de repente uma enchente tal, ou como por lá se diz uma *cheia* tão forte, que com o maior trabalho e perigo podémos desembarcar no porto chamado de Montesão, onde minha irmã tinha a sua casa, e eu o logar especial do meu desterro.

Digitized by Google

Chegou o anno de 1826, e em 10 de Março deste anno morreo El-Rei D. João VI quasi de repente, e com todas as suspeitas de haver sido ajudada a sua morte, como diziam os nossos antigos, com *peçonha*. O caso é que ninguem duvidou nessa época reconhecer, como herdeiro da corôa, seu filho D. Pedro, porque foi acclamado como tal; e sem que os mesmos *honestos* miguelistas de hoje reclamassem, se mandou partecipar esta noticia a D. Pedro, e de caminho foi uma deputação em que entrava, segundo me recordo, o *Duque de Lafões*, para o comprimentar como novo Rei portuguez, com o titulo de Pedro IV.

A morte d'El-Rei renovou esperanças e projectos para uma nova mudança politica, mas quando nisto se pensava, chegaram as segundas vias dos despachos do Rio de Janeiro, pelos quaes se soube que D. Pedro não só acceitava e assumia temporariamente o titulo de Rei de Portugal, mas dava a seus novos subditos uma Carta Constitucional, da qual tambem chegaram alguns exemplares. Era isto, segundo me lembro, nos principios de Julho de 1826.

Estas noticias começaram a fazer logo variar as cabeças dos absolutistas, e amigos de D. Miguel, porque foram mal recebidos pelo governo que ainda havia entre nós depois da morte d'El-Rei, ao passo que o povo todo, em geral, as recebeo com a maior alegria e enthusiasmo. Nós então, os bons portuguezes leaes aos principios de liberdade, podiamos ser comparados ao naufragante, que livre de um naufragio, em que tinha estado em perigo de perder a vida, se via em uma praia, onde se dava por feliz de achar uma simples cabana de pescador em que se abrigasse, bem que não encontrasse a bella casa em que já tinha vivido. Quem desde logo se mostrou defensor da nova Carta foi o hoje Duque de Saldanha, que estando no Porto como Governador Militar, a fez logo publicar, e escreveo em Julho de 1826 á Infanta para que sem demora fizesse o mesmo. Saldanha

Digitized by Google

deo logo nessa occasião a demonstrar a sua pouca firmeza de caracter; porque tendo começado aqui em Lisboa a sua carreira politica com bem máos agouros para a liberdade, mudou felizmente, para melhor, as suas opiniões, e fez bons serviços nesta crise. Já elle tambem tinha escripto ao Conde de Barbacena, mas nem este, nem os seus collegas tinham feito caso da sua recommendação, e não se publicava aqui em Lisboa a *Carta*, e até della se mandavam publicar extractos infieis para a desacreditarem.

Por boa fortuna tinha chegado a Lisboa, mandado por Saldanha, o Coronel Pizarro, que morreo Barão de Saborosa, o qual, de certo, muito tinha concorrido para a notavel conversão politica do mesmo Saldanha; e como visse a hesitação, e pouca ou nenhuma vontade, que mostrava o governo em cumprir com as ordens do Rei, concordou com os commandantes dos corpos da guarnição de Lisboa, que se lhe fizesse uma representação a este respeito. Fez-se ella, e foi assinada pelo Conde de Lumiares, Marquez de Valença, Henrique da Silva, e os Tenentes Coroneis Lemos, Manoel Vaz, Jeronymo Pereira de Vasconcellos, e outros mais officiaes. Na Gazeta de 16 ou 17 deste mesmo mez de Julho se publicou este documento. Tambem por pessoa bem instruida nos negocios desse tempo sube, que Saldanha estava disposto a marchar sobre Lisboa com a força necessaria para a execução prompta de todas as ordens que haviam chegado do Rio de Janeiro!... prova, de que a espada tanto faz como desfaz!...

Em quanto porém tudo isto assim se passava, chegou com as primeiras vias dos despachos, e com o autographo da Carta Constitucional Sir Carlos Stuart, que havia estado na côrte do Rio de Janeiro como *plenipotenciario* d'El-Rei D. João VI! Então cessaram todas as duvidas, e todas as incertezas, e a *Carta* foi promulgada, destinado o dia para o seu juramento, e as ordens recebidas completamente se cumpriram.

Digitized by Google

Por esse tempo estava eu mui descançado no meu desterro da quinta de Montesão, só com algumas idéas confusas do que se tramava em segredo, e entregue aos meus sonhos politicos, que se reduziam a estar capacitado de que havia de haver uma mudança, e para melhor, mas sempre incerto como ella se operaria. No meio destes meus sonhos me appareceo a visitar-me um amigo antigo, que eu ainda não tinha visto durante a minha estada alli: este amigo era Joaquim Maria de Andrade, Lente de Mathematica, que quasi me morreo nos braços em Londres para onde se havia retirado como emigrado; e do qual já dei noticia no Livro 3.° dos meus Annaes da Usurpação. Este foi quem me levou a boa nova de termos uma *Carta Constitucional*, dada por D. Pedro, e da geral alegria que este acontecimento havia produzido em Lisboa, e estava produzindo em Coimbra, aonde eu fui no dia seguinte, e presenciei a alegria e enthusiasmo com que em geral alli se havia recebido esta noticia.

Achando-me livre nas minhas acções, e um pouco mais consolado de ver que as sementes da liberdade que eu tinha ajudado a lançar á terra, não tinham morrido, e íam tomando raiz, bem que ainda um pouco definhadas, aproveitei-me da occasião em que dois amigos meus íam para a Figueira, e fui com elles, e lá estive cousa de um mez sem mais outro intento do que divertir-me. Voltando a Coimbra, recebi cartas do meu irmão Francisco que se achava em Lisboa, e que depois de preso e desterrado havia achado bom acolhimento em El-Rei, e no novo ministerio de *Barradas* e *Lacerda*, que haviam succedido ao de Pamplona e Palmella, nas quaes me convidava a ir para Lisboa. Para me obrigar mais a ir para lá dizia-me, que alguns amigos me pediam igualmente isso, e entre elles me nomeava Agostinho José Freire, e D. Francisco d'Almeida, hoje Conde de Lavradio, e que então era Ministro na Regencia da Infanta. Pelo tempo adiante vi que nenhum destes dois individuos era meu verdadeiro amigo; e fui obrigado a cortar com elles to-

Digitized by Google

das as relações. A Agostinho José Freire conhecia eu do tempo das Côrtes de 23, que havia sido nellas meu collega, e a D. Francisco conhecia-o desde París, onde me havia encontrado com elle no anno de 1821, quando voltei de Inglaterra para Portugal, e em tempo em que elle se mostrava mui affeiçoado á revolução do anno de 20, que depois, como outros muitos, guerreou, porque não satisfez seus interesses, não alcançando della o que desejava, e com especialidade, se bem me lembro, a agencia diplomatica de París. Em consequencia destas cartas de meu irmão Francisco resolvi logo ir para Lisboa.

Entretanto que não ía para Lisboa, presenciei o alvoroço e interesse que tomavam em Coimbra e suas visinhanças as eleições dos eleitores que haviam de nomear os novos deputados que se haviam de eleger em Viseu, como cabeça do circulo eleitoral daquelle districto. A todas estas intrigas e pertenções fui completamente indifferente, porque achando-me naquella occasião reduzido á classe de *proletario*, como hoje quasi estou, isto é sem uma renda de quatrocentos mil réis, para poder ser deputado, e nem mesmo então eleitor, porque não tinha renda alguma que me conferisse a honra de cidadão activo ou passivo, não tomei interesse algum pelas diversas pertenções, e até opiniões dos que estavam dispostos a entrar nesta nova lide politica: todos trabalharam á sua vontade, e eu me mostrei sempre um mero espectador. Mas assim é que se governa o mundo! um homem como eu, conhecido como escriptor publico depois de muitos annos, e que ainda havia bem pouco tempo tinha sido deputado, só porque lhe faltavam alguns tostões, tinha perdido o direito de cidadão activo, isto é, não podia tornar a ser eleito deputado! Exactamente o que hoje me acontece! Depois de ter sido por quatro vezes representante do meu paiz, uma em 1822 e 23, a segunda em 1834, e as duas ultimas na revolução chamada de Setembro, hoje acho-me privado de direitos, que já por quatro vezes exerci; e perdi, por assim dizer, a minha

Digitized by Google

capacidade intellectual e politica pela incapacidade *monetaria!* Com effeito, não é bem verdadeira a minha maxima de que o homem é o animal mais ridiculo de toda a creação?...

Principio do anno de 1827 até aos fins do anno de 1828.

No primeiro de Janeiro do anno de 1827 sahi de Coimbra para Lisboa em companhia do meu sempre constante amigo João Freire Salazar, e de seu primo Jeronymo Colaço, que na emigração foi morrer de doença no Porto depois de para alli ter ido de França, onde sempre estivera durante o seu desterro da patria. No primeiro diá fui dormir á quinta das Pontes, de Jeronymo Colaço, e d'alli todos tres partimos para Lisboa. Passados poucos dias depois de alli ter chegado, fui procurar D. Francisco d'Almeida á sua Secretaria, que me recebeo com todas as demonstrações de antigo conhecido, e me fez os offerecimentos os mais rasgados, e taes como de ordinario fazem todos os homens, que não tem tenção de os cumprir. Toda esta primeira entrevista se passou nos comprimentos ordinarios, e não fallámos em negocios. Prometti-lhe que em poucos dias voltaria, e então tratariamos do que me dizia respeito. Assim o fiz; e perguntando-me o que me conviria naquella occasião, eu que nunca tive vistas ambiciosas, e o que sempre desejei foi viver o mais possivel socegado e independente, respondi-lhe; que os meus desejos eram ter alguma cousa em que me empregasse, e em que podesse ser util ao estado em que estavam os nossos negocios politicos; e o que no emtanto me lembrava era ser empregado na sua Secretaria dos Negocios Estrangeiros, onde já tinha servido por pouco tempo no ministerio de Silvestre Pinheiro. O que eu queria era ter occupação em que senão exigisse de mim gran-

Digitized by Google

de responsabilidade, e que ao mesmo tempo me deixasse gosar de socego, o que eu mais desejava na vida.

Ficámos nisto, não me mostrando que tivesse difficuldade alguma a minha modesta pertenção. Em consequencia disto procurei-o mais algumas vezes, afim de ver se ella se realisava, ou tinha alguma inconveniencia; e o que comecei a encontrar nelle foram palavras dubias e incoherentes, dizendo-me sempre que *esperasse*, e que em breve se resolveria o meu negocio. Desde logo entrei a conhecer o homem com quem tratava, e a desconfiar delle; e por fim disto plenamente me convenci, quando por ultimo me disse, que se precisavam fazer na sua Secretaria algumas mudanças, e que no emtanto fosse fallar com o Ministro da Justiça.

Eu que sou, e sempre fui paciente, comecei, comtudo, a enfastiar-me destas trapaças, que já olhava como taes, mas para que não parecesse que turbava, como se diz, de repente, e querendo mostrar-me sempre prudente, fui fallar com o outro Ministro. Era elle em uma segunda nomeação de ministerio pela Infanta, Luiz Manoel de Moura Cabral; porque o primeiro ministerio, que ella nomeára, havia sido composto dos individuos seguintes: — Saldanha para Guerra; Trigoso para o Reino; Barradas, interino para a Justiça; Hermano Braamcamp para a Fazenda; D. Francisco d'Almeida para os Negocios Estrangeiros; e Quintella para os da Marinha.

Recebeo-me muito bem o Ministro da Justiça Moura Cabral, e foi muito mais sincero comigo do que D. Francisco d'Almeida, porque logo me disse com toda a franqueza, que desejava muito empregar-me, mas que por ora não era possivel, porque por nenhum modo se queria que eu figurasse em cousa alguma nesta ordem de cousas, por ter sido deputado nas Côrtes da revolução de vinte, que se procurava fazer esquecer, substituindo-lhe uma cousa que elle suspeitava, e para a qual viam que eu não servia. Que o meu maior inimigo era *Trigoso*, de quem D. Francisco d'Almeida era mais do que pupilo, porque era

seu *obedientissimo* servo. Comtudo, que *esperasse*, e que ficasse certo de que nelle sempre acharia quem advogasse os meus interesses, porque conhecia o muito que eu sempre tinha trabalhado a favor da liberdade, e isto tambem sempre com muita moderação e prudencia. Eu agradeci-lhe os seus bons desejos, e o modo leal com que me tratava, accrescentando, que desistia desde já de todas as minhas pertenções; não queria, nem pedia nada, e não mais o tornaria a incommodar com as minhas visitas; o que executei, acabando por uma vez de frequentar toda a nova gente que então dirigia os nossos negocios, e que os ía dispondo para o resultado que depois tiveram.

Foi Trigoso um dos grandes hypocritas politicos dos nossos tempos; porque absolutista no coração, foi deputado nas Côrtes constituintes, ajudou a fazer a Constituição, e a jurou sem escrupulo; tornou a jura-la nas Côrtes ordinarias como deputado; quiz nesse tempo ter relações comigo; procurou-as, e teve-as; e depois com a mesma impassibilidade de espirito acceitou a missão de ser um dos membros da factura da nova Constituição promettida por El-Rei, falseando o juramento que tinha dado á que se acabava de annullar, e de tratar como impia; e por fim declarando-se por meu inimigo, e impedindo que eu figurasse, ainda em logar bem subalterno, em a nova ordem politica; e tratando-me de exaltado, e até *de irreligioso*, por ter fugido á constante e pertinaz perseguição que se me fazia, havia dois annos, indo refugiar-me em Inglaterra. Este homem era um dos nossos chamados devotos, batia nos peitos nas igrejas; *jurava e perjurava* com a maior serenidade de consciencia ora a favor do branco, ora do preto; ora era constitucional, ora absolutista quando assim convinha aos seus interesses; e até para os cumprir, se lhe fosse necessario, juraria o mesmo *alcorão*, se o Grão-Turco de Constantinopla aqui o viesse promulgar como *Carta* religiosa e politica.

Em conformidade do novo plano dos que governavam em nome da Carta, nomearam-se os novos deputados, com

Digitized by Google

recommendação que não fossem dos homens de 20, que se davam como exaltados e perigosos; e se abriram as novas Côrtes, que tímidas e irresolutas nada fizeram, nem cousa alguma podiam fazer. A divisa da época era a *moderação!* e com esta moderação é que se começou a abrir o caminho para a vinda de D. Miguel, o homem destinado para vir cortar a arvore da liberdade em Portugal, antes que ella creasse raizes.

Entretanto as revoltas em Traz-os-Montes e no Algarve e Alemtejo íam tomando força, porque agora o que se pretendia era annullar tudo o que D. Pedro tinha ordenado como Rei; e para isto se executar preparava-se tudo para que viesse D. Miguel como Regente, por isso que ainda senão podia negar abertamente que D. Pedro fosse o Rei legitimo. Para isto se realisar começou-se a disputar a quem pertencia a Regencia na falta do Rei; toda a gente sensata era de opinião que, segundo a Carta, e independentemente da nomeação que já tinha, e do exercicio em que estava da mesma Regencia, só á Infanta D. Isabel Maria é que ella pertencia; mas a facção era sempre pertinaz em teimar que pertencia a D. Miguel.

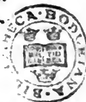
Por este mesmo tempo adoeceo gravemente o General Saldanha, que tinha ído para o Alemtejo com uma força respeitavel, e o seu logar de Ministro da Guerra se deo por muito boa fortuna interinamente ao Marquez de Valença. Quiz a facção absolutista aproveitar esta occasião, e o novo estratagema a que recorreo foi nomear Lord Beresford commandante em chefe do exercito portuguez como d'antes havia sido. Este inglez já se achava em Lisboa, para onde tinha vindo com instrucções do seu governo. Porque este, conforme a sua habitual e constante hypocrisia politica, não se queria oppor abertamente ás ordens de D. Pedro, porém indirectamente ía manejando as cousas para que elle chamasse o irmão para Portugal, e o nomeasse Regente, para assim o ir dispondo para os successos futuros. O governo inglez queria, em uma palavra, tirar toda a influencia no governo de Portugal a

Digitized by Google

D. Pedro, para melhor e á sua vontade aqui o governar, como depois de tantos annos estava costumado a fazer.

Por boa fortuna, como já disse, era o Marquez de Valença Ministro da Guerra interino; e logo abertamente se oppoz a esta nomeação, na qual teimava *D. Francisco d'Almeida*, que era Ministro dos Negocios Estrangeiros. O mesmo Saldanha declarou, tanto que soube o que se passava, que se tal nomeação se fizesse, elle não tornaria a entrar no Ministerio da Guerra, e até não servia mais como militar. Quem de certo o mantinha nestas boas disposições era o Coronel Rodrigo Pinto Pizarro, que tinha a seu cargo a primeira direcção dos negocios da guerra, e havia sido, como sempre depois foi, o seu *anjo da guarda* para que não cahisse em muitos outros precipicios, em que no futuro cahio, quando o não teve a seu lado para lhe dar a mão. Assim unido nos mesmos sentimentos com o Marquez de Valença fez uma forte opposição a Lord Beresford; e até escreveo a este respeito uma Memoria importante e energica, que foi lida á Infanta Regente para que não approvasse tão absurda pertenção. Assim, pela forte opposição do Marquez de Valença e de Rodrigo Pizarro se paralisou esta intriga, formada pela facção liberticida, apoiada com especialidade por D. Francisco d'Almeida, a qual tinha por primeiro fim acabar com a influencia de Saldanha, e collocar-nos novamente debaixo da espada ingleza, para melhor se apressar a vinda do usurpador, que era já o grande plano interno e *externo* para derribar a *Carta*.

Todas estas intrigas, que eu estava vendo, por tal fórma me tinham enfastiado, que comecei a aborrecer-me de estar em Lisboa, e estava determinado a voltar para Coimbra, e alli annullar-me inteiramente, sem mais me importar com os negocios do tempo, que tão nebulosos para o futuro já se me começavam a representar. Nesse tempo a casa que eu constantemente frequentava com alguns amigos, que alli íamos lamentar a desgraçada sorte que nos estava ameaçando, era a de Ignacio Pizar-



Digitized by Google

ro, irmão do honrado Visconde de Bobeda, que morava na rua da Figueira, junto ao Chiado. Alli, o dono da casa, eu, e os mais amigos tinhamos assinado uma Representação a D. Pedro, em que se lhe expunham as intrigas que se formavam para que seu irmão viesse ser Regente, e se lhe pedia, que por nenhum modo consentisse em tal, porque ía visivelmente arriscar a sua Corôa, assim como a de sua filha D. Maria da Gloria. Era esta uma segunda representação, que se lhe mandava por pessoa particular, que de boca lhe expozesse tambem o que se passava, por que já outra no mesmo sentido lhe tinha sido enviada por Saldanha, mandando para este feito, um homem capaz, que era o Capitão *Praça* que depois desgraçadamente foi morrer emigrado em França. *

Em uma noite em que eu me ía despedir do dono da casa e dos amigos que alli costumavam ir, um dos quaes era o bem conhecido mui jovial e erudito velho *Verdier*, disse-me Ignacio Pizarro — aqui esteve o Rodrigo, e recommendou-me que lhe partecipasse, que o General Saldanha muito lhe desejava fallar. Eu, que já tinha perdido o máo conceito que havia feito de Saldanha, ávista do bom uso que elle estava fazendo da influencia que tinha em a nova ordem de cousas em que nos achavamos, resolvi-me a demorar a minha sahida de Lisboa, e a ir-lhe fallar. Tinha elle voltado depois da sua doença a Lisboa, e tinha, sem que ninguem o esperasse, tomado como de *assalto* a sua Secretaria, com espanto de seus antigos collegas, e até do ministro inglez *Acourt*, que julgavam não tornaria a entrar no ministerio. Recebeo-me com toda a affabilidade possivel, e com toda aquella cortezania de cavalheiro que tem para todos, e disse-me, que muito me

* Quem quizer saber mais miudamente as intrigas desta época, póde ler, se algum exemplar tiver escapado do meu *Ensaio sobre as causas, que prepararam a usurpação de D. Miguel*, o que alli escrevi; porque em tudo ha verdade; e é o que eu vi, e presenciei, e o que depois mais particularmente li em um papel, que me communicou o proprio General Saldanha, hoje Duque do mesmo nome; o que senão hade negar.

Digitized by Google

desejava conhecer, e tinha para me propor um negocio, em que esperava eu o auxiliasse, porque conhecia os meus principios, e o muito que eu o podia auxiliar na perigosa crise em que estavamos. Eu não o conhecia, e nunca tinhamos fallado; e creio que por informações de Rodrigo Pizarro é que me quiz fallar, e ter pessoal conhecimento de mim. Depois de me expor com toda a franqueza qual era a situação em que estavamos, annunciando-me cousas que eu já sabía, e muitas outras particulares que eu ignorava, disse-me: tudo parece encaminhar-se para um resultado fatal, que é a perda da liberdade, e irmos cahir nas mãos de D. Miguel, que já bem tem mostrado o que é, e o que virá a ser, se por uma triste fatalidade D. Pedro consentir que venha a ser Regente. Quem para este fatal resultado está especialmente concorrendo é a Gazeta de Lisboa, dirigida debaixo da influencia do Official-maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, *Rademaker*. Eu, pelo menos, quero desde já quebrar este instrumento de que se serve a facção para corromper a opinião publica; e neste apuro de circumstancias pedia mui encarecidamente ao Sr. Liberato quizesse, ainda que fosse por pouco tempo, incumbir-se da redacção deste papel. Eu fiquei pasmado com esta proposta, porque a não esperava, e era diametralmente opposta aos meus principios; e por isso respondi-lhe: — Sinto não poder condescender com o que V. Ex.ª me pede, com especialidade por duas razões: a primeira, porque eu não vendo as minhas opiniões a ninguem, e não escrevo a soldo de pessoa alguma, qualquer que ella seja; e em segundo logar, porque ainda, apesar da Carta, não temos liberdade de imprensa, erro imperdoavel que tem commettido os nossos deputados. A estas minhas razões respondeo Saldanha: Que quanto á censura, os meus artigos não haviam de ser censurados, e podia escrever o que quizesse, pois sabía muito bem em que sentido havia de escrever, porque, pela fórma, havia de ter um censor particular que senão havia de intrometter no que eu escrevesse. E quanto ao

Digitized by Google

ordenado, não me destinava nenhum, e por *este meu* favor teria por fim a recompensa que pedisse, e que fosse compativel com o meu merecimento e circumstancias.

A ouvir-lhe estas razões occorreo-me uma idéa, e disse-lhe: — pois neste caso lembra-me uma cousa; eu já fui official, ainda que por bem pouco tempo, da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, e ainda ha pouco se me negou esse emprego, que eu julgava não se me poderia recusar, e se me recusou por miseraveis intrigas; se V. Ex.ª póde fazer com que eu tenha immediatamente este emprego, vou desde já incumbir-me da redacção da Gazeta. Esta é actualmente propriedade dos officiaes daquella Secretaria, e como um dos proprietarios vou redigi-la sem mais salario do que o de um simples official ordinario, e sem escrupulo, porque escrevo em um papel que é meu. O que só quero é, que por ora todos os meus trabalhos se limitem aos de redactor da Gazeta, sem me ir pôr em contacto com o Official-maior.

Saldanha approvou a minha idéa, e declarou-me, que não havia difficuldade alguma em se me conceder o que eu pedia, e que dentro de dois ou tres dias seria nomeado Official de Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Por este modo ficámos concordes; e me despedi delle, que morava então na calçada de Santa Anna, com todas as demonstrações de reciproca cordialidade, como se fossemos amigos depois de muito tempo.

Tudo se concluio como estava ajustado; fui immediatamente nomeado Official de Secretaria sem que houvesse o mais pequeno embaraço; incumbi-me da redacção da Gazeta contra a vontade dos que se tinham até alli mostrado meus inimigos politicos, e até do Official-maior Rademaker, que me quiz negar as gazetas estrangeiras. Mas todos estes obstaculos em um momento se removeram; tal era a influencia que nessa época tinha Saldanha no espirito da Infanta! Eu tinha morado até alli em uma hospedaria no Caes de Sodré, e por uma casualidade me tinha mudado para outra que então dirigia o meu bom

Digitized by Google

amigo *Pedro Paes da Costa*, intitulada a *Romana*, amigo que alli felizmente fui encontrar, e que desde aquelle tempo até hoje o tem sido com uma lealdade e affeição que é difficil encontrar, e taes, que não tenho expressões com que as possa manifestar; tamanhas ellas tem sido! Nesta hospedaria fui ganhar outro amigo, José Frederico Marccos, de quem o fui sempre até á morte delle, acompanhando-o até á sepultura, e ajudando a levar até lá em meus braços o seu cadaver. Não estava elle então em boa fortuna, e Pedro Paes da Costa m'o recommendou para que o empregasse na redacção da Gazeta, que até alli só era redigida por mim sem ter ninguem que me ajudasse. Fallei logo a Saldanha para que me permittisse convida-lo para me ajudar, e elle sem difficuldade me concedeo o que lhe pedia, promettendo-me que, quando podesse, daria logo emprego certo ao meu ajudante, pois que era moço de merecimento, segundo eu lhe dizia.

Comecei logo a escrever no estilo costumado, sempre honesto e decente, porém forte e energico; e o caso foi que resuscitei a Gazeta que até alli quasi ninguem lia, e a tornei popular e bem quista de todos os amantes da liberdade. Mas os nossos negocios internos começavam a peiorar, e apesar de toda a energia de Saldanha a facção triunfava, e elle se vio no estado de dar a sua demissão, porque a Infanta assustada pelos receios que lhe inspiravam os facciosos, e pela certeza de que seu irmão lhe vinha tirar a regencia do reino, cedeo a tudo que della se pretendia, e assim sacrificou a liberdade e o socego do paiz ás malevolas intenções dos estupidos portuguezes, que preferiam o absolutismo á dignidade de homens livres, á qual a Carta Constitucional os tinha elevado.

Forçado Saldanha a dar a sua demissão, desfez-se o antigo ministerio, no qual não tinha querido entrar Palmella, dizendo, que não acceitava senão com a condição de ser *primeiro ministro*, e ser *excluido* Saldanha!...

Olhem os meus leitores que eu não escrevo mentiras;

Digitized by Google

escrevo a verdade; * e é preciso que se pintem os homens taes quaes tem sido, porque a historia não deve ser aduladora, nem servil. Na composição do novo ministerio entrou o *historico* Conde da Ponte daquella época, e chamo-lhe historico pela notavel figura que então representou. O povo sensato da capital, tanto que teve noticia de que Saldanha se havia demittido, ficou consternado, e por tres dias e tres noites, que se denominaram das *archotadas*, esteve na maior inquietação, pedindo que se lhe não désse a demissão. Deixaram-no desafogar, entretendo-o com esperanças e frivolas promessas, até que se publicou officialmente a nomeação do Conde da Ponte. Então o povo começou a ajuntar-se na praça do Commercio, e este ajuntamento causou tanto susto ao novo Ministro, que sem proclamação alguma, nem ordem para que se retirasse, foi elle Ministro em pessoa carrega-lo com a espada na mão! Nesta barbara empresa teve por socios homens, que depois se viram obrigados a emigrar para escaparem ás prisões ou ás forcas de D. Miguel! Assim estes imbecis, que assim estavam chamando o tyranno, e servindo um dos seus instrumentos, por bem pouco não estiveram no caso delle os premiar como mereciam pela sua má cabeça, ou, não digo bem, pela sua falta de caracter, e solidez de principios.

Acabada que foi esta civica batalha da praça do Commercio, então o *absolutismo* vencedor, entregou-se resoluto a todo o seu instincto de servidão e bruteza cruel. Abriram-se devassas em todos os bairros da capital, e annunciou-se officialmente, que por um *triz* senão proclamára a republica! e que, portanto, era necessario prevenir tamanha calamidade! Nesta scena feroz e burlesca não podia deixar de representar o novo redactor da Gazeta de Lisboa. Eu tinha escripto artigos apropriados ás nossas circumstancias, e com aquelle vigor e independencia que sempre tenho mostrado em meus escriptos; po-

* Veja-se o meu Ensaio historico já citado.

rém aquelle que mais tinha ferido a nova gente que governava, era um que escrevi sobre a *opinião publica*, sua influencia, e seus effeitos; o resultado pois que se seguio foi o ver-me em um dia excluido da redacção da Gazeta, e logo no seguinte demittido de Official de Secretaria. Não quiz esperar pela terceira admoestação, porque conhecia muito bem com que classe de individuos lidava, e não podia ser outra senão a *prisão*. Não lhe quiz dar esse gosto, e tomei logo as minhas medidas para não cahir nas garras do leão. Era um dia de manhã, disse ao meu amigo Pedro Paes, que me arranjasse alguma roupa que alli tinha, e a mettesse em um bahú, e que na minha volta á noite me tivesse apalavrado um gallego, que não fosse das visinhanças, para me levar o meu pequeno trem, porque eu já não dormia aquella noite em sua casa.

Fui d'alli direito, e já por travessas que não fossem muito frequentadas, á rua da Quintinha, onde então morava meu irmão Francisco, contei-lhe o que se passava, e que naquella mesma noite me ía pôr em logar seguro, do que a seu tempo lhe daria noticia. Dado este primeiro passo fui ter com um amigo, que era o negociante Ricardo José Duarte, que morava na rua dos Fanqueiros, expuz-lhe a situação critica em que estava, e pedi-lhe me quizesse recolher em sua casa, ao menos por alguns dias, porque eu já naquella noite não dormia na hospedaria em que estava. Este bom amigo com toda a boa vontade me respondeo, que me recolhia, e desde logo me considerei seguro e livre das vinganças dos meus inimigos.

Concluidos que foram estes preliminares, sendo já noite fechada, tornei á hospedaria, o meu bom amigo Pedro Paes tinha já tudo disposto como eu lho tinha pedido, e então lhe disse que fizesse o favor de me acompanhar, e eu, elle, e o gallego com o meu bahú fomos direitos á rua dos Fanqueiros, e entrei no meu porto de salvação, a casa do meu amigo Ricardo. Já era tal a confiança que eu tinha em Pedro Paes que não tive difficuldade

Digitized by Google

alguma em lhe dar a saber o logar e casa em que me ía refugiar. Tambem elle correspondeo bem ao bom conceito que já fazia da sua probidade e amisade com que me havia até alli tratado; porque passado logo um ou dois dias foi ter com elle um ajudante da Intendencia, o *Neto*, e lhe offereceo um avultado premio em dinheiro, e um emprego, para que dissesse para onde eu tinha ído, ou onde estava. Este honrado amigo deo-me logo a grande prova do seu caracter leal e verdadeiramente *nobre*, recusando todas as promessas que se lhe faziam para me entregar, e dizendo, que eu lhe havia pago o que lhe devia pela minha hospedagem, e que havia sahido da sua casa sem lhe dizer para onde ía. Por mais instancias que lhe fez, não pôde tirar delle outras palavras. Assim esta primeira prova de honradez me deo a conhecer que eu tinha adquirido um verdadeiro amigo, cuja amisade tem durado até o dia de hoje 27 de Março de 1854 em que escrevo estas linhas, e em consequencia da qual tenho sempre recebido mui valiosos serviços, e as provas mais convincentes de que no mundo ainda ha almas *nobres* e honestas, em que a desgraça, ou a má fortuna se podem plenamente confiar. Entre dois grandes amigos, sempre leaes e constantes, que tenho encontrado na minha longa carreira da vida, Pedro Paes da Costa é um delles. Eu já fiz menção, como devia, do seu nome no meu *Ensaio sobre as causas que prepararam a usurpação de D. Miguel* em pag. 114.

Entrei em casa do meu amigo Ricardo José Duarte, que me recebeo como se diz, com os braços abertos, e me tratou em quanto alli estive com todo o carinho, e attenções de bom amigo. Depois de lá estar sube que estava *pronunciado*, e que em uma lista, que o Intendente *Bastos* dera ao Visconde de Santarem, um dos novos Ministros, á meia noite do 1.º de Agosto deste anno de 1827, e lista que se compunha de 140 individuos, era eu o primeiro culpado que nella ía. Entre muitos nomes, que com o meu figuravam naquella denuncia, achavam-

Digitized by Google

se tambem o do ex-ministro Guerreiro; do desembargador Leitão; do Conde d'Alva, filho; de Rodrigo Pinto Pizarro; do Arcebispo d'Elvas; e de outros muitos mais individuos bem conhecidos nessa época.

Ao mesmo tempo o Ministro, o dos Negocios Estrangeiros, Conde da Ponte, deo um insigne testemunho da cabeça que tinha, e do medonho vulto, que eu nella lhe fazia, porque em *uma Nota* aos ministros estrangeiros partecipou — que o redactor da Gazeta, que nem mais nem menos *era eu*, que escrevo estas linhas, tinha sido demittido! Foi como eu já escrevi no meu Ensaio, uma partecipação que fez aos seus alliados de que tinha vencido uma grande potencia! Assim todos os governos da Europa, que então estavam em boa harmonia com Portugal, receberam esta alegre noticia, e não sei se mandaram pôr luminarias. Ora diga-se agora, que um homem, tão notavel como eu, deve ser taxado de vaidoso por escrever as Memorias da sua vida!...

Para desviar todas as pesquizas que era natural se fizessem para me agarrarem, porque sabía que havia ordem para me prenderem, escrevi pára Londres, e mandei um artigo como de quem alli acabava de chegar, no qual expunha o que me tinha acontecido, e todos os mais successos que se tinham passado antes da retirada de Lisboa. Pedia pois que alli se imprimisse e publicasse em um periodíco, intitulado — o *Padre Amaro*, que eu sabía vinha para aqui. Assim se executou, e creio que foi este o motivo, porque me não constou que se fizessem diligencias para saber onde estaria escondido.

Depois de estar algum tempo em casa do meu amigo Ricardo, como visse que não podia deixar de lhe causar algum incommodo, porque a casa não tinha muita capacidade para conservar um hospede na minha situação por muito tempo, lembrei-me de mudar de asylo, e de procurar o de um homem, que depois de largos annos se dava por meu amigo, e esse mesmo, que passados outros muitos annos, mostrou, como ainda direi, que o não era.

Digitized by Google

Pareceo receber-me com muito gosto, e para lá me mudei, sendo especialmente recebido por sua excellente e virtuosa mãe como se fosse um dos seus filhos. Estava esta boa senhora já em idade avançada, e completamente cega; eu fazia-lhe companhia, lia-lhe muitos livros de que ella gostava, e os meus dias se íam passando em aquella nova mansão mui quietos, e livres de todo o receio. Mas os negocios politicos cada vez mais tomavam peior figura, e o que mais se receava era a vinda de D. Miguel, da qual já senão duvidava. Passava-se isto nos fins do anno de 1827; e eu não me atrevia a tomar resolução alguma antes da vinda do homem que muito se temia, por ser já bem conhecido o seu caracter, e pelas poucas esperanças que havia de o ter mudado.

Chegou emfim D. Miguel em Fevereiro do anno seguinte de 1828, mez, no qual tambem perdi um bom parente, Francisco Freire de Macedo, meu primo com-irmão, e Desembargador da Relação de Lisboa, magistrado integro, e que senão morresse tão cedo, occuparia hoje um dos primeiros logares da magistratura actual. D. Miguel mostrou logo as tenções com que vinha: completou a usurpação; e o descontentamento se manifestou tambem logo em muitas partes do reino, e com toda a energia, bem pouco depois na cidade do Porto. As prisões dos que eram suspeitos de não adherir á usurpação começavam a se fazer; e eu tambem comecei a olhar para a minha situação com mais particular attenção.

Sabia muito bem, que a casa em que estava era vigiada pela policia, e que bem podia acontecer que houvesse alguma visita domiciliaria, o que com effeito aconteceo, quando eu já lá não estava; e além disto na mesma escada, e nas sobre-lojas, morava um escrivão que não tinha bom nome; em consequencia disto que sabia, resolvi-me a mudar quanto antes de habitação. Como depois de muitos annos conhecesse umas mulheres costureiras, que moravam sós, e eram pessoas em quem me podia fiar, procurei saber se me poderiam receber, e ir

refugiar-me em casa dellas, porque era o logar menos suspeito que podia escolher, para não cahir nas mãos dos meus inimigos. Assim que tive a certeza de que me podiam receber, e o faziam de muito boa vontade, mudei-me logo, sem mais esperar um momento para casa dellas. Moravam então em máo sitio; porque era perto do Campo de Santa Anna, e quasi defronte do Convento do Desterro, pertencente aos frades Bernardos. Assim mesmo não hesitei, fiz de noite a minha mudança, e achei-me na companhia das duas boas mulheres em uma casa mui pequena, em que apesar disso me arranjei o melhor que pôde ser. Mas isto acontecia já por fins do mez de Maio, e julguei que era preciso mudarmos de casa porque estava dando incommodo ás minhas hospedeiras. Para isso comtudo havia difficuldades, mas era preciso vencel-as. A primeira era que se tornava necessario pôr escriptos na casa, seguia-se o vir gente vê-las para as alugar, e como me havia eu de occultar aos visitantes? Por felicidade a casa tinha sobre a escada um grande armario, em que podia estar sentado commodamente, e esconder-me nelle quando viesse algum curioso. Assim acontecia; quando alguem batia á porta, ía-me logo metter no meu covil, e a quem perguntava de que servia o armario, respondia-se-lhe, que para trastes velhos, e para cousas de nenhuma importancia. Por boa fortuna minha ninguem teimou em querer ver o armario, e desta primeira difficuldade escapei, apesar de haver quem alugasse a casa. Achou-se outra mui proxima com o espaço necessario para eu alli estar sem muito incommodo das minhas senhorias, porém ainda muito mais proxima aos meus visinhos frades Bernardos. Era emfim chegado o fim de Junho, e era preciso fazer a mudança em um tempo que tudo eram festas a D. Miguel, e que mesmo em frente da porta da casa, d'onde devia sahir, se faziam grandes fogueiras a S. Pedro com grandes danças e cantigas ao novo Rei Miguel. Não havia remedio, era absolutamente preciso desalojar no ultimo de Junho, e como o havia eu

de fazer, sendo-me preciso passar pelo meio das fogueiras, e das folganças que as acompanhavam? As mulheres, que tem expedientes para tudo, ainda nos casos mais difficeis, propozeram-me um meio que não tive remedio senão acceitar. E foi elle que me vestisse com um dos seus vestidos, e de capa e lenço na cabeça sahisse sem temor no meio dellas. Assim, tal e qual, aconteceo; arranjaram-me como poderam, e eu sahi são e salvo daquelle perigo; ninguem attendeo para mim, tão entretidos todos estavam no seu brinquedo, e entrei sem máo encontro em a nova casa que tinhamos alugado. Foi um novo e bem curioso incidente entre os muitos que me tem acontecido na vida.

Na minha nova casa estava eu muito á larga, e a meu commodo; e só o que mais me atormentava eram as risadas que davam os frades, que muito bem ouvia, e as cantigas do *rei chegou*, que de manhã até á noite me cantava uma mulher que vivia nas lojas. Assim mesmo considerava-me livre de perigo, e o que mais cuidado me dava era o resultado que teria a revolução do Porto, da qual ía sabendo a marcha por um *padeiro* visinho, muito constitucional, e que dava as noticias que havia ás minhas duas mulheres de quem elle era amigo. Eu estava determinado a não tomar resolução alguma sem ver o que a final fazia o Porto; no caso de resistir tencionava conservar-me em Portugal, mas quando o resultado não fosse feliz, estava decidido a ir-me immediatamente embora sem esperar mais um momento. Emfim chegou a solução desse desgraçado impulso politico, dado contra a usurpação, bem conhecido por todos, e eu não hesitei um momento em tomar a minha ultima resolução. Escrevi immediatamente ao meu amigo Ricardo José Duarte, em cujas mãos tinha ainda algum dinheiro, resto das minhas economias, e pedi-lhe que me tomasse um logar no primeiro paquete que fosse para Inglaterra. Felizmente, passados poucos dias, estava um a sahir, e respondeo-me, que me aprompetasse para partir, e que me recommenda-

Digitized by Google

ria ao capitão. Deixei sem demora a casa das minhas hospedeiras, e em um dia á noite fui ter á casa onde já tinha estado, e onde ainda tinha alguma roupa, para d'alli fazer a minha retirada. Tudo isto foi obra de poucos dias; e feitos todos os meus arranjos, o meu amigo Ricardo disse-me, que havia de ir a casa de um seu amigo que morava em Buenos-Ayres, onde encontraria o capitão do paquete, a quem já estava recommendado, e com elle iria para bordo. Dei parte ao meu novo amigo Pedro Paes da Costa da minha partida para Inglaterra, e elle em um dia á noite veio buscar-me em uma sège, e foi comigo para Buenos-Ayres.

Lá encontrei o capitão, que me recebeo muito bem, e me prometteo ser-me util em tudo o que delle precisasse, o que bem cumprio; e despedindo-me do meu amigo Pedro Paes fomos nessa mesma noite para o paquete, e me achei emfim livre do todo o perigo nos dominios inglezes. Encontrei lá alguns emigrados, que faziam a mesma viagem, e pelos mesmos motivos, os quaes todos me conheceram, bem que eu não conhecesse pessoalmente nenhum. Era isto quasi pelos fins de Novembro do anno de 1828. Sahio emfim da barra o paquete, e fizemos uma viagem feliz até Falmouth, onde desembarquei com os meus companheiros. Estava contentissimo, porque estava em terra conhecida, e que fôra sempre, e ainda hoje é, muito da minha affeição; e porque já me tinha dado asylo e hospitalidade em outra crise perigosa.

Fim do anno de 1828 até quasi ao fim do anno de 1833.

Achando-me em Falmouth era a minha tenção tomar um logar em algumas das diligencias que iam para Londres, porque sempre preferi viajar por terra a viajar por mar. Mas em o numero dos meus companheiros do pa-

quete encontrei um individuo, ainda de pouca idade, que me disse ser filho do Conde de Sabugal, e que ía para casa do Marquez de Palmella. Elle estava pouco endinheirado, e tão pouco que, tomando-lhe affeição, lhe adiantei algum dinheiro para acabar a viagem, dinheiro, que Palmella me restituio briosamente. Sabendo as minhas tenções veio pedir-me, que fossemos antes por mar para Londres, porque era muito mais barato, e estava a partir para lá um excellente vapor. Condescendi com o seu pedido, e embarcámos com effeito no tal vapor. Esta condescendencia porém ía-me sahindo fortemente cara, porque em a noite de 7 para 8 de Dezembro tivemos uma tão rija tempestade no canal, que a não ter acalmado, davamos necessariamente á costa ou do lado de Inglaterra ou de França. Assim que me vi livre deste perigo, disse ao capitão do vapor, que me pozesse em terra no porto mais proximo, e que eu lhe dava o importe da passagem até Londres. Não teve o capitão difficuldade em me fazer o que lhe pedia; e como o porto mais proximo que tinhamos era Portsmouth, alli me desembarcou com grande prazer meu. De Portsmouth tomei a diligencia para Londres, e lá cheguei em poucas horas são e salvo.

Chegado que fui a Londres, fui logo direito a casa do meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho, que morava aiada na sua antiga casa, muito minha conhecida, no City Road, Alssofo's Terrane, e que me recebeo com os braços abertos por me ver alli livre dos perigos a que me tinha visto exposto, e por ter tomado o conselho de sahir de Lisboa, o que elle me tinha mandado dizer que fizesse. Como então tivesse em casa uma familia muito sua conhecida, não podia eu ficar alli a dormir; alugou-me nas visinhanças um *Lodgin*, simplesmente para dormir, e disse-me, que para o mais estava todos os dias aberta a sua casa, onde eu devia almoçar, jantar, tomar chá, e emfim estar como se fosse em minha propria casa. E assim começou logo a acontecer; eu ía dormir ao

quarto que tinha alugado, e de manhã, depois de fazer a barba, de me lavar, e vestir, ia para casa do meu amigo, onde estava todo o dia, e alli lia, escrevia, recebia quem me visitava, e em uma palavra, vivia como se fosse em minha propria casa, sem constrangimento nem etiqueta de fórma alguma, e como se fosse um membro da familia; o que sempre assim me aconteceo em todo o tempo que durou a minha emigração.

Já a esse tempo estava em Inglaterra, e no deposito do Plymouth, essa briosa e valente tropa que, desamparada de *proposito*, e *systematicamente* por homens que eram *instrumentos* da politica ingleza, tinha ainda, no meio da sua infelicidade, encontrado um verdadeiro portuguez, uma alma corajosa, e um espirito verdadeiramente liberal e incorruptivel, que se incumbio de seus destinos, e tomou a nobre resolução de a livrar das garras do tyranno, salvando-a de mil perigos, até a levar á Inglaterra. Este verdadeiro portuguez foi o illustre Brigadeiro *Joaquim de Sousa Pizarro*, que morreo Visconde de Bobeda, o qual, auxiliado por dois homens, não menos resolutos, nem menos portuguezes o ajudaram a levar ao cabo tão difficil e arriscada empresa. Estes dois homens, cujos nomes bem é que nunca a historia esqueça, eram seu irmão mais velho, o Brigadeiro Gaspar Pizarro, e o joven, sempre valente e honrado, Major Bernardo de Sá Nogueira, que ainda hoje vive com o titulo de Visconde de Sá da Bandeira. Acabei de dizer, que esta nossa tropa, primeira pedra do grande reducto que se formou contra a usurpação de D. Miguel, fôra de *proposito*, e *systematicamente* desamparada! Entre muitas provas que o tempo deo desta verdade, bastará citar esta, que não é equivoca, nem se apresenta disfarçada. Em uma gazeta portugueza, que se publicava em Plymouth, quando a tropa alli estava, gazeta, que se dizia ser redigida pelo *Padre Marcos* debaixo do titulo do *Portuguez emigrado*, e que era escripta debaixo da influencia de Candido José Xavier, então o commandante do deposito,

Digitized by Google

escreveo-se litteralmente o seguinte: — « Que as cousas do Porto tinham acabado como deviam acabar! porque não das armas, porém da cooperação da politica Europea é que se devia esperar toda a mudança em os negocios de Portugal. » Então querem-no mais claro? Eis-aqui pois o que Palmella foi fazer ao Porto, tendo artes para ligar a esta politica o sempre voluvel Saldanha!

Tinha-me esquecido dizer que assim que cheguei a Londres me fui apresentar a Palmella, que então alli figurava como o primeiro agente dos nossos negocios, e a quem não tinha tornado a ver desde 1821 na occasião da despedida, quando sahi de Londres para Lisboa. Recebeo-me muito bem, e me apresentou ao Secretario da nossa Legação José Balbino, que morreo Visconde de Tilheiras, e que eu já conhecia desde 1814, época da minha primeira estada em Inglaterra, e com quem depois sempre vivi em boa amisade até á sua morte, e de quem tambem recebi confidencias curiosas, porque elle teve muita parte na gerencia dos negocios da emigração. Disse-me Palmella, que receberia subsidios com os mais emigrados, o que acceitei, porque não era um favor particular, mas uma medida geral, que se havia tomado em beneficio de todos os emigrados.

Nesse tempo tratava-se da grande questão dos destinos da nossa tropa emigrada, e que se achava no deposito de Plymouth. Os inglezes estavam a ponto de dissolver o deposito, fazendo sahir os soldados e voluntarios portuguezes de Inglaterra, ou dispersando-os pelas provincias. O Marquez de Palmella, como seu fiel instrumento, e determinado a levar ao fim a manobra do Porto que tão cobarde e torpemente tinha executado, fazia todas as diligencias para que aquelles fieis patriotas se resolvessem a ir para o Rio de Janeiro; mas elles firmes na sua lealdade se recusavam, e diziam, que iriam para toda a parte menos para o poder de D. Pedro, que tinha *mutilado* metade da patria, e ainda em cima para o conseguir tinha mandado *varar* soldados portuguezes, e a outros co-

Digitized by Google

berto de insultos, sem mesmo ter pejo de o fazer como portuguez, e até como Principe, à quem Portugal todo cabia por herança! Palmella que via esta honrada resistencia, mas que não tinha coragem para resistir a seus amos, os inglezes, e até mesmo ao novo Imperador do Brasil, que queria lá esses mesmos portuguezes, que já tinha insultado, para que agora lhe servissem de apoio contra a má vontade dos brasileiros, que começava a conhecer; * quiz ainda ver se por bons modos os podia persuadir a que fizessem aquella fatal viagem. Para esse fim mandou-lhes de Londres dois missionarios a Plymouth para ver se os convertiam; e foram estes José da Silva Carvalho, e Rodrigo da Fonseca Magalhães; mas nada conseguiram, porque prégaram no deserto; e a nossa boa gente se conservou firme no seu proposito.

Palmella como visse tamanha resistencia, e talvez para desviar de si a grande responsabilidade em que ficava por querer privar a Rainha deste poderoso apoio que tinha na Europa, só para condescender á desleal politica do governo inglez, e com as ambições pouco paternaes de D. Pedro, resolveo-se emfim, ao menos pela fórma, a expor o que se passava a Lord Wellinghton chefe do ministerio, o que fez em uma Nota official com data de 2 de Janeiro do anno 1829. O governo inglez teimou em não consentir que a nossa gente fosse para a Ilha Terceira, e respondeo resolutamente, que o impediria; o que, assim mesmo, não assustou a nossa gente, que deo á véla para lá no dia 6 deste mesmo mez em quatro navios mercantes, commandada por Saldanha, de quem já se queriam desfazer, por verem o arrependimento que mostrava pela tristissima figura, que lhe haviam como obrigado a fazer na vergonhosa scena do Porto.

Todos sabem o fim que teve essa expedição; e como

* Em uma Historia contemporanea do Brasil, escripta pelo doutor Constancio, e que eu já citei em uma nota no fim do meu 1.º vol. dos Annaes da Usurpação, está bem claro o que aqui digo. Não invento; refiro factos.....

a deslealdade ingleza se houve para com ella, impedindo, que os emigrados fossem para uma terra *ainda sua*, e que não estava no poder do usurpador, deslealdade e injuria, que portuguezes degenerados, e que nos tem governado, tem engolido sem sequer, ao menos, mostrarem, que as sentiam, que as sentem, e nunca lhes póde esquecer! Felizmente na expedição iam dois homens energicos, e que poderam dirigir a volubilidade de Saldanha; e esses dois homens eram os dois Pizarros, o velho commandante dos briosos, que se retiraram pela Galiza, e Rodrigo Pinto Pizarro, os quaes provavelmente foram os que deram o bom conselho de irem pedir hospitalidade aos francezes; e como alli foram generosamente recebidos, e como com igual generosidade ahi foram tratados, direi logo; porque é preciso que diga primeiro como a Ilha Terceira ainda era nossa.

Por um desses actos de intrepidez, coragem, e resolução, acto, que só per si caracterisa um homem, se tinha conservado a Ilha Terceira. Lembrando, ainda que tarde, de a ir soccorrer para não cahir no dominio do usurpador, como já tinha cahido a Madeira, foram nomeados, ou se offereceram alguns individuos para irem senão soccorre-la, ao menos anima-la a que se conservasse fiel. Por boa fortuna estava lá de guarnição o batalhão 5.º de caçadores, e tinha por commandante o brioso major *Quintino*, que havia podido conserva-la em o nosso partido. Como em Inglaterra estivesse ainda a fragata brasileira em que a Rainha viera para a Europa, nella embarcaram para a Terceira os dois irmãos Cabreiras, o General Diocleciano Leão Cabreira, e Sebastião Drago Cabreira com muitos officiaes tanto de patente como inferiores, e um só paisano, que era o medico José Gomes Bracklami. Quando alli chegaram tão más informações acharam do estado da Ilha, e da pouca probabilidade de se poder conservar por muito tempo, que quasi todos começaram a recear de desembarcarem. Então o resoluto General Diocleciano disse para os seus companheiros: —

Digitized by Google

pois eu desembarco! e vou unir-me a esse valente batalhão 5.º, que é digno de ser animado na sua fidelidade. Quem quizer acompanhar-me, siga-me! Seis homens só, e resolutos como elle, o seguiram, que foram: — O medico José Gomes Bracklami; o alferes de cavallaria 12, Jorge Vanzeller; o tenente de infanteria 7, José Maria Taborda; o alferes de cavallaria, Narciso de Sá Nogueira; o capitão de milicias de Lagos, Bernardo Mendes da Costa; e o tenente de cavallaria 12, D. Vasco Guterres da Cunha, que quinze dias depois se arrependeo, e sahio da Ilha.

Por esta fórma o General Diocleciano Cabreira se poz a par do venerando Brigadeiro Joaquim Pizarro, qne já tinha salvado parte dos *Penates* da liberdade, conduzindo-os pela Galiza para Inglaterra! Estes dois grandes nomes, que só depois mereceram algumas tardias contemplações dos nossos governadores, em quanto largamente se tinham com caracteres insignificantes, ou cousa ainda peior, foram as duas grandes columnas que sustentaram o edificio constitucional, para que não desabasse até aos tres milagrosos dias de Julho de París de 1830, que o firmaram, e annunciaram a futura quéda do usurpador, acontecimento, sem o qual era inevitavel a nossa escravidão, como ainda a seu tempo farei ver na continuação destas Memorias.

A nossa gente, desembarcando em França, foi alli recebida com os braços abertos, e para que assim acontecesse muito concorreram duas causas; a primeira, Sir Hide de Neuville ministro da marinha, e que bem conhecia já D. Miguel, porque estava em Lisboa na famosa *abrilada* de 1824; e a segunda, não reconhecer o governo francez o reinado de D. Maria II, apesar de ter em Paris homens que se diziam ser seus representantes, e que eram oppostos á vinda da nossa gente para França. A elles respondia o governo francez, que não reconhecia senão um General, que com a sua tropa tinha vindo pedir hospitalidade a França. E como este Gene-

Digitized by Google

ral era Saldanha, teve elle então occasião para prestar grandes serviços á gente que commandava, e á causa que defendia.

Em quanto as cousas íam acontecendo estava eu em Londres, e começava a examinar como os nossos negocios alli corriam. Fui ao principio muito bem recebido pelos emigrados que alli estavam; e como pela direcção de alguns de bom nome alli se publicava um jornal, intitulado o *Paquete de Portugal*, não me recusei a escrever alguns artigos para elle, que de certo não o deshonraram. Vendo porém em pouco tempo que a politica que seguia não era conforme com os meus principios fixos e inalteraveis, e parecendo-me muito mal como se apoiava a politica de Palmella, com especialidade, o empenho que tinha havido em mandar para o Brasil a nossa gente, e o desgosto que tinha causado a sua vinda para França, que para mim era um acontecimento felicissimo; entrei desde logo não só a não escrever mais para o *Paquete jornal*, mas até a retirar-me da convivencia dos seus cooperadores, e mais individuos, que faziam parte da sua sociedade. D'aqui devia acontecer o que depois aconteceo, e o que gradualmente foi tomando mais vulto; isto é, ser eu considerado como homem que não era da confraria, e não bebia pela mesma taça do licor politico, que então se ministrava a estomagos sempre promptos a digerir todo o alimento que se lhes dá. Quem então ministrava essa larga taça de licor politico, sempre accommodado ás vistas dos nossos inimigos, que nos queriam pôr debaixo do cutélo de D. Miguel, era Palmella, que figurava de primeiro agente nos negocios de Portugal por parte da Rainha. Tinha a sua côrte na casa em que residia, e nella estava sempre rodeado de mil cortezãos, entre os quaes figuravam nomes notaveis da revolução de 1820, que o aconselhavam, apoiavam, e não sei se serviam como criados do Paço. Ora é bem de ver, que eu não era homem capaz de entrar em tão alta companhia; e por consequencia nunca a frequentei, e deplorava em

Digitized by Google

segredo porque fatalidade o Creador tinha dado tão voluveis consciencias a algumas das suas creaturas!....

Achando-me, como por assim dizer só, e fóra de toda a politica dominante, concentrei-me comigo mesmo. Tinha levado para Inglaterra o meu manuscripto da traducção dos Annaes de Tacito, ao qual já tinha um verdadeiro amor de pae, e não podia largar; e tencionava dar-lhe uma vista mais pausada, o que pela minha vida sempre atribulada nunca tinha podido fazer com verdadeiro socego de espirito. A época em que com mais vagar e mais attenção o tinha examinado havia sido no tempo do meu desterro em Coimbra, e só então é que o pude conferir com os dois traductores francezes *Dureau de la Malle*, e *Gallon de la Bastide*, porque devo confessar, que o meu primeiro trabalho só se concluio ávista dos commentadores latinos, que foram com especialidade *Brottier*, e *Oberlino*. Apenas tive então ávista uma traducção hespanhola, cujo nome me não recordo, e nunca a consultava senão depois de feita a traducção de um paragrafo a meu modo. Ou boa ou má não é traducção de alguma franceza; porque nenhuma vi senão já muito depois de ter concluido o meu trabalho.

Quando estava neste proposito recebi uma carta do meu amigo João Pedro Aillaud que estava em França, e alli era livreiro acreditado, o qual me dizia, que constando-lhe, que eu tinha uma traducção portugueza dos Annaes de Tacito, lhe dissesse se a queria vender, porque estava determinado a manda-la imprimir por sua conta. Ora no estado em que estava, como emigrado, ter uma ajuda de custo, quando menos o esperava, era para mim uma grande fortuna; assim, bem que visse que o meu trabalho merecia uma séria revisão; respondi-lhe, que de mui boa vontade lhe acceitava o seu offerecimento, e o que só me pesava era não ter ainda a perfeição que lhe desejáva dar. Que apesar disso lhe remetteria o manuscripto, que o mandasse examinar por pessoa competente, e com especialidade o mostrasse a Silvestre Pi-

Digitized by Google

nheiro; e se as pessoas que o vissem, o julgassem digno de ser impresso, ahi o punha á sua disposição. Quanto ao preço, que me désse o que entendesse; porque era o verdadeiro juiz na materia, e além disso era meu amigo, e estava certo de que neste negocio se havia de haver comigo como tal. A resposta foi, que os votos eram que se imprimisse, e que me dava por elle *mil francos*, preço que julgava racionavel tanto para mim como para elle. Como é bem de crer acceitei a offerta, como se diz, com ambas as mãos, e em bem pouco tempo recebi os mil francos, que naquelle tempo eram uma grande fortuna para mim. Eis-aqui como se imprimiram os meus *Annaes*, e o que me obrigou a não ser muito escrupuloso em consentir que se imprimissem, sem lhes dar uma ultima revisão, como estava disposto a dar-lhes.

O governo inglez, e Palmella seu instrumento, tinham ficado altamente desgostosos da vinda da nossa gente para França, e do agasalho que alli tinha recebido, e continuava a receber. Era um transtorno muito sensivel que tinha soffrido a sua politica, porque se conservava na Europa uma força que ainda podia incommodar D. Miguel, e por isso se buscaram outras artes para ver se esta força se inutilisava. O Marquez de Palmella, como homem que se dizia só encarregado dos negocios, chamados da Rainha, tirou o commando a Saldanha das tropas, que tinham vindo com elle para França, esperando talvez que esta mesma tropa perdesse o espirito de corpo, e se começasse por si mesma a debandar; e dado este primeiro passo entrou-se de novo a procurar todos os meios para ver, se a resolviam a ir para o Brasil: era esta a grande idéa, sempre fixa, sempre invariavel. Comtudo não houve artes, nem manejos que a podessem seduzir, nem alterar seus briosos sentimentos. Resistio sempre a tudo, e pelos mesmos motivos que já tinha dado...

Vendo-se a tenacidade com que resistia a todas as seducções, até ao pouco caso que della se fazia, porque nunca cousa alguma se lhe deo para a sua subsistencia,

Digitized by Google

lembrou-se Palmella de mandar a París um homem, que fosse bem capaz de examinar alli o que se passava, e ver se podiam haver novos meios de realisar o grande projecto. Este homem foi José Balbino, que indo ter com Saldanha, disse-lhe, que os desejos de Palmella eram que tornasse a embarcar, e partisse com a tropa para o Rio de Janeiro. O Conde, e o General Pizarro, immediatamente lhe declararam, que não íam, nem davam ordem aos emigrados para embarcar; accrescentando porém ao mesmo tempo, que por nenhuma fórma influiriam para que não fossem. Queria-se a todo o custo que não existisse na Europa um obstaculo que *difficultasse* as negociações com D. Miguel; porque era sabido que já antes tinha havido, quando a tropa ainda estava em Plymouth, quem á boca cheia dizia a quem o queria ouvir: — *que nada se podia fazer em quanto em Plymouth estivesse reunida tanta canalha!* Tambem se tinha espalhado, não sei se com verdade, que um individuo, que muito havia figurado na regeneração do anno de 20, havia aconselhado Palmella a que fizesse com o governo inglez que nos levasse a Portugal *com Carta, ou sem ella!!!*

Como José Balbino visse que nem Saldanha nem Pizarro estavam destinados a embarcar, houve conselho entre elle, o Conde de Villa-Real, e Candido José Xavier sobre o que naquelle caso conviria fazer. Decidiram, que se mandasse a Londres *D. Luiz de Noronha*, empregado na Legação de París para que informasse com verdade Palmella do que na realidade se passava. D. Luiz chegou a Londres em 20 de Março deste anno, e o resultado da sua missão foi levar ordens a José Balbino para desistir da commissão, a que tinha ído. Haverá um mez que o mesmo D. Luiz de Noronha, que depois daquella época tem servido em algumas missões diplomaticas, me disse na casa em que isto estou escrevendo: — « que depois de muitas razões que tinha dado a Palmella, lhe lembrára a responsabilidade em que ficava de teimar na partida dos emigrados para o Brasil, porque dava a enten-

der que de proposito queria tirar á Rainha o unico apoio, que tinha na Europa contra o usurpador do seu throno, que eram aquelles leaes portuguezes! E que então se decidíra em um conselho do Marquez de Barbacena, ministro brasileiro, e Palmella, que emfim não se insistisse mais na viagem da tropa para o Brasil. E disse-me mais o mesmo D. Luiz de Noronha, cousa que eu ignorava, e até não tinha noticiado nos meus Annaes, que quem mais teimava em que os emigrados fossem para o Rio de Janeiro, era Candido José Xavier, que estava determinado a ir para lá, talvez com esperanças de alli ser o commandante da tropa, que D. Pedro tambem lá queria, para com ella se fortificar contra as más intenções que já ía descobrindo nos brasileiros.» A este mesmo Candido José Xavier se attribuia o dito: — *que Saldanha era mais perigoso á frente da canalha, do que D. Miguel á frente dos Silveiras!*

Em todos os manejos que se faziam em París para tirar toda a influencia a Saldanha, tanto no espirito da tropa como no do governo francez, que só com elle queria tratar, tinha Palmella um devotissimo instrumento em D. Francisco d'Almeida, que hoje tem o titulo de Conde de Lavradio. Entre este e Saldanha chegou a haver um desafio, que não teve más consequencias.

Entre todas estas intrigas me conservava sempre retirado em Londres, vivendo, por assim dizer só comigo, e escrevendo. Alli escrevi o meu *Ensaio Politico sobre a Constituição, e governo do reino de Portugal*, livro, que depois foi reimpresso em Lisboa no anno de 1843. O que deu motivo a este meu escripto foi o seguinte. O meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho em casa de quem estava, instava constantemente comigo para que escrevesse alguma cousa contra o governo inglez, que tanto mal nos estava fazendo, e sempre nos tinha feito com as falsas apparencias de boa amisade; porém a isto eu lhe replicava, que estando elle dando-me hospitalidade, não me parecia decente nem honesto escrever directamente

contra elle: que emfim, veria se o poderia fazer com certa decencia, sem mostrar, que directamente o queria atacar. Assim pois me lembrei de fazer uma especie de *Resumo* da Historia de Portugal, porque nelle necessariamente me havia de encontrar com os inglezes, e então não podia deixar de mencionar o que elles nos tinham feito, e ainda estavam fazendo. Com esta idéa, e com este proposito é que foi escripto o meu *Ensaio*.

Concluido que foi, lembrando-me, que o meu amigo Aillaud o quereria imprimir, como tinha feito ao Tacito, mandei-lhe para París o manuscripto para que o mostrasse a Silvestre Pinheiro, e sobre elle désse o seu parecer. Este foi favoravel, e em consequencia do seu voto Aillaud se determinou a imprimi-lo, não comprando-mo, mas dizendo-me, que feitas as despezas, repartiriamos os lucros. Concordei com a resposta: o Ensaio pela primeira vez alli se imprimio, e depois lá mesmo foi traduzido em francez pelo doutor Constancio, e igualmente impresso.

Como senão conseguisse o fim de obrigar a nova gente a ir para o Rio de Janeiro, foi ella indo, como se diz, á formiga para a Terceira, e a final foi em maior força com o Conde de Villa-Flor, hoje Duque da Terceira. A este deo-se o titulo de Governador e Capitão General da Ilha, e negou-se esta honra e recompensa ao homem, que a tinha salvado; e com o seu aspecto, sua resolução, e com o seu nome a tinha sabido conservar fiel, tranquillisando tudo dentro, mettendo respeito não só aos nobres, e clero que a queriam entregar ao usurpador, mas aos mesmos inimigos, que depois teve á vista, e nunca ousaram ataca-lo. Foi depois de tudo isto que D. Miguel conheceo a importancia da Ilha, porque ella ía a ser o deposito de todos os que se íam oppondo á sua usurpação. Lembrou-se então de a conquistar, e para este fim é que mandou uma grande expedição. Como ella falhou, é bem sabido de todos; mas o que é preciso que todos saibam, é que não foi aos talentos, nem boas disposições do Governador que se deveo este resultado feliz, mas á intre-

Digitized by Google

pidez dos homens que se queriam mandar para o Rio de Janeiro, e com a falta delles privar o throno da Rainha do seu unico apoio na Europa. Estes homens, a quem se deveo o triunfo das nossas armas contra as do usurpador, foram os *voluntarios*, que se haviam aggregado á tropa de linha; e é o mesmo Conde de Villa-Flor, que o confessou no seu officio de 15 de Agosto deste anno da 1829, dizendo: — « Toda a guarnição desta Ilha, officiaes, e soldados de todas as armas, se portaram, segundo as posições em que se achavam, como cumpria aos defensores da mais santa e generosa causa. *A principal gloria deste dia pertenceo porém aos voluntarios da Senhora D. Maria II. A narração exacta do seu comportamento, que acabo de referir, é o seu elogio; e quando factos proclamam a gloria de um corpo, todas as expressões são fracas e inferiores ao merecimento.* »

A Rainha, que por este mesmo tempo havia sido mandada chamar por seu pae para o Rio de Janeiro, recebeo esta agradavel noticia da victoria da Ilha Terceira ao embarcar no dia 27 de Agosto deste anno com a nova Imperatriz. Por estes mesmos dias chegou a noticia de ter o Imperador nomeado uma Regencia, para representar os direitos de sua filha, que era composta de Palmella como Presidente, do Marquez de Valença, e José Antonio Guerreiro.

Achava-me eu sempre em Londres, vivendo só comigo, e escrevendo, quando dois casos notaveis me aconteceram, nos quaes nunca poderia pensar tivesse occasião de figurar. O primeiro foi achar-me nomeado para executar uma missão *quasi diplomatica;* e outro, o de ser obrigado a entrar em uma empresa militar, e essa bem perigosa; porém estava escripto, que a minha vida, ao que parecia, ser só destinada para se passar obscura dentro de um claustro, tivesse emfim bem extraordinarios episodios. Foi o caso: o Marquez de Barbacena, que tinha acompanhado a Rainha para o Rio de Janeiro, havia sacado algumas lettras sobre o ministro brasileiro *Mat-*

Digitized by Google

tos a favor da causa da emigração, e que deviam ser cobradas e recebidas por Palmella, que era por quem se faziam todas as despezas. O ministro tinha pago sem difficuldade algumas, mas restava ainda uma de *cinco mil libras* que elle não queria pagar. Estava-se no maior apuro, porque, como se diz, não havia real. Estando eu pois mui socegado em casa do meu amigo, e sem relações algumas com a côrte, que rodeava Palmella, recebi um dia um bilhete de José Balbino, em que me dizia, que além do serviço da Rainha, e da causa em que estavamos envolvidos, quizesse ter a bondade de ir á casa da embaixada, porque tinha um negocio grave para me communicar.

Fiquei pasmado quando me propoz o negocio, porque era elle, nem mais nem menos, que fosse ver se conseguia do ministro brasileiro, que nos pagasse aquella quantia. Ora eu não tinha relações particulares de amisade com elle, conhecia-o, sim, e me tratava bem; mas para um negocio desta natureza parecia-me que era preciso mais alguma cousa. Expuz-lhe a minha difficuldade para entrar nesta negociação, e a todas as minhas respostas respondeo José Balbino, que pelo bem da causa devia fazer este sacrificio. Que a alguem tinha lembrado o meu nome, e que se tinha assentado em que só eu poderia conseguir do ministro aquelle pagamento, que era o unico recurso, que havia nas delicadas circumstancias em que nos achavamos. Nunca pude saber quem foi o que se lembrou de mim para esta negociação.

Com muita repugnancia acceitei emfim esta commissão, e me dirigi a casa do ministro Mattos, não querendo que se dissesse, que eu era um homem que nenhum sacrificio queria fazer a bem dos emigrados, e da Rainha. Feitos os cumprimentos do costume, não sabia eu como começasse a minha negociação; a final para lhe dar principio por um modo um pouco jovial, disse-lhe: dou uma noticia a V. Ex.ª de um caso bem singular, que me acaba de acontecer; deitei-me hontem pobre, e acho-me

Digitized by Google

hoje rico! sou possuidor de uma lettra de cinco mil libras, sacada pelo Sr. Marquez de Barbacena sobre V. Ex.ª, e presumo, que não hade deixar de honrar tão respeitavel nome como o do Marquez... O ministro olhou para mim, sorrio-se, e respondeo-me: conheço muito bem o estratagema a que recorreram; acharam bom padrinho... A isto lhe repliquei, tambem sorrindo-me: esta lettra é hoje minha; está na minha mão, e por uma rara casualidade podia chegar ao meu poder, e não tem V. Ex.ª motivo algum para deixar de m'a pagar, sendo o sacador pessoa de tanto respeito. Pois muito bem! digo ao Sr. Liberato, que lha pago, porque, como emigrado, tambem tem interesse no seu pagamento; porém declaro-lhe, que é uma fineza que lhe faço; porque muito o respeito. Agradeci-lhe com todas as expressões que pude este distincto obsequio, e elle então accrescentou: — hoje não lhe posso pagar senão metade desta quantia, mas dou-lhe a minha palavra, que em poucos dias pagarei o resto; e que para isso não é preciso que o Sr. Liberato torne a minha casa, porque eu mandarei á sua a ordem para este pagamento, o que lhe certifico debaixo da minha palavra de honra.

É bem de presumir a alegria em que fiquei em ser tão bem succedido nesta minha negociação; fui logo direito á casa da embaixada com o meu *cheque* ou ordem para receber as *duas mil e quinhentas libras*, e alli encontrei José Balbino, que me deo mil abraços pelo bom exito da minha missão. Passados poucos dias o ministro Mattos cumprio a palavra que me tinha dado, mandou-me a casa a ordem para o pagamento restante das outras duas mil e quinhentas libras, a qual fui immediatamente entregar a José Balbino. Como este negocio havia sido só tratado entre mim e elle, não quiz nem pretendi fallar a Palmella. O caso foi, que deste nem sequer recebi um *bem haja!* no que tambem nunca fiz reparo, bastante satisfeito por ter concluido um negocio que elle com todo o seu nome e auctoridade que tinha, não po-

Digitized by Google

déra conseguir. Deste meu bom serviço, que nunca ninguem me levou em conta, não posso dar hoje testemunhas, porque tanto José Balbino como o Marquez já não existem, mas existirá ainda o ministro *Mattos*, que poderá dar testemunho da minha verdade. É provavel, que nunca leia estas linhas que estou escrevendo, porém é dever meu declarar, que foi um distincto obsequio, que me fez, porque lhe fiquei sempre muito obrigado; e pelo qual muito estimo ter hoje occasião de mencionar o seu nome pelo seu modo de cavalheiro com que se houve comigo, fazendo-me tão honrosa distincção.

O outro caso notavel, que já acima indiquei, e que felizmente não teve resultado algum, e que talvez fosse bem fatal para mim, foi o seguinte: — Depois dos grandes dias de Julho de 1830 em que Carlos X perdeo o throno, pretendeo o general hespanhol *Mina* com outros seus compatriotas, que estavam em Inglaterra, fazer uma entrada em Hespanha pelo lado dos Pyrineos, afim de verem se na sua patria excitavam algum movimento contra o governo de Fernando VII, que cruelmente a opprimia. Mas como sempre acontece em taes empresas houve falta de união entre os pareceres como se devia executar aquella entrada. *Mina*, tinha emulos e invejosos, entre elles um nome tambem celebre, que era o Coronel *Valdez*. Este com a gente do seu partido, não combinando com os planos de Mina, vendo-se sem o apoio de muitos dos seus collegas, e que tambem lá tinha entrado com os homens da sua opinião, vio-se na necessidade de retroceder, e apenas pôde ajudar os seus emulos a igualmente retrocederem, e a não ficarem alli mortos ou prisioneiros. O General Saldanha, vendo este projecto dos hespanhoes, e lembrando-se que se fizessemos causa commum com elles podiamos tambem dar um grande impulso á nossa triste situação, quando podessemos entrar pela Galiza até ás fronteiras do norte de Portugal, resolveo com os mais portuguezes, que estavam em França, e com especialidade o Brigadeiro Joaquim Pizarro,

Digitized by Google

tentar esta atrevida empresa. Era porém preciso para ella dinheiro, e para isso foi a Londres para ver se obtinha alguma cousa dos nossos governantes, e particularmente de D. Thomaz Mascarenhas, que na época era o *caixa* de todos os subsidios, que pagava o Brasil. Não podendo conseguir senão desculpas, e apenas algumas boas palavras, recorreo a outra fonte mais segura, e sempre prompta a gastar o seu dinheiro a favor da liberdade. Esta fonte foi o meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho, que logo, sem hesitar lhe offereceo uma boa somma de dinheiro para se arriscar esta empresa que muito approvou. Poz porém logo uma condição, que *eu havia de ser o thesoureiro! e que ninguem havia de levar o dinheiro senão eu!* Ora eis-me aqui na triste alternativa, ou de prestar-me a fazer parte da expedição, ou a fazer com que ella se mallograsse por falta de dinheiro! Em tal posição, bem que perigosa, que devia eu fazer? Fiz o que me parecia ser o meu dever, e o que me pedia o caracter, que sempre tinha mostrado! arrostar tudo pela liberdade, que até alli sempre tinha defendido sem contemplações, nem recursos. Acceitei a commissão, e preparei-me para tudo o que podesse acontecer. Por desgraça para a causa, e felicidade talvez para mim, soube-se do máo fim que teve a tentativa de Mina, e do Coronel Valdez, e o nosso projecto ficou em cousa nenhuma. Era porém tal o enthusiasmo da nossa gente, que estava em França, para entrar nessa empresa, que muitos individuos já tinham passado para Bayona, e á frente delles o sempre incansavel e honrado Brigadeiro Joaquim Pizarro. Da verdade deste facto, se estas minhas Memorias se chegarem a imprimir, e ainda for vivo o actual Duque de Saldanha, poderá elle dar um testemunho irrefragavel.

Assim mesmo o General Mina não desanimou: como sempre conservava em Hespanha intimas relações com os seus amigos, quiz continuar a anima-los, prestandolhes auxilios de dinheiro. Para isto foi ter com o meu

Digitized by Google

amigo Custodio Pereira de Carvalho, que sempre tinha a bolsa aberta para todas as empresas a favor da causa da liberdade, e conseguio delle um emprestimo de algumas *mil libras esterlinas* em nome dos futuros governos hespanhoes, promettendo-lhe elle ser o seu advogado neste negocio, no qual esperava que a honra hespanhola não havia de pôr duvida alguma. Neste emprestimo fui eu parte como testemunha; porém morreo Mina, e com a sua morte perdeo aquelle emprestimo a sua melhor garantia. Comtudo para tratar deste negocio foi o sobrinho do meu amigo, Custodio Rebello de Carvalho a Madrid, e alli conseguio que o governo reconhecesse aquella divida, e promettesse paga-la quando podesse; mas creio que até hoje essa promessa senão realisou. No processo dessa liquidação de divida lá anda tambem annexo o *meu nome*, porque estando já aqui em Lisboa passei attestado legal da verdade do emprestimo de que fôra testemunha em Londres.

A Regencia nomeada pelo Imperador, que parecia não estar muito disposta a ir para a Ilha Terceira, embarcou emfim para lá no dia 3 de Março deste anno de 1830. O que a obrigou a partir foi a chegada do Rio de Janeiro, de D. Thomaz Mascarenhas, que vinha como já disse para ser o *caixa* dos dinheiros que se distribuiam aos emigrados, e todas as mais despezas. Segundo o que escrevi nos meus Annaes, e se acha em uma nota a pag. 75 do Livro 3.º trazia elle ordem para lhe não pagar o seu ordenado senão quizesse ir para o seu destino. Em quanto os emigrados estavam quasi a morrer de fome, e se dizia que não havia dinheiro para lhes pagar a bem pequena pitança, que se lhes havia promettido, mandava D. Pedro dar aos membros da Regencia o exorbitante e escandaloso ordenado seguinte: — ao Presidente 9:600$ réis; a cada um dos 7 membros 7:200$000 réis, e ao Secretario 4:800$000 réis. O ordenado de D. Thomaz, como agente imperial, não lhe ficava atraz, porque era de 4:000$000 réis a começar desde o dia que largasse

Digitized by Google

o porto do Rio de Janeiro, e ainda com o appendice de seis mezes do seu mesmo ordenado para ajuda de custo e passagem!

O Marquez de Valença, honra seja feita á sua memoria! não quiz ir para a Ilha Terceira, renunciou o seu emprego e este avultado ordenado, achando-se na penuria, e provavelmente porque não quiz ter parte nesta escandalosa dissipação, e não se conformava com a politica dos seus collegas. E bem parece que tinha razão, porque a Regencia, chegando á Ilha, e tomando por collega o Conde de Villa-Flor, na primeira proclamação que fez, nem *com uma só palavra fallou em Carta!* fallou mui desembaraçadamente em *Instituições Patrias!* e só com estas expressões equivocas deo a saber o logar, que ía occupar. Bem se vê, que ella ainda não desesperava de vir a ser humilde subdita de D. Miguel! Para ella, que entrava nos segredos de D. Pedro, e dos ministerios francez e inglez, a *Carta* ainda era um problema!...

Quem o resolveo foram os grandes dias de Julho de París, porque foram estes portentosos dias que profetisaram o desabamento do throno do usurpador. Quem até alli tinha sustentado a nossa vacillante causa haviam sido dois grandes nomes, o do Brigadeiro Joaquim Pizarro, que salvára as reliquias da nossa força contra o usurpador, salvando-as do poder deste pela atrevida retirada pela Galiza; e o do General Diocleciano Cabreira, pela sua heroica resolução de desembarcar na Terceira. E o que firmou as esperanças do bom exito da nossa lucta contra a tyrannia e a escravidão foram aquelles portentosos dias. Estas estavam a ponto de se realisarem naquella feliz época, porque D. Miguel, debaixo da protecção, e talvez da garantia do governo de Carlos X, acabava de fazer um grande emprestimo em París de *cincoenta milhões* de francos com a casa de Orr Goldsmid e Companhia. Em 28 de Junho deste anno tinha D. Miguel já assinado o decreto para o auctorisar, em 30 dito o Conde da Louzã, seu ministro, havia assinado o

Digitized by Google

contracto, e em 2 de Julho havia elle sido ratificado. Em 16 de Agosto futuro, vendeo o contractador todos os direitos que a elle tinha a Mr. Hullin de Chaussane; e as pessoas que foram auctorisadas para assinar as obrigações do contracto foram o Conde da Ponte, e Joaquim Leocadio da Costa. Ora com estes auxilios, e com os dos governos de França e Inglaterra, quem poderá duvidar que a usurpação se ía consummar? Mas a Providencia fez com que cahissem os dois governos nossos inimigos, o de Polignac em França, e os dos Lords Wellinghton e Aberdeen em Inglaterra, e com a quéda delles tambem o emprestimo se tornou em fumo.

A tudo isto parece que não era estranho o governo do Brasil, porque em Junho deste mesmo anno havia mandado D. Pedro á Europa o Marquez de Santo Amaro, que chegou a França logo depois dos notaveis dias de Julho; e com a sua chegada se espalharam sinistros boatos ácerca da sua missão; e taes foram elles, que da parte dos portuguezes se fizeram *protestos* * contra qualquer accommodação que se fizesse com o usurpador. Os dias de Julho lhes haviam dado motivos bem justos para os fazerem, e com especialidade a medida *barbara* e *atroz* que tinha tomado o governo do Brasil contra os emigrados. Esta medida, que com razão chamo *barbara e atroz*, foi a ordem positiva aos agentes brasileiros de *suspenderem aos emigrados* os subsidios mensaes, que lhes estavam arbitrados. Parecia que o seu fim não era outro senão obriga-los a capitular pela fome! e a se sujeitarem ao cutélo feroz de D. Miguel! Sim, que outro motivo senão este, motivo horroroso, podia obrigar D. Pedro a assinar uma ordem verdadeiramente *selvagem contra os desgraçados portuguezes*! Mas se elle era o mesmo homem, que já antes tinha mandado *açoutar com varas* soldados portuguezes, e não sei se tambem paisanos, quan-

* Um delles entreguei eu, e José Fernandes Thomaz, ao Marquez de Santo Amaro.

Digitized by Google

do estava rasgando o seio da *patria*, em que nascêra, e estava roubando á corôa de nossos Reis a sua melhor joia! E ainda muito menos desculpavel era esta insolita e odiosa medida, quando o dinheiro, com que arbitrariamente, e até, sem coração, nem ao menos sinal algum de simples humanidade, se roubava o pão de cada dia a tantos desgraçados, não era delle, nem do Brasil, mas uma divida sagrada, que este se obrigára a pagar aos Reis legitimos de Portugal! Por tal medida até parecia, que o pae já não reconhecia a filha como Rainha! Medite-se bem agora no que acabo de dizer, e vejam, a que perigo estivemos expostos, perigo de que nos livraram os grandes dias de Julho de 1830! Nem espero que me accusem das expressões de que tenho usado para expor acontecimentos em que fui parte como emigrado. Como individuo não devo favores, nem máos procedimentos para comigo ao Duque de Bragança D. Pedro, *que reconheci como Rei*; porém como portuguez que sou e sempre fui, declaro, que me ferve o sangue, que não fico em mim, quando me recordo de muitos dos seus actos, com que manchou o seu nome como *portuguez*, nome honroso, de que nunca se devia esquecer, porque nascêra portuguez, e foram portuguezes, os que pozeram no throno a sua dynastia!... *

Em quanto todos estes successos que acabo de referir se estavam passando, continuava eu a viver em Londres já muito mais esperançado no futuro, porque os acontecimentos de Julho em França, e os da Ilha Terceira me davam motivo para isso. Era já o anno de 1831, e tinham chegado a Londres os dois mais intimos amigos de D. Pedro, *Rocha Pinto*, e *Francisco Gomes*, precursores da proxima desgraça do Imperador, porque vinham de lá como expulsos, ou fugitivos; tal era o odio que havia contra elles! Eu occupava-me em escrever os meus dois En-

* Podem levantar-lhes estatuas, mas estes factos hão-de durar mais do que ellas.

Digitized by Google

saios, o das causas da usurpação de D. Miguel, e o que trata da antiga Constituição de Portugal, e é um resumo da sua historia, colligindo ao mesmo tempo factos, e documentos para os meus Annaes que já tinha em vista escrever. E quando andava entretido nestes meus trabalhos litterarios chegou um paquete do Rio de Janeiro com a extraordinaria noticia de que o Imperador D. Pedro havia sido forçado a abdicar no dia 7 de Abril deste anno de 1831, e que no dia 13 do mesmo mez havia partido para a Europa. Acabava de se realisar a profecia que eu lhe havia feito no meu *Campeão de Lisboa*, com data de 3 de Agosto de 1822. E a profecia tinha sido, que sendo elle então um mero instrumento das ambições dos brasileiros, estes mais dia menos dia, o haviam de quebrar, porque os instrumentos, uma vez que já não servem, ou *se põem para o lado, ou se quebram.* Assim a profecia do anno 1822 se cumprio no anno de 1831!...

No dia 26 de Junho chegou a Londres o ex-Imperador, e parecendo que a primeira cousa que faria, seria chamar para seu lado homens que por seu caracter e conhecida probidade o podessem bem aconselhar sobre o que se tinha passado, não o fez assim. Os seus antigos conselheiros do Brasil Rocha Pinto, e Francisco Gomes, pela amisade que o primeiro tinha com José da Silva Carvalho, tinham-se associado com elle, e assim assentaram para comsigo, que se devia fazer um mysterio da vinda de D. Pedro, e em consequencia deste plano só alguns escolhidos é que foram convidados para o irem cumprimentar na sua chegada. Para se avaliar a escolha basta dizer, que um delles foi o Barão de Rendufe, antigo Intendente da Policia no governo dos *inauferiveis*, installados em Villa-Franca, e o *unico individuo*, que, sendo D. Pedro Rei temporario, tinha por um decreto, assinado no Brasil, *demittido* de todos os seus empregos! Foi, portanto este um dos seus primeiros conselheiros!

Passados oito dias, deo a saber que se faria visivel aos portuguezes, porque em todo este tempo só o foi aos seus

escolhidos. Muitos concorreram a ir visita-lo, e eu não fui em o numero delles. Disse-me porém alguem dos que lá foram, que nem uma só palavra lhes dera de agradecimento ao muito que tinham feito por elle e por sua filha; e que mostrando-se como envergonhado diante de portuguezes, a quem tantas afrontas tinha feito, precipitadamente se havia retirado, depois de ter representado de *mudo* nesta sua primeira apparição.

Com perto de 95 dias de viagem chegou a Brest a Rainha, que tinha sahido do Brasil depois delle. Neste intervallo passou seu pae, que havia tomado o titulo de *Duque de Bragança*, os dias em divertimentos, e em frequentar os theatros. Constou logo, que os seus conselheiros o chegaram a persuadir que annullasse a sua abdicação, e tornasse a assumir o titulo de Rei. Ao menos isto me foi certificado pelo General Valdez, hoje Conde do *Bomfim*, que me certificou tê-lo ouvido dizer a um dos ajudantes d'El-Rei; e o *Courier* gazeta *quasi* ministerial, tambem o deo a entender, porque escreveo, que D. Pedro na sua chegada a Londres tinha *falhado* na sua primeira negociação por circumstancias ponderosas. E o caso era, que em casa do Principe Taillerand, então embaixador francez, estando alli presente algum dos ministros inglezes, se havia tratado esta questão, e lá se havia decidido, que já não tinham cabimento as pertenções de D. Pedro, para não excitar novas questões.

Que D. Pedro já vinha do Brasil com essas idéas, parece muito crivel, porque ha um facto positivo, que me foi communicado por José Aleixo Falcão, homem de uma probidade, reconhecida por todos os que o trataram, e facto, que o dá bem a entender. Foi elle, que lembrando-se algumas pessoas, que vinham com a Rainha, que seria bom que ella desembarcasse na Terceira para alegrar, e consolar os emigrados, o Capitão do navio apresentára uma ordem, escripta por D. Pedro, na qual positivamente lhe ordenava, que não *consentisse que a Rainha desembarcasse em terra occupada por portuguezes!*

Digitized by Google

José Aleixo, contando-me isto, citou-me uma das primeiras pessoas, que acompanhavam a Rainha.

No dia 24 do mez de Julho deste anno sahio D. Pedro de Londres para ir buscar sua mulher e sua filha, que estavam em França; e como lhe dissessem que o novo Rei Luiz Filippe levaria muito a mal senão fosse a París, lá foi, e escolheo para sua morada a casa da Legação Brasileira. El-Rei tratou-o com a maior affabilidade, e além desta com todas as demonstrações do grande interesse que tomava pela sua causa. José Balbino, homem, que entrava então em todos os segredos da politica com que se tratavam os nossos negocios, porque até havia servido de nosso agente diplomatico perante o governo inglez, e a quem só elle reconhecia por tal, porque a sua nomeação de Secretario de embaixada era ainda de D. João VI, disse-me confidencialmente: — que o Rei Luiz Filippe, de acordo com o seu conselho, offerecêra a D. Pedro reconhecer promptamente sua filha como Rainha de Portugal, e colloca-la no throno, se a trouxesse para París, e alli a deixasse residir. Não lhe deo porém conveniente resposta, ou antes uma que muito desagradou ao gabinete francez; e por este modo se expoz a perder a causa de sua filha e dos emigrados, e pelo menos a retarda-la, e a sujeita-la a mil duvidosos azares. Dizia-se, que Luiz Filippe tinha então idéas de ver, se cazava um dos filhos com a nossa Rainha. Attribuio-se esta repulsa de D. Pedro, que depois se fez publica, a elle ter ainda esperanças de ser acclamado Rei, quando chegasse ás Ilhas ou a Portugal; e que estas esperanças, tendo-lhe falhado o apoio de Inglaterra e de França para este fim, lhe eram suggeridas pelos seus conselheiros intimos, ou antes aduladores.

Como recusasse a offerta de Luiz Filippe, veio para Londres com a Imperatriz e sua filha, e foi alojar-se em *Clarendon Hotel*, onde já tinha estado. E fez isto sem dar parte ao governo inglez da chegada de sua filha, como Rainha de Portugal, o que todos muito estranharam; e

Digitized by Google

com mais admiração, e até escandalo, porque tomando para si e para a Imperatriz o andar nobre do hotel, deixou para sua filha, *a Rainha de Portugal* uma especie de *sobre-lojas*, que ao subir da escada principal ficavam á mão direita com uma pequena porta da entrada.

A Rainha logo poucos dias depois da sua chegada, foi visitada por todos os portuguezes, entre os quaes não deixei eu de me achar. Esta recepção foi formal, porque todos a reconhecemos como Rainha, beijando-lhe a mão, e ella nos recebeo affavelmente como tal. Nesse dia até seu pae, collocando-se á esquerda della, se mostrou mui polido, e com modos assás agradaveis. Estranhavam porém todos, que tendo a Rainha, na sua primeira vinda a Inglaterra, sido recebida por George IV com todas as honras de Soberana, agora o governo inglez não fizesse caso della, e nem ao menos lhe désse uma guarda de honra! Perguntando eu a José Balbino, de quem sabía muitas particularidades, os motivos deste modo de proceder do governo inglez, respondeo-me elle: — « E como quer que assim não seja? O Duque de Bragança não fez as partecipações do estilo; tem a Rainha mettida em um canto do hotel, e o governo responde, que não sabe *officialmente* que aqui esteja a Rainha de Portugal! e diz a quem lhe nota esta differença de tratamento: — *Se ella é hospeda de seu pae*, o Duque de Bragança!... Por este modo a Rainha de Portugal foi tratada em Inglaterra, como se fosse a simples filha de um grande senhor, que a trazia na sua companhia a viajar!... Tal era a idéa fixa que os aduladores lhe fortificavam na cabeça, de ainda tornar a ser Rei de Portugal, que fez passar por taes despresos á nossa Rainha! Em consequencia d'isto não consentia que os portuguezes a fossem comprimentar; e bem forte era o ciume que d'isto tinha como se vai ver pela anecdota seguinte. Contou-me o mesmo José Balbino, « que indo um dia procurar D. Pedro, ao subir a escada se abríra a portinha de que já fallei, e lhe apparecêra a Rainha, como quem espreitava a pessoa que subia. Elle

Digitized by Google

tanto que a vio, comprimentou-a, e estando a beijar-lhe a mão appareceo a dama que a servia, e disse-lhe em tom austero! *Não sabe, minha senhora, que seu pae não quer que falle com os portuguezes!* » Eis-aqui pois a que estado tinha reduzido D. Pedro a Rainha sua filha, e a quem assim tratava, porque lhe invejava o throno, que tão indiscretamente tão cedo tinha largado. Talvez que se tão preciptidamente o não tivesse feito, não houvesse sido obrigado a abdicar tambem o throno do Brasil: é natural, que os brasileiros o tivessem respeitado mais. D. Pedro, vendo que não achava no governo inglez o que esperava, e por mais alguns desgostos que teve, e delles dei noticia no meu Livro 4.º dos Annaes, sahio de Londres, e partio para París com sua mulher e filha no dia 16 de Agosto. No dia antecendente, 15, uma commissão de alguns portuguezes tinha ído entregar em nome de todos um rico *sceptro de ouro*, e um magnifico exemplar da Carta Constitucional á Rainha. Havia mais de dois annos que os emigrados, residentes nas diversas partes de Inglaterra tinham feito uma subscripção *voluntaria* para lhe darem aquelle presente, quando pela primeira vez estivera em Londres; porém não *lho consentio* o Marquez de Palmella, que naquelle tempo figurava de Secretario d'Estado da Rainha. Para elle, assim como para os que lhe faziam côrte naquella época, a *Carta* como já disse, *ainda era um problema!* e o mesmo Marquez bem mostrava ainda, como já o tinha mostrado em 1827, que não tinha duvida em ser subdito, quero dizer, humilde vassallo, de D. Miguel! Sim, como eu já o escrevi no meu *Ensaio das causas da usurpação* em pag. 105, tinha este bom Marquez e afamado diplomatico declarado a Saldanha, * que era elle quem *havia aconselhado* o Infante D. Miguel a não cumprir as ordens de seu irmão, porque não deviam haver *dois senhores*; e que tambem

* Officio de 5 de Janeiro de 1828 que Saldanha fez, e mandou a D. Pedro. Eu o vi, e li; e por isso o posso affirmar,

Digitized by Google

delle Palmella dimanára a primeira idéa de ir o Infante governar Portugal; porque a *instancias suas* fôra, que Mr. Caning se tinha dirigido á Côrte de Vienna para este fim; e que de ter feito tudo isto *muito se gloriava!...* Eis-aqui pois o que era o Marquez de Palmella, amante de D. Miguel, e reverente servo dos inglezes, que lhe preparavam a usurpação, como bons amigos. Os homens dévem ser avaliados pela historia, não pelo nome, dignidades, e empregos que tiveram, mas pelos seus actos; *e é por elles* que hoje aqui avalio o então Marquez de Palmella, e não pela sua fidalguia, e empregos que teve.

D. Pedro recordando-se dos offerecimentos que Luiz Filippe lhe havia feito, e tão mal avisado recusára, resolvendo-se emfim a sahir precipitadamente de Londres, foi magnificamente recebido em París, e a Rainha teve as distincções como tal, e que não tivera em Londres por culpa de seu pae, ou antes por suas indiscretas ambições. O Rei Filippe deo-lhe para sua residencia o palacio de *Meudon*, perto de París, e lá sua filha foi tratada e respeitada como uma verdadeira Rainha. O governo francez tinha então interesses mais nobres dos que tinha o governo britannico, e todo o mal esteve em que D. Pedro, e seus conselheiros os não conhecessem, e delles não tirassem o proveito que podiam.

Eu continuava a viver em Londres presenciando todos estes acontecimentos. Na Ilha Terceira se íam reunindo pouco a pouco muitos emigrados, e a Regencia que lá estava já parecia outra depois dos dias de Julho em França, porque já não tinha medo de fallar em Carta, e até tinha restabelecido as côres da nossa liberdade, *azul e branca*! Assim findou o anno de **1831**, e começou o de **1832** com uma nova questão, que fez muita bulha, e creou grandes inimisades, em que eu tambem fui parte.

D. Pedro, pelas contradicções que tinha encontrado em muitos portuguezes, e com especialidade nos gabinetes estrangeiros para tornar a ser Rei de Portugal, quiz ser Regente na menoridade de sua filha. Como, por assim

dizer, não podéra ser Juiz de Vintena na sua freguezia, queria ao menos ser sacristão de parochia; e a esta sua nova ambição deo calor um folheto que se imprimio em París com o titulo de: — *Parecer sobre os meios de restaurar o governo representativo em Portugal por dois Conselheiros da Corôa Constitucional, Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e Silvestre Pinheiro Ferreira,* com a data de 15 de Novembro de 1831, e que só se publicou no principio do anno seguinte. Contra este folheto escreveo, e publicou logo outro o Coronel Rodrigo Pinto Pizarro como o titulo de *Norma das Regencias de Portugal*. Delle é que nasceram immediatamente todas as vinganças futuras, pequenas, indiscretas, e até inconstitucionaes, e verdadeiramente *despoticas* de D. Pedro. Seu coração pequeno não lhe consentio tardança em suas vinganças, porque pelo seu íntimo confidente Candido José Xavier mandou significar em data de 6 de Janeiro ao mesmo Coronel, que seria *preso*, *processado*, *e julgado*, porque provocava á rebellião! Tão chegado ao pé da boca tinha D. Pedro seu pequeno coração! Este Candido José Xavier era o mesmo de quem já fallei, e aquelle, que mais trabalhára para que os emigrados fossem para o Brasil, segundo o que me tinha affirmado D. Luiz de Noronha. D. Pedro logo que chegou a Londres o mandou chamar a França para vir estar a seu lado, prova dos bons serviços que já lhe tinha querido prestar.

Nem por isso este procedimento, tão arbitrario como estulto, de D. Pedro atemorisou os homens independentes que estavam na emigração, porque além do Coronel Pizarro escreveram outros no mesmo sentido, que foram José Ferreira Borges, Leonel Tavares Cabral, e os dois irmãos Passos. Eu que estava em Londres tambem os acompanhei; escrevendo um pequeno folheto, com o titulo abaixo nomeado; * mas contra nenhum de nós houve

* Reflexões sobre um paragrapho do Manifesto do Senhor. D. Pedro a bordo da fragata Rainha de Portugal.

Digitized by Google

procedimento hostil; houve sim odios, mas estes não fazem mal, quando são injustos, e não são acompanhados da força, que repousa — *no quero e posso* dos despotas. Eu não tinha duvida em que D. Pedro governasse na menoridade de sua filha; o que não podia approvar é que fosse *Regente* como elle queria, em conformidade do artigo Constitucional da Carta, que era o 92, e em que elle se firmava, para dizer que a Regencia lhe pertencia. A minha opinião era, que tomasse o nome de *Tutor*, de Protector de sua filha, ou qualquer outro, mas não o de Regente, porque sendo elle quem dera a Carta, não devia ser o primeiro em lhe rasgar uma pagina.

Vendo-se a opposição que havia em França contra a legitimidade da Regencia de D. Pedro, passou-se a tentar em Londres uma especie de *espertesa*, para ver se a idéa da Regencia projectada, era alli mais bem recebida. No dia 24 de Janeiro appareceo na casa da Legação Portugueza uma especie de requerimento em nome de alguns emigrados para se pedir a D. Pedro, que antes de partir para a Terceira, para alli formar a expedição que já se tentava contra Portugal, se declarasse Regente do Reino. Mas para que este requerimento tivesse algum valor, fosse preciso que houvesse muitas assinaturas, tomou para si José da Silva Carvalho o cuidado de as procurar. Assim nesta obra o nosso antigo regenerador do Porto tomou, ou quiz representar a mesma figura, que já no anno de 1828 havia representado um tal *Manoel Cypriano*, para ganhar assinaturas a favor do reinado de D. Miguel. Muito mal succedidos porém foram José da Silva Carvalho e seus amigos; porque em Londres poucos assinaram; em Plymouth ainda menos; e em París, como se visse o que succedia em Inglaterra, houve a prudencia de senão tentar este ridiculo manejo, porque sabia-se ao mesmo tempo que haveria lá mais protestos do que assinaturas.

No emtanto preparava-se a expedição que se havia de organisar na Ilha Terceira; havia já para ella recrutados muitos estrangeiros, ao passo que dos emigrados só se es-

Digitized by Google

colhiam aquelles que se mostravam adherentes a todas as pertenções de D. Pedro, e com especialidade áquella que ainda tinha de ser acclamado Rei na Terceira. Por este motivo com o maior descaramento e escandalo não se consentio que Saldanha e outros generaes fossem da expedição. Convidaram-se só individuos de serviço *pessoal*, isto é, os aduladores servis de D. Pedro. Contra Saldanha ainda houve maior escandalo, porque tendo-lhe D. Pedro promettido que o levaria comsigo, falseou depois a sua palavra. Saldanha, vendo-se então ludibriado por elle, fez, e mandou imprimir uma especie de circular aos seus amigos com data de 13 de Janeiro, na qual expoz as razões porque era excluido da nobre empresa de concorrer para a restauração do throno legitimo, e da liberdade constitucional da sua patria. Os Generaes Stubbs, Diocleciano Cabreira, e José Maria de Moura, que residiam em Dunkerque, como vissem que tambem eram excluidos de tomar parte na restauração da patria, e que esta exclusão poderia dar motivos a falsas conjecturas, fizeram tambem pela imprensa uma declaração solemne da injustiça que se lhes fazia.

Depois de tamanhas, e tão ridiculas exclusões e preferencias, D. Pedro embarcou a bordo da fragata da Rainha de Portugal, que estava em Belle-Isle, no dia 2 de Fevereiro, e no dia 10 do mesmo mez sahio daquelle Porto, levando por companheiros Candido José Xavier, Palmella, Agostinho José Freire, e outras notabilidades, que o rodeavam, e estes como seus conselheiros politicos, porque para os negocios de consciencia levava tambem comsigo um *exemplar* ecclesiastico, o bem conhecido padre Marcos. Não foi direito á Terceira, mas á Ilha de S. Miguel aonde chegou no dia 22, e alli se demorou até o dia 2 de Março. Foi só no dia 3 que chegou á Ilha Terceira; mas esta demora em S. Miguel foi de proposito, porque queria que *antes delle* chegasse a esta ultima Ilha a sua vanguarda, que lá chegou no dia 24 do mez passado, e levava os seus exploradores para verem se alli podiam *ma-*

Digitized by Google

caquear a acclamação de Ourique! que alguem lhe tinha pronosticado. . . A vanguarda, de que acabo de fallar, era a fragata D. Maria II, que levava a seu bordo os Condes de Paraty, de Lumiares, de Villa-Real, e da Taipa, Marquez de Fronteira, Barão de Rendufe, D. Thomaz de Mascarenhas, Generaes Saraiva, Vasconcellos, Azevedo, e por fim José da Silva Carvalho, os quaes todos, segundo era fama geral, eram os precursores, que lhe íam dispor o caminho para uma entrada feliz. . .

Logo que desembarcou na Terceira promulgou alguns decretos, e o mais notavel delles, *referendado* pelo Marquez de Palmella, foi o da data de 13, em que, sem hesitação nem rebuço se annunciou como Regente, titulo, *que de direito lhe pertencia* pelo artigo 92 da Carta Constitucional. Ora a Carta diz expressamente naquelle artigo, que a Regencia pertencerá ao parente mais chegado do Rei, *segundo a ordem da successão.* Que tal foi então a logica de D. Pedro, que se deo por successor de sua filha? E como por tão boa logica creou um *direito publico novo*, dizendo desafrontadamente, que *um pae succede ao filho ou á filha*? Mas não admira que esta fosse a logica de D. Pedro, logica ambiciosa, e ambiciosa sem caracter, mas que tambem a fosse do Marquez de Palmella é o que mais deve admirar, não a mim, que o tratei de perto, e o conheci a fundo! . . .

Entretanto os Arautos que lhe proclamavam a Regencia, e que ainda lhe preparavam *uma nova experiencia*, a da sua entrada em terras de Portugal, quando o chegasse a conseguir, diziam ufanos e em voz alta: — *Não queremos Rei mulher*! Entre todos estes vociferadores dizia-se, que aquelle que gritava mais alto era *Manoel Gonçalves de Miranda*! homem que muito figurou entre nós. E apesar d'isto, nem elle nem os da sua *severa* opinião tiveram depois escrupulos de servirem *o Rei mulher*! Esta os admittio ao seu serviço como servos, que se alugam para todos os misteres. . .

Eu sempre me conservava em Londres. A expedição ti-

Digitized by Google

nha sahido da Terceira, e com toda a felicidade tinha chegado á praia do Mindello no dia 7 de Julho, e alli desembarcou sem difficuldade: começando o desembarque ás tres horas da tarde, quando foi noite, já todas as tropas estavam em terra; e no dia 8 entraram no Porto. D. Pedro foi apear-se aos *Paços do Concelho* * *da Praça Nova*! D'alli se foi recolher á casa que já lhe estava preparada, seguido por muito povo, que ía dando vivas á Rainha D. Maria II, á Carta Constitucional e ao restaurador das liberdades portuguezas! Mas nem *um só viva* ao Rei D. Pedro IV! vivas e acclamações, que seus *chamados amigos* lhe haviam promettido, dizendo-lhe, *que uma das suas botas* como a do antigo Rei da Suecia Carlos XII, bastava, uma vez que pisasse terra portugueza, para ser acclamado *novo Rei* de Portugal! Acabaram porém lá todas as profecias da lisonja; e D. Pedro só cuidou, d'alli em diante, em se encostar *ao abrigo* da Regencia; e foi unicamente o recurso, que restou ao proscripto do Brasil!...

Estavamos em Novembro do anno de 1832, quando chegou a Londres o Conde de Saldanha, que ia tratar negocios particulares. Foi logo visitar o meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho, que o recebeo muito bem, já esquecido da tristissima figura, que havia feito no Porto, e a qual lhe havia quasi perdoado pela que depois tinha feito em França, parecendo-lhe sinceramente arrependido do mal que tinha praticado com tanto desdouro seu, e perigo para a liberdade. Depois de concluir os seus negocios pedio-me muito que fosse com elle para París, porque alli estavam muitos amigos meus que me desejavam ver, e com particularidade José Aleixo Falcão. Eu muito desejava acompanha-lo, mas nesse tempo os meus meios estavam muito diminutos, e não me atrevia a ir com elle. O meu amigo que o percebeo, disse-me logo

* Foi apear-se aos *Paços do Concelho*, porque alli esperava a *Ovação*, que lhe haviam prophetisado. Não foi porém tão feliz como o irmão no Senado da Camara de Lisboa!

Digitized by Google

que não hesitasse em o acompanhar, e que até me pedia que o fizesse, porque alli tinha dinheiro para fazer a viagem, e para tudo o mais que quizesse. Eu que lhe conhecia muito bem o coração e a sinceridade da sua offerta, acceitei sem difficuldade o seu favor, e parti com Saldanha para París: era isto nos fins de Novembro de 1832. Chegados a Dover, Saldanha sentio-se um pouco incommodado, e pedio-me que fosse para diante para socegar sua mulher que o esperava, porque elle queria descançar alli um ou dois dias. Assim o fiz, dei as desculpas, que me pareceram plausiveis á Condessa para a socegar, e fui immediatamente apresentar-me á policia, onde disse que vinha de Londres com Saldanha, mas que elle por algum incommodo tinha ficado em Dover, e não tardaria muito em chegar. O nome de Saldanha foi para mim o mais legal passaporte que podia levar, porque logo me disseram que eu devia ter subsidios como os mais portuguezes. Apesar de lhes dizer que não vinha residir em França, e só tinha vindo para acompanhar o meu amigo General Saldanha, responderam-me, que isso não importava, e que o meu nome alli ficava na lista dos emigrados. O caso foi que assim succedeo, porque me pagaram, sem eu o sollicitar, subsidios pelo tempo que residi em París. Os francezes trataram-nos com bizarria, e generosidade pasmosa; porque até nas diligencias pagavamos muito menos do que os nacionaes, e os outros estrangeiros. Não fomos assim hospedados pelo egoismo e mesquinhez do governo inglez; porque, mentindo, em dizerem que os portuguezes eram os seus melhores amigos e alliados, nunca nos deram um só real, antes ganharam comnosco, porque ficaram com aquillo que lá gastámos.

Eu fiquei alojado em casa do meu antigo amigo Aillaud, que morava no Quai Voltaire, que logo me convidou para ir estar com elle, e comecei a viver muito bem em París, onde já duas vezes tinha estado, e bem conhecia. Visitei todos os amigos, e com especialidade Manoel

Digitized by Google

Alves do Rio, e José Aleixo Falcão, com quem ía frequentemente jantar. Saldanha chegou a París passados dois dias, e o seu incommodo que parecia ligeiro, tornou-se mui grave. Neste tempo porém começavam a correr noticias do Porto pouco favoraveis; e a ultima, que deo a saber o desastre de *Souto Redondo*, fez grande impressão nos emigrados. Nem D. Pedro, nem algum dos militares, que estavam com elle, mostravam aptidão; havia sim valor e dedicação na tropa, e povo da cidade, porém não havia quem soubesse dirigir, como convinha, as operações militares. Esta falta chegou emfim a conhecer não só o Duque de Bragança mas os seus conselheiros, porque vendo que nada faziam, nem cousa alguma conseguiam com a gente que tinham a seu lado, sahiram emfim com a Portaria de 3 de Novembro deste anno, pela qual se mandavam chamar para o Porto todos os officiaes emigrados, que ainda se achavam espalhados pela Europa. Não se chamava alguem em particular, foi um convite geral, e era uma medida forçada, porque tambem era a consequencia do *grito* do exercito libertador, unido ás vozes do povo. Mas para que nesta medida não deixasse de apparecer um resto dessa mesquinha vingança de D. Pedro, um só individuo foi excluido deste chamamento; e o individuo excluido foi o Coronel Rodrigo Pinto Pizarro por uma nova Portaria da mesma data de 3 de Novembro, e assinada por Agostinho José Freire!

Saldanha tanto que teve noticia desta Portaria, pareceo ganhar forças, e começar a melhorar de repente da grave enfermidade que soffria, e preparou-se logo para ser dos primeiros que partissem para o Porto. O meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho que estava em Londres, mal teve a noticia da Portaria, escreveo-me logo para París dizendo-me que partecipasse a Saldanha que era preciso que partisse sem se demorar um momento, e que para a sua viagem tinha prompto todo o dinheiro de que precisasse. E depois accrescentava; que eu *infallivelmente* o havia de acompanhar; e que para mim tam-

Digitized by Google

bem tudo estava prompto, e nada me havia de faltar em qualquer parte em que estivesse. Ora eis-me outra vez mettido em vesperas de uma expedição arriscada como aquella em que estive a ponto de entrar na empresa do general hespanhol Mina! Mas que devia eu fazer quando me tinha votado já ao serviço da liberdade, e serviço, que um amigo, como Custodio Pereira de Carvalho, me pedia que não desamparasse? Não me neguei a elle, e dispuz-me a acompanhar Saldanha.

Entretanto D. Pedro que via que não se podia escapar á influencia dos novos officiaes, que naturalmente haviam de correr ao Porto, e com especialidade á do General Saldanha, procurou neutralisa-la, ou pelo menos diminui-la, procurando um *general estrangeiro*, que fosse dirigir as operações militares. Procurou-se em França, e se bateram a muitas portas, mas não havia general de nome, que quizesse acceitar o convite, e expor-se a perder as vantagens que tinha na sua patria. Achou-se emfim um *subalterno*, desses muitos, que havia em França, e que só tinham per si o terem servido sem nota nem deshonra militar; o qual foi *Solignac*, que já tinha estado em Portugal na expedição de Junot. O que se procurou logo foi que apparecesse no Porto antes de lá chegar algum dos nossos, e com particularidade Saldanha.

Eu, e Saldanha, que tambem muito desejava que o acompanhasse, estavamos já em vesperas de partir, quando elle teve a renovação da offerta de um grande soccorro que se nos offerecia em París para ir para o Porto. Esta offerta foi feita por um chamado Mr. *Herertauld*, que se dizia intimamente ligado com o Duque de Orleans, e o Marechal Soult, e consistia em um emprestimo de 50 milhões, e de *dez mil homens* tanto de infanteria como de cavallaria, os quaes se promettia fazer sahir para o Porto dentro de 30 dias depois da assinatura do contracto. Porém por mais diligencias que fez Saldanha não pôde conseguir que fosse acceito pelos agentes de D. Pedro que tinha em França e Inglaterra, que eram em Pa-

Digitized by Google

rís D. Francisco d'Almeida, e em Londres a esse tempo o Marquez de Palmella. Nesta offerta andavam ainda envoltos os projectos de Luiz Filippe para nos desligar de Inglaterra, e unirmo-nos a elle; porque como acabo de referir quem a fazia era um homem ligado com o Duque de Orleans, e o Marechal Soult. Porém D. Pedro continuava sempre a andar enfeitiçado com a politica ingleza, e engolia, sem nausea nem difficuldade, todas as injurias que della recebia. O tal Mr. Herertauld ainda veio apresentar a sua offerta a Saldanha antes de partirmos para o Porto, para que lá a apresentasse a D. Pedro, pedindo-lhe, que fizesse com que ella fosse tambem assinada por alguns portuguezes, que servissem como de testemunhas, e procuradores da mesma offerta. As pessoas que a assinaram em París foram o Conde de Saldanha, Margiochi, Solano Constancio, Leonel Tavares, e eu que escrevo estas linhas. Com o contracto foi a offerta, com effeito apresentada a D. Pedro, mas foi rejeitada não só por ser franceza, mas pelas assinaturas que tinha, e mais que tudo porque senão queria dinheiro senão de *Mendizabal*, que quando o dava, dizia-se, não sei se com verdade, que deixava as *mãos untadas*. O que era *Mendizabal*, e o resultado dos seus emprestimos, mui claramente se veio a conhecer, e bem á nossa custa...

No dia 1.º de Janeiro do anno de 1833 sahimos de París para Londres, dia mui brusco e em que fomos encontrar muita neve no caminho até Calais. Chegados a Londres com felicidade achámos um dia bellissimo com sol e atmosphera mui limpa. O meu bom amigo Custodio Pereira veio logo ter comnosco ao hotel em que pousámos, e depois de nos desejar boa viagem nos forneceo com generosidade *amplissima* tudo o que precisavamos para a fazer com toda a commodidade. Eu ainda tive mais uma prova desta sua generosidade, porque me deo uma ordem para o Porto para alli receber quanto mais precisasse. Era este o seu generoso costume: nunca me deo ordens *limitadas*, quer estivesse em França, quer em

Digitized by Google

Hespanha, quer em Portugal! sempre eram para quanto eu precisasse, ou quizesse! Partimos para Falmouth para d'alli embarcarmos para o Porto no primeiro paquete; e lá nos encontrámos com os Generaes Stubbs, e Diocleciano Cabreira, que tambem íam para o Porto. Chegando a Falmouth na madrugada do dia, em que partia um paquete para Lisboa, fomos logo saber se nos recebia a bordo, com a condição de nos lançar no Porto; mas achámos no capitão tão máos modos, e má vontade, dizendo-nos que não tinha viveres, nem camas para nos dar, que nos fez desconfiar do seu extraordinario comportamento. O que porém de todo nos desenganou foi dizer-nos a final, que não promettia lançar-nos no Porto, e que isto dependia do tempo que estivesse. Esta ultima resposta nos desenganou de que o capitão não nos queria receber, e que para isso tinha motivos, que não eram os que dava. . .

Tinha-me esquecido dizer, que as pessoas que tinham sahido de Londres, como nossos companheiros de viagem, e com o mesmo destino do nosso, eram Domingos de Saldanha, irmão do General, Margiochi, e o joven D. Francisco de Menezes de Brito do Rio. Juntando-nos então em Falmouth com os dois Generaes, que já mencionei, fizemos todos conselho sobre o que fariamos; e a resolução que tomámos foi não insistir mais com o capitão do paquete, não nos entregarmos nas suas mãos, e esperarmos pelo paquete seguinte.

Neste intervallo disse-me o General Saldanha que fossemos a casa do capitão *King*, commandante do porto, para vermos se nos segurava passagem no paquete seguinte, uma vez que a não tinhamos podido ter no passado segundo lhe contámos. Sabiamos que o paquete futuro era um grande vapor do governo, e por isso era que lhe íamos pedir aquelle esclarecimento. O capitão tratou-nos com muita cortezia e urbanidade, mas com grande admiração nossa nos disse, que tinha uma ordem do *almirantado* para nelle não receber passageiros; e ao mesmo tempo teve a condescendencia de nó-la mostrar. Desta

resposta e ordem entendemos, que o governo inglez ía feito com D. Pedro, e que o desejo deste era que Saldanha não chegasse ao Porto antes de lá estar instaurado Solignac no seu commando, porque para alli havia partido ainda não eram passados muitos dias. Como não havia que replicar, despedimo-nos delle, e vimos que era preciso tomar outras medidas para sahirmos de Falmouth, onde nós achavamos como emprazados. A primeira foi ver se naquelle porto havia algum navio que podessemos fretar; porém desgraçadamente não havia alli nenhum. Então o General Saldanha que tinha sahido de París ainda não bem restabelecido da grave enfermidade que havia tido, e se achava já completamente em bom estado de saude, e com todo o seu vigor e agilidade, disse; pois eu vou já partir para Portsmouth, que é um grande porto de mar, e ver se alli encontro algum navio que possamos fretar, e que nos quebre o encanto com que a politica aqui nos tem presos.

Assim immediatamente o fez; e felizmente logo alli encontrou um navio americano, que em lastro estava a partir para Gibraltar. Arranjou-se logo com o capitão, e este não teve difficuldade alguma em nos levar ao Porto. No dia 15 deste mez de Janeiro tinha Saldanha partido para Portsmouth, no dia 16 fretou o navio, e no dia 17 já estava em Falmouth, e nós embarcados nelle. O ajuste foi tão favoravel, que apesar de mettermos a bordo muitos viveres, ainda assim mesmo a passagem nos custou menos do que se a fizessemos nos paquetes. O navio chamava-se *Hyperion*, nome de bom agoiro, e tinha por capitão um homem excellente, que era o honrado capitão *Garene*, que em nada faltou ao que tinha ajustado. As pessoas que nelle embarcámos foram — General Saldanha; os Generaes Stubbs, e Diocleciano Cabreira; Domingos de Saldanha, irmão do General; Margiochi; D. Francisco de Menezes de Brito do Rio; Villete, Ajudante do General Stubbs, e José Liberato Freire de Carvalho, que acaba de escrever estas linhas. E ainda

Digitized by Google

por philantropia e generosidade demos passagem ao capitão de atiradores de Lisboa João Miguel Smith, e a sua mulher com tres filhos crianças. Juntou-se ainda a nós Mr. de *Varene*, que por casualidade nos veio encontrar em Falmouth, e era portador de cartas particulares para D. Pedro, enviadas por Mr. Herertauld, e relativas ao emprestimo de que já fallei.

Na tarde do dia 26 chegámos á vista da Foz com muito boa viagem, e alli encontrámos alguns dos nossos navios de guerra, o seu commandante *Sartorius*, e muitos outros navios mercantes que estavam á capa, e esperando occasião de desembarcar as provisões que levavam para a cidade. O nosso capitão partecipou logo a Sartorius quaes eram os passageiros que trazia, e com especialidade, que entre elles vinham os Generaes Saldanha, Stubbs, e Cabreira. O commandante para d'isto se certificar mandou-nos a bordo um guarda-marinha, e um piloto, que alli só deixou sem o mais pequeno offerecimento para nos receber a seu bordo, ou para nos facilitar o desembarque. Apesar d'isto Saldanha, e Stubbs foram na mesma noite ter com elle, porém foram mui friamente recebidos, sem que cousa alguma lhes offerecesse. Contentou-se com lhes dizer, que Palmella, e seus dois collegas, *ambos os Mouzinhos*, haviam sido demittidos, e em seus logares, para ministros, havia D. Pedro nomeado Candido José Xavier, José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio de Magalhães, conservando os dois antigos que eram Agostinho José Freire, e Bernardo de Sá Nogueira. E para melhor nos consolar accrescentou, que se tinha declarado no Porto a *colera-morbus*, que *Solignac* já estava reconhecido general, e para alli havia levado alguns belgas, alistados para o nosso serviço.

Recolheram-se a bordo os dois Generaes, bem pouco contentes com a recepção de Sartorius, e começámos a nos preparar para o desembarque no dia 27. Mas o tempo tornou-se máo, não tinhamos noticias de terra, e o nosso ajuste com o capitão americano estava findo. Sem

Digitized by Google

querermos pedir obsequios alguns a Sartorius, ajustámos com o nosso capitão pagar-lhe mais dois ou tres dias de demora, e no emtanto veriamos se alli haveria algum navio para o qual podessemos passar, em quanto não arranjavamos modo de ir para terra. Felizmente havia alli um daquelles em que Saldanha tinha ído para a Ilha Terceira na sua desgraçada e infructuosa expedição, cujo capitão, mal soube que o General alli estava, nos offereceo o seu navio, e já estavamos a passar para elle, quando, sem o esperarmos, nos vimos livres do embaraço em que estavamos.

Amanheceo o dia 28, uma segunda feira de Janeiro, e dia mui bonançoso e sereno, quando vimos chegar a bordo do navio americano em que ainda estavamos duas catraias, e nellas o piloto-mór *Joaquim Luiz*, que nos vinha buscar. Este bom homem, que era particularmente affeiçoado a Saldanha, disse-nos, que só em a noite antecedente havia sabido que alli estavamos, porque Sartorius nenhum aviso da nossa vinda tinha feito, e provavelmente só a fizera em particular a D. Pedro, e por isso só por sua *espontanea* vontade nos vinha buscar, o que não fizera mais cedo pelo não ter sabido antes.

Desembarcámos emfim na manhã deste mesmo dia com toda a commodidade e socego na pequena praia chamada dos *Inglezes*. Não recebemos bala nem bomba das baterias inimigas, e tivemos um mar excellente, e tão manso como se fosse um rio pacifico. Dirigimo-nos logo ao castello onde estava de Governador o Brigadeiro *Fonseca*, o qual com toda a guarnição nos recebeo com a maior alegria, sentimentos estes, que não tardaram em se manifestar em toda a gente da Foz. Tanto homens como mulheres todos queriam ver e conhecer Saldanha, objecto de todas as esperanças.

Pouco tempo nos demorámos dentro do castello, e só o preciso para o desembarque das nossas bagagens; e tambem só então fomos saudados pelos miguelistas com duas balas de artilheria, uma das quaes, sem offender

Digitized by Google

ninguem, cahio dentro da praça. Queria o Governador que alli nos demorassemos, mas tivemos por melhor passarmos á cidade. Tambem nos quiz dar cavalgaduras, mas preferimos ir a pé. Já no Porto se tinha espalhado a noticia da chegada de Saldanha, e ainda bem não tinhamos sahido da villa, quando começámos a encontrar muitos officiaes e muito povo, que nos vinham esperar. Todos nos obrigaram a montar a cavallo, e a procissão cada vez foi crescendo á medida que íamos andando. Quando entrámos na cidade, sem que pelo caminho fossemos saudados com uma só bala ou bomba da parte dos miguelistas, foi que recebemos um verdadeiro triunfo. As ruas estavam apinhadas de povo, as janellas estavam cheias de gente de todos os sexos, e não se ouviam senão acclamações de alegria, e vivas a Saldanha e a seus companheiros. Homens e mulheres do povo chegavam-se a Saldanha, todos o queriam ver de perto, e muitos e muitas o abraçavam. E o que mais era para admirar era tambem estarem affixados pelas esquinas editaes para senão darem vivas de qualidade alguma! Porém a voz publica, o instincto do povo tinham mais força do que as ordens e os editaes da auctoridade que os havia mandado affixar. A opinião, quando é geral, escarnece da estupidez dos governos, que julgam ser mais poderosos do que ella...

Entre estes applausos e alegria publica nos dirigimos á residencia de D. Pedro, que não estava em casa, e por isso passámos ao quartel do novo General Solignac. Este recebeu-nos mui polida e cortezmente, e com toda a especialidade ao Conde de Saldanha, e aos dois Generaes Stubbs, e Cabreira; e nesta mesma occasião, depois de ter feito cada um comprimentos particulares, como quem já estava instruido das pessoas que eram, e da figura que representavam, convidou-nos a todos para irmos jantar com elle no dia seguinte. Passado algum tempo tornámos a ir procurar D. Pedro, que já estava em casa, o qual nos recebeo, *não tão exactamente* como diz o historiador

Digitized by Google

Tacito que o Imperador Domiciano recebêra o general *Agricola* na sua volta de governar a Bretanha, isto é, *de noite e quasi ás escondidas;* mas de um modo *um pouco semelhante;* porque poucas palavras deo, e estas insignificantes, sem ao menos dizer aos Generaes — *sejam bem vindos!* E tudo isto praticado em poucos minutos, e com essa compostura de fisionomia *indefinivel*, que mostram todos os que são forçados a receber visitas de que não gostam.

Tinha-se determinado que nessa noite houvesse theatro, e nelle se queria dar ao Conde uma esplendida prova do muito que era desejada a sua vinda; porém motivos de *prudencia* fizeram com que nem elle nem nenhum dos seus companheiros lá fossem. Apesar d'isto houve grande enchente, muitos *vivas!* e um enthusiasmo civico, como D. Pedro nunca alli recebêra, ainda mesmo quando entrou no Porto. O Conde foi alojar-se no sitio chamado da *Batalha* em uma casa de pasto, que para lá o convidou, um dos seus mais especiaes admiradores, o dono della, o patriota Estanisláo. E eu fui para casa de um antigo amigo, *Manoel Antonio do Soveral*, que com sua mulher a senhora D. Carlota, me tinham ido esperar ao caminho da Foz, e alli me tinham convidado para ir viver em sua companhia. Com elle estive todo o tempo que residi no Porto, e lá recebi tantas finezas, e demonstrações de amisade de toda a sua familia, que passaria por ingrato, o que nunca fui, senão mencionasse aqui seus nomes. Todos os chamados amigos de D. Pedro, isto é, os que não queriam *Rei mulher*, trataram-nos com a mesma indifferença, senão era com o mesmo odio politico; e eu muito o experimentei, porque toda essa gente, com quem já familiarmente tinha vivido, nem uma só palavra de boas vindas me deo. No dia 19 fomos jantar com Solignac, que nos tratou com a mesma affabilidade do dia antecedente, e com toda a polidez e delicadeza franceza.

O estado em que achámos a cidade não era agrada-

Digitized by Google

vel; havia a *colera-morbus*, *fome*, e grande difficuldade de obter o necessario para a vida. Quanto á segurança, tambem a cidade estava em muito perigo, porque todos os que até alli tinham dirigido os negocios da guerra haviam mostrado uma ignorancia crassa: o que só havia de sobejo era valor na tropa, e extraordinaria coragem nos habitantes da cidade. Solignac, apenas tomára o commando, mostrou, que tinha mais bom olho militar, porque logo vio a importancia de uma grande posição, que até alli ninguem tinha visto, e era por assim dizer a chave da cidade, porque era a verdadeira defeza da Foz, a unica porta por onde o Porto podia ser soccorrido. Esta importante posição era o monte chamado do *Crasto*. Quiz o novo general occupa-la logo, e assim o fez; mas tendo capacidade para lhe conhecer a importancia, não a teve para segura-la, porque tão depressa a ganhou como depressa a perdeo. Os militares miguelistas tão, ou ainda mais ignorantes do que os nossos, tambem lhe conheceram só o valor depois que viram que os nossos a queriam segurar.

Logo depois da nossa chegada, Solignac dividio o exercito em tres divisões, que tiveram por commandantes Villa-Flor, Saldanha, e Stubbs; Cabreira ficou inspector da artilharia. O commando de Saldanha, o mais importante e arriscado, estendia-se desde Lordelo até o mar, incluido o castello da Foz. Como visse a importancia do monte de *Crasto*, e a gravissima falta de o não terem occupado, procurou logo remedia-la, escolhendo duas importantissimas posições, em que fez construir, sem perda de tempo, dois fortes *reductos*, chamados do *Pasteleiro*, e do *Pinhal*. Mas já estavamos no principio de Fevereiro, e se começou a sentir o mal que mais se temia — a *fome*; porque o tempo foi cada vez a peior, e os desembarques se tornaram quasi impraticaveis. Neste apuro de circumstancias D. Pedro chamou a conselho os Generaes dos tres commandos, e o General Solignac. Nelle se mostrou que não havia mantimentos para mais de *dez dias!* que

Digitized by Google

a força inimiga era, pelo menos, de vinte e quatro mil homens; e que a nossa não chegava a *sete mil e setecentos homens*, capazes de romper por entre os inimigos. Em vista deste quadro exigia, que os Generaes dessem francamente a sua opinião.

Saldanha deo a sua por escripto, e em francez, para que Solignac bem a entendesse. Reduzia-se ella: que não tendo os miguelistas ao sul por Villa-Nova mais de sete mil homens, a sua direita podia ser facilmente tomada; e que havendo segredo a manobra era infallivel. Que pela sua parte elle promettia executa-la; e que dado este passo se podia ir manobrar na Beira, ou lançar-se na Estremadura, *e ir morrer ás portas de Lisboa*! Eu vi e li este voto, e por isso posso affirmar que é verdadeiro.

A isto respondeo Solignac, que para esta operação não havia naquella occasião munições sufficientes, porque para cada soldado apenas poderiam haver *oitenta cartuxos*! Assim a cousa nenhuma ficou reduzido este ousado projecto. Foram-se porém recebendo com o maior risco e difficuldade alguns mantimentos, munições, e cousa de 200 soldados estrangeiros; começou-se a dar á gente pobre, por meio de subscripções, uma sopa economica diaria, porque havia abundancia de arroz, e por este modo nos podémos ir sustentando. * No emtanto Saldanha apressava com a maior diligencia a obra de um dos reductos, o *Pasteleiro*, e no dia 4 de Março já elle estava em termos de bem receber, como recebeo, os miguelistas.

Estes, suppondo ainda apenas começado o reducto, porque Saldanha tinha procurado encobrir as obras o mais que era possivel, presumpçosos, e como certos da victoria, chegaram-se a elle, e foram recebidos quasi, como se diz, á *queima roupa* com descargas de metralha, e uma mortandade espantosa. O valente regimento 10 que, occulto, estava prompto para os receber, cahio so-

* Houve dia em que se chegaram a distribuir seis a sete mil rações; e a individuos de todas as classes, porque a fome ia chegando a todos.

Digitized by Google

bre elles á baioneta, e completou a victoria, pondo-os em completa confusão. Saldanha estava preparado para os receber, porque de antemão sabía que naquelle dia ía ser atacado, e isto sabía por um espia fiel, que tinha no campo inimigo, e sempre o avisava dos movimentos que alli se faziam. Esta victoria deo grande nome a Saldanha, animou a tropa, e habitantes da cidade, e até desde logo fez crer aos estrangeiros, particularmente inglezes, que tinham embarcações no rio, que no Porto havia homem capaz de o salvar. Neste mez de Março o tempo melhorou, foram mais abundantes os viveres, que se íam recebendo, assim como o que era preciso para affrontar as balas e bombas inimigas, e tambem entraram mais alguns soldados estrangeiros, que se íam recrutando em França.

Eu neste meio tempo passava a minha vida, tomando e recolhendo notas para os meus Annaes, onde se acham muito mais desenvolvidos os muitos e importantes successos deste cerco memoravel. Nelle me aconteceram cousas notaveis; e uma dellas, bem extraordinaria, foi a seguinte. Passando um dia por uma rua vi á porta do major David, que veio morrer no Algarve depois do desembarque que alli houve, uns cavallos que me parecêram ser os do Conde de Saldanha. Dirigi-me á casa, subé que eram delle, que tinha vindo da Foz, onde tinha o seu quartel, e como lá tivesse toda a confiança fui entrando, e fui dar com o Conde em um quarto, conversando com um homem que eu não conhecia. Comprimentei-o, dizendo-lhe, que estimava muito vê-lo em boa saúde, e sem ter até alli soffrido algum perigo, e despedi-me; porque pensei que estava tratando algum negocio importante. Eu já vinha no meio de um grande corredor que tinha a casa, quando vi que o Conde corria atraz de mim, e me chamava. Chegando-se a mim, disse-me formaes palavras; — *meu Liberato! se eu for assassinado são FF..... os meus assassinos! Fique certo d'isso, e os amigos.* Fiquei pasmado, e elle accrescentou: —

Digitized by Google

aquelle homem, que alli está comigo, veio avisar-me, que me acautelasse. Eu respondi-lhe: pois nesse caso, de que tambem não duvido, é preciso tomar todas as cautelas; e d'isto já vou avisar os amigos. Boas razões tinha eu para não duvidar desta infame cobardia, porque nunca me tinha esquecido de uma carta que elle me tinha escripto de París para Londres, quando ainda não lhe era permittido ir para o Porto. A carta é a seguinte, palavra por palavra: — «. . . Sabe o canal por onde me chegam as noticias da rua de *Corcelles.* * A unica pessoa, que alli tem alguma commiseração de mim é a Imperatriz. Todos os outros só me concedem que tenho sido causa de não terem morrido de fome os emigrados; mas ainda agora continuam a dizer, que se eu me fosse apresentar no Porto era *indispensavel dar cabo de mim por todos os modos!* Não repito isto porque me importem taes ameaços, mas só para que calcule a boa vontade com que D. Pedro me veria alli apparecer.»

Esta carta recebi eu nos fins do anno de 1832; e estando em París em 24 de Novembro do mesmo anno, e em casa de Saldanha, disse diante de mim, e delle Saldanha, o doutor Francisco Solano Constancio o que ainda vou transcrever com toda a exactidão, e é o seguinte: — «No anno de 1829 houve uma reunião em París, composta, entre outros, do Marquez de Palmella, D. Francisco d'Almeida, Candido José Xavier, e o Visconde de Pedra-branca, cidadão brasileiro, na qual se assentou: que no caso de Saldanha tomar a resolução de ir para a Ilha Terceira, se devia buscar meio, ou pretexto de lhe fazer um conselho de guerra, e nelle se decidir que fosse asperamente punido. Não se podendo porém isto conseguir, se lhe devia obstar *por qualquer modo que fosse!*» E accrescentou o mesmo doutor Constancio, que tinha ouvido isto, *tal e qual*, da propría boca do Visconde de Pedra-branca. Agora advirtam os que chegarem a ler es-

* Rua de Paris, onde morou D. Pedro com a Imperatriz, e a Rainha.

tas minhas Memorias, que eu não estou escrevendo um romance, mas como homem verdadeiro, de que me préso ter sido em toda a minha vida, só escrevo o que fui, vi, e ouvi no longo periodo da minha existencia no mundo. E é bem que a história pinte com verdade os homens que viveram e figuraram em nosso tempo, e que a lisonja sempre costuma desfigurar. . . .

O Marquez de Loulé tambem chegou a entrar no ministerio; e foi elle o *unico* que deu sinaes de saber que eu alli estava, porque por via de D. Luiz de Vasconcellos, pae do primeiro Conde das Alcaçovas, me mandou offerecer o primeiro logar na sua Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Agradecendo-lhe muito a sua attenção, e o bom conceito que fazia de mim no mesmo tempo em que todos os amigos de D. Pedro evitavam fallar-me, e até de se encontrarem comigo, rejeitei a offerta que me fez; e não dou aqui a razão principal, porque a recusei; porque talvez desagradasse a alguem ainda vivo, e eu não quero, sem ser preciso, dizer cousa, que possa offender o melindre de quem quer que seja. Se tenho escripto cousas que possam desagradar a alguem, é porque para isso me vejo muitas vezes obrigado para contar com verdade factos que julgo, bom é, que se saibam.

No dia 19 de Maio deste mesmo anno, por um desses acasos felizes, que uma ou outra vez se encontram na vida, escapei de morrer pelo choque de uma bomba, que ás 5 horas e meia da tarde cahio na casa em que morava na rua do Pombal, n.º 16. E este acaso, ou o que lhe queiram chamar, foi bem extraordinario, porque achando-me bem incommodado, estava para me deitar sobre um canapé que tinha no quarto. Ouvindo porém tocar a campainha da porta da rua, e a voz de uma pessoa conhecida, abri immediatamente a porta do quarto em que estava, e ao pôr o pé fóra della ouvi o estampido de uma bomba, que cahia na casa d'onde sahia, e que rebentando alli havia quebrado portas e janellas, e quanto nella havia! Felizmente não fez mal a pessoa al-

Digitized by Google

guma, porque entrou por um lado da casa, onde naquelle momento não estava pessoa alguma. Em quanto esta boa fortuna assim me acontecia, um emigrado meu conhecido, natural de Coimbra, e que fazia todas as diligencias para se livrar das bombas, *depois de ter feito tudo o contrario do que costumava fazer, para dellas se escapar*, indo uma noite, por este motivo metter-se mui cedo na cama, e no logar mais baixo da casa onde morava, apenas se tinha deitado, foi esmagado e morto por uma, que passando ao lado de alguns companheiros, que moravam com elle, sem lhes tocar, foi procurar o medroso e o matou! Digam agora os filosofos, o que é isto que se chama destino, acaso, ou fortuna, que tem certos homens na vida!... Porque morreria aquelle homem, que tanto procurava evitar a morte, e esta o foi buscar, *como de proposito*, e me poupou a mim para escrever estas linhas!....

No meio do mez de Julho recebi no Porto a triste noticia da morte de meu bom irmão Luiz Antonio Freire de Carvalho, que morreo na idade de 67 annos, depois de ver confiscados, perdidos, e devorados todos os seus bens desde o anno de 1828, e que foi emfim preso em 1832, e acabou a vida na prisão de Thomar depois de transferido para ella da de Coimbra. Uma dessas victimas do baixo tyranno D. Miguel, a quem, como a novo *Moloch* ainda hoje tributam incensos homens, que se dão por creaturas intelligentes, feitas á imagem de Deos!!... monstro estupido! perjuro! e cruel!... O crime de meu irmão foi o que os miguelistas hoje chamam virtude; preferia D. Pedro a D. Miguel, a quem nunca injuriou, nem offendeo!...

Melhorou consideravelmente o tempo, houve abundancia de viveres e munições; e as victorias se succederam umas apóz outras, dirigidas já por Saldanha, e que até fez murchar os louros do marechal francez *Burmont*, o vencedor d'Argel, esse famoso traidor a Napoleão, e a quem se tinha procurado em vão disfarçar esta infa-

mia, incumbindo-o daquella conquista em que fôra feliz.

Solignac, por desgostos, e talvez por ver que já não podia fazer boa figura a par de Saldanha, havia pedido a sua demissão, e tinha partido para França. Estando pois os nossos negocios já tão bem figurados, entrou-se a pensar em fazer uma diversão ao inimigo, indo ataca-lo em alguma parte do reino ; escolheo-se o Algarve. Quem nisto muito se interessava eram os que em Inglaterra nos tinham emprestado dinheiro, e que não o podiam recobrar senão com o triunfo da causa da Rainha. D. Pedro, e o mesmo Solignac, em quanto foi commandante da nossa tropa, eram de diversa opinião, e queriam a todo o custo atacar os miguelistas pelo norte do Porto ; mas Saldanha e os officiaes de bom juizo eram de voto contrario por lhes parecer, que era uma temeridade muito arriscada, o que depois se vio que podia ter sido fatal. Assim entre esta lucta de opiniões venceo a do ataque pelo Algarve ; e para isso se arranjou um novo emprestimo. Comtudo para elle se verificar pozeram os emprestadores por condição absoluta, que não entregavam o dinheiro a D. Pedro, nem ao seu governo com receio de que o applicassem para outra expedição. Escolheram então para ser caixa do dinheiro, e acompanhar a projectada tentativa de ataque, o *Marquez de Palmella*, que estava na desgraça de D. Pedro, do seu governo, e de todos *os que não queriam Rei mulher*, e homem, que, havia pouco tempo, a gazeta ministerial, a *Chronica*, tinha annunciado *ao publico como traidor!!*

Conseguido o dinheiro, e organisada a expedição maritima, que devia ser commandada pelo novo commandante Napier, chegaram á barra do Porto os navios que deviam transportar a tropa, que ía ás ordens do Duque da Terceira. Depois de metade della já estar a bordo, entrou D. Pedro com o seu governo a querer impedir que tomasse aquelle destino, mas foi tal a força da opinião publica, que tanto elle como o governo fôram forçados a desistir da sua louca teima ; e até o governo *vo-*

Digitized by Google

tou por fim contra seu amo! O que então correo, e ouvi repetir, foi: — que os ministros tinham sido a isto obrigados pelas reflexões sérias e muito terminantes de tres homens, que foram, o Coronel Pacheco, official de um superior merecimento, e que lá morreo no Porto de uma bala; José Jorge Loureiro; e Mouzinho de Albuquerque.

Eu que sabia a indisposição que tinha Saldanha contra Palmella, porque, além do desafio que lhe havia feito em Londres, lhe tinha mandado dizer por escripto no anno de 1830, e com data de 3 de Abril — «que rompia para sempre com elle todas as relações de amisade, e sómente admittiria aquellas que fossem convenientes para o bom serviço da Rainha,» escrevi-lhe nestes mesmos dias á Foz, onde conservava o seu quartel, pedindo-lhe, que recebesse bem Palmella, e se esquecesse, pelo menos, naquella occasião, quanto até ahi se havia passado entre ambos. Na minha carta dizia-lhe o seguinte: — «que em politica não havia senão interesses, que não ligavam nem pelo passado nem pelo futuro; e que, em uma palavra, quando esses interesses eram, com especialidade, a bem da patria, os sentimentos do coração se deviam sacrificar aos raciocinios da cabeça; porque sempre era honroso e heroico sacrificar ao bem do paiz os resentimentos pessoaes, quaesquer que elles fossem. E que elle teria quem lhe désse exemplo, porque havendo annos que não visitava Palmella, por me haver separado delle *politicamente*, o iria logo comprimentar assim que chegasse ao Porto.» Isto cumpri eu, indo deixar-lhe um bilhete por o não ter encontrado em casa.

Saldanha houve-se neste caso como cavalheiro, porque o recebeo na Foz com a antiga familiaridade; e tão satisfeito deixou Palmella, que este disse em tom que todos ouviram — *agora que na minha entrada começo tão bem, já não posso augurar mal da causa da patria.* Esta reconciliação politica entre dois homens, que pareciam irreconciliaveis, assombrou D. Pedro, o seu ministerio, e lhes transtornou todas as combinações; e as vozes, que

sahiram de suas casas, e dos clubs ministeriaes, foram, que Palmella devia ser preso e processado por tratar, e concluir negocios sem auctorisação do governo. Este acto estulto já não estava ao alcance de D. Pedro, nem de seu ministerio, nem dos seus clubs; a opinião publica teve mais força do que elles, e a expedição se fez, e foi bem succedida. Na minha opinião foi este heroico acto de Palmella o *unico*, que na sua vida fez em proveito da patria, e muito folgo de o relatar.

Com o feliz desembarque no Algarve, e com a entrada ainda mais feliz da nossa gente em Lisboa, desassombrou-se o Porto, e em poucos dias ficou logo livre do apertado cerco que tivera. Saldanha completou esta grande obra em 24 d'Agosto deste anno, porque arrojou os miguelistas tanto do lado do sul como do norte do Douro para tão longe, que não poderam torna-lo nem sequer a ver. O bem combinado e melhor executado ataque que lhe fez no dia 24, levou os miguelistas da parte do norte em plena debandada até ás alturas de Vallongo, onde ainda não se poderam manter com 5,500 homens, apesar de occuparem uma tão forte posição. Os cobardes foram levados adiante das pontas das nossas espadas até ás alturas de Ponte Ferreira, onde os nossos os deixaram para poderem fugir á sua vontade.

D. Pedro tanto que soube da entrada de Lisboa partio logo para lá; e Saldanha completada a obra do grande dia 24, não havendo já que recear da sorte do Porto, ainda mesmo antes de ser chamado por D. Pedro, tomou o mesmo caminho para alli dar principio a novas victorias, com que tornou seu nome *illustre* como militar. Eu fiquei ainda alguns dias no Porto, e pude presencear a execução do acto mais brutal e selvagem que se póde imaginar, que foi o lançar-se fogo aos armazens de vinho da Companhia por ordem expressa de D. Miguel communicada ao Duque de Lafões para a mandar executar. Destes armazens, assim como de outros que estavam proximos, com um estampido horroroso das explosões, come-

Digitized by Google

çaram logo a subir rolos de fumo e de fogo, e por entre elles a correr torrentes não de vinho e agoa-ardente, mas de vivissimo fogo, porque sendo todos aquelles vinhos finissimos e cobertos de superior agoa-ardente corriam inflammados, e pareciam grossas levadas de metaes derretidos. As agoas do Douro chegaram a tingir-se de vermelho, e até a recuar das suas margens, impellidas pela força dos vinhos e agoas-ardentes que nellas se precipitavam. O povo do Porto, e bem assim os mesmos, que seguiam as bandeiras do usurpador, estavam vendo este espectaculo atroz cortados de espanto e horror, porque nunca tinham pensado que no coração humano podessem caber excessos de tão brutal perversidade. O executor desta ordem de eterna infamia, e de inaudita ferocidade foi, segundo uns, o Brigadeiro Gouvêa Osorio, e segundo outros, o Brigadeiro Lemos: fosse porém qual fosse o monstro, que a executou, o seu nome, e a sua memoria serão sempre detestaveis. O Duque de Lafões, que a mandou executar, transmittio tambem á sua familia uma nodoa bem negra, e indelevel. . . E ao monstro D. Miguel, por mais que seus aduladores queiram exaltar seu nome, nunca poderão apagar a *marca de Caim*, que este acto, com os muitos mais que praticou, lhe tem gravado para sempre na corôa tão brutalmente manchada! . . . O consul inglez Mr. Sorel, e o francez Mr. João Mallen protestaram contra este acto selvagem. A perda que houve nesta execravel medida foi avaliada, segundo ouvi lá dizer, em 17,374 pipas de vinho, e 523 de agoa-ardente.

Fim do anno de 1833 até 25 de fevereiro de 1840.

No dia 16 de Setembro sahi do Porto, e nesse mesmo dia cheguei a Lisboa embarcado em um vapor. Encontrei lá a mesma recepção por parte do governo, e daquelles que o apoiavam, tal e qual até alli a tinha re-

Digitized by Google

cebido. Passava por saldanhista, e era isto bastante para ser odiado. Fui espectador de todas as victorias, que se seguiram; e em todo esse tempo, o que é notavel, fui mui particularmente cortejado por Palmella, que suppunha ser eu naquella época muito influente no partido chamado opposição, porque nelle Saldanha representava de chefe. É verdade que elle então dava muito que cuidar a D. Pedro e ao seu governo pela força e consideração das suas victorias. Nesse tempo tanto elle como os seus amigos queriam publicar um periodico, que rebatesse a marcha do governo, e quizeram incumbir-me da sua redacção; mas eu tinha nisso grande repugnancia, porque apesar de se dizer, que estavamos no regimen da Carta, não havia liberdade de imprensa, havia censura!... Apertado para isto, como se diz, por todos os lados, eu que não queria desagradar aos meus amigos, cedi emfim, dizendo-lhes, que tentaria a empresa comtanto que o governo me nomeasse um censor particular de bom juizo, para que a publicação não tivesse as difficuldades e demoras que causam os muitos censores. Comtudo fiz uma declaração, que eu ía pedir ao governo um só censor; mas que na mesma petição havia de *protestar* contra a censura, como inconstitucional. Concordou-se nisso, e fiquei muito satisfeito de me ver livre da empresa, que queriam que tomasse, porque logo vi, que não teria bom despacho. Assim aconteceo, e eu fiquei livre da palavra que tinha dado.

Saldanha apesar das suas victorias, nem sempre era bem tratado por D. Pedro e o seu governo: umas vezes lhe faziam mimos, outras lhe davam grandes desgostos; e nestas alternativas os amigos, que o rodeavam, levaram-no a ponto de querer deitar abaixo o ministerio, e formar outro com a ponta da espada. Começou-se a tratar isto com grande empenho, e quem mais influia nesta pequena revolução era o irmão do General, Domingos de Saldanha. Mas a difficuldade era a escolha da nova gente, que devia entrar na scena politica. Havia ambições

como sempre ha para estes empregos, e não se podia vir a uma combinação, que agradasse aos que tentavam fazer essa mudança ministerial. Nesta hesitação veio ter comigo Domingos de Saldanha, que era um designado para membro do tal ministerio, e disse-me que *necessariamente* eu havia de entrar nelle. Recusei, e recusei de veras; mas passado pouco tempo tornou a fallar-me, e disse-me, que eu não tinha remedio senão acceitar uma pasta; que sem mim não se podia formar ministerio, que agradasse; e que se eu me recusava era faltar aos amigos em uma conjunctura das mais importantes. Eu não sabia que fizesse; hesitava, e hesitava por intima convicção, de que não podia nem me convinha acceitar tal emprego. Por fim apertado por todos os modos, respondi: acceito pois; mas já d'aqui lhe declaro, que *dentro de oito dias vou dar a minha demissão;* e acceito, ou dou o meu nome só porque me diz, *que sem elle* senão póde formar a administração; mas formada que ella seja demitto-me; fique certo d'isso... Ficámos nesta resolução, e felizmente todos os planos se transtornaram; nada foi a effeito, porque a *volubilidade* de Saldanha me livrou do embaraço em que me achava, embaraço que era verdadeiro.

D. Pedro e o seu ministerio que aventaram este golpe, para o desviarem, recorreram ás caricias. D. Pedro e o seu ministro Agostinho José Freire correram apressados ao Cartaxo, onde estava Saldanha, e lhe lançaram o *anzol* com uma dessas iscas tentadoras com que depois os seus successores o agarraram devéras... Olhem agora os meus leitores, se estas Memorias se chegarem a ler, que não conto isto por vaidade; é só para mostrar o que passei no meu tempo. Confesso como homem verdadeiro, que nunca tive ambição de ser ministro, nem de figurar em *fantasmagoria* alguma politica. Por caracter fui sempre avesso a essas representações. Nem nisso tive merecimento, porque nasci com uma repugnancia invencivel para todo o emprego de *apparato*; e esta minha repu-

Digitized by Google

gnancia a minha razão, que tive mui clara e desassombrada, com o tempo e conhecimento do mundo cada vez mais a fortificou. Senão fosse esta natural repugnancia, que occasiões tive para figurar em mais alta esfera do que figurei! Pois bem sabia eu com que artes os altos empregos se alcançam! Não usei dellas....

Em quanto se tecia esta conspiração contra o ministerio, tive occasião de rectificar o conceito que já fazia de um dos nossos notaveis homens d'Estado, o então Marquez de Palmella. Já disse como elle me festejava muito naquella época. Tive uma conferencia com elle em casa de Joaquim José da Costa de Macedo, hoje Secretario geral da *nova* Academia Real das Sciencias, e que então morava junto do alto de Santa Catharina, em que me disse, formaes palavras: — « Escreva a Saldanha, e digalhe — que estou prompto para o servir em tudo... o *que quero é que me não despresem!*... Bem sei que não posso nem devo agora figurar, mas o que só pretendo é que façam bom conceito de mim, porque os hei-de servir lealmente como cavalheiro que sou! » Eis-aqui o que era o Duque de Palmella, e o que sempre foi: não tinha caracter politico firme; havia de servir tão bem um governo republicano como um aristocratico, ou monarchico, com tanto que nelle figurasse em gráo superior, e o distinguissem como elle desejava: era esta a sua ambição; queria figurar em todos os partidos politicos; o que não tolerava era o *despreso*. Dizia no anno de 1828 a Saldanha que delle dimanára a primeira idéa de vir o Infante governar Portugal, porque a *instancias suas* fôra que Mr. Caning tinha escripto á Côrte de Vienna para este fim; e que de o ter feito *muito se gloriava*. Póde-se logo concluir, sem levantar-lhe um falso testemunho, que se contra D. Miguel se declarou, foi porque na vinda do Infante para Portugal em que passou por Londres não o convidou para vir ser seu ministro; e então seguio a traiçoeira politica ingleza. Quando Palmella me disse o que acabo de referir estava no *desagrado* de D. Pedro

Digitized by Google

e do seu governo por ter entrado, como pessoa principal, na expedição do Algarve. E tambem já o tinham dado como *traidor* em uma das *Chronicas* do Porto, segundo me parece, já escrevi. Não conto historias, como vulgarmente se diz; refiro com verdade o que passei na vida, a qual muitos hão-de ter pensado que foi bem insignificante. E além de tudo o que acabo de dizer, não escrevi eu já, que Palmella fizera todos os esforços para enviar para o Brasil todos os emigrados que estavam em França? Que por causa d'isto tratára tão desabridamente Saldanha? Então bem se deixa ver, que mais queria sustentar o throno de D. Miguel, do que o da Rainha D. Maria II! E não só isto; mas que não tinha repugnancia alguma em servir o usurpador...

As contínuas victorias levaram emfim D. Miguel á Evora-monte, já vacillante no throno desde o Porto; e nem podia ser de outra sorte, porque sustentado em um throno, *ensopado em sangue*, forçoso era que mais dia menos dia delle escorregasse. Seguio-se a convocação de Côrtes, segundo a Carta; e então D. Pedro, que queria a todo o custo ser Regente, e como elle dizia, por ser *successor de sua filha*, fez tudo quanto pôde, e poderam os seus ministros e aduladores, para ser por ellas nomeado. Inventaram-se todas as manobras, e assacaram-se todos os defeitos aos que se julgavam contrarios á sua eleição; e eu, entre muitas cousas, fui tachado de *Palmellista!* Por uma das felicidades da minha vida, estando eu nessa época reduzido á classe de *proletario*, como hoje estou, por não ter *alguns reaes*, que dão direito e *intelligencia* para ser deputado, tive com tudo alguns amigos que por uma *escriptura publica* me constituiram uma renda sufficiente para poder ser eleito. Muito sinto terse-me extraviado, não sei como, essa honrosa escriptura, porque queria aqui nomear as pessoas, que me fizeram este obsequio, e tão distinctamente me honraram naquella occasião; acceitem porém elles, se forem ainda vivos, o meus sinceros agradecimentos, porque nunca fui ingrato

Digitized by Google

e sempre fui verdadeiramente sensivel tanto aos favores que recebi, como ao mal que tambem em alguns individuos encontrei, quando achei que não lho merecia. Lendo então em uma gazeta, que era a *Chronica*, papel do governo, algumas allusões, que me pareceram se dirigiam a mim, desconceituavam o meu caracter, e me chamavam por accrescimo *Palmellista*, respondi com vigor na mesma gazeta, e sobre este ultimo artigo lembro-me dizer: «que eu não era nem nunca fôra *Palmellista; mas Palmellistas eram aquelles, que eu tinha visto um dia beijar-lhe os pés, e no outro escarrar-lhe na cara...»* A allusão era frisante; e tive em resposta grandes encomios ao meu caracter. O caso foi que não sahi deputado por Lisboa.

Quando isto assim se passava tive ainda a boa fortuna de ver, que se alguem procurava desconceituar-me no publico, tinha apesar d'isso nobres caracteres, que melhor me avaliavam. Um dia, sem sequer o suspeitar, veio ter comigo, não me lembra bem se foi o Conde de Lumiar, ou de Paraty, que me disse, vinha propor-me da parte da Camara dos Pares, se nella queria acceitar o emprego de *Archivista*, porque todos muito o estimariam, e ficariam contentes. Acceitei immediatamente, e agradeci ao Conde a offerta que me fazia em nome da Camara, não tanto pelo que ella valia, mas pelo modo delicado e honroso porque me era feita. Em consequencia d'isto tomei posse deste emprego, e me achei archivista da Camara dos Pares. Era a segunda offerta, que, sem a sollicitar, havia tido; a primeira, segundo já disse, feita no Porto pelo Marquez de Loulé para ir para a Secretaria dos Negocios Estrangeiros, que não acceitei; e esta, que agora com todo o gosto e a maior satisfação recebia pelas circumstancias que a acompanhavam.

Feitas as eleições, as Côrtes se haviam reunido em 18 de Agosto deste anno de 1834, e eu não tinha pena alguma de não lhe pertencer. Satisfeito com o meu emprego nada mais desejava, porque vivia socegado, tinha

Digitized by Google

uma honrada independencia, e as minhas ambições não iam mui longe. Desde Agosto até Outubro fui frequentando a minha repartição sem que nada occorresse que perturbasse os meus trabalhos; e só no intervallo delles fui algumas vezes assistir á discussão que havia sobre a eleição de Rodrigo Pinto Pizarro, que se achava preso por um desses despotismos do Regente D. Pedro, e a quem se queria excluir da Camara, como se excluio, só para agradar ao seu perseguidor, que apenas pôde gosar deste triunfo, porque para seu socego e nosso logo morreo. Digo para *seu socego e nosso*, e isto sem rancor, mas é, porque estou intimamente persuadido, de que se vivesse mais tempo havia de passar por grandes desgostos, e que nós tambem os haviamos de ter; porque havia de ser em Portugal o que havia sido no Brasil; e d'isso já tinha dado tristes provas. Portanto, digo, e repito sem odio algum, que morreo a tempo para seu socego e nosso...

Emfim, os meus destinos ainda não estavam cumpridos, eu devia fazer outra figura além de archivista da Camara dos Pares. Lembra-me que estando um dia de manhã ainda na cama, e parece-me ter sido no 1.º de Outubro de 1834, me vieram entregar um masso de papeis, e que abrindo-os, vi que era a procuração dos habitantes da Ilha da Madeira pela qual me nomeavam seu representante nas Côrtes. É bem de crer, que fiquei admirado, porque não tinha dado passo algum para aquella nomeação, assim como nunca o dei para as quatro vezes que fui nomeado deputado; e isto digo debaixo de palavra de honra. Lembrei-me então que isto era obra de muitos habitantes da Madeira, que tinha conhecido e tratado em Londres no tempo da emigração, dos quaes todos havia recebido muitas provas de affeição e amisade. E igualmente me lembrei de que o meu constante e honrado amigo José Aleixo Falcão teria igualmente feito lembrar o meu nome, porque tinha muitos conhecimentos na Madeira, e tinha visto a guerra que se me havia feito para não ser nomeado por Lisboa. Não me enganei

Digitized by Google

nesta ultima conjectura, porque perguntando-lhe se tinha dado alguns passos para esta minha nomeação, respondeo-me que sim; mas que tendo-me recommendado, a resposta que tivera, fôra que era escusada a sua recommendação porque eu tinha na Madeira muitos amigos que se lembravam do meu nome. Eis-aqui pois como me achei deputado pela Madeira quando menos o imaginava.

Tomei posse de deputado em 3 de Outubro, e entrei na Camara em companhia de outro deputado pela Madeira, Jervis d'Atouguia, hoje Visconde d'Atouguia. Ambos fomos sentar-nos na esquerda da Camara, e em duas unicas cadeiras, que estavam desoccupadas, porque naquella época a opposição era numerosa. Eu não podia tomar outro logar que não fosse aquelle: havia sido deputado na Constituição do anno de 20, e nas Côrtes ordinarias; havia tomado nellas a mesma posição; havia, além d'isto, sido um dos deputados que tinha *protestado* contra a violencia, infamemente revolucionaria, daquella fatal época; e faltaria aos meus principios se tomasse outro logar. Podem a este respeito fazer de mim o conceito que quizerem, mas ao menos hão-de confessar, que foi *constante e invariavel* a minha marcha politica. Se errei, o que não creio, foi só por uma vez; porque nunca me desviei uma linha do caminho que uma vez tomei, apesar de ver em torno de mim esvoaçar muitas aves famintas, que voavam de ramo em ramo sem o mais pequeno embaraço a buscar quem lhes offerecia bom engodo... e o acharam...

Na sessão do dia 4 requeri, que se lançasse na acta, que renunciava o subsidio como deputado, por ter um ordenado como archivista e thesoureiro da Camara dos Pares, e não approvar a pluralidade de ordenados na mesma pessoa. E isto tal e qual nella se lançou como aqui deixo escripto.

Na sessão do dia 29 apresentei e mandei para a meza uma indicação em que propuz, que para dar toda a solemnidade á exclusão do ex-Infante D. Miguel, do thro-

Digitized by Google

no portuguez, fosse esta resolução assinada por todos os membros da Camara, a qual indicação foi approvada.

Na sessão de 5 de Novembro decidio-se, que a exauthoração e perpetua exclusão do ex-Infante D. Miguel, e de *todos os seus descendentes*, do throno de Portugal, sanccionada pela Camara, e que na fórma da minha proposta devia ser assinada por todos os membros della, se consignasse em um *Auto separado*, cuja redacção me fosse encarregada.

Na sessão do dia 8 deste mesmo mez apresentei, e mandei para a meza o Auto acima indicado. Este *Auto*, assinado por todos os membros da Camara, foi por ordem della mandado guardar no seu archivo, e remettido para a Torre do Tombo, e Secretaria dos Negocios do Reino, para em ambos estes archivos tambem se conservar e guardar.

Como tive uma parte tão distincta neste negocio, direi tambem aqui como elle principiou. É um facto historico de grande importancia, e bem é que seja bem conhecido.

Na sessão de 2 de Setembro, em que eu ainda não estava na Camara, passou-se o seguinte, litteralmente copiado das actas:

« Fez-se a segunda leitura das seguintes propostas: 1.ª do Sr. deputado Barão de Rendufe a respeito de ser banido de Portugal, e privado da prestação annual de 60 contos de réis o ex-Infante D. Miguel; 2.ª do mesmo Sr. deputado a respeito da declaração do começo da linha collateral, (de que trata o art. 88 da Carta) na pessoa da Senhora Infanta D. Januaria, e sua descendencia legitima; 3.ª do Sr. deputado Silva Sanches sobre a desnaturalisação do dito ex-Infante, sobre as penas em que deve incorrer no caso de voltar a Portugal, e sobre o modo porque deve ser processado e julgado; 4.ª do Sr. Barreto Ferraz sobre a cessação da prestação ao sobredito ex-Infante D. Miguel, e sobre a sua exclusiva applicação. Todas estas propostas, relativas ao ex-Infante

D. Miguel foram admittidas á discussão, e por indicação do Sr. Ministro da Guerra se approvou, que fossem todas remettidas á Commissão de Legislação, logo que fosse nomeada, afim de as refundir, tomar em consideração, e dar o seu parecer. »

Na sessão de 29 de Outubro se leo o projecto da Commissão de Legislação sobre a exauthoração do ex-Infante D. Miguel, concebido em seis artigos; e como senão movesse discussão alguma sobre elle em geral, foi *unanimemente* approvado por todos os deputados presentes. Passou-se logo á discussão particular segundo o desejo da Camara. Leram-se em consequencia os dois 1.º e 2.º artigos, relativos á exclusão perpetua delle, e seus descendentes do throno portuguez, que sem discussão foram *unanimemente* approvados. Seguio-se o art. 3.º, relativo ás penas que lhe impunha a lei se quebrantasse o que ella determinava, e entre muitos additamentos e substituições, adoptou-se a do deputado *Bandeira de Lemos*, concebida nestes termos: — « No caso em que o ex-Infante D. Miguel, *ou algum de seus descendentes* para o futuro ousem entrar em territorio portuguez contra a defeza do art. 2.º da presente lei, elles, e quem os acompanhar, ou se lhes unir, ou lhes der asylo e protecção, serão todos por este facto havidos como réos de alta traição; e sendo julgados em conselho presidido pelo commandante militar mais graduado, do logar em que tiverem sido presos, ou do mais proximo, na falta do primeiro, e composto de quatro vogaes militares por este commandante nomeados, sem dependencia de ordem superior, *serão immediatamente arcabusados*: o processo será verbal e summarissimo, e deverá em 24 horas ultimar-se, e ter logar a execução dos réos. » Julgada a materia sufficientemente discutida, decidio-se que se votasse sobre o artigo, redigido pelo Sr. Bandeira de Lemos. E dividindo-se nas suas differentes partes, e submettendo-se á votação nesta conformidade, *foi approvado em todas as suas partes*. O additamento que propunha a permissão

Digitized by Google

a qualquer cidadão portuguez de matar o ex-Infante D. Miguel não foi approvado. (Extracto fiel das actas).

Passou-se ao art. 4.º que tambem foi approvado com algumas pequenas emendas. O art. 5.º approvou-se sem discussão. O art. 6.º foi igualmente approvado, salvas algumas emendas. O additamento emfim a este artigo, e o mais notavel, que tambem foi *unanimemente* approvado, era assinado pelos deputados *Magalhães*, e *Aguillar*, que propozeram o premio de *dez contos de réis* por uma vez sómente, e pagos pelo thesouro, á pessoa que prendesse o ex-Infante D. Miguel, e o entregasse á auctoridade respectiva.

Talvez que em nenhum tempo, e em nenhum paiz se fizesse uma lei como esta para excluir do throno um tyranno; e porque é tão famosa e terminante quero aqui mencionar os nomes dos homens que a assinaram assim como o Auto de que já fallei, e fui auctor. São elles os seguintes, copiados fielmente das Actas.

« Srs. Freire; Serpa Pinto; Jervis d'Atouguia; Fonseca Moniz; Camello Fortes; Geão; Dias d'Oliveira; Ferreira Borralho; Mimoso Guerra; Cayolla; Barjona; D'Avilla; Alheira; Vieira de Castro; Seabra; Antonio Maria d'Albuquerque; Couceiro; Carneiro Canavarro; Vasconcellos Abranches; Barão de Rendufe; Teixeira de Queiroz; Pereira do Carmo; Canto Machado; Bernardo Joaquim Pinto; Vieira da Motta; Augusto de S. Paio; Duarte Borges; Pereira Ferraz; Chaves e Mello; Almeida Pessanha; Francisco Antonio de Campos; Botto Pimentel; Bittancourt; Paula Azeredo; Rebello Leitão; Costa Refoios; Soares Caldeira; Baeta; Vicente Camacho; João Bernardo de Sousa; João Elias da Costa; Ferreira Sarmento; Pina Cabral; Soares Luna; Joaquim Antonio d'Aguiar; Costa Sobrinho; Joaquim Antonio de Magalhães; Filippe de Soure; Queiroz; Larcher; Galvão Palma; Quevedo Pizarro; Velloso da Cruz; Avillez Zuzarte; José Alexandre de Campos; Braklamy; Sousa e Azevedo; Mourão; Teixeira de Moraes; José

Digitized by Google

Caetano de Campos; Pinto Basto; Ferreira Pestana; Ferreira de Castro; Henriques Ferreira; Figueiredo Freire; José Joaquim dos Reis; Silva Pereira; *Liberato Freire*; Sá Vargas; José Joaquim da Rosa; Rojão; Almeida Amaral; Mascarenhas e Mello; Campeão; Santos Valle; Silva Carvalho; Teixeira Aguillar; Bandeira de Lemos; Barreto Feio; Mouzinho da Silveira; Silva Sanches; Tavares Cabral; Lourenço José Moniz; Coelho de Magalhães; Sousa Saraiva; Tavares de Carvalho; Macario de Castro; Gonçalves de Miranda; Cardozo Castello-Branco; Azevedo Loureiro; Sousa Raivoso; Fonseca Magalhães; Sousa Castello-Branco; Thomaz Norton; Visconde de Fonte Arcada; Marciano de Azevedo; Soares de Azevedo; Queiroga. »

Agora se poderá conjecturar se fui indiscreto quando antes disse, que D. Pedro havia morrido a tempo para seu e nosso socego. Que diria, e que faria se fosse vivo quando se fez esta lei? Approva-la-ía? Não sei... e no caso de a não approvar que succederia tambem? Não sei... julgue-o quem desapaixonadamente me ler... Estou certo que os portuguezes, a quem ainda as feridas de fresco gotejavam sangue, e sangue derramado por ordem de D. Miguel, haviam de querer manter a lei; e se a isso se oppozesse D. Pedro que succederia? É facil de imaginar; e não será isso mui difficil para quem se lembrar do desgosto que já tivera no theatro de S. Carlos, quando *imprudentemente* alli foi annunciar, como uma grande façanha, as condições com que fizera sahir do reino o irmão, a quem dava, para não ir com as *mãos vazias*, e por premio do bem com que nos tinha tratado, a pensão annual de *sessenta contos de réis*! Com um homem de tal juizo como seriamos felizes!...

Ainda hoje com muita satisfação me honro de haver tido uma parte mui activa neste negocio: sempre detestei os tyrannos; e uma das occupações mais agradaveis, que tive na minha vida, foi a de traduzir os *Annaes* de Tacito, o meu livro mimoso. Como me consolava quan-

Digitized by Google

do via o auctor ir dessecando com o seu afiado escalpelo fibra a fibra o coração corrupto dos monstros, que tinham governado Roma! Parecia-me estar ainda vendo seus cadaveres expostos á execração do mundo! E não era isso por ter máo coração, porque nunca o tive, antes mui sensivel ás desgraças humanas, que sempre, como pude alliviei; mas porque sempre detestei o abuso da força, que o homem faz contra o seu semelhante mais fraco do que elle. Nasci com o espirito de rectidão e de justiça; e se me tivesse cabido em sorte o encargo de a administrar, havia de ser sempre compassivo e moderado no julgamento das fraquezas humanas, porém severissimo e inexoravel nos grandes crimes, e nos grandes attentados, quer fossem contra a vida, quer contra a liberdade de meus semelhantes.

Ainda nesta sessão legislativa tive que representar uma figura curiosa. Nesse tempo Saldanha era o chefe da opposição, e se conservava em uma dessas posições *tão variadas* que tem tido na vida. A opposição era constantemente accusada de impedir a marcha do governo no bem que desejava fazer ao paiz, quando esta marcha era a mais ruinosa pelos desnecessarios e pesados emprestimos estrangeiros, que fazia, tendo a audacia e temeridade de dizer que com elles *se augmentava o nosso credito!* Ao mesmo tempo a fazenda publica, e essa avultada somma de bens nacionaes, producto dos bens dos frades, tanto moveis como de raiz, passava de mão em mão para delapidadores de todas as classes, e que eram os amigos do ministerio. Em taes circumstancias assentou a opposição não continuar a fazer parte de uma Camara, que apoiava estes desacertos, e nem passar por cumplice nelles. Um dia de manhã, antes de irmos para a Camara, juntando-se o maior numero dos membros da opposição, e com elles Saldanha, e se bem me lembro em uma casa no fundo da travessa da Arrochella, que faz esquina para a rua de S. Bento, e pertencia a um dos nossos amigos, alli se decidio, que nesse mesmo dia propozessemos, que

Digitized by Google

nos íamos despedir da Camara, porque não queriamos estorvar a marcha do governo, nem que este continuasse a dizer, que a opposição era a causa delle não executar as medidas que queria tomar para organisar o paiz. Isto assim decidido, faltava porém determinar quem havia de fazer a moção. Todos disseram que *fosse eu*, como homem, que julgavam mais proprio, porque não havia antipathias contra mim. Muito me custou a incumbir-me deste negocio, porque receava que désse causa a algum barulho; mas que devia fazer? Acceitei o sacrificio. Fomos emfim para a Camara, e fiz a proposta, que se reduzio a poucas palavras, não só porque por genio fui sempre pouco fallador, mas sempre me enfastiaram os grandes discursos, porque de ordinario não passam de uma enchente de palavras, e quasi de ordinario escusadas, e só para que o vulgo diga, *que fallou muito!* Reduzio-se o meu pequeno discurso a dizer: « que uma vez que o governo se queixava da opposição por o impedir de tomar medidas salvadoras para o paiz, não queria ella priva-lo de tanto bem, nem tomar sobre si tamanha responsabilidade. E neste caso estava resolvida a sahir toda da Camara, renunciar ao seu mandato, e deixa-la livre, e o governo para que elegessem outros deputados de seu gosto. Que os membros da opposição votavam porque assim o entendiam, e não podiam mudar de politica; e que tal era o seu desinteresse, que sem constrangimento algum deixavam as suas cadeiras, para que fossem occupadas por quem melhor desempenhasse as obrigações, que ella na sua boa fé tinha julgado bem cumprir. » E como o ministerio tinha praticado alguns actos contra um, ou dois deputados, actos, que violavam a independencia da Camara, accrescentei a final: « Que a opposição julgava a Camara *violada* por alguns excessos commettidos pelo governo contra dois dos seus membros, e em tal estado era da sua honra, e da sua independencia não continuar a pertencer-lhe. »

Foi isto ouvido no maior silencio, e com a maior at-

Digitized by Google

tenção; e logo vi que a minha proposta, pela sua singularidade, tinha produzido sensação na Camara; e que longe de se revoltar contra ella me pareceo um pouco aterrada e confusa. Logo se levantaram alguns membros, e com palavras muito macias e cortezes, procuraram desviar-nos do nosso proposito. Nós satisfeitos com o bom exito da nossa ousada tentativa, e não querendo passar por homens tumultuosos, e que só queriamos fazer barulho e desordens, e que esta lição seria de proveito não só para o resto da Camara, mas para o ministerio, cedemos ás instancias, que nos fizeram, dizendo, que não esperavamos d'alli em diante ser tratados como até alli, e não queriamos que o ministerio tornasse a culpar-nos de lhe prendermos as mãos por não fazerem o que cumpria que fizessem.

O nosso procedimento teve com effeito resultados felizes, porque a Camara recobrou vida, e a opposição, em vez de diminuir, foi gradualmente crescendo, o que bem depressa se verificou com o que depois se seguio, e lhe mereceo a honra de uma dissolução violenta, e talvez inaudita. Porém este successo, que ennobrecia a opposição, deo-lhe bem depressa um grande desertor, que foi Saldanha! *Vendeo* a sua honrada posição pela embaixada de Vienna d'Austria! Desde aquella época, de deserções em deserções, chegou á situação em que hoje está, despresado por todos os partidos, porque se algum ainda lhe faz festa não é porque o estime, é por ser um *tronco velho*, sobre o qual ainda alguem se sustenta...

Na sessão do anno de 1836 a Camara parecia ter aberto os olhos, e conhecer já os erros do ministerio, se é que não eram mais que erros. Entrando-se no exame do orçamento, suscitou-se logo a questão do modo porque convinha discuti-lo. Os ministros, costumados á obediencia passiva, e não querendo expor aos olhos do publico os defeitos, que nelle havia quer por ignorancia, quer talvez de proposito, ou por malicia, queriam que fosse discutido em globo, ou ao menos por ministerios, ou ca-

Digitized by Google

pitulos; a Camara porém resolveo que o fosse por artigos. Um dos ministros, que estava presente, encheo-se de raiva, a que era propenso, e em um excesso de *demencia ministerial*, que muitas vezes ataca aquelles senhores, sahio de foguete pela casa fóra, correo ás Necessidades, e voltou logo com o decreto da *dissolução!* A Camara, apenas ouvio ler o decreto, levantou-se, e dando vivas á Rainha e á Carta, sahio pela porta fóra. Não nomeio o ministro, porque delle havia já alguns actos que lhe faziam honra, não por serem a *favor da liberdade*, mas porque eram e tinham sido a favor de uma boa administração, e a bem da futura prosperidade do paiz...

Dissolvida a Camara, necessario era, que se mandasse eleger outra. Assim aconteceo; e o ministerio fez todas as diligencias para ter uma do seu gosto e feição. Foi bem succedido em quasi todo o reino, mas falharam-lhe os calculos no Porto. Todos os deputados, eleitos por aquella cidade, traziam a marca da opposição, e apenas chegados a Lisboa foram recebidos como em triunfo, e com grandes festas pelo povo, que senão esquecia do modo porque a Camara passada havia sido despedida com a maior sem-cerimonia. Aqui o ministerio, por outro acto de ainda maior demencia, quiz impedir estas demonstrações de regosijo popular, e o resultado foi, indo-nos deitar na cama á sombra da Carta, acordámos no dia 9 de Setembro de 1836 debaixo das leis da *Constituição dada pelo povo* na revolução do anno de 1820! Todos esfregavam os olhos, e perguntavam se era um sonho o que ouviam! mas era, com effeito, uma realidade; porque nem em Lisboa, nem em parte alguma do reino se manifestou opposição alguma a esta rápida transfiguração politica. A Constituição de 20 era a filha do povo, e o povo abraçava a filha que lhe tinham roubado...

Ávista do que acabava de succeder qual era a posição que eu devia tomar? Não tinha outra, a não faltar ao meu caracter e honra, senão tomar a que tomei. Eu era deputado na Camara do anno de 1823; tinha nella

protestado contra a violencia, e modo iniquo com que aquella Constituição, obra da nação, se roubava á nação; a Camara, em que funccionava, nem mesmo *havia sido dissolvida pelo poder da espada*; haviamos sido *simplesmente adiados* pelo nosso Presidente; achando-me agora novamente debaixo da protecção da mesma lei *que tinha jurado*, havia de recusar o alistar-me em suas nobres bandeiras? Não; isso não era nem do caracter, nem da integridade de principios de José Liberato Freire de Carvalho. Acceitei-a de muito boa vontade e contente; acto de que muito me honro, porque não a promovi, e quando menos o pensava me vieram lançar nos braços.

Acceita geralmente a nova Constituição, seguio-se a convocação de Côrtes constituintes para fazerem as alterações que o tempo mostrára era de utilidade e prudencia que se fizessem. Fui pela *terceira vez* nomeado deputado pelo meu paiz, e livre vontade delle, porque lhe não pedi os votos, e nisso muito me honravam, porque estavam persuadidos de que eu era um verdadeiro amigo da liberdade, e de mim já tinham provas.

Como era de esperar de mim fui sentar-me nas cadeiras da opposição, bem que não fosse avesso ao governo, mas por ser a minha opinião, que todo o homem independente deve tomar aquelle logar, porque está sempre livre para poder dar ou negar os seus votos ao ministerio, sem se achar ligado a comprimisso algum mais do que o do seu juizo, e da sua consciencia. Fui nomeado um dos membros da commissão para o projecto da nova Constituição reformada, e o meu voto foi, que houvesse duas Camaras, ambas electivas, e que a primeira fosse a dos deputados, e a segunda composta de membros vitalicios. Foi este o voto, que se adoptou não só pela maioria da commissão, mas pela generalidade dos votos do Congresso.

A Côrte, como era bem de conjecturar, assim como todos os que respiravam o ar do palacio, e tinham vivido das suas boas graças, não amavam a nova ordem politica; e quando senão gosta de uma cousa, busca-se des-

Digitized by Google

trui-la se ha meios, ou se julga have-los para impunemente o fazer. Assim aconteceo com o movimento chamado a *Belemsada*, emprehendido no mez de Novembro do anno de 37. Começou a gente, de que acabo de fallar, a fugir para Belém, a postar-se á roda do palacio, pensando que não só Lisboa, mas o reino todo para alli correria em procissão. Mas as *firmas* que para lá tinham dado principio a este grande rasgo de monarchismo, não eram tentadores; em uma palavra, não tinham a sympathia popular. A procissão foi pequena, e deo motivo a que o espirito da capital se reanimasse, e com especialidade que a Guarda Nacional, se pozesse logo em armas, apresentando uma vontade decisiva de se oppor áquelle estulto attentado. Foi preciso que a Côrte, vendo falhar a tentativa, entrasse em negociações, que terminaram só com a perda *de uma vida*, que imprudentemente se foi aventurar entre as paixões exaltadas.

Seguio-se outro movimento revolucionario muito mais serio, que foi o chamado dos *Marechaes*, que eram Duque da Terceira, e Saldanha; e digo mais serio porque tinham por apoio alguns regimentos. Tinham porém contra si a vontade da nação, que livremente havia acceitado as consequencias da revolução de 9 de Setembro, e estava disposta a defende-las. Succedeo, portanto, o que devia succeder; a estrella dos Marechaes começou a se ennevoar no *Chão da Feira*, e se escureceo em *Ruivães*. Começaram então a progredir socegadamente os trabalhos parlamentares. Nesta época se deo a conhecer mui conspicuamente um caracter politico, que dos bancos da revolução se levantou para ser o seu maior perseguidor, e para dar o triste exemplo de quão perigosos são os desertores politicos, que debaixo da capa de *tribunos do povo* passam a ser os seus maiores inimigos, alistando-se nas bandeiras das Côrtes, das quaes se constituem cegos instrumentos, e *Seides*, da liberdade! Este foi Antonio Bernardo da Costa Cabral, hoje Conde de Thomar, e o grande valído da Rainha D. Maria II.

Digitized by Google

A paz, que se tinha firmado no Campo da Feira e Ruivães, bem depressa se quebrou por desacertos, e mais que tudo por intrigas, ou antes por ambições, já calculadas, para as quaes se começava a abrir caminho. Para dar maior clareza ao que escrevo, é preciso que diga, que Costa Cabral havia sido nomeado pelo Congresso para ir, como seu Commissario, vigiar o movimento das nossas tropas na contenda dos dois Marechaes; e depois em recompensa deste seu serviço havia sido escolhido para Intendente Geral da Policia, isto é, Governador Civil, e estava no primeiro degráo das suas futuras ambições. Tambem entre os fingidos adherentes á revolução de Setembro se ía formando uma nova seita dos chamados *moderados, ordeiros, doutrinarios, e conservadores*, que queriam que a revolução marchasse a *compasso*, e não sahisse do nivel, que as suas imaginações, e mais que tudo a sua hypocrisia politica lhe tinham traçado. Para esta seita se intitular *conservadora e ordeira* com certo ar de necessidade e de justiça serviam-lhe de pretexto algumas demasias, e imprudentes exigencias de alguns batalhões de voluntarios, e Guarda Nacional; e coberta com esta capa pretendia justificar quaesquer medidas de rigor, que lhe fosse possivel tomar. Porque é sempre inalteravel maxima desta seita, exagerar os excessos de liberdade, e diminuir e desculpar os do absolutismo, ou do excesso de poder; quando os primeiros são faceis de reprimir, quando ha prudencia e boa fé, e pelo contrario os ultimos, uma vez tolerados, se arreigam, se fortificam, e quasi sempre, só com muito sangue se extirpam.

Tinham chegado as cousas a este ponto, e havia certa commoção nos espiritos, quando no dia 12 de Março pela manhã recebi a carta seguinte que conservo, e litteralmente aqui passo a copiar:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — Considerando a patria em perigo convidamos a V. Ex.a para se reunir no Palacio das Necessidades ás oito horas da manhã do dia treze do corrente. — Deos Guarde a V. Ex.a. Palacio das Necessida-

des 12 de Março de 1838. — Illmo e Exmo Sr. José Liberato Freire de Carvalho. — José Caetano de Campos, — Sá da Bandeira. — A. B. da Costa Cabral. » — Cartas iguaes se tinham dirigido a todos os deputados.

Recebi a carta um pouco tarde; fiquei muito admirado porque não esperava uma tal noticia; e cuidando logo em me aprontar puz-me a caminho para as Necessidades. Ia porém já subindo a calçada do Marquez d'Abrantes quando encontrei alguns dos meus collegas, que vinham de volta, e me disseram que a reunião era em S. Bento na Sala do Congresso. Tinha havido alli alguem de bom juizo, que tinha ponderado, que seria uma cousa insolita e illegal, que o Congresso fizesse a sua sessão no palacio da Rainha; e tinha sido esta judiciosa ponderação que havia feito mudar o logar do convite. Fui por conseguinte para a Camara, onde assisti a uma dessas tumultuosas discussões, proprias de semelhantes assumptos. O caso foi, que o resultado de toda esta indiscreta scena, e de propósito preparada para dar um golpe na Constituição, que se estava a ponto de promulgar, foi haver nesse mesmo dia fatal 13 de Março a tristissima *batalha civica* no Rocio, onde correo sangue portuguez, e sangue, que uma *imprudente* Rainha Portugueza foi no dia seguinte calcar, no seu passeio, com os pés dos seus cavallos inglezes!...

Os *ordeiros*, *conservadores*, que folgaram com a victoria, para que ella tivesse as consequencias que o *poder* muito desejava, havia já tempo, que tinham chamado grande força de tropa de linha para com ella tirarem toda a influencia á Guarda Nacional, e aos batalhões civicos, e debaixo deste estado politico é que se promulgou a nova Constituição. Esta, sem o apoio da sua natural defeza, achou-se desde logo como uma fragil planta, collocada no meio de uma larga campina sem resguardo algum que a defendesse dos ventos, dos furacões, e tempestades das malquerenças, que não queriam que crescesse e vigorasse. Entre os inimigos da Constituição creio muito bem, que

Digitized by Google

havia gente, que lhe não queria mal, mas eram intelligencias fracas, que não viam uma linha além do presente, intelligencias apoucadas, que quasi sempre vi nos nossos homens politicos.

Entretanto a nova Constituição se publicou a contento geral do povo; e foi elle tão positivo e visivel, que os mesmos seus inimigos a vieram jurar, e a reconheceram como lei, e unico codigo nacional. Pareceo, que as paixões se tinham acalmado, continuou o socego; as Côrtes constituintes deram por acabados os seus trabalhos, e passou-se logo a novas eleições para uma Camara ordinaria.

Em quanto se ía passando o que acabo de referir, houve mudança na minha vida publica. Como deixasse de existir a Camara dos Pares, caducou a fórma da repartição em que eu estava. Deram-lhe uma nova, na minha ausencia, como deputado, os empregados que lá serviam, e sem me consultarem deram por escusado o meu logar. Nunca me queixei desta falta, que pelo menos foi uma falta de cortezia; calei-me, porque vi que procedimentos taes eram mui ordinarios no mundo, e porque de alguns delles já tinha partecipado. Mas quando por este lado era tão sem cerimonia tratado, encontrei um amigo, que sem eu me fazer lembrado, se recordou do meu nome; e este amigo, que ainda hoje, 15 de Maio de 1854, reconheço por tal, foi o então ministro Manoel da Silva Passos, homem *sem mancha* na sua vida publica, assim como seu irmão José da Silva Passos, homens verdadeiramente amigos da liberdade da sua patria. Acceitei sem hesitar um logar proprio da minha mediania, e limitadas ambições, e porque não ía desapossar ninguem do seu emprego, pois que quem o occupava se havia delle demittido por escrupulos politicos, que a muitos naquelle tempo tinham amedrontado as consciencias. Além de tudo isto, eu já conhecia muito bem a repartição para a qual o ministro me nomeava com o titulo de Administrador, que era a Imprensa Nacional, pois que alli tinha sido presidente de uma commis-

Digitized by Google

são que tempos antes se havia nomeado para examinar o seu estado.

Quando, ha pouco, fallei dos successos de 13 de Março, esqueceo-me mencionar uma anecdota, relativa a um homem, que nem sempre foi avaliado como devia ser. E como fui sempre seu amigo, quero referi-la, porque pinta o seu verdadeiro caracter, que muita gente pretendeo desfigurar. Este homem foi Leonel Tavares Cabral. Sentava-me eu no Congresso em uma cadeira junto á delle, e um dia disse-me: Vamos sahir por pouco tempo da sala, e não diga nada a ninguem, e venha comigo, porque tenho alli uma sege á nossa espera. É preciso que se saiba, que o dia 13 de Março teve vesperas, que já annunciavam algum futuro barulho. Desde o principio do mez os ares politicos denunciavam tempestade, e della, ou de suas consequencias tremiam os verdadeiros amigos da liberdade; porque a Guarda Nacional começava a ter exigencias pouco judiciosas, era auxiliada por outra potencia popular, o Batalhão do Arsenal da Marinha, e havia para lhe oppor outra força, a *tropa de linha*, que o ministro, Conde de Bomfim, tinha chamado para Lisboa com o ridiculo pretexto de se vir fardar! Á frente dos Batalhões da Guarda Nacional estava tambem um homem, *Soares Caldeira*, excellente e seguro patriota, mas com cabeça pouco propria para dirigir e cohibir-lhe os excessos. Na vida politica nem sempre convém fazer, assim como nos mais estados da vida, aquillo a que se julga ter bom direito; é preciso ver se é conveniente; e a *conveniencia faz adormecer o direito*: porém era isto que Soares Caldeira não era capaz de conceber... Neste estado estavam as cousas quando Leonel Tavares me fez sahir com elle para fóra da sala. Apenas entrámos na sege, disse-me: Sabe onde vamos? a casa de Soares Caldeira; quero ver se o dissuadimos de excitar os Batalhões da Guarda, a que commettam algum excesso, que póde ser perigoso, e que igualmente não vá com a sua presença incendiar, mais do que está, o Batalhão do Arsenal, commandado

Digitized by Google

pelo *França*, tanto ou mais exaltado do que elle, bem que homem puro e de bellos sentimentos a favor da liberdade. Achei-lhe muita razão, porque receava os mesmos perigos, e via que em tudo o que estava succedendo havia muita imprudencia, e se estavam ajudando os nossos inimigos. Fizemos quanto podémos para trazer á razão Soares Caldeira, expondo-lhe os perigos de qualquer imprudencia, que podia trazer comsigo fataes consequencias. Achámo-lo porém muito renitente e sempre apegado ás falsas idéas que o dominavam; e a final o que mais delle podémos conseguir foi, que não fosse aquella noite ao Arsenal, que era a vespera do triste dia 13, que deo o primeiro golpe na revolução de Setembro. Apesar porém de nos ter dado a sua palavra de lá não ir, faltou a ella, porque indo logo na manhã seguinte procura-lo, não o encontrámos, e soubemos que não tinha dormido em casa... Eis-aqui o que era Leonel Tavares, a quem nesse tempo vi accusar de ser um excitador das desordens, de as promover com os seus discursos e influencia que tinha no povo: o que sempre desmenti, contando o que havia acontecido comigo.

Jurada a Constituição e dissolvido o Congresso constituinte, seguio-se o tempo necessario para as eleições da Camara ordinaria. Eu occupava o meu emprego de Administrador da Imprensa Nacional desde 1836, e estavamos chegados ao anno de 1839. Neste emprego sempre me tinha dado muito bem com todos os meus empregados, e tambem elles se tinham dado comigo; tinha procurado dar o aperfeiçoamento possivel áquelle estabelecimento segundo os rendimentos da casa, que não eram sufficientes para lhe dar a perfeição de que necessitava; mas assim mesmo lhe deixei uma bella machina *lithographica*, com muitas pedras lithographicas que não tinha; e a augmentei e enriqueci de muitos e variados typos e ornatos que nella não havia, o que consta de um grande catalogo impresso no tempo da minha curta administração. Não lhe deixei dividas, e senão fiz grandes

obras, é porque o meu systema sempre foi não gastar mais do que a renda de que se póde dispor; e andar ou caminhar sem parar, porém lentamente e de vagar, conforme o judicioso proverbio latino —*festina lente.*

Apesar de não ter queixas algumas contra os meus principaes empregados, nos quaes achei sempre muito zelo e intelligencia, via-me muitas vezes desgostoso por lhes não poder pagar regularmente, como era o meu desejo, por falta de meios, e porque sempre tive repugnancia em mandar trabalhar a quem não podia pagar. A isto accresceo o descobrir-se um grande roubo em um empregado, que até alli merecia toda a confiança, e tinha debaixo da sua inspecção os armazens do papel e cartas de jogar. Este empregado, de combinação com um criado, ía lentamente roubando resmas de papel e massos de cartas de jogar, sem que se podesse dar pelo roubo, até que, sendo preciso papel de uma certa qualidade, e de que, havia pouco tempo, se tinha comprado avultada porção, se deo naquelle consideravel roubo, e logo depois no das cartas de jogar. Confesso que isto me desgostou muito; porque eu sempre dizia, que perdoaria todas as faltas *menos as de roubo*, porque para mim a infidelidade de um empregado neste ponto era um crime imperdoavel. Mostrando então um dia o desgosto que me dera este roubo, e o quasi desejo de não continuar no meu emprego, e isto na presença do meu bom amigo Pedro Paes da Costa, disse-me elle: — Pois se algum dia se resolver a não querer continuar na administração da Imprensa Nacional, não a largue senão a favor de um seu antigo amigo, José Frederico Marecos, que não está em boa fortuna, assim como a sua familia; e estimará muito poder entrar no seu logar.

Esse dito fez-me logo tomar a resolução de desistir do logar que occupava, e sem hesitar, respondi-lhe: — Estou prompto, e diga-lhe, se elle é capaz de arranjar este negocio com o ministro, com tanto que me não obrigue a entrar em requerimentos, para que não tenho geito, e

Digitized by Google

de o concluir com a certeza do meu consentimento, cuide desde já d'isso, e não perca tempo. A unica cousa que peço é, que se julgarem que eu posso ser aposentado com alguma cousa que me ajude a viver o resto de meus dias, porque nada tenho, e nada até agora tenho recebido do governo, bem que a favor da liberdade da minha patria alguma cousa, e com proveito, tenha trabalhado, lhe ficarei muito agradecido. Não proponho, nem designo quantia: deixo isso ao seu arbitrio e do Ministro do Reino, que então era *Fernandes Coelho.* Assim se concluio da minha parte este negocio, e eu, pedindo uma licença, parti para Coimbra afim de ver a minha familia, que havia annos não tinha visto, deixando por procuradores, Marecos, e o meu bom amigo Pedro Paes.

Estando em Coimbra fizeram-se as eleições do anno de 1839, e eu fui eleito deputado por Lisboa: era a *quarta vez* que o meu paiz, sem nunca lho requerer, me fazia esta honra, que mais préso do que todas as condecorações e titulos que por ahi vejo assoalhados, que nunca requeri, nem tão pouco invejei. A primeira vez fui eleito por Viseu no anno de 1823; a segunda em 34 pela Madeira; e as ultimas duas vezes por Lisboa. Quando ainda estava em Coimbra, recebi a noticia de estar concluido o meu negocio da Imprensa; que José Frederico havia sido nomeado Administrador em meu logar, e que me tinham aposentado com 350$000 réis de ordenado annual, metade do que tinha como Administrador; o que se me partecipou por Portaria de 9 de Outubro de 1838, e é do theor seguinte:

«Por Decreto de S. M. de 24 de Agosto de 1838. — Sua Magestade a Rainha Attendendo ao que lhe representou o Administrador da Imprensa Nacional José Liberato Freire de Carvalho, e a que pela sua avançada idade e quebrantada saude não podia continuar a desempenhar os deveres de seu cargo com aquella assiduidade e efficacia que exige a direcção de um semelhante Estabelecimento; e Tomando outro sim em consideração

seus distinctos serviços e merecimentos, assim como *sua constante fidelidade á Causa das Liberdades Patrias;* Houve por bem aposentar o referido José Liberato Freire de Carvalho no mesmo logar de Administrador da Imprensa Nacional com o vencimento de metade do respectivo ordenado, o qual perceberá pela Folha dos Empregados daquella Repartição, ficando todavia esta Graça dependente da approvação das Côrtes. E para sua salva e guarda se lhe passou a presente Portaria. Palacio das Necessidades em 9 de Outubro de 1838. — Antonio Fernandes Coelho. »

As Côrtes ordinarias de 1839 approvaram o ordenado de 350$000 réis, unica recompensa de todos os meus trabalhos até este dia 17 de Maio de 1854, em que estou escrevendo estas linhas com quasi 82 annos de idade, que completarei, se lá chegar, no dia 20 de Julho proximo futuro.

Na minha volta a Lisboa entreguei, e dei posse ao novo Administrador da Imprensa do emprego que largava, e fui tomar assento em a nova Camara dos Deputados. Tinham-se feito as eleições em geral com muito socego, e foram reeleitos os principaes deputados que tinham figurado na constituinte. Tanto a Camara ordinaria como a nova dos Senadores, marcharam no sentido da revolução, e bem mostraram que a queriam sustentar. Para melhor realisarem este pensamento formou-se um novo ministerio, que teve á sua frente um homem até alli não avaliado como merecia; e este foi Rodrigo Pinto Pizarro, Barão da Ribeira de Sabrosa. Homem independente, energico, e de superiores talentos, era elle bem capaz de regular o nosso systema politico, de lhe dar força, e de o fazer respeitar tanto dentro como fóra do reino; mas estas mesmas raras qualidades foram as que fizeram que não agradasse á Côrte, e tão pouco ao governo inglez, que por uma das *suas costumadas e sempre toleradas insultuosas exigencias*, pedio a sua demissão, servindo-se de injustas e incompetentes ameaças. O

Digitized by Google

resultado foi, que a Côrte *servilmente* obedeceo, enxovalhou-se, sacrificou, sem honra, a sua independencia, e demittio o ministerio *Saborosa!* E como? Visitando eu um dia o Barão, depois de demittido, e que então morava na *rua nova da Piedade* á Praça das Flores, e fallando-lhe na sua demissão, respondeo-me: —*Fomos despedidos com mais sem-cerimonia do que eu costumo despedir os meus criados!*... Ainda alguem, não contente com a demissão do Barão, folgou muito com a sua morte, que teve *quasi de repente* na sua casa de Traz-os-Montes, e foi annunciada para Lisboa pelo telegrapho um ou dois dias antes de acontecer!... Sinal este de que era muito desejada, e já se esperava!... O que eu posso affirmar como testemunha de vista é, que, conhecendo muito bem um camarada do Barão, *que estava com elle*, e de sargento o levára a official, o encontrei um dia no Chiado a cavallo em um rabão inglez, que nunca tivera na sua vida, e que depois desappareceo... Tantas circumstancias tornam bem historica a morte do Barão da Ribeira de Saborosa, Rodrigo Pinto Pizarro!... e é por isso que della faço menção.

Demittido o ministerio Saborosa, era preciso nomear-se um que fosse de *molde* para bem executar as exigencias, que havia dentro e fóra do paiz; e este ministerio se compoz dos seguintes individuos: — Conde de Bomfim; Rodrigo da Fonseca Magalhães; Visconde da Carreira, que não chegou a tomar posse; Conde de Villa-Real; Costa Cabral; e Florido. Foi o ministerio de 26 de Novembro de 1839; e tão prasenteiro se houve com o ministerio inglez, que interrogado na Camara pelas exigencias daquelle ministerio, respondeo um dos ministros, o *mais jovial*, e com toda a indifferença, *que todas ellas se limitavam a alguns sacos d'oiro!*...

A opposição não se contentou com a *jovialidade* do ministro; e porque tinha energia, era bastantemente sizuda e circumspecta, entrou a vigiar toda a administração. Não houve em toda a sessão do anno de 39 cousa

Digitized by Google

memoravel, mas não foi assim na do anno de 40. Começou logo ella a ser muito importante, e os debates sobre a resposta ao discurso da corôa deram occasião a que o ministerio começasse a ter serios desgostos, e de tamanho vulto, que já havia uma accusação formal feita ao Ministro da Guerra. Passados os debates sobre a resposta do discurso da corôa, que duraram até ao principio de Fevereiro, seguiram-se os do orçamento. Ainda não tinha havido uma Camara que apresentasse uma opposição desta ordem, e que tivesse trazido as questões de finanças a uma evidencia e clareza tal, que fez estremecer os ministros, dois dos quaes, o da *Justiça*, e *Fazenda*, já estavam formalmente accusados por abuso de poder, como o seu collega o da Guerra. Nestes termos o ministerio que não podia airosamente defender-se, recorreo á *ultima razão* do poder real, á *força*, e dissolveo a Camara no dia 25 de Fevereiro do anno de 1840.

Ora eis-me aqui exonerado de deputado, depois de haver passado nas luctas parlamentares perto de seis annos, isto é, desde 1834 até 1840 com bem poucos intervallos. E não só exonerado desta legislatura, porém para sempre; porque achando-me reduzido pelo meu modico ordenado de 350$000 réis a *meio-proletario*, por me faltarem 50$000 réis de intelligencia para tornar a ser representante do meu paiz, de *boa mente* fui pendurar este meu direito politico dentro do templo de *Jano*, que nunca mais se havia de tornar a abrir para mim no resto da vida. Desembaraçado tambem, como já disse, do meu emprego da Imprensa Nacional, que deixei sem dividas, e com uma escripturação correcta, limpa, e regular, como ainda hoje se póde ir ver e examinar, achei-me, por assim dizer, em uma nova vida, que tenho procurado levar socegado. Sem fatigar o poder com os meus requerimentos, e como occulto na minha mediania, com que sempre me tenho consolado, sou mais feliz do que muitas grandezas, que tenho conhecido, e ainda conheço.

Digitized by Google

FEVEREIRO DE 1840 ATÉ JUNHO DE 1854.

Concluida a minha vida publica em 25 de Fevereiro do anno de 1840, entreguei-me todo ao descanço, e á total separação de todos os negocios politicos, e fiquei no verdadeiro remanso da vida. Sem ter occupação alguma forçada, para a qual nunca pendeo o meu estado tanto fisico como moral, achava-me contente, e parecia-me que o *far niente* dos italianos era a maior doçura da nossa existencia. Estranho a todas as commoções politicas, considerava-me como um simples espectador que está olhando da praia para o vago ondear das ondas, e os diversos navios, que sobre ellas luctam, e muitos dos quaes ou dellas zombam, ou se vão despedaçar nos recifes, ou nos bancos de arêa. Não tinha obrigações que cumprir, e apenas ía ás quartas feiras á Academia Real das Sciencias mais, como se diz, por devoção, do que por obrigação. Tambem me tinha esquecido dizer, que tinha devido uma mui distincta consideração á Academia das Bellas-Artes de Lisboa, creação do Ministro *Passos*, a qual me honrou com o seu diploma de *Socio honorario* com a data de 19 de Maio de 1837, honra, que sem lha pedir, me concedeo, no que muito me penhorou. Como o meu *Ensaio historico-politico* havia sido pela primeira vez impresso em Paris, e nelle havia uma noticia importante ácerca dos proveitos que nos tem dado a nossa velha alliança com Inglaterra, houve curiosidade de alli o traduzirem em francez, com que o meu nome foi um pouco conhecido. Em razão d'isto, sendo como eram naquella época os francezes pouco affectos aos inglezes, houve quem igualmente me quiz honrar, e foi o *Instituto Historico* de París que espontaneamente me mandou o diploma de *Membro correspondente* da 1.ª classe, (Historia geral), o qual diploma tem a data de 20 de Março

Digitized by Google

de 1835; e foi assinado pelo Secretario perpetuo Mr. Eugenio de Monglave. Faço menção agora destes factos, que me tinha esquecido apontar, como pertencentes á minha vida, não por motivos de vaidade, mas porque não se deve levar a mal, que qualquer procure deixar boa memoria no mundo, e mostre haver merecido tal ou qual consideração aos seus contemporaneos. O Presidente deste Instituto era então Mr. Michaud da Academia Franceza, o qual tambem está assinado no diploma que recebi.

Para mostrar que nunca procurei vangloriar-me no mundo destes titulos honrosos, nunca os juntei aos meus escriptos, como certa gente costuma fazer; contentei-me com os ter, sem nunca ter tenção de fazer alarde delles; porque sempre estive persuadido de que, se o simples nome do individuo não o honra, por mais taboletas que lhe dependure, não lhe accrescentam uma linha ao seu verdadeiro merecimento.

Achando-me agora sómente com a minha modica pensão de 350$000 réis, sujeita ás decimas e mais impostos a que era obrigada, tinha, é verdade, com que viver parcamente, mas não me sobejava para algumas decentes commodidades que a velhice sempre precisa. Para isto procurei tirar dos meus proprios recursos mais alguma cousa com que podesse viver mais á larga, sem que fosse pesado a quem sabía tinha sempre os olhos sobre mim, e tinha sua mão constantemente aberta para que não tivesse a mais pequena privação. Esta mão, sempre aberta, é e tem sido a do meu incomparavel e rarissimo amigo Custodio Pereira de Carvalho, de Londres. Como tivesse a minha cabeça, bem que na frase moderna, velha e *fossil*, ainda em muito bom estado, e que felizmente ainda tenho com perto de 82 annos, e que assim mesmo ainda não troco por muitas cabeças juvenis, que por ahi assoalham sua grande capacidade, deitei-me a escrever cousas que me dessem algum dinheiro. É este, e sempre foi, um trabalho que nunca me enfastiou; que facilmente faço, e do qual muito me tenho servido para vi-

Digitized by Google

ver commoda e honradamente. Conclui o meu *Ensaio politico sobre as causas da usurpação*, e depois passei a fazer o mesmo do que me faltava para completar os meus *Annaes da usurpação*, obra, que se della se conservar algum exemplar, hade ser de proveito para a historia do tempo, porque quanto nella digo é verdade, ou ao menos o escrevi como tal, sem nunca faltar a ella de proposito. Uma prova de que não escrevi mentiras, é que até ao dia de hoje ninguem me accusou de o ter feito, e nenhuma reclamação se me fez para emendar os meus erros. Póde ser que tenha sido severo na avaliação de alguns factos; póde ser que nem todos sejam tão exactos como os percebi, ou me foram referidos; porém o que posso affirmar é, que não inventei nenhum: escrevi sempre o que vi, e o que pessoas, que me pareciam de credito, muitas vezes me certeficaram.

Passei depois a traduzir alguns romances. O primeiro foi o dos *Mysterios de Londres*, do qual muito gostei, por me recordar dos melhores tempos da minha vida, e serem a historia de um povo em que comecei a ser homem, completamente livre de laços que me *forçaram* a quebrar, e com que me prendi como criança de 15 annos, e para os quaes depois sempre senti uma repugnancia invencivel.

O segundo que traduzi foram os *Amores de París*, romance em que não puz o meu nome por delicadeza, porque talvez parecesse a alguem que não convinha aos meus annos occupar-me com os assumptos taes. Emprehendi porém a traducção por tratar de successos, dados como acontecidos em Paris, que eu muito bem conhecia, e onde já tinha estado por tres vezes, nos annos de 1819, 21, e 23. Foi impresso na Imprensa *Nevesiana* da rua do Loureiro no anno de 1849.

O terceiro foi — o Rapasinho *Piquillo Alliaga*, impresso na mesma officina no anno de 1850.

O quarto emfim foi — *Antonia, ou a Menina das Montanhas*, em 1851 impresso na mesma officina. Não traduzi mais romance algum, e declaro não ser meu qual-

quer outro que possa apparecer com o meu nome. Na mesma officina reimprimi tambem o meu *Ensaio historico-politico* sobre a Constituição e governo do reino de Portugal, e tem a data de 1843. Esquecia-me dizer: traduzi ainda a *Historia da Bastilha*, e o *Mascara de Ferro*, que sahiram com muitos erros de imprensa. *

Em todo este tempo fui estranho a todas as commoções politicas por onde passámos, e só em 1848 é que dei signal de que ainda politicamente vivia, porque tive tentações de me apresentar ao publico, escrevendo um pequeno folheto intitulado — *A Carta e os seus vinte e dois annos de idade.* Fallava-se então muito na reforma da Carta, e a minha opinião era, já enfastiado de tantos barulhos e projectos politicos, que por uma vez politicamente socegassemos. E para o conseguirmos seria um passo acertado que se revisse a Carta com toda a boa fé e boa razão, e se lhe désse uma existencia verdadeiramente legal e inquestionavel. Ella já estava baptisada com muito sangue portuguez derramado á sua sombra, em nome da liberdade, o que lhe tinha dado uma especie de sancção; restava-lhe porém que fosse bem recebida e acceita pelos nossos dissidentes politicos. Para conseguir este fim era consequencia necessaria, que se convocassem umas Côrtes constituintes; e para ellas fossem chamados os homens de todas as opiniões, porque eram portuguezes; e por fim fosse acceita por todos como lei do paiz. Com esta medida justa e regular me parecia que mais facilmente se conseguiria a nossa paz interna, e ficariamos sendo desde aquelle momento um povo unico, amigo, e concorde sem mais termos motivo para nos odiarmos, ou andarmos em guerra fratricida.

Fundado nestes principios, que me pareciam não só politicos porém justos, é que escrevi aquelle pequeno folheto. Quiz mostrar que a Carta não era mais do que

* Esta foi a de *Aguiar Vianna*, rua da Atalaia n.º 31. E por signal, que o tal Aguiar nunca me pagou o manuscripto do *Mascara de Ferro*.

um papel de circumstancias, que, a não serem ellas nunca ou só forçadamente se teria dado; e isto o disse e ainda digo, porque não sou lisongeiro, nunca o fui, e não minto á minha consciencia, como quasi todos os dias vejo que lisongeiros sem pudor estão mentindo. A Carta tinha já sido tantas vezes violada, e della o absolutismo se tinha tão descaradamente servido para ir aos seus fins, que não era possivel acredita-la de maneira, que servisse de unica bandeira para á sombra della se abrigarem todos os portuguezes, sem se lhe dar o sacramento da *confirmação*. O meu escripto não agradou: então algumas cabeças, que ainda hoje não sabem o que querem, sonhavam *republicas*, outras por adulação não queriam que se tocasse em um symbolo, que nada significava senão o que muita gente ainda chama o *poder real*; e a maioria emfim, indifferente a tudo, uma vez que lhe dêem pão e espectaculos, não se lhe importava com Carta, nem com cousa que com ella tivesse relações. É assim que de ordinario se tratam as cousas mais sérias, e como as avalia esse animal, chamado *homem*, que em geral é menos pensante e menos judicioso e providente do que uma sociedade de *Castores*, aos quaes chamam *irracionaes*. O caso foi, que senão fez caso do meu escripto, ninguem fallou nelle, foi despresado, e eu mettendo a mão na consciencia, disse comigo, como alguem já dissera, annunciando uma grande verdade: — *Diria alguma asneira?*... O meu folheto tem a data de 1848, e foi impresso na typographia da Revolução de Setembro.

Entre as minhas lidas politicas e litterarias soffri uma ingratidão de um homem, que se chamava meu amigo, e que a essa ingratidão accrescentou o modo de a executar de caracter de tal rudeza e baixo engano, que não era possivel imaginar que fosse praticado por um homem que costuma trazer um lenço ao pescoço.

O individuo, de quem vou fallar, era meu conhecido, e dava-se por meu amigo havia mais de 40 annos. Passado largo tempo, sem nos vermos, vim encontrar-me

Digitized by Google

com elle em Lisboa no anno de 1821, e corrido outro intervallo, tivemos o mesmo encontro em 1827, tempo, que ainda como antes, morava junto a S. Pedro d'Alcantara no palacio chamado do Frederico, sempre mui contentes de nos havermos encontrado, e sempre no ar e maneiras de antigos amigos. Persuadido de que era verdadeira a sua amisade pedi-lhe que me quizesse occultar em sua casa para me escapar de ser preso, do que estava ameaçado em consequencia dos acontecimentos que houve em Lisboa pouco antes da vinda de D. Miguel. Recebeo-me com toda a boa vontade, ao menos segundo o que me pareceo; e em sua casa fui tratado com todo o carinho, especialmente por sua *virtuosa mãe*, que estava cega, mas apesar disso não houve distincção que me não fizesse, e me tratou sempre não como hospede, mas como se fosse seu filho, pelo que sempre fui grato á sua memoria.

Depois de alli estar algum tempo, como receasse que houvesse alguma visita domiciliaria na casa, o que depois com effeito aconteceo, porque já estavamos debaixo do poder de D. Miguel, sahi de lá e fui homisiar-me em outra casa, deixando parte de alguma roupa e trastes que tinha na casa d'onde sahia. Nesta nova habitação estive escondido até que a desgraçada solução dos negocios do Porto me obrigou a partir para Inglaterra. Na vespera da partida voltei á primeira casa d'onde tinha sahido, para me despedir do dono della, e de *sua respeitabilissima mãe*, que constantemente me dizia, que nunca desamparasse seu filho, e deixasse de ser seu amigo; e parti emfim para Inglaterra, sempre penhorado, e nunca esquecido do bom acolhimento e trato que havia tido naquelle asylo. *

Como d'alli conservei sempre correspondencia com Lisboa, nunca me esqueci de mandar saber desta familia, e de lhe mandar recommendações. Chegando a Lis-

* Peço que se me desculpe esta talvez escusada repetição, mas...

Digitized by Google

boa fui apear-me a casa de meu irmão Bento Freire que morava defronte do Correio, e tinha vindo da Ericeira depois da morte de sua mulher, e se achava então muito triste e doente. A segunda a que me dirigi foi á deste supposto amigo, que morava então na travessa da Estrella junto a S. Pedro d'Alcantara, e cuja *respeitavel mãe* sabia ter morrido. Não o encontrei, porque sendo Major ou Tenente Coronel de um batalhão de voluntarios, estava nas linhas e em um reducto perto de S. Sebastião da Pedreira, uma das posições militares a mais perigosa, porque alli se dirigiam com especialidade os ataques dos miguelistas. Não descancei até que o fosse ver, e lá fui acompanhado pelo meu bom amigo Pedro Paes da Costa. Abraçámo-nos como verdadeiros amigos, que havia muitos annos nos não tinhamos visto. Passados dias sabendo que se havia recolhido a casa por doente fui visita-lo.

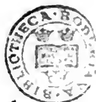
Nesta occasião mostrando-me toda a sua casa, levou-me a uns quartos, e disse-me, formaes palavras : — *aqui ninguem vem habitar senão o Sr. Liberato, porque é recommendação que me deixou minha mãe, que eu tenho como seu testamento ; e por isso rogo-lhe que venha já habitar para estes quartos, e viver comigo. . .* A isto lhe repliquei, que o não podia por ora fazer, porque meu irmão Bento se achava mui doente, e eu lhe havia promettido ir com elle para a Ericeira, e até o desejava, para ver se o distraía da grande melancolia em que estava. Respondeo-me que iria fallar com meu irmão, de quem tambem era antigo conhecido, e se dava por amigo, è que com elle trataria este negocio, mas que infallivelmente havia de vir tomar posse, e viver na casa que me estava destinada pela recommendação de sua mãe. Ávista de tantas instancias, e que pareciam filhas de uma sincera amisade, eu e meu irmão cedemos aos seus rogos, e vim viver com elle na travessa da Estrella.

Agora já vêem os meus leitores, que não foi *por necessidade*, nem por lho pedir, que fiz o sacrificio de não acompanhar meu irmão, que tanto desejava que fosse vi-

Digitized by Google

ver com elle na Ericeira. Mas os factos seguintes agora me mostram, que não era por amisade, porém por uma *baixa hypocrisia* que me fazia tão fortes instancias, para que viesse viver com elle; e para lhes dar mais peso invocava o nome de sua mãe, que bem sabia eu muito respeitava. Queria livrar-se com honra das balas dos miguelistas, e persuadia-se que eu podia ser instrumento seguro para assim cobrir a sua timidez, e ver-se livre não só dos perigos que actualmente corria, mas dos que ainda estava exposto a correr no futuro.

O caso foi, que a sua doença, verdadeira ou fingida, aproveitou-lhe; e eu pude tira-lo do reducto de S. Sebastião da Pedreira, e livra-lo de todas as mais consequencias da guerra, que durou até á convenção de Evoramonte. Nesse tempo vivia eu em melhores termos com o Marechal Saldanha, do que hoje vivo depois das suas repetidas *apostasias* politicas; conhecia-o desde 1827, em que politicamente o servi com todas as consequencias que ao depois me íam sendo bem caras; encontrei-o depois em Londres e París, onde estreitámos as relações de amisade e politica; acompanhei-o ao Porto, e emfim achava-me com elle em Lisboa, vivendo na mais perfeita harmonia. Exigio de mim o homem de quem estou fallando, que pedisse ao Marechal o livrasse da situação em que estava, allegando o seu máo estado de saude, e o collocasse em outro posto em que podesse servir, pois que não parecia airoso pedir a sua demissão em tempo que havia guerra, e na qual tanta gente voluntariamente servia. Eu que na boa fé acreditava então na amisade do tal individuo, e que sinceramente era grato á muita affeição que tinha devido á sua *respeitavel mãe*, não me recusei a fazer-lhe a vontade, e alcancei do Marechal um favor, que naquellas circumstancias era de um valor extraordinario. Porque não só o tirou das balas dos miguelistas, mas o collocou em um posto, ao qual não podia aspirar não sendo official de linha: deo-lhe o logar de ajudante de ordens do general das armas da capital com



serviço no quartel general no beco do Carrasco, despacho, que até D. Pedro estranhou que Saldanha lho tivesse dado. Assim mesmo a protecção do Marechal, que nesse tempo podia quanto queria, lhe servio de escudo, e o meu homem não tornou a cheirar em toda a guerra o fumo da polvora, nem a sentir o sibilar das balas e das bombas, que de certo muito temia...

Seguio-se ser eu deputado nas Côrtes de 34, e nas constituintes, em que era visitado por muitos collegas, e com quem o meu dono da casa tomou conhecimento. Lembrou-se então de ter algum emprego lucrativo, e recorreo ainda a mim. Era então ministro Passos Manoel, e eu lhe pedi quizesse dar um, de que me não lembra o nome, ao meu protegido, narrando-lhe os factos, que me obrigavam a protege-lo, e a mostrar-me grato aos obsequios que delle tinha recebido, suppondo que eram verdadeiros e sinceros. Mas o tal emprego tinha parecido desnecessario, tinha-se abolido, e por consequencia o ministro não o pôde dar. Passado tempo recebi um bilhete de José Balbino, que foi Visconde de Tilheiras, e naquelle tempo era Official-maior dos Negocios do Reino, em que me dizia, — que não podendo o ministro servir o meu afilhado no emprego que pedia, ao menos o queria *enfeitar*, e dar-lhe uma commenda, visto que já tinha servido na guerra contra os francezes, e na ultima contra D. Miguel. Que lhe declarasse em um papel os annos de serviço, e das épocas em que tinha servido, e lhe *pozesse o meu nome*, porque o despacho estava certo. Assim aconteceo: o meu homem vio-se em pouco tempo não só livre das balas por meu respeito, porém enfeitado com uma commenda!...

Ainda aqui não ficou o caso: as Côrtes constituintes crearam a *Junta do Credito Publico*, e a Camara devia nomear para ella dois membros; e eis-aqui uma nova exigencia. Por minha influencia, e dos meus amigos foi nomeado para um delles; e não só desta vez o foi, porém ainda nas segundas eleições o foi pelos juristas em con-

Digitized by Google

sequencia do muito que para isso trabalhei com meus irmãos Bento Freire, Francisco Freire, e Pedro Paes da Costa; logar que ainda hoje occupa em 24 de Maio de 1854. Em virtude das minhas amisades, e de eu estar em sua casa, e ser por meu respeito conhecido por pessoas que nenhum caso delle fariam a não ser esta circumstancia, passou ainda depois a ter *Carta de Conselho*. Se bem me lembro ainda chegou a ter cócegas de ser Barão! mas dissuadio disso, dizendo-lhe, que se expunha a perder naquella época a popularidade para com os juristas, que o não tornariam a eleger, accommodou-se. . . mas julgou, que d'alli por diante já lhe não era necessario. . .

O que a final aconteceo bem o prova. Era o dia, segundo me recordo, o primeiro de Agosto de 1847; indo eu para almoçar reparei que, sendo fóra de tempo, houvesse escriptos na casa. Perguntei o motivo, e disse-me a criada *Narcisa*, que o senhor estava *ameaçado de uma penhora* em consequencia de uma divida antiga de seu pae; que estava bastantemente afflicto, e que por cautela se iam esconder alguns trastes de maior valor. E não sei se nessa mesma occasião vi já que sahiam algumas trouxas e moveis, ou se foi no dia seguinte, pela porta fóra. Fiquei realmente triste, e logo comigo assentei, que lhe não havia de ser pesado, e me resolvi a sahir de sua casa. Quando veio para o jantar perguntei-lhe como era o caso que o punha naquelle embaraço; e elle me contou a historia de uma divida antiga e da penhora com que o ameaçavam, historia de que hoje me não lembro. Realmente magoado como estava com aquelle acontecimento, respondi-lhe que muito sentia a sua penosa situação, mas que, ao menos, eu não a queria tornar mais pesada; que pelo que via ia mudar de casa, e tomar outra mais pequena, e por isso estava resolvido a deixar a sua companhia, o que muito me custava; porém que esse era o meu dever, ficando-lhe sempre muito agradecido pelo bem que me tinha tratado, e pela amisade que sempre me mos-

Digitized by Google

trára. Elle a isto pouco respondeo: e mostrando-me desde logo que não sentia muito ou nada a nossa separação, contentou-se com a minha resposta, e eu cuidei logo em me arranjar para sahir de sua casa, que era na travessa da Cruz, junto á rua Formosa.

Fiz as minhas despedidas, e sahi no dia 5 da casa onde por muitos annos tinha vivido, com mais magoa do que deixava nas pessoas que nella moravam, porque sinceramente estava persuadido que deixava um velho amigo em consequencia de um grande transtorno que ía ter no fim da vida. A minha credulidade porém em bem poucos dias se desvanecco; e depressa vim a conhecer como por tantos annos tinha andado enganado, e como podessem haver individuos, que tão descaradamente, e com tamanha hypocrisia se atrevessem a manchar-se. Ainda não eram *bem passados oito dias*, vi que os escriptos se tinham tirado da casa; que não tinha havido o mais pequeno sinal de penhora; que o meu homem *fingindo-se pobre* conservava a sua antiga habitação, e que tão mal de fortuna então se achava, que ainda hoje, 24 de Maio de 1854, a conserva, e com o mesmo trem que tinha em 1847! Então quem julgam os meus leitores que seria este homem?... Não menciono o seu nome; porque ainda respeito a memoria de sua mãe, a quem fui muito obrigado; e de quem conservo igualmente saudosa e agradecida lembrança...

Não posso attribuir este procedimento senão a um caracter de miseravel egoismo, e que só teve em mira obsequiar-me em quanto precisou de mim. Não lhe fui mais preciso, tornou-se o homem que na realidade era, isto é, sem coração nem decencia... Estou bem certo, que se ainda fosse vivo meu irmão Bento Freire, não ousaria praticar para comigo acto tão feio; porque, conhecendo-lhe o caracter havia de ver, que lhe não deixaria impune tão pouco nobre acção. Não perdi nada, antes ganhei, sahindo da sua casa, porque ainda que nella fui sempre bem tratado como *hospede*, ninguem vive tanto a seu

Digitized by Google

commodo, como quando está em sua propria casa. Eu, conhecendo o que era e sempre foi o mundo, não estava desprevenido para este meu lance da vida; tinha já feito meus arranjos para o que podesse succeder, e os ía pouco a pouco depositando em casa de uma boa afilhada, com quem ainda hoje vivo, e para a casa da qual fui logo viver. Hoje sou feliz com o pouco que tenho, porque, *na falta de um ingrato*, já contava com a verdadeira amisade, que nunca me faltou na vida, e até me quer acompanhar na morte, dando todas as providencias para que, quando chegar o meu dia de partida, tenha quem me conduza ao jazigo que a sua beneficente bondade me manda antecipadamente erigir no grande salão funebre dos Prazeres... Esta verdadeira amisade, de quem fallo, é filha do nobre coração do meu incomparavel amigo Custodio Pereira de Carvalho, portuguez ha muitos annos residente em Londres, e uma dessas almas raras, que honram a especie humana.

Nestes ultimos periodos da minha vida fui successivamente perdendo os meus melhores parentes. No anno de 1833, e em 8 de Julho, ás 9 horas da manhã, morreo na cadêa de Thomar meu irmão mais velho, Luiz Antonio Freire de Carvalho, alli preso por ordem do tyranno D. Miguel.

Em 7 de Fevereiro de 1843 morreo minha irmã D. Maria Amalia, a quem tinham dado por marido um homem, que a não fez feliz... Deixou dois filhos, um que morreo moço, e uma filha, que ainda vive, e a quem tambem deram por marido outro homem, no qual não achou fortuna nem felicidade... Ainda hoje existe, com o nome de D. Maria José Freire de Carvalho, e tem um unico filho de pouca idade.

Em 31 de Março de 1846 morreo na sua casa da Ericeira meu irmão Bento Freire, e lhe assisti á sua morte com meu irmão Francisco.

Em 9 de Outubro de 1851 morreo meu sobrinho Augusto, filho de minha irmã Maria. Era doutor de capêllo

Digitized by Google

em mathematica; e a esta dignidade o levaram seus tres tios, José Liberato, Bento Freire, e Francisco Freire, porque seu pae lhe havia consumido toda a fortuna. Estava professor de geometria, applicada ás artes na secção occidental do Lyceo de Lisboa, e tinha 29 annos de idade.

Em 28 de Abril de 1852 morreo solteira minha irmã D. Catharina, a unica, que morrendo se lembrou de mim, porque me deixou usufructuario da renda de quatro Inscripções da Junta do Credito Publico, no valor de cem mil réis cada uma, e com o juro de cinco por cento, que hoje está reduzido a tres por cento.

Morreo emfim em 20 de Abril deste anno meu irmão o Conselheiro Francisco Freire de Carvalho, Conego da Sé Patriarchal de Lisboa. E eu, ainda com saude e vida, estou escrevendo e mencionando estas mortes da minha familia no dia 26 de Maio de 1854 com 81 annos, dez mezes, e seis dias!!!

Ainda ha pouco mencionei o pouco ou nenhum *trato urbano*, que encontrei em um individuo, de quem menos o esperava: estava-me guardado outro por uma sociedade á qual por muitos annos pertenci. Faço menção destes casos, porque tendo sido muito bem tratado em toda a minha longa vida com as maiores attenções pelas pessoas da mais alta jerarchia, com quem tive relações, e que sempre muito me respeitaram, porque tambem sube sempre respeitar-me, mui natural é, que estranhasse procedimentos que não esperava. Pela morte de meu irmão D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e que morreo em 4 de Março de 1804, fui eu, sem o requerer, e por um acto da mais attenciosa cortezia, nomeado para o substituir por carta, que conservo, e tem a data de 22 de Novembro do mesmo anno de 1804. Vê-se logo, que havia já desde 1804 até aos fins do anno de 1851 em que se reformou a Academia actual com novos Estatutos, 47 annos, que eu pertencia á velha Academia. Na sua reforma, á qual nunca tive pretenções de

pertencer, parecia que era melhor excluir-me della, *por velho, fossil*, ou por qualquer motivo que fosse, do que dar-me lá um logar *inferior* ao que eu occupava; porque isto, nem mais nem menos, era aviltar-me e tratar-me com um despreso, que nenhum homem honrado deve soffrer, venha elle d'onde vier. Este despreso achei eu na carta seguinte que me escreveo o actual Secretario Geral da nova Academia, e que foi nos termos seguintes:

«Tenho a honra de remetter a V. S.ª um Exemplar dos Estatutos da Academia Real das Sciencias, afim de que V. S.ª na conformidade do § 2.º do Artigo 2.º do Regulamento Academico, se sirva escolher a Secção, a que quer pertencer. Deos Guarde &c. &c. Lisboa 14 de Janeiro de 1853. — Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Geral.»

Fui examinar o Artigo e § indicados, e nelles vi, que aos antigos socios effectivos, que não faziam actualmente parte das secções, de que ella se compunha, eram considerados socios effectivos *supranumerarios*, na conformidade do Artigo 23.º do decreto de 13 de Dezembro de 1851. Passei logo a ver o que havia no tal Artigo, e li nelle exactamente o que determinava o Artigo já citado do Regulamento. Quiz ainda ver a figura que na nova Academia faziam os socios chamados *supranumerarios*, e então ainda li no Artigo 40.º o seguinte: —*Nas questões economicas não tem voto os socios effectivos supranumerarios, nem os correspondentes.* Conhecendo então que só por *irrisão*, ou por uma *ironia* de despreso se podiam reduzir á classe de *correspondentes* os antigos e velhos socios effectivos, escrevi em resposta ao Secretario Geral a Carta seguinte:

«Tive a honra de ser socio da velha Academia desde o anno 1804, isto é pelo espaço de perto de cincoenta annos; nella passei a socio effectivo, e nesta cathegoria exerci os cargos de chefe de classe, de membro do conselho, e tive ainda a honrosa distincção de presidir por muitas vezes a esta mesma velha e distincta Academia.

Digitized by Google

E seria então hoje para mim cousa decente ou airosa acceitar o nome e collocação que a nova Academia me quer dar? Não, Senhor: um tal acto me degradaria aos olhos de quantos me conhecem. Perdendo o titulo e as honras de socio effectivo ordinario, ou de socio effectivo do numero, e sendo excluido como tal, de ter parte em todas as deliberações da mesma nova Academia, segundo o que leio no Artigo 40.° dos seus Estatutos, partecipo por isso a V. S.ª que não posso acceitar, por *indecoroso*, o convite que me fazem, e que desde hoje em diante me dou por completamente desligado de tal Academia. Se assim o não fizesse, ficava eu desta feita com um titulo irrisorio, reduzido á classe de simples *correspondente* da antiga Academia, e voltava ao ponto d'onde parti quando entrei na carreira academica. Ora esta triste e ridicula figura nunca eu seria capaz de fazer, porque ainda não tive a infelicidade de perder o juizo e a vergonha; e sei, como sempre tenho sabido, avaliar o que é honra e brio. Tenho procurado na minha longa vida, de mais de 80 annos, conservar um nome honroso, e não serei eu agora quem no fim della o deshonre, ou deslustre os meus cabellos brancos. Nenhum cuidado me dá o não ter merecido a estimação da Academia; tenho merecido a do meu paiz, e com ella me dou por pago e satisfeito. Devolvo o Exemplar dos Estatutos, porque, rejeitando o titulo de supranumerario, que me offerecem, não me dou por auctorisãdo para o conservar. Deos Guarde &c. &c. Lisboa em 21 de Janeiro de 1853. — José Liberato Freire de Carvalho. »

Eu nem o mais leve desgosto tinha de ser excluido do numero das novas firmas, que se tinham escolhido para dar fama e lustre ao maravilhoso candelabro scientifico, que se ía acender debaixo das abobadas dos velhos claustros do Convento de Jesus; porque, a fallar a verdade, examinado tudo bem imparcialmente, não lhe pozeram novas luzes que espantem! Não pude porém tolerar na minha mediania, que tão mesquinha e descor-

Digitized by Google

tezmente se quizessem enxovalhar individuos, que lhe entregavam uma Academia reconhecida e respeitada por todo o nosso mundo scientifico! Querer dentro do seu paiz aviltar nomes respeitados pelas Academias estrangeiras, era um acto para o qual não acho um nome decente: ao menos, despedindo-os, devia-se-lhes dar *um nome*, que não os aviltasse, nem os degradasse das cathegorias em que estavam; e o nome ridiculo de *supranumerarios*, igual ao dos *correspondentes da velha e nova* Academia, era um sinal não de honra, mas de um grosseiro despreso, sempre mal cabido em gente bem creada, e que sabe guardar as conveniencias da boa sociedade. Era preciso honrar os homens que lhe entregavam uma Academia honrada pelas primeiras capacidades do nosso mundo litterario; e como isto senão fez, foi a razão porque me despedi...

Sempre fui respeitado pela velha Academia, e tanto assim, que não a podendo frequentar por muito tempo em consequencia dos diversos transtornos da minha vida, e achando-me por muitos annos ausente em Inglaterra, sempre o meu nome se conservou inscripto no catalogo dos Academicos: ao menos os meus velhos consocios guardaram sempre para comigo aquella delicada defferencia, que nunca fica mal a quem a faz. Emfim o que mais me admirou foi, que aquelle celebre decreto, que creou esta nova Academia, fosse assinado, como Presidente do ministerio, pelo Marechal Duque de Saldanha, homem verdadeiramente cavalheiro, e que tão bem sabía avaliar as conveniencias, que todos os homens de gravata *bem lavada* costumam guardar na sociedade uns para com os outros...

Eis-me pois chegado ao termo de resumir qual foi a minha vida, começada por um modo que parecia viria a ser bem pouco, ou nada sabida, e que nunca sahiria debaixo das abobadas de um claustro; e que uma enfiada de circumstancias, ligadas umas com as outras, a fizeram depois um pouco conhecida não por honras e riquezas,

Digitized by Google

mas por um *certo nome*, que não me deshonrou, e que lhe mereceo alguma consideração no meu paiz. Estou no fim della, e entre mil casos notaveis, que a tem tornado tão variada, ainda agora se vai fechar com um bem raro, e de pouco uso no mundo. É um desses rasgos de amisade que honram a natureza humana, e que um amigo, quasi de 40 annos, acaba de praticar para comigo. Este amigo é aquelle homem generoso, Custodio Pereira de Carvalho, * de quem já por muitas vezes tenho fallado, e cuja mão generosa sempre tenho encontrado ao meu lado, para me servir de apoio em todos os contratempos que tenha podido ter; e que não contente de me vigiar na vida, ainda me quer conduzir *com honra* á minha ultima morada, da qual senão estou proximo, não estou muito distante.

No dia 16 de Março passado recebi a carta seguinte:

« Illmo Sr. José Liberato Freire de Carvalho. — Lisboa 16 de Março de 1854. — Amigo e Sr. — Em consequencia da positiva ordem, que recebi do nosso mutuo amigo o Sr. Custodio Pereira de Carvalho, de Londres, cumpre-me fazer sciente a V. S.^{a} que fica depositada em meu poder a quantia de duzentos mil réis em moeda metalica, cuja importancia (segundo as ordens do dito amigo) é para ser applicada á despeza que se houver de fazer com o seu funeral e mausoléo, sendo os meus desejos que Deos permitta que V. S.^{a} gose vida e saude por dilatados annos, antes de ter logar aquella applicação. Muito me obsequiará V. S.^{a} de accusar-me a recepção desta carta, e acreditar-me que sou — De V. S.^{a} — Amigo e obediente criado — Antonio Joaquim d'Oliveira. »

O que deo motivo a este extemporaneo rasgo de excessiva amisade foi o seguinte. Como o meu amigo constantemente nas suas cartas, e nas que escrevia ao seu correspondente, o nosso commum amigo Antonio Joa-

* Morreo em Londres em 20 de Setembro de 1854 com 76 annos de idade.

Digitized by Google

quim d'Oliveira, não cessava de perguntar se eu precisava de alguma cousa, porque não queria que no fim da vida nada me faltasse, disse-lhe eu um dia, que achando-me só no mundo quasi sem parentes, e sem ninguem que cobrisse o meu cadaver com alguns torrões de terra, lhe pedia por fim, quizesse recommendar ao seu bom correspondente, que por sua ordem me fizesse esse ultimo serviço, e que uma vez que tinha sido comigo tão generoso amigo na vida, me désse este ultimo sinal de amisade na morte. A resposta que deo a este meu pedido foi a ordem que deo logo ao seu correspondente, e que acabo de transcrever.

Estou chegado ao fim das Memorias da minha vida, que parece estar quasi completa, e que no pouco que della resta já não haverá cousa que contar, e que interessante seja. Assim em resumo direi o que fui. Nasci felizmente com um caracter forte, energico, e resoluto. Sem ter recebido extraordinarios talentos, tive uma razão clara, intelligencia sufficiente, e talvez mais do que ordinaria para comprehender quaesquer estudos a que me applicasse, e mais facilidade em exprimir com clareza as minhas idéas, escrevendo-as do que fallando-as: a penna, que muito manejei, corria-me sempre mais ligeira do que a lingoa. Aos doze annos de idade já eu sabía todo o latim que foi o que me pôde ensinar o mestre que tive com meus irmãos em casa de meu pae. Dos doze até aos quinze, por minha propria curiosidade, cuidei em me aperfeiçoar quanto podia na intelligencia dos auctores latinos de que tinha noticia, porque sempre tive muita propensão para me instruir em todos os generos de litteratura; e a este estudo juntei os primeiros conhecimentos das lingoas franceza e italiana.

Entrei na Congregação dos Conegos Regulares de Santo Agostinho aos quinze annos de idade, e fiz o meu exame de latim com todo o desembaraço. Passado o anno de noviciado, entrei no estudo da rethorica, e passei pelo melhor estudante. Findo este, passei para o collegio, onde

tive tres annos dos estudos filosoficos, e tres theologicos com os das lingoas grega e hebraica. Então se começou a desenvolver a minha intelligencia, e para isto concorreram muito aquellas lições, que naquelle tempo eram das melhores que se ensinavam nos claustros dos principaes Conventos do reino. A mesma sciencia theologica não foi para mim indifferente; e nem o é para quem a natureza deo uma razão clara, um juizo recto, e um verdadeiro desejo de nella se instruir. Esta sciencia, ou o que lhe queiram chamar, quando é ajudada por um profundo estudo da historia ecclesiastica, dá campo para que o entendimento tire della grandes proveitos, o que nem todos os entendimentos são capazes de tirar; porque em geral lêem superficialmente nos livros o que deviam ler com a mais profunda attenção. Era no anno de 1789 que começaram estes meus estudos, em que tambem começou a revolução franceza, e delles e dos extraordinarios acontecimentos que aquella revolução foi produzindo, tambem na minha cabeça se operou uma revolução completa. Com summo desejo de ler tudo o que se ía passando, li quanto pude haver á mão; e com esta leitura se entrou a desenvolver em mim um odio profundo a tudo o que eram abusos, excessos de poder, absolutismo, tyrannia... A revolução começava a justificar-se, expondo ao mundo debaixo de todas as fórmas, e debaixo de todas as figuras, representadas pela imprensa, os motivos, as razões, e a justiça porque sobre o velho edificio social, cheio de abusos e de crimes, se pretendia elevar outro que emancipasse a raça humana do estado de infancia em que até alli se tinha procurado conservar. Estas idéas regalavam-me, consolavam-me, como se diz, a alma; e foram as que depois se foram tambem cada dia mais desenvolvendo em mim. Não que o meu coração fosse sanguinario, porque nunca para isso propendeo, nem desejei que pela espada se estabelecesse a liberdade, assim como pela espada se havia estabelecido a servidão humana; queria sim que aquella dominasse no mundo,

mas só por effeito da instrucção, e que se não tolhessem os meios de a propagar.

Acabados os meus estudos, estive por alguns annos como em um deserto, em um pequeno Convento do Minho, Refoyos do Lima, para onde pedi me deixassem ir, porque o meu desejo era estar em logar onde houvesse menos deveres claustraes que cumprir, porque os ares do claustro começavam a pesar fortemente sobre mim. Alli passei esse tempo um pouco socegado, porque tambem tinha poucos deveres internos que satisfazer, e passei o meu tempo em ler muitos livros que um amigo me mandava do Porto, e a rabiscar muitas folhas de papel sobre diversos objectos que tinha lido, e que depois todos queimei, como filhos *mal creados*, e que não davam grande honra a seu pae. Foi neste retiro, que pela primeira vez conheci S. Luiz, que morreo Patriarcha de Lisboa, e era natural de Ponte do Lima.

Meu irmão D. Antonio, como já disse, achava-se em Lisboa em S. Vicente de Fóra, professor de historia e geographia, e fez com que eu tambem para lá fosse chamado em Janeiro de 1800, onde tambem exerci o ensino das cadeiras de logica, de rhetorica e de bellas-lettras. Então alli o meu horisonte, que havia sido mui limitado, se alongou muito, e me achei em companhia de muitos conhecidos e amigos que já o eram de meu irmão. Li quanto bom e máo se tinha escripto em historia, politica, filosofia, e sciencias moraes no seculo passado, assim como o que se ía escrevendo no seculo que principiava; e a minha cabeça muito se enriqueceo com estes novos thesouros dos conhecimentos humanos. Mas esta tal ou qual reputação que principiavamos a ter suscitou-nos invejosos, e por fim perseguições, ás quaes meu irmão escapou, morrendo cedo, eu dellas fiquei herdeiro. No anno 805 fui mandado sahir de Lisboa para um desterro, dentro de tres ou quatro horas, e nelle estive sem saber porque, pelo espaço de dois annos, até que voltei a Lisboa na entrada dos francezes, e fugida d'El-Rei D. João

Digitized by Google

VI para o Brasil. Na minha curta estada em Lisboa presenciei as horrorosas prisões que se fizeram na Semana Santa de 1809 a muitos honrados individuos, que foram lançados nas masmorras da Inquisição, e bem pouco depois fui ter noticia em Coimbra dessa ainda mais horrorosa *setembrisada*, pela qual os mesmos já indicados presos com outros muitos foram arremeçados para ilhas, sem processo nem sentença, por esses homens torpes sem coração, e sem juizo que se denominavam *governo de Lisboa*. Eu, que tinha escapado a estas duas ultimas tempestades, não pude escapar á que me envolveo no anno de 1811 depois da minha fugida do exercito invasor de Massena, onde estivera como um dos refens da cidade de Coimbra; e foi então que estive preso nesta cidade, ora em um local ora n'outro por espaço de dois annos, segundo já relatei. Neste longo espaço de tempo em que estive preso foi que tentei e conclui a minha traducção dos Annaes de Tacito, com que passei toleravelmente meus dias, expondo á luz em portuguez, lingoa em que ainda não tinham apparecido, os crimes e os castigos desses monstros humanos, que enxovalharam Roma, a rainha do mundo!...

Arrastado pela mão de ferro da tyrannia a cumprir meus destinos, achei-me, sem nunca o pensar, e o ter mesmo imaginado, como de um salto, em uma grande cidade, e no vasto campo da imprensa para o qual o meu genio parecia insensivelmente levar-me. Achei-me sim, jornalista, sem o ter pedido, nem requerido, e só por effeito de um desses acasos, que o homem encontra na vida quando menos está para elles preparado. Era para mim um grande lance de fortuna, porque me ía pôr independente em um paiz estrangeiro, sem ser pesado a pessoa alguma, e em uma situação decente. Como esta occupação não me impunha obrigações algumas, e me deixava as mãos livres para usar do meu juizo conforme o que melhor me parecesse, e a prudencia me dictasse nas circumstancias em que me achava, acceitei o em-

Digitized by Google

prego, e vi aberta diante dos olhos uma carreira, em que já muitos homens tinham illustrado seu nome, quando nella tem sabido regular os seus passos com desinteresse e honra.

Ora é bem de ver como o meu coração, ainda tão de fresco ulcerado pelas perseguições, que tinha soffrido, e tinha visto soffrer a tantas victimas da tyrannia como eu, estaria disposto para as estigmatisar, e expo-las em toda a sua nudez á execração publica; mas primeiro que tudo era preciso toda a prudencia para me servir da arma que manejava quando fosse tempo, e eu podesse ter já ganhado alguma auctoridade para me servir della á minha vontade: foi exactamente o que fiz. Eu recebia o jornal de dois cortezãos, que mais haviam tido em mira assentar pedestaes em que se podessem collocar á sua vontade, do que em crear uma tribuna d'onde podessem disparar golpes decisivos contra os vicios e os crimes que faziam a desgraça do meu paiz; e os collegas, que me davam, e não podia deixar de acceitar, eram homens da mesma crença, e com quem devia no principio ter certas contemplações. Felizmente porém, não tinham actividade, nem mesmo caracter e intelligencia propria para dirigir a obra em que eram trabalhadores; e por conseguinte era eu que, por fim de contas, havia de ser, sem contradicção, chefe da empresa.

Com estes conhecimentos previos fiz o meu plano, e determinei-me a dar ao jornal — o *Investigador Portuguez*, o caracter de mais litterario e historico, do que politico, mas de ir ao mesmo tempo lançando aqui e alli, quando a occasião o permittisse, idéas politicas, que indicassem o que eu era, e o que seria capaz de fazer. O tempo, que era nos principios do anno de 1814, era tambem favoravel para a execução deste meu plano, porque os successos da guerra contra Napoleão não só dentro da nossa peninsula, porém no resto da Europa, apenas davam logar para publicar cousas que não perten-

Digitized by Google

cessem á guerra, das quaes aquelle jornal é um copioso e rico deposito.

Concluidos todos os grandes combates, e com elles todos os officios dos campos de batalha, e as notas diplomaticas, que terminaram com as duas abdicações de Napoleão, seguio-se a paz geral, e então só as noticias internas dos diversos paizes enchiam as paginas dos jornaes. Portugal e o Brasil começaram a dar abundante alimento para o meu, e neste caso não era possivel deixar de mencionar o que nelles ía succedendo. E como em ambos as injustiças e arbitrariedades íam crescendo, e as queixas de Portugal íam sendo mais altas, como se podia esperar que deixasse de fallar nellas um jornalista portuguez, e lhes désse a importancia que mereciam? A occasião era favoravel, aproveitei-a; e o *Investigador*, ainda que sempre moderadamente, começou a ter outro caracter: foi o advogado da causa de Portugal, e entrou a fazer sentir a injustiça com que o governo do Brasil o tratava.

Porém não bastava mencionar o máo e ingrato comportamento que o Brasil tinha com Portugal, nem era sufficiente publicar as queixas que este fazia contra o seu oppressor; era necessario que, além das queixas que fazia, pedisse remedio, e este efficaz contra ellas. Convinha para isso anima-lo, dirigi-lo, porque a um povo, costumado por longos annos á servidão, muito lhe custa a tomar a resolução de romper os laços que o prendem. Era preciso, primeiro que tudo, instrui-lo, e mostrar-lhe os direitos que tinha para ser ouvido, e attendido nas suas queixas. E foi isto o que eu fiz, e o que nenhum escriptor moderno, antes de mim, havia tido a audacia de fazer. Disse-lhe mui clara e francamente, que a nossa monarchia não era absoluta e despotica; era em todo o rigor *constitucional*, e para isso fui desenterrar dos nossos velhos livros, assim como do archivo da nossa Academia Real das Sciencias, onde estavam escondidas, as primeiras Côrtes portuguezas, que deram leis ao Rei e ao po-

vo, e crearam o governo que se chama Constitucional. Principiei por publicar as Côrtes chamadas de *Lamego* com todas as suas consequencias, e logo depois as de Coimbra, que deram o reinado a D. João I, e das quaes até hoje ninguem duvidou, sem medo nem receio de me chamarem *revolucionario*. Pois isto é, nem mais nem menos, o que eu fiz perante um governo, que, segundo as maximas, que tinha aprendido do Marquez de Pombal, estava persuadido, que havia recebido immediatamente de Deos a faculdade de comer lautamente a custo do povo, e depois o governar, como seu estomago, sua vontade, e seus caprichos lho pedissem. O certo é, que os portuguezes ouviram-me, não despresaram as minhas lições, e não apedrejaram o missionario... Tudo isto lá está escripto no Investigador Portuguez em Londres, e publicado ainda em tempos, em que o fallar em Côrtes era como crime de lesa-magestade! E quem foi o homem que isto fez? de quem tinha aprendido esta lingoagem? e quem nos tempos modernos a tinha empregado?... Fui eu!...

Ainda não eram passados muitos annos, quando só o nome de Côrtes, e a temeridade de as invocar tinham sido pretexto para dar um severo castigo a um dos nossos notaveis homens d'Estado. Tratava-se de dar a Regencia ao Principe D. João no impedimento da Rainha D. Maria I, e José de Seabra, que era um dos seus ministros, propôz, que se convocassem os Estados geraes para este fim, porque segundo as leis do reino, e o que se tinha praticado em 1668, só pela auctoridade das Côrtes deste anno se havia dado a Regencia ao Principe D. Pedro para governar no impedimento de seu irmão D. Affonso VI. Esta proposta causou tamanho pavor ao governo absoluto, que José de Seabra foi demittido; e, como em desterro, passou segundo creio, os seus ultimos dias na sua casa e quinta de S. Sebastião da Pedreira, onde ainda estava no anno de 1808, e onde eu lhe fallei.

O despreso e delapidação com que o governo do Bra-

Digitized by Google

sil tratava Portugal junto com a oppressão que soffria pela administração interna de quatro ou cinco homens, chamados Regentes, e administração que a carniceria do Campo de Santa Anna e da Torre tinha tornado horrorosa e insoportavel, fizeram com que eu acabasse de todo com as minhas contemplações, e fizesse do Investigador um grande campo para nelle expôr á vista do mundo, todos os desacertos, todas as injustiças, e todas as maldades que o pobre Portugal ía cada dia, e sempre em augmento, padecendo. O que então escrevi lá está; e o denodo com que defendi a minha patria, tambem lá se póde ver, e por elle ajuizar do caracter e independencia que tinha o homem que assim escrevia... Pois não me era muito difficil exigir, e alcançar grandes premios, se quizesse defender o *governo monstro*, que nessa época nos tyrannisava!...

Já não posso dar por testemunha a quem pedras do sepulchro agora cobrem o cadaver; mas póde-se bem crer, que quem tão destemidamente defendia a liberdade e os interesses do seu paiz, não havia de ser mesquinhamente recompensado, se tivesse o descaramento de advogar a causa do absolutismo e tyrannia...

Nas circumstancias em que me achava, e na determinação em que estava, não podia continuar com a minha lucta, *decisiva* e *irrevogavel*, no Investigador, porque não era delle só o proprietario, tinha dois socios, acanhados, timidos, e até mesmo mui afastados das minhas idéas, e por isso não os querendo sacrificar, nem que perdessem os interesses do jornal, que eu, em verdade, só sustentava, resolvi despedir-me da sociedade, entregar-lhe todos os lucros e direcção, e pôr-me só em campo e á minha custa, em frente do inimigo que eu estava resolvido a combater até á ultima extremidade.

Assim o fiz, e fiz a minha despedida no mesmo Investigador no principio do anno de 1819, fazendo contas exactas com os meus socios, e deixando-os senhores absolutos do jornal. Este, passado um ou dois mezes,

Digitized by Google

morreo, e nem podia deixar de morrer, porque ficava em mãos inhabeis, e tinha por collaboradores dois individuos, que nem tinham actividade, nem a intelligencia sufficiente para o dirigirem em qualquer sentido que fosse. A prova foi, que nem sequer os tentaram, como a mim, para romper lanças a favor do despotismo!...

Procurei dar principio á minha obra sem auxilio de ninguem, e só fiado em que não havia de ser desamparado por aquelles, cuja causa ía firmemente defender. Não me enganei; porque fui recompensado pelos meus compatriotas muito além do que podia desejar. Em Julho do anno de 1819 dei principio ao meu jornal com o titulo de *Campeão Portuguez, o Amigo do Rei e do Povo*; e dei-lhe este titulo para mostrar, que eu não era um *incendiario politico*, que quizesse com minhas palavras lançar o fogo da discordia no paiz, porém um homem, que queria aconselhar *um Rei a ser justo*, e um povo a ter resolução *para pedir justiça*.

No meu prospecto dei logo a saber o que pretendia; porque nelle disse: — « E será possivel que não haja um portuguez, amigo do Rei e do povo, que ouse levantar a voz a favor de tão nobre, e tão illustre patria na hora da sua infelicidade?... Ao menos a historia dirá, que ainda houve *um*, refugiado em terras estranhas, que se lembrou da patria, e por ella alçou uma voz livre, independente, e energica, sem curar de quantas perseguições lhe póde attrahir esta nobre defeza. Sua divisa será sempre a seguinte: — *Fais ce que dois, advienne qui pourra:* isto é, *cumpre com o teu dever, e não te assuste o futuro; prosegue...* »

Assim o executei. Escrevi logo a El-Rei um Memorial com a data do 1.º de Julho de 1819, no qual, com todo o acatamento e cortezia lhe expuz o que soffria Portugal, e a necessidade urgente que havia de lhe dar remedio. Depois desta minha demonstração de respeito escrevi em os n.os seguintes aos Governadores do Reino

Digitized by Google

em estilo igualmente cortez, e logo em seguida ao povo portuguez, mostrando, quaes eram as minhas pertenções, e como não tinha outros desejos mais do que ver melhorado o estado da minha patria, e para esse fim concorrer com o pouco cabedal que possuia, no que estava determinado a me empregar *todo* com fidelidade e constancia.

Em 16 de Agosto do mesmo anno dirigi novo Memorial a El-Rei, e já mais explicito; e nelle com toda a liberdade lhe disse o seguinte; o que *nenhum portuguez* até alli lhe tinha dito, nem talvez nenhum dos seus antepassados, desde que a Casa de Bragança principiou a reinar, tivesse ainda ouvido de um seu subdito. Os termos em que lhe fallei foram, nem mais nem menos, — « que não duvidava que os seus cortezãos por muitas vezes lhe tivessem dito, que os *direitos da sua corôa não* prescreviam, porém que era bem natural, que nunca tambem lhe dicessem, que os *direitos do povo* nunca prescrevem; e que estes são mais antigos do que os outros, porque os povos são mais velhos do que os Reis. Que seus antepassados, e elle mesmo traziam usurpados os *direitos do povo portuguez*; e por isso era preciso restituir-lhos; o que estava obrigado a fazer como homem, como Rei, e até como christão. O roubo em qualquer parte, ou em quaesquer mãos que se encontrasse, devia voltar a seu dono; e era o caso em que se achavam os portuguezes para com os seus ultimos monarchas. Que lhe aconselhava isto não só para lhe lembrar um acto de *dever*, mas um acto de *prudencia*. E emfim, que se o não fizesse, attendendo ao estado de desgosto em que estava Portugal, e ás idéas que, em geral, prevaleciam na Europa, talvez se visse bem cedo forçado a *receber do povo uma lei*, que lhe havia de parecer mais dura do que qualquer outra que voluntariamente lhe désse. » Esta ultima reflexão não sei se está bem explicita nesta carta, o que agora não tenho pachorra para ir examinar; mas sei muito bem que está estampada em alguma parte no

Digitized by Google

meu Campeão. * Tudo o que acabo de apontar em resumo está mui extensamente desenvolvido com muitos outros argumentos nesta carta, que se póde ir examinar; porque póde ser que algum exemplar do Campeão escape á traça do tempo.

Dediquei-me depois todo a dizer grandes verdades ao povo portuguez, e não fiquei só em lhe dar lições theoricas de liberdade, mas mostrei-lhe com exemplos, tirados da nossa historia, o que tinhamos sido e o que actualmente eramos. Dei-lhe um catalogo mui extenso das Côrtes que haviamos tido, e dos trabalhos em que se tinham occupado, e a isto lhe juntei não a esteril lista dos *direitos do homem* como os francezes fizeram na sua revolução de 1789, mas apontei-lhe quaes eram as *principaes garantias do cidadão*, nas quaes está só a verdadeira liberdade; porque sem ellas tudo a que se dá o nome de *direitos politicos*, não é mais do que dar uma ou outra feição, ou nomes aos governos, que se as não sanccionam, ou não guardam, podem ser o mais absolutos do mundo. O povo inglez, que até ha bem poucos annos, tinha bem restrictos direitos politicos, era o mais livre, como ainda hoje é, de toda a Europa. E porque? tinha, e tem amplos direitos civis, que todos se fundam nas garantias individuaes, que estes lhe dão.

O que eu tinha pronosticado a El-Rei D. João VI, que senão désse a Portugal outra lei, pela qual melhor fosse governado, havia delle recebe-la, e tal, que muito lhe havia de desagradar, vi verificado, como profecia, no dia 24 de Agosto de 1820, e muita satisfação tive em ver o quanto tinha cooperado para esta revolução. Parece que o destino me tinha designado para ser o profeta, que annunciasse ao pae e ao filho verdades, ás quaes elles, como *Balthasar*, apesar de as verem escriptas, haviam de fechar os olhos! ... Ao pae disse-lhe, que havia de receber do povo portuguez a lei, uma vez que lha não dés-

* Veja-se vol. 2.° pag. 308.

se; e ao filho, que ainda o haviam de expulsar do Brasil! realisaram-se ambas as profecias!.

As verdades que disse a El-Rei e ao povo portuguez produziram em pouco tempo o que costumam produzir nos governos absolutos, por sua natureza timidos, desconfiados, violentos. O Campeão Portuguez, *amigo do Rei e do povo*, foi prohibido no Rio de Janeiro por um edital com data de 15 de Novembro de 1819, assinado pelo ministro Thomaz Antonio de Villa-nova Portugal; documento notavel, que os Governadores do Reino simplesmente mandaram pregar pelas esquinas das ruas de Lisboa, sem o enriquecerem com accrescimo algum da sua lavra. Foi para dar mais voga e fama ao jornal, o que sempre fazem as prohibições; e eu fiz tambem o que em taes casos se costuma fazer: dei mais força ás minhas palavras, e com ellas acreditei mais a minha missão. Não deixei porém impune a demente colera do ministro Villa-nova Portugal; porque lhe escrevi uma carta bem curiosa com data de 11 de Abril de 1820, e que publiquei no volume 2.º do Campeão, n.º 20, e pag. 267.

Realisada a revolução, que eu animei, e posso dizer que ajudei a aplanar, estava a minha missão acabada; mas assim mesmo ainda trabalhei perto de um anno, dando todo o impulso que pude á obra em que tinha trabalhado: o meu Campeão cessou no fim de Junho de 1821. Então comecei a ter saudades da patria, e quiz vir regalar-me de ver de perto os seus progressos. Sahi de Londres para Portugal no 1.º de Agosto de 1821, mas não sem sahir penhorado do mais honroso testemunho de estimação que me deram os portuguezes, que residiam nesse tempo naquella capital. Premiaram a boa vontade e intrepidez com que defendi a causa da patria; e em premio, além de todas as demonstrações de amisade e respeito, me mimosearam com uma *rica caixa de ouro*, que ainda conservo, como *medalha de honra*, e que já destinei deixar no poder da familia do meu amigo, para que a conserve em memoria do meu nome, e dos

Digitized by Google

mais nomes que nella estão gravados; entre os quaes brilha o do generoso e sempre constante amigo, que o quer ser na vida e na morte. Parece-me que ninguem me deve accusar de vaidoso por noticiar esta honra que me fizeram os meus compatriotas; é um dever de gratidão; e esta não deve censurar-se ao jornalista, que talvez fosse o primeiro, que em Portugal merecesse tamanha distincção.

Chegado que fui a Lisboa fui mui cordealmente recebido por todas as elevadas potencias, que então governavam, e eram filhas da revolução; mas por quem mais *sinceramente* fui obsequiado foi por pessoas, que só me conheciam pelos meus escriptos. Passado algum tempo, e não muito, logo vi, que os comprimentos que do alto me tinham vindo, não eram sinceros, e o que de mim se pretendia era, que fosse um instrumento docil do governo, que tivesse uma fé explicita em todas as suas medidas governativas, e que, fechando os olhos os apoiasse e defendesse. Então tive uma nova prova, de que todo o homem que governa, qualquer que seja o nome politico que tome, quer ser absoluto, incapaz de errar, e que não quer lições de ninguem, e só *uma obediencia passiva*. Não era eu homem para entrar em tal pacto de politica; recusei-me. Appareceram logo os odios. . .

Não fiz caso delles; e no mesmo momento determinei não ter outra politica que não fosse a minha; não sujeitar as minhas opiniões a ninguem; e a expressa-las por minha conta, segundo a minha razão e consciencia me dictassem. Puz-me a escrever o *Campeão Portuguez em Lisboa*, ficando assim livre, e procurando viver á custa da minha industria, sem procurar favores de ninguem, nem aviltar-me para os receber.

Os odios, que até alli ainda eram disfarçados, descobriram-se acres, pungentes, e até algumas vezes ridiculos. Mas se por um lado era maltratado por aquelles a quem tinha ajudado a aplanar o caminho para virem mais desassombradamente do Porto para Lisboa, não o fui pelo povo portuguez. Este acolheo os meus escriptos com uma

Digitized by Google

avidez e generosidade extraordinarias. Houve n.° do *novo* Campeão, que delle ao meio dia já se tinham extrahido *mil exemplares!* foi-me preciso reimprimir muitos numeros. Os meus adversarios politicos lançaram contra mim a sua imprensa, mas esta não pôde luctar comigo nem com a generosidade do povo; porque as minhas doutrinas eram todas de verdadeira liberdade, e as que se me oppunham só representavam interesses particulares, — miserias...

Excitaram outra guerra contra mim, e foi nas eleições para deputado. Inventaram-se mentiras, calumnias, e até despropositos risiveis; porém de tudo sahi vencedor. Com especialidade nas provincias do norte não houve urna, que não recebesse o meu nome; por muitos circulos sahi substituto, e por Viseu sahi eleito deputado. Ainda que por alli não tivesse sido eleito, havia de entrar na Camara, porque foram muitos os lógares vagos em razão de haverem muitas eleições duplas.

Como deputado fiz o meu dever, e me oppuz com coragem contra um contracto oneroso, que se deo a um afilhado de certo ministro. Nesta grave questão *luctei* contra a maioria do Congresso, que o approvou; mas não me importou esta derrota; que por fim me honrou pois que o tal afilhado nem sequer foi capaz de satisfazer as condições do contracto, que lhe mettia na algibeira alguns mil cruzados. Assinei com a grande maioria dos meus collegas o *Protesto,* * que fizemos contra o golpe que se deo na Constituição, destruindo-a; e conservei a minha cadeira, sem a desamparar, até ao ultimo momento em que o Presidente, levantando a sessão, nos *adiou* para melhores tempos...

Em quanto parte dos meus collegas fugia, e alguns delles iam offerecer seus serviços ao despotismo, que os acabava de derrubar da nobre altura em que estavam, eu nem o cortejei, nem lhe acceitei as offertas; conser-

* Em 2 de Junho de 1823.

Digitized by Google

vei-me tal como era; e só lhe *acceitei* o desterro, que soffri por dois annos....

Passados elles, voltei a Lisboa, protegido pela Carta que tinha chegado do Rio de Janeiro; mas fui alli tratado pelos chamados amigos, como já o tinha sido antes pelos que me davam o mesmo nome, bem que tanto uns como outros formassem os governos de ambas as épocas. Quando menos o pensava achei-me de novo involvido nas politicas, que me deram em resultado estar proximo a ser preso, e talvez, se me não retirasse de Lisboa a tempo, o *ser enforcado pelo paternal governo* de D. Miguel, pelo qual ainda muita gente chora, ou finge que chora; porque é preciso deixar de ter intelligencia e entranhas de homem para elogiar o grande confiscador e enforcador portuguez!...

Achei em Londres nos fins do anno de 1828 a mesma segurança, que já lá tinha encontrado nos fins do anno de 1813, e agora de mais a hospitalidade do meu bom amigo Custodio Pereira de Carvalho. Mas antes que passe adiante, vou dar alguns passos atraz para mencionar dois factos importantes, que se me varreram da memoria em quanto escrevia o que passei na época em que fui deputado, e publicava o meu Campeão em Lisboa. Os leitores devem desculpar estas *intermitencias* de velho, a quem vai lentamente fugindo a memoria. Quanto mais, que são, ou podem ser as *Memorias* da vida de um homem? São recordações, que nem sempre se apresentam ao bico da penna.

No tempo de que agora torno a fallar agitavam-se duas mui graves questões; a da separação do Brasil, e o que neste negocio estava praticando o Principe D. Pedro, herdeiro do throno portuguez, cousa inaudita, talvez incrivel na posteridade! porque, como *Nero politico*, rasgava o ventre de sua mãe!... A elle escrevi eu duas cartas, pelas quaes parece-me que não ficou *muito meu amigo*; mas eu era portuguez, e escrevi-lhe como portuguez, quando via que estava fazendo em pedaços o rico e

Digitized by Google

nobre berço em que tinha nascido e fôra educado. Apesar do que acabo de dizer não devia D. Pedro levar a mal o que o *Campeão* lhe escreveo naquellas duas cartas no anno de 1822, e que se acham publicadas no meu Campeão de Lisboa, a 1.ª no volume 1.º n.º 9 pag. 129, e a 2.ª no mesmo volume, n.º 18 pag. 273; porque o Campeão de Londres já o tinha defendido no anno de 1819, publicando em pag. 130 do 1.º volume uma correspondencia do Rio de Janeiro. E então era claro, que se nas duas épocas a sua lingoagem foi diversa, é porque a pessoa delle tinha mudado, e os seus sentimentos, como Principe, se tinham alterado. Eu, como escriptor imparcial, fiz o que devia; cumpri com a justiça em ambos os casos.

Na questão da separação do Brasil oppuz-me sempre a que houvesse guerra entre a mãe patria e os filhos que se queriam emancipar, porque a separação já de facto estava feita desde o momento em que o Rei, *para agradar aos inglezes*, havia aberto os portos ao commercio de toda a Europa. Agora não havia outro remedio senão fazer a partilha como bons irmãos e amigos, para que não restassem odios de familia como ficaram entre a America do Norte e Inglaterra. Os nossos grandes politicos e os interessados no antigo monopolio, quizeram guerra, sem a saberem fazer a tempo; não me quizeram ouvir, e tem visto os resultados. As muitas razões em que fundei a minha opinião lá estão estampadas em um artigo que escrevi no meu Campeão de Lisboa; e ainda se podem ler no n.º 46 do 2.º volume em pag. 305.

Chegado a Londres passei a vida, quasi concentrado comigo só; e no que mais me occupei foi em colligir factos para a historia da emigração, tanto dos que a prepararam, como dos que a dirigiram e a levaram ao seu fim; entre os quaes ha muitos assás curiosos, e dignos de se estudarem. Nesta época tambem assisti ao grande drama do cerco do Porto, em que se representou o primeiro acto, que foi o primeiro indicio da catastrophe que

o devia finalisar, e o levar ao ultimo, em que cahio o panno, e se vio a tyrannia absurda estendida sem vida no glorioso campo de Evora-monte.

De volta a Lisboa, achei-me rodeado da mesma atmosfera politica, que sempre tinha pesado sobre mim em toda a minha vida; mas felizmente ainda pude romper pela nevoa grossa que se apresentava diante de mim, e me achei ainda de novo involvido no turbilhão das politicas. Fui tres vezes deputado, em 1834, 36, e 39, e em todas estas tres épocas nunca desmenti os meus principios. Nas primeiras Côrtes de 34 lá está entre outras opiniões minhas o *Assento*, que propuz e foi adoptado, para que por elle constasse em todo o tempo como D. Miguel fôra para sempre expulso do paiz, que havia coberto de prisões, desterros, confiscos, e espectaculos de forca; *Assento*, que todos os meus collegas assinaram, e se mandou guardar nos archivos do reino. Nas segundas, *Constituintes*, tomei assento como quem vinha occupar a cadeira que fôra forçado a largar no anno de 1822 no palacio das Necessidades, e como homem, a quem seu antigo Presidente tinha *adiado* para uma nova convocação. Nellas assinei a Constituição, que era prima co-irmã com aquella que já tinha jurado, e era filha do mesmo pae — o *Povo*... Nas terceiras, nas quaes votei sempre leal aos meus juramentos, não pude proseguir, porque nem eu nem os meus collegas serviamos de instrumentos para realisar projectos liberticidas que, se ainda não estavam de todo formados, pelo menos é de crer já se estivessem preparando para o futuro que os realisou... fomos dissolvidos...

Foi este o ultimo termo da minha vida politica; e depois delle não tenho sido mais do que espectador do variado *panorama* que até agora se tem representado com vistas diversas; e *panorama*, que ainda não acabou, e que Deos sabe o que dará ainda a ver, e que qualidade de novas vistas terá... Para elle tem havido, e ainda hão-de haver novos compositores; mas se forem tão habeis

Digitized by Google

como os que até aqui o tem apresentado ao publico, não sei o que se póde esperar delles. Comtudo, não serei eu quem no fim da vida augure mal do meu paiz; a nova geração tem tido um grande livro, em que tem podido estudar, e este livro é o da experiencia. Consulte-o, e veja o que nelle tem havido de bom e de máo; evite este, e siga o primeiro, que assim faz quem é prudente e sizudo.

FIM.


Digitized by Google

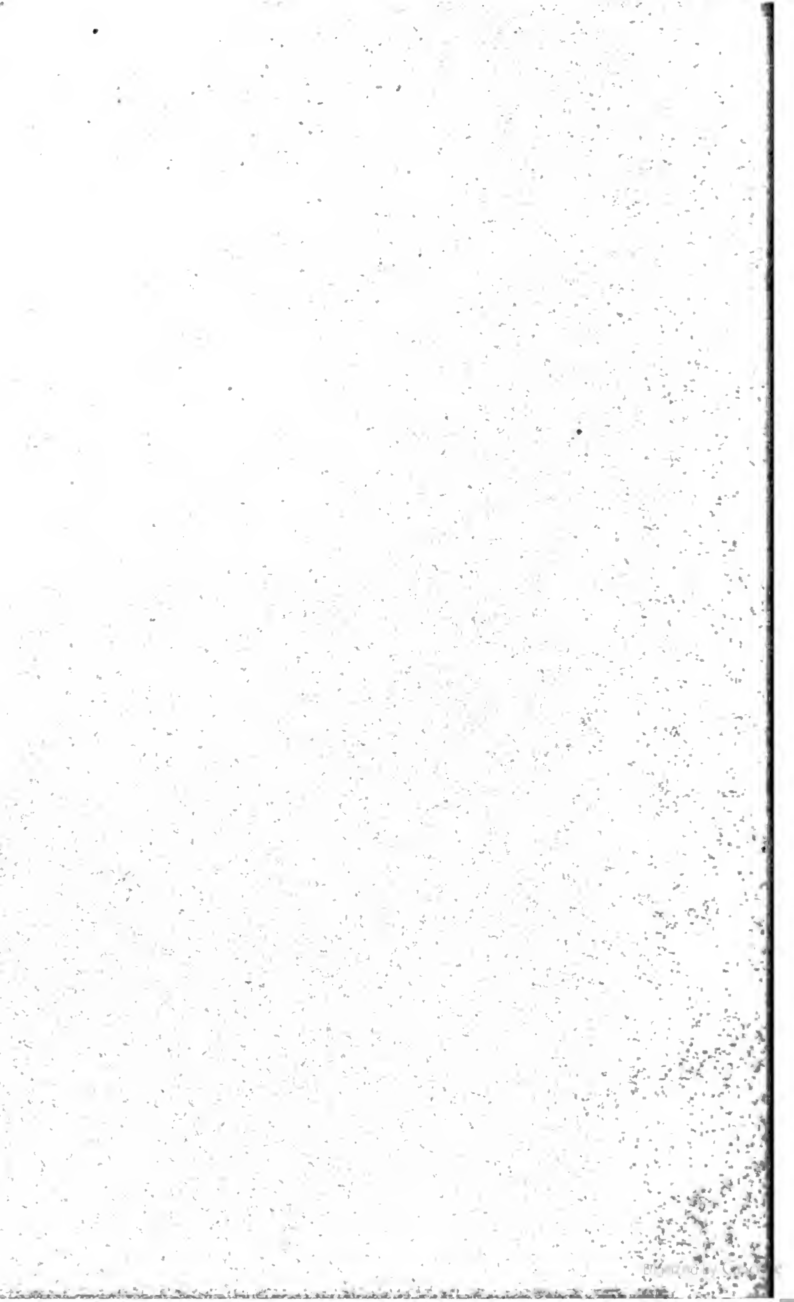
ERRATA.

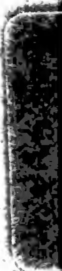
A pag. 141, lin. 34 — onde se lê = *the King of Rome is not at house!* = lêa-se = *the King of Rome is not at home!*

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google


Digitized by Google





Digitized by Google

Digitized by Google